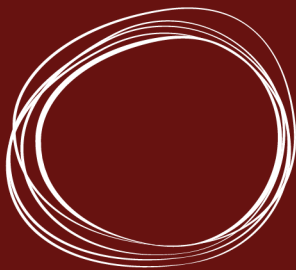


V. 8/N. 2, JANEIRO - JUNHO 2020 | ISSN 2318 - 2326



Interfaces

Revista de Extensão da UFMG

Volume 8 / n. 2
JANEIRO - JUNHO DE 2020

ISSN 2318-2326

Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Prédio da Reitoria - 6o andar
Belo Horizonte - MG - BRASIL
CEP 31270-010

Telefone: +55 (31) 3409-4595
E-mail: revistainterfaces@proex.ufmg.br

Capas: Luis Augusto Menezes Costa.

As capas da presente edição da Revista Interfaces foram compostas a partir de imagens e fragmentos de texto retirados dos próprios artigos e relatos de experiência. Todos os direitos de imagem estão reservados aos autores.

Revista Interfaces

Revista de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Sandra Goulart Almeida
Reitora

Prof. Alessandro Fernandes Moreira
Vice-Reitor

Prof.^a Claudia Mayorga
Pró-Reitora de Extensão

Prof.^a Janice Henriques da Silva Amaral
Pró-Reitora adjunta de Extensão

Equipe Editorial

Prof.^a Natacha Rena
Editora chefe

Gabriela Braga Casali
Assistente Editorial

Prof.^a Sandra Bianchet
Revisão gramatical e de normas, orientadora

Ariane Soares Souza
Bolsista

Igor Alexsander Pereira
Bolsista

Izabela Pellucci Barreto Marotta
Bolsista

Projeto gráfico

Prof.^a Natacha Rena
Orientadora

Luis Augusto Menezes Costa
Bolsista

Conselho Editorial

Adriana Sena Orsini (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Adriano R. A. do Nascimento (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Alexandro Cardoso Tenório (Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil), Alzira de Oliveira Jorge (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Angélica Espinosa Miranda (Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil), Benigna Maria de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Daniel Pansarelli (Universidade Federal do ABC, Brasil), Djenane Ramalho de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Dolores Galindo (Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil), Fernando Seiffner (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), Flávio Mattos (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), João Frederico da Costa Azevedo Meyer (Universidade Estadual de Campinas, Brasil), José Manuel Sita Gomes (Universidade Onze de Novembro, Angola), Jupira Mendonça (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Kabengele Munanga (Universidade de São Paulo, Brasil), Karla Galvão Adrião (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil), Leonardo de Oliveira Carneiro (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil), Leticia Cardoso Barreto (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Luma Nogueira de Andrade (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil), Lupicinio Iñiguez-Rueda (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha), Mara Viveros Vigoya (Universidad Nacional de Colombia, Colômbia), Maria Aparecida Moura (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Marcella Guimarães Assis (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Mariana Chaves (Universidad Nacional de La Plata, Argentina), Marcos Vinicius Bortolus (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Paulo Sérgio Nascimento Lopes (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Regina Helena Alves Silva (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Rogelio Marcial Vázquez (El Colegio de Jalisco, México), Rosângela de Tugny (Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil) e Tonico Benites (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil).

EDITORIAL

Universidade em Sentinela: "Os caminhos num só, não fugir, nem se desviar"

por Natacha Rena

07 10

Universidad en centinela: "Los caminos en uno, no huir, ni desviarse"

por Natacha Rena

ENSAIOS

Covid-19, Universidade Pública e a Defesa da Vida

por Claudia Mayorga

13 22

Covid-19, Universidad Pública y Defensa de la Vida

por Claudia Mayorga

ARTIGOS

Interface entre poder público municipal e universidade: o caso das ações de extensão universitária da UFRB na área ambiental

por Fabiane Correia da Cunha

31 64

Interfaz entre el poder público municipal y la universidad: el caso de las acciones de extensión universitaria de la UFRB en el área ambiental

por Fabiane Correia da Cunha

Aplicação da técnica dos Seis Chapéus como ferramenta de apoio à tomada de decisão voltada para alunos de Engenharia

por Nicole Gabriel da Silva, Lucas Souza Espírito Santo, Vanessa de Almeida Guimarães, Marcus Val Springer, Elizabeth Mendes de Oliveira e Jonni Guiller Ferreira Madeira

97 113

Aplicación de la técnica Seis Sombreros como herramienta de apoyo para la toma de decisiones dirigida a estudiantes de Ingeniería

por Nicole Gabriel da Silva, Lucas Souza Espírito Santo, Vanessa de Almeida Guimarães, Marcus Val Springer, Elizabeth Mendes de Oliveira e Jonni Guiller Ferreira Madeira

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Prática em inclusão escolar: vivências e relevância da extensão universitária

por Verônica Gomes Nascimento, Adrielle de Matos Borges Teixeira, Niara de Albuquerque Vianna Querino, Mônica de Oliveira Brito, Maria Virginia Dazzani Machado, Maria Virginia Dazzani Machado, Nara Jesus Brito, Ayla Arapiraca Galvão, Carolina Correia Sales de Souza, Lawanda Fiaes Almeida, Anna Paula Freitas Brandão e Hevilla Pereira de Oliveira

129 147

Práctica en la inclusión escolar: experiencias y importancia de la extensión universitaria

por Verônica Gomes Nascimento, Adrielle de Matos Borges Teixeira, Niara de Albuquerque Vianna Querino, Mônica de Oliveira Brito, Maria Virginia Dazzani Machado, Maria Virginia Dazzani Machado, Nara Jesus Brito, Ayla Arapiraca Galvão, Carolina Correia Sales de Souza, Lawanda Fiaes Almeida, Anna Paula Freitas Brandão e Hevilla Pereira de Oliveira

Cinema para todos na Universidade Federal de Santa Catarina - campus de Curitibanos

por Marina Sbardella, Gabriel Felip Gomes Olivo e Mônica Aparecida Aguiar dos Santos

165 176

Cine para todos en la Universidad Federal de Santa Catarina - Campus de Curitibanos

por Marina Sbardella, Gabriel Felip Gomes Olivo y Mónica Aparecida Aguiar dos Santos

Festival Universitário de Teatro de Improviso: Produção Cultural como Ação de Extensão

por José Luis Felício dos Santos de Carvalho e Marina Dias de Faria

187 208

Festival Universitario de Teatro de Improviso: Producción Cultural como Acción de Extensión

por José Luis Felício dos Santos de Carvalho y Marina Dias de Faria

Brasil, ame-o ou vá para o final da fila: relato de experiência

por Rodrigo Badaró de Carvalho, Bruna Camilo de Souza Lima Silva, Julia Martins Freitas, Leticia Ferraz Agra Garcia, Leticia Maria Badaró de Carvalho, Lislie Carolina Diana, Luciano Goulart de Carvalho Filho, Luis Gonzaga Martins Mota de Oliveira, Marcos Túlio Ferreira de Figueiredo, Pâmela Cirino C. Fernandes, Rafael Zanoti da Silva Nicolau e Raphael Juliano de Araujo Silva

229 247

Brasil, ámaloo ve al final de la cola: informe de experiencia

por Rodrigo Badaró de Carvalho, Bruna Camilo de Souza Lima Silva, Julia Martins Freitas, Leticia Ferraz Agra Garcia, Leticia Maria Badaró de Carvalho, Lislie Carolina Diana, Luciano Goulart de Carvalho Filho, Luis Gonzaga Martins Mota de Oliveira, Marcos Túlio Ferreira de Figueiredo, Pâmela Cirino C. Fernandes, Rafael Zanoti da Silva Nicolau y Raphael Juliano de Araujo Silva

A experiência de uma liga acadêmica: contribuição da visita técnica como atividade de extensão para os discentes do curso tecnólogo em radiologia

por Ingrid Carolina Nascimento, Jehnnycy Silva Souza, Gabriel Victor dos Santos, Jessica Gomes Ferreira da Silva, Marta Laiany Martins Machado, Jerfson Tavares Marcos e Josefina da Silva Santos

265 275

La experiencia de una liga académica: contribución de la visita técnica como actividad de extensión para discentes del Curso de Tecnología en Radiología

por Ingrid Carolina Nascimento, Jehnnycy Silva Souza, Gabriel Victor dos Santos, Jessica Gomes Ferreira da Silva, Marta Laiany Martins Machado, Jerfson Tavares Marcos y Josefina da Silva Santos

"Familia Coruja": Relato de experiência de grupo psicoeducacional sobre depressão pós-parto

por Mariana Alves Porto, Jéssica Aires da Silva Oliveira, Maria Jaqueline Coelho Pinto, Danielle Rodrigues Bertolini, Isabela Missiato Gavioli, Barbara Cristina Mesquita, Carolina Kiyomi Shiraisi Higuchi, Nayá Saad Custódio, Ana Carolina Bolsoni Andrade, Izabella Barufaldi Prette, Ana Caroline Sartori e Alexandre de Mello Ferreira Machareth

285 296

"Familia del búho": la experiencia del grupo de informes psicoeducativa sobre la depresión posparto

por Mariana Alves Porto, Jéssica Aires da Silva Oliveira, Maria Jaqueline Coelho Pinto, Danielle Rodrigues Bertolini, Isabela Missiato Gavioli, Barbara Cristina Mesquita, Carolina Kiyomi Shiraisi Higuchi, Nayá Saad Custódio, Ana Carolina Bolsoni Andrade, Izabella Barufaldi Prette, Ana Caroline Sartori e Alexandre de Mello Ferreira Machareth

Educação em saúde com adolescentes em situação de vulnerabilidade: relatos sobre saúde, saúde mental e uso de drogas

por Isabela Galvão Fernandes Alves, Izabella Barcelos Rios Ferreira, Marina Sad Navarro, Luciana Ramos de Moura e Isabela Mie Takeshita

307 319

Educación en salud con adolescentes en una situación de vulnerabilidad: informes sobre salud, salud mental y uso de drogas

por Isabela Galvão Fernandes Alves, Izabella Barcelos Rios Ferreira, Marina Sad Navarro, Luciana Ramos de Moura y Isabela Mie Takeshita

Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano

por Joviano Gabriel Maia Mayer

331

353

Activismo cartográfico, autogestión y el común urbano

por Joviano Gabriel Maia Mayer

Gestão ambiental: a contribuição do projeto CALELI no município de Erechim - RS

por Andréia Carla Cichet

375

387

Gestión ambiental: la contribución del proyecto CALELI en el municipio de Erechim - RS

por Andréia Carla Cichet

SAHAJA YOGA: capacitação de profissionais de saúde no SUS, Ituiutaba/MG

por Andreza Cristina Stuchi, Victor Antonio Ferreira Freire e Luciana Karen Calábria

400

408

SAHAJA YOGA: formación de profesionales de la salud en el SUS, Ituiutaba/MG

por Andreza Cristina Stuchi, Victor Antonio Ferreira Freire y Luciana Karen Calábria

Vozes da história: reflexões interdisciplinares sobre a criação de programas para a rádio universitária

por Elaine Leonara de Vargas Sodré, Fernanda Valim e Rogério Pereira de Arruda

416

437

Voces de la Historia: reflexiones interdisciplinarias sobre la creación de programas para Radio Universitaria

por Elaine Leonara de Vargas Sodré, Fernanda Valim y Rogério Pereira de Arruda

Ações de proteção e defesa de mulheres em situação de violência familiar doméstica

por Angela Maria Moura Costa Prates

458

480

Acciones de protección y defensa para mujeres en la situación de la violencia familiar doméstica

por Angela Maria Moura Costa Prates

Universidade em Sentinela: “Os caminhos num só, não fugir, nem se desviar”

Natacha Rena
Editora-chefe da Interfaces - Revista de Extensão da UFMG
natacharena@gmail.com

SENTINELA¹
Milton Nascimento

Morte, vela, sentinela sou
do corpo desse meu irmão que já se vai
Revejo nessa hora tudo que ocorreu, memória não morrerá.
Vulto negro em meu rumo vem
Mostrar a sua dor plantada nesse chão
Seu rosto brilha em reza, brilha em faca e flor
Histórias vem me contar
Longe, longe, ouço essa voz
Que o tempo não levará.
Precisa gritar sua força
É irmão, sobreviver
A morte ainda não vai chegar,
se a gente na hora de unir
Os caminhos num só, não fugir, nem se desviar
Precisa amar sua amiga,
E irmão e lembrar
Que o mundo só vai se curvar
Quando o amor que em seu corpo já nasceu
Liberdade buscar,
Na mulher que você encontrou
Morte, vela, sentinela sou
Do corpo desse meu irmão que já se foi
Revejo nessa hora tudo que aprendi, memória não morrerá
Longe, longe, ouço essa voz
Que o tempo não vai levar...

¹ Link para o canal do artista no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=IWzUjT4MbdA>>. Acesso em 03 de julho de 2020.

Segundo a pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil publicada pelo IBGE publicada em 2019, o número de estudantes negros e pardos nas universidades públicas no Brasil passou a representar 50,3% dos estudantes em 2018. Em tempos de Covid-19 no Brasil, sabe-se que a pandemia atinge os mais vulneráveis, que ainda são, em sua grande maioria, negros².

A universidade pública brasileira vem atuando nos últimos 20 anos no sentido de colaborar com um Brasil menos desigual. Reafirmamos aqui que uma das principais políticas universitárias neste sentido tem sido a de ampliar as ações extensionistas com foco na diminuição das desigualdades e na construção do conhecimento na diversidade, por mais justiça social e mais distribuição de renda e riqueza. Faz parte da nossa palavra neste editorial o texto da combativa pró-reitora de Extensão da UFMG, Claudia Mayorga, que abre este número da Interfaces: "indicamos duas tarefas prioritárias nesse contexto: contribuir com salvar vidas e projetar e construir o presente e o futuro, baseados na qualidade, na equidade, nos direitos humanos, na autonomia universitária, no interesse público e na solidariedade."

Ao fim, solicitamos um minuto de silêncio em homenagem a todas e todos os mortos durante a pandemia 2020, que, infelizmente, tem nos mostrado uma vez mais, o horror das desigualdades sociais em nosso país. Não passarão! A universidade Pública tem sido, e continuará a ser, um dos mais importantes rincões de resistência às necropolíticas do injusto sistema-mundo vigente: "A morte ainda não vai chegar, se a gente na hora de unir. Os caminhos num só, não fugir, nem se desviar."

2 Os negros brasileiros são 75% dos mais pobres. Trecho do resumo da pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil: "O combate às desigualdades sociais no Brasil tem sido objeto de estudiosos e formuladores de políticas públicas envolvidos no diagnóstico e na execução de medidas para sua redução. Entre as múltiplas formas de manifestação dessas desigualdades, a por cor ou raça ocupa espaço central nesse debate, pois envolve, em sua determinação, aspectos que estão relacionados às características do processo de desenvolvimento brasileiro, cuja dinâmica produziu importantes clivagens ao longo da história do País. Como consequência, a inclusão parcial das populações de cor ou raça preta, parda ou indígena no referido processo traduziu-se em maiores níveis de vulnerabilidade econômica e social, como demonstram diferentes indicadores sociais que vêm sendo divulgados continuamente pelo IBGE por meio de seus estudos e pesquisas." Link: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>>. Acesso em 02 de julho de 2020.

Universidade em centinela: “Los caminos en uno, no huir, ni desviarse”

Natacha Rena

Jefa de redacción de Interfaces - Revista de extensión de UFMG
natacharena@gmail.com

SENTINELA¹

Milton Nascimento

Morte, vela, sentinela sou
do corpo desse meu irmão que já se vai
Revejo nessa hora tudo que ocorreu, memória não morrerá.
Vulto negro em meu rumo vem
Mostrar a sua dor plantada nesse chão
Seu rosto brilha em reza, brilha em faca e flor
Histórias vem me contar
Longe, longe, ouço essa voz
Que o tempo não levará.
Precisa gritar sua força
É irmão, sobreviver
A morte ainda não vai chegar,
se a gente na hora de unir
Os caminhos num só, não fugir, nem se desviar
Precisa amar sua amiga,
E irmão e lembrar
Que o mundo só vai se curvar
Quando o amor que em seu corpo já nasceu
Liberdade buscar,
Na mulher que você encontrou
Morte, vela, sentinela sou
Do corpo desse meu irmão que já se foi
Revejo nessa hora tudo que aprendi, memória não morrerá
Longe, longe, ouço essa voz
Que o tempo não vai levar...

¹ Enlace al canal de YouTube del artista: <<https://www.youtube.com/watch?v=IW2UjT4MbdA>>. Acceso el 3 de julio de 2020.

Según una investigación "Diferencias Sociales por Color o Raza" publicada por IBGE en 2019, el número de estudiantes negros y pardos en las universidades públicas de Brasil comenzó a representar el 50,3% de los estudiantes en 2018. En tiempos de Covid-19 en Brasil, se sabe que la pandemia afecta más vulnerables, que siguen siendo en su mayoría negros².

La universidad pública brasileña ha estado trabajando durante los últimos 20 años para colaborar con un Brasil menos desigual. Reafirmamos aquí que una de las principales políticas universitarias en este sentido ha sido ampliar las acciones de extensión con un enfoque en la disminución de las desigualdades y la creación de conocimiento en la diversidad, para una mayor justicia social y una mayor distribución de los ingresos y la riqueza. Es parte de nuestra palabra en este editorial es el texto de la combativa rectora de Extensión en UFMG, Claudia Mayorga, quien abre este número de Interfaces: "indicamos dos tareas prioritarias en este contexto: contribuir a salvar vidas y diseñar y construir el presente y el futuro, basados en la calidad, la equidad, los derechos humanos, la autonomía universitaria, el interés público y la solidaridad".

Al final, solicitamos un minuto de silencio en honor a todos y cada uno de los muertos durante la pandemia de 2020, que, desafortunadamente, nos ha demostrado una vez más el horror de las desigualdades sociales en nuestro país. ¡No pasarán! La Universidad Pública ha sido, y seguirá siendo, uno de los rincones más importantes de resistencia a la necropolítica del injusto actual sistema mundial."La muerte aún no vendrá, si nos unimos. Los caminos en uno, no huir, ni desviarse."

² Los brasileños negros son el 75% de los más pobres. Extracto del resumen de la investigación "Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil": "La lucha contra las desigualdades sociales en Brasil ha sido objeto de académicos y formuladores de políticas públicas involucradas en el diagnóstico y la implementación de medidas para reducirlas. Entre las múltiples formas de manifestación de estas desigualdades, que por color o raza ocupa un espacio central en este debate, ya que involucra, en su determinación, aspectos relacionados con las características del proceso de desarrollo brasileño, cuya dinámica produjo importantes divisiones a lo largo de la historia del país. Como consecuencia, la inclusión parcial de poblaciones de color o raza negra, parda o indígena en el proceso referido se traduce en niveles más altos de vulnerabilidad económica y social, como lo demuestran los diferentes indicadores sociales que IBGE ha difundido continuamente a través de sus estudios e investigaciones." Enlace: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>>. Acceso el 02 de julio de 2020.



and emi

Covid-19, Universidade Pública e a Defesa da Vida¹

Covid-19, Public University and the Defense of Life

Claudia Mayorga
Pró-reitora de Extensão
Universidade Federal de Minas Gerais
gab@proex.ufmg.br

RESUMO

Neste ensaio, analisamos as consequências sociais da pandemia da COVID-19 no Brasil e refletimos sobre o papel e importância da universidade pública, com destaque à extensão universitária, no enfrentamento a essa crise que atinge todas as dimensões da vida social. Propomos o trabalho em rede e a política do cuidado como eixos transversais para orientar as políticas implementadas pelas universidades e indicamos duas tarefas prioritárias nesse contexto: contribuir com salvar vidas e projetar e construir o presente e o futuro, baseados na qualidade, na equidade, nos direitos humanos, na autonomia universitária, no interesse público e na solidariedade.

Palavras-chave: Covid-19; universidade pública; extensão universitária.

ABSTRACT

In this essay, we analyze the social consequences of the COVID-19 pandemic in Brazil and reflect on the role and importance of the public university, with emphasis on university extension, in facing this crisis that affects all dimensions of social life. We propose networking and care policy as transversal axes to guide the policies implemented by universities and we indicate two priority tasks in this context: contributing to saving lives and designing and building the present and the future, based on quality, equity, human rights, university autonomy, public interest and solidarity.

Keywords: Covid-19; public university; University Extension.

¹ Parte desse texto foi apresentado no Seminário "Aspectos Sociais e Ambientais da Pandemia de Covid-19" realizado pela Comitê Permanente de Enfrentamento ao Novo Coronavírus da Universidade Federal de Minas Gerais, por ocasião da Marcha Virtual pela Vida, em 09 de junho de 2020. Diversas instituições de pesquisa, saúde, educação e diferentes setores da sociedade civil se mobilizaram em uma Frente pela Vida, diante da situação alarmante de crescimento dos casos de Covid-19 no Brasil. O texto, embora de autoria de Claudia Mayorga, é reflexo do trabalho da equipe da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais e da comunidade dessa universidade que atua nas diversas atividades de extensão universitária.

A pandemia da COVID-19 tem nos colocado desafios de todas as ordens. Estamos diante de uma crise sanitária que atinge todas as dimensões da vida social nos seus mais diversos aspectos e deflagra um aprofundamento da crise econômica, social e cultural, associada a uma preocupante crise política e institucional. E em um país como o Brasil, com um histórico colonial, com tantas desigualdades, marcado pela injustiça social, pelas violações sistemáticas de direitos, com práticas institucionais autoritárias e antidemocráticas, constatamos, mais uma vez, que alguns experimentam de forma muito concreta, ter menos direito à vida do que outros. Quais são as vidas que importam?²

Há um século atrás uma outra crise sanitária também preocupava a humanidade. A chamada gripe espanhola³ (influenza espanhola) ou gripe de 1918 aconteceu nos anos de 1918 e 1919 causando a morte de 35 mil brasileiros. Foi uma pandemia que se manifestou em 3 ondas, sendo a segunda a mais contagiosa, por possuir os maiores índices de mortalidade. Vale a pena conhecer um pouco mais sobre essa história. Na UFMG, os Centros de Memória da Enfermagem, da Medicina, da Educação Física, Esporte e Lazer que compõe a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, reúnem parte dessa história, com foco nos acontecimentos em Minas Gerais e sua capital, Belo Horizonte, e destaque às escolhas realizadas, às formas de enfrentar a doença, aos saberes mobilizados e ao papel da universidade naquela ocasião.

Foram 35 mil mortes. Meio milhão no mundo todo. Hoje, dia 26 de junho, exatamente quatro meses depois da confirmação do primeiro caso do Novo Coronavírus no Brasil em 26 de fevereiro, o número de mortes chega perto dos 60 mil.

A pandemia acirra e escancara as desigualdades do nosso país e atinge, de forma intensa, as populações historicamente vulnerabilizadas. O que é muito grave e deve ser explicitado, é que mortes estão acontecendo pela COVID-19 e violências e outras mortes por práticas antigas, estruturais direcionadas a essas populações que violam, sistematicamente, o direito à vida, à vida digna. Vale lembrar que João Pedro não morreu devido à COVID-19. Esse jovem negro de 14 anos, que brincava com seus primos em São Gonçalo, Rio de Janeiro, foi atingido pelas costas, por um tiro de fuzil, durante uma operação da Polícia Civil e da Polícia Federal em 18 de maio. Foram identificados mais de 70 tiros na casa de João Pedro.

As consequências da pandemia são devastadoras quando se associam às violações sistemáticas que alguns grupos sociais vivenciam no Brasil. Vejamos:

2 Em 25 de maio de 2020, George Perry Floyd Jr., homem negro, foi assassinado por um policial branco nos Estados Unidos, que ajoelhou-se em seu pescoço e o asfixiou durante uma abordagem por supostamente usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado. Após sua morte, protestos contra o racismo rapidamente começaram a acontecer nos Estados Unidos e no mundo. Um das mensagens dos protestos afirmava: "Vidas negras importam".

3 A pandemia levou esse nome, pois recebeu maior atenção da imprensa na Espanha do que no resto do mundo, uma vez que o país não estava envolvido na Primeira Guerra Mundial e não havia censura. A Espanha teve um dos piores surtos iniciais da doença, e autoridades de saúde do país buscaram chamar a pandemia de "apenas gripe" ou "a gripe", de modo a evitar o pânico entre a população. Embora os cientistas não saibam ao certo a origem da pandemia, é improvável que tenha iniciado na Espanha.

- O aumento da pobreza é um fato. Os efeitos diretos e indiretos da pandemia já estão ampliando as taxas de desemprego. Em um cenário projetado de queda de 0,14% do PIB e de 0,1% no nível de emprego, o estudo dos pesquisadores Débora Freire, Edson Domingues e Aline Magalhães do CEDEPLAR UFMG conclui que as famílias com renda entre 0 e 2 salários mínimos podem ter sua renda 20% mais impactada do que a média das famílias brasileiras. Não podemos desconsiderar os avanços nos últimos anos do neoliberalismo no mundo com a intensificação do desemprego estrutural, a precarização do trabalho, o aumento do trabalho informal e a diminuição, ou inexistência, de políticas públicas sociais – tudo se precariza ainda mais nesse contexto. Essa conjuntura deixa as classes populares, negros e negras em uma situação na qual precisam buscar o sustento, arriscando suas vidas, assim como aconteceu com Mirtes, empregada doméstica, a mãe do pequeno Miguel de 5 anos, que perdeu seu filho quando o deixou aos cuidados da patroa ao levar a cadela da família dos patrões para passear na rua. Um caso, entre milhares.

- O Brasil já atingiu mais de 5 mil casos de COVID-19 entre indígenas. A precariedade do acesso à saúde, a insumos necessários para os cuidados sanitários se associa a uma intensificação dos conflitos relacionados à terra, à água, ao desmatamento ilegal com o assassinato premeditado de lideranças indígenas. Em Minas Gerais, são 14 etnias (Aranã; Catu-Awã-Arachãs; Kaxixó; Kiriri; Krenak; Maxakali; Mucuriñ; Pankararu; Pataxó; Pataxó Hã-Hã-Hãe; Puris; Tuxá; Xacriabá; Xukuru-Kariri) que vivenciam situações de muita precariedade e é importante também ressaltarmos a situação dos quilombolas e da população ribeirinha. Segundo Jesus Rosário Araújo, de 41 anos, presidente da Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N'Golo) os maiores problemas do povo quilombola, hoje, são relacionados à higiene e à alimentação. "O Norte e Nordeste mineiros são os que mais sofrem. Nem higienização, que é fundamental nesse período, conseguimos. Hoje, graças a algumas doações, conseguimos enviar cestas básicas, mas não temos nada referente à higiene. Nessas áreas, principalmente, existe o problema da falta de água" (CEDEFES, 2020). Destaco que na UFMG foi criado um Comitê vinculado ao Programa FIEI - Formação de Educadores Indígenas que tem proposto e desenvolvido ações de enfrentamento ao novo Coronavírus em diálogo com os estudantes indígenas e quilombolas. A UFMG participa também do Comitê Maxakali que reúne várias universidades, com intuito de colaborar com o enfrentamento ao Novo Coronavírus, junto a essas populações.

- A situação da mulheres (principalmente negras e pobres) também é alarmante em vários sentidos: os casos de femicídio aumentaram 22% em 12 estados brasileiros desde as primeiras medidas de isolamento social nos meses de março e abril; os casos de violência doméstica também aumentaram – a procura dos serviços de denúncia, segundo levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, cresceu 37,6% no mês de abril. Os fatores que explicam essa situação são a convivência mais próxima dos agressores, que, no novo contexto, podem mais facilmente impedi-las de se dirigir a uma delegacia ou a outros locais que prestam socorro a vítimas, como centros de referência especializados, ou, inclusive, de acessar canais alternativos de denúncia, como telefone ou aplicativos.

A produção científica das mulheres também possui uma queda alarmante – segundo o estudo do projeto Parent in Science, 40% das mulheres sem filhos não conseguiu concluir seus artigos (contra 20% dos homens) e 52% das mulheres com filhos não conseguiram (contra 38% dos homens). As desigualdades de gênero na ciência que já existiam, parecem se acirrar. A carga de cuidados para as mulheres, que costuma ser três vezes maior do que a dos homens, aumentou exponencialmente. Na área da saúde, sabemos muito bem que as mulheres são maioria e que estão na linha de frente no enfrentamento da pandemia.

- Em pesquisa realizada por pesquisadores da UFMG e UNICAMP, juntamente com o coletivo "#VoteLGBT", 44% das entrevistadas lésbicas; 34% dos gays; 47% das pessoas bissexuais e pansexuais; e 42% das transexuais temem sofrer algum problema de saúde mental durante a pandemia do novo Coronavírus. Segundo a Associação Americana de Psiquiatria, pessoas que fazem parte da comunidade LGBT tem mais que o dobro de chances de apresentarem alguma condição de saúde mental durante a vida, quando comparados ao restante da sociedade. O estudo do Brasil aponta que 28% dos entrevistados já receberam diagnóstico prévio de depressão. O índice é quase quatro vezes maior do registrado entre a população brasileira, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde (2013). O estudo revela ainda que 21,6% dos LGBTs entrevistados estão desempregados enquanto que o índice total no Brasil é de 12,2%, segundo o IBGE.

- Importante destacar também as populações atingidas por desastres. Minas Gerais sofreu recentemente dois grandes desastres socioambientais relacionados à mineração – em 2015, rompeu a barragem de Fundão de propriedade da Samarco/ BHP/Billiton em Mariana e em 2019, a barragem da empresa Vale no município de Brumadinho com perdas ainda sem a devida justiça. Além dos impactos em toda a Bacia do Rio Doce e do Rio Paraopeba, das mortes registradas, do impacto na infraestrutura, nos projetos de vida, os impactos da pandemia nesses contextos em reconstrução tem sido um grande desafio para essas populações.

Poderia expor aqui vários outros números e experiências de outros sujeitos e grupos: população em situação de rua, encarcerada, imigrantes, refugiados, pessoas com deficiência, idosos. Eduardo Viveiro de Castro, Cacique Raoni, Ailton Krenak, Célia Xacriabá e muitos outros estão alertando para o mundo todo que o Brasil está diante de um genocídio. Talvez isso não seja uma novidade, mas a situação que já era de emergência, agora literalmente, não deixa respirar⁴. Mas é importante ressaltar que mesmo diante de tantas dificuldades, descasos, violências e mortes, essas populações têm se organizado e buscado formas coletivas, comunitárias e solidárias de lidar com as desigualdades históricas e também com os efeitos da pandemia. Sujeitos que recusam a viti-

4 Referência ao apelo que George Floyd Jr. fez quando estava sendo asfixiado pelo policial: "não consigo respirar".

mização, se apresentam como sujeitos capazes de construir soluções para os problemas que os acometem e reiteram a denúncia de que a necropolítica e esse descaso consistem em um projeto claro de extermínio daqueles considerados como menos humanos, como escória, como problemas.

No dia 17 de abril, 21 grupos de extensão e pesquisa de diversas áreas do conhecimento que compõe a Rede de Direitos Humanos da UFMG, publicaram um documento com 14 recomendações aos representantes dos três poderes do país, aos profissionais das políticas públicas e à sociedade em geral para tomarem medidas para reduzir os efeitos da COVID-19. Esse documento inicia ressaltando, conforme a Organização Mundial da Saúde, que a saúde é um direito humano fundamental e que consiste em um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas na ausência de doença ou de enfermidade; que a saúde de todos os povos é essencial para conseguir a paz e a segurança e que depende da mais estreita cooperação dos indivíduos e dos Estados; que o histórico e desigual desenvolvimento em diferentes países no que diz respeito à promoção de saúde e combate às doenças, especialmente contagiosas, constitui um perigo e risco comum; que a extensão a todos os povos dos benefícios dos conhecimentos médicos, psicológicos e afins é essencial para atingir o mais elevado grau de saúde e dignidade; que uma opinião pública esclarecida e uma cooperação ativa da parte do público são de importância capital para o melhoramento da saúde dos povos e que os Governos têm responsabilidade pela saúde dos seus povos, a qual só pode ser assumida pelo estabelecimento de medidas sanitárias e sociais adequadas, necessárias e imediatas em contexto de pandemia (Constituição da OMS, 1946). A primeira recomendação apresentada refere-se à urgência em proporcionar imediata atenção social, econômica, assistencial, de reforço à saúde, segurança no trabalho e segurança alimentar às populações historicamente vulnerabilizadas⁵.

Mas Diante de tudo isso, como as universidades públicas têm atuado? Qual o nosso papel nesse contexto? Destaco aqui dois eixos transversais que acredito que podem nos orientar nesse grande desafio que temos diante de nós - uma pandemia com efeitos sem precedentes em um país tão desigual:

1) Trabalho em Rede: O enfrentamento à pandemia e às suas consequências não pode ser feito por um único ator ou uma única instituição. Essa tarefa exige uma articulação continuada do poder público, das políticas públicas e das diversas instituições e organizações da sociedade, movimentos sociais e população em geral. São saberes diversos, de lugares distintos, com alcances específicos que devem ser acionados para construirmos proposições. Os saberes e práticas científicas e acadêmicas possuem uma grande importância nesse contexto. É fundamental fortalecer redes. Essa situação convoca as universidades,

⁵ Esse documento pode ser encontrado na íntegra em:

<https://www2.ufmg.br/proex/Noticias/Noticias/UFMG-faz-recomendacoes-de-medidas-para-garantir-direitos-da-populacao-mais-vulneravel-a-pandemia>

mais uma vez, a estarem mais próximas da sociedade em um intenso diálogo e construção conjunta. A extensão universitária, pela sua natureza, contribuiu e segue contribuindo para isso. Desde 2014, a Pró-reitoria de Extensão da UFMG tem fomentado a política de redes interdisciplinares que tem como objetivo, reunir grupos de extensão, ensino e pesquisa em torno dos temas emergenciais das sociedades contemporâneas para construção de uma agenda comum e continuada para atuação em diálogo com outros setores da sociedade. São exemplos dessa iniciativa a Rede de Direitos Humanos já mencionada acima, a Rede Saúde Mental, a Rede Saúde –Educação Básica, o Programa Participa UFMG – Mariana-Rio Doce- Brumadinho.

2) Política do cuidado: infelizmente o cuidado foi desprezado por boa parte dos teóricos políticos. O universo das atividades de cuidado foi compreendido como algo relativo às classes baixas da sociedade (mulheres, membros de determinadas castas, trabalhadores, imigrantes etc.), aqueles que são comumente os mais excluídos da política. Quase sempre associado a uma "natureza feminina" e portanto algo menor, restrito ao campo da vida privada, agora se torna uma necessidade ética e política. Joan Tronto e Berenice Fischer, definiram o cuidado como "[...] uma atividade genérica que compreende tudo o que fazemos para manter, perpetuar e reparar nosso mundo, afim de que possamos viver nele tão bem quanto possível. Este mundo compreende nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, tudo o que tentamos manter interligado em uma complexa rede que dá suporte à vida"⁶. Pode parecer que essa definição seja demasiado abrangente, mas o que destacamos é que o cuidado assim definido não aparece como uma questão marginal da vida de seres humanos, mas central para a sua existência, não sendo algo confinado às relações pessoais e familiares. Podemos deduzir que também as instituições sociais e políticas entram no escopo das atividades realizadas no intuito de dar suporte à vida, assim como manter e perpetuar o mundo no qual se vive. No campo da extensão universitária, é fundamental que cuidado não seja confundido com assistencialismo. Vale destacar que um dos princípios da extensão refere-se à necessária posição de dialogia entre universidade e setores da sociedade.

Com esses dois eixos em mente, que devem, na proposta que apresento aqui, atravessar a política institucional das universidades, penso que temos duas tarefas principais, nesse contexto da pandemia:

Colaborar com salvar vidas: muito está sendo feito e muito mais pode ser feito pelas universidades nesse sentido. Quero destacar o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos diversos projetos e programas de extensão da UFMG que atuam na frente direta de assistência à saúde, outros que atuam junto aos grupos mais vulnerabilizados (em vilas, favelas, ocupações, no campo, população

6 FISHER, Berenice e TRONTO, Joan. Toward a Feminist Theory of Care. In: ABEL, E. K. e NELSON, M. (Eds). Circles of Care: Work and Identity in Women's Lives. Albany: State University of New York Press, 1990, p. 35-62.

de rua). Desde a suspensão das atividades presenciais na UFMG, a Pró-reitoria de Extensão lançou convite para toda a comunidade da universidade estimulando que fossem enviadas propostas de atividades para serem desenvolvidas de forma remota, com intuito de contribuir com a prevenção e enfrentamento da pandemia. Quase 100 propostas foram apresentadas e têm sido diariamente divulgadas para toda a população. Essas ações se dividem em quatro frentes principais: a) Atividades para colaborar com o isolamento social, principal medida, cientificamente comprovada, para enfrentar a pandemia e que possui consequências diversas na vida das pessoas e não pode ser adotada de forma integral por muitas outras. A Rede Saúde Mental da UFMG, juntamente com a Comissão Permanente de Saúde Mental implementaram atividades de acolhimento, plantão psicológico e escuta voltada a toda comunidade da UFMG: professores/as, estudantes, técnicos-administrativos em educação, trabalhadores/as terceirizados/as. Vale lembrar que a Organização Mundial de Saúde indicou que qualquer política de enfrentamento à pandemia deve incluir ações relacionadas à saúde mental. b) Também foram propostas atividades para informar e tirar dúvidas da população acerca da COVID-19. Um ponto a ser destacado nesse conjunto de projetos, refere-se à organização dessas informações em linguagens de amplo acesso e por diversos públicos. Informações para crianças, idosos, indígenas, trabalhadores/as da saúde. Os projetos que atuam na linha da divulgação científica e popularização da ciência tem produzido conhecimento que possa ser compartilhado em diversas linguagens, democratizando o acesso – o que é uma ação fundamental e fortemente relacionado com o direito à informação. c) Outro conjunto de atividades está sendo desenvolvido com grupos sociais vulnerabilizados. Atividades de extensão tem prestado assistência jurídica às populações vulnerabilizadas, tem colaborado nos comitês de diversos municípios em Minas Gerais, atuam junto a imigrantes e refugiados, populações de vilas e favelas, população do campo, mulheres prostitutas, população encarcerada, indígenas e outros. Uma importante ação em conjunto com a Rádio Favela do Aglomerado da Serra na cidade de Belo Horizonte foi implementada nesse sentido. d) Atividades de assistência à saúde, que tem acontecido no Hospital das Clínicas da UFMG e também em outros hospitais do estado. Atividades também para serem desenvolvidas junto aos profissionais da saúde atuando na linha de frente no enfrentamento à pandemia. Esse é um grupo social cujo trabalho tem sido fundamental no enfrentamento da COVID-19 e que também necessita de apoio e colaborações de diversas ordens. O apoio em saúde mental foi uma das primeiras iniciativas junto a esses profissionais, desenvolvido por projetos de extensão da UFMG. Não destacamos aqui, mas há outras inúmeras atividades de pesquisa que estão sendo desenvolvidas relacionadas à busca de uma vacina, testagem, elaboração de protótipos como respiradores, por exemplo. A capilaridade que a extensão tem junto à sociedade nem sempre é visibilizada, mas a rapidez com a qual respondemos ao momento de emergência da pandemia, revela que há laços perenes entre UFMG e outros setores da sociedade, com muito conhecimento produzido e acumulado. E nesse processo, quero destacar a atuação dos e das estudantes da UFMG. Essa experiência tem sido de profundo aprendizado, de solidariedade e é muito importante que seja reconhecida na sua formação. Assim, nessa primeira tarefa que destaco, entendo que salvar vidas é cuidar de quem cuida, é estar atento à diversidade da sociedade brasileira, e também às desigualdades, é cuidar de

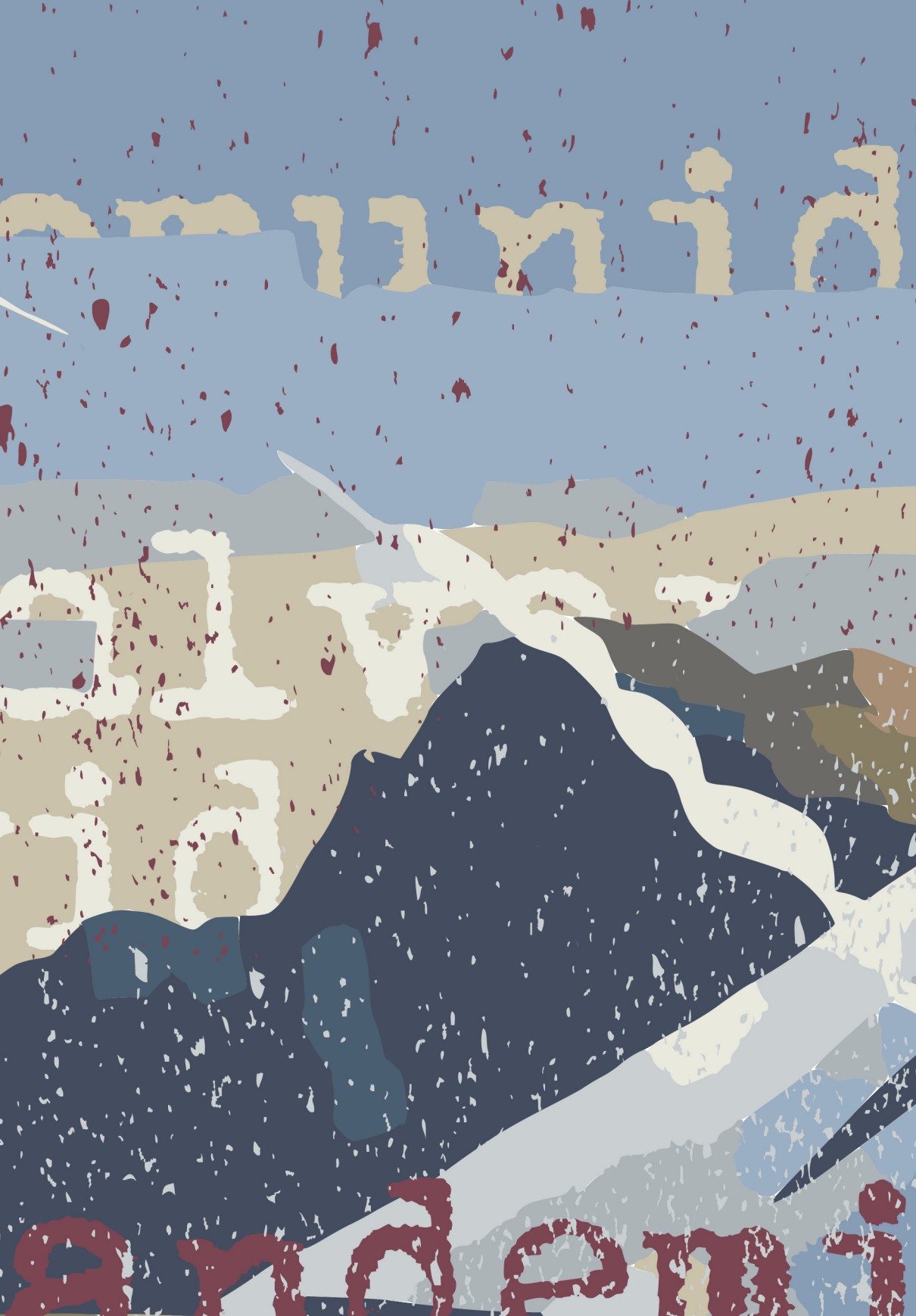
quem cuida, é valorizar os autores dessas tarefas.

Projetar e construir o presente e o futuro: alguns tem chamado essa tarefa de construção do novo normal, expressão que tem recebido algumas críticas. O medo dos críticos, que compartilho, é que as referências de normalidade continuem sendo aquelas que silenciam, violam, violentam, matam, não deixam respirar. No caso do Brasil, o retorno ao que era antes seria reforçar as desigualdades e violências tão naturalizadas e compreendidas como "normais" entre nós. A UFMG está em atividade intensa na extensão e na pesquisa desde a suspensão das atividades presenciais, em 19 de março e agora está dedicada a construir e planejar o que está por vir. Vamos ter que nos reinventar. Assim, já que essa é uma tarefa dada - reinventar a universidade, o ensino, a pesquisa a extensão, a cultura, o trabalho, os espaços, a comunicação e tantas outras dimensões da vida social, é fundamental que definamos a partir de quais parâmetros vamos fazê-lo. Em uma entrevista recente, Bruno Latour dizia que a pandemia nos mostrou que a economia é uma maneira muito estreita e limitada de organizar a vida e decidir quem é importante e quem não é. Se eu pudesse mudar uma coisa, ele disse, seria sair do sistema de produção e construir uma ecologia política. Assim, a tarefa da reinvenção deve nos deixar muito vigilantes em relação às históricas dinâmicas da desigualdade que marcam a sociedade brasileira e que com cara de "novo", tenderão a se reposicionar para seguirem operando. E é fundamental que explicitemos os princípios e os lugares a partir dos quais vamos realizar essa tarefa: da qualidade, da equidade, dos direitos humanos, da autonomia universitária, do interesse público e da solidariedade.

E assim vou concluindo: não é a morte que queremos, é a vida. Vamos fazer essa construção baseados/as nos direitos humanos, recorrendo às experiências inovadoras muitas vezes invisibilizadas. Há muita gente, há muito tempo, sonhando, pensando e construindo um mundo diferente baseados nos direitos humanos, na sustentabilidade, na justiça social. O que queremos neste momento? Nós vamos repetir ou superar? No novo normal, nós daremos ênfase ao novo ou ao "normal"? É preciso curiosidade (como cantava Tom Zé em uma dessas tantas *lives* que tem nos tomado durante o isolamento social) e muita coragem para abraçar essa tarefa. Mãos a obra!

Data de submissão: 01/07/2020

Data de aceite: 01/07/2020



Covid-19, Universidad Pública y Defensa de la Vida

Covid-19, Public University and the Defense of Life

Claudia Mayorga
Pró-rectora de Extensão
Universidade Federal de Minas Gerais
gab@proex.ufmg.br

RESUMEN

En este ensayo, analizamos las consecuencias sociales de la pandemia de COVID-19 en Brasil y reflexionamos sobre el papel y la importancia de la universidad pública, con énfasis en la extensión universitaria, al enfrentar esta crisis que afecta todas las dimensiones de la vida social. Proponemos la política de redes y del cuidado como ejes transversales para guiar las políticas implementadas por las universidades e indicamos dos tareas prioritarias en este contexto: contribuir a salvar vidas y diseñar y construir el presente y el futuro, basados en la calidad, la equidad, derechos humanos, autonomía universitaria, interés público y solidaridad.

Palabras-clave: Covid-19; Universidad pública; extensión Universitaria.

ABSTRACT

In this essay, we analyze the social consequences of the COVID-19 pandemic in Brazil and reflect on the role and importance of the public university, with emphasis on university extension, in facing this crisis that affects all dimensions of social life. We propose networking and care policy as transversal axes to guide the policies implemented by universities and we indicate two priority tasks in this context: contributing to saving lives and designing and building the present and the future, based on quality, equity, human rights, university autonomy, public interest and solidarity.

Keywords: Covid-19; public university; University Extension.

1 Parte de este texto fue presentado en el Seminario "Aspectos sociales y ambientales de la pandemia de Covid-19" celebrado por el Comité Permanente para Combatir el Nuevo Coronavirus en la Universidad Federal de Minas Gerais, como motivo de la Marcha Virtual por la Vida, el 9 de junio de 2020. Varias instituciones de investigación, salud, educación y diferentes sectores de la sociedad civil se movilizaron en un Frente para la Vida, ante la alarmante situación de crecimiento de los casos de Covid-19 en Brasil. El texto, aunque escrito por Claudia Mayorga, refleja el trabajo del equipo de la Pro-rectoría de Extensión de la Universidad Federal de Minas Gerais y la comunidad de esta universidad que trabaja en las diversas actividades de extensión universitaria.

La pandemia de COVID-19 ha planteado desafíos de todo tipo. Estamos ante una crisis de salud que afecta todas las dimensiones de la vida social en sus aspectos más diversos y desencadena una profundización de la crisis económica, social y cultural, asociada con una preocupante crisis política e institucional. Y en un país como Brasil, con una historia colonial, con tantas desigualdades, marcadas por la injusticia social, por violaciones sistemáticas de los derechos, con prácticas institucionales autoritarias y antidemocráticas, una vez más, encontramos que algunos experimentan de una manera muy concreta, teniendo menos derecho a la vida que otros.

Hace un siglo, otra crisis de salud también preocupaba a la humanidad. La llamada gripe española (influenza española)² o gripe de 1918 ocurrió en los años 1918 y 1919 causando la muerte de 35 mil brasileños. Fue una pandemia que se manifestó en 3 olas, siendo la segunda la más contagiosa, ya que tenía las tasas de mortalidad más altas. Vale la pena saber un poco más sobre esta historia. En UFMG, los Centros de Memoria de Enfermería, Medicina, Educación Física, Deportes y Ocio que conforman la Red de Museos y Espacios de Ciencia y Cultura de UFMG reúnen parte de esta historia, centrándose en eventos en Minas Gerais y su capital, Belo Horizonte, y destacando las elecciones realizadas, las formas de enfrentar la enfermedad, el conocimiento movilizado y el papel de la universidad en ese momento.

Hubo 35 mil muertes. Medio millón en todo el mundo. Hoy, 26 de junio, exactamente cuatro meses después de la confirmación del primer caso del Nuevo Coronavirus en Brasil el 26 de febrero, el número de muertos se acerca a los 60 mil.

La pandemia agrava y abre las desigualdades de nuestro país y afecta, de manera intensa, a las poblaciones históricamente vulnerables. Lo que es muy grave y debe hacerse explícito es que las muertes están ocurriendo a través de COVID-19 y también por la violencia y otras muertes debido a antiguas prácticas estructurales dirigidas a estas poblaciones que violan sistemáticamente el derecho a la vida, a la vida digna. Vale la pena recordar que João Pedro no murió debido a COVID-19. Este joven negro de 14 años, que jugaba con sus primos en São Gonçalo, Rio de Janeiro, recibió un disparo de rifle en la espalda durante una operación de la Policía Civil y la Policía Federal el 18 de mayo. Se identificaron más de 70 disparos en la casa de João Pedro.

Las consecuencias de la pandemia son devastadoras cuando se asocian con las violaciones sistemáticas que algunos grupos sociales experimentan en Brasil. Vamos a ver:

- El aumento de la pobreza es un hecho. Los efectos directos e indirectos de

² La pandemia tomó tal nombre porque recibió más atención de los medios en España que en el resto del mundo, ya que el país no participó en la Primera Guerra Mundial y no hubo censura. España tuvo uno de los peores brotes iniciales de la enfermedad, y los funcionarios de salud en el país trataron de llamar a la pandemia "solo la gripe" o "gripe" para evitar el pánico entre la población. Aunque los científicos no están seguros del origen de la pandemia, es poco probable que haya iniciado en España.

la pandemia ya están aumentando las tasas de desempleo. En un escenario proyectado de una caída del 0,14% del PIB y del 0,1% en el nivel de empleo, el estudio de los investigadores Débora Freire, Edson Domingues y Aline Magalhães de CEDEPLAR UFMG concluye que las familias con ingresos entre 0 y 2 salarios mínimos pueden tener sus ingresos un 20% más afectados que el promedio de las familias brasileñas. No podemos ignorar los avances en los últimos años del neoliberalismo en el mundo con la intensificación del desempleo estructural, la precariedad del trabajo, el aumento del trabajo informal y la disminución, o inexistencia, de las políticas públicas sociales: todo es aún más precario en este contexto. Esta situación deja a las clases populares, negras y negros, en una situación en la que necesitan buscar sustento, arriesgando sus vidas, como sucedió con Mirtes, una empleada doméstica, la madre del pequeño Miguel, de 5 años, que perdió a su hijo cuando ella lo dejó con su empleadora mientras llevaba al perro de la familia de los jefes a pasear por la calle. Un caso, entre miles.

- Brasil ya ha alcanzado más de 5,000 casos de COVID-19 entre los pueblos indígenas. La precariedad del acceso a la atención médica, los insumos necesarios para la atención médica se asocia con una intensificación de los conflictos relacionados con la tierra, el agua, la deforestación ilegal con el asesinato premeditado de líderes indígenas. En Minas Gerais, hay 14 grupos étnicos (Aranã; Catu-Awá-Arachás; Kaxixó; Kiriri; Krenak; Maxakali; Mucuriñ; Pankararu; Pataxó; Pataxó Hau-Hãe; Puris; Tuxá; Xacriabá; Xukuru-Kariri) que experimentan situaciones muy precarias y también es importante destacar la situación de los quilombolas y la población ribereña. Según Jesús Rosário Araújo, de 41 años, presidente de la Federación de Comunidades Quilombolas del Estado de Minas Gerais (N'Golo), los problemas más grandes que enfrentan las personas quilombolas hoy en día están relacionados con la higiene y la alimentación. "El norte y el noreste de Minas Gerais son los que más sufren. Ni siquiera teníamos higiene, lo cual es fundamental en este período. Hoy, gracias a algunas donaciones, logramos enviar canastas básicas de alimentos, pero no tenemos nada para higiene. En estas áreas, principalmente, existe el problema de la falta de agua "(CEDEFES, 2020). Destaco que en UFMG se creó un Comité vinculado al Programa FIEI - Capacitación de educadores indígenas que ha propuesto y desarrollado acciones para enfrentar el nuevo Coronavirus en diálogo con estudiantes indígenas y quilombolas. UFMG también participa en el Comité Maxakali que reúne a varias universidades, con la intención de colaborar con la lucha contra el Nuevo Coronavirus, con estas poblaciones.

- La situación de las mujeres (principalmente negras y pobres) también es alarmante de varias maneras: los casos de femicidio han aumentado en un 22% en 12 estados brasileños desde las primeras medidas de aislamiento social en marzo y abril; Los casos de violencia doméstica también han aumentado: la demanda de servicios de denuncia de irregularidades, según una encuesta realizada por el Foro de Seguridad Pública de Brasil, creció un 37,6% en abril. Los factores que explican esta situación son la convivencia más cercana a los agresores, quienes, en el nuevo contexto, pueden evitar más fácilmente que vayan a una estación de policía u otros lugares que brindan asistencia a las

víctimas, como centros de referencia especializados, o incluido el acceso a canales de informes alternativos, como teléfonos o aplicaciones. La producción científica de las mujeres también tiene una caída alarmante: según el estudio del proyecto Parent in Science, el 40% de las mujeres sin hijos no completaron sus artículos (contra el 20% de los hombres) y el 52% de las mujeres con hijos no (contra 38 % de hombres). Las desigualdades de género en la ciencia que ya existían parecen estar aumentando. La carga de atención para las mujeres, que generalmente es tres veces mayor que la de los hombres, ha aumentado exponencialmente. En el área de la salud, sabemos muy bien que las mujeres son la mayoría y que están a la vanguardia para enfrentar la pandemia.

- En una investigación realizada por investigadores de UFMG y UNICAMP, junto con el colectivo "#VoteLGBT", el 44% de las lesbianas encuestadas; 34% de los gays; 47% de las personas bisexuales y pansexuales; y el 42% de los transexuales temen tener un problema de salud mental durante la nueva pandemia de Coronavirus. Según la Asociación Americana de Psiquiatría, las personas que forman parte de la comunidad LGBT tienen más del doble de probabilidades de tener alguna afección de salud mental durante su vida en comparación con el resto de la sociedad. El estudio en Brasil señala que el 28% de los encuestados ya han sido diagnosticados con depresión. El índice es casi cuatro veces más alto que el registrado entre la población brasileña, según datos de la Encuesta Nacional de Salud (2013). El estudio también revela que el 21,6% de los encuestados LGBT están desempleados, mientras que el índice total en Brasil es del 12,2%, según el IBGE.

- También es importante destacar las poblaciones afectadas por los desastres. Minas Gerais ha sufrido recientemente dos grandes desastres socioambientales relacionados con la minería: en 2015, rompió la presa Fundão propiedad de Samarco / BHP / Billiton en Mariana y en 2019, la presa de la compañía Vale en el municipio de Brumadinho con pérdidas aún sin la debida justicia. Además de los impactos en las cuencas de los ríos Doce y Paraopeba, las muertes registradas, el impacto en la infraestructura, en los proyectos de vida, los impactos de la pandemia en estos contextos de reconstrucción han sido un gran desafío para estas poblaciones.

Podría exponer aquí varios otros números y experiencias de otros sujetos y grupos: personas sin hogar, encarcelados, inmigrantes, refugiados, personas con discapacidad, ancianos. Eduardo Viveiro de Castro, el jefe Raoni, Ailton Krenak, Célia Xacriabá y muchos otros están advirtiendo a todo el mundo que Brasil se enfrenta a un genocidio. Quizás esto no sea nuevo, pero la situación que ya era una emergencia, ahora literalmente, no deja respirar³. Pero es importante enfatizar que incluso frente a tantas dificultades, negligencia, violencia y muertes, estas poblaciones han estado organizando y buscando formas

3 Referencia a la apelación que hizo George Floyd Jr. cuando la policía lo asfixiaba: "No puedo respirar".

colectivas, comunitarias y solidarias de enfrentar las desigualdades históricas y también los efectos de la pandemia. Son sujetos que rechazan la victimización, se presentan como sujetos capaces de construir soluciones a los problemas que los afectan y reiteran la denuncia de que la necropolítica y esta negligencia consisten en un proyecto claro para el exterminio de aquellos considerados como menos humanos, como escoria, como problemas.

El 17 de abril, 21 grupos de extensión e investigación de diferentes áreas de conocimiento que conforman la Red de Derechos Humanos de UFMG, publicaron un documento con 14 recomendaciones a representantes de los tres poderes del gobierno, profesionales de políticas públicas y la sociedad en general para tomar medidas para reducir los efectos de COVID-19. Este documento comienza enfatizando, según la Organización Mundial de la Salud, que la salud es un derecho humano fundamental y que consiste en un estado de completo bienestar físico, mental y social, y no solo en ausencia de enfermedad; que la salud de todos los pueblos es esencial para lograr la paz y la seguridad y que depende de la cooperación más estrecha de las personas y los Estados. Se considera que el desarrollo histórico y desigual en diferentes países con respecto a la promoción de la salud y la lucha contra las enfermedades, especialmente las contagiosas, constituye un peligro y un riesgo comunes. Se considera también que extender los beneficios del conocimiento médico, psicológico y afín a todos los pueblos es esencial para lograr el más alto grado de salud y dignidad; que la opinión pública ilustrada y la cooperación activa por parte del público son de suma importancia para la mejora de la salud de las personas y que los gobiernos tienen la responsabilidad de la salud de sus pueblos, lo que solo puede asumirse mediante el establecimiento de medidas sanitarias y sociales apropiadas, necesario e inmediato en el contexto de una pandemia (Constitución de la OMS, 1946). La primera recomendación presentada se refiere a la urgencia de proporcionar asistencia social, económica, asistencia, refuerzo de la salud, seguridad laboral y seguridad alimentaria inmediatas a las poblaciones históricamente vulnerables⁴.

Pero en vista de todo esto, ¿cómo han actuado las universidades públicas? ¿Cuál es nuestro papel en este contexto? Destaco aquí dos ejes transversales que creo que pueden guiarnos en este gran desafío que tenemos ante nosotros - una pandemia con efectos sin precedentes en un país tan desigual:

1) Trabajo en red: Hacer frente a la pandemia y sus consecuencias no puede ser realizado por un único actor o una institución aislada. Esta tarea requiere una articulación continua del poder público, las políticas públicas y las diversas instituciones y organizaciones de la sociedad, los movimientos sociales y la población en general. Son conocimientos diversos, de diferentes lugares, con rangos es-

4 Este documento se puede encontrar en su totalidad en:

<https://www2.ufmg.br/proex/Noticias/Noticias/UFMG-faz-recomendacoes-de-medidas-para-garantir-direitos-da-populacao-mais-vulneravel-a-pandemia>

pecíficos que deben usarse para construir proposiciones. El conocimiento y las prácticas científicas y académicas son de gran importancia en este contexto. Es esencial fortalecer las redes. Esta situación requiere que las universidades, una vez más, estén más cerca de la sociedad en un intenso diálogo y construcción conjunta. La extensión universitaria, por su naturaleza, ha contribuido y continúa contribuyendo a esto. Desde 2014, la Prorectoría de Extensión de la UFMG ha fomentado la política de redes interdisciplinarias que tiene como objetivo reunir a grupos de extensión, enseñanza e investigación en torno a los temas de emergencia de las sociedades contemporáneas para construir una agenda común y continua de acción en diálogo con otros sectores de la sociedad. Ejemplos de esta iniciativa son la Red de Derechos Humanos mencionada anteriormente, la Red de Salud Mental, la Red de Salud - Educación Básica, el Programa Participa UFMG - Mariana-Rio Doce-Brumadinho.

2) Política del cuidado: lamentablemente, la mayoría de los teóricos políticos disminuyeron el cuidado. El universo de las actividades de cuidado se entendió como algo relacionado con las clases bajas de la sociedad (mujeres, miembros de ciertas castas, trabajadores, inmigrantes, etc.), quienes son comúnmente los más excluidos de la política. Casi siempre asociado con una "naturaleza femenina" y, por lo tanto, algo más pequeño, restringido al campo de la vida privada, ahora se convierte en una necesidad ética y política. Joan Tronto y Berenice Fischer, definieron el cuidado como "[...] una actividad genérica que comprende todo lo que hacemos para mantener, perpetuar y reparar nuestro mundo, para que podamos vivir en él lo mejor posible. Este mundo comprende nuestros cuerpos, nosotros mismos y nuestro entorno, todo lo que tratamos de mantener interconectados en una red compleja que sustenta la vida"⁵. Puede parecer que esta definición sea demasiado genérica, pero lo que enfatizamos es que el cuidado tal como se define no aparece como un problema marginal en la vida de los seres humanos, sino que es central para su existencia, y no es algo limitado a las relaciones personales y familiares. Podemos deducir que las instituciones sociales y políticas también caen dentro del alcance de las actividades llevadas a cabo para apoyar la vida, así como para mantener y perpetuar el mundo en el que vivimos. En el campo de la extensión universitaria, es esencial que el cuidado no se confunda con el asistencialismo. Vale la pena mencionar que uno de los principios de extensión se refiere a la posición necesaria del diálogo entre la universidad y los sectores de la sociedad.

Con estos dos ejes en mente, que deben, en la propuesta que presento aquí, pasar por la política institucional de las universidades, creo que tenemos dos tareas principales, en este contexto de la pandemia:

Colaborar para salvar vidas: se está haciendo mucho y las universidades pueden hacer mucho más a este respecto. Quiero destacar el trabajo desarrollado

⁵ FISHER, Berenice e TRONTO, Joan. Toward a Feminist Theory of Care. In: ABEL, E. K. e NELSON, M. (Eds). *Circles of Care: Work and Identity in Women's Lives*. Albany: State University of New York Press, 1990, p. 35-62.

por los diversos proyectos y programas de extensión de UFMG que trabajan en el frente directo de la atención a la salud, otros que trabajan con los grupos más vulnerables (en aldeas, barrios bajos, ocupaciones, en el campo, gente de la calle). Desde la suspensión de las actividades presenciales en UFMG, la Prorectoría de Extensión ha lanzado una invitación a toda la comunidad universitaria estimulando que se envíen propuestas de actividades para que se desarrollen de forma remota, con el fin de contribuir a la prevención y confrontación de la pandemia. Se presentaron casi 100 propuestas y se han difundido diariamente a toda la población. Estas acciones se dividen en cuatro frentes principales: a) Actividades para colaborar con el aislamiento social, la medida principal, científicamente probada, para enfrentar la pandemia y que tiene diferentes consecuencias en la vida de las personas y no puede ser adoptada en su totalidad por muchos. La Red de Salud Mental de UFMG, junto con la Comisión Permanente de Salud Mental, implementó actividades para ayuda, servicios psicológicos y escucha dirigidas a toda la comunidad de UFMG: maestros, estudiantes, técnicos administrativos en educación, trabajadores subcontratados. Vale la pena recordar que la Organización Mundial de la Salud ha indicado que cualquier política para combatir la pandemia debe incluir acciones relacionadas con la salud mental. b) También se propusieron actividades para informar y responder preguntas de la población sobre COVID-19. Un punto a destacar en este conjunto de proyectos, se refiere a la organización de esta información en lenguajes ampliamente accesibles y por diferentes audiencias. Información para niños, ancianos, indígenas, trabajadores de la salud. Los proyectos que funcionan en la línea de difusión científica y popularización de la ciencia han producido conocimiento que se puede compartir en diferentes lenguajes, democratizando el acceso, lo cual es una acción fundamental y fuertemente relacionada con el derecho a la información. c) Se está desarrollando otro conjunto de actividades con grupos sociales vulnerables. Las actividades de extensión han brindado asistencia legal a poblaciones vulnerables, han colaborado en comités en varios municipios de Minas Gerais, trabajan con inmigrantes y refugiados, poblaciones de favelas y barrios marginales, poblaciones rurales, prostitutas, poblaciones encarceladas, pueblos indígenas y otros. En este sentido, se implementó una acción importante en conjunto con Radio Favela del Aglomerado da Serra en la ciudad de Belo Horizonte. d) Actividades de atención médica, que se han llevado a cabo en el Hospital das Clínicas de la UFMG y también en otros hospitales del estado. También se desarrollaron actividades con profesionales de la salud que trabajan en primera línea para enfrentar la pandemia. Este es un grupo social cuyo trabajo ha sido fundamental para hacer frente a COVID-19 y que también necesita apoyo y colaboraciones de diferentes órdenes. El apoyo en salud mental fue una de las primeras iniciativas con estos profesionales, desarrollada por proyectos de extensión en UFMG. No lo destacamos aquí, pero se están desarrollando innumerables otras actividades de investigación relacionadas con la búsqueda de una vacuna, pruebas, prototipos como respiradores, por ejemplo. Pero reforzamos que la capilaridad que la extensión tiene con la sociedad y que no siempre es visible y la velocidad con la que respondemos al momento del surgimiento de la pandemia revela que existen lazos perennes entre UFMG y otros sectores de la sociedad, con mucho conocimiento producido y acumulado. Y en este proceso, quiero destacar el desempeño de los estudiantes de UFMG. Esta experiencia ha sido de profundo aprendizaje, de solidaridad y es

muy importante que sea reconocida en su formación. Entonces, en esta primera tarea que destaco, entiendo que salvar vidas es cuidar a los que cuidan, estar atentos a la diversidad de la sociedad brasileña y también a las desigualdades, es cuidar a los que cuidan, es valorar a los autores de estas tareas.

Construir el presente y el futuro: algunos han llamado a esta tarea de construir la nueva normalidad, una expresión que ha recibido algunas críticas. El temor de los críticos, que comparto, es que las referencias a la normalidad continúan siendo aquellas que silencian, violan, matan, no dejan respirar. En el caso de Brasil, el retorno a lo que fue antes sería reforzar las desigualdades y la violencia tan naturalizadas y entendidas como "normales" entre nosotros. UFMG ha estado intensamente activa en extensión e investigación desde la suspensión de actividades presenciales el 19 de marzo y ahora se dedica a construir y planificar lo que está por venir. Tendremos que reinventarnos a nosotros mismos. Así, considerando que esta es una tarea dada: reinventar la universidad, la enseñanza, la investigación, la extensión, la cultura, el trabajo, los espacios, la comunicación y muchas otras dimensiones de la vida social, es esencial que definamos a partir de qué parámetros vamos hacerlo. En una entrevista reciente, Bruno Latour dijo que la pandemia nos mostró que la economía es una forma muy pobre y limitada de organizar la vida y decidir quién es importante y quién no. Si pudiera cambiar una cosa, dijo, sería salir del sistema de producción y construir una ecología política. Por lo tanto, la tarea de reinención debería hacernos muy vigilantes en relación con la dinámica histórica de la desigualdad que caracteriza a la sociedad brasileña y que con una "nueva" cara, tenderá a reposicionarse para continuar operando. Y es esencial que expongamos los principios y los lugares desde los que llevaremos a cabo esta tarea: calidad, equidad, derechos humanos, autonomía universitaria, interés público y solidaridad.

Y concluyo: no es la muerte lo que queremos, es la vida. Realizaremos esta construcción basada en los derechos humanos, utilizando experiencias innovadoras que a menudo son invisibles. Hay muchas personas, y hace mucho tiempo, que están soñando, pensando y construyendo un mundo diferente basado en los derechos humanos, la sostenibilidad y la justicia social. ¿Qué queremos en este momento? ¿Repetiremos o vamos a superar? En la nueva normalidad, ¿enfataremos lo nuevo o lo "normal"? Se necesita curiosidad (como Tom Zé cantó en una de esas muchas *lives* que nos han tomado durante el aislamiento social) y mucho coraje para aceptar esta tarea. ¡Vamos al trabajo!

Fecha de envío: 01/07/2020

Fecha de aprobación: 01/07/2020



Interface entre poder público municipal e universidade: o caso das ações de extensão universitária da UFRB na área ambiental

Fabiane Correia da Cunha
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
fabiane_correia@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa investigou os fatores limitantes e potencializadores das relações entre a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e órgãos do poder público local no âmbito dos projetos e programas de extensão universitária na área ambiental vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX). Para tanto, optou-se por realizar uma pesquisa do tipo exploratória, utilizando-se de uma abordagem qualitativa implementada a partir do estudo de caso, além da realização de entrevistas semiestruturada com os principais sujeitos envolvidos. Os resultados obtidos demonstraram que a relação/articulação entre a instância da UFRB, materializada nos projetos e programas de extensão e órgãos do poder público local, ocasiona, dentre os fatores potencializadores: a propagação das atividades e a inclusão de temas ambientais considerados urgentes para os municípios; e dentre os limitantes: a resistência e ausência de comprometimento em firmar vínculos e o entendimento superficial sobre as verdadeiras finalidades dos projetos e programas.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Meio Ambiente. Poder Público. Universidade.

ABSTRACT

The research investigated the limiting factors and the forces of separation between the Federal University of the Recôncavo of Bahia (UFRB) and the local public power in the scope of projects and programs of university extension in the environmental area linked to the Institutional Program of University Extension Scholarships (PIBEX). In order to do so, it was decided to carry out an exploratory research, using a qualitative approach implemented from the case study, in addition to conducting semi-structured interviews with the main concerns involved. The results obtained demonstrated a relationship/articulation between an instance of UFRB, materialized in the projects and programs of extension and power of the public power and the occasional series of potentiated events - the propagation of activities and inclusion of urgent environmental themes for the municipalities; and the limiting ones - the resistance and the absence of commitment in establishing bonds and the superficial and definitive understanding of the projects and programs.

Keywords: University Extension. Environment. Public Power. University.

INTRODUÇÃO

A relação do ser humano com o meio ambiente, desde os primórdios da humanidade, sempre ocorreu de forma direta e natural, mas, no entanto, tem sofrido diversas transformações com o passar dos anos. Num primeiro momento, o indivíduo se aproximava da natureza para retirar desta apenas o essencial para a sua sobrevivência. Com o passar do tempo, passou a explorá-la de acordo com as suas necessidades, não levando em consideração a possibilidade de exauri-la, contribuindo, desta forma, para a instalação de crise ambiental, em decorrência do modelo de desenvolvimento vigente, no qual impera a lógica da produção para o mercado (SILVA, 2015).

De acordo com Lima (2002), a sociedade vive uma crise ambiental, caracterizada principalmente pela industrialização desenfreada, rápido crescimento populacional nos centros urbanos, consumo predatório de bens e serviços e atividades agrícolas e extrativistas que põe em risco não apenas os recursos naturais mas também a qualidade da vida humana no planeta. Sob o ponto de vista da condição ambiental, isso requer medidas urgentes que perpassem por, pelo menos, três eixos fundamentais: ações de conscientização social, medidas científicas e tecnológicas limpas e políticas públicas eficientes e eficazes.

Esse cenário tem permitido que a temática ambiental integre o rol de discussões da era atual, e cada vez mais se torna visível a preocupação de diferentes segmentos da sociedade, como movimentos sociais, pesquisadores, organizações não governamentais, poder público e da própria universidade em relação aos impactos provocados pelo ser humano nos ecossistemas naturais (FRANÇA; RUARO, 2009).

Carvalho (2015) enfatiza que a preocupação com o meio ambiente vem estimulando novos estudos, pesquisas e debates sobre a matéria. Tais discussões procuram envolver os vários sujeitos sociais, inclusive as administrações públicas municipais, no processo de corresponsabilização entre sociedade e poder público para a proteção da natureza e para o desenvolvimento de um modelo de gestão que assegure a manutenção e a preservação desse bem.

O município integra a federação brasileira, conforme Arts. 1º e 18 da Constituição Federal [...], e possui autonomia político administrativa e financeira. Como ente da federação, o município tem crescido enormemente em importância tanto na oferta direta de bens e serviços públicos, quanto na promoção da cidadania, aperfeiçoando e acentuando as diferentes práticas de participação da sociedade na administração pública. Além desta dimensão política, o município tem também ocupado papel de destaque na promoção do desenvolvimento econômico e social das regiões, especialmente mediante a assunção de diferentes formas organizacionais, com ênfase para a formação de convênios, consórcios, programas, entre outras formas de atuação com forte orientação sistêmica (KLERING, et. al., 2011, p. 32).

As questões ambientais que a administração pública municipal precisa conhecer e intervir envolvem as necessidades existentes nos ecossistemas e no local de sua responsabilidade. Para tanto, existem políticas ambientais que orientam essa intervenção, envolvendo elementos como promoção da educação ambiental, planejamento da matriz energética, controle dos tipos de poluição, gerenciamento das licenças ambientais, controle dos impactos ambientais e das consequências econômicas desses para o município. No entanto, é interessante que o poder público disponha de profissionais capacitados e, de certa forma, sensibilizados com tudo o que diz respeito à busca pelo desenvolvimento sustentável. Além disso, é preciso que os cidadãos sejam sempre considerados quando abordagens como estas são tratadas no âmbito de um governo local, uma vez que as ações que daí surgirão beneficiarão a todos os municípios (SCHNEIDER, 2009).

Tendo em vista o contexto da crise ambiental que é vivenciado atualmente, na qual o ser humano extrapolou todos os limites para manter a sustentabilidade da vida na terra, nota-se a necessidade de que a presente temática seja discutida não apenas na esfera da administração pública municipal e da sociedade em geral, acerca da complexidade da interação ser humano-natureza, mas também no âmbito das universidades para que ocorra uma mudança de percepção nos futuros profissionais que essas formarão. Ressalta-se que a crise ambiental é um dos grandes desafios da sociedade contemporânea, mas somente soluções técnicas não são suficientes para solucionar o problema, pois, de acordo com Guimarães e Tomazello (2003), é preciso criar alternativas nas bases educacionais que promovam mudanças de hábitos, valores e atitudes.

Para Oliveira (2009), a universidade assume lugar de destaque na sociedade enquanto promotora do conhecimento e formadora de consciências individuais e coletivas. Assim como assume lugar importante na responsabilidade socioambiental frente à crise ambiental, principalmente quando lança mão de alguns mecanismos de sensibilização, como, por exemplo, participação e socialização dos conhecimentos produzidos para preservação da natureza. Como berço do saber, a instituição não pode mitigar a obrigação de pesquisar, debater, construir e difundir o conhecimento que produz. Assim, a universidade aparece muitas vezes integrada à realidade social de tal modo que a população pode se ver envolvida nas suas ações, seja na interação em projetos ou até mesmo em programas.

O papel primordial da universidade é a de gerar e difundir conhecimentos e saberes. Enquanto organismo socialmente constituído e determinado, tem refletido historicamente o quadro social de sua época e incorporado em suas agendas a temática fornecida pela sociedade onde se encontra inserida, abrigo em si os germes das contradições geradas na e pela própria sociedade, no confronto entre as diferentes perspectivas e interesses que permeiam o todo social (SANTOS, 2010, p. 11).

A partir dessa conjuntura, acredita-se que, através do eixo extensionista, a universidade lança mão do caráter prático, ativo e dinâmico nos debates e ações sustentáveis por parte da comunidade acadêmica, agindo em conjunto com a sociedade em geral.

Como atividade acadêmica, a extensão diferencia-se das demais por constituir um processo metodológico o qual pergunta pela importância social do ensino e que busca, por meio da pesquisa, referências objetivas para os problemas reais que envolvem a sociedade (SANTOS, 2010). Diante disso, a palavra "extensão" implica em estender-se, levar algo a algum lugar ou até alguém (FREIRE, 1982).

Para Oliveira (2009, p. 112), a extensão universitária é entendida nos dias atuais como:

um espaço privilegiado para viabilizar a interação do social e do institucional, em variadas e amplas dimensões, a fim de difundir e construir novos conhecimentos, frutos da intensa reflexão provocada sobre paradigmas atuais. A extensão, hoje, articula um processo educativo, cultural e científico, ao lado do ensino e da pesquisa, gerado pelas possibilidades e pela força articuladora que está na natureza das ações nascidas das relações sociais e comunitárias.

Logo, pode-se dizer que a extensão universitária é, na realidade, uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual está inserida. Ou seja, é uma espécie de ponte permanente entre universidade e os diversos setores da sociedade (SANTOS, 2010).

O papel da educação superior nas discussões sobre meio ambiente, no contexto da extensão universitária, vai muito além da relação ensino-aprendizagem interiorizada em salas de aula, ele avança no sentido de projetos e/ou programas extraclasse, envolvendo a população como espaço de formação para a comunidade local. As oportunidades para se trabalhar a temática na universidade envolvem: práticas concretas de ações de sustentabilidade que podem se resumir, dentre outras coisas, em projetos de extensão processual e contínuo de caráter educativo, social, científico ou cultural com objetivo específico e pré-determinado – podem ser práticas vinculadas a programas específicos da instituição; podem ser simplesmente projetos isolados; e ainda surgir em formato de cursos e eventos frequentes (LARA, 2012).

O presente trabalho parte do reconhecimento da importância dos projetos e programas de extensão universitária da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a sua contribuição para o desenvolvimento local, bem como a colaboração do poder público local como possível parceiro dessas ações. Para tanto, tem-se como objetivo geral investigar os fatores limitantes e potencializadores das relações entre a UFRB e órgãos do poder público local no âmbito dos projetos e programas de extensão universitária, na área ambiental, vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX).

O PIBEX é uma ação da Universidade protagonizado pela Pró-Reitoria de Extensão, cujo núcleo é responsável pelo planejamento, coordenação, supervisão e avaliação da extensão universitária. O Programa foi criado em 2009, com o objetivo de conceder bolsas a discentes regularmente matriculados nos mais variados cursos de graduação, vinculados a um projeto ou programa de extensão, orientados por um docente do quadro efetivo. Ao longo de sua criação, o PIBEX já concedeu centenas de bolsas de extensão por ano, abrindo oportunidades também para que os alunos participem das ações como extensionistas voluntários. Ressalta-se que, das oito linhas temáticas abarcadas pelo PIBEX definidas pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, e Trabalho), os projetos e programas selecionados para esta pesquisa partiram da área de Meio Ambiente.

Os objetivos do PIBEX, destacados na Resolução nº 009/2012 e, mais tarde na Resolução nº 006/2016 (ambas dispõem sobre o regulamento para o Programa), apresentam conexão com os propósitos da extensão universitária em toda a UFRB, tal como apresentados abaixo:

I) Viabilizar a participação de alunos no processo de interação entre a universidade e a sociedade através de atividades acadêmicas que contribuam para sua formação profissional e para o exercício da cidadania; II) Incentivar os processos educativos, culturais, científicos e tecnológicos como forma de aprendizagem da atividade extensionista, articulados com o ensino e a pesquisa de forma indissociável e que viabilizem a relação transformadora entre a universidade e a sociedade, contribuindo de forma qualitativa para a inclusão social; III) Fomentar o interesse por extensão universitária e incentivar novos talentos potenciais de estudantes de graduação, assim como contribuir para a formação e a qualificação de cidadãos socialmente comprometidos (UFRB, 2016, p. 1-2).

Para percorrer um caminho que possibilitasse encontrar respostas para o objetivo pretendido, optou-se por realizar uma pesquisa do tipo exploratória, utilizando-se de uma abordagem qualitativa, implementada a partir do estudo de caso. Na primeira etapa, realizou-se uma análise documental nos instrumentos normativos que disciplinam as atividades de extensão no seio do PIBEX. Além disso, foram coletados dados na Pró-Reitoria de Extensão referentes aos relatórios entregues pelos bolsistas e orientadores.

Por conseguinte, partiu-se para a pesquisa de campo, a qual possibilitou a realização de entrevistas semiestruturadas com os bolsistas e com os docentes que os orientaram nas atividades extensionistas. Essa fase também se estendeu aos gestores do poder público local em que os projetos e programas de extensão universitária foram desenvolvidos.

Diante do exposto, reitera-se a importância da discussão da temática ambiental no contexto do poder público municipal como forma de criar ações condizentes com as especificidades da sociedade local em relação ao trato das

questões ambientais. Além disso, acredita-se que a temática deva perpassar também pelas instituições de educação superior, já que essas têm o papel de abrir novos horizontes no âmbito social, principalmente através da extensão, que é o meio pelo qual a universidade desenvolve ações na relação com a sociedade com o intuito de impactar diretamente no desenvolvimento socioeconômico, cultural e local desta. Atenta-se, portanto, à recomendação para a ação conjunta dessas duas instâncias perante a presente matéria.

METODOLOGIA

O trabalho que aqui se apresenta foi executado entre os meses de outubro e dezembro de 2018, e é decorrente da pesquisa de mestrado realizada pelos presentes autores, sendo defendida e aprovada em fevereiro de 2019.

Para o desenvolvimento da pesquisa, delimitou-se como local de estudo exploratório a UFRB, em específico a Pró-Reitoria de Extensão – órgão vinculado diretamente a Reitoria, cuja finalidade é planejar, coordenar, supervisionar e avaliar a extensão universitária, sendo responsável, portanto, pela proposição da política de extensão nessa instituição de ensino, conforme o que consta no seu site institucional (UFRB, 2018).

Nesta perspectiva, para o estabelecimento da extensão universitária, várias ações articuladas e concomitantes são empreendidas. Normas e incentivos têm sido criados para desenvolver um ambiente de motivação, por exemplo, a obrigatoriedade da ação extensionista nos currículos dos cursos de graduação, a valorização das atividades de extensão para progressão dos professores e a criação do PIBEX (UFRB, 2009).

Conforme o disposto no Decreto nº 7.416/2010, que regulamenta os artigos 10 e 12 da Lei nº 12.155/2009 os quais tratam da concessão de bolsas para o desenvolvimento de atividade de ensino e extensão universitária em nível nacional, no seio da UFRB, a regulamentação da atividade extensionista no contexto do PIBEX ocorreu somente em 2012, através da Resolução do Conselho Acadêmico (CONAC) nº 009/2012. Porém, as primeiras bolsas de extensão foram concedidas em 2009. Em virtude disso, o marco temporal da pesquisa se iniciou em 2009 (ano que marca a criação do Programa) e finalizou-se em 2017 (pois os relatórios disponibilizados para análise na Pró-Reitoria de Extensão foram datados até esse ano). Em suma, o período eleito para análise dos projetos e programas submetidos ao PIBEX compreende os anos de 2009 a 2017.

Tendo em vista a presença dos sete Centros de Ensino da UFRB¹, sele-

¹ Atualmente a UFRB oferta cursos de graduação e pós-graduação (Lato e Stricto Sensu), distribuídos em 6 campus e 7 Centros de Ensino no Estado da Bahia, quais sejam: Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC), ambos situados em Cruz das Almas; Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) em Cachoeira; Centro de Ciências da Saúde (CCS) em Santo Antônio de Jesus; Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) em Feira de Santana; Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) em Santo Amaro da Purificação; e Centro de Formação de Professores (CFP) em Amargosa.

cionou-se, para a pesquisa, os projetos e programas submetidos por docentes do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC), ambos situados em Cruz das Almas. Estes foram escolhidos em virtude do tempo de existência, ou seja, por serem os Centros de Ensino mais antigos da instituição e por caracterizarem-se como os mais propensos ao desenvolvimento de atividades na linha ambiental, considerando a presença dos diversos cursos de graduação e pós-graduação nessa área.

Cabe destacar que o PIBEX dá a liberdade para que os docentes submetam os mesmos projetos ou programas em mais de uma edição, não impondo limites para isto. Como o próprio título do trabalho que aqui se apresenta já traz em seu ensejo o intuito de analisar a relação entre universidade e poder público, estudou-se a possibilidade de abarcar na a pesquisa tanto os projetos e programas que mantiveram alguma parceria com a esfera pública no local em que foram desenvolvidos – a fim de apresentar os principais aspectos decorrentes da articulação – quanto aqueles que não mantiveram tal relação – na tentativa de explicitar os motivos pelos quais impossibilitaram-na.

Tomando essas informações como horizonte, foram catalogados na Pró-Reitoria de Extensão da UFRB, ao todo, 42 projetos e/ou programas na área temática de Meio Ambiente. Para a pesquisa, selecionou-se 4 ações desse tipo, ou seja, 2 projetos (coordenados por docentes do CCAAB) que mantiveram relação com o poder público local, sendo escolhidos para integrar o estudo de forma intencional. Selecionou-se ainda, dentro desse universo (definidos por sorteio de forma aleatória entre os 40 restantes), mais 2 ações (1 projeto e 1 programa coordenados por docentes do CETEC) cuja execução não apresentou envolvimento com o poder público local.

Portanto, os projetos selecionados deveriam atender a quatro critérios: 1) ter acontecido no período de 2009 a 2017; 2) ser representativo da área temática de Meio Ambiente; 3) partir dos Centros de Ensino do CCAAB e do CETEC; 4) e que já estivessem finalizados.

Em razão dessa delimitação e para alcançar os objetivos propostos, a amostra elegível também foi intencional, ou seja, composta por 4 docentes (orientadores(as)) e 4 discentes (bolsistas de extensão), como sujeitos da pesquisa que compuseram os projetos e programas selecionados. Os demais integrantes da pesquisa foram os(as) gestores(as) do poder público – distribuídos nos municípios em que os projetos e programas foram desenvolvidos. Deste modo, as entrevistas semiestruturadas, com tais sujeitos, foram organizadas e realizadas da seguinte forma:

- As entrevistas semiestruturadas com os(as) orientadores(as) dos projetos e programa ocorreram entre os meses de outubro e novembro de 2018, conforme definição, local e horário estabelecido, e na presença exclusiva desses. Preliminarmente, encaminhou-se, via e-mail, o convite para a participação dos orientadores(as) como voluntários(as) da pesquisa;
- Para os(as) bolsistas, as questões com o roteiro da entrevista foram en-

caminhadas por e-mail, entre os meses de outubro e novembro de 2018. Pelo fato de serem egressos, constatou-se que os(as) bolsistas residiam em outras cidades, inclusive em outros Estados do Brasil. Logo, as entrevistadas, através desse canal de comunicações online, apresentou-se como alternativa metodológica mais factível. Salienta-se que a formatação das perguntas presentes nos roteiros das entrevistas foram elaboradas no editor de textos do Microsoft Word, por este ser o mais flexível possível, permitindo que os(as) participantes tivessem total liberdade nas respostas aos questionamentos ali contemplados;

- Já as entrevistas com os(as) gestores(as) do poder público, ocorreram entre os meses de outubro e dezembro de 2018. O convite foi feito presencialmente nos próprios órgãos. Posteriormente, tais gestores(as) definiram a data, o local e o horário em que a pesquisadora poderia comparecer para a entrevista.

Cabe lembrar que, na fase da realização de todas as entrevistas presenciais, recorreu-se ao gravador, cujo objetivo foi garantir a fidedignidade das respostas dos(as) entrevistados, e, posteriormente, servir como suporte para a descrição dos resultados da pesquisa.

Ressalta-se que, para cumprir os aspectos éticos da pesquisa, no que se refere a confidencialidade e a identificação dos(as) participantes, houve a omissão dos nomes destes(as), assim como dos títulos dos projetos e programa, os quais foram denominados de Projetos A, B e C, e Programa D.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a transcrição dos registros das entrevistas semiestruturadas e leitura minuciosa dessas, os dados coletados foram organizados em duas categorias, levantadas a partir da recorrência nos registros analisados, sendo elas: 1. Relação entre o poder público local e os projetos/programas de extensão universitária na área ambiental do PIBEX; e 2. Poder público local e a questão ambiental: um olhar a partir dos projetos e programas de extensão universitária na área de meio ambiente da UFRB.

A seguir serão apresentadas as análises de cada categoria separadamente, embora elas estejam intimamente imbricadas. Foram selecionados, em cada categoria, os dizeres dos sujeitos partícipes da pesquisa que mais evidenciaram o avanço analisado.

Relação entre o poder público local e os projetos/programas de extensão universitária na área ambiental do PIBEX

Os dois projetos de extensão universitária, na linha temática de Meio Ambiente, que contaram com parcerias com o poder público local, foram submetidos por docentes do CCAAB e aprovados na seleção do PIBEX no ano de 2010. Já os outros dois que, neste caso, foi um projeto e um programa de extensão universitária, cujos planos de trabalho não apresentaram parcerias com o poder público local, foram submetidos por docentes do CETEC e aprovados na seleção do PIBEX no ano de 2010 e 2014, respectivamente.

O primeiro projeto do PIBEX selecionado para estudo, que aqui será chamado de Projeto A, teve vigência de um ano. O Projeto foi desenvolvido junto aos professores da rede pública de ensino da Educação Básica de Maragogipe, município pertencente ao Território do Recôncavo da Bahia, tendo como objetivo a construção de um plano de ação, de forma participativa, capaz de comprometer todos os setores locais. Além dos docentes das escolas, o projeto pretendeu incluir o poder público local, representações comunitárias, conselhos gestores, dentre outros, para o enfrentamento dos problemas evidenciados numa reserva extrativista de manguezal, caracterizada como Área de Proteção Permanente (APP), a fim de criar condições necessárias para a sensibilização ambiental e o despertar para alternativas sustentáveis de desenvolvimento das comunidades.

O Projeto B foi o único que possuiu duas edições: uma em 2010 e a outra em 2011. Porém, selecionou-se para a pesquisa a edição de 2010, que apresentou articulações com o poder público local. O projeto tratou sobre a questão do resíduo orgânico na feira livre de Cruz das Almas, a conscientização ambiental da comunidade local e a participação da educação ambiental na gestão e, principalmente, no que diz respeito à produção do lixo, a reciclagem e a minimização dos impactos sobre o ambiente. Na ocasião, todo o resíduo produzido pelos feirantes foram coletados e transformados em compostos orgânicos para serem distribuídos à própria população e doados para a produção de mudas de espécies arbóreas na UFRB.

O Projeto C teve o seu desenvolvimento também no município de Cruz das Almas, e apresentou como principal objetivo o conhecimento acerca da contribuição de uma comunidade localizada na zona rural na dinâmica da poluição das águas de um rio que ficava em seu entorno, decorrente do processo de urbanização e usos múltiplos registrados ao longo dos anos. Para tanto, um programa de educação ambiental foi executado numa escola daquela área com a finalidade de se estabelecer uma base para a efetivação das ações de recuperação da qualidade do rio, e trabalhar a consciência sobre a problemática ambiental evidenciada, levando os indivíduos a adotarem uma postura mais participativa na gestão dos recursos naturais, de forma a se tornarem agentes

multiplicadores.

Já o Programa D tratou sobre a implantação de um programa de educação ambiental em duas escolas da rede pública de Ensino Fundamental, ainda em Cruz das Almas. O objetivo era alertar sobre a problemática da grande produção de lixo pelos seres humanos e estudar conceitos importantes, como reciclagem, coleta seletiva e compostagem, conscientizando alunos e educadores das escolas cadastradas, através de aulas expositivas e práticas, sobre a importância da mudança de hábitos para melhorar as condições ambientais. Todo o resíduo coletado em ambas as escolas foram doados a uma associação de catadores de materiais recicláveis do município.

Importante destacar que nas análises dos relatórios parciais e finais, catalogados na Pró-Reitoria de Extensão, foi possível perceber que a concepção de extensão universitária, no âmbito dos projetos e do programa, estavam atreladas principalmente ao caráter formativo dos bolsistas, bem como na troca de saberes e experiências entre os extensionistas e a comunidade integrante das ações. Além disso, identificou-se que, de certa forma, o intuito das ações também se direcionavam para o desenvolvimento local, no instante em que temas importantes estavam sendo tratados nos municípios.

Diante das características das ações de extensão apresentadas, notou-se que a maioria dessas foram desenvolvidas em escolas. Fato que pôde ser notado também em grande parte das propostas catalogadas na Pró-Reitoria de Extensão da UFRB. Embora o foco de análise fosse o campo ambiental, evidenciou-se que não apenas os projetos e programas da área de meio ambiente tiveram essa característica, mas também diversas outras linhas temáticas do PIBEX como, por exemplo, a de Educação.

Vale ressaltar que as ações desenvolvidas no âmbito do PIBEX se estenderam aos professores por meio de capacitações, aos alunos à comunidade local. Assim, estabelece-se as novas relações da universidade com a sociedade, que agora passa a exercer seu compromisso perante às demandas sociais, entre eles a aproximação com a educação pública.

Sobre parcerias estabelecidas entre o poder público local e os projetos e programa de extensão, apenas dois destes contaram com algum tipo de articulação ao nível local, especialmente com Secretarias Municipais ligadas as Prefeituras de onde as ações foram desenvolvidas. Os demais não estabeleceram, nos seus planos de trabalho e nem durante o decorrer das atividades, nenhuma relação desse tipo.

No Projeto A, por exemplo, foi firmada uma articulação com a Secretaria Municipal de Educação, visando uma espécie de autorização (através de uma carta) para que as atividades fossem executadas junto aos professores nas escolas cadastradas. Desta forma, constantemente, ocorriam visitas às instituições de ensino e à própria Secretaria para verificar e informar os docentes e gestores sobre o andamento do projeto, bem como apresentar os relatórios das ações. Os demais avisos eram enviados, por e-mail, ao gestor responsável pelo órgão público e aos diretores dos estabelecimentos escolares.

As atividades do Projeto B precisaram ser subsidiadas pela Secretaria

Municipal de Agricultura e Meio Ambiente para facilitar a aproximação com os feirantes e colaborar com os demais trâmites. A articulação com esse órgão foi pensada, sobretudo, em virtude do caráter extensionista do projeto e com o intuito de atender a demanda da população local, que se incomodava com o descarte inadequado dos resíduos. Após uma série de reuniões com os gestores lotados na Secretaria, houve a assinatura de um Termo de Cooperação Técnica, no qual se cogitou o apoio na logística e matérias-primas para auxiliar na execução das atividades.

Orientador(a) do Projeto B: Nós, inicialmente, antes de iniciar o Projeto, levamos para os gestores da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente ver se queriam participar. Na realidade, o Projeto era pra ter sido feito em 4 ou 5 prefeituras do Recôncavo. A gente não conseguiu ter o apoio, porque precisava de um carro, e a Universidade não tinha [...]. Então a gente resolveu fazer só com a de Cruz das Almas pra tentar facilitar, porque a gente ia coletar lixo, e pra ficar mais fácil pra trazer pra Universidade.

Bolsista do Projeto B: Como o projeto tinha uma interação direta com a feira livre de Cruz das Almas, propondo uma nova estratégia para a gestão e aproveitamento dos resíduos orgânicos, estabelecer uma parceria com a gestão pública local foi fundamental. Diante também da necessidade que existia para viabilizar a coleta e transporte dos resíduos, já que o Projeto tinha recursos só para a bolsa do estudante e não garantia nenhuma etapa de logística nem estrutura do Projeto. Assim, nos aproximamos da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, solicitamos algumas reuniões e apresentamos o Projeto.

Como pode-se notar até o momento, a iniciativa para requerer algum tipo de apoio do poder público local em ambos os casos anteriores, partiu dos(as) orientadores(as) dos projetos. O que chama à atenção são os instrumentos utilizados para solicitar essa demanda (Carta de Autorização e Termo de Cooperação Técnica) antes mesmo de colocar em prática as atividades. No mais, evidencia-se que as reuniões iniciais foram de fundamental importância para que todas as informações referentes aos projetos fossem transmitidas para os(as) gestores(as), tanto que esses(as) assinaram os documentos que comprovaram tal entendimento do que estava se requerendo naquele instante.

Quanto aos resultados alcançados por meio da parceria entre os projetos de extensão universitária e o poder público local, as falas indicam que as contribuições ficaram mais condensadas no âmbito do desenvolvimento local dos próprios municípios, gerando também benefícios para a comunidade ao atingir determinadas áreas ambientais que anteriormente não recebiam a atenção devida.

Orientador(a) do Projeto A: Essa experiência de Maragogipe foi a primeira experiência oficial com o selo do Ministério do Meio Ambiente (MMA). E o Ministério delegou essa responsabilidade para a ONG **Instituto BiomaBrasil**, já que foi a

ONG que adaptou e conhece o guia, fez toda adaptação técnica desse material, foi a ONG que conduziu o curso de capacitação com os professores². O curso durou 100 horas, porque teve uma parte presencial com os professores. Os professores ganharam esses exemplares e levaram para suas escolas. Tinham exemplares para as escolas, mas a **equipe do Projeto também acompanhava** esses professores mês a mês para acompanhar a evolução do trabalho deles, tentar mediar problemas e dúvidas. Só pra você ter ideia, depois dessa experiência de Maragogipe, esse guia com o apoio dessa mesma ONG, já fez essa experiência em mais oito municípios ao longo da costa brasileira: na Bahia, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo e também São Paulo. O Ministério preza por esse instrumento para se trabalhar com escolas no entorno de áreas protegidas que tenham manguezais. Então, é algo que continua e essa experiência do PIBEX foi a primeira (grifo nosso).

Bolsista do Projeto A: Ocasionou em uma abordagem inicial com resultados satisfatórios, pois a presença e o envolvimento dos professores com a oficina, durante a Jornada Pedagógica, motivou-os a começar o desenvolvimento dos projetos em suas escolas.

Orientador(a) do Projeto B: A articulação entre o Projeto com o poder público local, permitiu uma maior aproximação com os feirantes, já que o município carecia de atividades daquele tipo, tendo em vista que, até aquele momento, não se tinha identificado nenhum projeto por parte da Prefeitura Municipal parecido com o que o PIBEX estava executando. Foi possível identificar que, graças à parceria, houve um maior engajamento dos feirantes que participavam das ações, e mesmo os que não tinham sido contemplados pelo Projeto, no ato do cadastramento, começaram a se espelhar naqueles que separavam o lixo para compostagem. Além disso, inicialmente, viu-se a sensibilidade dos gestores em colaborar com o Projeto, através do transporte para o carregamento do material coletado na feira-livre.

A Resolução nº 038/2017, que versa sobre as normas que disciplinam as ações de extensão universitária na UFRB, apresenta, como concepções deste termo, a relação da Universidade com os demais setores da sociedade, seja como alternativas de diálogo, interação e até mesmo como forma de atendimento às necessidades e a resolução das problemáticas sociais.

2 O Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (IMCBio) é o órgão responsável pela gestão daquela área protegida. Por conta disso, o Projeto precisou ser cadastrado no portal online do Instituto. Além disso, o Ministério do meio Ambiente (MMA) se dispôs a ceder alguns exemplares do guia didático "Os Maravilhosos Manguezais do Brasil" para que a equipe pudesse trabalhar com os professores da rede pública de ensino local. Tal material teria sido elaborado com base em uma experiência americana desenvolvida por uma Organização Não Governamental (ONG), denominada *Mangrove Action Project*, e adaptada à realidade brasileira. Assim, uma ONG brasileira, chamada Instituto BiomaBrasil, responsável pela adaptação do guia didático, e na qual o orientador do Projeto de extensão teria atuado como diretor, foi a responsável pelo processo de capacitação dos professores da rede pública escolar.

Art. 3º [...], considera-se que a Extensão Universitária: I – representa um trabalho em que a relação universidade-professor-estudante-técnicos administrativos-comunidade, torna-se uma possibilidade eficaz de diálogos, intercâmbio, interação, transformação mútua, desafios e complementariedade; II – constitui uma estratégia de comunicação permanente com os demais setores da sociedade, sua problemática e potencialidades; III – é um meio de formar profissionais cidadãos capacitados a responder, antecipar e criar repostas às necessidades da sociedade; IV – favorece a renovação e a ampliação do conceito "sala de aula", que deixa ser o lugar privilegiado para o ato de aprender, adquirindo uma estrutura ágil e dinâmica, caracterizada por uma efetiva aprendizagem recíproca de estudantes, servidores técnicos e docentes e outros segmentos da sociedade, ocorrendo em qualquer espaço e momento, dentro e fora da Universidade (UFRB, 2017, p. 1-2).

Para Santiago (2017), a extensão universitária, ao interagir com outros segmentos da sociedade, cumpre alguns papéis importantes tais como, formativos, de colaboração com o desenvolvimento e de socialização de saberes. Ao mesmo tempo, delega à universidade, em relação aos objetivos da produção do conhecimento, a aproximação e a circulação entre seus efetivos destinatários e o seu compromisso com a transformação da realidade social. Ainda assim, abrange públicos variados, difusos, e para além dos "muros" da universidade, demandando a valorização da dialogicidade e alteridade.

Das principais dificuldades enfrentadas através da relação entre os projetos de extensão universitária e o poder público local, um ponto em comum chama a atenção: ausência de compromisso por parte dos gestores públicos em assumir as responsabilidades perante as ações extensionistas.

Orientador(a) do Projeto A: Por parte da Secretaria Municipal de Educação, ela não parecia estar organizada o suficiente, preparada o suficiente pra acompanhar, pra conduzir. Ela foi informada o tempo todo. Eu mandava mensagens, e relatos, e relatórios do nosso Projeto para os gestores dessa Secretaria, mas sem muito feedback, sem muito retorno.

Bolsista do Projeto A: Na minha opinião, a principal dificuldade foi o lançamento de outros projetos por parte da Secretaria para as escolas participantes, tornando assim o calendário escolar e o tempo dos professores envolvidos sobrecarregados.

Orientador(a) do Projeto B: Durante esse processo, foram surgindo algumas dificuldades, porque a Secretaria tinha outras prioridades com a população local, e a gente não podia ficar esperando por muito tempo, por conta da entrega dos Relatórios. E a Secretaria deixou completamente de dar o apoio logístico necessário para as ações do Projeto seguir em frente. Eu, por exemplo, tive que

comprar o material com o meu dinheiro. Saiu do meu bolso, por falta de compromisso da Secretaria.

Bolsista do Projeto B: A Secretaria da Prefeitura se mostrou sensível ao Projeto, compreendia a necessidade de um novo olhar para a gestão dos resíduos, apoiando inicialmente com a logística dos resíduos coletados nas primeiras semanas, mas não conseguiu firmar seu compromisso na totalidade do Projeto, devido às grandes demandas já existentes no próprio município e à inexistência de uma política pública local para fomentar melhor a reutilização da matéria orgânica perdida nos dias de feira. A maior dificuldade foi a descontinuidade do compromisso com a coleta e com o transporte por parte da Secretaria, que foi o principal gargalo. Já que também era muito complicado articular o transporte através da Universidade.

Em um dos relatos de um(a) participante da pesquisa, fica bem claro que houveram tentativas de aproximar os(as) gestores(as) das atividades dos projetos, ao informá-los sobre o que estava acontecendo, utilizando alguns meios para isso, como o envio de mensagens e relatórios. Já em outros relatos, é possível perceber que algumas prioridades foram postas à frente dos projetos de extensão, o que demonstra ainda mais a desorganização na forma de atuação desses órgãos.

Como o Projeto C e o Programa D não requereram nenhuma forma de articulação com o poder público local, já que, em virtude das próprias características, vê-se que não seria necessário nenhuma contrapartida da esfera pública municipal. Notou-se, durante a entrevista com os(as) orientadores(as), concepções ideológicas semelhantes em relação à possibilidade de submissão de projetos ou programas, na área ambiental, ao PIBEX com uma futura vinculação com órgãos públicos.

Tais orientadores(as), coincidentemente, participaram voluntariamente, anteriormente a essas ações, de um projeto de extensão submetido por um(a) outro(a) docente da UFRB, também de cunho ambiental, porém, num programa diferente do PIBEX. Verificou-se diversos transtornos enfrentados durante as atividades, em decorrência da articulação com o poder público, o que desmotivava constantemente toda a equipe a continuar executando as atividades. Essa experiência se tornou o passaporte inicial para que os orientadores não quisessem mais elaborar projetos ou programas de extensão que firmassem esse tipo de relação.

Orientador(a) do Projeto C: Atualmente, pela experiência que a gente teve, até posterior a esse Projeto, é difícil, pelo menos com as Secretarias que eu entrava em contato. A gente enfrentou dificuldades de relacionamento para elas participarem. Quando a gente solicitava algum material ou mão de obra, ou algum custo, eles não apoiavam. Quando solicitamos só espaço físico, eles ainda cedem. Não só a Prefeitura Municipal de Cruz das Almas, mas a de outros

municípios também, sensibilizam-se com os projetos, mas não querem arcar com os custos, porque acham que a Universidade tem a obrigação de fazer tudo. Como uma das atividades da Universidade é a extensão, a Prefeitura acha que a Universidade tem que fazer tudo e arcar com aquelas obrigações que são da própria Prefeitura. Então, acham que a gente tem mais dinheiro, que os professores tem mais tempo, que os alunos tem mais tempo e que os recursos da Universidade são maiores do que os da Prefeitura. Então, não querem ceder recursos pra gente desenvolver os projetos.

Orientador(a) do Programa D: Uma coisa que eu já percebi é que muda Governo, muda o secretário, aí você tem que começar do zero, né? Não existe um histórico ou nenhuma continuidade lá dos projetos que estão em andamento ou que eles estão apoiando. Aí você tem que chegar e tentar fazer toda essa articulação de novo, de conversar com o secretário pra falar do projeto, pra falar do que está acontecendo e colocar ele a par e dar continuidade. Então, isso é o que eu acho pior de todo o processo. A Prefeitura acha que a Universidade é rica e tem mais dinheiro que eles.

Observando esses depoimentos, depreende-se que há uma confusão acerca dos papéis na relação entre universidade e poder público, que, de maneira geral, coloca esta primeira e as suas ações de extensão universitária apenas na concepção de prestação de serviços. Sobre isso, Santos (2013, p. 26) aponta que:

Importa destacar, entretanto, que a universidade pública não se constitui como uma secretaria de Governo; sabe-se que não é papel dela realizar as funções intrínsecas do poder público. Apesar de se discutir muito sobre o seu desempenho, levando-se em conta esta questão, é importante diferenciar suas atribuições. Um fato interessante, neste contexto, é sua força nas intervenções dos problemas de caráter social, o que a apresenta como parceira do poder público.

Nota-se também que a questão financeira aparece como um dos maiores gargalos quando trata-se do apoio do poder público. Existe a concepção de que a Universidade possui mais recursos que os demais órgãos públicos, e, por isso, deve arcar com todas as questões que envolvem finanças. No entanto, grande parte dos programas de ensino, pesquisa e extensão da UFRB somente concedem as bolsas aos estudantes de graduação, como é o caso do próprio PIBEX, sendo necessário que os professores busquem apoios externos para viabilizar as atividades. E, em virtude das atividades serem desenvolvidas em beneficiamento dos próprios municípios, recorre-se a algumas organizações locais para se firmar articulações.

De acordo com Ávila e Malheiros (2012), o município, além da decisão política de envolver-se no tema e enfrentar todos os conflitos oriundos da tomada de posição em relação a um tema tão abrangente e complexo como o

meio ambiente, também precisa preparar-se, capacitar-se. Cabe aos gestores públicos estabelecerem parcerias, porque algumas questões ambientais extrapolam as fronteiras de um município e condicionam a eficácia da solução à resolução cooperada do problema. Isto favorece o uso eficiente de recursos públicos e a otimização dos recursos humanos. Ainda assim, é preciso a disponibilização dos recursos necessários, legais, estruturais, operacionais, financeiros, tecnológicos e técnicos, de modo a atender tanto às exigências de uma ação eficiente no trato das questões ambientais, quanto as suas interfaces de cooperação com a sociedade em termos de participação.

É relevante também que haja a continuidade das ações, pois ainda perdura, dentro dos órgãos municipais, o retardamento do processo da administração local, e persistem modelos de administração marcadas pelo individualismo e pela burocracia. As próprias Secretarias Municipais não conversam entre si, processo esse que é consequência das diferenças partidárias que inviabilizam qualquer atuação conjunta e o prosseguimento daquilo que já estava posto como possível contribuição para o desenvolvimento local. As Prefeituras Municipais não fazem os Consórcios Públicos para tratar de determinadas especificidades locais, sem considerar que isso poderia estar acarretando benefícios nas contas públicas e gerando bem-estar aos cidadãos.

Por outro lado, mesmo com os gargalos enfrentados na relação do Projeto com o poder público, o(a) Orientador(a) do Projeto A, afirmou que estaria disposto(a) a submeter novamente ao PIBEX um novo projeto ou programa de extensão universitária cuja articulação contasse com o apoio da esfera pública local, inclusive ele tem participado atualmente de algumas ações em municípios do Recôncavo da Bahia com diálogos nas Prefeituras e Secretarias a fim de firmar um Termo de Cooperação Técnica entre a UFRB e o poder público a partir do rascunho de um projeto.

Já o(a) Orientador(a) do Projeto B esclareceu que, por conta dos entraves oriundos dessa articulação, somente estaria disposto(a) a escrever um novo projeto ou programa de extensão com apoio do poder público local caso tivesse conhecimento sobre referências anteriores acerca dos aspectos profissionais e acadêmicos do gestor responsável pelo órgão público. O(a) Orientador(a) do Projeto B acredita que, caso haja alguma mudança do ponto de vista político dos gestores e o viés do que eles veem como meio ambiente, a construção de ações de extensão iria facilitar ainda mais a aproximação da Universidade com a esfera pública municipal. Inclusive, esse(a) tem sido procurado(a) pelos(as) gestores(as) da mesma Secretaria, a qual se recorreu ao apoio no passado, para o Projeto de extensão, no sentido de elaborar um projeto ambiental de conservação de uma área protegida, mas já deixou claro que a sua função será apenas a de escrever a parte teórica das atividades, ficando o desenvolvimento prático por parte da secretaria.

De todo modo, a participação do poder público local foi considerada por todos(as) os(as) entrevistados(as) como de extrema importância para o desenvolvimentos de projetos ou programas de extensão universitária na área de meio ambiente. A seguir apresenta-se as fala dos(as) bolsistas perante essa

consideração.

Bolsista do Projeto A: Ao enxergar os pontos positivos que resultará da parceria com a Universidade, poderia abrir espaço em eventos para atividades do Projeto, auxiliar com material ou pessoal para o desenvolvimento das atividades e oferecer incentivos às pessoas envolvidas para participarem do Programa.

Bolsista do Projeto C: Por intermédio de uma parceria comprometida com o desenvolvimento local que, de certa forma, contribuiria para fomentar o crescimento socioeconômico e sustentável. A população teria a oportunidade de obter uma resposta por parte da UFRB para sanar alguma questão social, sem contar que a instituição possui em seu quadro professores pesquisadores de um alto nível de conhecimento capaz de oferecer para a sociedade diversas alternativas de soluções de problemas sociais.

Bolsista do Programa D: O poder público local tem tudo para obter resultados positivos: investindo, divulgando, exigindo encontros de forma que possa abranger mais ainda a população.

Interpretando o conteúdo das falas, infere-se que os(as) gestores(as) públicos poderiam estar contribuindo de diversas formas com o desenvolvimento das ações extensionistas na área, principalmente com a disponibilização de recursos humanos, materiais e até financeiros. O que seria uma maneira de dar uma contrapartida à população. Afinal de contas, além dos impostos em geral, essa também contribui com os tributos municipais, os quais poderiam ser reinvestidos por meio dessas atividades. E não apenas isto, mas o poder público deveria divulgar os projetos, de forma que a população pudesse ficar ciente das relações que esse firma com uma universidade que está localizada dentro do próprio município.

No que se refere a identificação de temas prioritários para o desenvolvimento de projetos ou programas de extensão universitária na linha ambiental, em parceria com o poder público local, verificou-se que os resíduos urbanos representam uma problemática que está mais em evidência no momento. Além dessa temática, foram citadas como urgentes: a arborização urbana, a questão agroecológica sustentável, o saneamento básico e a conservação das nascentes.

Orientador(a) do Projeto A: Eu não compreendo como que temos uma UFRB aqui dentro da cidade, com 3 ou 4 grupos que trabalham pesquisa sobre gestão de resíduos sólidos, e a Prefeitura gasta dinheiro contratando empresas externas para preparar o seu Plano de Gestão. Isso é surreal. Então, nem a Universidade está conseguindo se impor e, me parece, que nem a Prefeitura está muito disposta a nos ouvir, embora exista afinidades políticas e ideológicas, até

partidárias. Então, isso não é só um exemplo de Cruz das Almas, mas de todas as Prefeituras da região que padecem do mesmo problema. Me assusta, por exemplo, o aspecto de arborização urbana. Aqui, não existe um sistema de poda de árvore, existe mutilação de árvore. Quando você vai no Recôncavo inteiro, você vê que nenhuma Secretaria tem uma Política Municipal de Educação Ambiental, correto?

Orientador(a) do Projeto B: Aqui não tem nenhuma ação da Prefeitura em relação à reciclagem de lixo. Então, todo mundo descarta o lixo da forma que quer, na hora que quer. E isso a Prefeitura tem que passar à frente, porque já era pra ter terminado a questão dos lixões, só que o Governo Federal achou que tem que ampliar, então ampliou o prazo pra mais 10 anos. Então, não tem que ter mais lixão, só aterro sanitário. Mas, aqui em Cruz das Almas ainda não despertaram, porque o lixo é problema. Eu acho que tem muita coisa que a gente pode fazer. A Prefeitura deveria reverter recursos para essa questão.

Bolsista do Projeto B: Alguns temas que gostaria de citar são: as relações etno-botânicas e as novas perspectivas da aproximação da sociedade com a natureza [...]; a agricultura ecológica versus agricultura convencional, desmistificando os modos de sobrevivência na roça a partir da Agroecologia e seus sistemas dinâmicos; e recuperação de áreas degradadas e corpos hídricos utilizando a restauração produtiva, construindo soberania alimentar.

Orientador(a) do Projeto C: Um tema é o saneamento básico, principalmente no cenário atual, no qual existe aí uma força política que não oferece mais os recursos que estavam praticamente aprovados para a questão do saneamento. Ainda no cenário nacional, a questão do saneamento é uma questão muito urgente, né? Olhando para o Brasil, tem uma carência muito grande de saneamento. Esse tema está diretamente relacionado às outras áreas, como, por exemplo, a saúde e até a própria educação.

Bolsista do Projeto C: Alguns temas seriam de suma relevância para a sociedade, como, por exemplo, algum programa que amparasse as questões do meio ambiente: identificação e manutenção de todas as nascentes existentes na cidade, recuperação dos afluentes. A Secretaria de Meio Ambiente do município de Cruz das Almas deveria buscar parceria junto à UFRB, já que a Universidade dispõe de pesquisadores e profissionais da área, bem como buscar uma parceria que viesse a contribuir para sanar os impactos causados pelo lixão do município, atrelado a um estudo mais apurado para apresentar algumas alternativas de criar outro meio de destinação dos resíduos sólidos produzidos pela cidade.

Orientador(a) do Programa D: Eu acho que uma coisa muito necessária, que também está dentro da minha área de trabalho, é a gestão dos resíduos. A gente vê muitos problemas com a gestão dos resíduos da construção civil. Poderíamos trabalhar de alguma maneira nisso, por exemplo, ensinando os

pequenos geradores a fazer a sua própria construção, e os pedreiros, como deveriam gerenciar os resíduos, como poderiam aproveitar esses resíduos da construção civil, porque a gente vê muito entulho espalhado na rua. Então, eu acho que esse era um trabalho que a gente deveria desenvolver. E outro ponto também é em relação aos resíduos da feira livre. Seria interessante que os feirantes soubessem gerenciar os seus resíduos, como aproveitar esse material para tirar aquela sujeira da rua. Acho que o trabalho poderia contribuir muito e até desonerar a Prefeitura desses custos. Só que, pra Prefeitura se desonerar futuramente desses custos, é preciso que ela invista um pouco agora.

As informações dos indivíduos da pesquisa indicam possíveis caminhos pelos quais o poder público local poderá percorrer para incluir algumas temáticas na gestão ambiental. Para tanto, recomenda-se que algumas políticas públicas nesta seara sejam incorporadas às ações das Prefeituras Municipais, a exemplo da Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/2010); Política Nacional de Saneamento Básico (Lei nº 11.445/ 2007); Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei nº 9.433/1997); Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999) dentre outras.

A partir das discussões tecidas até aqui, cumpre informar que ainda existe uma grande dificuldade de trazer as Prefeituras do Recôncavo da Bahia para apontar, pensar e demandar os seus problemas para a Universidade. Os vários grupos de pesquisa, ensino e extensão formados na UFRB poderiam estar contribuindo significativamente para a resolução das problemáticas enfrentadas pelos municípios, mas parece existir um boqueio para o surgimento de uma ação colaborativa. Em outro viés, também cabe refletir sobre a atuação da UFRB nos municípios em que ocorreram as atividades do PIBEX, ou seja, como a instituição é interpretada fora de seus muros e qual a visão que o poder público tem a respeito das suas funções. Sobre isso, discutira-se no próximo subtópico.

Poder Público local e a questão ambiental: um olhar a partir dos projetos e programas de extensão universitária na área de meio ambiente da UFRB

No decorrer da pesquisa, foi proposta a realização de entrevistas com os(as) gestores(as) do poder público lotados(as) nas Secretarias dos municípios em que os projetos de extensão universitária foram executados, e, conseqüentemente, mantiveram algum tipo de articulação nesses órgãos. Por conseguinte, foram entrevistados os(as) gestores(as) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente e da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas, bem como o(a) gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação do

município de Maragogipe.

Quando questionados(as) sobre a existência de iniciativas de ações de desenvolvimento ambiental, os sujeitos da pesquisa citaram diversos projetos em que os municípios têm se apoiado, através das Secretarias Municipais, que tratam especificamente dessa matéria.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas: As principais iniciativas são arborização urbana e rural em parceria com a comunidade local, no sentido dos moradores demandarem a plantação de árvores nos bairros, e, posteriormente, cuidar das mudas para que elas possam crescer saudáveis; projeto de combate à poluição sonora; o projeto de valorização dos catadores de materiais recicláveis, principalmente no cadastramento desses profissionais para atuarem nos períodos festivos do município; coleta de pneus de veículos automotores, no sentido de retirar esse material do meio ambiente, encaminhando para reciclagem; e projetos pontuais de educação ambiental nas escolas públicas e privadas, nas quais a Secretaria atua organizando visitas destas escolas a algumas áreas protegidas que existem no município, bem como conscientizando o corpo escolar sobre a importância da preservação ambiental.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas: Tem o Programa Semear, que tem como finalidade educar ambientalmente todos os alunos das escolas localizadas nas áreas rurais sobre a problemática ambiental da atualidade no espaço rural, respaldado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e enfatizando, em suas atividades, a plantação de hortaliças para a merenda escolar. Outra ação acontece durante a Jornada Pedagógica de Educação, evento que acontece sempre no início do ano letivo, reunindo todo o corpo docente da rede pública de ensino escolar. Nessa ocasião, os diretores são informados sobre o calendário ambiental e são instruídos a colocarem em prática diversas atividades neste sentido com os alunos.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Maragogipe: A gente possui uma gama de projetos na área de meio ambiente em todas as escolas da rede pública do município. Essas ações envolvem o trabalho com diversos temas: horta escolar, arborização, resíduos sólidos, manejo do solo, uso racional da água, dentre outros. Antes disso, realizamos cursos, oficinas e palestras com todos os professores e coordenadores das escolas, e, no final do ano letivo, todo o corpo docente, juntamente com os gestores da Secretaria, fazem um balanço sobre os resultados alcançados e as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das ações realizadas durante o ano. A responsabilidade pela capacitação desses agentes cabe à equipe do Departamento de Ensino, lotada nessa própria Secretaria, a qual participa de diversos outros eventos no Estado para assumir a missão de compartilhar o ensinamentos.

As respostas demonstram o empenho destes sujeitos perante a perspec-

tiva ambiental, fato que pode ser notado tanto na quantidade de projetos e ações citadas quanto na forma em que ocorre a realização desses. Identifica-se ainda nas falas os espaços em que as ações acontecem: nos bairros, nas escolas e, nos municípios, durante os eventos anuais. Tais espaços possibilitam que as Secretarias apareçam em determinados cenários como responsáveis pelas ações de desenvolvimento local.

Ficou evidente, no decorrer da entrevista, que existe uma relação entre as ações das Secretarias e a comunidade beneficiada (sem a presença de parcerias institucionais), o que não deixa de ser essencial, entendendo que o ser humano é a parte mais interessada quando se trata da questão ambiental. Para Fernandes et al. (2014), é certo que, para se ter uma boa qualidade de vida, o meio ambiente tem que estar em equilíbrio, e o reconhecimento da necessidade desse equilíbrio é pressuposto para que se possa efetivamente garantir a proteção da personalidade humana. Ao preservar esse bem, gera-se uma forma de oferecer às futuras gerações uma qualidade ambiental melhor e o cumprimento do princípio da igualdade, no qual todos poderão ter acesso aos recursos naturais em sua totalidade. Dentre os princípios constitucionais, o relacionado à vida humana ganha destaque, já que um dos requisitos mínimos para se viver com dignidade é estar em um meio ambiente saudável. Evidentemente, a preocupação com a preservação da natureza existe em função dos sujeitos humanos, para que eles possam viver melhor e com saúde.

Naquela oportunidade, os(as) gestores(as) foram questionados sobre a existência de alguma atuação conjunta entre as Secretarias das Prefeituras Municipais para o desenvolvimento das atividades ambientais. Somente a Secretaria Municipal de Educação do município de Maragogipe faz essas articulações; já os(as) gestores(as) lotados(as) nas duas Secretarias de Cruz das Almas apontaram que cada órgão desenvolve a sua ação de forma individual, alegando que possuem departamentos próprios para tanto.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Maragogipe: A gente tem articulação com várias Secretarias aqui do município. Por exemplo, quando a gente precisa de transporte para fazer os projetos nas escolas, a Secretaria de Transporte nos ajuda; [...] quando é algo ligado ao meio ambiente, a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente também se dispõe a ajudar com pessoal e algum material [...]. Assim, a Secretaria de Meio Ambiente articula a gente quando tem visitas das escolas nestes lugares. Enfim, a gente não tem dificuldade de relacionamento aqui não, porque a gente se une bem.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas: As nossas ações são próprias da Secretaria, porque a gente tem um Departamento de Meio Ambiente que cuida somente disso.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas: A gente faz os projetos de meio ambiente sozinhos. Aqui tem um Departamento. Infelizmente

existe uma disputa política, porque os partidos dos secretários são diferentes, o que dificulta o desenvolvimento das coisas, mas se viesse algo de fora seria uma coisa mais fácil da gente alcançar. A gente hoje trabalha para uma política de Governo construída por uma pessoa, que é o prefeito, e a gente tem vários secretários que trabalham dentro dessa política. Só que cada secretário quer fazer o seu aparecer, quer trabalhar do seu jeito.

Os depoimentos expostos condizem com a abordagem revelada no momento das entrevistas com os(as) orientadores(as) dos projetos e programa de extensão do PIBEX, levando a deduzir que, provavelmente, a forma de trabalho das Secretarias, que não buscam apoio entre si, é baseada num modelo administrativo-burocrático, caracterizado pela divisão de responsabilidades, especialização do trabalho e relações impessoais. A própria disputa política entre os partidos inviabiliza o relacionamento entre os órgãos e impossibilita o desenvolvimento de atuações comuns em prol do meio ambiente.

Também foi possível identificar que existe a descontinuidade dos trabalhos no momento em que há as transições da gestão pública municipal, fazendo com que a nova gestão tenha que se reorganizar novamente e pensar uma nova maneira de desenvolver o seu plano de trabalho. Vale destacar que em todos esses órgãos existe mudanças em relação ao quadro de funcionários, devido às últimas eleições que acabaram empossando novas associações político-partidárias, sendo que a maioria desses profissionais não são concursados.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas: Os primeiros anos de atuação foram muito difíceis, porque a gente encontrou muita desorganização, principalmente em relação à inexistência de projetos anteriores na linha ambiental. Tanto que foram aproximadamente nove meses para que a nova equipe pudesse se organizar e colocar em prática os seu plano de trabalho. Dessa organização, surgiu um Departamento de Meio Ambiente com a responsabilidade da criação e desenvolvimento de ações ambientais dentro deste município.

Na concepção de Silva (2013), o grande desafio da gestão pública é justamente transformar estas estruturas administrativo-burocráticas em estruturas flexíveis e empreendedoras. Para o autor, é preciso que os gestores estejam capacitados, adotem padrões e ferramentas de gestão mais inovadoras, como o planejamento estratégico. O que significa uma busca por eficiência e melhoria na qualidade do serviço público prestado à população. É evidente que a importância do planejamento estratégico é reforçada pela necessidade das administrações públicas se desenvolverem nos períodos de turbulência, transição, incertezas e aproveitamento de novas oportunidades.

Diagnosticou-se que, dentre as três Secretarias visitadas, em duas delas foram apresentados projetos de extensão universitária na área de meio ambiente da UFRB, porém, esses ainda não foram executados. Por diversas vezes,

a pesquisadora buscou respostas quanto à relação entre o poder público local e a Universidade perante as ações extensionistas mas, não foi possível identificá-las, porque os gestores não tinham nenhum conhecimento a respeito. Os sujeitos não conhecem contribuições por parte da esfera pública em prol desses projetos, tampouco sobre os resultados e as dificuldades oriundas de uma possível relação. Além disso, ninguém soube informar de qual programa da UFRB partiram tais projetos. Surpreendentemente, apenas um(a) gestor(a) apresentou plenos conhecimentos acerca do PIBEX, porque havia feito um curso de doutoramento há alguns anos atrás na Universidade.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas: Foi apresentado, nesse ano, a essa Secretaria, um projeto de extensão universitária sobre compostagem de resíduos orgânicos com os agricultores da feira livre municipal, o qual foi escrito por um ex-aluno e um professor do quadro efetivo desta instituição, da UFRB.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz Das Almas: A gente teve uma visita de uma professora do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFRB pra apresentar um projeto de extensão universitária, pra desenvolver nas escolas do município. Ela quer fazer o controle do consumo de água e propor alguma tecnologia para captar água da chuva em algumas escolas.

Com base no que foi falado, é possível observar que há conhecimentos rasos sobre os objetivos, as justificativas e as finalidades dos projetos de extensão apresentados às Secretarias. Embora os(as) orientadores(as) desses projetos tenham se deslocado até os órgãos públicos para apresentá-los, fica evidente que existe apenas informações superficiais sobre eles.

Também cabe salientar que, até o momento das entrevistas, nenhum(a) orientador(a) tinha comparecido às Secretarias para dar prosseguimento às possíveis articulações, e nem os(as) gestores(as) tinham os(as) procurado para estabelecer essa relação. Em virtude disso, alguns depoimentos revelam uma espécie de "insatisfação" por parte dos(as) gestores(as), pois, de acordo com eles(as), existe um distanciamento muito grande entre a UFRB com as políticas públicas do poder público local.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas: A gente sabe que tem muito projeto de pesquisa, de ensino e de extensão que são realizados no município pelos professores da UFRB, porém, as ações não são dialogadas com a Secretaria, pois ficam restritas apenas dentro da própria Universidade.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas: Cruz das Almas é conhecida como uma cidade universitária, mas parece que a gente não

tem uma interlocução entre ambas as partes. Parece que o mundo da UFRB é um mundo, e o do município é uma coisa que não faz parte da UFRB. A UFRB parece que é um município isolado dentro de Cruz das Almas.

Os depoimentos deixam transparecer que a principal responsável por esse distanciamento é a própria instituição de ensino, que mesmo apresentando dois Centros de Ensino dentro do município, parece estar trabalhando completamente isolada das políticas públicas locais. De certo modo, pela análise obtida na Pró-Reitoria de Extensão, encontrou-se apenas dois projetos na área ambiental que mantiveram relações de parcerias com as políticas públicas do poder público local, sendo que os mesmos foram executados no ano de 2010, ou seja, parece realmente que existe uma resistência dos(as) orientadores(as) das propostas em buscar algum contato com as instâncias públicas. Sabe-se, por exemplo, que muitas ações da Universidade, incluindo projetos, programas e até mesmos trabalhos de conclusões de cursos de graduação e pós-graduação, são realizadas em diversos municípios do Recôncavo, porém, nem todas são comunicadas aos órgãos municipais competentes, tampouco busca-se uma autorização para isto. Ainda assim, os resultados dessas ações, na maioria dos casos, não são compartilhados com as instâncias governamentais, considerando que o compartilhamento poderia estar servindo de contribuição para alguma questão prioritária do município.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas: Aqui aparece alguns professores e alunos para solicitar estágios nas escolas, principalmente dos cursos de licenciatura da UFRB, mas quando eles encerram, com relação aos resultados, isso é uma coisa que deixa muito à desejar, porque as pessoas vem até a gente, e, na maior parte das vezes, no final do trabalho, não existe o compromisso de trazer os resultados. É uma coisa que é falha, porque deveria haver essa consciência dos alunos de entregar para gente um trabalho contendo os resultados.

As revelações contadas pelas pessoas entrevistadas leva a indagar sobre o verdadeiro papel que as Instituições de Ensino Superior (IES) devem exercer perante a sociedade, sendo que muitas vezes ela é vista com olhares distante da realidade local. Assim, é relevante que se levante a seguinte questão para dar prosseguimento a essa análise: de que maneira a função atribuída à universidade pode contribuir para o desenvolvimento local?

Lopes (2003) esclarece que as universidades públicas são organizações sem fins lucrativos, mas que geram diversos serviços, inclusive muitos não observáveis, como é o caso do crescimento econômico e o resgate cultural e local. Tal afirmação, demonstra o grau de relevância da universidade no que se refere ao desenvolvimento local, o que, muitas vezes, é colocado no discurso neoliberal, que sugere sua privatização como alternativa para a superação dos problemas observáveis nela.

A atribuição da universidade na condição de parceira de políticas públicas e de desenvolvimento local volta-se para a sua própria característica de extensão do Estado, uma vez que, como afirma Santos (2010), órgãos públicos são criados para desempenhar as funções do Estado, ou seja, faz parte da sua estrutura, motivo pelo qual não apresenta personalidade jurídica própria, visto que não são considerados pessoas, por constituírem-se como parte integrante do próprio Estado.

No mais, a ideia de se conceber a universidade como fonte de desenvolvimento local depende muito de ações internas e externas a ela. Internamente, tem-se a luta da comunidade acadêmica que busca melhorias para a instituição e que preza, acima de tudo, pela função social do bem servir dessa. Externamente, os projetos de extensão são apresentados como mecanismos que podem colaborar socialmente e interferir na economia, na mudança socioambiental, no desenvolvimento de novas tecnologias, na construção conjunta de conhecimento e no desenvolvimento das localidades dentro do contexto universitário (SANTOS, 2010). Assim, através de seu tripé de atuação, a universidade realiza sua função social, aumentando as possibilidades de desenvolvimento local. "A instituição social aspira à universalidade [...] Isso significa que a instituição tem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa" (CHAUI, 2003, p. 6).

As possibilidades de articulação entre o poder público local e a UFRB, através dos projetos e programas de extensão universitária, na área de meio ambiente, foram consideradas pelos(as) gestores(as) como um alicerce contributivo para o desenvolvimento local do município.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas: Essa parceria UFRB e poder público local possibilita a gente ampliar as nossas ações no município. Até com a experiência dos professores e alunos da Universidade com os trabalhos que eles fazem, e essa troca com o campo, com as pessoas. E além disso, o conhecimento é bem-vindo. A comunidade precisa acessar o conhecimento. Todo conhecimento que parte da academia, porque essa seria a lógica – de as pessoas acessarem esse conhecimento. Isso é fundamental para que o município dê um salto qualitativo.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas: Como a gente tem muitos doutores, muita gente com expertise e conhecimento concentrado na UFRB, a gente precisa estreitar esses laços, a gente precisa começar a conversar com vocês e vocês com a gente. A gente precisa fazer esse intercâmbio de conhecimento. E, para isso, a gente tem que fortalecer esses projetos. Seria uma forma desses professores da UFRB estarem capacitando nossos professores e trazendo alguma tecnologia nova e, de repente, abrir novas portas para que realmente esses projetos aconteçam aqui nas escolas.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Maragogipe: Essa parceria, eu acho importante, no sentido de expandir as ações e tornar conhecida não

somente a Secretaria mas também a própria Universidade. Todo conhecimento acadêmico e a troca de diálogo entre as pessoas envolvidas em qualquer que seja a ação ambiental é bem vindo aqui na cidade.

Como se pode ver, os(as) entrevistados(as) acreditam que as relações de parceria entre as Secretarias e a UFRB podem trazer algum tipo de benefício para o município e, conseqüentemente, para a população, levando em consideração que a instituição apresenta um quadro de professores que poderiam estar interagindo com a comunidade através de seus projetos de extensão. Inclusive, a pesquisadora foi informada, durante a pesquisa de campo, que, tanto na Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente quanto na Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas, alguns estágios com alunos de graduação da UFRB já foram concluídos e ainda existem estudantes de diversos cursos estagiando nos próprios órgãos e na rede pública de ensino escolar. Isso demonstra um passo importante na busca do diálogo entre ambas as partes.

Os(as) gestores(as) também foram perguntados(as) se teriam interesse em citar temas que considerem prioritários no campo ambiental, e de que maneira poderiam estar contribuindo com os projetos e programas de extensão universitária (apoio logístico, humano, financeiro, dentre outros), caso esses fossem executados no município. Observou-se que a maioria dos temas levantados são semelhantes àqueles trazidos pelos(as) orientadores(as) e bolsistas do PIBEX, e que vão ao encontro com o que as próprias Secretarias já buscam abordar no âmbito de suas ações com a população.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas: A questão hídrica, porque nós estamos vivendo um momento difícil com essa questão do acesso à água, da produção da água. Esse é um tema que nós temos bastante interesse em tratar com a Universidade, porque aí entra recuperação de nascentes, entra reflorestamento e entra outras questões. E a outra questão são os resíduos sólidos. Ampliar mais ainda esse debate dentro da Universidade, construir estratégias pra gente tratar disso também e garantir que a sociedade acesse aquilo que está sendo produzido na academia, que é o conhecimento. Tem a questão da terra, mas não só o uso e o manejo do solo, mas a questão agrária, que mesmo aqui, tendo um Centro de Ciências Agrárias, nós não discutimos as questões agrárias, nós só discutimos a questão do solo. Nós queremos discutir questões que são importantes ferramentas e que vai ajudar o trabalhador do campo a compreender o seu espaço local, de cultura, de vivência. Eu quero dizer aqui que nós não estamos fechados para a UFRB, a gente quer contribuir com o que for necessário para esses projetos, com logística, material e o próprio pessoal daqui também está aberto a colaborar.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas: A gente tem várias questões urgentes aqui no município. A gente tem a questão do esgoto, da coleta de lixo e do reflorestamento. Acredito que a parceria através da abertura de estágios dos estudantes da UFRB seria o principal apoio.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Maragogipe: Pela característica do município, a principal abordagem é sobre o manguezal. Os estudantes da Universidade poderiam estagiar aqui nas escolas e ajudar a gente a construir projetos nessa área.

A possibilidade de apoio econômico, recursos humanos, materiais e logísticos, além de novas aberturas de estágio, foram citadas pelos(as) gestores(as). Mas, por outro lado, a questão financeira foi apontada pelos(as) orientadores(as) como sendo uma das grandes dificuldades no momento da abordagem do tema com poder público. Acredita-se que os órgãos municipais poderiam contribuir com essa lacuna através da estruturação da gestão ambiental local, o que inclui o fortalecimento dos Conselhos Municipais e a criação de Fundos Especiais de Meio Ambiente. Considerando que o PIBEX concede apenas bolsas para os estudantes de graduação e não para viabilidade financeira dos projetos e programas.

Verificou-se que os municípios envolvidos na pesquisa ainda não formularam as suas Políticas Municipais de Meio Ambiente e nem de Educação Ambiental. Esses atuam apenas com os Departamentos e os Conselhos Municipais de Meio Ambiente e de Educação. Porém, tais organismos não conseguem dar conta de todas as abordagens que envolvem o meio ambiente, além disso, o modo de funcionamento mostra-se pouco efetivo.

Por fim, entende-se que a boa relação entre o poder público municipal e a UFRB depende da força de vontade dos dois lados em querer trabalhar em conjunto. Unir esforços nesse cenário significa o abandono do individualismo, da burocracia exacerbada, do sentimento de poder (que está ligado ao ego) e de todas as problemáticas que impossibilitam a aproximação dessas entidades. É preciso inovar para se chegar junto ao objetivo comum que, neste caso, trata-se da questão ambiental. Para tanto, os laços precisam ser firmados para se alcançar as finalidades almejadas. O PIBEX, por meio das atividades de extensão universitária, aparece como um elo para se tentar firmar os vínculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou os fatores limitantes e potencializadores das relações entre a UFRB e os órgãos do poder público local no âmbito dos projetos e programas de extensão universitária na área ambiental do PIBEX realizados nos últimos oito anos. Em virtude da sua inclusão no seio de políticas públicas educacionais, o PIBEX aparece no cenário da Universidade como uma estratégia institucional de formação dos extensionistas, conforme consta nas resoluções desse Programa.

Considerando os depoimentos relatados na pesquisa de campo, foi identificado que a relação entre o poder público local e a UFRB, através dos projetos e programa de extensão universitária na área de Meio Ambiente do PIBEX, tem

os seguintes fatores potencializadores:

- É pensada, sobretudo, para subsidiar com recursos materiais, humanos, logísticos ou financeiros os projetos e programas de extensão, já que o PIBEX possibilita apenas aporte com bolsa pecuniária ao estudante de graduação;
- Possibilita a visibilidade pela comunidade não apenas da Universidade mas também do poder público, especialmente quando trabalham coletivamente em face do meio ambiente;
- Contribui para o tratamento de alguma questão ambiental pouco trabalhada no município, além de incluir a comunidade em atividades que visam o desenvolvimento local;
- Favorece o fazer extensionista, entendendo que esta relação abre caminhos para que a comunidade acadêmica (orientadores(as) e bolsistas) aja como protagonista seja no diálogo com os(as) gestores(as) das administrações locais, seja com a comunidade integrante das ações para resolução de problemas a partir da realidade local;
- Facilita a entrada e o trabalho da equipe dos projetos e programas de extensão na comunidade local.

E como elementos limitantes da relação entre o poder público local e a UFRB, através dos projetos e programa de extensão universitária na área de Meio Ambiente do PIBEX, tem-se:

- A iniciativa para requerer articulações parte sempre dos(as) orientadores(as) e bolsistas do PIBEX para com os(as) gestores(as) do poder público local, mas o contrário dificilmente acontece;
- Há resistência por parte dos(as) orientadores(as) em solicitar ou firmar vínculos com a esfera pública local, em decorrência dos inúmeros entraves que inviabilizam os projetos e programas, reforçando ainda mais o distanciamento entre universidade e poder público local;
- Existe a ausência de comprometimento por parte do poder público local, por conta da desorganização, inclusão de outras prioridades à frente das atividades de extensão e descontinuidade de apoio (material, humano, logístico e financeiro) pelas Secretarias das Prefeituras Municipais, incluindo nesse cenário a transição da gestão municipal que, muitas vezes, impossibilita que ações anteriormente apoiadas sejam levadas adiante;
- Ocorre distanciamento do poder público local quando é requerido apoios financeiros para os planos de trabalho das atividades de extensão;
- Nota-se a presença de entendimentos superficiais pelos(as) gestores(as) a respeito dos projetos e programas de extensão que serão implementados no município, principalmente quanto às verdadeiras finalidades e objetivos desses;
- Os resultados oriundos das ações extensionistas, realizadas no âmbito do município, nem sempre são compartilhados com os(as) gestores(as)

das Administrações Municipais.

Entende-se que os debates feitos neste trabalho se referem ao contexto da UFRB, mas que, no entanto, adentram em revelações e conceitos que podem ser extrapolados para a realidade brasileira, considerando as determinadas particularidades locais. Espera-se ainda que o poder público mostre-se sensível quanto às ações que contribuem para o desenvolvimento local do município, dando o apoio devido, quando solicitado.

As constatações e as informações conclusivas apresentadas aqui, no entanto, não assumem caráter definitivo, tendo em vista que a realidade está em constante transformação, e, deste modo, é importante que os debates acerca da extensão universitária continuem sendo realizados em novos estudos. Sobre essa possibilidade, tem-se como apontamento para a elaboração de trabalhos futuros: a criação de estratégias para integrar o PIBEX ao processo de curricularização em extensão universitária na UFRB, bem como a criação de alternativas de financiamento para o PIBEX, tendo como foco parcerias institucionais externas.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, R. D.; MALHEIROS, T. F. O Sistema Municipal de Meio Ambiente no Brasil: avanços e desafios. *Saúde e Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 3-47, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21s3/04.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CARVALHO, A. V. Educação ambiental no desenvolvimento sustentável municipal. *Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, v. 2, n. 1, p. 97-108, 2015. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/1609>>. Acesso em: 05 out. 2018.

CHAUI, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 1-15, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

FERNANDES, K. S.; MENEZES JÚNIOR, E. E.; BRITO, E. S. O papel dos municípios na gestão ambiental: ações protetivas e preventivas à sustentabilidade ambiental. *Boletim Jurídico*, v. 13, n. 1388, p. 1-14, 2014. Disponível em: <<https://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/artigo/4195/o-papel-municipios-gestao-ambiental-aco-es-protetivas-preventivas-sustentabilidade-ambiental>>. Acesso em: 2 jan. 2019.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
FRANÇA, R. G.; RUARO, É. C. R. Diagnóstico da disposição final dos resíduos sólidos urbanos na região da Associação dos Municípios do Alto Irani (AMAI), Santa Catarina. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 6, p. 2191-2197, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n6/26.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018.

GUIMARÃES, S. S. M.; TOMAZELLO, M. G. C. A formação universitária para o ambiente: educação para a sustentabilidade. *Ambiente & Educação*, v. 7, n. 7, p. 55-71, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/viewFile/898/356>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

KLERING, L. R.; BERGUE, S. T.; SCHRÖEDER, C. S.; PORSSE, M. C. S.; STRANZ, E.; KRUEL, A. J. Competências, papéis e funções dos poderes municipais no contexto da administração pública contemporânea. *Análise*, v. 22, n. 1, p. 31-43, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/9778/6701>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

LARA, P. T. R. Sustentabilidade em instituições de Ensino Superior. *Monografias Ambientais*, v. 7, n. 7, p. 1646-1656, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/5341/3308>>. Acesso em: 29 set. 2018.

LIMA, G. F. C. Crise ambiental, educação e cidadania. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. (Org.). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, R. P. M. Universidade pública e desenvolvimento local: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2003.

OLIVEIRA, M. Universidade e sustentabilidade: proposta de diretrizes e ações para uma universidade ambientalmente sustentável. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

SANTIAGO, A. R. Extensão universitária: entre o pensar, experiência e o por fazer. In: SOUSA, A. J.; CARNEIRO, S. R. O.; ROCHA, V. O. (Org.). Extensão universitária na UFRB. Cruz das Almas: UFRB, 2017.

SANTOS, J. R. R. Universidade pública e desenvolvimento local: a presença da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) no bairro do Salobrinho em Ilhéus, Bahia, no período de 1991 a 2008. Ilhéus: Editus, 2013.

SANTOS, M. P. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. Revista Conexão, v. 6, n. 1, p. 10-15, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3731/2622>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

SCHNEIDER, E. Gestão ambiental municipal: preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. Porto Alegre: UNIVATES, 2009.

SILVA, J. A. Educação ambiental: um estudo das contribuições do projeto de olho na água para a promoção do desenvolvimento local em Icapuí - CE. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015.

SILVA, W. C.; MUCCI, C. B. M.; BAETA, O. V.; ARAÚJO, D. S. O planejamento estratégico na administração pública: um estudo multicaso. Revista de Ciências Humanas, v. 13, n. 1, p. 90-101, 2013. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol13/artigo6vol13-1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

UFRB, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia 2010-2014. UFRB: Pró-Reitoria de Planejamento, 2009. 195 p.

_____. Pró-Reitoria de Extensão 2018. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/proext/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

----- Resolução nº 006/2016. Dispõe sobre o regulamento para o Programa Institucional de Bolsas de Extensão - PIBEX - na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). UFRB: CONAC, 2016. 11 p.

----- Resolução nº 038/2017. Dispõe sobre a aprovação das normas que disciplinam as ações de extensão universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). UFRB: CONAC, 2017. 22 p.

Data de submissão: 17/06/2019

Data de aceite: 20/11/2019



Interfaz entre el poder público municipal y la universidad: el caso de las acciones de extensión universitaria de la UFRB en el área ambiental

Fabiane Correia da Cunha
Universidade Federal de Recôncavo da Bahia - UFRB
fabiane_correia@hotmail.com

RESUMEN

La investigación investigó los factores de limitación y las fuerzas de separación entre la Universidad Federal de Recôncavo de Bahia (UFRB) y la ubicación pública de energía en el ámbito de los proyectos y programas de la universidad de extensión en el área de área relacionada con el programa institucional de la Universidad Extension Scholarships (PIBEX). En el caso de que se trate de un estudio prospectivo, se utilizara un método de evaluación de la calidad de los estudios de caso. Los resultados obtenidos a partir de la relación/articulación entre una instancia de UFRB, se materializaron en los proyectos y programas de extensión y potencia de la potencia pública y las ocasiones sucesivas de los eventos desencadenados - la propagación de actividades y la inclusión de temas de interés para los municipios; y la limitación - la resistencia y la ausencia de compromiso en la fijación de los valores y la comprensión y la comprensión de los proyectos y programas.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Meio Ambiente; Poder Público; Universidad.

ABSTRACT

The research investigated the limiting factors and the forces of separation between the Federal University of the Recôncavo of Bahia (UFRB) and the local public power in the scope of projects and programs of university extension in the environmental area linked to the Institutional Program of University Extension Scholarships (PIBEX). In order to do so, it was decided to carry out an exploratory research, using a qualitative approach implemented from the case study, in addition to conducting semi-structured interviews with the main concerns involved. The results obtained demonstrated a relationship/articulation between an instance of UFRB, materialized in the projects and programs of extension and power of the public power and the occasional series of potentiated events - the propagation of activities and inclusion of urgent environmental themes for the municipalities; and the limiting ones - the resistance and the absence of commitment in establishing bonds and the superficial and definitive understanding of the projects and programs.

Keywords: University Extension; Environment; Public Power; University.

INTRODUCCIÓN

La relación entre los seres humanos y el medio ambiente, desde los albores de la humanidad, siempre se ha producido de forma directa y natural, pero que, sin embargo, ha sufrido varias transformaciones a lo largo de los años. Al principio, el individuo se acercó a la naturaleza para quitarle solo lo esencial para su supervivencia. Con el tiempo, comenzó a explorarlo según sus necesidades, sin tener en cuenta la posibilidad de agotarla, contribuyendo así a la instalación de crisis ambiental, debido al modelo de desarrollo actual, donde comanda la lógica de producción para el mercado (SILVA, 2015).

Según Lima (2002), la sociedad está experimentando una crisis ambiental, caracterizada principalmente por la industrialización desenfrenada, el rápido crecimiento poblacional en los centros urbanos, el consumo predatorio de bienes y servicios y las actividades agrícolas y extractivas, que ponen en peligro no solo los recursos naturales, pero también la calidad de vida humana en el planeta. Bajo la mirada de la condición ambiental, esto requiere medidas urgentes que cubran al menos tres ejes fundamentales: acciones de sensibilización social, medidas científicas y tecnológicas limpias y políticas públicas eficientes y efectivas.

Este escenario ha permitido que el tema ambiental forme parte de la lista de discusiones de la era actual y es cada vez más visible la preocupación de diferentes segmentos de la sociedad, como los movimientos sociales, los investigadores, las organizaciones no gubernamentales, las autoridades públicas y la propia universidad acerca de los impactos causados por los humanos a los ecosistemas naturales (FRANÇA; RUARO, 2009).

Carvalho (2015) enfatiza que la preocupación con el medio ambiente ha estado estimulando nuevos estudios, investigaciones y debates acerca del tema. Tales discusiones buscan involucrar los diversos sujetos sociales, incluyendo las administraciones públicas municipales, en el proceso de corresponsabilidad entre la sociedad y las autoridades públicas para la protección de la naturaleza y para el desarrollo de un modelo de gestión que garantice el mantenimiento y la preservación de este bien.

El municipio es parte de la federación brasileña, según Artículos 1 y 18 de la Constitución Federal [...], y tiene autonomía política administrativa y financiera. Como miembro de la federación, el municipio ha crecido enormemente en importancia, tanto en la oferta directa de bienes y servicios públicos como en la promoción de la ciudadanía, perfeccionando y acentuando las diferentes prácticas de participación de la sociedad en la administración pública. Además de esta dimensión política, el municipio también ha desempeñado un rol destacado en la promoción del desarrollo económico y social de las regiones, especialmente al asumir diferentes formas organizativas, con énfasis en la formación de acuerdos, consorcios, programas, entre otras formas de acción con una fuerte orientación sistémica. (KLERING, et. al., 2011, p. 32).

Los problemas ambientales que la administración pública municipal necesita conocer e intervenir involucran las necesidades existentes en los ecosistemas y, en lugar de su responsabilidad, existen políticas ambientales que guían esta intervención, involucrando elementos tales como, promoción de educación ambiental, planificación de la matriz energética, control los tipos de contaminación, gestión de licencias ambientales, control de impactos ambientales y sus consecuencias económicas para el municipio. Sin embargo, es interesante que el gobierno haya capacitado a profesionales que, de alguna manera, estén sensibilizados con todo lo que concierne a la búsqueda del desarrollo sostenible. Además, los ciudadanos siempre deben ser considerados cuando se aborden enfoques como estos dentro de un gobierno local, ya que las acciones que surgirán de ellos beneficiarán a todos los ciudadanos (SCHNEIDER, 2009).

En vista del contexto de la crisis ambiental que se experimenta actualmente, en el que los seres humanos han excedido todos los límites para mantener la sostenibilidad de la vida en la tierra, es necesario que el tema actual se discuta no solo dentro del alcance de la administración pública, municipal y sociedad en general, acerca da complexidade da interação ser humano-natureza, pero también en el contexto de las universidades, para que se produzca un cambio de percepción en los futuros profesionales que capacitarán. Es de destacar que la crisis ambiental es uno de los grandes desafíos de la sociedad contemporánea, pero las soluciones técnicas por sí solas no son suficientes para resolver el problema, pues según Guimarães y Tomazello (2003), es necesario crear alternativas en las bases educativas que promuevan cambios en los hábitos, valores y actitudes.

Para Oliveira (2009), la universidad asume un lugar destacado en la sociedad como promotora del conocimiento y formadora de las conciencias individuales y colectivas. Del mismo modo que asume un lugar importante en la responsabilidad socioambiental frente a la crisis ambiental, especialmente cuando hace uso de algunos mecanismos de sensibilización, como, por ejemplo, la participación y la socialización del conocimiento producido para la prevención de la naturaleza. Como cuna del conocimiento, la institución no puede mitigar la obligación de investigar, debatir, construir y difundir el conocimiento que produce. Así, la universidad a menudo aparece integrada en la realidad social, de tal manera que la población puede participar en sus acciones, ya sea en la interacción en proyectos o incluso en programas.

El papel principal de la universidad es generar y difundir conocimiento y conocimiento. Como organismo socialmente constituido y determinado, ha reflejado históricamente el marco social de su tiempo e incorporado en sus agendas el tema proporcionado por la sociedad en la que se inserta, albergando dentro de sí los gérmenes de las contradicciones generadas en y por la sociedad misma, en la confrontación entre diferentes perspectivas e intereses que impregnan el todo social. (SANTOS, 2010, p. 11)

A partir de esta coyuntura, se cree que a través del eje de extensión, la universidad hace uso del carácter práctico, activo y dinámico en los debates y acciones sostenibles de la comunidad académica, actuando junto con la sociedad en general.

Como actividad académica, la extensión difiere de las demás en que constituye un proceso metodológico que pide la importancia social de la enseñanza y que busca, a través de la investigación, referencias objetivas a problemas reales que involucran a la sociedad (SANTOS, 2010). En vista de esto, la palabra extensión implica extender, llevar algo a alguna parte o incluso a alguien (FREIRE, 1982).

Para Oliveira (2009, p. 112), la extensión universitaria se entiende hoy como:

[...] Un espacio privilegiado para permitir la interacción de lo social y lo institucional, en variadas y amplias dimensiones, con el fin de difundir y construir nuevos conocimientos, fruto de la intensa reflexión provocada en los paradigmas actuales. La extensión, hoy, articula un proceso educativo, cultural y científico, junto con la enseñanza y la investigación, generado por las posibilidades y la fuerza articuladora que está en la naturaleza de las acciones nacidas de las relaciones sociales y comunitarias.

Por lo tanto, se puede decir que la extensión universitaria es, en realidad, una forma de interacción que debe existir entre la universidad y la comunidad en la que se inserta. O sea, es una especie de puente permanente entre la universidad y los diversos sectores de la sociedad. (SANTOS, 2010).

El papel de la educación superior en las discusiones sobre el medio ambiente en el contexto de la extensión universitaria va mucho más allá de la relación de enseñanza-aprendizaje internalizada en las aulas, avanza hacia proyectos y/o programas extra clase que involucran a la población, como un espacio de capacitación para el comunidad local. Las oportunidades para trabajar sobre el tema en la universidad implican: prácticas concretas de acciones de sostenibilidad que pueden resumirse, entre otras cosas, en proyectos de extensión procesal y continua de carácter educativo, social, científico o cultural con un objetivo específico y predeterminado; puede estar vinculado a programas específicos de la institución; pueden ser simplemente proyectos aislados; y también pueden surgir en forma de cursos y eventos frecuentes (LARA, 2012).

El presente trabajo se basa en el reconocimiento de la importancia de los proyectos y programas de extensión universitaria en la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia (UFRB) y su contribución al desarrollo local, así como la colaboración del gobierno local como un posible socio para estas acciones. Con este fin, el objetivo general es investigar los factores limitantes y potenciadores de las relaciones entre la UFRB y los organismos del gobierno local dentro del alcance de los proyectos y programas de extensión universitaria en el área ambiental vinculados al Programa Institucional de Becas de Extensión Universitaria (PIBEX).

PIBEX es una acción de la Universidad dirigida por la Pro Rectoría de Extensión, cuyo núcleo es responsable de la planificación, coordinación, supervisión y evaluación de la extensión universitaria. El Programa fue creado en 2009, con el objetivo de ofrecer becas a estudiantes inscritos regularmente en los más variados cursos de graduación vinculados a un proyecto o programa de extensión, guiados por un miembro de la facultad. A lo largo de su creación, PIBEX ya ha concedido cientos de becas de extensión por año, abriendo oportunidades para que los estudiantes participen en acciones como trabajadores de extensión voluntarios. Cabe señalar que de las ocho líneas temáticas cubiertas por PIBEX definidas por el Plan Nacional de Extensión Universitaria (Comunicación, Cultura, Derechos Humanos y Justicia, Educación, Medio Ambiente, Salud, Tecnología y Producción, y Trabajo), los proyectos y programas seleccionados para esta investigación provino del área de Medio Ambiente.

Los objetivos de PIBEX resaltados en la Resolución nº 009/2012 y, más adelante en la Resolución nº 006/2016 (ambos presentan la regulación del Programa), tienen conexión con los propósitos de extensión universitaria en toda la UFRB, tal como se muestra a continuación:

I) Facilitar la participación de los estudiantes en el proceso de interacción entre la universidad y la sociedad a través de actividades académicas que contribuyan a su formación profesional y al ejercicio de la ciudadanía; II) Fomentar los procesos educativos, culturales, científicos y tecnológicos como una forma de aprendizaje de la actividad de extensión, articulada con la enseñanza y la investigación de forma inseparable y que permita la relación transformadora entre la universidad y la sociedad, contribuyendo de manera cualitativa a la inclusión social; III) Fomentar el interés en la extensión universitaria y alentar nuevos talentos potenciales de estudiantes de graduación, así como contribuir a la capacitación y calificación de ciudadanos socialmente comprometidos. (UFRB, 2016, p. 1-2).

Para seguir el camino que permitió encontrar respuestas al objetivo deseado, se decidió realizar una investigación exploratoria, utilizando un enfoque cualitativo implementado a partir del estudio de caso. En la primera etapa, se realizó un análisis documental sobre los instrumentos normativos que disciplinan las actividades de extensión dentro de PIBEX. Además, se recopiló datos de la Pro Rectoría de Extensión, en referencia a los informes entregados por los becarios y orientadores.

Por lo tanto, comenzamos con la investigación de campo, desde donde fue posible realizar entrevistas semiestructuradas con los becarios y con los maestros que los guiaron en las actividades de extensión. Esta fase también se extendió a los gerentes del poder público local en el que proyectos y programas de extensión universitaria fueron desarrollados.

En vista de lo anterior, se reitera la importancia de discutir los problemas ambientales en el contexto de las autoridades públicas municipales como una

forma de crear acciones consistentes con las especificidades de la sociedad local para tratar los problemas ambientales. Además, se cree que el tema también debería pasar por las instituciones de educación superior, ya que tienen el papel de abrir nuevos horizontes en la esfera social, principalmente a través de la extensión, que es el medio por el cual la universidad desarrolla acciones en relación con la sociedad para impactar directamente su desarrollo socioeconómico, cultural y local. Por lo tanto, se presta atención a la recomendación de una acción conjunta de estos dos organismos en este asunto.

METODOLOGÍA

El trabajo presentado aquí se llevó a cabo entre los meses de octubre y diciembre de 2018 y es el resultado de la investigación de maestría realizada por los autores actuales, que fue defendida y aprobada en febrero de 2019.

Para el desarrollo de la investigación, UFRB fue designado como un sitio de estudio exploratorio, específicamente la Pro Rectoría de Extensión – un organismo directamente vinculado a la Rectoría, cuyo propósito es planificar, coordinar, supervisar y evaluar la extensión universitaria – siendo responsable, por lo tanto, por la propuesta de la política de extensión en esta institución educativa, como se indica en su sitio web institucional (UFRB, 2018).

En esta perspectiva, para el establecimiento de la extensión universitaria, varias acciones articuladas y concomitantes son emprendidas. Normas e incentivos para desarrollar un entorno de motivación han sido creadas, por ejemplo, la acción de extensión obligatoria en los planes de estudio de los cursos de graduación, la valorización de las actividades de extensión para el progreso de los profesores y la creación de PIBEX (UFRB, 2009).

Según lo previsto en el Decreto nº 7.416/2010, que regula los artículos 10 y 12 de la Ley nº 12.155/2009 que tratan con la concesión de becas para el desarrollo de actividades de enseñanza y extensión universitaria a nivel nacional, dentro de la UFRB, la regulación de las actividades de extensión dentro del alcance de PIBEX se produjo solo en 2012, a través de la Resolución del Consejo Académico (CONAC) nº 009/2012, aunque las primeras subvenciones de extensión se otorgaron en 2009. Como resultado, el cronograma de la investigación empezó en 2009 (el año que marca la creación del Programa) y terminó en 2017 (pues los informes disponibles para su análisis en la Pro Rectoría de Extensión estaban fechados hasta ese año). En resumen, el período elegido de análisis de proyectos y programas presentados a PIBEX comprende los años 2009 a 2017.

En vista de la presencia de los siete Centros de Enseñanza en la UFRB, fueron seleccionados para la investigación los proyectos y programas presentados por profesores del Centro de Ciencias Agrícolas, Ambientales y Biológicas (CCAAB) y el Centro de Ciencias Exactas y Tecnológicas (CETEC), ambos ubicados en Cruz das Almas. Estos fueron elegidos por su tiempo de existencia,

es decir, porque son los Centros de Enseñanza más antiguos de la institución y porque son los más propensos al desarrollo de actividades en la línea ambiental, considerando la presencia de los diversos cursos de pregrado y posgrado en esta área.

Cabe señalar que PIBEX da la libertad para que los maestros presenten los mismos proyectos o programas en más de una edición, sin imponer límites a esto. Como el título del trabajo presentado aquí ya trae consigo el objetivo de analizar la relación entre la universidad y el poder público, se estudió la posibilidad de cubrir tanto proyectos como programas que mantuvieron cierta asociación con la esfera pública en el sitio donde fueron desarrollados – con el fin de presentar los principales aspectos que surgen de la articulación, así como aquellos que no mantuvieron esa relación – en un intento de explicar las razones por las que lo hicieron imposible.

Tomando esta información como un horizonte, se catalogaron en la Pro Rectoría un total de 42 proyectos y/o programas en el área temática del Medio Ambiente en la Oficina de Extensión de la UFRB. Para la investigación, se seleccionaron 4 acciones de este tipo, es decir, 2 proyectos (coordinados por profesores de CCAAB) que mantuvieron una relación con el gobierno local, siendo elegidos para integrar el estudio intencionalmente. Además fue seleccionado dentro de ese universo (definido al azar entre los 40 restantes) más 2 acciones (1 proyecto y 1 programa coordinado por profesores de CETEC), cuya ejecución no presentó la participación del gobierno local.

Por lo tanto, los proyectos seleccionados deben cumplir cuatro criterios: 1) haber sucedido en el período de 2009 a 2017; 2) ser representativo del área temática del Medio Ambiente; 3) ser de los Centros de Enseñanza CCAAB y CETEC; 4) y que ya estuvieron finalizados.

Debido a esta delimitación y para lograr los objetivos propuestos, la muestra elegible también fue intencional, o sea, compuesta de 4 profesores (supervisores) y 4 estudiantes (estudiantes de becas de extensión), como sujetos de la investigación que compuso los proyectos y programas seleccionados. Los otros miembros de la investigación fueron los gerentes de poder público (distribuidos en los municipios donde se desarrollaron los proyectos y el programa). De esta manera, se organizaron entrevistas semiestructuradas y se llevaron a cabo de la siguiente manera con dichos temas:

- Las entrevistas semiestructuradas con los supervisores de los proyectos y programas ocurrieron entre los meses de octubre y noviembre de 2018, según la definición, el lugar y el tiempo establecidos y en presencia exclusiva de ellos. Preliminarmente, se envió una invitación por correo electrónico para la participación de estos voluntarios de la investigación;
- Para los becarios, las preguntas con el guión de la entrevista se enviaron por correo electrónico, entre los meses de octubre a noviembre de 2018. Debido a que eran graduados, se descubrió que los becarios

vivían en otras ciudades, incluso en otros estados de Brasil. Por lo tanto, las entrevistas a través de este canal de comunicaciones en línea se presentaron como las alternativas metodológicas más factibles. Cabe señalar que el formato de las preguntas presentes en los guiones de la entrevista se elaboraron en el editor de texto del Microsoft Word, por ser lo más flexible posible, permitiendo a los participantes tener total libertad para responder las preguntas allí contempladas;

- Por otro lado, las entrevistas con los gerentes de la administración pública ocurrieron entre octubre y diciembre de 2018. La invitación se realizó en persona en los propios sitios. Posteriormente, dichos gerentes definieron la fecha, el lugar y la hora en que el investigador podría asistir a la entrevista.

Vale la pena recordar que en la etapa de realización de todas las entrevistas cara a cara, se utilizó la grabadora, cuyo objetivo era garantizar la confiabilidad de las respuestas de los encuestados y, más tarde, servir de apoyo para la descripción de los resultados de la investigación.

Cabe señalar que, para cumplir con los aspectos éticos de la investigación, con respecto a la confidencialidad e identificación de los participantes, se omitieron los nombres de estos participantes, así como los títulos de los proyectos y programas, que fueron llamados Proyectos A, B, C, y Programa D.

RESULTADOS Y DISCUSIONES

Después de transcribir los registros de las entrevistas semiestructuradas y leerlas cuidadosamente, los datos recopilados se organizaron en dos categorías derivadas de la recurrencia en los registros analizados, que son: 1. Relación entre el gobierno local y los proyectos / programas de extensión universitaria en el área ambiental de PIBEX; y 2. El gobierno local y el tema ambiental: una mirada desde los proyectos y programas de extensión universitaria en el área ambiental de la UFRB.

A continuación se presentarán los análisis de cada categoría por separado, aunque están estrechamente entrelazados. Fue seleccionado en cada categoría las declaraciones de los sujetos que participaron en la investigación que más evidenciaron el progreso analizado.

Relación entre el poder público local y proyectos/programas de extensión universitaria en el área ambiental de PIBEX

Los dos proyectos de extensión universitaria en la línea temática del Me-

dio Ambiente que tenían asociaciones con el gobierno local fueron presentados por maestros de CCAAB y aprobados en la selección de PIBEX en 2010. Los otros dos, que en este caso eran un proyecto y programa de extensión universitaria, cuyos planes de trabajo no presentaban asociaciones con el gobierno local, fueron presentados por profesores de CETEC y aprobados en la selección de PIBEX en 2010 y 2014, respectivamente.

El primer proyecto PIBEX seleccionado para estudio, que aquí se llamará Proyecto A, fue válido por un año. El Proyecto fue desarrollado con profesores de la red de educación pública de Educación Básica en Maragogipe, un municipio perteneciente al Territorio de Recôncavo da Bahia, con el objetivo de construir un plan de acción, de manera participativa, capaz de involucrar a todos los sectores locales. Además de los profesores de escuela, pretendía incluir el poder público local, representaciones comunitarias, consejos de administración, entre otros, para enfrentar los problemas evidenciados en una reserva extractivista de manglares, caracterizada como un Área de Protección Permanente (APP), con el fin de crear las condiciones necesarias para la conciencia ambiental y el despertar a alternativas sostenibles para el desarrollo comunitario.

El Proyecto B fue el único que tuvo dos ediciones: una en 2010 y la otra en 2011, sin embargo, la edición de 2010 fue seleccionada para la investigación, que presentó articulaciones con el gobierno local. Dicho proyecto abordó el tema de los desechos orgánicos en el mercado libre de Cruz das Almas, la conciencia ambiental de la comunidad local y la participación de la educación ambiental en la gestión, y especialmente con respecto a la producción de desechos, su reciclaje y minimización de los impactos en el medio ambiente. Todos los desechos producidos por los comercializadores fueron recolectados y transformados en compuestos orgánicos para ser distribuidos a la población y donados para la producción de plántulas de especies arbóreas en la UFRB.

El proyecto C tuvo su desarrollo también en el municipio de Cruz das Almas, y presentó como objetivo principal el conocimiento sobre la contribución de una comunidad ubicada en el área rural en la dinámica de la contaminación del agua en un río que estaba en su entorno, como resultado del proceso de urbanización y los múltiples usos registrados a lo largo de los años. Con este fin, un programa de educación ambiental fue realizado en una escuela en esa área, con el propósito de establecer una base para llevar a cabo acciones para recuperar la calidad del río y trabajar en la conciencia de los problemas ambientales destacados, lo que llevó a las personas a adoptaren una actitud más participativa en el manejo de los recursos naturales, para convertirse en agentes multiplicadores.

El programa D se ocupó de la implementación de un programa de educación ambiental en dos Escuelas Primarias públicas, aún en Cruz das Almas. El objetivo era advertir sobre el problema de la gran producción de basura por los seres humanos y estudiar conceptos importantes como el reciclaje, la recolección selectiva y el compostaje, haciendo que los estudiantes y educadores de las escuelas registradas sean conscientes de la importancia de cambiar los hábitos para mejorar las condiciones ambientales, a través de clases expositi-

vas y prácticas. Todos los desechos recolectados en ambas escuelas fueron donados a una asociación de recolectores de materiales reciclables del mismo municipio.

Es importante resaltar que en el análisis de los Informes Parciales y Finales catalogados en la Pro Rectoría de Extensión, Era posible percibir que el concepto de extensión universitaria en el alcance de los proyectos y el programa estaba vinculado principalmente al carácter formativo de los becarios, así como al intercambio de conocimientos y experiencias entre los extensionistas y la comunidad que forma parte de las acciones. Además, se identificó que, en cierto modo, el propósito de las acciones también se dirigía al desarrollo local, en el momento en que se abordaban cuestiones importantes en los municipios.

Dadas las características de las acciones de extensión presentadas, se observó que la mayoría de estas se desarrollaron en las escuelas. Un hecho que también se pudo notar en la mayoría de las propuestas catalogadas en el Pro Rectoría de Extensión de la UFRB. Aunque el enfoque del análisis fue el campo ambiental, se hizo evidente que no solo los proyectos y programas en el área ambiental tenían esta característica, sino también varias otras líneas temáticas de PIBEX, como, por ejemplo, la Educación.

Vale la pena mencionar que las acciones desarrolladas en el ámbito de PIBEX se extendieron a los profesores a través de las capacitaciones, a los estudiantes a la comunidad local. Así, se establecen las nuevas relaciones entre la universidad y la sociedad, que ahora comienza a ejercer su compromiso frente a las demandas sociales, entre ellas el enfoque de la educación pública.

Con respecto a las alianzas establecidas entre el gobierno local y los proyectos y programas de extensión, sólo dos de ellos tenían algún tipo de articulación a nivel local, especialmente con las Secretarías Municipales vinculadas a los Ayuntamientos donde se desarrollaron las acciones. Os demais não estabeleceram nos seus planos de trabalho e nem durante o decorrer das atividades alguma relação desse tipo.

En el Proyecto A, por ejemplo, se firmó una articulación con la Secretaría Municipal de Educación con el objetivo de obtener un tipo de autorización (a través de una carta) para que las actividades fueran realizadas con los profesores en las escuelas registradas. De esta forma, se realizaron visitas constantes a las instituciones educativas y a la Secretaría para verificar e informar a los docentes y gerentes sobre el progreso del proyecto, así como para presentar informes sobre las acciones. Los otros avisos se enviaron por correo electrónico al gerente responsable del organismo público y a los directores de los establecimientos escolares.

Las actividades del Proyecto B debían ser subvencionadas por la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente para facilitar el acercamiento con los comercializadores y colaborar con otros procedimientos. La articulación con este organismo fue pensada, principalmente, debido al carácter de extensión del Proyecto y para satisfacer la demanda de la población local, que estaba molesta por la eliminación inadecuada de los desechos. Después de una serie de reuniones con los gerentes asignados a la Secretaría, se firmó un Acuerdo

de Cooperación Técnica, donde se consideró el apoyo a la logística y las materias primas para ayudar en la ejecución de las actividades.

Consejero(a) del Proyecto B: Nosotros, inicialmente, antes de comenzar el Proyecto, lo llevamos a los administradores de la Secretaría de Agricultura y Medio Ambiente para ver si querían participar. En realidad, se suponía que el Proyecto se llevaría a cabo en 4 o 5 prefecturas del Recôncavo. No pudimos obtener el apoyo, porque necesitábamos un coche, y la Universidad no tenía [...]. Así que decidimos hacerlo solo con Cruz das Almas para tratar de hacerlo más fácil, porque íbamos a recolectar basura y hacer que fuera más fácil llevarla a la Universidad.

Becado(a) del Proyecto B: Como el proyecto tuvo una interacción directa con el mercado libre de Cruz das Almas, proponer una nueva estrategia para el manejo y uso de los desechos orgánicos, fue fundamental establecer una asociación con la gestión pública local. También en vista de la necesidad que existía para permitir la recolección y el transporte de desechos, ya que el Proyecto tenía recursos solo para la beca del estudiante y no garantiza ninguna logística o estructura del Proyecto. Por lo tanto, nos acercamos a la Secretaría de Agricultura y Medio Ambiente, solicitamos algunas reuniones y presentamos el Proyecto.

Como se puede ver hasta ahora, la iniciativa de requerir algún tipo de apoyo del gobierno local en ambos casos anteriores, provino de los supervisores del proyecto. Lo que llama la atención son los instrumentos utilizados para solicitar esta demanda (Carta de autorización y Término de Cooperación Técnica) incluso antes de poner en práctica las actividades. Además, es evidente que las reuniones iniciales fueron de fundamental importancia para que toda la información sobre los proyectos se transmitiera de una manera a los administradores, tanto que firmaron los documentos que demostraron tal comprensión de lo que se requería en ese momento.

En cuanto a los resultados logrados a través de la asociación entre proyectos de extensión universitaria y el gobierno local, las declaraciones indican que las contribuciones se condensaron más dentro del alcance del desarrollo local de los propios municipios, generando beneficios para la comunidad al llegar a ciertas áreas ambientales que anteriormente no recibían la debida atención.

Consejero(a) del Proyecto A: Esta experiencia de Maragogipe fue la primera experiencia oficial con el sello del Ministerio del Medio Ambiente (MMA). Y el Ministerio delegó esta responsabilidad a la ONG Instituto BiomaBrasil, ya que fue la ONG que adaptó y conoce la guía, realizó toda la adaptación técnica de este material, fue la ONG la que realizó el curso de capacitación con los profesores¹. El curso duró 100 horas, porque tuvo una parte cara a cara con los profesores. Los profesores ganaron estos ejemplares y los llevaron a sus escuelas. Tenían ejemplares para las escuelas, pero el equipo del Proyecto también acom-

pañaba a estos profesores mes a mes para seguir la evolución de su trabajo, para tratar de mediar problemas y dudas. Para que se den cuenta, después de esta experiencia en Maragogipe, esta guía, con el apoyo de la misma ONG, ya ha realizado esta experiencia en ocho municipios más a lo largo de la costa brasileña: en Bahía, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo y también São Paulo. El Ministerio valora este instrumento para trabajar con escuelas alrededor de áreas protegidas que tienen manglares. Entonces, es algo que continúa y esta experiencia de PIBEX fue la primera (negrita nuestra).

Becado(a) del Proyecto A: Tuvo lugar en un enfoque inicial con resultados satisfactorios porque la presencia y participación de los docentes en el taller durante el Día Pedagógico los motivó a comenzar el desarrollo de proyectos en sus escuelas.

Consejero(a) del Proyecto B: La articulación entre el Proyecto y las autoridades públicas locales, permitió una relación más estrecha con los vendedores del mercado, ya que el municipio carecía de actividades de ese tipo, considerando que, hasta aquel momento, ningún proyecto había sido identificado por el da Prefeitura Municipal similar a lo que estaba haciendo PIBEX. Fue posible identificar que, gracias a la asociación, hubo un mayor compromiso de los vendedores que participaron en las acciones, e incluso aquellos que no habían sido contemplados por el Proyecto en el momento del registro, empezaron a reflejar a los que separaron la basura para el compostaje. Además, inicialmente, se vio la sensibilidad de los gerentes en la colaboración con el Proyecto, a través del transporte para la carga del material recolectado en el mercado callejero.

La resolución nº 038/2017, que aborda las normas que regulan las acciones de extensión universitaria en la UFRB, presenta como conceptos de este término la relación de la Universidad con otros sectores de la sociedad, ya sea como alternativas para el diálogo, la interacción e incluso como una forma de satisfacer las necesidades y resolución de problemas sociales.

Artículo. 3º [...], se considera que la Extensión Universitaria: I – representa un trabajo en el cual la relación universidad-profesor-estudiante-tecnico administrativo-comunidad se convierte en una posibilidad efectiva para diálogos,

1 El Instituto Chico Mendes para la Conservación y la Biodiversidad (IMCBio) es el organismo responsable de la gestión de esa área protegida. Debido a esto, el Proyecto necesitaba estar registrado en el portal en línea del Instituto. Además, el Ministerio del Medio Ambiente (MMA) estaba dispuesto a proporcionar algunas copias de la guía didáctica "Os Maravilhosos Manguezais do Brasil" para que el equipo pudiera trabajar con los maestros del sistema escolar público local. Dicho material habría sido preparado en base a una experiencia estadounidense desarrollada por una Organización No Gubernamental (ONG), llamada Mangrove Action Project, y adaptada a la realidad brasileña. Así, una ONG brasileña, llamada Instituto BiomaBrasil, responsable de la adaptación de la guía didáctica, y de la cual el asesor del Proyecto de Extensión habría actuado como director, fue responsable del proceso de capacitación de los profesores de las escuelas públicas.

intercambios, interacciones, transformación mutua, desafíos y complementariedad; II – constituye una estrategia de comunicación con otros sectores de la sociedad, sus problemas y potencialidad.; III – Es un medio de formación de ciudadanos profesionales capaces de responder, anticipar y crear respuestas a las necesidades de la sociedad; IV – Favorece la renovación y expansión del concepto de "aula", lo que lo convierte en el lugar privilegiado para el acto de aprendizaje, adquiriendo una estructura ágil y dinámica, caracterizada por un aprendizaje mutuo efectivo de estudiantes, servidores técnicos y docentes y otros segmentos del sociedad, que ocurre en cualquier espacio y tiempo, dentro y fuera de la Universidad. (UFRB, 2017, p. 1-2).

Para Santiago (2017), la extensión universitaria, al interactuar con otros segmentos de la sociedad, cumple algunos roles importantes como la capacitación, la colaboración con el desarrollo y la socialización del conocimiento. Al mismo tiempo, delega en la universidad en relación con los objetivos de producción de conocimiento, con respecto a la aproximación y circulación entre sus receptores efectivos y su compromiso con la transformación de la realidad social. Aun así, cubre audiencias variadas y difusas, y más allá de los "muros" de la universidad, exigiendo la valorización de la dialogicidad y la alteridad.

De las principales dificultades que enfrenta la relación entre los proyectos de extensión universitaria y el gobierno local, un punto en común llama la atención: la falta de compromiso por parte de los gerentes públicos para asumir las responsabilidades en relación con las acciones de extensión..

Consejero(a) del Proyecto A: Por parte del Departamento Municipal de Educación, no parecían estar lo suficientemente organizados, lo suficientemente preparados para seguir, para conducir. Estaban informada todo el tiempo. Envié mensajes e informes e informes de nuestro Proyecto a los administradores de esta Secretaría, pero sin muchos comentarios, sin muchos incentivos.

Becado(a) del Proyecto A: En mi opinión, la principal dificultad fue el lanzamiento de otros proyectos por parte de la Secretaría para las escuelas participantes, lo que hizo que el calendario escolar se sobrecargara, así como el tiempo de los profesores involucrados.

Consejero(a) del Proyecto B: Durante este proceso, surgieron algunas dificultades porque la Secretaría tenía otras prioridades con la población local y no podíamos esperar mucho debido a la entrega de los Informes. Y la Secretaría no pudo proporcionar el apoyo logístico necesario para que las acciones del Proyecto avancen. Yo, por ejemplo, tuve que comprar el material con mi dinero, por falta de compromiso de la Secretaría.

Becado(a) del Proyecto B: La Secretaría del Ayuntamiento fue sensible al Proyecto, entendió la necesidad de una nueva mirada a la gestión de residuos,

inicialmente apoyando la logística de los residuos recolectados en las primeras semanas, pero no pudo firmar su compromiso con todo el Proyecto, debido a las grandes demandas ya existentes en el propio municipio y la inexistencia de una política pública local para promover mejor la reutilización de la materia orgánica perdida en días de mercado callejero. La mayor dificultad fue la discontinuidad del compromiso de la Secretaría con la recolección y el transporte, que fue el principal cuello de botella. Dado que también era muy complicado articular el transporte a través de la Universidad.

En uno de los informes de un participante de investigación, es muy claro que hubo intentos de acercar a los administradores a las actividades de los proyectos, informándoles sobre lo que estaba sucediendo, utilizando algunos medios para esto, enviando mensajes e informes. En otros informes, es posible notar que algunas prioridades se pusieron anticipadas de los proyectos de extensión, lo que demuestra aún más la desorganización en la forma en que operan estos organismos.

Como el Proyecto C y el Programa D no requerían ninguna forma de articulación con el poder público local, ya que debido a sus propias características se ve que no sería necesaria una contraparte de la esfera pública municipal, se observó durante la entrevista con los consejeros, concepciones ideológicas similares con respecto a la posibilidad de presentar proyectos o programas en el área ambiental a PIBEX con un vínculo futuro con organizaciones públicas.

Dichos asesores, casualmente, participaron voluntariamente, antes de estas acciones, en un proyecto de extensión presentado por otro maestro en la UFRB, también de naturaleza ambiental, pero en un programa diferente al PIBEX. Hubo varios trastornos que se enfrentaron durante el curso de las actividades, debido a la articulación con el poder público, que constantemente desanimó a todo el equipo a continuar realizando las actividades. Esta experiencia se convirtió en el pasaporte inicial para que los asesores ya no quieran elaborar proyectos de extensión o programas que establezcan este tipo de relación.

Consejero(a) del Proyecto C: Actualmente, debido a la experiencia que tuvimos, incluso después de este Proyecto, es difícil, al menos con las Secretarías con las que contacté. Enfrentamos dificultades de relación para que ellos participarán. Cuando solicitamos algún material o mano de obra, o algún costo, no lo respaldaron. Cuando solo solicitamos espacio físico, todavía ceden. No solo el Municipio de Cruz das Almas, sino también otros municipios, están sensibilizados con los proyectos, pero no quieren asumir los costos, porque creen que la Universidad tiene la obligación de hacer todo. Como una de las actividades de la universidad es la extensión, el Ayuntamiento piensa que la universidad tiene que hacer todo y asumir las obligaciones que pertenecen a lo propio Ayuntamiento. Así que, piensan que tenemos más dinero, que los maestros tienen más tiempo, que los estudiantes tienen más tiempo y que los recursos de la Universidad son mayores que los del Ayuntamiento. Entonces, no quieren darnos recursos para desarrollar los proyectos.

Consejero(a) del Programa D: Una cosa de la que ya me di cuenta es que el gobierno cambia, la secretaria cambia, entonces tienes que empezar desde cero, ¿verdad? No hay historia o continuidad allí de los proyectos que están en progreso o que están apoyando. Luego tiene que llegar e intentar hacer toda esta articulación nuevamente, hablar con la secretaria para hablar sobre el proyecto, hablar sobre lo que está sucediendo y ponerlo al día y continuar. Entonces, esto es lo que encuentro peor en todo el proceso. Las personas del Ayuntamiento cree que la universidad es rica y tiene más dinero que ellos.

Al observar estos testimonios, parece que existe una confusión sobre los roles en la relación entre la universidad y el poder público, lo que, en general, pone esto primero y sus acciones de extensión universitaria solo en la concepción de la provisión de servicios. Sobre eso, Santos (2013, p. 26) señala que:

Cabe señalar, sin embargo, que la universidad pública no se constituye como una secretaria del gobierno; se sabe que no es su papel llevar a cabo las funciones intrínsecas del poder público. A pesar de mucha discusión sobre su desempeño, teniendo en cuenta esta cuestión, es importante diferenciar sus atribuciones. Un hecho interesante, en este contexto, es su fortaleza en la intervención de problemas sociales, que lo presenta como un socio del poder público.

Según Ávila y Malheiros (2012), el municipio, además de la decisión política de involucrarse en el tema y enfrentar todos los conflictos derivados de tomar una posición en relación con un tema tan amplio y complejo como el medio ambiente, también necesita prepararse y empoderarse a sí mismo. Depende de los administradores públicos establecer asociaciones, porque algunas cuestiones ambientales van más allá de las fronteras de un municipio y condicionan la efectividad de la solución a la resolución cooperativa del problema. Esto favorece el uso eficiente de los recursos públicos y la optimización de los recursos humanos. Aun así, es necesario poner a disposición los recursos necesarios, legales, estructurales, operativos, financieros, tecnológicos y técnicos, a fin de cumplir con los requisitos para una acción eficiente en el tratamiento de problemas ambientales, así como sus interfaces de cooperación con la sociedad en general en términos de condiciones de participación.

También es importante que haya una continuidad de las acciones, ya que todavía hay un retraso en la administración local, dentro del proceso de administración, y los modelos de gestión persisten marcados por el individualismo y la burocracia. Las propias Secretarías Municipales no se hablan entre sí, un proceso que es consecuencia de las diferencias entre los partidos que hacen imposible cualquier acción conjunta y la continuación de lo que ya se planteó como una posible contribución al desarrollo local. Los Ayuntamientos Municipales no hacen que los Consorcios Públicos se ocupen de ciertas especificidades locales, sin considerar que esto podría traer beneficios a las cuentas

públicas y generar bienestar para los ciudadanos.

Por otro lado, incluso con los cuellos de botella enfrentados en la relación del Proyecto con las autoridades públicas, el Consejero del Proyecto A declaró que estaría dispuesto a presentar un nuevo proyecto o programa de extensión universitaria a PIBEX nuevamente, cuya articulación contó con el apoyo de la esfera pública local, incluida la misma que actualmente ha participado de algunas acciones en municipios del Recôncavo de Bahía con diálogos en los Ayuntamientos y Secretarías para firmar un Acuerdo de Cooperación Técnica entre la UFRB y las autoridades públicas basado en el borrador de un proyecto.

El Consejero del Proyecto B aclaró que, debido a los obstáculos derivados de esta articulación, solo estaría dispuesto a escribir un nuevo proyecto o programa de extensión con el apoyo del gobierno local, si tuviera conocimiento de referencias previas sobre los aspectos profesionales y académicos del administrador responsable del organismo público. El Consejero cree que si hay algún cambio en el punto de vista político de los gerentes y el sesgo de lo que ven como el medio ambiente, la construcción de acciones de extensión facilitaría aún más la aproximación de la Universidad con la esfera pública municipal. De hecho, él ha sido buscado por los gerentes de la misma Secretaría en la que se utilizó el apoyo en el pasado para el proyecto de extensión, con el fin de preparar un proyecto ambiental para la conservación de un área protegido, pero ya ha dejado en claro que su papel solo será escribir la parte teórica de las actividades, dejando el desarrollo práctico por parte de eso.

En cualquier caso, la participación de las autoridades públicas locales fue considerada por todos los entrevistados como extremadamente importante para el desarrollo de proyectos o programas de extensión universitaria en el área ambiental. Los siguientes son los discursos de los becarios con respecto a esta consideración.

Becado(a) del Proyecto A: Al ver los puntos positivos que resultarán de la asociación con la Universidad, podría abrir espacio en eventos para actividades del Proyecto, ayudar con material o personal para el desarrollo de actividades y ofrecer incentivos a las personas involucradas para participar en el Programa.

Becado(a) del Proyecto C: A través de una asociación comprometida con el desarrollo local que de alguna manera contribuiría a fomentar el crecimiento socioeconómico y sostenible. La población tendría la oportunidad de obtener una respuesta de la UFRB para resolver un problema social, sin mencionar que la institución tiene profesores e investigadores con un alto nivel de conocimiento capaz de ofrecer a la sociedad diversas alternativas para resolver problemas sociales.

Becado del Programa D: El gobierno local tiene todo para obtener resultados positivos. Invertir, publicitar, exigir reuniones para que pueda llegar aún más

cerca de la población.

Al interpretar el contenido de las declaraciones, se infiere que los administradores públicos podrían estar contribuyendo de diferentes maneras en el desarrollo de acciones de extensión en esta área, principalmente con la provisión de recursos humanos, materiales e incluso financieros. Después de todo, lo que sería una forma de compensar a la población, además de los impuestos en general, también contribuye a los impuestos municipales, que podrían reinvertirse para actividades de este tipo. No solo eso, sino que el gobierno debe divulgar los proyectos, para que la población pueda conocer las relaciones que tiene con una universidad ubicada dentro del municipio.

Con respecto a la identificación de temas prioritarios para el desarrollo de proyectos o programas de extensión universitaria en la línea ambiental en asociación con el gobierno local, se identificó que el desecho urbano es un problema que es más evidente en este momento. Además de este tema, los siguientes fueron citados como urgentes: forestación urbana, el problema agroecológico sostenible, saneamiento básico y la conservación de manantiales.

O Consejero(a) del Proyecto A: No entiendo cómo tenemos una UFRB aquí dentro de la ciudad, con 3 o 4 grupos que trabajan en la investigación de gestión de residuos sólidos, y el Ayuntamiento gasta dinero contratando empresas externas para preparar su Plan de Gestión. Esto es surrealista. Entonces, ni la Universidad está logrando imponerse, y me parece que incluso el Ayuntamiento no está muy dispuesto a escucharnos, aunque hay afinidades políticas e ideológicas, incluso partidistas. Entonces, este es solo un ejemplo de Cruz das Almas, pero de todas las prefecturas de la región que sufren el mismo problema. Me da miedo, por ejemplo, el aspecto de la forestación urbana. Aquí, no hay un sistema de poda de árboles, hay mutilación de árboles. Cuando vas a todo Recôncavo, ves que ninguna Secretaría tiene una Política Municipal de Educación Ambiental, ¿correcto?

Consejero(a) del Proyecto B: Aquí, el Ayuntamiento no toma medidas con respecto al reciclaje de basura. Entonces, todos tiran la basura de la manera que quieren, en el momento que quieren. Y que el Ayuntamiento tiene que seguir adelante, porque ya debía haber terminado el tema de los vertederos, pero el Gobierno Federal pensó que tenía que expandirse, por lo que extendió el plazo a otros 10 años. Así que, no es necesario tener más vertedero, solo vertedero. Pero aquí en Cruz das Almas aún no se han despertado, porque la basura es un problema. Creo que hay mucho que podemos hacer. La ciudad debería revertir los recursos a este tema.

Becado(a) del Proyecto B: Algunos temas que me gustaría citar son: relaciones etnobotánicas y nuevas perspectivas para la aproximación de la sociedad a la naturaleza[...]; agricultura ecológica versus convencional, desmitificando las for-

mas de supervivencia en el campo de la Agroecología y sus sistemas dinámicos; y recuperación de áreas degradadas y cuerpos de agua utilizando restauración productiva, construyendo soberanía alimentaria.

Consejero(a) del Proyecto C: Un tema es el saneamiento básico, especialmente en el escenario actual, donde hay una fuerza política que ya no ofrece los recursos que prácticamente se aprobaron para el tema del saneamiento. Aún en la escena nacional, el tema del saneamiento es un tema muy urgente, ¿verdad? Mirando a Brasil, tiene una gran escasez debido a la falta de saneamiento. Este tema está directamente relacionado con otras áreas, como la salud e incluso la educación misma.

Becado(a) del Proyecto C: Algunos temas serían extremadamente relevantes para la sociedad, como, por ejemplo, un programa que respaldaría cuestiones ambientales como la identificación y mantenimiento de todos los manantiales de la ciudad, la recuperación de los afluentes. El Departamento de Medio Ambiente del municipio de Cruz das Almas debe buscar una asociación con la UFRB, ya que la Universidad cuenta con investigadores y profesionales en el área, así como una asociación que contribuya a remediar los impactos causados por el vertedero del municipio vinculado a un estudio más refinado para presentar algunas alternativas de crear otro medio de eliminación de los desechos sólidos de la ciudad.

Consejero(a) del Programa D: Creo que algo que es muy necesario, que también está dentro de mi área de trabajo, es la gestión de residuos. Vemos muchos problemas con la gestión de los residuos de la construcción con los que podríamos trabajar de alguna manera, por ejemplo, enseñando a los pequeños generadores a hacer su propia construcción, los albañiles – cómo deberían manejar los desechos, cómo podrían aprovechar estos desechos de la construcción civil, porque vemos muchos escombros esparcidos en la calle. Entonces, creo que este fue un trabajo que deberíamos desarrollar. Otro también está relacionado con los residuos del mercado. Sería interesante si los especialistas en marketing supieran cómo manejar sus desechos, cómo usar este material, para sacar esa suciedad de la calle. Creo que podría contribuir mucho e incluso aliviar a el Ayuntamiento de estos costos. Solo para que el Ayuntamiento se libere de estos costos en el futuro, es necesario que invierta un poco ahora.

La información de los sujetos de investigación indica posibles caminos que las autoridades públicas locales pueden tomar para incluir algunos temas en la gestión ambiental. Para este fin, se recomienda que algunas políticas públicas en esta área se incorporen a las acciones de los Ayuntamientos municipales, como la Política Nacional sobre Residuos Sólidos (Ley nº 12.305/2010); Política nacional de saneamiento básico (Ley nº 11.445/ 2007); Política Nacional de Recursos Hídricos (Ley nº 9.433/1997); Política Nacional de Educación Ambiental (Ley nº 9.795/1999) entre otros.

A partir de las discusiones realizadas hasta el momento, cabe señalar que todavía hay una gran dificultad para llevar a los Ayuntamientos de Recôncavo da Bahia a señalar, pensar y exigir sus problemas a la Universidad. Los diversos grupos de investigación, enseñanza y extensión formados dentro del alcance de la UFRB podrían estar contribuyendo significativamente a la resolución de los problemas que enfrentan los municipios, pero parece haber un cierre para el surgimiento de una acción de colaboración. En otra perspectiva, también es necesario reflexionar sobre el papel de la UFRB en los municipios donde se desarrollaron las actividades de PIBEX, es decir, cómo se interpreta la institución fuera de sus muros y cuál es la opinión que tienen las autoridades públicas con respecto a sus funciones. Esto se discutió en el siguiente subtema.

Poder público local y el problema ambiental: una mirada desde los proyectos y programas de extensión universitaria en el área ambiental de UFRB

Durante el curso de la investigación, se propuso realizar entrevistas con los administradores del sector público ubicados en las Secretarías de los municipios donde se llevaron a cabo los proyectos de extensión universitaria y, en consecuencia, mantuvieron algún tipo de articulación en estos organismos. Por lo tanto, fueron entrevistados los administradores de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente y la Secretaría Municipal de Educación de Cruz das Almas, así como el administrador de la Secretaría Municipal de Educación del municipio de Maragóipe.

Cuando se les preguntó acerca de la existencia de iniciativas de acción para el desarrollo ambiental, los sujetos de investigación mencionaron varios proyectos en los cuales los municipios se han apoyado, a través de las Secretarías Municipales, que se ocupan específicamente de este asunto.

Administrador(a) de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente de Cruz das Almas: Las principales iniciativas son la forestación urbana y rural en asociación con la comunidad local en el sentido de que los residentes exigen la plantación de árboles en los vecindarios y, posteriormente, cuidan las plántulas para que puedan crecer saludables; proyecto para combatir la contaminación acústica; el proyecto para valorizar los recolectores de materiales reciclables, principalmente en el registro de estos profesionales para trabajar en los períodos festivos del municipio; recogida de neumáticos para vehículos de motor, con el fin de eliminar este material del medio ambiente, encaminando para reciclaje y proyectos específicos de educación ambiental en escuelas públicas y privadas, desde donde la Secretaría organiza visitas de estas escuelas a algunas áreas protegidas que existen en el municipio, así como también sensibilizar a todos involucrados con la escuela sobre la importancia de la preservación ambiental.

Administrador(a) del Departamento de Educación Municipal de Cruz das Almas: Existe el Programa Semear, que tiene como objetivo educar ambientalmente a todos los estudiantes de las escuelas ubicadas en áreas rurales sobre el tema ambiental de hoy en las áreas rurales, con el apoyo de los Parámetros Curriculares Nacionales, y enfatizando en sus actividades la plantación de vegetales para las comidas escolares. Otra acción ocurre durante el Día de la Educación Pedagógica, un evento que siempre se sucede al comienzo del año escolar y que reúne a todo el personal docente del sistema escolar público. En esa ocasión, se informa a los directores sobre el calendario ambiental y se les instruye para que lleven a cabo diversas actividades relacionado con este tema con los estudiantes.

Administrador(a) del Departamento de Educación Municipal de Maragogipe: Tenemos una variedad de proyectos en el área del medio ambiente en todas las escuelas públicas del municipio. Estas acciones implican trabajar con varios temas: huerto escolar, forestación, residuos sólidos, manejo del suelo, uso racional del agua, entre otros. Antes de eso, realizamos cursos, talleres y conferencias con todos los profesores y coordinadores escolares y, al final del año escolar, todo el profesorado, junto con los administradores de la Secretaría, analizamos los resultados alcanzados y las dificultades enfrentadas en el desarrollo de acciones realizadas durante el año. La responsabilidad de la capacitación de estos agentes recae en el equipo del Departamento de Enseñanza, con sede en esta Secretaría, que participa en varios otros eventos en el Estado para asumir la misión de compartir las enseñanzas.

Las respuestas demuestran el compromiso de estos sujetos con la perspectiva ambiental, un hecho que se puede ver tanto en el número de proyectos y acciones citados, como en la forma en que se realizan. También se identifica en los discursos, los espacios donde se suceden las acciones: en los barrios, en las escuelas y durante los eventos anuales que ocurren en los municipios. Dichos espacios permiten que las Secretarías aparezcan en ciertos escenarios como responsables de las acciones de desarrollo local.

Se hizo evidente durante la entrevista que existe una relación entre las acciones de las Secretarías y la comunidad beneficiada (sin la presencia de alianzas institucionales), lo cual es esencial, si se tiene en cuenta que el ser humano es la parte más interesada en el tema ambiental. Para Fernandes et. al. (2014), es seguro que para tener una buena calidad de vida, el medio ambiente debe estar en equilibrio, y se presupone el reconocimiento de la necesidad de este equilibrio para que pueda garantizar efectivamente la protección de la personalidad humana. Al preservar esta propiedad, se genera una forma de dar a las generaciones futuras una mejor calidad ambiental y el cumplimiento del principio de igualdad, donde todos tendrán acceso a los recursos naturales en su totalidad. Entre los principios constitucionales, se destaca el relacionado con la vida humana, ya que uno de los requisitos mínimos para vivir con dignidad es estar en un ambiente saludable. Evidentemente, la preocupación por la preservación de la naturaleza existe debido a los sujetos humanos, para que puedan

vivir mejor y más saludables.

En ese momento, se preguntó a los(as) administradores(as) foram preguntados se existe alguma atuação conjunta entre as Secretarias das Prefeituras Municipais para o desenvolvimento das atividades ambientais. Solamente el Departamento Municipal de Educación del municipio de Maragogipe realiza estas articulaciones; los(as) administradores(as) asignados(as) a los dos Secretarios de Cruz das Almas, señalaron que cada organismo desarrolla su acción individualmente, alegando que tienen sus propios departamentos para este propósito.

Administrador(a) del Departamento de Educación Municipal de Maragogipe: Tenemos articulación con varias Secretarías aquí en el municipio. Por ejemplo, cuando necesitamos transporte para hacer proyectos en las escuelas, el Departamento de Transporte nos ayuda; [...] cuando es algo relacionado con el medio ambiente, la Secretaría de Agricultura y Medio Ambiente también está dispuesta a ayudar con el personal y algún material [...]. Así que el Departamento de Medio Ambiente nos articula cuando hay visitas de escuelas en estos lugares. De todos modos, no tenemos dificultades de relación aquí, porque nos juntamos bien.

Administrador de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente de Cruz das Almas: Nuestras acciones pertenecen a la Secretaría, porque tenemos un Departamento de Medio Ambiente que se encarga de eso.

Gestor(a) da Secretaria Municipal de Educação de Cruz das Almas: Hacemos los proyectos ambientales solos. Hay un departamento aquí. Desafortunadamente, hay una disputa política, porque los partidos de las secretarías son distintos, lo que hace que las cosas sean difíciles de desarrollar, pero si algo viniera de afuera, sería más fácil de lograr para nosotros. Hoy trabajamos para una política gubernamental construida por una persona, que es el alcalde, y tenemos varias secretarías que trabajan dentro de esa política. Pero cada secretaría quiere hacer su aparición, quiere trabajar de la manera que quiere.

Los testimonios expuestos son consistentes con el enfoque revelado en el momento de las entrevistas con los supervisores del proyecto y el programa de extensión PIBEX, lo que lleva a la deducción de que, probablemente, el trabajo de las Secretarías que no buscan apoyo entre ellos se basa en un modelo administrativo-burocrático, caracterizado por la división de responsabilidades, la especialización del trabajo y las relaciones impersonales. La disputa política entre los partidos políticos hace que la relación entre los organismos sea inviable y hace imposible desarrollar acciones comunes a favor del medio ambiente.

También fue posible identificar que hay una discontinuidad de trabajo en el momento en que hay transiciones en la gestión pública municipal, lo que hace que la nueva administración tenga que reorganizarse nuevamente y pensar en una nueva forma de desarrollar su plan de trabajo. Vale la pena señalar

que en todos estos organismos hay cambios en relación con los empleados, debido a las últimas elecciones que terminaron asumiendo el control de nuevas asociaciones partidistas, con la mayoría de estos profesionales no titulares.

Administrador de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente de Cruz das Almas: Los primeros años de operaciones fueron muy difíciles, porque encontramos mucha desorganización, principalmente en relación con la falta de proyectos previos en la línea ambiental. Tanto es así que el nuevo equipo tardó aproximadamente nueve meses en organizarse y poner en práctica su plan de trabajo. De esta organización, surgió un Departamento de Medio Ambiente con la responsabilidad de crear y desarrollar acciones ambientales dentro de este municipio..

Según Silva (2013), el gran desafío de la gestión pública es precisamente transformar estas estructuras administrativo-burocráticas en estructuras flexibles y empresariales. Para el autor, es necesario que los gerentes estén capacitados, adopten estándares y herramientas de gestión más innovadores, como la planificación estratégica. Lo que significa una búsqueda de eficiencia y mejora en la calidad del servicio público prestado a la población. Es evidente que la importancia de la planificación estratégica se ve reforzada por la necesidad de que las administraciones públicas se desarrollen en periodos de turbulencia, transición, incertidumbre y aprovechamiento de nuevas oportunidades.

Se diagnosticó que, entre las tres Secretarías visitadas, en dos de ellas se presentaron proyectos de extensión universitaria en el área ambiental de la UFRB, sin embargo, estos aún no se han ejecutado. Varias veces, la investigadora buscó respuestas sobre la relación entre el gobierno local y la Universidad frente a las acciones de extensión, pero no fue posible identificarlas porque los gerentes no tenían conocimiento al respecto. Los sujetos no conocen las contribuciones de la esfera pública a favor de estos proyectos, ni los resultados y las dificultades derivadas de una posible relación. Además, nadie pudo informar de qué programa de la UFRB provenían estos proyectos. Sorprendentemente, solo un(a) administrador(a) presentó conocimiento completo sobre PIBEX, porque había tomado un curso de doctorado hace unos años en la Universidad.

Administrador(a) de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente de Cruz das Almas: Se presentó a esta Secretaría un proyecto de extensión universitaria sobre compostaje de residuos orgánicos con los agricultores en la feria municipal ese año, que fue escrito por un ex alumno y profesor del profesorado de esta institución, en la UFRB.

Administrador(a) del Departamento Municipal de Educación de Cruz Das Almas: Recibimos la visita de una profesora del curso de Ingeniería Sanitaria y Ambiental en la UFRB para presentar un proyecto de extensión universitaria, para desarrollar en las escuelas de la ciudad. Ella quiere controlar el consumo de agua y

proponer alguna tecnología para capturar el agua de lluvia en algunas escuelas.

Con base en lo dicho, es posible observar que hay poco conocimiento sobre los objetivos, justificaciones y finalidades de los proyectos de extensión presentados a las Secretarías. Aunque los(as) consejeros(as) de estos proyectos han desplazado hacia los organismos públicos para presentarlos, es evidente que solo hay información superficial sobre ellos.

También vale la pena señalar que, hasta el momento de las entrevistas, ningún(a) consejero(a) había asistido a las Secretarías para proceder con posibles articulaciones, y tampoco los(as) consejeros(as) los(as) habían buscado para establecer esta relación. Como resultado, algunos testimonios revelan una especie de "insatisfacción" por parte de los(as) consejeros(as), porque, según ellos(as), existe una gran distancia entre la UFRB y las políticas públicas del poder público local.

Administrador de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente de Cruz das Almas: Sabemos que hay muchos proyectos de investigación, enseñanza y extensión que los profesores de la UFRB realizan en la ciudad, pero las acciones no se discuten con la Secretaría, ya que están restringidas solo dentro de la propia Universidad.

Administrador(a) de la Secretaría Municipal de Educación de Cruz das Almas: Cruz das Almas es conocida como una ciudad universitaria, pero parece que no tenemos un diálogo entre ambas partes. Parece que el mundo de la UFRB es un mundo, y el del municipio es algo que no forma parte de la UFRB. UFRB parece ser un municipio aislado dentro de Cruz das Almas.

Los testimonios dejan en claro que el principal responsable de esta distancia es la propia institución educativa, que incluso con dos centros de enseñanza dentro del municipio, parece estar trabajando completamente aislada de las políticas públicas locales. En cierto modo, a través del análisis obtenido en la Pro Rectoría de Extensión, solo se encontraron dos proyectos en el área ambiental que mantuvieron relaciones de asociación con las políticas públicas del poder público local, y se llevaron a cabo en 2010, es decir, realmente parece que existe una resistencia por parte de los(as) Consejeros(as) de las propuestas para buscar algún contacto con los organismos públicos. Se sabe, por ejemplo, que muchas acciones de la Universidad, incluidos proyectos, programas e incluso trabajos de conclusión de cursos de grado y posgrado, se realizan en varios municipios del Recôncavo, sin embargo, no todos se comunican a los organismos municipales competentes, tampoco se busca autorización para esto. Aun así, los resultados de estas acciones, en la mayoría de los casos, no se comparten con las agencias gubernamentales, considerando que compartir podría servir como una contribución a alguna cuestión prioritaria en el municipio.

Administrador(a) de la Secretaría Municipal de Educación de Cruz das Almas: Aquí algunos maestros y estudiantes vienen para solicitar pasantías en escuelas, principalmente en cursos de licenciatura en la UFRB, pero cuando cierran, con respecto a los resultados, esto es algo que deja mucho que desear, porque la gente viene a nosotros y, la mayoría de las veces, al final del trabajo, no existe un compromiso para traernos los resultados. Es algo que es defectuoso, porque debe haber conciencia de los estudiantes de darnos un trabajo que contenga los resultados.

Las revelaciones contadas por las personas entrevistadas nos llevan a indagar sobre el papel real que las instituciones de educación superior (IES) deben desempeñar ante la sociedad, ya que a menudo se ve con ojos distantes de la realidad local. Por lo tanto, es relevante hacer la siguiente pregunta para continuar este análisis: ¿Cómo puede contribuir el papel asignado a la universidad al desarrollo local?

Lopes (2003) aclara que las universidades públicas son organizaciones sin fines de lucro, pero que generan varios servicios, incluidos muchos no observables, como el crecimiento económico y el rescate cultural y local. Esta declaración demuestra el grado de relevancia de la universidad con respecto al desarrollo local, que a menudo se coloca en el discurso neoliberal, lo que sugiere su privatización como una alternativa para superar los problemas observados en ella.

La atribución de la universidad como socio en las políticas públicas y el desarrollo local se remonta a su propia característica de extensión del Estado, ya que, como lo afirma Santos (2010), los organismos públicos se crean para desempeñar las funciones del Estado, o es decir, forma parte de su estructura, por lo que no tiene personalidad jurídica propia, ya que no se consideran personas que constituyen una parte integral del propio Estado.

Además, la idea de concebir a la universidad como una fuente de desarrollo local depende mucho de las acciones internas y externas. Internamente, existe la lucha de la comunidad académica que busca mejoras para la institución y que valora, sobre todo, la función social del buen servicio de esta institución. Externamente, los proyectos de extensión se presentan como mecanismos que pueden colaborar socialmente e interferir en la economía, en el cambio socioambiental, en el desarrollo de nuevas tecnologías, en la construcción conjunta de conocimiento y en el desarrollo de localidades dentro del contexto universitario (SANTOS, 2010). Así, a través de su trípede de acción, la universidad realiza su función social, aumentando las posibilidades de desarrollo local. "La institución social aspira a la universalidad [...]. Esto significa que la institución tiene a la sociedad como su principio y su referencia normativa y evaluativa" (CHAUI, 2003, p. 6).

Las posibilidades de articulación entre el gobierno local y la UFRB, a través de proyectos y programas de extensión universitaria en el área del medio ambiente, fueron considerados por los(as) administradores(as) como una base contributiva para el desarrollo local del municipio.

Administrador de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente de Cruz das Almas: Esta asociación entre UFRB y el gobierno local nos permite ampliar nuestras posibilidades de acción en el municipio. Incluso con la experiencia de profesores y estudiantes en la Universidad, con el trabajo que realizan y este intercambio con el campo, con las personas. Además, el conocimiento es bienvenido. La comunidad necesita acceder al conocimiento. Todo el conocimiento que proviene de la academia, porque esa sería la lógica – de las personas que acceden a ella. Esto es esencial para que el municipio dé un salto cualitativo.

Administrador(a) de la Secretaría Municipal de Educación de Cruz das Almas: Como tenemos muchos doctorados, muchas personas con experiencia y conocimiento concentrados en la UFRB, necesitamos fortalecer estos lazos, debemos comenzar a hablar con las personas. Necesitamos hacer este intercambio de conocimiento. Y, para eso, tenemos que fortalecer estos proyectos. Sería una forma para que estos profesores de la UFRB empoderen a nuestros maestros y traigan nueva tecnología y, así, abrir nuevas puertas para que estos proyectos realmente sucedan aquí en las escuelas.

Administrador(a) del Departamento de Educación Municipal de Maragogipe: Creo que esta asociación es importante en el sentido de expandir las acciones y dar a conocer no solo la Secretaría, sino también la propia Universidad. Todo el conocimiento académico y el intercambio de diálogo entre las personas involucradas en cualquier acción ambiental dada es bienvenida aquí en la ciudad.

Como puede verse, los entrevistados creen que las relaciones de asociación entre las Secretarías y la UFRB pueden aportar algún tipo de beneficio al municipio y, en consecuencia, a la población, teniendo en cuenta que la institución presenta un profesorado que podría estar interactuando con la comunidad a través de sus proyectos de extensión. De hecho, el investigador fue informado durante la investigación de campo de que, tanto en la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente como en la Secretaría Municipal de Educación de Cruz das Almas, ya se han completado algunas pasantías con estudiantes universitarios en la UFRB y todavía hay estudiantes de varios cursos internos en los propios organismos y en el sistema de escuelas públicas, lo que demuestra un paso importante en la búsqueda del diálogo entre ambas partes.

También se les preguntó a los(as) administradores(as) si estarían interesados(as) en citar temas que consideren prioritarios en el campo ambiental y cómo podrían estar contribuyendo a proyectos y programas de extensión universitaria (apoyo logístico, humano, financiero, entre otros), si acaso fuesen realizados en el municipio. Se observó que la mayoría de los temas planteados son similares a los reflejados por los(as) Consejeros(as) y becados de PIBEX, y que están en línea con lo que las propias Secretarías ya están tratando de abordar en el alcance de sus acciones con la población.

Administrador (a) de la Secretaría Municipal de Agricultura y Medio Ambiente de Cruz das Almas: El problema del agua, porque estamos experimentando un momento difícil con este problema del acceso al agua, de la producción de agua. Este es un tema que estamos muy interesados en discutir con la Universidad, porque llega la recuperación de manantiales, reforestación y otros temas. Y el otro problema es el desperdicio sólido. Ampliar aún más este debate dentro de la Universidad, desarrollar estrategias para que podamos abordar esto también y garantizar que la sociedad acceda a lo que se produce en la academia, que es el conocimiento. Existe la cuestión de la tierra, pero no solo el uso y manejo del suelo, sino la cuestión agraria, que a pesar de que tenemos un Centro de Ciencias Agrícolas, no discutimos temas agrarios, solo discutimos la cuestión del suelo. Queremos discutir temas que son herramientas importantes y que ayudarán a los trabajadores rurales a comprender su espacio local, cultural y de vida. Quiero decir aquí que no estamos cerrados a la UFRB, queremos contribuir con lo que sea necesario para estos proyectos, con logística, material y el personal aquí también está abierto a colaborar.

Administrador(a) de la Secretaría Municipal de Educación de Cruz das Almas: Tenemos varios problemas urgentes aquí en el municipio. Tenemos el problema de las cloacas, la recolección de basura y la reforestación. Creo que la asociación a través de la apertura de pasantías para estudiantes de la UFRB sería el principal apoyo.

Administrador(a) del Departamento de Educación Municipal de Maragogipe: Debido a las características del municipio, el enfoque principal está en el manglar. Los estudiantes universitarios podrían hacer una pasantía aquí en las escuelas y ayudarnos a construir proyectos en esta área.

La posibilidad de apoyo económico, recursos humanos, materiales y logísticos, además de nuevas vacantes de pasantías, fueron citados por los(as) administradores(as). Sin embargo, por otra parte, los(as) Consejeros(as) señalaron que el problema financiero era una de las grandes dificultades al acercarse a las autoridades públicas. Sabiendo que PIBEX solo otorga becas para estudiantes de pregrado y no para la viabilidad financiera de proyectos y programas. Se cree que los organismos municipales podrían contribuir a esta brecha al estructurar la gestión ambiental local, que incluye el fortalecimiento de los Consejos Municipales y la creación de Fondos Ambientales Especiales.

Verificou-se que os municípios envolvidos na pesquisa ainda não formularam as suas Políticas Municipais de Meio Ambiente e nem de Educação Ambiental, atuam apenas com os Departamentos e os Conselhos Municipais de Meio Ambiente e de Educação. Porém, tais organismos não conseguem dar conta de todas as abordagens que envolvem o meio ambiente, além disso, o modo de funcionamento mostra-se pouco efetivo.

Finalmente, se entiende que la buena relación entre las autoridades públicas y la UFRB depende de la fuerza de voluntad de ambas partes para

querer trabajar juntas. Unir esfuerzos en este escenario significa abandonar el individualismo, la burocracia exacerbada, el sentimiento de poder (que está vinculado al ego) y todos los problemas que hacen que sea imposible para estas entidades se acercaran. Es necesario innovar para alcanzar el objetivo común, que, en este caso, se trata del tema ambiental y, para eso, se deben establecer los lazos para lograr los propósitos deseados. PIBEX, a través de actividades de extensión universitaria, aparece como un enlace para tratar de establecer vínculos.

CONSIDERACIONES FINALES

El presente trabajo investigó los factores limitantes y potenciadores de las relaciones entre la UFRB y los organismos del gobierno local dentro del alcance de los proyectos y programas de extensión universitaria en el área ambiental de PIBEX llevados a cabo en los últimos ocho años. Debido a su inclusión dentro de las políticas públicas educativas, PIBEX aparece en la escena universitaria como una estrategia de capacitación institucional para los extensionistas, como se indica en las resoluciones de este Programa.

Considerando los testimonios reportados en la investigación de campo, se identificó que la relación entre el gobierno local y la UFRB, a través de los proyectos y el programa de extensión universitaria en el área del Medio Ambiente de PIBEX, tiene como factores potenciales:

- Se piensa, sobre todo, subsidiar los proyectos y programas de extensión con recursos materiales, humanos, logísticos o financieros, ya que PIBEX solo permite proporcionar una beca financiera para un estudiante de graduación;
- Permite la visibilidad de la comunidad no solo de la Universidad, sino también de las autoridades públicas, especialmente cuando trabajan colectivamente frente al medio ambiente;
- Contribuye al tratamiento de algunas cuestiones ambientales en las que se ha trabajado poco en el municipio, además de incluir a la comunidad en actividades dirigidas al desarrollo local;
- Favorece el trabajo de extensión, entendiendo que esta relación abre el camino para que la comunidad académica, asesores y becarios, actúe como protagonista, ya sea en diálogo con los administradores(as) de las administraciones locales o con la comunidad para resolver problemas basados en la realidad local;
- Facilita la entrada y el trabajo del equipo de proyectos y programas de

extensión en la comunidad local.

Y como elementos limitantes de la relación entre el gobierno local y la UFRB, a través de los proyectos y el programa de extensión universitaria en el área del Medio Ambiente PIBEX, tenemos:

- La iniciativa de solicitar articulaciones siempre proviene de los(as) Consejeros(as) de PIBEX y los becarios hacia los(as) administradores(as) del poder público local, pero lo contrario es difícilmente el caso;
- Hay resistencia por parte de los(as) Consejeros(as) para solicitar o establecer vínculos con la esfera pública local, debido a los innumerales obstáculos que hacen que los proyectos y programas sean inviables, lo que refuerza aún más la distancia entre la universidad y el gobierno local;
- Hay una falta de compromiso por parte del gobierno local, debido a la desorganización, la inclusión de otras prioridades antes de las actividades de extensión y la discontinuidad del apoyo (material, humano, logístico y financiero) por parte de los Secretarios de los Ayuntamientos Municipales, incluso en este escenario, la transición de la gestión municipal, que a menudo hace imposible que se realicen acciones previamente apoyadas;
- Hay una distancia del poder público local cuando se requiere apoyo financiero en los planes de trabajo de las actividades de extensión;
- Se observa la presencia de entendimientos superficiales por parte de los(as) administradores(as) con respecto a los proyectos y programas de extensión que se implementarán en el municipio, principalmente con respecto a sus verdaderos propósitos y objetivos;
- Los resultados de las acciones de extensión realizadas a nivel municipal no siempre se comparten con los(as) administradores(as) de las Administraciones Municipales;
- Se entiende que los debates hechos en este trabajo se refieren al contexto de UFRB, pero que, sin embargo, entran en revelaciones y conceptos que pueden extrapolarse a la realidad brasileña, considerando las particularidades locales. También se espera que las autoridades públicas sean sensibles a las acciones que contribuyen al desarrollo local del municipio, dando el debido apoyo cuando así se solicite

- Entende-se que os debates feitos neste trabalho se referem ao contexto da UFRB, mas que, no entanto, adentram em revelações e conceitos que podem ser extrapolados para a realidade brasileira, considerando as determinadas particularidades locais. Espera-se ainda que o poder público mostre-se sensível quanto às ações que contribuem para o desenvolvimento local do município, dando o apoio devido, quando solicitado.

Las constataciones y las informaciones concluyentes presentados aquí, sin embargo, no asumen un carácter definitivo, dado que la realidad cambia constantemente y, por lo tanto, es importante que los debates sobre la extensión universitaria continúen realizándose en nuevos estudios. Sobre esta posibilidad, hay una nota para la elaboración de trabajos futuros: la creación de estrategias para integrar PIBEX al proceso de curricularización en extensión universitaria en la UFRB, así como la creación de alternativas de financiamiento para PIBEX, centrándose en asociaciones institucionales externas.

REFERENCIAS

ÁVILA, R. D.; MALHEIROS, T. F. O Sistema Municipal de Meio Ambiente no Brasil: avanços e desafios. *Saúde e Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 3-47, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21s3/04.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CARVALHO, A. V. Educação ambiental no desenvolvimento sustentável municipal. *Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, v. 2, n. 1, p. 97-108, 2015. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/1609>>. Acesso em: 05 out. 2018.

CHAUI, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 1-15, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

FERNANDES, K. S.; MENEZES JÚNIOR, E. E.; BRITO, E. S. O papel dos municípios na gestão ambiental: ações protetivas e preventivas à sustentabilidade ambiental. *Boletim Jurídico*, v. 13, n. 1388, p. 1-14, 2014. Disponível em: <<https://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/artigo/4195/o-papel-municipios-gestao-ambiental-acoes-protetivas-preventivas-sustentabilidade-ambiental>>. Acesso em: 2 jan. 2019.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
FRANÇA, R. G.; RUARO, É. C. R. Diagnóstico da disposição final dos resíduos sólidos urbanos na região da Associação dos Municípios do Alto Irani (AMAI), Santa Catarina. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 6, p. 2191-2197, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n6/26.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018.

GUIMARÃES, S. S. M.; TOMAZELLO, M. G. C. A formação universitária para o ambiente: educação para a sustentabilidade. *Ambiente & Educação*, v. 7, n. 7, p. 55-71, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/viewFile/898/356>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

KLERING, L. R.; BERGUE, S. T.; SCHRÖEDER, C. S.; PORSSE, M. C. S.; STRANZ, E.; KRUEL, A. J. Competências, papéis e funções dos poderes municipais no contexto da administração pública contemporânea. *Análise*, v. 22, n. 1, p. 31-43, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/9778/6701>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

LARA, P. T. R. Sustentabilidade em instituições de Ensino Superior. *Monografias Ambientais*, v. 7, n. 7, p. 1646-1656, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/5341/3308>>. Acesso em: 29 set. 2018.

LIMA, G. F. C. Crise ambiental, educação e cidadania. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. (Org.). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, R. P. M. Universidade pública e desenvolvimento local: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2003.

OLIVEIRA, M. Universidade e sustentabilidade: proposta de diretrizes e ações para uma universidade ambientalmente sustentável. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

SANTIAGO, A. R. Extensão universitária: entre o pensar, experiência e o por fazer. In: SOUSA, A. J.; CARNEIRO, S. R. O.; ROCHA, V. O. (Org.). Extensão universitária na UFRB. Cruz das Almas: UFRB, 2017.

SANTOS, J. R. R. Universidade pública e desenvolvimento local: a presença da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) no bairro do Salobrinho em Ilhéus, Bahia, no período de 1991 a 2008. Ilhéus: Editus, 2013.

SANTOS, M. P. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. Revista Conexão, v. 6, n. 1, p. 10-15, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3731/2622>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

SCHNEIDER, E. Gestão ambiental municipal: preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. Porto Alegre: UNIVATES, 2009.

SILVA, J. A. Educação ambiental: um estudo das contribuições do projeto de olho na água para a promoção do desenvolvimento local em Icapuí - CE. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015.

SILVA, W. C.; MUCCI, C. B. M.; BAETA, O. V.; ARAÚJO, D. S. O planejamento estratégico na administração pública: um estudo multicaso. Revista de Ciências Humanas, v. 13, n. 1, p. 90-101, 2013. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol13/artigo6vol13-1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

UFRB, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia 2010-2014. UFRB: Pró-Reitoria de Planejamento, 2009. 195 p.

_____. Pró-Reitoria de Extensão 2018. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/proext/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

----- . Resolução nº 006/2016. Dispõe sobre o regulamento para o Programa Institucional de Bolsas de Extensão - PIBEX - na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). UFRB: CONAC, 2016. 11 p.

----- . Resolução nº 038/2017. Dispõe sobre a aprovação das normas que disciplinam as ações de extensão universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). UFRB: CONAC, 2017. 22 p.

Fecha de envío: 17/06/2019

Fecha de aprobación: 20/11/2019



Aplicação da técnica dos Seis Chapéus como ferramenta de apoio à tomada de decisão voltada para alunos de Engenharia

Nicole Gabriel da Silva

Graduanda em Engenharia Elétrica no CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
nicoleesilva@outlook.com

Lucas Souza Espírito Santo

Graduando em Engenharia Mecânica no CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
lucas.santo@aluno.cefet-rj.br

Vanessa de Almeida Guimarães

Professora no CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
vanessa.guimaraes@cefet-rj.br

Marcus Val Springer

Professor no CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
Marcus.springer@cefet-rj.br

Elizabeth Mendes de Oliveira

Professora no CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
elizabeth.oliveira@cefet-rj.br

Jonni Guillier Ferreira Madeira

Professor no CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
jonnimadeira@cefet-rj.br

RESUMO

Este relato tem como objetivo apresentar a experiência do desenvolvimento e da aplicação de uma oficina durante a SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão) no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ, campus Angra dos Reis, com protagonismo dos alunos de extensão. A oficina consistiu na aplicação da Técnica dos Seis Chapéus, de Edward de Bono, em que os alunos de graduação em Engenharia (e demais interessados) lidavam com uma situação-problema real. Foi trabalhado o seguinte caso: como transformar o uso do celular em sala de aula de algo negativo para algo positivo? Para tanto, os participantes foram separados em cinco grupos, de modo a representar o processo de tomada de decisão democrática, logo, a solução para o problema foi construída de maneira conjunta. A atividade faz parte do projeto de extensão "Gestão na Engenharia".

Palavras-chave: Tomada de decisão. Seis Chapéus. Extensão universitária

ABSTRACT

This report aims to present the experience of the development and application of a workshop during SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão) at CEFET/RJ – Angra dos Reis Campus, runned by the extension project's students. The workshop was based on applying Edward de Bono's six thinking hats technique, in which the engineering undergraduated (and interested people in general) would deal with a real case. The following case was provided: How to transform cellphone usage at school classes from something negative to something positive? Therefore, the participants were divided in five groups, representing the democratic decision-making process, thus, the solution to the given problem was gathered in groups. The activity is part of the extension Project "Gestão na Engenharia".

Keywords: Decision making; Six Thinking Hats; University extension.

INTRODUÇÃO

O crescimento e sucesso de uma organização, seja ela de pequeno, médio ou grande porte, está pautado no planejamento. Planejamento este que está baseado em diversos pilares, tais como: alinhamento estratégico, liderança, objetivos claros e cálculo de risco (Aston, 2017).

Não obstante, nota-se carência das empresas modernas no que diz respeito a profissionais bem preparados, ou seja, que tenham habilidades que envolvam, além do planejamento e gerenciamento de projetos, a comunicação, o trabalho em equipe, a resiliência, o comprometimento e o intraempreendedorismo (Half, 2018). Assim, um profissional precisa ter não apenas uma formação técnica, mas também lhe é exigido cada vez mais visão estratégica e capacidade de compreender o funcionamento do sistema da empresa.

Neste contexto, entende-se que a capacitação dos alunos de engenharia em técnicas e ferramentas de gestão e comunicação é indispensável para que esses consigam as melhores colocações no mercado de trabalho. As habilidades de gestão e liderança são essenciais no contexto de desenvolvimento sustentável, tanto para engenheiros quanto para profissionais de outras áreas. Além disso, ganha destaque a capacidade de tomada de decisão assertiva.

A tomada de decisão em uma empresa envolve uma série de fatores que devem ser levados em consideração, como: gestão de pessoas, lucro, tempo de entrega, controle de qualidade, legislação, impacto ambiental etc., que variam de acordo com a complexidade da decisão. Portanto, é necessário analisar e estudar todos os fatores que podem ser afetados por uma decisão a partir de diferentes perspectivas (Magalhães, 2014).

Assim, este relato tem como objetivo apresentar a experiência da aplicação da oficina "Seis Chapéus", de Edward Bono, para solução de problemas. Trata-se de uma das atividades vinculadas ao projeto "Gestão na Engenharia", executado no CEFET, campus Angra dos Reis, desde 2017.

A partir desta introdução, o artigo está dividido em seções. Primeiro, apresenta-se o projeto Gestão na Engenharia. Em seguida, discorre-se sobre a Semana de Pesquisa e Extensão e a oficina realizada no CEFET/RJ. Por fim, a oficina dos Seis Chapéus é abordada com mais detalhes, esclarecendo sobre o que é a técnica, como foi abordada na oficina em questão e a experiência dos participantes e dos facilitadores.

O PROJETO GESTÃO NA ENGENHARIA

O projeto Gestão na Engenharia foi criado com intuito de complementar e aprimorar os conhecimentos de gestão dos alunos de engenharia, tendo em vista que 60% dos engenheiros atuam em posições de gestão, como super-

visão, coordenação, gerência ou diretoria (Moura, 2012). Observou-se que os conhecimentos adquiridos nas disciplinas curriculares de Administração que compõem a grade do curso de Engenharia da unidade não eram suficientes para que os alunos atuassem em projetos de protagonismo estudantil, bem como para atuação profissional.

Dessa maneira, voltado para a área de Administração, o projeto de extensão Gestão na Engenharia vem trazendo várias atividades extracurriculares no Campus CEFET Angra Dos Reis. Sob a supervisão dos professores da área de Administração, atualmente, o projeto tem como intuito ser a ponte entre conhecimentos extracurriculares (especialmente da área de gestão) que não são abordados pela ementa dos cursos de Engenharia, tanto para alunos do CEFET, quanto para os interessados da comunidade geral. Além disso, busca promover o diálogo entre diferentes áreas de pesquisa, por meio da interação com profissionais que possam trazer um outro olhar sobre a futura atuação dos discentes. Ainda, busca transformar os voluntários em protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, sendo vetores de conhecimento entre os pares.

No ano de 2018, foram realizadas onze atividades, das quais: uma foi conduzida integralmente pelos coordenadores do projeto, sete foram conduzidas pelos bolsistas e três foram conduzidas por um palestrante convidado. Quatro dessas atividades foram realizadas durante a SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão). É importante também ressaltar que, em todas as atividades havia a presença de pelo menos um coordenador. Algumas das atividades desenvolvidas durante o ano de 2018 estão descritas na Tabela 1.

No fim de cada atividade foi passada uma avaliação de reação para receber o feedback dos participantes e identificar pontos que poderiam ser melhorados. Uma vez apresentado o projeto de extensão ao qual a atividade alvo deste relatório está vinculada, a seção seguinte discorre sobre a SEPEX e a dinâmica dos Seis Chapéus.

Atividade	Descrição
Gestão de projetos	Tendo em vista o despreparo geral do corpo estudantil no que diz respeito a organização, métodos e processos para a execução de um projeto, a oficina visa apresentar métodos para o desenvolvimento de um projeto, seja ele acadêmico ou profissional.
Guia de sobrevivência em inglês	Uma aula interativa sobre o mínimo que se precisa saber no inglês básico, como: cumprimentos, números, formular frases básicas, nome de lugares, direções, perguntas comuns, etc.
Desenvolvimento Tecnológico - A construção de uma ideia: conceito, técnica e marketing. Um estudo de caso sobre biodigestores	Esta palestra mostrou o passo a passo da construção de um biodigestor na vila residencial de Praia Brava, localizado no município de Angra dos Reis RJ, desde a idealização do projeto - mostrando quais aspectos são necessários considerar para validar, ou não, um projeto como esse -, passando pela construção em si do biodigestor, por fim falando do marketing realizado para validar a sua aplicação.

Banco Imobiliário - Aprendendo sobre Rotinas Administrativas	Oficina sobre gerenciamento financeiro, baseada na dinâmica do jogo Banco Imobiliário, porém com regras modificadas, de modo que o objetivo não se limitava a vencer o jogo da forma tradicional, mas durante todo o andamento deste, aplicar técnicas administrativas aprendidas previamente no início da oficina, como por exemplo: fluxo de caixa, classificação de compras e vendas (identificação e classificação de todas as movimentações financeiras, o que traz melhor compreensão do destino do dinheiro investido, possibilitando análise para transações futuras); investimentos e despesas etc. Desse modo, conhecimentos administrativos foram vistos tanto na teoria quanto na prática, de forma dinâmica, tendo o participante como protagonista.
Comissão de energia nuclear – CNEN	Esta foi uma palestra sobre o que é a CNEN e a sua importância para a matriz energética nuclear nacional, como também suas oportunidades de emprego dentro das usinas nucleares de Angra dos Reis.
Administração do Tempo	Uma palestra que abordou técnicas de gestão de tempo aplicáveis a situações profissionais ou cotidianas.
Job interview	Esta foi uma oficina realizada com o intuito de introduzir a língua inglesa para os participantes, aplicando de forma dinâmica alguns conhecimentos básicos para a comunicação em inglês para então ser feito um brainstorm com possíveis respostas para perguntas comuns de uma entrevista de emprego ou intercâmbio, principalmente direcionado para a cultura norte americana.
Estudo de caso para aplicação de um biodigestor visando a geração de biogás a partir do esgoto doméstico oriundo de um caminhão limpa fossa utilizado em vilas residenciais	Palestra dedicada ao estudo de caso de um projeto de otimização de processos, que, através da construção de um biodigestor, pôde-se economizar tempo e recursos no tratamento de efluentes.

Tabela 1: Algumas atividades oferecidas pelo projeto de extensão Gestão na Engenharia.

A SEPEX

A Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão acontece em todos os campi do CEFET/RJ no mês de Outubro. Desde 2009, a SEPEX ocorre na terceira semana de outubro, integrada à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). É uma semana na qual são expostos todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos vinculados a projetos vigentes, juntamente com os docentes do campus. Expõem-se na semana tanto projetos de extensão quanto iniciações científicas e atividades de protagonismo estudantil (e.g. BAJA, ENACTUS, Reis do Sol). O tema da SEPEX

2018 foi "Ciência para redução das desigualdades". A SEPEX é aberta ao público em geral e aumenta a visibilidade do CEFET na comunidade. É, também, um meio dos alunos ganharem reconhecimento dos professores, diretores, terem a oportunidade de apresentar seus trabalhos em outros estados e até outros países. Os trabalhos apresentados pelos alunos são avaliados pelos discentes e, assim, concorrem ao ranking de melhores projetos, o que inclui prêmios, como livros, além do certificado de reconhecimento dedicado ao aluno e ao orientador do projeto.

Além de divulgar os projetos do CEFET/RJ - Campus Angra dos Reis, a SEPEX é o principal evento de popularização de ciência e tecnologia no município. Na Semana, são oferecidos dezenas de minicursos gratuitos, palestras, debates e atividades artísticas. Dentre as atividades, foi oferecida a Oficina de Seis Chapéus, cuja execução é alvo deste relato de experiência.

A DINÂMICA DOS SEIS CHAPÉUS

A ementa dos cursos de Engenharia é muito completa no que diz respeito ao ensino de ferramentas voltadas para resolução de problemas específicos da área de estudo. Porém, não contempla temas importantes, como: gestão de tempo, recursos humanos, tomada de decisão, gestão de projetos, proatividade, liderança, entre outras habilidades profissionais as quais o mercado de trabalho procura, fazendo com que a competitividade de um aluno graduado apenas com os conhecimentos fornecidos pelo curso de Engenharia seja baixa. Tendo isso em vista, a dinâmica dos seis chapéus foi a ferramenta de direcionamento de pensamento escolhida para aprimorar as habilidades de tomada de decisão dos participantes. Portanto, a dinâmica permite ao participante encontrar a melhor solução (ou a melhor solução com base nas análises feitas) para o problema proposto. A Figura 1 apresenta os três pilares importantes, de acordo com o livro escrito por Edward de Bono (Figura 2), para a técnica dos seis chapéus.

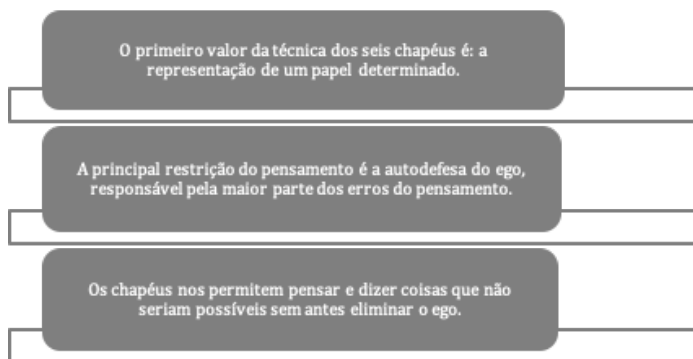


Figura 1 - Pilares da técnica dos seis chapéus

Desenvolvida por Edward de Bono, instrutor na disciplina de pensamento e psicólogo da Universidade de Oxford, essa dinâmica visa diminuir as barreiras do pensamento e da criatividade, partindo do ponto em que o problema principal é buscar e estudar defeitos nas ideias e soluções apresentadas, ao invés de tentar agregar melhorias (Bono, 1986).

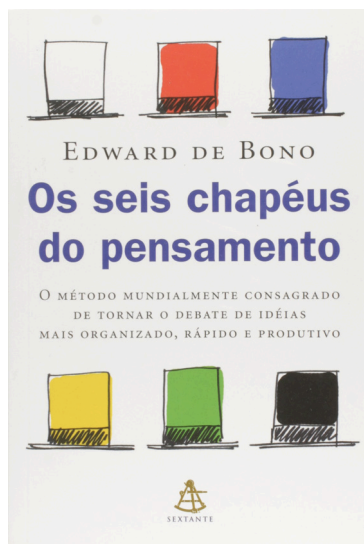


Figura 2 - Capa do livro “Seis chapéus do pensamento”, de Edward de Bono

Para tanto, Bono propõe a avaliação de um problema ou situação a partir de seis chapéus, conforme descrito na Tabela 2.

Chapéus	Discussão
Branco	Responsável por analisar os fatos, informações concretas e dados do problema.
Vermelho	Responsável pela emoção e intuição. Quem está responsável por este chapéu deve explicitar seu sentimento, dando palpites com base em visões humanas.
Amarelo	Trata dos pontos positivos. Devem ser apresentados todos os pontos fortes, as oportunidades, os benefícios e as vantagens da situação analisada.
Verde	Criatividade e novas ideias, quem fica responsável por essa parte deve esquecer todos os problemas que o caso estudado gera, e estudar novas perspectivas, inovações e possibilidades.
Preto	Responsável por trazer pontos negativos e perigos potenciais, apresentar os riscos, eventuais impactos futuros de determinada ação e possíveis prejuízos.
Azul	É o chapéu responsável por tomar a decisão final baseado nos levantamentos de todos os chapéus anteriores. Pode ser aplicado de diversas maneiras para fazer com que diversos cenários de tomada de decisão possam ser exemplificados.

Tabela 2 - Descrição dos Seis Chapéus de Edward Bono

O DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DA DINÂMICA

1. Proposta da dinâmica

Conduzir e orientar pessoas a tomarem decisões eficazes a partir do gerenciamento da razão, emoção e impulsividade.

2. Estudo e pesquisa

Foram iniciadas as pesquisas para a situação problema que seria proposta ao aplicar a dinâmica. O tema foco foi primariamente algo que se relacionasse à tecnologia, pois a maior parte do público que participaria da dinâmica seria composta por alunos da graduação em Engenharia. Inicialmente, foi proposto o tema: "substituição do trabalho manual por máquinas/robôs", mas devido a sua abrangência, não conseguimos chegar a um caso específico.

Em seguida, propusemos um caso sobre a *Amazon Go*, que é a nova aposta da *Amazon*: uma loja que não possua *check out*, criada para acabar com as filas nos mercados, usando somente *smart shelves* e levantando diversos dados sobre o ato da compra do consumidor por meio de técnicas como o *eye tracking*. Com isso, bastaria usar o aplicativo para entrar na loja, comprar o que quiser e sair, e o pagamento seria feito automaticamente pelo cartão de crédito cadastrado previamente. Essa ideia foi eliminada, pois não sabíamos se todos os participantes iriam ter conhecimento a respeito do debater sobre o tema, pois se trata de uma tecnologia ainda não difundida no Brasil.

Assim, resolvemos acrescentar mais um critério na escolha do caso. Além da tecnologia, colocamos também que deveria envolver o ambiente escolar. Chegamos à conclusão de que o caso seria "o uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e notebooks, na sala de aula", por ser um assunto que estava em alta na época por conta de algumas alterações legislativas francesas com relação ao uso do celular nas escolas. A chamada da proposta foi a seguinte:

"Com o avanço cada vez mais rápido da tecnologia, fica cada vez mais difícil controlar o uso de aparelho eletrônicos no dia a dia das pessoas. Nas salas de aula isso gera um conflito de opiniões entre diretores, professores, coordenadores e alunos. O vício em se manter atualizado a todo momento e a facilidade que esses aparelhos trazem, por serem de fácil porte, é um grande problema, principalmente para as escolas. Então, o que deve ser feito? Confiscar? Proibir? Até que ponto é possível ressignificar o uso do aparelho em sala de aula? Sabemos que os aparelhos eletrônicos são poderosos veículos de informação, o que os torna potenciais ferramentas de aprendizagem, resta saber como."

3. Desenvolvimento

Juntamente com os coordenadores fomos desenvolvendo a atividade aos poucos, porém atentos a cada detalhe. Adaptações foram feitas com o intuito de que a atividade pudesse ser desenvolvida da forma mais prática possível e proporcionar o máximo de conhecimento aos participantes.

Para participar da atividade era necessário que o indivíduo interessado se inscrevesse na plataforma a qual tinham várias atividades que seriam realizadas no Campus durante toda a SEPEX. Nossa dinâmica ocorreu dia 16 de outubro de 2018, às 14h, tendo 2 horas de duração.

O tempo de duração da dinâmica foi dividido da seguinte forma: 40 minutos para explicar o conteúdo conceitual (sobre cada um dos chapéus propostos por Bono) e expor o problema proposto para os participantes; 20 minutos para cada grupo debater entre si os pontos fortes de cada chapéu; 10 minutos para escreverem no quadro todos os respectivos tópicos; e o tempo restante foi dedicado ao debate de ideias de todos os participantes, inclusive os coordenadores e aplicadores da dinâmica, para que, assim, um consenso final fosse alcançado.

Construímos um slide explicativo para apresentar a dinâmica aos participantes, e fomos explicando como funcionaria (Figura 3). Há diversas maneiras de se aplicar a técnica dos Seis Chapéus, sendo que cada uma simula uma situação e um ambiente diferente. Por exemplo, a condução da dinâmica pode variar em função do papel dado ao chapéu azul. Esta interpretação foi utilizada de modo a enriquecer o uso da técnica dos seis chapéus, aplicando-a em diferentes cenários.

Pode-se simular, por exemplo, um ambiente de decisão centralizada ao determinar que uma única pessoa representaria o papel do chapéu azul. Assim, todo o poder de decisão seria colocado nas mãos de um único indivíduo, ou seja, todos os outros grupos contribuem para o levantamento de dados de diversas formas e pontos de vista diferentes para que o portador do chapéu azul tenha uma visão maior da situação problema colocada, e possa tomar uma decisão final. Este modelo ilustra um cenário em que há um chefe responsável pela tomada de decisão de uma empresa, por exemplo.

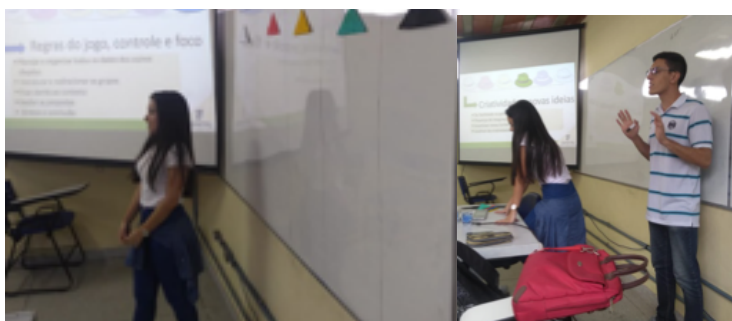


Figura 3 - Apresentação da técnica dos seis chapéus

Há também a opção de determinar que um grupo de pessoas seja representado pelo chapéu azul. Neste caso, a dinâmica ilustra um cenário em que há uma empresa com diferentes acionistas. Neste caso o poder de decisão está parcialmente centralizado, pois ainda que a decisão tenha que ter consenso geral, entre três pessoas ou mais, não há total democracia no que diz respeito ao consenso majoritário de todos os envolvidos na empresa em questão.

Há, ainda, a possibilidade de o chapéu azul ser formado por um representante de cada chapéu remanescente. Esse cenário ilustra a tomada de decisão de uma empresa em que há diversos setores envolvidos, e cada setor tem seu respectivo gerente, que, no fim, a decisão é tomada pelo consenso geral da gerência (mais próxima da gestão por projetos, por exemplo). De novo se trata de um poder de decisão parcialmente centralizado.

Por fim, há o cenário em que são formados cinco grupos. E o chapéu azul é formado por todos os participantes da dinâmica ao final do levantamento de dados e exposição de opiniões. Este cenário ilustra uma empresa que o poder de decisão é totalmente descentralizado, ou seja, o processo é cem por cento democrático. Este cenário é mais comumente visto em ambientes mais informais e menos burocráticos, como um trabalho em grupo na área acadêmica, ações beneficentes ou pequenas ONGs.

Escolhemos a forma democrática para resolver o caso, por isso separamos 5 grupos, e deixamos eles escolherem quais chapéus cada um ficaria responsável, de acordo com o interesse de cada um. Passadas as regras do jogo, foram dados 15 minutos para debaterem entre si e separarem os tópicos de acordo com cada tarefa do chapéu. Foi importante a organização de cada grupo ao desenvolver tópicos suficientemente pequenos para serem expostos no quadro branco, de modo que o ponto de vista fosse evidenciado o todo tempo, mas embasado pelo discurso feito pelo grupo em cima desse (Figuras 4 e 5).

Para ficar mais didático, fizemos chapéus coloridos e colocamos no quadro branco. Então, pedimos para que os participantes escrevessem os tópicos debatidos embaixo dos seus respectivos chapéus. Depois disso, cada grupo leu e discursou em cima do porquê de cada tópico. Ao final do processo, depois de os 5 grupos terem explicado, foi iniciado o processo de tomada de decisão, em que todos os participantes deixaram de lado o papel prévio do seu chapéu e iniciaram o debate em cima de tudo que foi exposto para chegar na solução da situação problema.



Figura 4 - Participantes transcrevendo suas ideias-chave no quadro



Figura 5 - Assistência aos grupos de participantes

4. Resultados da dinâmica

O caso “o uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e notebooks na sala de aula” gerou um debate bastante interessante entre os participantes. Os grupos destacaram seus pontos de vista no quadro, os quais sintetizamos na Tabela 3 (de maneira ilustrativa).

Chapéus	Resumo da discussão
Branco	96% da população brasileira possui aparelho celular
Vermelho	O uso de aparelhos eletrônicos em salas de aula tem as seguintes características: Facilita os trabalhos em grupo; acessibilidade fácil e rápida a pesquisas; atrapalha na concentração; é válvula de escape para alunos distraídos.
Verde	Aplicativos que facilitam o aprendizado; Introdução de outro aparelho eletrônico; Computação; Capacitação dos funcionários; Explorar novo método de ensino e organização da classe”
Preto	“Falta de atenção; distração; conversas paralelas; acidentes ao carregar o aparelho”
Amarelo	“Praticidade da informação; otimização do tempo; ponto de vista ecológico; uso de atividades pedagógicas online; plataforma interativa voltada para todo meio eletrônico”

Tabela 3: Discussão do caso

O chapéu azul não está presente na Tabela 3, pois houve uma discussão posterior à explanação feita por cada grupo, na qual tínhamos que chegar num consenso sobre como lidar com o problema proposto. Todos os grupos explicaram os pontos destacados e, assim, democraticamente, chegamos à conclusão que para fins didáticos seria cabível o uso desses meios. Portanto, seria necessário que cada instituição que fosse utilizar esse método de ensino criasse um sistema, tivesse um controle sobre tudo que seria permitido e elaborasse regras de uso.

Houve também erros, como por exemplo, o grupo do chapéu vermelho – que era responsável por nos oferecer pontos relacionados à emoção e intuição,

fugiram um pouco do que realmente o chapéu significava. Destacaram mais os pontos positivos e negativos sem usar a emoção. Os participantes deveriam explicitar o sentimento sobre o caso proposto, dando um palpite e usando a intuição.

Ao todo, 16 pessoas participaram da dinâmica. Ao final da atividade, foi proposto o preenchimento de um formulário para que os participantes avaliassem a dinâmica, com intuito de fazermos ajustes e melhorias em uma aplicação futura. Detalhes sobre a avaliação estão descritas na Seção 5.

5. Critério de avaliação dos participantes

O projeto Gestão na Engenharia tem também como objetivo levantar dados a cada oficina ou palestra realizada com o intuito de entender o público-alvo do campus, bem como suas necessidades intelectuais para, assim, oferecer capacitações com maior qualidade e direcionamento. Para tanto, são passadas avaliações de reação ao fim de cada atividade para que os participantes possam preencher, gerando dados com relação a diversos fatores (conforme Tabela 4).

Além disso, ainda na avaliação de reação, foram colocados 3 métricas avaliativas, sendo graduadas de 0 a 10 - sendo "10" extremamente relevante e "0" totalmente irrelevante - que são: importância para a vida acadêmica, importância para a vida profissional e nota final para o curso.

Questionamentos	Parâmetros de avaliação
Conteúdo programático Horário de realização Duração do curso Condições da sala de treinamento Recursos didáticos Material didático Conhecimento dos instrutores Integração entre os participantes Aplicação do conteúdo no dia a dia Participação em sala de aula Assimilação do conteúdo	Muito bom Bom Regular Fraco Muito fraco
Expectativa satisfeita?	"Sim" ou "Não"
Justificativa	Resposta discursiva
Importância para a vida acadêmica Importância para a vida profissional Nota para o curso	Avaliação de 1 a 10
Por quê?	Resposta discursiva
Indicaria para alguém?	"Sim" ou "Não"
Melhorias/Reclamações	Resposta discursiva

Tabela 4: Tópicos do formulário de reação

Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionário impresso ao fim da atividade. Esses foram transcritos para um banco de dados em planilha de Excel para a geração de gráficos que possibilitam melhor entendimento de padrões e análise de resultados, como visto nas Figura 6 e 7.

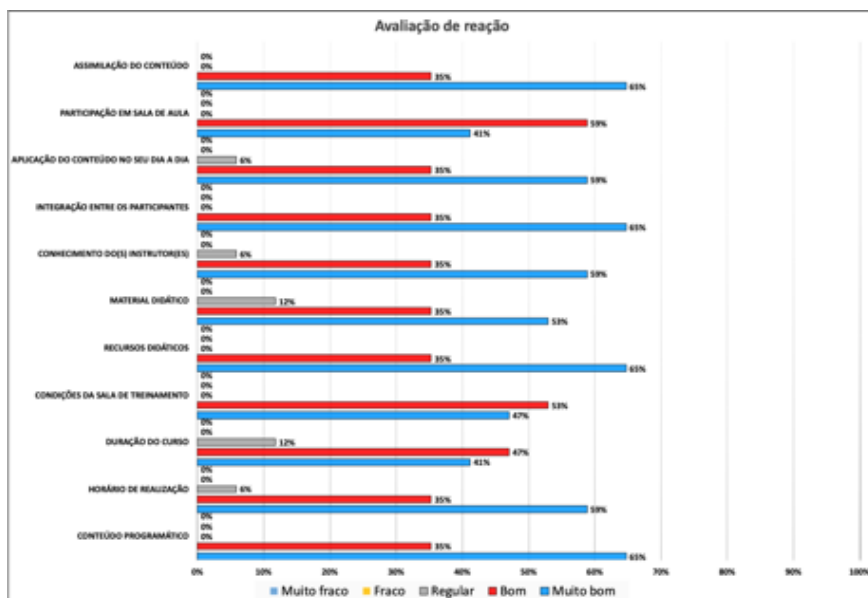


Figura 6 - Avaliação de reação de alguns parâmetros

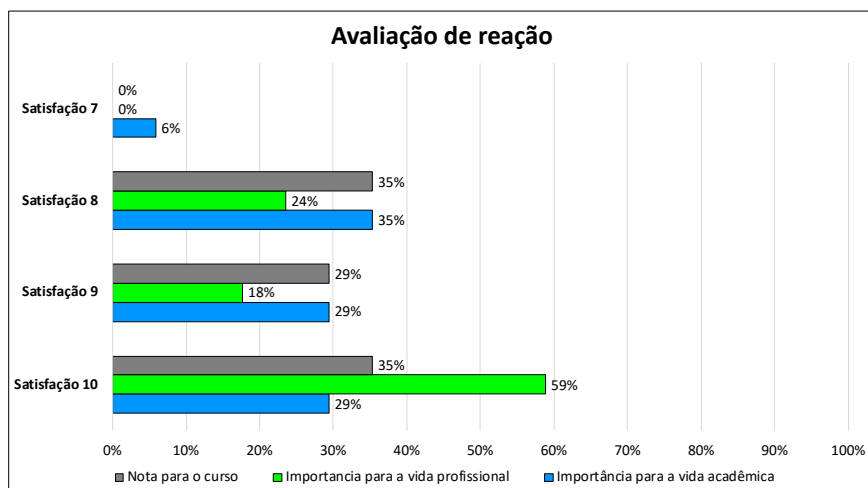


Figura 7 - Avaliação de reação de alguns parâmetros

Como pode se ver na Figura 6, nenhum dos participantes avaliou qualquer parâmetro avaliado como "fraco" ou "muito fraco". Sendo assim, no mínimo, 88% dos participantes avaliaram os mesmos parâmetros da atividade como "bom"

ou "muito bom".

Em geral, o feedback dos participantes foi bastante positivo, tendo em vista que o formulário de reação nos mostra que 100% dos participantes tiveram suas expectativas satisfeitas, além de dizer que recomendariam a atividade para alguém.

Ressalta-se que, inicialmente, a ideia era trabalhar duas propostas de situação-problema, atribuindo diferentes papéis ao chapéu azul. Contudo, o tempo de 2 horas não foi suficiente, sendo possível a aplicação de uma das propostas, apenas. Assim, embora a avaliação tenha sido positiva, tal fato precisa ser considerado em aplicações futuras.

Percepção dos extensionistas

"A dinâmica dos seis chapéus me apresentou uma visão mais ampla sobre como funciona a parte de gestão voltada à resolução de problemas. Achei interessante como a função de cada chapéu se encaixa perfeitamente uns nos outros, sendo totalmente dependentes. E, seguindo a lógica, conseguiria resolver muitos problemas com essa técnica.

No desenvolvimento da dinâmica, percebi que todos estavam interessados em aprender realmente essa técnica, e tive certeza disso na hora que começamos a discutir o caso apresentado, todos tiveram pontos de vistas diferentes e mesmo assim conseguimos chegar a uma conclusão final." – disse a aluna e extensionista do projeto.

De acordo com o outro voluntário do projeto Gestão na Engenharia, a atividade mostrou resultados melhores do que o esperado, tendo alto nível de engajamento por parte dos participantes. Apesar do planejamento inicial ter sido propor a análise de duas situações-problema através da técnica dos seis chapéus, os participantes se mostraram tão interessados em continuar aplicando a técnica na primeira proposta que não houve tempo para a aplicação da segunda. A atividade também foi de grande valia para seu crescimento pessoal, pois a mesma tem grande aplicabilidade não apenas em cenários industriais ou corporativos, mas também em situações corriqueiras. Além disso, permite combinar com a técnica de brainstorming para resolução de problemas simples e complexos. Ainda, pode ser adotado de maneira mais flexível, para organizar a linha de pensamento para se chegar a uma solução de um determinado problema, ainda que não se deseje seguir um passo-a-passo metodicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as atividades desenvolvidas pelo projeto Gestão na Engenharia no ano de 2018, pôde-se perceber a carência que a comunidade interna do CE-FET/RJ - Campus Angra dos Reis tem em relação às ferramentas de gestão, mesmo havendo disciplinas curriculares na grade dos cursos de engenharia.

Assim, o projeto se mostrou pioneiro na oferta de atividades extracurriculares na unidade que podem capacitar e trazer novas visões tanto aos discentes quanto à comunidade local.

No que diz respeito à oficina de Seis Chapéus, esta contornou a dificuldade no processo de tomada de decisão oferecendo diferentes perspectivas de análise para uma decisão mais acurada. Conforme a pesquisa de reação feita ao final da oficina, pôde-se verificar que a mesma atingiu seus objetivos, tendo em vista que nos quesitos "Nota para o curso", "importância para a vida profissional" e "Importância para a vida acadêmica" tiveram altíssimos índices de satisfação, como visto na Seção 4.

Ressalta-se que a atividade foi totalmente conduzida pelos alunos voluntários do projeto, indo ao encontro da proposta de formar vetores de conhecimento entre os próprios discentes. Dessa forma, a percepção positiva dos extensionistas quanto ao desenvolvimento e execução da atividade é algo que precisa ser enfatizado.

Por fim, pôde-se afirmar com base no feedback positivo dos participantes da atividade que há, de fato a necessidade e o interesse em se trabalhar com temas de gestão, de maneira extracurricular, tendo em vista o reconhecimento de que estas são essenciais para a formação de profissional e inserção futura no mercado de trabalho.

Agradecimentos

Agradecemos ao CEFET/RJ pelas bolsas de extensão concedidas.

REFERÊNCIAS

Aston B. Why is Project Management Important? [Internet]. 2017. Available from: <https://thedigitalprojectmanager.com/why-is-project-management-important/>

Bono E. Six Thinking Hats. Little Brown and Company; 1985. 207 p.

Half R. 5 habilidades mais valorizadas no mercado de trabalho [Internet]. 2019. Available from: <https://www.roberthalf.com.br/blog/carreira/5-habilidades-mais-valorizadas-no-mercado-de-trabalho>

Moura A. A engenharia assume a chefia. O GLOBO [Internet]. 2012; Available from: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/a-engenharia-assume-chefia-5476909>

Magalhães TG, Dalmau MBL, Souza IM de. Gestão do conhecimento para tomada de decisão: um estudo de caso na Empresa Júnior. Rev Gestão Univ na América Lat - GUAL [Internet]. 2014;7(2):108. Available from: www.gual.ufsc.br

Data de submissão: 19/06/2019

Data de aceite: 21/11/2019



Aplicación de la técnica Seis Sombreros como herramienta de apoyo para la toma de decisiones dirigida a estudiantes de Ingeniería

Nicole Gabriel da Silva

Estudiante de Ingeniería Eléctrica en CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
nicoleesilva@outlook.com

Lucas Souza Espírito Santo

Estudiante de Ingeniería Mecánica en CEFET/RJ – campus Angra dos Reis
lucas.santo@aluno.cefet-rj.br

Vanessa de Almeida Guimarães

Profesora en CEFET / RJ – campus Angra dos Reis
vanessa.guimaraes@cefet-rj.br

Marcus Val Springer

Profesora en CEFET / RJ – campus Angra dos Reis
Marcus.springer@cefet-rj.br

Elizabeth Mendes de Oliveira

Profesora en CEFET / RJ – campus Angra dos Reis
elizabeth.oliveira@cefet-rj.br

Jonni Guillier Ferreira Madeira

Profesora en CEFET / RJ – campus Angra dos Reis
jonnimadeira@cefet-rj.br

RESUMEN

Este informe tiene como objetivo presentar la experiencia de desarrollar y aplicar un taller durante la SEPEX (Semana de Enseñanza, Investigación y Extensión) en el Centro Federal de Educación Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ, campus Angra dos Reis, con el protagonismo de estudiantes de extensión. El taller consistió en la aplicación de la Seis Sombreros, por Edward de Bono, en la cual los estudiantes de ingeniería (y otras partes interesadas) abordaron una situación de problema real. Se resolvió el siguiente caso: ¿cómo transformar el uso de teléfonos celulares en el aula de algo negativo a algo positivo? Para esto, los participantes se separaron en cinco grupos, con el fin de representar el proceso democrático de toma de decisiones, por lo que la solución al problema se construyó en conjunto. La actividad es parte del proyecto de extensión "Gestión en Ingeniería".

Palabras-clave: Toma de decisiones. Seis Sombreros. Extensión Universitaria.

ABSTRACT

This report aims to present the experience of the development and application of a workshop during SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão) at CEFET/RJ – Angra dos Reis Campus, runned by the extension project's students. The workshop was based on applying Edward de Bono's six thinking hats technique, in which the engineering undergraduated (and interested people in general) would deal with a real case. The following case was provided: How to transform cellphone usage at school classes from something negative to something positive? Therefore, the participants were divided in five groups, representing the democratic decision-making process, thus, the solution to the given problem was gathered in groups. The activity is part of the extension Project "Gestão na Engenharia".

Keywords: Decision making; Six Thinking Hats; University extension.

INTRODUCCIÓN

El crecimiento y el éxito de una organización, ya sea pequeña, mediana o grande, se basa en la planificación. Esta planificación se basa en varios pilares, tales como: alineación estratégica, liderazgo, objetivos claros y cálculo de riesgos. (Aston, 2017).

Sin embargo, hay una escasez de empresas modernas con respecto a profesionales bien preparados, es decir, aquellos que tienen habilidades que involucran, además de la planificación y gestión de proyectos, comunicación, trabajo en equipo, resiliencia, compromiso y intraemprendimiento (Half, 2018). Por lo tanto, un profesional no solo debe tener capacitación técnica, sino que también se le exige cada vez más que tenga una visión estratégica y la capacidad de comprender el funcionamiento del sistema de la empresa.

En este contexto, se entiende que la capacitación de los estudiantes de ingeniería en técnicas y herramientas de gestión y comunicación es esencial para que logren los mejores puestos en el mercado laboral. Las habilidades de gestión y liderazgo son esenciales en el contexto del desarrollo sostenible, tanto para ingenieros como para profesionales en otras áreas. Además, se destaca la capacidad de tomar decisiones asertivas.

La toma de decisiones en una empresa implica una serie de factores que deben tenerse en cuenta, tales como: gestión de personas, ganancias, tiempo de entrega, control de calidad, legislación, impacto ambiental, etc., que varían según la complejidad de decisión. Por lo tanto, es necesario analizar y estudiar todos los factores que puede verse afectado por una decisión desde diferentes perspectivas (Magalhães, 2014).

Por lo tanto, este informe tiene como objetivo presentar la experiencia de la aplicación del taller "Seis Sombreros", de Edward Bono, para la resolución de problemas. Es una de las actividades vinculadas al proyecto "Gestión en Ingeniería", realizado en el CEFET, campus Angra dos Reis, desde 2017.

A partir de esta introducción, el artículo se divide en secciones. Primero, se presenta el proyecto de Gestión en Ingeniería. Luego, discutimos la Semana de Investigación y Extensión y el taller realizado en CEFET / RJ. Por fin, el taller de Seis Sombreros se cubre con más detalle, aclarando cuál es la técnica, cómo se abordó en el taller en cuestión y la experiencia de los participantes y facilitadores.

EL PROYECTO DE GESTIÓN DE INGENIERÍA

El proyecto de Gestión en Ingeniería se creó para complementar y mejorar el conocimiento de gestión de los estudiantes de ingeniería, considerando que el 60% de los ingenieros trabajan en puestos de gestión, como supervi-

sión, coordinación, gestión o dirección (Moura, 2012). Se observó que los conocimientos adquiridos en las asignaturas curriculares de Administración que conforman la calificación del curso de Ingeniería de la unidad no eran suficiente para que los estudiantes trabajen en proyectos de protagonismo estudiantil, así como para el desempeño profesional.

Por lo tanto, dirigido al área de Administración, el proyecto de extensión de Gestión en Ingeniería ha traído varias actividades extracurriculares en el Campus CEFET Angra Dos Reis. Bajo la supervisión de profesores en el campo de la Administración, actualmente, el proyecto pretende ser el puente entre los conocimientos extracurriculares (especialmente del área de gestión) que no son abordados por el menú de cursos de Ingeniería, tanto para estudiantes de CEFET como para aquellos interesados en la comunidad en general. Además, busca promover el diálogo entre diferentes áreas de investigación, a través de la interacción con profesionales que puedan dar otra perspectiva al desempeño futuro de los estudiantes. También busca transformar a los voluntarios en protagonistas en el proceso de enseñanza-aprendizaje, siendo vectores de conocimiento entre pares.

En 2018, se llevaron a cabo once actividades, de las cuales: una fue realizada en su totalidad por los coordinadores del proyecto, siete fueron realizadas por los becarios y tres por un orador invitado. Cuatro de estas actividades se llevaron a cabo durante SEPEX (Semana de Enseñanza, Investigación y Extensión). También es importante tener en cuenta que, en todas las actividades, hubo al menos un coordinador. Algunas de las actividades desarrolladas durante 2018 se describen en la Tabla 1.

Al final de cada actividad, se realizó una evaluación de reacción para recibir comentarios de los participantes e identificar puntos que podrían mejorarse. Una vez que se presenta el proyecto de extensión al que está vinculada la actividad objetivo de este informe, la siguiente sección discute SEPEX y la dinámica de los Seis Sombreros.

Actividad	Descripción
Gestión de proyectos	En vista de la falta de preparación general del alumnado con respecto a la organización, métodos y procesos para la ejecución de un proyecto, el taller tiene como objetivo presentar métodos para el desarrollo de un proyecto, ya sea académico o profesional.
Guía de supervivencia en inglés	Una clase interactiva sobre el mínimo que necesita saber en inglés básico, como: saludos, números, formulación de frases básicas, nombres de lugares, direcciones, preguntas comunes, etc.
Desarrollo tecnológico - La construcción de una idea: concepto, técnica y marketing. Un estudio de caso sobre biodigestores	Esta conferencia mostró paso a paso la construcción de un biodigestor en el pueblo residencial de Praia Brava, ubicada en el municipio de Angra dos Reis RJ, desde la idealización del Proyecto - mostrando qué aspectos son necesarios para validar, o no, un proyecto como este -, incluida la construcción del biodigestor en sí, por fin hablando de la comercialización realizada para validar su aplicación.

Banco Inmobiliario - Aprendiendo sobre rutinas administrativas	Taller sobre gestión financiera, basado en la dinámica del juego Banco Inmobiliario, pero con reglas modificadas, de modo que el objetivo no se limitara a ganar el juego de la manera tradicional, sino a lo largo de su progreso, aplicando técnicas administrativas previamente aprendidas al principio del taller, como por ejemplo: flujo de efectivo, clasificación de compras y ventas (identificación y clasificación de todas las transacciones financieras, lo que contribuye a una mejor comprensión del destino del dinero invertido, lo que permite el análisis para futuras transacciones); inversiones y gastos etc. De esta forma, el conocimiento administrativo se veía tanto en la teoría como en la práctica, dinámicamente, con el participante como protagonista.
Comisión de energía nuclear - CNEN	Esta fue una conferencia sobre lo que es CNEN y su importancia para la matriz nacional de energía nuclear, así como sus oportunidades de trabajo dentro de las plantas nucleares en Angra dos Reis.
Gestión del tiempo	Una conferencia que abordó las técnicas de gestión del tiempo aplicables a situaciones profesionales o cotidianas.
<i>Job interview</i>	Este fue un taller realizado con el objetivo de presentar el idioma inglés a los participantes, aplicando dinámicamente algunos conocimientos básicos para la comunicación en inglés para luego generar un brainstorm de posibles respuestas a preguntas comunes de una entrevista de trabajo o intercambio, principalmente dirigida a la cultura norteamericana.
Estudio de caso para la aplicación de un biodigestor para la generación de biogás a partir de aguas residuales domésticas de un camión limpia fosas utilizado en aldeas residenciales	Conferencia dedicada al estudio de caso de un proyecto de optimización de procesos que, a través de la construcción de un biodigestor, ahorró tiempo y recursos en el tratamiento de efluentes.

Tabla 1: Algunas actividades ofrecidas por el proyecto de extensión de Gestión en Ingeniería

SEPEX

La Semana de Enseñanza, Investigación y Extensión se lleva a cabo en todos los campus de CEFET/RJ, en octubre. Desde 2009, SEPEX tiene lugar en la tercera semana de octubre, integrada con la Semana Nacional de Ciencia y Tecnología, promovida por el Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación (MCTI). Es una semana en la que se exhiben todos los trabajos desarrollados por los estudiantes vinculados a los proyectos actuales, junto con los profesores del campus. Durante la semana, se exponen tanto proyectos de extensión como iniciaciones científicas y actividades estudiantiles (e.g. BAJA, ENACTUS,

Reis do Sol). El tema de SEPEX 2018 fue "Ciencia para reducir las desigualdades". SEPEX está abierta al público en general y aumenta la visibilidad de CEFET en la comunidad. También es una forma para que los estudiantes obtengan el reconocimiento de maestros, directores, tengan la oportunidad de presentar su trabajo en otros estados e incluso en otros países. Los trabajos presentados por los estudiantes son evaluados por otros estudiantes y, por lo tanto, compiten por el ranking de los mejores proyectos, que incluye premios, como libros, además del certificado de reconocimiento dedicado al estudiante y al supervisor del proyecto.

Además de dar a conocer los proyectos de la institución CEFET/RJ - Campus Angra dos Reis, SEPEX es el principal evento para popularizar la ciencia y la tecnología en el municipio. Durante la semana, se ofrecen docenas de minicursos gratuitos, conferencias, debates y actividades artísticas. Entre las actividades, se ofreció el taller de Seis Sombreros, cuya ejecución es el tema de este informe de experiencia.

LA DINÁMICA DE LOS SEIS SOMBREROS

El menú de cursos de Ingeniería es muy completo con respecto a las herramientas de enseñanza destinadas a resolver problemas específicos en el área de estudio. Sin embargo, no incluye temas importantes, tales como: gestión del tiempo, recursos humanos, toma de decisiones, gestión de proyectos, proactividad, liderazgo, entre otras habilidades profesionales que busca el mercado laboral, lo que hace que las oportunidades de un estudiante graduado solo con el conocimiento proporcionado por el curso de Ingeniería sean bajas. Teniendo esto en cuenta, la dinámica de los seis sombreros fue la herramienta de dirección de pensamiento elegida para mejorar las habilidades de toma de decisiones de los participantes. Por lo tanto, la dinámica permite al participante encontrar la mejor solución (o la mejor solución basada en los análisis realizados) para el problema propuesto. La Figura 1 presenta los tres pilares importantes, según el libro escrito por Edward de Bono (Figura 2), para la técnica de los seis sombreros.

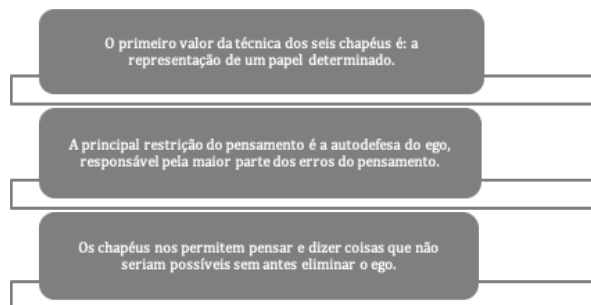


Figura 1 - Pilares de la técnica de los seis sombreros

Desenvolvida por Edward de Bono, instrutor na disciplina de pensamento e psicólogo da Universidade de Oxford, essa dinâmica visa diminuir as barreiras do pensamento e da criatividade, partindo do ponto em que o problema principal é buscar e estudar defeitos nas ideias e soluções apresentadas, ao invés de tentar agregar melhorias (Bono, 1986).

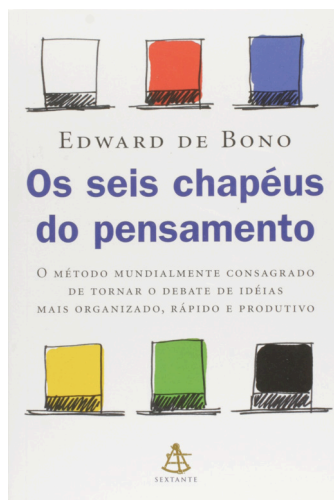


Figura 2 - Portada del libro “Seis sombreros de pensamiento”, de Edward de Bono.

Para esto, Bono propone la evaluación de un problema o situación a partir de seis sombreros, como se describe en la Tabla 2.

Sombreros	Descripción
Blanco	Responsable de analizar los hechos, informaciones concretas y datos del problema.
Rojo	Responsable de la emoción y la intuición. Quien sea responsable de este sombrero debe hacer explícitos sus sentimientos, haciendo suposiciones basadas en visiones humanas.
Amarillo	Se trata de los buenos puntos. Se deben presentar todas las fortalezas, oportunidades, beneficios y ventajas de la situación analizada.
Verde	Creatividad y nuevas ideas, quien sea responsable de esta parte debe olvidar todos los problemas que genera el caso estudiado y estudiar nuevas perspectivas, innovaciones y posibilidades.
Negro	Responsable de traer puntos negativos y peligros potenciales, presentando los riesgos, posibles impactos futuros de una acción y posibles pérdidas.
Azul	Es el sombrero responsable de tomar la decisión final basada en las encuestas de todos los sombreros anteriores. Se puede aplicar de diferentes maneras para ejemplificar diferentes escenarios de toma de decisiones.

Tabla 2 - Descripción de los seis sombreros por Edward Bono

EL DESARROLLO Y APLICACIÓN DE LA DINÁMICA

1. Propuesta de la dinámica

Dirigir y guiar a las personas a tomar decisiones efectivas basadas en el manejo de la razón, la emoción y la impulsividad.

2. Estudio e investigación

Se inició una investigación sobre la situación problemática que se pondría al aplicar la dinámica. El tema principal fue principalmente algo relacionado con la tecnología, ya que la mayoría de la audiencia que participaría en la dinámica estaría compuesta por estudiantes de graduación en Ingeniería. Inicialmente, se propuso el tema: "reemplazo del trabajo manual por máquinas/robots", pero debido a su alcance, no pudimos llegar a un caso específico.

Luego, propusimos un caso sobre *Amazon Go*, que es la nueva apuesta de *Amazon*: una tienda que no posee check out, creada para finalizar las colas en los mercados, utilizando solo smart shelves y recopilando diversos datos sobre el acto de comprar el a través de técnicas como el *eye tracking*. Con eso, sería suficiente usar la aplicación para ingresar a la tienda, comprar lo que quiera y salir, y el pago se realizaría automáticamente con la tarjeta de crédito previamente registrada. Esta idea fue eliminada, ya que no sabíamos si todos los participantes tendrían conocimiento sobre el debate acerca del tema, ya que es una tecnología que aún no se ha difundido en Brasil.

Por lo tanto, decidimos agregar un criterio más en la elección del caso. Además de la tecnología, también declaramos que debería involucrar el entorno escolar. Llegamos a la conclusión de que el caso sería "el uso de dispositivos electrónicos, como teléfonos celulares y computadoras portátiles, en el aula", ya que era un tema que estaba en aumento en ese momento debido a algunos cambios legislativos franceses con respecto al uso de teléfonos celulares en escuelas. La convocatoria de la propuesta fue la siguiente:

"A medida que la tecnología avanza más y más rápidamente, se hace cada vez más difícil controlar el uso de dispositivos electrónicos en la vida cotidiana de las personas. En las aulas, esto genera un conflicto de opinión entre los directores, maestros, coordinadores y estudiantes. La adicción a mantenerse actualizado en todo momento y la facilidad que poseen estos dispositivos, ya que son fáciles de transportar, es un gran problema, especialmente para las escuelas. Entonces, ¿qué se debe hacer? ¿Confiscar? ¿Prohibir? ¿En qué medida es posible replantear el uso del dispositivo en clases? Sabemos que los dispositivos electrónicos son potentes vehículos de información, lo que los convierte en potenciales herramientas de aprendizaje, queda por ver cómo."

3. Desenvolvimento

Junto com os coordenadores, desenvolvemos a atividade pouco a pouco, mas atentos a cada detalhe. Foram feitas adaptações para que a atividade pudesse ser desenvolvida da maneira mais prática possível e proporcionar o máximo conhecimento aos participantes.

Para participar na atividade, era necessário que a pessoa interessada se registrasse na plataforma, que tinha várias atividades que seriam realizadas no Campus através do SEPEX. Nossa dinâmica teve lugar em 16 de outubro de 2018 às 14h e durou 2 horas.

A duração da dinâmica foi dividida da seguinte maneira: 40 minutos para explicar o conteúdo conceitual (sobre cada um dos chapéus propostos por Bono) e expor o problema proposto aos participantes; 20 minutos para que cada grupo discuta entre si os pontos fortes de cada chapéu; 10 minutos para escrever na lousa todos os temas respectivos; e o tempo restante foi dedicado ao debate de ideias de todos os participantes, incluindo os coordenadores e implementadores da dinâmica, de modo que se chegasse a um consenso final.

Construímos uma diapositiva explicativa para apresentar a dinâmica aos participantes, e explicamos como funcionaria (Figura 3). Há várias formas de aplicar a técnica Seis Chapéus, cada uma das quais simula uma situação e um ambiente diferentes. Por exemplo, a dinâmica pode variar dependendo do papel que se dá ao chapéu azul. Esta interpretação foi utilizada para enriquecer o uso da técnica dos Seis Chapéus, aplicando-a em diferentes cenários.

Se pode simular, por exemplo, um ambiente de decisão centralizado determinando que apenas uma pessoa desempenharia o papel do chapéu azul. Portanto, todo o poder de decisão seria colocado nas mãos de apenas um indivíduo, ou seja, todos os demais grupos contribuem para a coleta de dados de diferentes maneiras e diferentes pontos de vista para que o usuário do chapéu azul tenha uma melhor visão da situação/problema proposto, e pode tomar uma decisão final. Este modelo ilustra um cenário em que há um chefe responsável pela tomada de decisões de uma empresa, por exemplo.

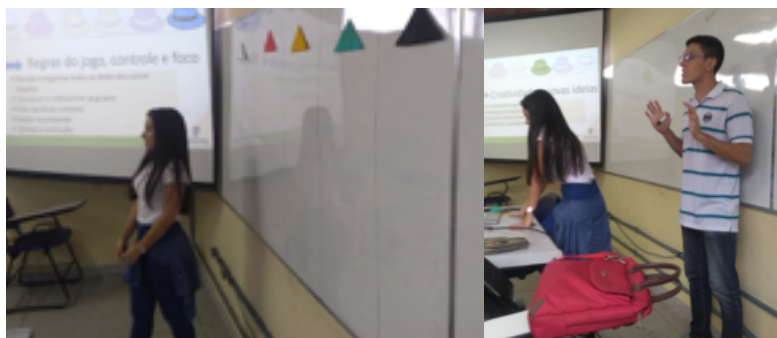


Figura 3 - Apresentação da técnica dos Seis Chapéus.

También existe la opción de determinar que un grupo de personas está representado por el sombrero azul. En este caso, la dinámica ilustra un escenario en el que hay una empresa con diferentes accionistas. En este caso, el poder de toma de decisiones está parcialmente centralizado, porque incluso si la decisión debe tener un consenso general, entre tres personas o más, no existe una democracia total con respecto al consenso mayoritario de todos los involucrados en la empresa en cuestión.

Hay, todavía, la posibilidad de que el sombrero azul esté formado por un representante de cada sombrero restante. Este escenario ilustra la toma de decisiones de una empresa en la que hay varios sectores involucrados, y cada sector tiene su respectivo gerente, que, al final, la decisión se toma por consenso de la administración general (más cerca de la administración del proyecto, por ejemplo). Nuevamente, es un poder de toma de decisiones parcialmente centralizado.

Finalmente, hay el escenario en el que se forman cinco grupos y el sombrero azul está formado por todos los participantes en la dinámica al final de la recogida de datos y la presentación de opiniones. Este escenario ilustra a una empresa que el poder de decisión está totalmente descentralizado, es decir, el proceso es cien por ciento democrático. Este escenario se ve más comúnmente en entornos más informales y menos burocráticos, como el trabajo grupal en el campo académico, las acciones de caridad o las pequeñas ONG.

Elegimos la forma democrática de resolver el caso, por lo que separamos 5 grupos, y les permitimos elegir de qué sombreros sería responsable cada uno, de acuerdo con el interés de cada persona. Después de explicar las reglas del juego, se dieron 15 minutos para debatir entre sí y separar los temas de acuerdo con cada tarea del sombrero. Fue considerado importante la organización de cada grupo mientras se desarrollaron temas lo suficientemente pequeños como para mostrarse en la pizarra, de modo que el punto de vista se evidenció todo el tiempo, pero basado en el discurso pronunciado por el grupo (Figuras 4 y 5).

Para quedarse más didáctico, hicimos sombreros coloridos y los pusimos en la pizarra. Luego, les pedimos a los participantes que escribieran los temas discutidos bajo sus respectivos sombreros. Después de eso, cada grupo leyó y habló sobre por qué cada tema. Al final del proceso, después de que los 5 grupos explicaron, se inició el proceso de toma de decisiones, en el que todos los participantes dejaron de lado el papel anterior de su sombrero y comenzaron el debate sobre todo lo expuesto para llegar a la solución de la situación problemática.



Figura 4 - Los participantes transcriben sus ideas clave en la pizarra



Figura 5 - Asistencia a grupos de participantes

4. Resultados de la dinámica

El caso "el uso de dispositivos electrónicos, como teléfonos celulares y computadoras portátiles en el aula" generó un debate muy interesante entre los participantes. Los grupos destacaron sus puntos de vista en la pizarra, que resumimos en la Tabla 3 (ilustrativamente).

Sombrero	Resumen de discusión
Blanco	96% de la población brasileña tiene un teléfono celular
Rojo	El uso de dispositivos electrónicos en las aulas tiene las siguientes características: facilita los trabajos en grupo; accesibilidad fácil y rápida a las búsquedas; se interpone en el camino de la concentración; Es una válvula de escape para estudiantes distraídos.
Verde	Aplicaciones que facilitan el aprendizaje; Introducción de otro dispositivo electrónico; Informática; Entrenamiento de empleados; Exploración de un nuevo método de enseñanza y organización de clases "
Negro	"Falta de atención; distracción; conversaciones paralelas; accidentes al cargar el dispositivo"
Amarillo	"Practicidad de la información; optimización de tiempo; punto de vista ecológico; uso de actividades de enseñanza en línea; plataforma interactiva para todos los medios electrónicos"

Tabla 3: Discusión del caso

El sombrero azul no está presente en la Tabla 3, pues hubo una discusión después de la explicación hecha por cada grupo, en la que tuvimos que llegar a un consenso sobre cómo abordar el problema propuesto. Todos los grupos explicaron los puntos destacados y, por lo tanto, democráticamente, llegamos a la conclusión de que, para fines didácticos, el uso de estos medios sería apropiado. Por lo tanto, sería necesario que cada institución que utilizara este método de enseñanza creara un sistema, tuviera control sobre todo lo que estaría permitido y elaborara reglas de uso.

Hubo también errores, por ejemplo, el grupo del sombrero rojo – quien fue responsable de ofrecernos puntos relacionados con la emoción y la intuición, se escapó de lo que realmente significaba el sombrero. Destacaron los puntos positivos y negativos sin usar la emoción. Los participantes deberían expresar sus sentimientos sobre el caso propuesto, imaginar posibilidades y usar la intuición.

En total, 16 personas participaron en la dinámica. Al final de la actividad, se propuso completar un formulario para que los participantes evalúen la dinámica, a fin de realizar ajustes y mejoras en una aplicación futura. Los detalles sobre la evaluación se describen en la Sección 5.

5. Criterios de evaluación para los participantes

El proyecto de Gestión en Ingeniería también tiene como objetivo recopilar datos para cada taller o conferencia que se realice con el fin de comprender el público objetivo del campus, así como sus necesidades intelectuales, ofreciendo así capacitaciones con mayor calidad y dirección. Para eso, se dan evaluaciones de reacción al final de cada actividad para que los participantes puedan completarla, generando datos con respecto a varios factores (de acuerdo con la Tabla 4).

Además, aún en la evaluación de la reacción, se colocaron 3 métricas evaluativas que se calificaron de 0 a 10 - siendo que "10" es extremadamente relevante y "0" totalmente irrelevante - que son: importancia para la vida académica, importancia para la vida profesional y calificación final del curso.

Questionamentos	Parâmetros de avaliação
Contenido del programa	
Horario de realización	
Duración del curso	
Condiciones de la sala de entrenamiento	Muy bien
Recursos didácticos	Bueno
Material didáctico	Regular
Conocimiento de los instructores	Débil
Integración entre participantes	Muy débil
Aplicación de contenido a diario	
Participación en el aula	
Asimilación de contenidos	

¿Expectativa satisfecha?	"Sí" o "No"
Justificación	Respuesta discursiva
Importancia para la vida académica Importancia para la vida profesional Nota para el curso	Calificación del 1 al 10
¿Por qué?	Respuesta discursiva
¿Se lo recomendaría a alguien?	"Sí" o "No"
Mejoras /Quejas	Respuesta discursiva

Tabla 4: Temas de la forma de reacción.

Los datos se obtuvieron mediante la aplicación de un cuestionario impreso al final de la actividad. Estos se transcribieron a una base de datos en una hoja de cálculo de Excel para la generación de gráficos que permiten una mejor comprensión de los patrones y el análisis de resultados, como se ve en las Figuras 6 y 7.

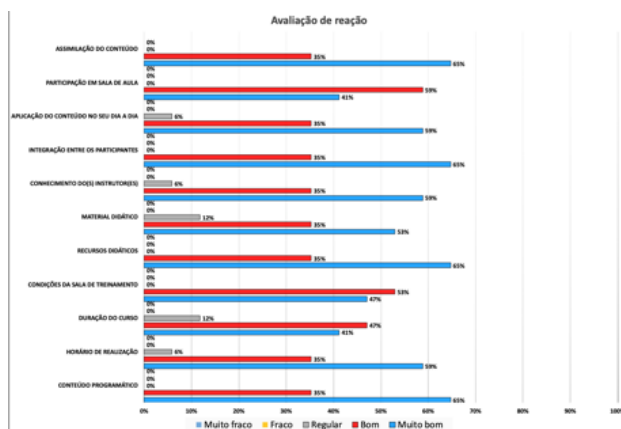


Figura 6 - Evaluación de la reacción de algunos parámetros.

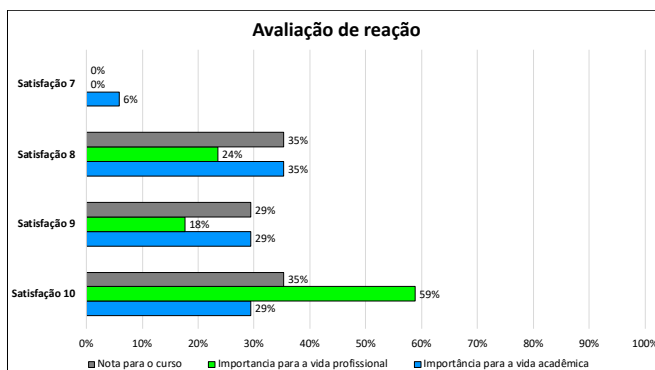


Figura 7 - Evaluación de la reacción de algunos parámetros.

Como se puede ver en la Figura 6, ninguno de los participantes ha evaluado como "débil" o "muy débil". Por lo tanto, al menos el 88% de los participantes calificaron los mismos parámetros de la actividad como "buenos" o "muy buenos".

En general, el feedback de los participantes fue muy positivo, considerando que la forma de reacción muestra que el 100% de los participantes tuvieron sus expectativas satisfechas, además de decir que recomendarían la actividad a alguien.

Cabe señalar que, inicialmente, la idea era trabajar en dos propuestas de situaciones problemáticas, asignando diferentes roles al sombrero azul. Sin embargo, el tiempo de 2 horas no fue suficiente, siendo posible aplicar solo una de las propuestas. Por lo tanto, aunque la evaluación fue positiva, este hecho debe considerarse en futuras aplicaciones.

Percepción de los extensionistas

"La dinámica de los seis sombreros me presentó una visión más amplia de cómo funciona la parte de gestión de resolución de problemas. Me pareció interesante cómo la función de cada sombrero se encaja perfectamente entre sí, siendo totalmente dependientes uno del otro. Y seguir esta lógica puede resolver muchos problemas con esta técnica.

Al desarrollar la dinámica, me di cuenta de que todos estaban interesados en aprender realmente esta técnica, y estaba seguro de eso cuando comenzamos a discutir el caso presentado, todos tenían diferentes puntos de vista y aun así logramos llegar a una conclusión final". – dijo la alumna y extensionista del proyecto.

Según el otro voluntario en el proyecto Gestão na Engenharia, la actividad mostró resultados mejores de lo esperado, con un alto nivel de compromiso por parte de los participantes. Aunque la planificación inicial era proponer el análisis de dos situaciones problemáticas utilizando la técnica de seis sombreros, los participantes estaban tan interesados en continuar aplicando la técnica en la primera propuesta que no hubo tiempo para la segunda. La actividad también fue de gran valor para su crecimiento personal, ya que tiene una gran aplicabilidad no solo en entornos industriales o corporativos, sino también en situaciones comunes. Además, permite combinar con la técnica de brainstorming para resolver problemas simples y complejos. Además, se puede adoptar de una manera más flexible para organizar la línea de pensamiento y llegar a la solución de un problema, incluso si uno no quiere seguir un método paso a paso metódicamente.

CONSIDERACIONES FINALES

Con las actividades desarrolladas por la gerencia de Proyectos en Inge-

nería en 2018, fue posible notar la falta de que la comunidad interna de CEFET/RJ - Campus Angra dos Reis tiene en relación con las herramientas de gestión, a pesar de que hay disciplinas curriculares en el plan de estudios del curso de ingeniería. Por lo tanto, el proyecto demostró ser pionero en ofrecer actividades extracurriculares en la unidad que pueden potenciar y disponer nuevas opiniones tanto a los estudiantes como a la comunidad local.

Acerca del taller de los Seis Sombreros, eludió la dificultad en el proceso de toma de decisiones al ofrecer diferentes perspectivas de análisis para una decisión más precisa. Según la investigación de reacción realizada al final del taller, fue posible verificar que alcanzó sus objetivos, considerando que en los ítems "Nota para el curso", "importancia para la vida profesional" e "Importancia para la vida académica" tuvieron valores de satisfacción muy altos, como se ve en la Sección 4.

Es de destacar que la actividad fue realizada en su totalidad por los estudiantes voluntarios del proyecto, cumpliendo la propuesta de formar vectores de conocimiento entre los propios estudiantes. Por lo tanto, la percepción positiva de los extensionistas sobre el desarrollo y la ejecución de la actividad es algo que se debe enfatizarse.

Finalmente, fue posible afirmar, basándose en el feedback positivo de los participantes en la actividad, que existe, de hecho, la necesidad y el interés de trabajar con los temas de gestión, de manera extracurricular, en vista del reconocimiento de que estos son esenciales para el formación profesional e inserción futura en el mercado laboral.

Agradecimientos

Agradecemos a CEFET / RJ por las becas de extensión otorgadas.

REFERÊNCIAS

Aston B. Why is Project Management Important? [Internet]. 2017. Available from: <https://thedigitalprojectmanager.com/why-is-project-management-important/>

Bono E. Six Thinking Hats. Little Brown and Company; 1985. 207 p.

Half R. 5 habilidades mais valorizadas no mercado de trabalho [Internet]. 2019. Available from: <https://www.roberthalf.com.br/blog/carreira/5-habilidades-mais-valorizadas-no-mercado-de-trabalho>

Moura A. A engenharia assume a chefia. O GLOBO [Internet]. 2012; Available from: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/a-engenharia-assume-chefia-5476909>

Magalhães TG, Dalmau MBL, Souza IM de. Gestão do conhecimento para tomada de decisão: um estudo de caso na Empresa Júnior. Rev Gestão Univ na América Lat - GUAL [Internet]. 2014;7(2):108. Available from: www.gual.ufsc.br

Fecha de envío: 19/06/2019

Fecha de aprobación: 21/11/2019



Prática em inclusão escolar: vivências e relevância da extensão universitária

Practice in school inclusion: experiences and relevance of the university extension

Verônica Gomes Nascimento

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia
veronica_gomes_nascimento@hotmail.com

Adrielle de Matos Borges Teixeira

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia
adriellematos@hotmail.com

Niara de Albuquerque Vianna Querino

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia
niaraq@yahoo.com.br

Mônica de Oliveira Brito

Especialista em Saúde da Família pela FESF-SUS/Fiocruz
monicabrito.psi@gmail.com

Maria Virgínia Dazzani Machado

Professora Doutora da Universidade Federal da Bahia
vdazzani@gmail.com

Nara Jesus Brito

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia
narabrito21@gmail.com

Ayla Arapiraca Galvão

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia
aylagalvao@gmail.com

Carolina Correia Sales de Souza

Graduanda em Psicologia, Universidade Federal da Bahia
carolinasouza7@hotmail.com

Lawanda Fiaes Almeida

Graduanda em Psicologia, Universidade Federal da Bahia
lawanda.almeida512@hotmail.com

Anna Paula Freitas Brandão

Mestranda em Psicologia, Eötvös Loránd University
brandaoanna.paula@gmail.com

Hevilla Pereira de Oliveira

Especialista em Saúde da Família, Universidade Estadual de Santa Cruz
hevyllaoliveira@gmail.com

RESUMO

O trabalho apresentado objetiva compartilhar uma experiência bem-sucedida e realizada a partir de um projeto de extensão universitária permanente em inclusão escolar. Este integra as ações do grupo de pesquisa e extensão Investigações em Psicologia Cultural: Cultura, Linguagem, Transições e Trajetórias Desenvolvimentais (CULTS), situado no Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizados fragmentos dos relatos de experiência elaborados por extensionistas que atuam junto a estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE) através da prática do Acompanhamento Terapêutico Escolar (ATE). Os conteúdos dos relatos demonstram as descobertas e impasses dos estudantes na tentativa de compreender e se situar na prática. A análise revela tal processo à luz da relevância da extensão universitária para a formação profissional em Psicologia. Observou-se a importância da prática em extensão para a efetivação do processo de inclusão escolar, bem como para a formação acadêmica dos estudantes, considerando a construção de um conhecimento socialmente implicado.

Palavras-chave: Extensão universitária. Inclusão escolar. Acompanhamento terapêutico escolar. Psicologia. Relato de experiência.

ABSTRACT

The presented study aims to share a successful experience resulting from a permanent university extension project in school inclusion, which integrates the actions of the research and extension group "Investigations in Cultural Psychology, Culture, Language, Transitions and Developmental Trajectories (CULTS)", linked to the Psychology Institute of the Federal University of Bahia/UFBA. Were used experience reports fragments of the extensionists who act along special educational needs students through the School Therapeutic Accompaniment. The reports content has evidenced the extensionists findings and impasses in the attempt of understand and situate themselves in the practice. The analysis reveals this process enlightened by the relevance of the university extension to the professional qualification in Psychology. Was noticed the importance of the extension practice to the effectiveness of the school inclusion, as well as for the students' academic qualification, considering the construction of a socially implicated knowledge.

Keywords: University extension. School inclusion. School Therapeutic Accompaniment. Psychology. Experience report.

INTRODUÇÃO

Extensão universitária: vivências para além da universidade

No contexto do ensino superior atual, a compreensão de universidade está fundamentalmente relacionada a sua constituição por meio do tripé ensino-pesquisa-extensão (SANTOS & ALMEIDA FILHO, 2008). O papel do ensino e da pesquisa parecem ser autoexplicativos, à medida que a universidade passou por gerações de reformas educacionais que assentaram suas bases na construção de currículos baseados nos avanços científicos e em problemas emergentes. Essas reformas, de modo geral, são marcadas por inovações (FRENK, J. et al., 2010).

No entanto, as atribuições e o valor da extensão universitária para a formação profissional de graduados ainda demoram a se estabelecer. De acordo com Frenk et al. (2010), vivencia-se hoje uma terceira geração de reforma educacional, a qual deve aprimorar as competências profissionais direcionando-as à contextualização, à mobilização do conhecimento, ao engajamento na criticidade e na conduta ética centrada na realidade social, que seja responsiva local e globalmente conectada.

A proposta de uma universidade que compreenda a relevância da extensão para a construção de conhecimento científico segue, assim, o direcionamento, proposto por Santos & Almeida Filho (2008), de superação do paradigma universitário e da transcendência para o paradigma pluriversitário. Este último caracteriza-se pela dialogicidade como foco das ações entre pesquisadores, envolvendo a co-construção entre os utilizadores do conhecimento, metodologias participativas de investigação e pesquisa-ação, conhecimento contextual, heterogêneo e mediado por atores sociais relevantes. Além disso, Santos & Almeida Filho (2008) sugerem que a extensão universitária possibilita a redução de assimetrias entre os diferentes conhecimentos como, por exemplo, o científico e o popular.

Particularmente no contexto brasileiro, a extensão começou a ser implementada no ensino superior juntamente com o estabelecimento das universidades, no século XX. Entretanto, nesse cenário, essa era vista como um apêndice da sala de aula e mantinha um caráter assistencialista na relação com a comunidade. Com o movimento de redemocratização do país, no final da década de 1980, inicia-se o processo pelo qual é atribuído outro papel e lugar à extensão universitária (NOGUEIRA, 2005). A partir do Decreto nº 6.495 de 30 de junho de 2008 (BRASIL, 2008), é instituído, então, o Programa de Extensão Universitária, o qual tinha, dentre os objetivos, o estímulo ao engajamento da formação dos estudantes de ensino superior nas realidades concretas da sociedade brasileira, a democratização do conhecimento acadêmico e a dialogicidade com o saber popular, a partir do estreitamento da relação entre as

universidades e as comunidades populares em seu entorno.

Considerando o contexto em que se insere e às propostas as quais se alinha, a extensão configura-se, portanto, num processo educacional, científico e cultural fundamentado na co-construção e indissociabilidade entre o conhecimento científico gerado nas universidades e o saber popular socialmente produzido, o qual é multidirecional e intersetorialmente transformador (FOR-PROEX, 2012).

O envolvimento com a extensão cumpre uma função essencial na formação dos futuros profissionais, podendo estes serem considerados como cidadãos atuantes desde a entrada na universidade. A extensão alcança aspectos do processo de aprendizagem que favorecem o desenvolvimento de habilidades, tais como a transposição de conhecimentos do campo acadêmico para a ação no campo da realidade, a mudança na perspectiva crítica, o alargamento de competências pessoais e a cooperação em situações coletivas (SANTOS, 2012).

No que concerne à extensão na área do conhecimento e da atuação profissional da Psicologia escolar e educacional, Carvalho (2017) enfatiza a importância do olhar lançado ao campo de atuação, o qual pode ser visto como mero local de aplicação de saberes, ou, transcendendo a lógica unilateral, pode ser considerado como espaço de troca que concretize a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, a instituição educativa representa, para o extensionista, a possibilidade de atuar como profissional em uma realidade social e política, além de oportunizar a participação nos desafios e na busca de soluções para tal contexto, fazendo-o entrelaçar as três diretrizes da formação.

Para a formação do estudante de Psicologia, a extensão pode representar ainda uma oposição necessária aos interesses dominantes, à medida que se fundamenta em uma relação dialógica entre estudante em formação, sociedade e universidade. Tal movimento pode trazer alterações significativas na forma de relação hierarquizada instituída por muito tempo nesse campo do conhecimento.

METODOLOGIA

Tendo como base o exposto sobre o tema da extensão universitária, serão apresentados alguns relatos sobre as atividades desenvolvidas através de um projeto de extensão vinculado ao curso de Psicologia da UFBA. Esses relatos visam promover diálogos e articulações entre a psicologia e a educação inclusiva. Tais atividades têm sido realizadas por alguns dos membros vinculados ao grupo de pesquisa e extensão CULTS, o qual é composto pela coordenadora, dois bolsistas de pós-doutorado, seis estudantes de mestrado, oito estudantes de doutorado, seis estudantes da graduação e alguns voluntários. O grupo de extensão possui duas frentes de atuação em psicologia em contexto escolar:

uma delas desenvolve atividades estritamente em psicologia escolar e educacional, com intervenções coletivas em escolas municipais e estaduais, já a outra desenvolve atividades no acompanhamento terapêutico escolar.

Neste artigo será relatada a prática realizada pelos acompanhantes da educação inclusiva em duas escolas públicas municipais de Salvador. A troca de experiências e a diversidade teórica e metodológica permitem uma constante produção de conhecimentos. Os extensionistas atuam sempre em parceria com professores, funcionários e estudantes, como observadores atentos e atores ativos na dinâmica e no cotidiano escolar. Para a realização da prática, os extensionistas acompanham o processo de inclusão escolar de estudantes que apresentam demandas particulares, as quais são consideradas comumente Necessidades Educativas Especiais (NEE). A atuação realizada refere-se à prática do Acompanhamento Terapêutico Escolar (ATE), a qual vem demonstrando, a partir das experiências já publicadas (ASSALI et al., 1999; FRÁGUAS & BERLINCK, 2001; GAVIOLI et al., 2002; MATOS & DINIZ, 2014; NASCIMENTO, 2015) ser uma ferramenta valiosa no processo de inclusão escolar.

Serão privilegiados, neste artigo, os relatos de experiência dos extensionistas, explicitando suas impressões, dúvidas, percepções e dificuldades diante da prática realizada na escola. Foram utilizados fragmentos de relatos elaborados pelos próprios extensionistas durante o processo de supervisão. Esses relatos servem como ilustrações importantes para a discussão do tema em questão. Tais relatos foram produzidos individualmente e são frutos de uma reflexão sobre as experiências como acompanhante terapêutico escolar.

Essas experiências revelaram marcas transformadoras nas trajetórias acadêmicas dos extensionistas. De acordo com eles, a extensão é uma possibilidade de atuação, dentro do processo de formação, que insere o estudante em um contexto de desenvolvimento extremamente relevante, qual seja, a escola. O encontro dos extensionistas com o campo de atuação do ATE foi marcado por inquietações, dúvidas e tropeços, tornando-se, em pouco tempo, palco de grandes transformações e descobertas.

RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO E DISCUSSÃO

Inquietações, tropeços e descobertas: é caminhando que se faz o caminho

De modo geral, o acompanhante terapêutico escolar atua como mediador e facilitador no processo de inclusão escolar de crianças que apresentam dificuldades severas (BARROS, 2011). A atuação se dá sempre nas relações que são estabelecidas com a criança, ou seja, no "entre": entre a criança e as outras

crianças, entre a criança e a professora, entre a criança e a escola e, em alguns casos, entre a criança e a família (NASCIMENTO, 2015). Sobre essa caracterização referente ao ATE, destacamos o seguinte fragmento de um dos relatos de experiência:

O acompanhante terapêutico escolar, é um profissional que vem construindo seu lugar e espaço com o intuito de atuar de forma efetiva no processo de inclusão escolar; como mediador das relações; como ponte entre os diversos atores da escola; também como facilitador; aquele que se situa no entre das relações criança/família; criança/professor; criança/pares; criança/escola (N).

No fragmento acima, as acompanhantes se referem ao trabalho como mediação, facilitação. Elas mencionam a necessidade de construção de pontes entre o estudante com NEE e os demais atores escolares. Neste sentido, as extensionistas salientam a importância de investimento simbólico no processo de escolarização de estudantes com necessidades educativas especiais, apostando em um sujeito que pode se relacionar e aprender.

É importante ter um olhar que amplie, que sustente a aposta no sujeito, e que se dê conta, a cada encontro, que é preciso um alto investimento na construção do vínculo com a criança, de que é preciso o desejo de estar naquele lugar e viver situações surpreendentes e inimagináveis. (N)

De acordo com Fráguas & Berlinck (2001), há uma aposta imaginária do adulto nas possibilidades da criança, uma "antecipação do sujeito", o que significa dar sentido às produções languageiras da criança, ou seja, supor a existência de um sujeito numa dimensão imaginária. Desse modo, o acompanhante deve pinçar, nas falas e nas atitudes das crianças, sinais de uma manifestação de algo do desejo (FRÁGUAS, 2004). É necessário atribuir significado às expressões da criança, para que, aos poucos, ela possa reconhecer esse desejo como algo próprio. Para isso, é importante se colocar em uma posição de escuta, disponibilizar-se a entender a criança.

Algumas vezes a mensagem que ele transmitia era clara para mim, às vezes não, mas acho que a diferença era que eu sempre estava disposta a tentar entender o que ele queria me dizer. (M)

Sempre buscava dar sentido, emprestar interpretações sobre as coisas que ele fazia [...] Outra coisa que não podemos deixar passar são as oportunidades de dar significado a algo que, aos olhos dos outros, pode ser uma repetição, algo que não tem sentido. (M)

Tal atribuição de sentido às produções da criança e o investimento sim-

bólico no sujeito envolvem observar e apostar em expressões e/ou situações que não são percebidas pelos demais atores escolares ou simplesmente são consideradas como pouco relevantes. Diante disso, uma acompanhante declarou: "Essa é a loucura necessária da ATE!" (A). É a sua "loucura", pois indica uma aposta constante naquilo que ainda se supõe que poderá acontecer – um sujeito falante, um sujeito que aprende; é a "loucura", pois se escuta e se observa algo da criança que ainda não é considerado como avanço dentro do seu processo.

A esperança e a persistência são imprescindíveis no trabalho do ATE. Sem elas sequer conseguimos reconhecer os avanços que são muitos, mas às vezes bastante sutis. Apostamos em cada prática e em nova ideia, ainda que essas pareçam irrealizáveis. Comemoramos cada gradual e singelo sinal de que estamos, sim, contribuindo para que cada criança/adolescente consiga, a sua maneira, situar-se no espaço e no social. (L)

Cada pequena conquista é motivo de festa e contentamento, envolvidos sempre de muita expectativa e muita angústia. (H)

O ATE desenvolve a habilidade de observar os detalhes, exercita o olhar sensível e atento para pinçar tudo que pode ser usado como elemento de conexão e mobilização para a criança e para todos ao seu redor. (N)

O acompanhante é testemunha das situações do cotidiano escolar vivenciadas pelo estudante, promovendo o reconhecimento das suas produções e conquistas (GAVIOLI et al., 2002). Sendo testemunha e ofertando uma escuta sensível, o acompanhante pode compartilhar sua "loucura" necessária com os demais atores escolares – incluindo as crianças – para que todos possam identificar o estudante como sujeito de fala, sujeito de desejo, sujeito que aprende e que se relaciona. Entretanto, é importante explicitar que o momento inicial é marcado por vários desafios e dúvidas, sobre a prática, sobre a escola, sobre os estudantes, sobre si mesmo etc.

[...] comecei a acompanhar Maria. Eu seria sua primeira acompanhante terapêutica escolar. E o que nós sabíamos até então era que a escola se queixava por essa criança não falar. Ela era considerada uma criança ótima, só precisava falar. (A)

Cada movimento que eu fazia era tão bem pensado e considerado antes, que deixava de ser natural. Eu ficava tão apreensiva com um possível afastamento da parte dela que eu sequer me permitia a tratá-la, antes de tudo, como uma criança. Depois das primeiras semanas de contato, das discussões com o grupo de extensão e de muitas reflexões pessoais, consegui finalmente me aproximar da criança como eu queria. De início, tomei um empurrãozinho numa aproxima-

ção rápida demais, como um aviso de que eu deveria ir com mais calma. Mas no final desse mesmo dia, um abraço para garantir que estávamos caminhando para a construção do tão necessário vínculo. (C)

Por isso, o acompanhante precisa atuar descobrindo o universo da criança para contribuir na construção de condições para que essa frequente a escola, aproveitando esse momento do seu modo particular (ASSALI et al., 1999). Na descoberta do universo da criança – o que ela gosta, o que a interessa ou incomoda –, as acompanhantes mostram que precisam observar os caminhos possíveis – apontados pela própria criança – para se aproximarem, assim como para elaborarem estratégias, em parceria com os professores, que sejam direcionadas para a aprendizagem.

Se música é um caminho, então cantar e dançar diversas canções foi o jeito de me colocar ao seu lado da forma mais agradável possível, às vezes, numa tentativa de tornar a permanência em sala de aula viável por mais tempo. Nesses momentos, alguns olhares atentos aos movimentos da minha boca para vocalizar sons semelhantes [...], saiu um trecho, e ela me acompanhou cantando! Momento de euforia e de conexão entre nós duas. Pulamos sorrindo de mãos dadas. (C)

Ao se aproximarem da criança e enxergarem caminhos possíveis para a atuação, as acompanhantes percebem que precisam lidar com o imprevisível constantemente.

Todos os dias novas situações são postas na escola. Chego tendo uma ideia do que vai acontecer, mas sem garantias. Alguns dias as coisas funcionam melhor e saem como o planejado, outros, parece que tudo é mais difícil. Tem momentos que a gente fala algo intervindo na aula, com a professora, e depois pensa que poderia ter dito algo diferente ou falado de outra forma. (C)

Além disso, as acompanhantes constataam que não somente cada criança tem seu tempo, mas também todos aqueles que estão envolvidos no processo de inclusão escolar. E, dessa forma, a atuação encontra, nesse aspecto, a possibilidade de respeitar o tempo de cada um para avançar.

Outra coisa que venho aprendendo é que cada um tem o seu tempo: a criança, a professora, os colegas, a família, os outros educadores [...] Você irá tentar engajar o aluno na atividade que a professora passou, mas, às vezes, ele dirá, da maneira dele, que naquele dia não vai ser possível concluir aquela atividade. (M)

As acompanhantes terapêuticas escolares percebem, a partir da experiência na escola, que não há um lugar/espaço específico para a atuação. Como Fráguas e Berlinck (2001) afirmam, o trabalho do acompanhante terapêu-

tico na escola consiste em estar com a criança dentro e fora da sala de aula, sempre na busca de integrá-la ao grupo e levá-la a um envolvimento com as atividades propostas pelo professor, observando e respeitando seus limites e suas potencialidades.

Não há um espaço para a ATE. Todos os espaços são possíveis e passíveis de reconfiguração. A gente sobrevive da leveza vincular. De saber que isso é importante e intangível. (A)

É fundamental conhecer a criança juntamente com seus limites e potencialidades para ajudá-la a vivenciar da melhor maneira possível o seu processo inclusivo. (H)

Como a atuação do ATE não possui definições muito específicas, é comum que falte clareza sobre o seu papel, e que demandas equivocadas apareçam constantemente, como analisam Assali et al. (1999). As autoras evidenciam o fato de que o profissional precisa estar atento para não ocupar os lugares demandados pela instituição.

[...] a escola parece esperar pela via pedagógica, de imediato, pois não consegue perceber os pequenos progressos do dia a dia. Uma das minhas grandes inquietações era que me convocavam a falar por ele, incluindo coisas que diziam respeito à sua subjetividade. (L)

A partir daí comecei a lidar com as demandas e expectativas vindas da escola. Em contraponto, estava a necessidade de olhar por conta própria e conhecer essa criança com outros olhos para poder enxergar outras possibilidades além do discurso da escola. (A)

As demandas equivocadas precisam ser escutadas e, muitas vezes, questionadas pela acompanhante terapêutica escolar. É importante compreender, do mesmo modo, que a escola também tem seu tempo para se situar em relação ao trabalho do acompanhante, sendo comum que os atores escolares expressem suas dúvidas e demandas diante das impressões e angústias envolvidas no cotidiano escolar. O acompanhante pode contribuir nesse processo, atuando com sensibilidade e criticidade, produzindo questões na escola. Isso significa que ao invés de responder às perguntas e demandas, é importante que permita que as dúvidas sobre o estudante acompanhado e sobre o processo inclusivo circulem e ganhem espaço, o que poderá promover a implicação dos atores escolares e as mudanças no contexto educacional (NASCIMENTO, 2015).

O contexto escolar é um cenário emblemático no qual a criança dá os primeiros passos na caminhada rumo ao encontro com os outros. Em contato com os seus pares, a criança é apresentada ao universo da educação formal e é, também ali, que crenças, valores e saberes podem ser firmados, transforma-

dos, descobertos. A escola configura-se como um espaço de desenvolvimento para a criança. Em seu desígnio, tem como função básica o aprendizado, tendo o viés pedagógico como o norteador das práticas dos atores escolares. Entretanto, as acompanhantes observam que a subjetividade é tecida nas relações construídas dentro e fora daquele espaço.

A escola é um lugar privilegiado para as crianças onde é possível o estabelecimento de vínculos, o convívio social, o aprendizado das regras, o lidar com frustrações, o direito à cidadania. A inclusão escolar traz benefícios para todas as crianças. Poder mediar e acompanhar o nascimento e florescimento do encontro entre a criança que acompanhei e seus colegas me colocou como testemunha de cenas surpreendentes. (N)

É nesse contexto escolar complexo que as acompanhantes terapêuticas escolares se deparam com realidades que tocam profundamente e repercutem na prática. Diante de tal complexidade, salienta-se a importância da supervisão.

Realizada semanalmente no projeto de extensão aqui apresentado, a supervisão constitui um momento no qual dúvidas, angústias, sentimentos, descobertas e conquistas são colocados pelos extensionistas. Assumindo que não existem receitas prontas de como atuar no campo da Educação e da Psicologia, as estudantes são convidadas a pensar juntamente com a equipe de supervisão, nos encaminhamentos e possíveis soluções para os dilemas vividos no cotidiano da escola. Segundo Matos & Diniz (2014), a supervisão permite orientação e direcionamento apropriados do trabalho a ser realizado em cada realidade específica. Cabe destacar que, considerando as especificidades do ATE, e por se tratar de uma função que não possui contornos bem delimitados, gerando pleitos inadequados e confusão de papéis, torna-se ainda mais imprescindível a supervisão para que o acompanhante compreenda as limitações e as potencialidades de sua prática. Sem a troca de experiências e a supervisão, o extensionista poderia não compreender bem a sua atuação e ser enredado pelas demandas institucionais equivocadas.

Tudo isso só mostra como a prática do ATE é construída, além do estudo teórico e das supervisões, na experiência e nas reflexões. (C).

Além dos encontros presenciais, a supervisão acontece através da leitura sistemática dos relatos enviados dia a dia pelos extensionistas. Estes produzem registros de todos os turnos em que atuam na escola. Eles descrevem acontecimentos, situações vividas, falas das outras pessoas, intervenções que realizaram, sentimentos e emoções experienciados. A prática da escrita constitui um instrumento que possibilita aos acompanhantes refletirem sobre o que foi vivido, bem como terem novas ideias e insights. Conforme Machado (2014), os relatos devem permitir não somente uma sistematização do que foi feito, mas devem dialogar com o campo no qual o estágio é realizado, possibilitando

a reflexão sobre as ações que podem surgir. Além disso, os relatos permitem vislumbrar a forma de pensar dos estudantes acompanhados e, ao discutir sobre o seu conteúdo, torna-se possível promover a necessária desconstrução de mitos e a formulação de novos questionamentos para a qualificação da intervenção no cotidiano escolar.

Todos esses aspectos mencionados, concernentes às experiências dos extensionistas, produzem considerações que podem inspirar, instigar e levar a busca de novos caminhos. O relato de uma das acompanhantes do referido projeto de extensão representa significativamente a experiência do ATE diante dessa experiência tão complexa:

No início do trabalho, angustiava-me muito ver os problemas relacionados ao sistema de educação. Via muita violência nas relações e falta de cuidado; a incongruência de um modelo que ia tentando adaptar aquelas crianças a um só modo de aprendizagem; as ideias que giravam em torno da educação inclusiva e que muitas vezes precisavam ser questionadas. Angustia mesmo enxergar tudo isso no espaço que é destinado às crianças. Na verdade, eu sentia que aquele espaço não era voltado para elas, era uma frestinha para onde as crianças tinham que ir: alguém tinha que tolerar esses (recém) sujeitos que a sociedade gerava. A escola me parecia ter sido criada para lidar com essa "árdua" tarefa: um verdadeiro depósito de recém sujeitos. E ela está dentro da sociedade o tempo inteiro, sendo reflexo e refletindo os processos macropolíticos e socioculturais. Então o problema da escola não é só da escola? É de quem mais? Cadê esses outros?

Comecei a sentir que a escola também estava sozinha [...] Passei a enxergar essa escola como um grande prédio que ia vivendo seus dias com muito barulho e com pouca escuta. O parquinho quebrou, e sabe lá quando vai ser consertado. O gás acabou há duas semanas. As coisas vão quebrando, faltando e todo mundo vai dando um jeito [...] Existia uma sensação de que nada do que estava sendo desenvolvido ali tinha muita importância pois não recebia os devidos investimentos. Investimentos que se presentificam na materialidade, mas que estão para além disso. Onocko Campos traz a reflexão de que os trabalhadores em saúde se identificam com as precariedades do serviço em que eles estão trabalhando. E na Educação, será que a Pró¹ se identifica com essas precariedades? Se sente sozinha na sua tarefa que é tão intersetorial? Ou devia ser ... Ela se sente sozinha? Uma música em homenagem às mães faz duas crianças chorarem. Uma das crianças sente a falta da avó. Outra criança estava na expectativa de encontrar o pai que não chegou de viagem. Uma mãe acabou de parir uma criança e está grávida outra vez. O pai de alguém perdeu o emprego [...] Tem tanta coisa

1 Nomenclatura regional para se referir a "professora".

e as crianças continuam indo à escola como podem. As famílias vão fazendo o possível e nunca parece o suficiente. Será que as famílias se sentem sozinhas? Será que elas tentam se virar com tantas coisas e também não recebem ajuda suficiente? Olha só o desenho que eu fiz na minha cabeça: um monte de gente tentando ajuda sem conseguir o que precisa. Um monte de gente falando sem ninguém para escutar. Um monte de gente sem ser compreendida em suas demandas. Muitos desencontros.

Que linguagem é essa que a gente compartilha, mas que não ressoa? E tanta regra que não está valendo. O que é que está acontecendo na política? Essas regras valem alguma coisa? E essa linguagem vale alguma coisa? E para Maria? O que é que vale? Por que Maria não fala? Ela só precisa falar – disse a escola! Ela é uma criança ótima, mas não fala. Mas quem pode escutar Maria?

Eu tentei escutar Maria.

Fui tentando escutar Maria sobre tudo o que ela podia me falar.

Por que Maria não me olha? Eu me sentia muito sozinha porque ela não me olhava. Maria não respondia às minhas demandas. Ela só queria brincar no computador. Só queria saber da internet! Eu sentia tanto desencontro. Às vezes eu passava horas com ela na sala de informática. Eu ficava ali tentando falar com Maria, mas ela só queria saber da internet [...] E, se deixar, eu vou me perder de Maria rapidinho.

Não vou me perder de Maria não, pensei. Eu faço questão de estabelecer conexão com ela. Senti que a minha tarefa ali era de provocar humanidades. Provocar afeto, vínculo, apoio e ... falta também né?

Repito: a todo momento eu continuava tentando escutar Maria em tudo que ela podia me falar. Pois se a gente olhar com cuidado a gente enxerga é coisa! Então eu fui olhando e vi que Maria sempre se repetia em alguns trechos do desenho animado que traziam conflitos e relações, brigas e afetos. Ufa! É todo mundo humano mesmo!

Fui sentindo uma medida de solidão em várias crianças ali na escola. A falta de escuta, querer dizer algo que não chega no ouvido de alguém. Parece que todos nós queremos dizer algo que nem sempre chega no ouvido de alguém. Será que é isso mesmo? Eu estava ali para trabalhar na inclusão escolar de Maria e comecei a sentir que havia muita gente demandando um processo de inclusão. Quem são os normais e quem são os patológicos? As polaridades vão se reencontrando constantemente na minha cabeça. Vejo que há uma necessidade de expulsar e projetar no outro um desajuste. Como se a sociedade elegesse alguns bodes expiatórios – pessoas encarnando sintomas sociais.

Aos poucos eu e Maria fomos nos encontrando. A gente encontrou a nossa dança, o nosso vínculo, as nossas brincadeiras, o nosso afeto. E eu acho que Maria merece muitos vínculos, muitas brincadeiras e muito afeto, como todo mundo. Maria vai construindo sua rede, e ela será bem potente! Fui apostando nisso. Sigo apostando nisso! (A)

Através desse relato, uma das acompanhantes analisa diversos aspectos do cotidiano escolar, considerando o contexto macropolítico. Além disso, ela aponta para a falta de escuta em três sentidos: 1) dificuldade geral em escutar as crianças dentro do contexto escolar; 2) quem escuta os professores?; 3) quem poderia, então, escutar Maria?

RECORTES DE QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES

Nesse caminho de aprendizado, proporcionado pela experiência da extensão, as portas da universidade se abrem para o encontro com a comunidade, e os acompanhantes se deparam com dúvidas, reflexões e elaborações que enriquecem suas trajetórias acadêmicas e os transformam como pessoas e como profissionais.

Diante de tais transformações, foram reunidos extratos dos textos elaborados pelos acompanhantes, os quais expõem reflexões e questionamentos provenientes da prática vivenciada:

"O que fazer agora? ", "Será que deveria ter feito aquela intervenção?", "Por que não disse isso? Perdi a oportunidade". Acho que se questionar é sempre bom, pois permite a reflexão sobre o que fizemos e o que deixamos de fazer. (M)

Por não haver um lugar definido para a ATE havia sempre uma insegurança sobre como manejar as situações: Como se colocar? Como "garantir" a regra da escola? Como "flexibilizar" a regra da escola? Como (não) responder às demandas? (A)

O que faz uma acompanhante terapêutica? Como é o adolescente que irei acompanhar? E se ele não gostar de mim? E se eu não souber lidar com suas questões? (L)

É como se não tivesse um sujeito ali; é um mero objeto que precisa ser tirado da sala porque incomoda. Mas incomoda a quem mesmo? O incômodo é só pelo barulho? Um acompanhante terapêutico escolar insere nas "linhas tortas" altas apostas e não desiste de acreditar, por mais que a maré não esteja favorável. (H)

O que eu sabia até então sobre TEA? Como era a criança autista que eu imaginava? No que ela se diferenciava da criança que eu fui? Será que essas diferenças são realmente tão bem delimitadas? A escola vai me receber bem? A criança vai gostar de mim? [...] A angústia inicial não passou completamente e, volta e meia, aparece para lembrar de sempre buscar aperfeiçoamento e pensar sobre o que tenho feito. Afinal, "é caminhando que se faz o caminho". (C)

[...] aprendo que nem todas as perguntas precisam ser respondidas, e que as dúvidas são mais eficazes e transformadoras no processo de compreensão do desconhecido. "O que ele tem? Por que ele faz isso? Ele conversa? ". Diante dessas perguntas, me faço acompanhante terapêutica e convoco a todos para descobrirem não o que ele tem, mas quem ele é. (L)

O respeito que me refiro ao longo do texto se atribui não somente ao adolescente que acompanho, mas a mim mesma, e a estar atenta também aos meus sentimentos. As dificuldades e angústias que encontrei nessa empreitada possibilitaram vãos que levarei ao longo da formação enquanto psicóloga e enquanto pessoa. (L)

Mergulhar na experiência de atuar como ATE fez emergir o desejo de investimento na suposição de um sujeito de aprendizagem desejante, me fez perceber que existe um elo, um lugar, um ponto de encontro, uma chama acesa que aguarda por um combustível adequado, uma convocação, um espaço que possibilite à criança ser tudo que é possível, em um tempo que foge à lógica cronológica [...]. Sinto-me totalmente tocada e tomada pela possibilidade de atuar como facilitadora, como presença ausência que permita que os olhos falem, os gestos comuniquem, a boca deixe fluir palavras e frases que, às vezes, podem parecer desconectadas para alguns, mas que têm um sentido que aparece na construção de uma relação baseada em um vínculo, que vai se formando devagar, entre idas e vindas, atravessado pela singularidade. (N)

Ao lançar um olhar sobre a singularidade de cada criança acompanhada, os estudantes extensionistas desenvolvem a sensibilidade para compreender as diferenças na atuação, tendo como ponto de partida o que é único para aquele sujeito e, assim, se instrumentalizam no caminho complexo rumo ao processo de inclusão escolar.

As inquietações descritas anteriormente apontam para o desafio que é a experiência da extensão universitária. Na prática, é possível desenvolver uma postura aberta, considerando a dinâmica do contexto, marcada pela imprevisibilidade. Como não há um script definido previamente, a realidade vai se constituindo na relação com o espaço e com os sujeitos. A atuação favorece um engajamento crítico advindo do exercício de questionar práticas e teorias cristalizadas em face da realidade vivida e dos vínculos tecidos com os diversos atores do cenário escolar.

CONCLUSÕES

Compreendendo o espaço da extensão universitária como parte importante para a formação profissional na Psicologia, cumprindo com o seu papel ético-político, é possível identificar relações diretas dessa prática com o próprio código de ética profissional do psicólogo. Nesse sentido, os estudantes guiaram suas atuações conforme as normas previstas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP/2005), quais sejam: comprometimento pela eliminação de formas de discriminação; na responsabilidade social; entendimento dos contextos nos quais se inserem as pessoas; ação diante das relações de poder existentes nos contextos em que se inserem; e na difusão do conhecimento de Psicologia.

Um projeto de extensão com atuação em Acompanhamento Terapêutico Escolar tem proporcionado uma experiência única na trajetória acadêmica dos extensionistas, não apenas na aprendizagem relacionada à Psicologia, mas também nas potencialidades que surgem para a experiência pessoal dos atores envolvidos. A prática ensina a compreender que o processo de inclusão escolar representa muito mais do que abrir as portas das escolas regulares para os estudantes com desenvolvimento atípico. A inclusão escolar exige uma disponibilidade para se colocar no lugar do outro. O ATE é uma prática que indica que o aprendizado só é possível quando há uma disposição em seguir em frente, caminhando rumo às possibilidades que vão se revelando à medida que se avança no investimento e na compreensão da singularidade da criança que está sendo acompanhada.

Diante disso, o relato de experiência intencionou demonstrar que a extensão universitária se materializa como uma aula viva, produzindo marcas sólidas na formação do estudante de graduação. Sendo viva, ela produz vida, a partir do caminho que se faz no tempo de cada um. Entretanto, não foi possível alcançar, no presente momento, um aprofundamento teórico expressivo acerca do tema. Dessa forma, sugere-se que os extensionistas e estudiosos da área da extensão universitária no âmbito da educação possam elaborar pesquisas e relatar experiências de modo a ampliar o campo investigativo e as possibilidades de enfrentamento das dificuldades vivenciadas.

REFERÊNCIAS

Assali, A. M.; Rizzo, C.; Abbamonte R. M.; Amâncio, V. O acompanhamento terapêutico na inclusão de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento. In: Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/ LEPSI: a psicanálise e os impasses da educação, p. 114-121, São Paulo, SP: Lugar de Vida, 1999.

Barros, J. F. Acompanhamento terapêutico: (re)pensando a inclusão escolar. In: X CONPE – ABRAPEE, p. 1-15, 2011.

Brasil. Decreto nº 6.495, de 30 de junho de 2008. Institui o Programa de Extensão Universitária - PROEXT. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6495.htm>. Acesso em: 08 abr. 2018.

Carvalho, J. F. O serviço de psicologia escolar e o sentido público de universidade. In: Machado, A. M.M.; Lerner, A.B.C. e Fonseca, P.F. Concepções e proposições em psicologia e educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/concepcoes-e-proposicoes-em-psicologia-e-educacao-1363/psicologia-e-psicanalise-353>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). Código de ética profissional do psicólogo. Brasília: 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia-1.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 68p. 2012. Disponível em: <https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/politica-nacional-de-extensao-universitaria_2012-e-book.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Fráguas, V. Acompanhamento terapêutico com crianças: sobre a função terapêutica da construção do laço social. Revista Pediatria Moderna/Psicologia em Pediatria, v. 40, n. 3, 120-124, 2004. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=2621&fase=imprime>. Acesso em 19 abr. 2018

Fráguas, V.; Berlinck, M. T. Entre o pedagógico e o terapêutico: algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola. Estilos da Clínica, 6 (11), 7-16, 2001. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282001000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 abr. 2020

Frenk, J., et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. In: The Lancet, v. 376, n.

9756, p. 1923 a 1958. 2010. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(10\)61854-5/fulltext](http://www.thelancet.com/article/S0140-6736(10)61854-5/fulltext)>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Gavioli, C.; Ranoya, F.; Abbamonte, R. A. A prática do acompanhamento educacional na inclusão escolar: do acompanhamento do aluno ao acompanhamento da escola. In Anais do 3º Colóquio do LEPSI IP/FE-USP (não paginado). 2002.

Matos, A.; Diniz, A. Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva: a voz dos ATs. IN: SOUZA, R.; BORDAS, M.; SANTOS, C. (Orgs.). Formação de professores e cultura inclusiva. São Cristovão: UFS, 2014.

Machado, A. M. Exercer a postura crítica: desafios no estágio em Psicologia Escolar. Psicologia: Ciência e Profissão, 2014, v.34, n.3, p. 761-773. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n3/1982-3703-pcp-34-03-0761.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Nascimento, V.G. O acompanhamento terapêutico escolar no processo de inclusão de uma criança autista (Dissertação), Salvador: Universidade Federal da Bahia. 2015. 130f.

Nogueira, M. D. P. Políticas de Extensão Universitária Brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

Santos, M. P. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. Revista Conexão UEPG, v. 8, n. 2, 2012.

Santos, B.S.; Almeida-Filho, N. et al. A Universidade no século XXI: por uma universidade nova. Coimbra: Almedina, 2008. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Data de submissão: 15/02/2019

Data de aceite: 20/11/2019



Práctica en la inclusión escolar: experiencias y importancia de la extensión universitaria

Practice in school inclusion: experiences and relevance of the university extension

Verônica Gomes Nascimento

Doctorado en Psicología por la Universidad Federal de Bahia
veronica_gomes_nascimento@hotmail.com

Adrielle de Matos Borges Teixeira

Doctorado en Psicología por la Universidad Federal de Bahia
adriellematos@hotmail.com

Niara de Albuquerque Vianna Querino

Estudiante de Grado en Psicología en la Universidad Federal de Bahia
niaraq@yahoo.com.br

Mônica de Oliveira Brito

Especialista en Salud Familiar por FESF-SUS/Fiocruz
monicabrito.psi@gmail.com

Maria Virginia Dazzani Machado

Profesora Doctora da Universidade Federal de Bahia
vdazzani@gmail.com

Nara Jesus Brito

Máster en Psicología por la Universidad Federal de Bahia.
narabrito21@gmail.com

Ayla Arapiraca Galvão

Alumna de maestría en Psicología en la Universidad Federal de Bahia
aylagalvao@gmail.com

Carolina Correia Sales de Souza

Estudiante de Grado en Psicología en la Universidad Federal de Bahia
carolinasouza7@hotmail.com

Lawanda Fiaes Almeida

Estudiante de Grado en Psicología en la Universidad Federal de Bahia
lawanda.almeida512@hotmail.com

Anna Paula Freitas Brandão

Alumna de maestría en Psicología, Eötvös Loránd University
brandaoanna.paula@gmail.com

Hevilla Pereira de Oliveira

Especialista en Salud Familiar por la Universidad Estatal de Santa Cruz
hevyllaoliveira@gmail.com

RESUMEN

El trabajo presentado tiene como objetivo compartir una experiencia exitosa realizada a partir de un proyecto de extensión universitaria permanente en inclusión escolar, el cual integra las acciones del grupo de investigación y extensión "Investigaciones en Psicología Cultural: Cultura, Lenguaje, Transiciones y Trayectorias Desarrolladas (CULTS). Situado en el Instituto de Psicología de la Universidad Federal de la Bahía / UFBA. Se utilizaron fragmentos de relatos de experiencia elaborados por practicantes que actúan junto a estudiantes con Necesidades Educativas Especiales (NEE) a través de la práctica del Acompañamiento Terapéutico Escolar (ATE). Los contenidos de los relatos demuestran los descubrimientos e impases de los estudiantes en el intento de comprender y situarse en la práctica. El análisis revela tal proceso a la luz de la relevancia de la extensión universitaria para la formación profesional en Psicología. Se observó la importancia de la práctica en extensión para la efectivización del proceso de inclusión escolar, así como para la formación académica de los estudiantes, considerando la construcción de un conocimiento socialmente implicado.

Palavras-chave: Extensión universitária. Inclusión escolar. Seguimiento terapéutico escolar. Psicología. Relato de experiencia.

ABSTRACT

The presented study aims to share a successful experience resulting from a permanent university extension project in school inclusion, which integrates the actions of the research and extension group "Investigations in Cultural Psychology, Culture, Language, Transitions and Developmental Trajectories (CULTS)", linked to the Psychology Institute of the Federal University of Bahia/UFBA. Were used experience reports fragments of the extensionists who act along special educational needs students through the School Therapeutic Accompaniment. The reports content has evidenced the extensionists findings and impasses in the attempt of understand and situate themselves in the practice. The analysis reveals this process enlightened by the relevance of the university extension to the professional qualification in Psychology. Was noticed the importance of the extension practice to the effectiveness of the school inclusion, as well as for the students' academic qualification, considering the construction of a socially implicated knowledge.

Keywords: University extension. School inclusion. School Therapeutic Accompaniment. Psychology. Experience report.

INTRODUCCIÓN

Extensión universitaria: experiencias más allá de la universidad

En el contexto de la educación superior actual, la comprensión de la universidad está fundamentalmente relacionada con su constitución a través del trípode de enseñanza-investigación-extensión (SANTOS y ALMEIDA FILHO, 2008). La función de la enseñanza y la investigación parece explicarse por sí misma, ya que la universidad ha experimentado generaciones de reformas educativas que han fijado sus bases en la creación de planes de estudio basados en avances científicos y problemas emergentes. Estas reformas, en general, están marcadas por innovaciones (FRENK, J. et al., 2010).

Sin embargo, las atribuciones y el valor de la extensión universitaria para la formación profesional de los graduados aún son lentos para establecerse. De acuerdo con Frenk et al. (2010), hoy estamos experimentando una tercera generación de reforma educativa, que debería perfeccionar las habilidades profesionales, dirigiéndolas a la contextualización, a la movilización del conocimiento, a la participación en la conducta crítica y ética centrada en la realidad social, que pueda responder de manera local y global.

La propuesta de una universidad que comprende la relevancia de la extensión para la construcción del conocimiento científico sigue, por lo tanto, la dirección, propuesta por Santos y Almeida Filho (2008), de superar el paradigma universitario y trascender al paradigma de la pluriversidad. Este último se caracteriza por la dialogicidad como enfoque de acciones entre investigadores, que involucra la construcción conjunta entre usuarios de conocimiento, investigación participativa y metodologías de investigación de acción, conocimiento contextual, heterogéneo y mediado por actores sociales relevantes. Además, Santos y Almeida Filho (2008) sugieren que la extensión universitaria permite la reducción de las asimetrías entre diferentes conocimientos, por ejemplo, científicos y populares.

Particularmente en el contexto brasileño, la extensión comenzó a implementarse en la educación superior junto con el establecimiento de universidades en el siglo XX. Sin embargo, en este escenario, esto fue visto como un apéndice del aula y mantuvo un carácter asistencialista en la relación con la comunidad. Con el movimiento de redemocratización del país, a fines de la década de 1980, comienza el proceso que incluye otra función y lugar a la extensión universitaria (NOGUEIRA, 2005). Desde el Decreto n° 6.495 del 30 de junio de 2008 (BRASIL, 2008), se instituyó el Programa de Extensión Universitaria, que tenía, entre sus objetivos, el incentivo para involucrar a los estudiantes de educación superior en las realidades concretas de la sociedad brasileña, la democratización del conocimiento académico y la dialogicidad con el conocimiento popular, basado en el fortalecimiento de la aproximación entre las

universidades y las comunidades populares en su entorno.

Considerando el contexto en el que se inserta y las propuestas a las que se alinea, de esta manera la extensión se configura en un proceso educativo, científico y cultural basado en la construcción e inseparabilidad entre el conocimiento científico generado en las universidades y el conocimiento popular socialmente producido, que es multidireccional, intersectorial y transformador (FORPROEX, 2012).

La implicación con la extensión cumple una función esencial en la formación de futuros profesionales, que pueden ser considerados ciudadanos activos desde su ingreso a la universidad. La extensión alcanza aspectos del proceso de aprendizaje que favorecen el desarrollo de habilidades, como la transferencia de conocimiento del campo académico a la acción en el campo de la realidad, el cambio en la perspectiva crítica, la expansión de competencias personales y cooperación en situaciones colectivas (SANTOS, 2012).

Con respecto a la extensión en el área del conocimiento y el desempeño profesional de la psicología escolar y educativa, Carvalho (2017) enfatiza la importancia de la mirada hacia el campo de acción, que puede verse como un mero lugar de aplicación del conocimiento o trascender la lógica unilateral, puede considerarse como un espacio de intercambio que concreta la inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión. En este sentido, la institución educativa representa, para el extensionista, la posibilidad de actuar como profesional en una realidad social y política, además de ofrecer oportunidades de participación en los desafíos y en la búsqueda de soluciones para dicho contexto, haciéndolo entrelazar las tres pautas del tripode de la formación.

Para la formación del estudiante de Psicología, la extensión aún puede representar una oposición necesaria a los intereses dominantes, ya que se basa en una relación dialógica entre el estudiante en formación, la sociedad y la universidad. Tal movimiento puede traer cambios significativos en la forma de relación jerárquica establecida durante mucho tiempo en este campo del conocimiento.

METODOLOGÍA

Con base en lo anterior sobre el tema de la extensión universitaria, se presentarán algunos informes sobre las actividades desarrolladas a través de un proyecto de extensión vinculado al curso de Psicología en la UFBA. Estos informes tienen como objetivo promover diálogos y articulaciones entre la psicología y la educación inclusiva. Dichas actividades han sido realizadas por algunos de los miembros vinculados al grupo de investigación y extensión CULTS, que está compuesto por la coordinadora, dos becarios posdoctorales, seis estudiantes de maestría, ocho estudiantes de doctorado, seis estudiantes de graduación y algunos voluntarios. El grupo de extensión tiene dos frentes de acción en psicología en el contexto escolar: uno desarrolla actividades estrictamente

tamente en psicología escolar y educativa, con intervenciones colectivas en escuelas municipales y estatales, mientras que el otro desarrolla actividades en monitoreo terapéutico escolar.

En este artículo, se informará la práctica realizada por los acompañantes de educación inclusiva en dos escuelas públicas de Salvador. El intercambio de experiencias y la diversidad teórica y metodológica permiten una producción constante de conocimiento. Los extensionistas siempre trabajan en colaboración con maestros, empleados y estudiantes, como observadores atentos y actores activos en la dinámica y la vida cotidiana de la escuela. Para realizar la práctica, los extensionistas siguen el proceso de inclusión escolar de estudiantes que tienen demandas particulares, que comúnmente se consideran Necesidades Educativas Especiales (NEE). El desempeño realizado se refiere a la práctica del Acompañamiento Terapéutico Escolar (ATE), que se ha demostrado, en base a las experiencias ya publicadas (ASSALI et al., 1999; FRÁGUAS & BERLINCK, 2001; GAVIOLI et al., 2002; MATOS & DINIZ, 2014; NASCIMENTO, 2015) ser una herramienta valiosa en el proceso de inclusión escolar.

En este artículo serán privilegiados los informes de experiencia de los extensionistas explicando sus impresiones, dudas, percepciones y dificultades con respecto a la práctica realizada en la escuela. Se utilizaron fragmentos de informes preparados por los propios extensionistas durante el proceso de supervisión. Estos informes sirven como ilustraciones importantes para la discusión del tema en cuestión. Dichos informes se produjeron individualmente y son el resultado de una reflexión sobre las experiencias como acompañante terapéutico de la escuela.

Estas experiencias revelaron marcas transformadoras en las trayectorias académicas de los extensionistas. Según ellos, la extensión es una posibilidad de actuar, dentro del proceso de formación, que inserta al estudiante en un contexto de desarrollo extremadamente relevante, es decir, la escuela. El encuentro de los extensionistas con el campo de acción de la ATE estuvo marcado por preocupaciones, dudas y tropiezos, convirtiéndose, en poco tiempo, en el escenario de grandes transformaciones y descubrimientos.

RESULTADOS DE LA EXPERIENCIA DE EXTENSIÓN Y DISCUSIÓN

Preocupaciones, tropiezos y descubrimientos: es caminando que el camino se hace

En general, el acompañante terapéutico de la escuela actúa como mediador y facilitador en el proceso de inclusión escolar de niños que tienen dificultades.

des severas (BARROS, 2011). La actuación siempre tiene lugar en las relaciones que se establecen con el niño, es decir, en el "entre": entre el niño y otros niños, entre el niño y la maestra, entre el niño y la escuela y, en algunos casos, entre el niño y la familia (NASCIMENTO, 2015). Con respecto a esta caracterización con respecto al ATE, destacamos el siguiente fragmento de uno de los informes de experiencia:

El acompañante terapéutico de la escuela es un profesional que ha estado construyendo su lugar y espacio para actuar de manera efectiva en el proceso de inclusión escolar; como mediador de relaciones; como un puente entre los diversos actores de la escuela; también como facilitador; el que se encuentra en el "entre" de las relaciones entre niño/familia, niño/maestro, niño/acompañantes; niño/escuela (N).

En el fragmento anterior, los acompañantes se refieren al trabajo como mediación, facilitación. Mencionan la necesidad de construir puentes entre el estudiante con NEE y los otros actores escolares. En este sentido, los extensionistas enfatizan la importancia de la inversión simbólica en el proceso escolar de los estudiantes con necesidades educativas especiales, apostando por un sujeto que pueda relacionarse y aprender.

Es importante tener una mirada que se amplíe, que respalde la apuesta sobre el sujeto y que se dé cuenta, en cada reunión, de que se necesita una gran inversión para construir el vínculo con el niño, que el deseo de estar en ese lugar y vivir situaciones sorprendentes e inimaginables. (N)

Según Fráguas y Berlinck (2001), existe una apuesta imaginaria del adulto sobre las posibilidades del niño, una "anticipación del sujeto", lo que significa dar sentido a las producciones lingüísticas del niño, es decir, asumir la existencia de un sujeto en una dimensión imaginario. Por lo tanto, el acompañante debe captar, en los discursos y actitudes de los niños, signos de una manifestación de algo de deseo (FRÁGUAS, 2004). Es necesario asignar significado a las expresiones del niño, para que, poco a poco, pueda reconocer este deseo como algo propio. Para esto, es importante ponerse en una posición de escucha, estar disponible para comprender al niño.

A veces, el mensaje que dijo era claro para mí, a veces no, pero creo que la diferencia fue que yo siempre estaba dispuesta a tratar de entender lo que él quería decirme. (M)

Siempre traté de tener sentido, de prestar interpretaciones sobre las cosas que hizo [...] Otra cosa que no podemos dejar pasar es la oportunidad de dar significado a algo que, a los ojos de los demás, puede ser una repetición, algo que no tiene sentido. (M)

Tal atribución de significado a las producciones del niño y la inversión simbólica en el sujeto implica observar y apostar por expresiones y/o situaciones que no son percibidas por los otros actores escolares o simplemente se consideran de poca relevancia. En vista de esto, un acompañante declaró: "¡Esta es la locura necesaria de ATE!" (UNA). Es la "locura", pues indica una apuesta constante por lo que todavía se supone que sucederá – un sujeto de discurso, un sujeto de aprendizaje; es "locura", ya que se escucha y observa algo en el niño que aún no se considera un avance en su proceso.

La esperanza y la persistencia son esenciales en el trabajo de ATE. Sin ellas, ni siquiera podemos reconocer los avances que son muchos, pero a veces bastante sutiles. Apostamos por cada práctica y por una nueva idea, incluso si estas parecen irrealizables. Celebramos cada gradual y simple señal de que estamos, sí, contribuyendo para que cada niño/adolescente pueda, a su manera, situarse en el espacio y en la sociedad. (L)

Cada pequeño logro es motivo de fiesta y satisfacción, siempre involucrado con muchas expectativas y mucha angustia. (H)

ATE desarrolla la capacidad de observar detalles, ejerce una mirada sensible y atenta para captar todo lo que puede usarse como elemento de conexión y movilización para el niño y para todos los que lo rodean. (N)

El acompañante es testigo de las situaciones cotidianas de la escuela que experimenta el alumno, promoviendo el reconocimiento de sus producciones y logros (GAVIOLI et al., 2002). Siendo testigo y ofreciendo una escucha sensible, el compañero puede compartir su "locura" necesaria con los otros actores de la escuela – incluidos los niños – para que todos puedan identificar al estudiante como un sujeto de discurso, sujeto de deseo, sujeto que aprende y que se relaciona. Sin embargo, es importante aclarar que el momento inicial está marcado por varios desafíos y dudas, sobre la práctica, sobre la escuela, sobre los estudiantes, sobre sí mismo, etc.

[...] Empecé a seguir a María. Sería su primera acompañante terapéutica en la escuela. Y lo que sabíamos hasta entonces era que la escuela se quejaba de que esta niña no hablaba. Era considerada una gran niña, solo necesitaba hablar. (A)

Cada movimiento que hice fue tan bien pensado y considerado antes, que ya no era natural. Estaba tan preocupada por un posible alejamiento de ella que ni siquiera me permití tratarla, en primer lugar, como una niña. Después de las primeras semanas de contacto, discusiones con el grupo de extensión y muchas reflexiones personales, finalmente pude acercarme a la niña como quería. Al principio, tomé un pequeño empujón en un acercamiento demasiado rápido, como una advertencia de que debía tomarlo con calma. Per, al final de ese día,

hubo un abrazo para asegurarnos de que nos estábamos moviendo hacia la construcción de un tan necesario vínculo. (C)

Por lo tanto, el acompañante debe trabajar descubriendo el universo del niño para contribuir a la construcción de condiciones para que el niño asista a la escuela, aprovechando este momento de su manera particular (ASSALI et al., 1999). Al descubrir el universo del niño – lo que les gusta, lo que les interesa o les molesta – las acompañantes muestran que necesitan observar los posibles caminos – designado por el propio niño – para acercarse, así como para desarrollar estrategias, en colaboración con los maestros, que estén dirigidas hacia el aprendizaje.

Si la música es un camino, cantar y bailar varias canciones fue la manera de ponerme a su lado de la manera más placentera posible, a veces, en un intento de hacer que permanecer en el aula sea viable por más tiempo. En esos momentos, algunas miradas atentas a los movimientos de mi boca para vocalizar sonidos similares, [...]salió un pasaje, ¡y ella me acompañó a cantar! Momento de euforia y conexión entre nosotras dos. Saltamos sonriendo de la mano. (C)

Al acercarse al niño y ver posibles formas de actuar, las acompañantes se dan cuenta de que necesitan lidiar con lo impredecible constantemente.

Todos los días se presentan nuevas situaciones en la escuela. Llego con una idea de lo que sucederá, pero sin garantías. Algunos días las cosas funcionan mejor y salen según lo planeado, otros, parece que todo es más difícil. Hay momentos en que decimos algo interviniendo en clase, con el profesor, y luego pensamos que podríamos haber dicho algo diferente o decirlo de otra manera. (C)

Además, las acompañantes se dan cuenta de que no solo cada niño tiene su tiempo, sino también todos los involucrados en el proceso de inclusión escolar. Y, de esta manera, el rendimiento encuentra, en este aspecto, la posibilidad de respetar el tiempo de cada uno para avanzar.

Otra cosa que he estado aprendiendo es que cada uno tiene su propio tiempo: el niño, el maestro, los colegas, la familia y otros educadores.[...] Intentarás involucrar al estudiante en la actividad que realizó el maestro, pero, a veces, el niño dirá, a su manera, que no será posible completar esa actividad ese día. (M)

Las siempre en la búsqueda de integrarlo al grupo y llevarlo a una participación en las actividades propuestas por el profesor, observando y respetando sus límites y sus potencialidades. terapéuticas perciben, por la experiencia en la escuela, que no hay un lugar/espacio específico para el desempeño. Como Fráguas y Berlinck (2001) afirman, el trabajo del acompañante terapéutico en

la escuela consiste en estar con el niño dentro y fuera del aula, siempre en la búsqueda de integrarlo al grupo y llevarlo a una participación en las actividades propuestas por el profesor, observando y respetando sus límites y sus potencialidades.

No hay espacio para ATE. Todos los espacios son posibles y se pueden reconfigurar. Sobrevivimos en la ligereza de la vinculación. Saber que esto es importante e intangible. (A)

Es esencial conocer al niño junto con sus límites y potencial para ayudarlo a experimentar su proceso inclusivo de la mejor manera posible. (H)

Como el desempeño de ATE no tiene definiciones muy específicas, es común que haya una falta de claridad sobre su función, y que las demandas erróneas aparecen constantemente, mientras analizan Assali et al. (1999). Las autoras evidencian el hecho de que el profesional necesita estar atento para no ocupar los lugares demandados por la institución.

[...] la escuela parece esperar la ruta pedagógica, de pronto, porque no puede percibir el pequeño progreso del día a día. Una de mis mayores preocupaciones fue que me llamaran para hablar por él, incluidas las cosas relacionadas con su subjetividad. (L)

A partir de ahí comencé a lidiar con las demandas y expectativas provenientes de la escuela. Por otro lado, era necesario mirar por mi cuenta y conocer a esta niña con otros ojos para poder ver otras posibilidades además del discurso escolar. (A)

Las demandas incorrectas deben ser escuchadas y, a menudo, cuestionadas por la acompañante terapéutica de la escuela. Es importante comprender, de la misma manera, que la escuela también tiene su tiempo para situarse en relación con el trabajo del compañero, y es común que los actores escolares expresen sus dudas y demandas en vista de las impresiones y ansiedades involucradas en la rutina escolar. La acompañante puede contribuir a este proceso, actuando con sensibilidad y criticidad, produciendo preguntas en la escuela. Esto significa que en lugar de responder preguntas y demandas, es importante dejar dudas sobre el estudiante acompañado y sobre el proceso inclusivo para circular y ganar espacio, lo que puede promover la participación de los actores escolares y los cambios en el contexto educativo (NASCIMENTO, 2015).

El contexto escolar es un escenario emblemático en el que el niño da los primeros pasos en el viaje hacia el encuentro con los demás. En contacto con sus compañeros, el niño es introducido en el universo de la educación formal y también es allí donde las creencias, valores y conocimientos se pueden establecer, transformar y descubrir. La escuela está configurada como un espacio

de desarrollo para el niño. En su labor, tiene la función básica de aprendizaje, con el sesgo pedagógico como guía para las prácticas de los actores escolares. Sin embargo, los compañeros observan que la subjetividad está entretejida en relaciones construidas dentro y fuera de ese espacio.

La escuela es un lugar privilegiado para los niños donde es posible establecer vínculos, interacción social, aprender las reglas, lidiar con las frustraciones, el derecho a la ciudadanía. La inclusión escolar beneficia a todos los niños. Mediar y monitorear el nacimiento y el florecimiento del encuentro entre la niña que seguí y sus colegas me colocaron como testigo de escenas sorprendentes. (N)

Es en este contexto escolar complejo que las acompañantes terapéuticas de la escuela se enfrentan a realidades que tocan profundamente y tienen repercusiones en la práctica. Ante tal complejidad, se enfatiza la importancia de la supervisión.

Celebrada semanalmente en el proyecto de extensión presentado aquí, la supervisión es un momento en el que las dudas, ansiedades, sentimientos, descubrimientos y logros son planteados por los extensionistas. Suponiendo que no hay recetas preparadas sobre cómo actuar en el campo de la Educación y la Psicología, se invita a los estudiantes a pensar junto con el equipo de supervisión, sobre las referencias y las posibles soluciones a los dilemas experimentados en la vida diaria de la escuela. Según Matos y Diniz (2014), la supervisión permite una orientación y dirección apropiadas del trabajo a realizar en cada realidad específica. Vale la pena mencionar que, teniendo en cuenta las especificidades del ATE, y debido a que es una función que no tiene contornos bien definidos, que genera reclamos inapropiados y confusión de roles, la supervisión se vuelve aún más esencial para que el compañero comprenda las limitaciones y el potencial de su práctica. Sin el intercambio de experiencias y supervisión, el extensionista podría no tener una buena comprensión de su desempeño y verse enredado por las demandas institucionales equivocadas.

Todo esto solo muestra cómo se construye la práctica de ATE, además del estudio teórico y la supervisión, en experiencia y reflexiones (C).

Además de las reuniones cara a cara, la supervisión sucede mediante la lectura sistemática de informes enviados diariamente por los extensionistas. Estos producen registros de todos los turnos en los que trabajan en la escuela. Describen eventos, situaciones experimentadas, discursos de otras personas, intervenciones que han realizado, sentimientos y emociones experimentados. La práctica de la escritura es un instrumento que permite a los acompañantes reflexionar sobre lo que se ha experimentado, así como tener nuevas ideas y puntos de vista. Según Machado (2014), los informes deben permitir no solo una sistematización de lo que se ha hecho, sino que también deben dialogar con el campo en el que se realiza la pasantía, permitiendo reflexionar sobre las

acciones que puedan surgir. Además, los informes nos permiten vislumbrar la forma de pensar de los estudiantes monitoreados y, al discutir su contenido, se hace posible promover la necesaria deconstrucción de mitos y la formulación de nuevas preguntas para la calificación de la intervención en la rutina escolar.

Todos estos aspectos mencionados, en relación con las experiencias de los extensionistas, producen consideraciones que pueden inspirar, instigar y conducir a la búsqueda de nuevos caminos. La cuenta de uno de los acompañantes de dicho proyecto de extensión representa significativamente la experiencia de ATE frente a esta experiencia tan compleja:

Al comienzo del trabajo, estaba muy angustiada por ver los problemas relacionados con el sistema educativo. Vi mucha violencia en las relaciones y falta de cuidado; la incongruencia de un modelo que intentaba adaptar a esos niños a una única forma de aprendizaje; Las ideas que giraban en torno a la educación inclusiva y que a menudo necesitaban ser cuestionadas. Es angustiante ver todo esto en el espacio destinado a los niños. De hecho, sentí que ese espacio no estaba dirigido a ellos, era una grieta donde los niños tenían que ir: alguien tenía que tolerar estos (nuevos) temas que la sociedad generaba. Me pareció que la escuela había sido creada para hacer frente a esta tarea "ardua": Es un verdadero depósito para nuevos sujetos. Y está dentro de la sociedad en todo momento, siendo reflejo y reflejando los procesos macropolíticos y socioculturales. Entonces, ¿el problema con la escuela no se trata solo de la escuela? ¿De quién más es? ¿Dónde están estos otros?

Empecé a sentir que la escuela también estaba sola. [...] Comencé a ver esta escuela como un gran edificio que vivía sus días con mucho ruido y poca escucha. El patio de recreo se descompuso y quién sabe cuándo será reparado. El gas se acabó hace dos semanas. Las cosas se rompen, faltan y todos trabajan para intentar resolver [...]

Se tenía la sensación de que nada de lo que se estaba desarrollando allí era muy importante porque no recibía las inversiones necesarias. Inversiones que están presentes en la materialidad, pero que están más allá de eso. Onocko Campos trae la reflexión de que los trabajadores de salud se identifican con la precariedad del servicio en el que están trabajando. Y en Educación, ¿el Pró¹ identificarse con esta precariedad? ¿Se siente sola en tu tarea que es tan intersectorial? O debería ser... ¿Se siente sola?

Una canción en honor a las madres hace llorar a dos niños. Uno de los niños extraña a su abuela. Otro niño esperaba encontrar a su padre que no llegó en el

1 Nomenclatura regional para se referir a "professora".

viaje. Una madre acaba de dar a luz a un niño y está embarazada nuevamente. El padre de alguien perdió su trabajo [...] Hay tanto y los niños continúan yendo a la escuela como pueden. Las familias están haciendo lo mejor que pueden y nunca parece suficiente. ¿Las familias se sienten solas? ¿Tratan de hacer frente a tantas cosas y también no reciben suficiente ayuda? Mire la imagen que hice en mi cabeza: muchas personas tratando de ayudar sin obtener lo que necesitan. Mucha gente hablando sin nadie para escuchar. Mucha gente sin ser entendida en sus demandas. Muchos desajustes.

¿Qué lenguaje es el que compartimos, pero que no resuena? Y tanta regla que no es válida. ¿Qué está pasando en política? ¿Estas reglas valen algo? ¿Qué valor tiene ese lenguaje?

¿Y para María? ¿Qué vale? ¿Por qué no habla María? Ella solo necesita hablar - dijo la escuela! Es una gran niña, pero no habla.

¿Pero quién puede oír a María?

Traté de escuchar a María.

Intentaba escuchar a María sobre todo lo que ella podía decirme.

¿Por qué no me mira María? Me sentí muy sola porque ella no me miró. María no respondió a mis demandas. Ella solo quería jugar en la computadora. ¡Solo quería saber sobre internet! Sentí mucho desajuste. A veces pasaba horas con ella en la sala de computadoras. Estaba allí tratando de hablar con María, pero ella solo quería saber sobre internet [...]Y si, así la dejo, perderé a María rápidamente.

No perderé María, pensé. Me propongo establecer una conexión con ella. Sentí que mi tarea allí era provocar humanidades. Provocando afecto, unión, apoyo... Eso también hace falta, ¿verdad?

Repito: en todo momento intenté escuchar a María en todo lo que podía decirme. ¡Porque si miramos cuidadosamente podemos ver mucha cosa! Entonces miré a mi alrededor y vi que María siempre se repetía en algunas partes de los dibujos animados que traía conflictos y relaciones, peleas y afectos. ¡Que alivio! ¡Es todo humano!

Sentía cierta soledad en varios niños de la escuela. La falta de escucha, querer decir algo que no llega al oído de alguien. Parece que todos queremos decir algo que no siempre llega al oído de alguien. ¿Es eso realmente? Estuve allí para trabajar en la inclusión escolar de María y empecé a sentir que había mucha gente exigiendo un proceso de inclusión. ¿Quiénes son los normales y los pato-

lógicos? Las polaridades se encuentran constantemente en mi cabeza. Veo que hay una necesidad de expulsar y proyectar un desajuste en el otro. Como si la sociedad eligiera algunos chivos expiatorios – personas que encarnan síntomas sociales.

Poco a poco, María y yo comenzamos a encontrarnos. Encontramos nuestro baile, nuestro vínculo, nuestros juegos, nuestro afecto. Y creo que María merece muchos lazos, muchos juegos y mucho cariño, como todos los demás. ¡María construye su red, y será muy poderosa! Estaba apostando por eso. ¡Sigo apostando por ello! (A)

A través de este informe, uno de las acompañantes analiza varios aspectos de la vida escolar, considerando el contexto macropolítico. Además, señala la falta de escucha en tres sentidos: 1) dificultad general para escuchar a los niños dentro del contexto escolar; 2) ¿quién escucha a los maestros? 3) ¿quién podría escuchar a María?

PREGUNTAS Y REFLEXIONES

En este camino de aprendizaje, proporcionado por la experiencia de extensión, las puertas de la universidad se abren para conocer a la comunidad, y los acompañantes se enfrentan a dudas, reflexiones y elaboraciones que enriquecen sus trayectorias académicas y las transforman como personas y como profesionales.

Ante tales transformaciones, se recopilaron extractos de los textos preparados por los compañeros, que exponen reflexiones y preguntas que surgen de la práctica experimentada:

"¿Qué hacer ahora? ", "¿Debería haber hecho esa intervención?"; "¿Por qué no dijiste eso? Perdí la oportunidad". Creo que las preguntas siempre son buenas, ya que permiten reflexionar sobre lo que hicimos y lo que no pudimos hacer. (M)

Debido a que no hay un lugar definido para ATE, siempre hubo incertidumbre acerca de cómo manejar las situaciones: ¿cómo ponerse uno mismo? ¿Cómo "garantizar" la regla de la escuela? ¿Cómo "hacer que las reglas de la escuela sean más flexibles"? ¿Cómo (no) responder a las demandas? (A)

¿Qué hace un acompañante terapéutico? ¿Cómo es el adolescente que acompañar? ¿Y si no le gusto? ¿Qué pasa si no puedo responder a sus preguntas? (L)

Es como si no hubiera un sujeto allí; Es un simple objeto que necesita ser retirado de la habitación porque molesta. ¿Pero a quién le molesta? ¿La incomodidad se debe solo al ruido? Un acompañante terapéutico escolar inserta en

las "líneas torcidas" sus altas apuestas y no deja de creer, incluso si la marea no es favorable. (H)

¿Qué sabía sobre TEA hasta ahora? ¿Cómo fue el niño autista que imaginé? ¿Cómo era ella diferente del niño que yo era? ¿Estas diferencias realmente están tan bien definidas? ¿La escuela me dará la bienvenida? ¿El niño me gustará? [...] La angustia inicial no ha disminuido por completo y, de vez en cuando, parece recordarme que siempre debo buscar mejoras y pensar en lo que he estado haciendo. Después de todo, "es caminar lo que abre el camino". (C)

[...] Aprendo que no todas las preguntas necesitan ser respondidas, y que las dudas son más efectivas y transformadoras en el proceso de comprensión de lo desconocido. "¿Qué tiene él? ¿Por qué lo hace? ¿El habla?". Ante estas preguntas, me convierto en un acompañante terapéutico e invito a todos a descubrir no lo que tiene, sino quién es. (L)

El respeto al que me refiero a lo largo del texto se atribuye no solo al adolescente que acompaño, sino a mí misma, y también a estar atenta a mis sentimientos. Las dificultades y la angustia que encontré en este esfuerzo permitieron vuelos que tomaré durante mi formación como psicóloga y como persona. (L)

Al sumergirme en la experiencia de actuar como ATE, surgió el deseo de invertir en la suposición de un tema de aprendizaje deseado, me hizo darme cuenta de que hay un enlace, un lugar, un punto de encuentro, una llama ardiente que espera un combustible adecuado, una convocatoria, un espacio que le permite al niño ser todo lo posible, en un tiempo que está más allá de la lógica cronológica [...] Me siento totalmente conmovida y tomada por la posibilidad de actuar como facilitadora, como una presencia de ausencia que permite que los ojos hablen, los gestos para comunicarse, la boca para dejar fluir palabras y frases que, a veces, pueden parecer desconectadas para algunos, pero que tienen un significado que aparece en la construcción de una relación basada en un vínculo, que se forma lentamente, entre idas y venidas, cruzado por la singularidad. (N)

Al observar la singularidad de cada niño acompañado, los estudiantes de extensión desarrollan la sensibilidad para comprender las diferencias en el rendimiento, tomando como punto de partida lo que es único de ese sujeto y, por lo tanto, se vuelven instrumentales en el complejo camino hacia el proceso de inclusión escolar.

Las preocupaciones descritas anteriormente apuntan al desafío que es la experiencia de la extensión universitaria. En la práctica, es posible desarrollar una postura abierta, considerando la dinámica del contexto, marcada por la imprevisibilidad. Como no existe un script previamente definido, la realidad se constituye en la relación con el espacio y con los sujetos. La actuación favorece un compromiso crítico como resultado del ejercicio de prácticas y teorías de cuestionamiento cristalizadas frente a la realidad vivida y los vínculos entrela-

zados con los diversos actores del escenario escolar.

CONCLUSIONES

Entendiendo el espacio de extensión universitaria como una parte importante para la formación profesional en Psicología, cumpliendo su papel ético-político, es posible identificar relaciones directas entre esta práctica y el propio código de ética profesional del psicólogo. En este sentido, los estudiantes guiaron sus acciones de acuerdo con las reglas provistas por el Consejo Federal de Psicología (CFP / 2005), que son: compromiso de eliminar formas de discriminación; responsabilidad social; comprensión de los contextos en los que se insertan las personas; acción frente a las relaciones de poder existentes en los contextos en los que operan; y en la difusión del conocimiento de Psicología.

Un proyecto de extensión con actividades en el Acompañamiento Terapéutico Escolar ha ofrecido una experiencia única en la trayectoria académica de los extensionistas, no solo en el aprendizaje relacionado con la Psicología, sino también en las potencialidades que surgen para la experiencia personal de los actores involucrados. La práctica le enseña a comprender que el proceso de inclusión escolar representa mucho más que abrir las puertas de las escuelas regulares a estudiantes con desarrollo atípico. La inclusión escolar requiere la voluntad de ponerse en el lugar del otro. ATE es una práctica que indica que el aprendizaje solo es posible cuando hay una voluntad de avanzar, caminando hacia las posibilidades que se revelan a medida que avanza la inversión y la comprensión de la singularidad del niño que está siendo monitoreado.

Ante esto, el informe de experiencia demuestra que la extensión universitaria se materializa como una clase viva, produciendo sólidas calificaciones en la educación del estudiante de graduación. Al estar viva, produce vida, a partir del camino que se toma en el tiempo de cada uno. Sin embargo, no era posible lograr, en este momento, una profundización teórica expresiva sobre el tema. Por lo tanto, se sugiere que los extensionistas y académicos en el área de extensión universitaria en el campo de la educación puedan desarrollar investigaciones e informar experiencias para expandir el campo de investigación y las posibilidades de enfrentar las dificultades experimentadas.

REFERÊNCIAS

Assali, A. M.; Rizzo, C.; Abbamonte R. M.; Amâncio, V. O acompanhamento terapêutico na inclusão de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento. In: Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/ LEPSI: a psicanálise e os impasses da educação, p. 114-121, São Paulo, SP: Lugar de Vida, 1999.

Barros, J. F. Acompanhamento terapêutico: (re)pensando a inclusão escolar. In: X CONPE – ABRAPEE, p. 1-15, 2011.

Brasil. Decreto nº 6.495, de 30 de junho de 2008. Institui o Programa de Extensão Universitária - PROEXT. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6495.htm>. Acesso em: 08 abr. 2018.

Carvalho, J. F. O serviço de psicologia escolar e o sentido público de universidade. In: Machado, A. M.M.; Lerner, A.B.C. e Fonseca, P.F. Concepções e proposições em psicologia e educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/concepcoes-e-proposicoes-em-psicologia-e-educacao-1363/psicologia-e-psicanalise-353>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). Código de ética profissional do psicólogo. Brasília: 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia-1.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 68p. 2012. Disponível em: <https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/politica-nacional-de-extensao-universitaria_2012-e-book.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Fráguas, V. Acompanhamento terapêutico com crianças: sobre a função terapêutica da construção do laço social. Revista Pediatria Moderna/Psicologia em Pediatria, v. 40, n. 3, 120-124, 2004. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=2621&fase=imprime>. Acesso em 19 abr. 2018

Fráguas, V.; Berlinck, M. T. Entre o pedagógico e o terapêutico: algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola. Estilos da Clínica, 6 (11), 7-16, 2001. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282001000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 abr. 2020

Frenk, J., et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. In: The Lancet, v. 376, n.

9756, p. 1923 a 1958. 2010. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(10\)61854-5/fulltext](http://www.thelancet.com/article/S0140-6736(10)61854-5/fulltext)>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Gavioli, C.; Ranoya, F.; Abbamonte, R. A. A prática do acompanhamento educacional na inclusão escolar: do acompanhamento do aluno ao acompanhamento da escola. In Anais do 3º Colóquio do LEPSI IP/FE-USP (não paginado). 2002.

Matos, A.; Diniz, A. Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva: a voz dos ATs. IN: SOUZA, R.; BORDAS, M.; SANTOS, C. (Orgs.). Formação de professores e cultura inclusiva. São Cristovão: UFS, 2014.

Machado, A. M. Exercer a postura crítica: desafios no estágio em Psicologia Escolar. Psicologia: Ciência e Profissão, 2014, v.34, n.3, p. 761-773. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n3/1982-3703-pcp-34-03-0761.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Nascimento, V.G. O acompanhamento terapêutico escolar no processo de inclusão de uma criança autista (Dissertação), Salvador: Universidade Federal da Bahia. 2015. 130f.

Nogueira, M. D. P. Políticas de Extensão Universitária Brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

Santos, M. P. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. Revista Conexão UEPG, v. 8, n. 2, 2012.

Santos, B.S.; Almeida-Filho, N. et al. A Universidade no século XXI: por uma universidade nova. Coimbra: Almedina, 2008. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

Fecha de envío: 15/02/2019

Fecha de aprobación: 20/11/2019



Cinema para todos na Universidade Federal de Santa Catarina - campus de Curitibanos

Cinema for all in the Federal University of Santa Catarina - campus de Curitibanos

Marina Sbardella

Mestranda em Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Faculdade de Ciências Agronômicas, Botucatu
marina.sba@hotmail.com

Gabriel Felip Gomes Olivo

Servidor Técnico do Laboratório de Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina
gabriel.olivo@ufsc.br

Mônica Aparecida Aguiar dos Santos

Professora Associada do Departamento de Agricultura, Biodiversidade e Florestas
Universidade Federal de Santa Catarina
monica.santos@ufsc.br

RESUMO

O projeto Cinema Mundo – Campus de Curitibanos tem como objetivo “construir” um “espaço de reflexão” a partir da apresentação de filmes envolvendo temáticas complexas, todas comentadas, a fim de despertar no espectador a vontade de discutir e interagir. No ano de 2017, diante de dificuldades para a realização das sessões, deu-se início o projeto “Cinema Mundo Itinerante”, uma extensão do primeiro, cuja proposta seria oportunizar a comunidades com pouco acesso ao cinema, assistir e discutir filmes de interesse. Foram então firmadas parcerias com o Asilo Frei Rogério, a Escola Especial Hugo Miguel Sulzbach e o Hospital Hélio Anjos Ortiz. Apesar das interrupções no projeto, para manutenção de cinema, os objetivos foram alcançados, uma vez que as médias de espectadores se mantiveram elevadas. Com relação a sua extensão foram verificados ótimos resultados qualitativos. Houve grande aceitação pelas entidades parceiras e o projeto deverá continuar no ano de 2018.

Palavras-chave: Exibição audiovisual. Educação não formal. Debates interdisciplinares.

ABSTRACT

The Cine World project - Curitibanos Campus aims to “build” a “space for reflection” from the presentation of movies involving complex themes, all commented, in order to arouse in the viewer the desire to discuss and interact. In 2017, in the face of difficulties in the realization of the sessions, began the project Itinerant World Cinema, an extension of the first, whose proposal would be to give opportunities to communities with little access to cinema, watch and discuss films of interest. Partnerships were established with the Frei Rogério Asylum, the Hugo Miguel Sulzbach Special School and the Hélio Anjos Ortiz Hospital. Despite the interruptions in the project, for movie theater maintenance, the goals were achieved, since the averages of viewers remained high. In relation to its extension, excellent qualitative results were verified. There was great acceptance by the partner entities and the project should continue in the year 2018.

Keywords: Audiovisual exhibition; Non-formal education; Interdisciplinary debates.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com cultura em um país como o Brasil é um grande desafio. Apesar de ser um país marcado pela ampla diversidade e possuir um rico patrimônio artístico cultural, o acesso à cultura ainda é muito restrito. Por isso é fundamental que as ações culturais sejam destinadas a toda a sociedade, tornando-se um elemento de ligação entre as diferentes classes sociais podendo assim, contribuir para a formação da cidadania (CESNIK, 2007).

Segundo Klammer et al. (2006), a ideia de cinema foi concebida a partir da necessidade do homem em se expressar. Com o passar dos anos a ideia evoluiu, permitindo que o cinema se tornasse um potente meio de comunicação e expressão. Essas evoluções dizem respeito tanto ao aperfeiçoamento da técnica, com também de conteúdo.

Porém, como destaca Chauí (2002), o cinema dos primórdios retratava apenas ideias reais, enquanto o cinema contemporâneo trabalha principalmente com a ficção, sendo sua função básica o entretenimento dos espectadores. Destaca-se como uma das principais características do cinema atual o fato de "tornar próximo o que está ausente", possibilitando que o espectador viva inúmeras emoções em cada um dos filmes assistidos.

Com vistas a aprofundar esta análise e considerando o cinema como uma forma de arte, ele também desempenha uma função político-pedagógica bastante importante. Nesse sentido ressaltam-se as discussões de Benjamin (1983) sobre a produtividade técnica da obra de arte como um importante elemento de politização. Segundo Benjamin, o progresso das técnicas de reprodução destituiu a obra de arte de seus status de raridade, tornando-a acessível a toda a população e transformando-a num elemento de ligação entre as diferentes classes sociais. Para ele a obra de arte reproduzida, trás novas possibilidades de articulação com o real, permitindo a crítica de um novo ângulo, e uma nova estrutura de percepção e assimilação pelo espectador (FREITAG, 1987).

O fato da arte do cinema estar disponível a todos pode ou não trazer benefícios, uma vez que ela pode vir carregada de ideologias que necessitam ser filtradas antes de serem simplesmente incorporadas.

Nesse contexto, é que se verifica a importância da relação entre o cinema e educação, pois não basta apenas assistir o que é apresentado, faz-se necessário uma análise crítica do que é visto para então poder-se absorver aquilo que realmente traduz-se em conhecimento. Esta relação entre o cinema e a educação é reconhecida desde os primórdios da produção cinematográfica, conforme apresentam Miranda et al. (2013). Segundo os mesmos autores a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução. A relação entre cinema e conhecimento, no entanto, extrapola o campo da educação formal. O que é específico do cinema em relação ao conhecimento é que este está contido na imagem, ou melhor, na edição das imagens.

Dessa forma, entendendo a importância do cinema como ferramenta para

educação e a necessidade divulga-lo à toda a sociedade, iniciou-se no ano de 2017 o Projeto Cinema Mundo – Itinerante.

O projeto caracteriza-se como uma extensão do Cinema Mundo – Campus de Curitiba que é uma parceria entre as Bibliotecas Universitárias dos Campi Florianópolis e Curitiba e o Curso de Cinema da UFSC, que está em seu 5º ano de existência, cujo objetivo principal é “construir” um “espaço de reflexão”, a partir da apresentação de filmes envolvendo temáticas densas e complexas, todas comentadas, a fim de promover leituras e análises interdisciplinares que despertassem no espectador a vontade de interagir

E é a partir dessa experiência exitosa que se desenvolveu esta proposta de ação que é iniciar um processo de “educação” através da apresentação de filmes para um público que, em geral, não tem acesso aos cinemas de rua, shoppings ou que não tem o costume de participar de cineclubes, estimulando reflexões e discussões sobre as obras apresentadas.

METODOLOGIA

O projeto Cinema Mundo - Campus de Curitiba foi iniciado em dezembro de 2012 com o intuito de trazer à população do município de Curitiba mais uma opção de lazer, cultura e educação. O referido município localiza-se no centro do estado de Santa Catarina, apresentando uma população estimada de 37.748 habitantes, seguindo o censo de 2010.

Curitiba possui apenas uma sala de cinema a qual pertencia até o ano de 2017 à rede de supermercados Queluz, que sempre cedeu de forma gratuita o espaço, nas segundas feiras, para a realização das sessões do grupo Cinema Mundo – Campus de Curitiba.

O clima de serra com temperaturas amenas durante todo o ano favorece atividades em ambientes fechados, logo as sessões de cinema tornam-se bastante atraentes. Porém a comunidade local não se sentia estimulada a participar das sessões apresentadas no único cinema local e as principais queixas eram: a grade de filmes, os valores cobrados, além dos horários pouco flexíveis. Desta forma uma proposta de possibilitasse a escolha da grade a ser exibida, a gratuidade das sessões, um horário alternativo para as apresentações, além da possibilidade de discussões sobre as temáticas desenvolvidas atraiu o público de pronto.

O desenvolvimento inicial do projeto ocorreu a partir de uma reunião realizada pela equipe organizadora para a escolha dos dois primeiros filmes a serem exibidos em sessões de caráter experimental. Esses foram selecionados de acordo com a complexidade de sua temática, o que tornaria o debate entre os espectadores mais rico. Para cada sessão selecionava-se um profissional especializado na temática do filme, para conduzir um debate entre os espectadores e tirar possíveis dúvidas. Além da escolha dos filmes, o grupo discutiu no primeiro ano as formas de divulgação do projeto.

Após o sucesso das duas sessões experimentais, (dezembro de 2012 e janeiro de 2013) a equipe criou um grupo na plataforma do *Facebook*, o qual se intitulou Grupo Cinema Mundo UFSC. O mesmo possibilitou um maior contato entre a equipe do projeto e a comunidade local e também auxiliou no sistema de seleção dos filmes. Nesse mesmo grupo, abriu-se um espaço para que os membros sugerissem filmes a serem exibidos. A lista de filmes sugeridos somado às indicações feitas pelos membros do grupo Cinema Mundo - Campus de Curitiba passava por uma seleção, em que eram priorizados filmes com temáticas complexas que eram divididos segundo a sua procedência como: Norte-americano, Europeu, Asiático e Brasileiro. Cinco filmes de cada procedência eram lançados para a votação, desses, os três mais votados de cada procedência eram exibidos durante o ano.

As formas de divulgação do projeto se mantiveram ao longo de seus cinco anos. Para cada sessão era elaborado um cartaz, que era distribuído em estabelecimentos comerciais no município. Um contato com a rádio e jornal local era feito buscando uma maior divulgação na comunidade local e também se utilizou da página da biblioteca setorial do Campus de Curitiba para maior divulgação entre a comunidade acadêmica.

Com o intuito de conhecer o perfil de nossos espectadores, a cada sessão os espectadores eram questionados sobre o município em que residiam, sua principal ocupação, seu nível de escolaridade e de que maneira ficaram sabendo sobre o projeto.

Ao longo dos cinco anos de projeto foram necessárias algumas alterações no cronograma de exibição dos filmes devido a manutenções realizadas no espaço do cinema. Durante o ano de 2015 o cinema passou pelo primeiro momento de reformas. Em 2016 as sessões ocorreram normalmente até outubro. Em novembro o cinema fechou novamente para reformas, reabrindo apenas em abril de 2017. Para compensar o tempo em que o cinema permaneceu fechado, a partir do mês de junho de 2017 as sessões passaram a ser apresentadas quinzenalmente até o mês de outubro do mesmo ano, quando o cinema passou por mais um processo de reforma.

Com o fechamento do Cinema Queluz, por problemas com o equipamento de projeção, outros espaços necessitaram ser buscados para dar continuidade ao projeto.

A falta de espaços apropriados às projeções suscitou uma antiga ideia, que seria iniciar um processo de "educação" através da apresentação de filmes para um público que, em geral, não tem acesso aos cinemas de rua, shoppings ou que não tem o costume de participar de cineclubes, estimulando reflexões e discussões sobre as obras apresentadas.

Três entidades foram visitadas pela equipe do projeto, o Asilo Frei Rogério, que abriga 42 idosos com idade superior a 70 anos, a Escola Especial Hugo Miguel Sulzbach, mantida pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que recebe cerca de 250 alunos com deficiências intelectuais e múltiplas e cerca de 20 mães atendidas pelo Programa Rede Cegonha, que é mantido pelo Sistema Único de Saúde, no Hospital Hélio Anjos Ortiz, todas as

entidades localizadas no município de Curitiba/SC.

Filmes nacionais e estrangeiros (dublados), de temática popular foram buscados e apresentados às três entidades. A ideia era possibilitar a "construção de uma relação com o filme", mediante o 'ver filmes juntos', auxiliado pelos debates e participação do público.

A escolha da comunidade atendida pelo Asilo baseou-se na seguinte afirmação: em geral quando ouvimos falar de envelhecimento ativo, os temas que nos vêm logo à mente são atividade física, alimentação saudável e atividade cognitiva. Mas pouco se ouve falar que participar de atividades culturais tem tudo a ver com envelhecimento ativo. E, dentre as atividades culturais, podemos destacar a linguagem do cinema e do teatro que podem propiciar momentos de discussão e reflexão sobre a vida, as histórias de vida, além de trazer conhecimento e aprendizado.

A comunidade atendida pela APAE foi escolhida pelo grande apelo que essas "crianças" têm pelo cinema e as inúmeras questões que podem ser trabalhadas e atividades que podem ser realizadas pelos participantes a partir do conteúdo do filme. Todas as atividades proporcionadas às crianças devem ter por objetivo a aprendizagem ativa que possibilite desenvolver suas habilidades. Frente à grande variabilidade de habilidades e dificuldades, que apresentam os portadores da Síndrome de Down, inicialmente um pequeno grupo de até 30 "crianças" com possibilidades de aprendizagem semelhantes participará do projeto.

E por fim, a comunidade participante do Programa Rede Cegonha foi escolhida pela possibilidade de oferecer atividades educativas as mães participantes, a luz do processo de humanização proposto pelo referido Programa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos cinco anos de projeto, ou seja, de 2013 a 2017, foram apresentadas em média 10 sessões ao ano, sendo que a média anual de espectadores pode ser visualizada na figura 1.

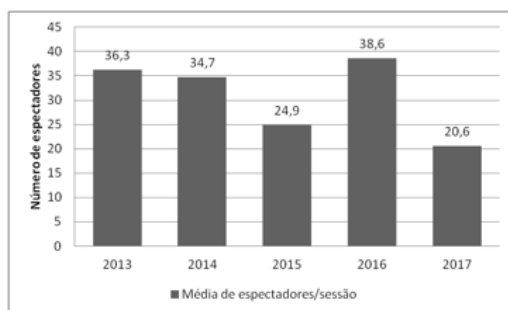


Figura 1 – Média de espectadores por sessão nos anos de 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017.

Fonte: Elaborado pelo autores.

As constantes paradas para manutenção de cinema resultaram em quedas de espectadores nas sessões, visualizadas no gráfico acima. Em 2015 e no final de 2016 e parte de 2017.

Durante os cinco anos, os meios de divulgação mais eficazes continuaram sendo a internet e o contato pessoal que representam cerca de 35% e 25% respectivamente do total, sendo que a divulgação através da internet foi ampliada, através da publicação das sessões nas páginas do município e do próprio cinema, alcançando um público que ainda não conhecia o projeto.

Em todas as sessões o número de estudantes universitários foi superior às demais categorias, representando cerca de 43%, sendo estes da UFSC e também da Universidade do Contestado, evidenciando aqui a aceitação do projeto principalmente pelo público de estudantes. Na sequência, percebe-se a aceitação do estudantes do ensino médio e fundamental, principalmente quando são exibidos filmes pertencentes ao gênero terror e drama.

Em relação à residência dos espectadores cerca de 90% moravam no município de Curitiba. Porém a participação de residentes em outros municípios como Frei Rogério, Ponte Alta do Norte e São Cristóvão do Sul foi observada.

No mês de novembro de 2016 o grupo Cinema Mundo, agora em sua Itinerância realizou contato com os responsáveis por cada instituição demonstrando interesse em realizar atividades nesses espaços.

A partir desse contato, foram programadas as datas e os filmes que seriam exibidos em cada local. A escolha dos filmes foi feita de maneira cautelosa pela equipe do projeto, levando sempre em consideração o tipo de público que seria atendido.

Para o público da APAE, recebeu-se como sugestão exibir filmes sobre a temática namoro, que era um dos assuntos a ser abordado com os alunos durante o ano de 2017. No Asilo, optou-se por filmes mais antigos e de curta duração, devido ao tempo restrito disponível, cerca de duas horas. Já no hospital, os filmes selecionados foram mais voltados à temas de superação e reflexão. Nos quadros 1 e 2 estão expressos os filmes selecionados de acordo com meses em que as sessões ocorreram bem como o local em que foi realizado.

Mês	Filmes
Março	O segredo dos diamantes
Abril	Uma história de amor e fúria
Maio	Pequenas histórias
Junho	X9 - A Salvação
Julho	Colegas
Agosto	Ponte para Terabitia
Setembro	Moonrise Kingdom
Outubro	O Espaço entre Nós
Novembro	Aliados
Dezembro	Feliz Natal Madagascar

Quadro 1 - Cronograma de filmes exibidos pelo Cinema Mundo Itinerante em 2017 na APAE Curitiba (elaborado pelos autores).

Na APAE Curitibanos, após a exibição de cada filme, a equipe do Cinema Mundo Itinerante realizava uma discussão com os alunos, onde eram lembradas as principais cenas e principais personagens de cada filme. Também eram comentados os momentos preferidos de cada filme. Ao término de cada sessão eram deixadas para as professoras responsáveis atividades relacionadas ao tema principal do filme.

No Quadro 2, encontra-se o cronograma dos filmes que foram exibidos no Hospital Hélio dos Anjos Ortiz, para as mães participantes do projeto Cegonha.

Mês	Filmes
Abril	Apenas Uma Vez
Maio	Meus Dois Amores
Junho	Antes do Pôr-do-Sol
Julho	Antes que Termine o Dia
Agosto	Um Contratempo
Setembro	A Pequena Miss Sunshine
	Três Vezes Amor
Outubro	Coincidências do Amor
Novembro	Onde Mora o Coração
	Amor Sem Escalas
Dezembro	Uma Longa Jornada

Quadro 2 - Cronograma de filmes exibidos pelo Cinema Mundo Itinerante em 2017 no Hospital Hélio dos Anjos Ortiz, em Curitibanos (elaborado pelos autores).

Ao término de cada sessão foram realizados comentários sobre os pontos principais de cada filme, como críticas, características dos personagens e curiosidades. Após isto, abordaram-se assuntos relacionados ao filme que pudessem proporcionar às espectadoras novos conceitos. Os filmes, embora tivessem temas distintos, puderam nos levar a discussões sobre a possibilidade de recomeço, sobre todos serem capazes, aproveitar oportunidades e outros inúmeros aspectos discutidos com as participantes. Além disso, as espectadoras conseguiram correlacionar alguns aspectos de alguns filmes com a vida pessoal, citando exemplos ocorridos em seu dia-a-dia.

Além da exibição dos filmes, foi disponibilizada às participantes do projeto Cegonha uma caixa de livros de diversos gêneros, para que pudessem ler enquanto permaneciam no hospital. Os livros foram doações de membros da universidade e da sociedade. Os mesmos eram renovados na caixa a cada encontro.

No Asilo Frei Rogério inicialmente utilizou-se a mesma abordagem. Eram exibidos filmes e ao término, eram discutidos aspectos relacionados à vida dos personagens, às vivências e lembranças do passado. No decorrer do projeto, tanto o pessoal da equipe como os funcionários do estabelecimento perceberam que o tempo para a exibição de filmes era curto demais, e mesmo exibindo curtas, os mesmos eram escassos e com poucos assuntos a serem discutidos. Além disso, pudemos observar que a exibição de filmes, mesmo curtos, não

foi atrativa o bastante para os idosos, visto que em decorrência da idade, os mesmos muitas vezes não guardam lembranças de filmes passados em sessões anteriores. Diante disso, o grupo Cinema Mundo apostou em uma nova proposta de lazer e entretenimento para os idosos.

A partir do mês de outubro foi apresentado aos idosos do Asilo Frei Rogério a proposta do "colorir juntos" que pode ser observada na figura 1, onde foram impressos desenhos em folha tamanho A3, relativos à temática apresentada no filme, para que os idosos os colorissem. Junto a essa atividade, também foram passados vídeos com músicas antigas de cantores como Teixeira, Irmãs Galvão, entre outros indicados pelos idosos, a fim de promover momentos de descontração e aprendizado.



Figura 1. Atividade "Colorir Juntos" realizada com os idosos.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo relatos orais, proferidos pelos professores da APAE, psicólogas e enfermeiras do Hospital Hélio Anjos Ortiz e equipe técnica do asilo o projeto tem potencial, pois agrada ao público participante que solicitaram que seja mantido durante o ano de 2018.

CONCLUSÃO

Os objetivos do Projeto Cinema Mundo – Campus de Curitiba foram alcançados, uma vez que mesmo com todas as interrupções devido a problemas de manutenção do cinema o público se manteve fiel resultado constatado nas médias elevadas de público.

Com relação ao projeto Cinema Mundo Itinerante foram verificados ótimos resultados qualitativos. Houve uma grande aceitação do projeto pelas entida-

des APAE, Asilo e Hospital tanto que as mesmas fizeram questão que o projeto continuasse no ano de 2018. A possibilidade de trabalhar com a comunidade em geral e com públicos especiais possibilita não apenas um crescimento profissional, mas também pessoal para todos os envolvidos.

REFERENCIAS

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: Os pensadores. São Paulo: Victor Civita, 1983.

CESNIK, F. D.S; Guia do Incentivo a Cultura: 2º Ed. revisada e ampliada. São Paulo: Manole LTDA, 2007. 399 p

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2002.

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. Educação & Realidade, v. 33, n. 1, p. 117-133, 2008.

FREITAG, Bárbara. Política educacional e indústria cultural. São Paulo: Autores Associados, 1987.

KLAMMER, C. R. et. al. CINEMA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES, LIMITES E CONTRADIÇÕES. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 3., 2006, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872 - 882.

MIRANDA, C.E.A.; COPPOLA, G.D.; RIGOTTI, G.F. A Educação pelo cinema. Disponível em: http://artigocientifico.tebas.kinghost.net/uploads/artc_1153335383_47.pdf. Acesso em: 21 maio 2013.

Data de submissão: 03/10/2018

Data de aceite: 20/11/2019



Cine para todos en la Universidad Federal de Santa Catarina - Campus de Curitibanos

Cinema for all in the Federal University of Santa Catarina - campus de Curitibanos

Marina Sbardella

Estudiante de maestría en la Universidad Estatal Paulista (UNESP)
Facultad de Ciencias Agronómicas, Botucatu
marina.sba@hotmail.com

Gabriel Felip Gomes Olivo

Servidor Técnico del Laboratorio de Biología de la Universidad Federal de Santa Catarina
gabriel.olivo@ufsc.br

Mônica Aparecida Aguiar dos Santos

Profesora Asociada del Departamento de Agricultura, Biodiversidad y Florestas
Universidad Federal de Santa Catarina
monica.santos@ufsc.br

RESUMEN

El proyecto Cinema Mundo - Campus de Curitibanos tiene como meta "construir" un "espacio de reflexión", desde la presentación de películas involucrando temáticas complejas, todas comentadas, a fin de despertar en el espectador la voluntad de discutir e interactuar. En el año 2017, ante dificultades para la realización de las sesiones, se inició el proyecto Cinema Mundo Itinerante, una extensión del primero, cuya propuesta sería crear oportunidades a comunidades con poco acceso al cine, ver y discutir películas de interés. Se firmaron alianzas con el Asilo Frei Rogério, la Escuela Especial Hugo Miguel Sulzbach y el Hospital Hélio Anjos Ortiz. A pesar de las interrupciones en el proyecto, para mantenimiento de cine, los objetivos fueron alcanzados, una vez que los promedios de espectadores se mantuvieron elevados. Con respecto a su extensión se verificaron óptimos resultados cualitativos. Ha habido gran aceptación por las entidades asociadas y el proyecto deberá continuar en el año 2018.

Palabras-clave: Exhibición audiovisual. Educación no formal. Debates interdisciplinarios.

ABSTRACT

The Cine World project - Curitibanos Campus aims to "build" a "space for reflection" from the presentation of movies involving complex themes, all commented, in order to arouse in the viewer the desire to discuss and interact. In 2017, in the face of difficulties in the realization of the sessions, began the project Itinerant World Cinema, an extension of the first, whose proposal would be to give opportunities to communities with little access to cinema, watch and discuss films of interest. Partnerships were established with the Frei Rogério Asylum, the Hugo Miguel Sulzbach Special School and the Hélio Anjos Ortiz Hospital. Despite the interruptions in the project, for movie theater maintenance, the goals were achieved, since the averages of viewers remained high. In relation to its extension, excellent qualitative results were verified. There was great acceptance by the partner entities and the project should continue in the year 2018.

Keywords: Audiovisual exhibition. Non-formal education. Interdisciplinary debates.

INTRODUCCIÓN

Trabajar con la cultura en un país como Brasil es un gran desafío. A pesar de ser un país marcado por una gran diversidad y poseer un rico patrimonio artístico cultural, el acceso a la cultura sigue siendo muy restringido. Es por eso que es esencial que las acciones culturales estén dirigidas a toda la sociedad, convirtiéndose en un vínculo entre las diferentes clases sociales, contribuyendo así a la formación de ciudadanos. (CESNIK, 2007).

Segundo Klammer et al. (2006), la idea del cine surgió a partir de la necesidad del hombre de expresarse. Con los años, la idea ha evolucionado, permitiendo que el cine se convierta en un poderoso medio de comunicación y expresión. Estos desarrollos se refieren tanto a la mejora de la técnica como al contenido.

Sin embargo, como señala Chauí (2002), en el inicio, el cine retrataba solo ideas reales, mientras que el cine contemporáneo trabaja principalmente con la ficción, y su función básica es el entretenimiento de los espectadores. Se destaca como una de las principales características del cine actual el hecho de "tornar cercano lo que está ausente", permitiendo al espectador vivir innumerables emociones en cada una de las películas vistas.

Para profundizar este análisis y considerar el cine como una forma de arte, también desempeña una función político-pedagógica muy importante. En este sentido, se destacan las discusiones de Benjamin (1983) acerca de la productividad técnica de la obra de arte como un importante elemento de la politización. Según Benjamin, el progreso de las técnicas de reproducción priva a la obra de arte de su condición de rareza, haciéndola accesible a toda la población y transformándola en un vínculo entre las diferentes clases sociales. Para él, la obra de arte reproducida ofrece nuevas posibilidades de articulación con la realidad, permitiendo la crítica desde un nuevo ángulo y una nueva estructura de percepción y asimilación por el espectador (FREITAG, 1987).

El hecho de que el arte del cine esté disponible para todos puede o no traer beneficios, ya que puede venir cargado de ideologías que necesitan ser filtradas antes de que simplemente se incorporen.

En este contexto, es posible verificar la importancia de la relación entre cine y educación, ya que no es suficiente solo mirar lo que se presenta, es necesario un análisis crítico de lo que se ve para poder absorber lo que realmente se traduce en conocimiento. Esta relación entre cine y educación ha sido reconocida desde el inicio de la producción cinematográfica, como lo demuestran Miranda et al. (2013). Según los mismos autores, la industria del cine siempre ha sido considerada, incluso por los propios productores y directores, como un poderoso instrumento de educación e instrucción. La relación entre cine y conocimiento, sin embargo, va más allá del campo de la educación formal. Lo específico del cine en relación con el conocimiento es que está contenido en la imagen, o más bien, en la edición de las imágenes.

Así, entendiendo la importancia del cine como una herramienta para la

educación y la necesidad de difundirlo a toda la sociedad, se inicia en 2017 el Proyecto Cinema Mundo - Itinerante.

El proyecto se caracteriza como una extensión de Cinema Mundo - Campus de Curitibanos, que es una asociación entre las Bibliotecas Universitarias de Campus Florianópolis y Curitibanos y el Curso de Cine de UFSC, que se encuentra en su quinto año de existencia, cuyo objetivo principal es "construir" un "espacio para la reflexión", basado en la presentación de películas que involucren temas densos y complejos, todas comentadas, con el fin de promover lecturas y análisis interdisciplinarios que despierten en el espectador el deseo de interactuar.

Y es a partir de esta experiencia exitosa que se desarrolló esta propuesta de acción, que es iniciar un proceso de "educación" a través de la presentación de películas a una audiencia que, en general, no tiene acceso a cines o que no tiene el costumbre de participar en clubes de cine, estimulando reflexiones y debates sobre los trabajos presentados.

METODOLOGÍA

El proyecto Cinema Mundo - Campus de Curitibanos se inició en diciembre de 2012 con el objetivo de traer a la población del municipio de Curitibanos una opción más de ocio, cultura y educación. Este municipio está ubicado en el centro del estado de Santa Catarina, con una población estimada de 37.748 habitantes, siguiendo la investigación de 2010.

Curitibanos tiene solo una sala de cine que perteneció hasta el año 2017 a la cadena de supermercados Queluz, que siempre cedió gratis el espacio, los lunes, para las sesiones del grupo Cinema Mundo - Campus de Curitibanos.

El clima de montaña con temperaturas suaves durante todo el año favorece las actividades en interiores, por lo que las sesiones de cine se vuelven muy atractivas. Porém a comunidade local não se sentia estimulada a participar das sessões apresentadas no único cinema local e as principais queixas eram: a grade de filmes, os valores cobrados, além dos horários pouco flexíveis. Por lo tanto, una propuesta que permitió elegir la programación que se mostrará, las sesiones gratuitas, un tiempo alternativo para las presentaciones, además de la posibilidad de debates sobre los temas desarrollados, atrajo al público de inmediato.

El desarrollo inicial del proyecto tuvo lugar en una reunión celebrada por el equipo organizador para elegir las dos primeras películas que se mostrarán en sesiones experimentales. Estas películas fueron seleccionadas de acuerdo con la complejidad de su tema, lo que enriquecería el debate entre los espectadores. Para cada sesión, se seleccionó un profesional especializado en el tema de la película para llevar a cabo un debate entre los espectadores y responder posibles preguntas. Además de elegir las películas, el grupo discutió en el primer año las formas de publicitar el proyecto.

Después del éxito de las dos sesiones experimentales, (diciembre de 2012 y enero de 2013) el equipo creó un grupo en la plataforma de facebook, llamado Grupo Cinema Mundo UFSC. Ese grupo permitió un mayor contacto entre el equipo del proyecto y la comunidad local y también ayudó con el sistema de selección de películas. Allí se abrió un espacio para que los miembros sugerir películas para exhibir. La lista de películas sugeridas agregadas a las nominaciones hechas por los miembros del grupo Cinema Mundo - Campus de Curitiba pasó por una selección, en la que se priorizaron las películas con temas complejos, que se dividieron según su origen como: Norteamérica, Europa, Asia y Brasil. Fueron sugeridas cinco películas de cada origen para votar, de las cuales, las tres más votadas de cada fuente se mostraron durante el año.

Las formas de divulgación del proyecto se han mantenido durante sus cinco años. Para cada sesión, se creó un póster que se distribuyó en establecimientos comerciales del municipio. Se estableció un contacto con la radio y el periódico locales buscando una mayor difusión en la comunidad local y también se utilizó la página de la biblioteca sectorial del Campus de Curitiba para una mayor difusión entre la comunidad académica.

Para conocer el perfil de nuestros espectadores, en cada sesión se les preguntó sobre el municipio en el que vivían, su ocupación principal, su nivel de educación y cómo se enteraron del proyecto.

A lo largo de los cinco años del proyecto, algunos cambios en el horario de exhibición de la película fueron necesarios debido al mantenimiento realizado en el espacio del cine. Durante el año 2015 el cine atravesó el primer momento de reformas. En 2016 las sesiones ocurrieron normalmente hasta octubre. En noviembre el cine volvió a cerrarse por renovaciones y reabrió sus puertas solo en abril de 2017. Para compensar el tiempo que el cine permaneció cerrado, desde junio de 2017, las sesiones empezaron a presentarse quincenalmente hasta octubre del mismo año, cuando el cine estaba en otro proceso de reforma.

Con el cierre del cine Queluz, debido a problemas con el equipo de proyección, se necesitaba buscar otros espacios para continuar el proyecto.

La falta de espacios adecuados para proyecciones dio lugar a una vieja idea, que sería iniciar un proceso de "educación" presentando películas a una audiencia que, en general, no tiene acceso a cines, centros comerciales o que no tiene la costumbre de participar en clubes de cine, estimulando reflexiones y debates sobre los trabajos presentados.

El equipo del proyecto visitó tres entidades, el Asilo Frei Rogério, que alberga a 42 ancianos mayores de 70 años, la Escuela Especial Hugo Miguel Sulzbach, mantenida por la Asociación de Padres y Amigos de los Excepcionales (APAE), que recibe a unos 250 estudiantes con discapacidad intelectual y múltiple y unas 20 madres asistidas por el Programa Rede Cegonha, que es mantenido por el Sistema Único de Salud, en el Hospital Hélio Anjos Ortiz, todas las entidades ubicadas en el municipio de Curitiba /SC.

Películas nacionales y extranjeras (dobladas), con un tema popular, fueron buscadas y presentadas a las tres entidades. La idea era permitir la "construc-

ción de una relación con la película", a través de "ver películas juntos", con la ayuda de debates y la participación de la audiencia.

La elección de la comunidad atendida por el Asilo se basó en la siguiente declaración: en general, cuando escuchamos sobre el envejecimiento activo, los temas que se nos ocurren de inmediato son la actividad física, la alimentación sana y la actividad cognitiva. Pero poco se sabe que participar en actividades culturales tiene que ver con el envejecimiento activo. Y, entre las actividades culturales, podemos destacar el lenguaje del cine y el teatro que puede proporcionar momentos de discusión y reflexión sobre la vida, historias de vida, además de aportar conocimiento y aprendizaje.

La comunidad atendida por APAE fue elegida por la gran gratitud que tienen estos "niños" al cine y los innumerables temas en los que se puede trabajar y actividades que los participantes pueden realizar a partir del contenido de la película. Todas las actividades proporcionadas a los niños deben tener como objetivo un aprendizaje activo que les permita desarrollar sus habilidades. Delante de la gran variabilidad en habilidades y dificultades presentada por pacientes con Síndrome de Down, inicialmente un pequeño grupo de hasta 30 "niños" con posibilidades de aprendizaje similares participará en el proyecto.

Finalmente, la comunidad que participó en el Programa Rede Cegonha fue elegida por la posibilidad de ofrecer actividades educativas a las madres participantes, a la luz del proceso de humanización propuesto por ese Programa.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

A lo largo de los cinco años del proyecto, es decir, de 2013 a 2017, se presentaron un promedio de 10 sesiones por año, el promedio anual de los espectadores se muestra en la figura 1.

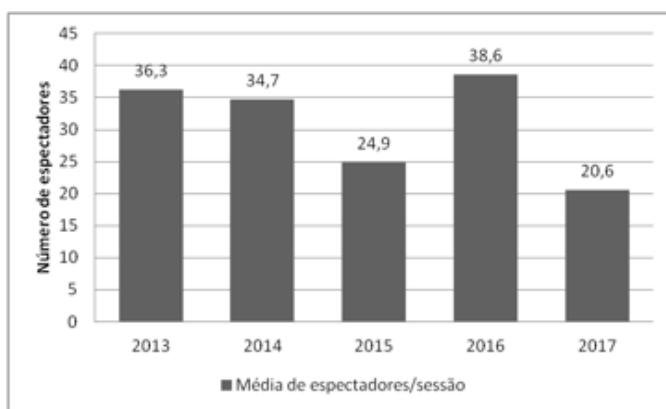


Figura 1 - Audiencia promedio por sesión en los años 2013, 2014, 2015, 2016 y 2017.
Fuente: Elaboración propia.

Las paradas constantes para el mantenimiento del cine causaron caídas en los espectadores en las sesiones, que se muestran en el gráfico. En 2015 y finales de 2016 y parte de 2017.

Durante los cinco años, los medios más efectivos de difusión continuaron siendo Internet y el contacto personal, que representan alrededor del 35% y el 25%, respectivamente, del total, y la difusión a través de Internet se amplió, mediante la publicación de las sesiones en las páginas del municipio y el cine, llegando a un público que aún no conocía el proyecto.

En todas las sesiones, el número de estudiantes universitarios fue más alto que las otras categorías, representando alrededor del 43%, siendo de UFSC y también de la Universidad de Contestado, lo que demuestra la aceptación del proyecto principalmente por parte de la audiencia estudiantil. Luego, se nota la aceptación de los estudiantes de secundaria y primaria, principalmente cuando se muestran películas pertenecientes al género de terror y drama.

En cuanto a la residencia de los espectadores, alrededor del 90% vivía en el municipio de Curitibanos. Sin embargo, se observó la participación de residentes en otros municipios como Frei Rogério, Ponte Alta do Norte y São Cristovão do Sul.

En noviembre de 2016 el grupo Cinema Mundo, ahora en su itinerario, se puso en contacto con los responsables de cada institución, mostrando interés en realizar actividades en estos espacios.

A partir de ese contacto, se programaron las fechas y películas que se mostrarían en cada ubicación. La elección de las películas fue hecha con cautela por el equipo del proyecto, siempre teniendo en cuenta el tipo de audiencia que se atendería.

Para la audiencia de APAE, se recibió como una sugerencia mostrar películas sobre el tema de las citas, que fue uno de los temas que se discutió con los estudiantes durante el año 2017. En el Asilo, se eligieron películas antiguas y de corta duración debido al tiempo limitado disponible, aproximadamente dos horas. En el hospital, las películas seleccionadas se centraron más en cuestiones de superación y reflexión. Las tablas 1 y 2 muestran las películas seleccionadas de acuerdo con los meses en que tuvieron lugar las sesiones, así como la ubicación en la que tuvieron lugar.

Mes	Películas
Marzo	O segredo dos diamantes
Abril	Uma história de amor e fúria
Mayo	Pequenas histórias
Junio	X9 - A Salvação
Julio	Colegas
Agosto	Ponte para Terabitia
Septiembre	Moonrise Kingdom

Octubre	O Espaço entre Nós
Noviembre	Aliados
Diciembre	Feliz Natal Madagascar

Tabla 1 - Cronología de películas proyectadas por Cinema Mundo Itinerante en 2017 en APAE Curitibanos (elaboración propia).

En APAE Curitibanos, después de la proyección de cada película, el equipo de Cinema Mundo Itinerante mantuvo una discusión con los estudiantes, donde se recordaron las escenas principales y los personajes principales de cada película. También se comentaron los momentos favoritos de cada película. Al final de cada sesión, los maestros responsables se quedaron con actividades relacionadas con el tema principal de la película.

El cuadro 2 muestra el cronograma de las películas que se mostraron en el Hospital Hélio dos Anjos Ortiz, para madres que participan en el proyecto Cegonha.

Mes	Filmes
Abril	Apenas Uma Vez
Mayo	Meus Dois Amores
Junio	Antes do Pôr-do-Sol
Julio	Antes que Termine o Dia
Agosto	Um Contratempo
Septiembre	A Pequena Miss Sunshine
	Três Vezes Amor
Octubre	Coincidências do Amor
Noviembre	Onde Mora o Coração
Diciembre	Amor Sem Escalas
	Uma Longa Jornada

Tabla 2 - Cronología de las películas proyectadas por Cinema Mundo Itinerante en 2017 en el Hospital Hélio dos Anjos Ortiz, en Curitibanos (elaboración propia).

Al final de cada sesión, se hicieron comentarios sobre los puntos principales de cada película, como críticas, características de los personajes y curiosidades. Después de eso, se abordaron temas relacionados con la película que podrían proporcionar a los espectadores nuevos conceptos. Las películas, aunque tenían diferentes temas, podrían llevarnos a discusiones sobre la posibilidad de comenzar de nuevo, acerca de que todos son capaces y puedan aprovechar las oportunidades y muchos otros aspectos discutidos con los par-

ticipantes. Además, los espectadores pudieron correlacionar algunos aspectos de algunas películas con sus vidas personales, citando ejemplos de sus vidas cotidianas.

Además de mostrar las películas, a las participantes en el proyecto Cegonha se les proporcionó una caja de libros de varios géneros, para que pudieran leer mientras estaban en el hospital. Los libros fueron donaciones de miembros de la universidad y la sociedad. Se renovaron en la caja en cada reunión.

En el Asilo Frei Rogério, se utilizó inicialmente el mismo enfoque. Se mostraron películas y al final, se discutieron aspectos relacionados con la vida de los personajes, experiencias y recuerdos del pasado. Durante el curso del proyecto, tanto las personas del equipo como los empleados del establecimiento se dieron cuenta de que el tiempo para la proyección de las películas era demasiado corto, e incluso mostrando películas cortas, eran escasas y tenían pocos temas para discutir. Además, pudimos observar que la proyección de películas, incluso las cortas, no era lo suficientemente atractiva para las personas mayores, ya que, debido a su edad, a menudo no guardan recuerdos de películas pasadas en sesiones anteriores. Ante esto, el grupo Cinema Mundo eligió a una nueva propuesta de ocio y entretenimiento para personas mayores.

A partir del mes de octubre, las personas de edad avanzada en el Asilo Frei Rogério se presentaron a la propuesta de "colorear juntos", que se puede ver en la Figura 1, donde se imprimieron dibujos en tamaño de hoja A3, relacionado con el tema presentado en la película, para que los ancianos puedan colorearlos. Junto con esta actividad, también se mostraron videos con canciones antiguas de cantantes como Teixeira, Irmãs Galvão, entre otros indicados por los ancianos, para promover momentos de relajación y aprendizaje.



Figura 1. Actividad "Colorear juntos" realizada con los ancianos.
Fuente: Elaborado por el autor.

Según los informes orales, presentados por profesores de APAE, psicólogos y enfermeras del Hospital Hélio Anjos Ortiz y el personal técnico del asilo, el proyecto tiene potencial, ya que le gusta al público participante que solicitó que se mantenga durante 2018.

CONCLUSIÓN

Los objetivos del proyecto Cinema Mundo – Campus de Curitiba se lograron, ya que incluso con todas las interrupciones debido a problemas con el mantenimiento del cine, el público se mantuvo fiel al resultado visto en la audiencia promedio alta.

En cuanto al proyecto Cinema Mundo Itinerante, se verificaron excelentes resultados cualitativos. Hubo una gran aceptación del proyecto por parte de las entidades APAE, Asilo y Hospital, tanto que insistieron en que el proyecto continuara en 2018. La posibilidad de trabajar con la comunidad en general y con audiencias especiales permite no solo el crecimiento profesional, sino también el crecimiento personal para todos los involucrados.

REFERENCIAS

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: Os pensadores. São Paulo: Victor Civita, 1983.

CESNIK, F. D.S; Guia do Incentivo a Cultura: 2º Ed. revisada e ampliada. São Paulo: Manole LTDA, 2007. 399 p

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2002.

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. Educação & Realidade, v. 33, n. 1, p. 117-133, 2008.

FREITAG, Bárbara. Política educacional e indústria cultural. São Paulo: Autores Associados, 1987.

KLAMMER, C. R. et. al. CINEMA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES, LIMITES E CONTRADIÇÕES. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 3., 2006, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: UFSC, 2006, p. 872 - 882.

MIRANDA, C. E. A.; COPPOLA, G. D.; RIGOTTI, G. F. A Educação pelo cinema. Disponível em: http://artigocientifico.tebas.kingghost.net/uploads/artc_1153335383_47.pdf. Acesso em: 21 maio 2013.

Fecha de envío: 03/10/2018

Fecha de aprobación: 20/11/2019



Festival Universitário de Teatro de Improviso: Produção Cultural como Ação de Extensão

The improv college festival: cultural production as an extension action

José Luis Felício dos Santos de Carvalho

Doutor em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro
zkcarvalho@hotmail.com

Marina Dias de Faria

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro
marinadfaria@gmail.com

RESUMO

O presente relatório de experiência tem por objetivo apresentar a produção de um festival de teatro como ação de extensão universitária no processo formativo de estudantes de ciências sociais aplicadas. No texto, são discutidas as atividades empreendidas para a execução da ação intitulada "Festival Universitário de Teatro de Improviso", coproduzida pelas escolas de administração de duas instituições federais de ensino superior. O referencial teórico deste relatório engloba tanto o gênero teatral celebrado no referido evento – e discutido sob a perspectiva da competência profissional –, quanto o respaldo normativo institucional requerido para festivais de teatro classificados como ações de extensão. Os aspectos metodológicos do festival são debatidos, bem como seus resultados e, por fim, na seção de conclusão, sugerem-se diretrizes para novas iniciativas de pesquisa.

Palavras-chave: Festival de teatro. Produção cultural. Competência profissional. Teatro de improviso.

ABSTRACT

The purpose of this experiment report is to present the production of a theater festival as a university extension action in the training process of students of applied social sciences. In the article, the activities undertaken for the execution of the action called The Improv College Festival, coproduced by the business schools of two federal institutions of higher education, are discussed. The theoretical framework of this report encompasses the theatrical genre celebrated at that event – and discussed from the perspective of professional competences – as well as the normative institutional support required for theater festivals classified as extension actions. The methodological aspects of the festival are debated, as well as its results and, finally, in the conclusion section, guidelines for further research are suggested.

Keywords: Theater festival. Cultural production. Professional competences. Improvisation theater.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente relato de experiência é apresentar a produção de um festival de teatro como ação de extensão universitária no processo formativo de estudantes de ciências sociais aplicadas. A ação intitulada Festival Universitário de Teatro de Improviso – cuja identidade visual está representada na Imagem 1, que aparece logo abaixo – demandou, ao longo de um ano letivo, o estabelecimento de uma parceria entre duas escolas de administração instaladas em instituições federais de ensino superior localizadas no Rio de Janeiro, bem como o envolvimento de alunos das duas unidades em atividades relacionadas ao planejamento, à operacionalização e à avaliação da ação.

Como se verá adiante, o teatro de improviso – conhecido igualmente como “impro” – pode ser praticado tanto de modo recreativo quanto com propósitos pedagógicos, por atores e não atores, e também por meio de uma perspectiva orientada para o desenvolvimento pessoal e laboral, ou ainda voltado para competições ou, finalmente, para ser apresentado como espetáculo (MUNIZ, 2015; SWIBODA, 2018). Nos moldes dos festivais internacionais de impro, o evento aqui discutido envolveu apresentações teatrais e oficinas de improvisação, mas, em função de o festival se inserir no âmbito universitário, foram incorporados em sua agenda debates mediados por acadêmicos e por artistas, de modo a ampliar as discussões a partir de uma apreciação crítica dos temas correlatos.



Imagem 1 - Identidade visual do Festival Universitário de Teatro de Improviso
Arte: Larissa Gonçalves e Matheus Costa

A arte teatral guarda uma vocação naturalmente livre e democrática, e todo festival de teatro deveria investir na amplificação dos pontos de contato entre a arte e seus diversos públicos, numa proposta congruente às ações de extensão universitária. Cabe recordar as palavras do encenador Jean Vilar, idealizador e primeiro diretor artístico do celebrado Festival de Teatro de Avignon, criado em 1947 e tido atualmente como o mais importante evento cultural da França: “Uma arte coletiva como o teatro deve [...] reunir, nas galerias da comunidade dramática, o pequeno comerciante e o alto magistrado, o operário e o agente de câmbio, o carteiro dos pobres e o professor catedrático” (FABIANI & ETHIS, 2003, p. 8).

A inserção de um festival de teatro de improviso no ambiente acadêmico

das ciências sociais aplicadas justifica-se por três motivos principais. Primeiro, porque a improvisação adquiriu um papel essencial para o desenvolvimento das organizações contemporâneas e, por conseguinte, tornou-se uma competência fundamental para os administradores (FLACH & ANTONELLO, 2011). Nas palavras de Littike e Sodré (2015, p. 3059), "o improviso na gestão não somente é algo comum, mas também necessário". A habilidade de improvisar desenvolvida pelos artistas – ilustrada na Foto 1 por uma performance do coletivo Teatro do Nada durante o evento – pode ser aproveitada em diversas conjunturas, nas quais responder ao inesperado pode constituir uma competência profissional (CARVALHO & FARIA, 2014).



Foto 1 - O coletivo Teatro do Nada se apresenta na última noite do Festival Universitário de Teatro de Improviso.

Foto: Zeca Carvalho

Em segunda instância, a instalação de um festival artístico em um polo de conhecimento relacionado às ciências sociais aplicadas pode ser explicada pelo fato de que o contato com o teatro – além da experiência cultural – é potencialmente benéfico para os profissionais do campo e, principalmente, para os futuros administradores, já que a prática teatral, conforme Chasserio e Gosse (2007, p. 166), é "inigualável" para levar a um novo patamar a aprendizagem de estudantes com formação científica, os quais geralmente não são estimulados a desenvolver as habilidades sociais ou relacionais, que seriam competências "tão importantes quanto a capacidade de ler um balanço anual ou de calcular custos de produção".

Por fim, as atividades relacionadas às funções de planejamento, organização, direção e controle de um evento cultural são atribuições cabíveis a um profissional de administração. Como suporte a essa argumentação, recorre-se ao trabalho de Pinho (2007, p. 163), que buscou verificar a existência de "semelhanças entre modelos de organização e administração empresarial e as

estruturas dos festivais de teatro”, constatando que “ambos reconhecem como funções organizativas: a administrativa, a financeira, a comercial ou de marketing, a produção e os recursos humanos” e que, ainda, distinguem uma gestão estratégica, tática e operacional, que engloba etapas de pré-programação, planejamento, implementação e avaliação.

Deve-se notar, adicionalmente, que o acolhimento de um festival de teatro por escolas de administração também cria uma dupla relevância para o público interessado na ação de extensão universitária. Além das pessoas atraídas pelos espetáculos artísticos e pelas demais atividades sob o aspecto sociocultural, gera-se utilidade para estudantes e profissionais que podem tirar proveito das atividades ofertadas sob uma perspectiva pedagógica, mais especificamente, sob a ótica da educação para o trabalho e para o desenvolvimento pessoal. No Festival Universitário de Impro, tais questões foram abordadas durante os debates que aconteceram depois das apresentações dos grupos teatrais, como mostram as Fotos 2 e 3.



Fotos 2 e 3 - Debates com professores, estudantes e improvisadores
Fotos: Zeca Carvalho

QUADRO TEÓRICO REFERENCIAL

O teatro de improviso de Keith Johnstone sob a perspectiva da competência

Nas artes cênicas, as improvisações tradicionais costumam ser vistas como meios para se atingir um fim relacionado a uma obra maior. Antes de encenar um espetáculo teatral roteirizado por um dramaturgo, por exemplo, o diretor convida os atores a experimentarem seus papéis em exercícios improvisados a partir do texto. Por outro lado, na perspectiva de Keith Johnstone¹ (1990; 1993), cada cena improvisada pode ser vista como processo e resultado.

¹ Professor emérito da Universidade de Calgary, reconhecido internacionalmente por seu trabalho que, desde os anos 1950, vem exercendo influência sobre atores e coletivos de criação por todo o mundo (FARLEY, 2017; ACHATKIN, 2010).

A cena não precisa ser aperfeiçoada com os ensaios até o espetáculo, pois ela é, simultaneamente, ensaio e espetáculo (HINES, 2016). Tal é a proposta do teatro de improviso de Keith Johnstone, concepção também conhecida simplesmente como impro ou improv, nos países anglo-saxões.

Em uma improvisação tradicional, concede-se um tempo mínimo para a combinação da cena entre os atores, que podem discutir sobre os personagens, como a história será iniciada, qual será o rumo dos acontecimentos, quais conflitos eclodirão e como a história terminará (SPOLIN, 1982). Quando a improvisação envolve uma obra dramática já existente, a estrutura está dada pela própria peça: poucos minutos são suficientes para estabelecer combinações entre os participantes, de modo que a improvisação propriamente dita se restringe a como se vai encenar uma história cujos elementos dramáticos são conhecidos. Na concepção da impro, ao contrário, não se pode traçar um plano para desenvolver a cena porque, assim, todo o frescor da criação, do imprevisto e do jogo estabelecido com os parceiros e com a plateia é imediatamente destruído (HÉRCULES, 2011). Para tanto, o tempo de combinação prévia entre os atores é suprimido: quando o jogo tem início, os participantes não se comunicam, mas devem entrar em cena e começar a agir.

A partir dessa modificação com relação à improvisação tradicional, Keith Johnstone desenvolveu estratégias de treinamento para permitir que, durante o processo de criação teatral, o ator possa trabalhar com suas primeiras ideias, e também com as ideias iniciais de seus parceiros de palco, para a criação de cenas e narrativas originadas por uma ação espontânea (ACHATKIN, 2010). Para Johnstone (1990), a importância do resgate da espontaneidade está relacionada ao fato de que os sistemas educativos embotam a criatividade, pois estimulam os estudantes a serem não imaginativos. Assim, o improvisador treinado no método Johnstone tem que iniciar uma cena instantaneamente, e precisa resolvê-la sem combinar nada com seus companheiros de palco, seja qual for a duração da história. As dificuldades inerentes ao processo criativo são elevadas, com a impro, a um novo patamar, o que permite ao participante exercitar habilidades em situações de extrema dificuldade, nas quais, paradoxalmente, seu sucesso depende de que sua criatividade esteja livre para fluir de maneira espontânea.

Sem nenhuma combinação entre os atores que irão construir a cena, é usual que as improvisações comecem sem que ninguém tenha estabelecido um personagem, nem tenha ideia do que fará no palco, o que caracteriza um enorme desafio, pois todos os atores assumem os papéis de dramaturgos, diretores, cenógrafos e coreógrafos, de modo que a história emerge à medida que a ação se desenrola num esforço coletivo (ACHATKIN, 2010). No método de Johnstone (1990), a habilidade mais importante de um improvisador envolve trabalhar a aceitação e a cooperação para libertar a imaginação de seu companheiro de cena. Dois grupos de impro reconhecidos por trabalharem bastante a colaboração de seus participantes são mostrados na Foto 4, tomada no primeiro dia do festival.



Foto 4 - Os Frangos de Makumba disputam, com a Armacena, uma partida de teatro-esporte na primeira noite do Festival Universitário de Improviso.

Foto: Isadora Lima

Keith Johnstone propõe assim uma mudança de atitude diante de desafios, notadamente, a aquisição de uma competência aproveitável em variados contextos sociais e profissionais. Não por coincidência, os benefícios obtidos por um indivíduo ator ou não ator, a partir da prática do teatro de improviso – que idealmente culminam com a gradual libertação de suas amarras na relação com o mundo e na interação com o outro –, são essenciais para que ele potencialize suas competências relacionais, sociais, comportamentais ou interpessoais, no palco, ou fora dele.

Em se tratando de não atores, Lesavre (2012) acredita que se pode esperar dois proveitos quando são utilizados jogos teatrais na criação e/ou no incremento de competências profissionais: (1) desenvolver habilidades relacionadas à comunicação verbal e não verbal, às atividades de interação e à necessidade de falar em público; e (2) desenvolver atitudes relacionadas ao uso da imaginação e da criatividade. Sob tal enquadramento, competências são tidas como “combinações sinérgicas de conhecimentos, habilidades e atitudes, expressas pelo desempenho profissional dentro de determinado contexto” (BRANDÃO & BORGES-ANDRADE, 2007, p. 36). A competência comportamental vista por Godoy e Forte (2007) – correspondente às competências relacionais de Zarifian (2003) – envolve a capacidade de interagir com o outro em consonância com novas situações ou pressões no trabalho.

Para Jackson (1995), sob a perspectiva do desenvolvimento de competências profissionais, jogos de improvisação teatral são efetivos para estimular a criatividade por meio do exercício da imaginação, para propiciar novas in-

terpretações do ambiente e das circunstâncias de atuação do indivíduo, para aumentar a autoconfiança em interações, para promover a adaptabilidade a situações de mudança e para incrementar a coesão grupal e o senso de equipe. Nesse âmbito, Daly et al. (2009) avaliam que novas competências nascidas a partir da improvisação melhoram a confiança dos estudantes, sua habilidade de adaptação, sua espontaneidade e seu conforto diante do inusitado.

Finalmente, cabe observar que a grande maioria dos jogos teatrais utilizada em ambientes de ensino e aprendizagem confia em técnicas alicerçadas na improvisação para atingir os resultados almejados. Nesse âmbito, Koudela (2004) apresenta cinco benefícios a partir do desenvolvimento pessoal e profissional proporcionado pela improvisação teatral: (1) experiência em pensar criativa e independentemente; (2) prática da cooperação; (3) desenvolvimento da sensibilidade para relacionamentos pessoais; (4) liberação emocional controlada; e (5) flexibilidade para expressar ideias. Algumas dessas questões foram exercitadas durante as oficinas de improvisação oferecidas durante o Festival Universitário de Teatro de Improviso, como exemplificam as Fotos 5 e 6.



Fotos 5 e 6 - Oficinas de improvisação ministradas por Pedro Figueiredo (esquerda) e Bruno Ribeiro (sentado à direita).

Fotos: Zeca Carvalho.

2.2 Ações de extensão e respaldo normativo institucional para festivais de teatro

A Política Nacional de Extensão Universitária considerou "as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais" (FORPROEX, 2012, p. 6), incentivando a "difusão de conhecimento e cultura por meio de eventos diversos e divulgação de produtos artísticos" (FORPROEX, 2012, p. 9). A caracterização de uma ação de extensão como um festival de teatro configura-se a partir de uma interface entre a produção artística e o desenvolvimento profissional, com respaldo pedagógico e científico.

Segundo o Parágrafo III, do Artigo 53, da Lei 9.394 (BRASIL, 1996), às universidades é assegurada a atribuição de estabelecer projetos de "produção artística e atividades de extensão". Acrescenta-se a tal atribuição as "diretrizes que devem orientar a formulação e implementação das ações de extensão

universitária, pactuados no FORPROEX (2012, p. 16), de forma ampla e aberta", todas contempladas na ação aqui discutida: interação dialógica com a sociedade; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante; impacto e transformação social.

A proposta de uma extensão universitária que pressupõe a produção de um festival de teatro por estudantes de ciências sociais aplicadas atende sobremaneira à diretriz de interdisciplinaridade, pela elevada intensidade de integração de disciplinas no interior do mesmo projeto, além de ser orientada pela recuperação da unidade humana por meio da passagem de uma subjetividade para a intersubjetividade, resgatando a ideia primeira de cultura, associada à formação do homem total (JAPIASSU, 1976). A ação de extensão remete à teoria pedagógica da complexidade e da transdisciplinaridade (SANTOS, 2008), confiando nos temas transversais recomendados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Não por coincidência, a improvisação teatral é citada de forma recorrente nos PCNs (BRASIL, 1997, p. 59). Primeiro, quando o documento menciona o teatro como expressão e comunicação, faz-se referência à "participação e desenvolvimento nos jogos de atenção, observação, improvisação" e, em seguida, cita a "experimentação na improvisação a partir do estabelecimento de regras para os jogos", bem como a "experimentação na improvisação a partir de estímulos diversos (temas, textos dramáticos, poéticos, jornalísticos etc., objetos, máscaras, situações físicas, imagens e sons)". Segundo, ao considerar o teatro como produção coletiva, o documento acrescenta o "reconhecimento e integração com os colegas na elaboração de cenas e na improvisação teatral" (BRASIL, 1997, p. 59).

Aqui também a interprofissionalidade é enfatizada, haja vista que a ação de extensão em exame nasce de uma inquietação dos autores com relação ao desenvolvimento de competências pessoais e profissionais em estudantes de ciências sociais aplicadas, bem como nos praticantes envolvidos em atividades laborais relacionadas ao universo da administração por meio de instrumentos próprios das artes cênicas. Acredita-se, especificamente, que o exercício da improvisação teatral constitui um recurso efetivo para propiciar a emergência e o aperfeiçoamento das ditas competências sociais, comportamentais ou relacionais (ZARIFIAN, 2003) em estudantes e em profissionais (CARVALHO & FARIA, 2014). Tal conjunção entre teatro e ciência social atende igualmente à demanda do FORPROEX (2012, p. 16) por investimentos em ações de extensão que privilegiem a "interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento".

Finalmente, a inserção de um festival de teatro como ação de extensão, capitaneada por uma escola de administração e não por uma escola de artes cênicas, justifica-se, sobretudo, pelo fato de que ações dessa natureza necessitam ser levadas a termo por meio de atividades relacionadas a planejamento, organização, direção e controle (CESCA, 2008; GIACAGLIA, 2003), as quais constituem, precisamente, as funções de um administrador (JUCIUS & SCHLENDER,

1972). Outrossim, a participação na ação angaria um duplo benefício para os extensionistas: tanto pelo contato com o conteúdo da ação – que comporta o teatro de improviso e suas possibilidades artísticas, pedagógicas e profissionais – quanto pelo envolvimento de futuros administradores nas atividades de criação, operacionalização, execução e avaliação necessárias para viabilizar o festival de teatro.

Em consonância com as normas do FORPROEX (2007, p. 38), a extensão aqui discutida pode ser classificada como um "evento", definido como uma "ação que implica na apresentação e/ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade". Dentre as modalidades de eventos avalizadas pelo FORPROEX (2007, p. 39), tal ação poderia ser caracterizada como um "festival", definido como uma "série de ações/eventos ou espetáculos artísticos, culturais ou esportivos, realizados concomitantemente". Em obediência à tipologia proposta por Getz (1997), um evento assim categorizado pode ser tipificado como festival artístico, que corresponde a um tempo de celebração que comporta tanto intervenções performativas, nas quais artistas se apresentam perante uma audiência, quanto ações participativas, em que o participante se torna um elemento ativo, que se engaja em aulas, oficinas e apresentações.

METODOLOGIA DE AÇÃO

Panorama metodológico e etapas de trabalho

Os protocolos metodológicos seguidos para a ação de extensão aqui relatada encontram sua fundamentação no trabalho de Pinho (2007) acerca da gestão de festivais em teatro, pesquisa alicerçada principalmente nas obras de Byrnes (2003) e de Shone e Parry (2004). Algumas adaptações se fizeram necessárias, contudo, em função de Pinho (2007) confiar demasiadamente na função financeira como sustentáculo de um evento artístico, opção que aqui não foi adotada. O festival aqui apresentado prescindiu de aportes financeiros para sua viabilização, como convém a um evento dessa natureza a ser implementado em instituições públicas de ensino superior. Assim, recorreu-se a Cesca (2008) e a Giacaglia (2003) para complementar os métodos recomendados nos textos previamente referenciados.

De forma ampla, a gestão de festivais de teatro comporta quatro períodos sequenciais, no decorrer dos quais se distinguem funções administrativas de nível estratégico, tático e operacional. O âmbito estratégico é o mais amplo dos três, visa o longo prazo e engloba toda a estrutura sócio-técnica necessária para o festival, abrangendo igualmente a concepção dos objetivos e as metas

relacionadas ao evento. Por via do nível tático, faz-se a intermediação entre os níveis estratégico e operacional por meio da interpretação das decisões estratégicas e de sua transformação em planos e, posteriormente, em ações concretas dentro de cada unidade operacional relacionada ao evento. O âmbito operacional possui um alcance mais discreto, relacionando-se à área técnica de execução de um dado plano de ação, envolvendo cada atividade de forma isolada, preocupando-se com o cumprimento de metas específicas.

Em relação aos quatro períodos distintos considerados para um festival teatral, os autores enumeram: (1) período de pré-planejamento, também designado de pré-programação; (2) período de planejamento, também designado de programação; (3) período de implementação; e (4) período de controle, também designado de avaliação.

Designa-se como período de pré-programação uma fase que antecede o planejamento e a organização do evento, iniciando-se ao menos com seis meses a um ano de antecedência à implementação do festival. Nessa fase, a equipe do evento deve reunir-se regularmente para estabelecer alguns aspectos a serem levados em conta para a realização do evento. O Festival Universitário de Impro teve sua fase de pré-programação inaugurada em janeiro de 2017, onze meses antes do evento, que foi apresentado ao público em novembro do mesmo ano.

Ao término da fase de pré-programação do festival, e definidas as diretrizes gerais do evento a implementar, entra-se na fase da programação desse. Pode-se identificar o período de programação com o processo de planejamento do festival, ou seja, com a fase em que a equipe de gestão, encarregada de organizar o evento, analisa-o de modo a identificar possíveis caminhos de ação, para selecionar as alternativas mais adequadas que sua implementação envolve, determinando grupos de trabalho, tarefas a serem realizadas e os prazos para seu cumprimento. Nessa etapa, uma das atividades mais importantes compreende o planejamento das estratégias de divulgação do festival ao público.

A fase de programação do Festival Universitário de Teatro de Improvisação foi instaurada em março de 2017 e perdurou até julho, período durante o qual foram tomadas as decisões e empreendidas algumas das ações mais importantes para o evento. Primeiro, chegou-se à relação de atividades a serem desenvolvidas e apresentadas durante a semana do festival: cinco dias de evento, com 12 oficinas de improvisação abertas ao público (ao menos duas por dia, em horários diferentes), sete espetáculos com coletivos de *impro* (na terça e na quinta-feira foram apresentados dois espetáculos por noite) e cinco debates (um por dia). Segundo, optou-se por confiar na rede social *Facebook* e no canal de Internet *YouTube* como principais veículos de divulgação. Terceiro, deu-se início à produção das dezenas de vídeos e materiais gráficos a serem postados em tais veículos. Em quarto lugar, foi realizada uma das tarefas mais problemáticas – encontrar espaços físicos para comportar uma programação tão extensa –, obtendo-se, ao final, um palco dentro do ambiente universitário para os espetáculos e debates, bem como salas de aula e um teatro universitário-

rio desativado para as oficinas.

Em seguida, chegou-se ao período de implementação do evento, que compreende o tempo em que se estende a partir da data em que o festival de teatro é inaugurado ou lançado – momento que geralmente ocorre semanas ou meses antes de sua data inicial de realização – e a fase que o evento transcorre. Duas responsabilidades principais devem ser consideradas nessa etapa: por um lado, a organização e a preparação do evento por meio da sistematização e do desenvolvimento das ações previstas anteriormente, podendo-se rever um ou outro aspecto que careça de redefinição; por outro lado, é preciso colocar em prática os planos previamente definidos, assim como controlar o cumprimento das operações previstas, ou se, pelo contrário, ocorrem desvios aos quais cabem medidas de correção. Na fase de implementação de um festival teatral, no âmbito do marketing, entram as ações de divulgação do evento e, no âmbito de recursos humanos, atende-se à integração das pessoas que compõem a equipe, enfatizando-se as práticas geradoras de um bom clima organizacional e a delegação de tarefas, no sentido de contribuir para uma melhor motivação dos envolvidos.

No Festival Universitário de Teatro de Improviso, a fase de implementação foi iniciada em agosto de 2017 e estendeu-se até a semana do evento, o qual transcorreu entre os dias 6 e 10 de novembro. Ao longo desse período, a equipe enfrentou os problemas mais complexos – dentre os quais, um ataque à página do festival no *Facebook* realizado por estudantes que discordaram de alguns posicionamentos assumidos pela direção do evento –, mas chegou ao final do processo com resultados exitosos, como se mostra adiante.

Por último, os autores referenciados discorrem acerca da etapa de encerramento e controle do evento, igualmente denominada período de avaliação, que se caracteriza a partir da coleta de dados capazes de alimentar os indicadores que permitem aferir se foram alcançados os resultados esperados. No que tange ao controle de um festival de teatro, os autores consultados recomendam que a avaliação final compreenda as respostas e os pareceres dos diversos intervenientes em todo o processo: público, equipes de trabalho, voluntários, financiadores, fornecedores e imprensa. Com relação ao Festival Universitário de Teatro de Improviso, que contou com uma estrutura mais modesta, condizente a uma ação de extensão e não a um festival teatral profissional que visa o lucro, o controle do evento ocorreu por meio de avaliações realizadas na página do evento no *Facebook* e de questionários aplicados ao público durante as atividades realizadas.

Ainda em relação à metodologia, os autores referenciados discorrem acerca da necessidade de se estabelecer uma estrutura organizacional descentralizada em divisões que abarquem algumas funções elementares e essenciais à realização de um festival de teatro. Pinho (2007) enumera como divisões básicas os seguintes órgãos: (1) gestão financeira e de orçamento; (2) gestão logística e do espaço; (3) gestão comercial e de marketing; (4) gestão dos recursos humanos; e (5) gestão da produção cultural. Shone e Parry (2004), por seu turno, preconizam que a estrutura organizacional deve integrar cinco

funções fundamentais: (1) apoio e recepção aos visitantes; (2) serviços de suporte à implementação do festival; (3) marketing; (4) finanças; e (5) a função administrativa, a qual deve posicionar-se na cúpula, configurando-se como a área administrativa responsável não somente pela coordenação das demais, mas também por questões relacionadas à contratação e atribuição de atividades aos recursos humanos, às relações públicas do evento e à angariação de fontes de financiamento. Para os autores, todas as funções organizativas podem ainda subdividir-se noutras, dependendo da natureza e do tamanho do evento.

É importante registrar que as estruturas administrativas aqui apregoadas apresentam "um sistema de organização ad hoc, onde todos os participantes têm a oportunidade de participar na definição dos objetivos", e na qual se permite que "a comunicação circule nos sentidos vertical ascendente e descendente, na horizontal e na diagonal", valorizando a agilidade e a efetividade dos processos de tomada de decisão (PINHO, 2007, p. 27). No Festival Universitário de Teatro de Improviso, algumas adaptações a essa estrutura se fizeram necessárias, como se mostra na próxima subseção deste relatório.

Equipe de execução: a inserção dos alunos extensionistas na ação

Segundo Shone e Parry (2004), no âmbito estratégico ou institucional, a equipe de gestão de um festival de teatro precisa ser estruturada a partir de cinco cargos executivos principais, correspondentes ao nível da direção, sendo o diretor artístico – que pode igualmente ser considerado um diretor administrativo – hierarquicamente superior aos demais. As outras quatro diretorias equiparam-se às funções de finanças, recursos humanos, marketing e produção/logística, sendo esta última responsável pelas tarefas inerentes às funções de apoio e recepção aos visitantes, e de serviços de suporte à implementação do festival.

Para o evento aqui apresentado, algumas modificações na estrutura foram necessárias, considerando as recomendações da literatura. Em primeiro lugar, ao cargo de diretor artístico do festival – que aqui foi exercido por um dos coordenadores da ação de extensão, enquanto o outro professor coordenador assumiu o cargo de diretor administrativo – seguiram-se cinco gerências, em lugar de quatro diretorias, cada qual exercida por um estudante de administração. Além disso, algumas gerências previamente indicadas foram adaptadas a partir das peculiaridades do festival. Isso foi o que ocorreu com a função financeira, que aqui perdeu um pouco de sua envergadura para ser sobreposta por uma gerência de recursos não financeiros, encarregada de obter e gerir recursos materiais imprescindíveis para o evento. Essa gerência se diferenciou da função de recursos humanos por envolver somente recursos não humanos, conquanto se constituiu uma gerência de pessoas para a administração dos indivíduos inseridos na estrutura do festival, em consonância com a ideia de que pessoas não são meros recursos à disposição da organização (RIBEIRO,

2005). A gerência de marketing operou também como gerência de tecnologia da informação (T.I.), em atendimento às considerações de Martin (2015), para quem eventos de baixo custo não podem abrir mão de uma forte presença na Internet, particularmente com relação ao uso intensivo das mídias sociais.



Imagem 2 - Fotograma do vídeo promocional do Festival Universitário de Improviso gravado com Mateus Solano.

Imagem: Zeca Carvalho

Nesse contexto, duas gerências se sobressaíram em termos de relevância para o desenvolvimento do festival: a gerência de marketing e a gerência de produção. Encarregada de promover o festival desde o período de programação, à gerência de marketing couberam as tarefas de divulgação, atração de participantes e comunicação com o público, dentre outras atividades orientadas para os clientes do evento. O marketing digital foi fundamental para o evento em todas as suas fases. Os vídeos realizados pela equipe – tendo como exemplo um filme em que o ator Mateus Solano se dirigia ao espectador, convidando diretamente o público para o evento, como mostra a Imagem 2 – obtiveram um elevado grau de envolvimento. Da gerência de marketing – composta por cinco estudantes, além do aluno nomeado gerente – dependeram ainda as tarefas relacionadas à programação visual do festival, à geração de conteúdos para mídias diversas, e às relações públicas.

Em integração com a gerência de marketing, a gerência de produção deve governar a etapa de implementação de um festival de teatro, de acordo com Pinho (2007). A função de produção/operações compreende todas as tarefas de supervisão e execução reunidas na programação do festival. Para o autor, os responsáveis por tal função têm por incumbências principais: ajudar o diretor artístico a definir o programa e a convidar os artistas, palestrantes, debatedores, professores e demais participantes; administrar a logística dos espaços (palcos, bastidores, salas de debates, salas de oficinas); cuidar das instalações

técnicas, tais como luz, som, espaços de atuação e acomodações para o público; implementar e controlar o regulamento do evento; e organizar o processo de inscrição e certificação dos participantes. No Festival Universitário de Teatro de Improviso, a gerência de produção foi dividida entre duas alunas, cada qual estudante de uma das duas universidades federais que coproduziram o evento. Somadas, as duas equipes de produção contavam com cinco estudantes.

Retornando à literatura, cabe à gerência de pessoas a organização, a implementação e a execução de todas as condições que possibilitem a agregação, a integração, o desenvolvimento e o monitoramento de todos os indivíduos que integram as equipes necessárias para a realização do festival. Aos responsáveis por essa função, que deve prover suporte tático a todas as outras gerências, competem as atividades de analisar e descrever cargos, qualificar seus ocupantes, montar equipes de trabalho, integrar as pessoas, avaliar potenciais individuais, assim como avaliar o desempenho de indivíduos e grupos, sempre em integração com os gerentes das demais áreas. No festival aqui debatido, a gerência de pessoas contou com quatro estudantes, contando o aluno selecionado como gerente, o qual, apesar da pouca idade, acumulava boas experiências de estágio profissional na área.

Finalmente, na perspectiva de Pinho (2007, p. 29), o responsável pela função financeira em um festival de teatro "ocupa a segunda posição mais importante da estrutura organizacional", visto que essa gerência deve centralizar seu foco "sobre as questões relacionadas com os pagamentos e recebimentos [...], desenvolvendo, assim, estratégias de investimento e financiamento". Entretanto, conforme se debateu anteriormente, o festival aqui examinado correspondeu a uma ação de extensão universitária à qual não cabia a dependência de qualquer fonte de recursos financeiros. Assim, embora não fizesse sentido estabelecer uma gerência financeira para o evento, optou-se por estruturar uma gerência de recursos – não humanos e não financeiros –, de modo que fosse possível incorporar alguns recursos materiais de que necessitaria o festival por meio de negociação com os agentes institucionais e/ou organizacionais envolvidos, por exemplo.

Em consonância com a literatura, na hipótese da captação de algum tipo de apoio (não financeiro) para a realização do festival, a gerência de recursos deve se responsabilizar pela tarefa. Em conjunto com a gerência de marketing, à gerência de recursos também cabe definir as contrapartidas a serem cedidas em troca desses apoios, à guisa de patrocínios. Formada por três alunas, a gerência de recursos – capitaneada por uma estudante que imprimiu um ritmo vigoroso à sua equipe – obteve diversos patrocínios para o festival: camisetas com a logomarca do festival para todos os extensionistas; material de programação visual (cartazes, *banners*, filipetas); 500 garrafas de água mineral; 200 caixinhas de suco de laranja; *coffee break* em um dos dias do evento; 80 latinhas de energético; bolo confeitado para a festa de inauguração do festival, ocorrida na sexta-feira precedente ao evento; garrafas de cerveja que foram sorteadas para a plateia; 300 *cookies* de chocolate; e brindes diversos para distribuição aos participantes, membros dos grupos de *impro* e espectadores.

RESULTADOS

Ao final de dois semestres letivos de intenso trabalho, o Festival Universitário de Teatro de Improviso foi apresentado ao longo da semana de 6 a 10 de novembro de 2017. Durante as tardes, foram ministradas 12 oficinas, realizadas por artistas, encenadores e professores de improvisação para uma média de 15 alunos por turma. Dentre as oficinas ministradas no evento, foram oferecidos os títulos "Improvisação para iniciantes"; "Improvisação para não atores"; "A voz no impro"; "Impro para jovens e adolescentes"; "Improvisação para a terceira idade"; "O corpo improvisado"; "Viagem ao impro em 180 minutos" e "A improvisação pelo método Keith Johnstone", dentre outras possibilidades gratuitas e abertas ao público, nos níveis básico, intermediário e avançado.

Durante as noites, foram realizados espetáculos e mesas redondas abertas ao público. A cada dia, eram apresentados um ou dois espetáculos diferentes por grupos de improvisação do Rio de Janeiro. Os títulos dos espetáculos foram os seguintes: "Um espetáculo de teatro-esporte" (grupos Armacena e Frangos de Makumba); "O Monstro" (Coletivo Improvisadores Anônimos); "Casa e Jardim" (Coletivo Ordinário); "Noite Cachorra" (Cachorrada Impro Clube); "Puppet Fiction" (Baby Pedra e o Alicate); "Impropose" (grupo Imprudentes); e "Rio de Histórias" (Teatro do Nada). O público presente nos espetáculos foi crescente ao longo da semana do evento. Ainda assim, a média girou em torno de 60 espectadores por sessão, abaixo da meta estipulada pela equipe. A Foto 7 retrata a apresentação do espetáculo "O Monstro", pelo Coletivo Improvisadores Anônimos, na segunda noite do evento.



Foto 7- O Coletivo Improvisadores Anônimos encena "O Monstro"
Imagem: Zeca Carvalho

Mediados por professores e improvisadores, e apresentados ao término

de cada noite de espetáculos, os debates tinham por objetivo discutir a aplicabilidade da improvisação em contextos profissionais, os desafios do gênero e suas propostas pedagógicas. Os títulos dos debates oferecidos ao público foram: "O administrador improvisador"; "Ensino e pesquisa em impro"; "Profissionalização e produção do gênero impro"; "Trabalho, carreira e improvisação"; e "Impro no treinamento e desenvolvimento".

Ao final do último dia do evento, a equipe extensionista concluiu que os espectadores cariocas manifestaram interesse pelo gênero, a despeito do comparecimento mais baixo que o esperado. Também foi possível pôde aferir um grande entusiasmo por parte dos alunos da área de ciências sociais aplicadas por métodos de ensino e trabalho que enfatizam as competências sociais, comportamentais ou relacionais (ZARIFIAN, 2003).

A página do Festival Universitário de Teatro de Improviso no *Facebook* contou com mais de 1700 pessoas inscritas, com alto envolvimento na Internet. As postagens eram comentadas e compartilhadas com grande frequência. Curiosamente, entretanto, os seguidores do Festival Universitário de Impro no *Facebook* pareceram satisfeitos em "curtir" as publicações na Internet, em participar das discussões virtuais e em consumir o conteúdo digital do evento, sem que isso tenha se traduzido em uma massiva presença nas atividades oferecidas, o que provavelmente pode ser creditado a um fenômeno geracional.

Outra dificuldade encontrada pelos organizadores do festival – principalmente os dois professores coordenadores da ação e os estudantes que atuaram como gerentes de área – foi o desequilíbrio no nível de dedicação ao projeto demonstrado pelos alunos extensionistas. Enquanto alguns alunos se dedicaram intensamente ao evento – o gerente de marketing foi dispensado de seu estágio profissional em virtude dos compromissos com o festival –, outros aparentemente passaram um ano simulando seu comprometimento com a ação, sem apresentar um desempenho minimamente satisfatório.

De maneira geral, além de promover o envolvimento dos estudantes com seus cursos, – em decorrência da formação de um legítimo espírito de equipe e da verificação – na prática, de muitos conhecimentos por eles adquiridos em classe, o Festival Universitário de Impro legou aos extensionistas uma grande lição. Inicialmente, planejava-se criar um evento artístico-cultural no qual a improvisação no palco estivesse em foco, mas que aspectos improvisados não ocorressem nos bastidores. A improvisação deveria se fazer presente em cena, mas, fora dela, haveria um trabalho minucioso para garantir a ausência de imprevistos. Essa utopia, logicamente, não se verificou, e os estudantes e os coordenadores foram levados a improvisar em vários momentos, criando-se um notório vínculo entre o palco e a coxia

PARA CONCLUIR

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – re-

gistrado na Constituição de 1988, como balizador de uma universidade socialmente referenciada – parece não vir sendo contemplado a contento. A extensão, em especial, parece ser um pilar particularmente frágil desse tripé (COELHO, 2017). Inúmeros fatores podem ser elencados como justificativas para essa lacuna no desenvolvimento da universidade brasileira, desde problemas de orçamento até ineficiência na aplicação dos recursos destinados às instituições de ensino superior, passando por um evidente esvaziamento da importância do sistema público de educação – o que obviamente se torna um paradoxo em um país marcado por dificuldades tão agudas no que tange ao desenvolvimento socioeconômico. Nesse contexto, o relato de experiência aqui analisado foi motivado pela necessidade de se apresentar como uma ação de extensão universitária desenvolvida no âmbito cultural pode servir para complementar a formação de estudantes em cursos de ciências sociais aplicadas.

Conforme se discutiu previamente, o objetivo deste relatório foi definido com o intuito de apresentar a produção de um festival de teatro como ação de extensão universitária no processo formativo de estudantes de ciências sociais aplicadas. Classificado como pesquisa metodológica quanto aos fins, em consonância com os critérios taxionômicos oferecidos por Vergara (2009), o texto analisou uma ação em extensão executada ao longo do ano de 2017 em coprodução entre duas instituições federais de ensino superior do Rio de Janeiro, para demonstrar, na prática, como os conceitos teóricos aqui debatidos podem ser operacionalizados, enfatizando-se os aspectos de aprendizagem e envolvimento de estudantes de ciências sociais aplicadas em atividade de planejamento, organização e controle relacionadas à produção do evento.

Como sugestões para futuros esforços de investigação, recomenda-se que novas ações de extensão universitárias sejam empreendidas, tomando por base o modelo aqui sugerido, e que os relatórios de pesquisa correspondentes tragam críticas e aperfeiçoamentos para as diretrizes aqui legadas. A partir dessas contribuições, estimula-se a realização de novos festivais de teatro, conduzidos sob outros enfoques que não o teatro de improviso de Keith Johnstone, bem como eventos de música, dança e relacionados às demais artes performativas, tão imprescindíveis ao desenvolvimento humano.

Data de submissão: 05/07/2018

Data de aceite: 20/11/2019

REFERÊNCIAS

ACHATKIN, V. (2010). O teatro-esporte de Keith Johnstone: o ator, a criação e o público. Tese de Doutorado em Artes apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil. Orientação: Prof. Dr. José Eduardo Vendramini.

BRANDÃO, H.; BORGES-ANDRADE, J. (2007). "Causas e efeitos da expressão de competências no trabalho: para entender melhor a noção de competência". *Revista de Administração Mackenzie*, 8 (3), pp. 32-49.

BRASIL. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. (1997). Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BYRNES, W. (2003). *Management and the arts*. Amsterdam: Focal Press.

CARVALHO, J.; FARIA, M. (2014). "O teatro de improviso como proposta pedagógica na formação em ciências sociais aplicadas". *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 3 (3), pp. 79-104.

CESCA, C. (2008). *Organização de eventos: manual para planejamento e execução*. 9. ed. São Paulo: Summus.

CHASSERIO, C.; GOSSE, S. (2007). "O uso de técnicas teatrais para desenvolver o saber relacional nos gestores". In: DAVEL, E.; VERGARA, S.; GHADIRI, D. (Orgs.) *Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem*. São Paulo: Atlas. pp. 163-171.

COELHO, G. (2017). "A extensão universitária e sua inserção curricular". *InterFACES – Revista de Extensão da UFMG*, 5 (2), pp. 5-20.

DALY, A.; GROVE, S.; DORSCH, M.; FISK, R. (2009). "The impact of improvisation training on service employees in an European airline: a case study". *European Journal of Marketing*, 43 (3), pp. 459-472.

FABIANI, J.; ETHIS, E. (2003). O festival e a cidade: o exemplo de Avignon. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 67, pp. 7-30.

FARLEY, N. (2017). "Improvisation as a meta-counseling skill". *Journal of Creativity*

ty in *Mental Health*, 12 (1), pp. 115-128.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. (2011). "Improvisação e aprendizagem nas organizações: um estudo no Brasil e na Alemanha". In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Anais... Rio de Janeiro: Anpad.

FORPROEX. (2012). Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FORPROEX. (2007). Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Extensão Universitária: Organização e Sistematização. Coleção Extensão Universitária. 6 v. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/06-Organizacao-e-Sistematizacao/Organizacao-e-Sistematizacao.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2018.

GETZ, D. (1997). *Event management and event tourism*. New York: Cognizant.

GIACAGLIA, M. (2003). *Organização de eventos: teoria e prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

GODOY, A.; FORTE, D. "Competências adquiridas durante os anos de graduação: um estudo de caso a partir das opiniões de formandos". *Gestão & Regionalidade*, 23 (68), pp. 56-69.

HÉRCULES, T. (2011). *Jogando no quintal: a (re)invenção na relação entre palhaço e impro*. Dissertação de Mestrado em Artes apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Orientação: Prof. Dr. Mário Fernando Bolognesi.

HINES, W. (2016). *How to be the greatest improviser on earth*. New York: Pretty Great Publishing.

JACKSON, P. (1995). "Improvisation in training: freedom within corporate structures". *Journal of European Industrial Training*, 19 (4), pp. 25-28.

JAPIASSU, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.

JOHNSTONE, K. (1993). *Don't be prepared*. Calgary: Loose Moose Theatre.

JOHNSTONE, K. (1990). *Impro – la improvisación y el teatro*. Santiago: Cuatro Vientos.

JUCIUS, M.; SCHLENDER, W. (1972). Introdução à administração. São Paulo: Atlas.

KOUDELA, I. (2004). Jogos teatrais. 5. ed. São Paulo: Perspectiva.

LESAVRE, L. (2012). "Are theatre and business links relevant? A conceptual paper and a case study". *Journal of Management Development*, 31 (3), pp. 243-252.

LITTIKE, D.; SODRÉ, F. (2015). "A arte do improviso: o processo de trabalho dos gestores de um Hospital Universitário Federal". *Ciência & Saúde Coletiva*, 20 (10), pp. 3051-3062.

MARTIN, V. (2015). Manual prático de gestão de eventos: gestão estratégica, patrocínio e sustentabilidade. Rio de Janeiro: Elsevier.

MUNIZ, M. (2015). Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador. Belo Horizonte: Editora UFMG.

PACE, E.; BASSO, L.; SILVA, M. (2003). "Indicadores de desempenho como direcionadores de valor". *Revista de Administração Contemporânea*, 7 (1), pp. 37-65.

PINHO, M. (2007). Festivais de teatro: sua gestão, impactos e financiamento. Dissertação de Mestrado em Finanças apresentada ao Departamento de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Portugal. Orientação: Prof. Dr. Joaquim José Peres Escaleira.

RIBEIRO, A. (2005). Gestão de pessoas. São Paulo: Saraiva.

SANTOS, A. (2008). "Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido". *Revista Brasileira de Educação*, 13 (37), pp. 71-83.

SHONE, A.; PARRY, B. (2004). *Successful event management: a practical handbook*. 2. ed. London: Thomson.

SPOLIN, V. (2015). Improvisação para o teatro. 6. ed. São Paulo: Perspectiva.

SWIBODA, M. (2018). "Improvisation in disruptive times". *Liminalities: A Journal of Performance Studies*, 14 (1), pp. 41-71.

VERGARA, S. (2009). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 10. ed. São Paulo: Atlas.

ZARIFIAN, P. (2003). O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: Editora Senac São Paulo.



Festival Universitario de Teatro de Improviso: Producción Cultural como Acción de Extensión

The improv college festival: cultural production as an extension action

José Luis Felício dos Santos de Carvalho

Doctor en Administración - Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro
Profesor en la Universidad Federal de Rio de Janeiro
zkcarvalho@hotmail.com

Marina Dias de Faria

Doctora en Administración - Universidad Federal de Rio de Janeiro
Profesora en la Universidad Federal de Rio de Janeiro
marinadefaria@gmail.com

RESUMEN

Este informe de experiencia tiene como objetivo presentar la producción de un festival de teatro como acción de extensión universitaria en el proceso formativo de estudiantes de ciencias sociales aplicadas. En el texto se discuten las actividades emprendidas para la ejecución de la acción titulada Festival Universitario de Teatro de Improviso, coproducida por las escuelas de administración de dos instituciones federales de enseñanza superior. El referencial teórico de este informe engloba tanto el género teatral celebrado en dicho evento – y discutido bajo la perspectiva de la competencia profesional –, cuanto el respaldo normativo institucional requerido para festivales de teatro clasificados como acciones de extensión. Los aspectos metodológicos del festival son debatidos, así como sus resultados y, finalmente, en la sección de conclusión, se sugieren directrices para nuevas iniciativas de investigación.

Palabras-clave: Festival de teatro. Producción cultural. Competencia profesional. Teatro de improvisación.

ABSTRACT

The purpose of this experiment report is to present the production of a theater festival as a university extension action in the training process of students of applied social sciences. In the article, the activities undertaken for the execution of the action called The Improv College Festival, coproduced by the business schools of two federal institutions of higher education, are discussed. The theoretical framework of this report encompasses the theatrical genre celebrated at that event – and discussed from the perspective of professional competences – as well as the normative institutional support required for theater festivals classified as extension actions. The methodological aspects of the festival are debated, as well as its results and, finally, in the conclusion section, guidelines for further research are suggested.

Keywords: Theater festival. Cultural production. Professional competences. Improvisation theater.

INTRODUCCIÓN

El objetivo del presente relato de experiencia es presentar la producción de un festival de teatro como una acción de extensión universitaria en el proceso formativo de estudiantes de ciencias sociales aplicadas. La acción titulada Festival Universitario de Teatro de Improvisación – cuya identidad visual está representada en la Imagen 1, que aparece justo debajo – demandó el establecimiento de una colaboración entre dos escuelas de administración instaladas en instituciones federales de enseñanza superior ubicadas en Río de Janeiro, así como la participación de los alumnos de las dos unidades en actividades relacionadas con planificación, a la operacionalización e a la evaluación de la acción, a lo largo de un año lectivo.

Como se verá a continuación, el teatro de improvisación– conocido igualmente como impro – puede ser practicado tanto de forma recreativa como pedagógica, por actores y no actores, así como desde una perspectiva orientada al desarrollo personal y laboral, o incluso centrada en competencias o, finalmente, para ser presentada como un espectáculo (MUNIZ, 2015; SWIBODA, 2018). En el molde de festivales internacionales de impro, el evento discutido aquí involucró presentaciones teatrales y talleres de improvisación, pero debido a que el festival es parte de la universidad, se incorporaron a su agenda los debates mediados por académicos y artistas, con el fin de ampliar las discusiones basadas en una apreciación crítica de los temas relacionados.



Imagen 1 - Identidad visual del Festival Universitario de Improvisación Teatral.
Arte: Larissa Gonçalves y Matheus Costa

El arte teatral tiene una vocación naturalmente libre y democrática, y cada festival de teatro debería invertir en ampliar los puntos de contacto entre el arte y sus diversos públicos, en una propuesta que sea congruente con la de las acciones de extensión universitaria. Vale la pena recordar las palabras del director Jean Vilar, idealizador y primer director artístico del famoso Festival de Teatro de Aviñón, creado en 1947 y actualmente considerado el evento cultural más importante de Francia: "Un arte colectivo como el teatro debe [...] reunir, en las galerías de la comunión dramática, el pequeño comerciante y el alto magistrado, el trabajador y el agente de cambio, el cartero de los pobres y el profesor catedrático" (FABIANI & ETHIS, 2003, p. 8).

La inserción de un festival de teatro de improvisación en el entorno aca-

démico de las ciencias sociales aplicadas se justifica por tres razones principales. Primero, porque la improvisación ha adquirido un papel esencial para el desarrollo de las organizaciones contemporáneas y, por lo tanto, se ha convertido en una competencia fundamental para los administradores. (FLACH & ANTONELLO, 2011). En palabras de Littike y Sodré (2015, p. 3059), "la improvisaci3n en la gesti3n no solo es algo común, sino tambi3n necesario". La capacidad de improvisar desarrollada por los artistas - ilustrado en la foto 1 por una actuaci3n del colectivo Teatro do Nada durante el evento - se puede utilizar en diferentes situaciones, en las que responder a lo inesperado puede constituir una competencia profesional (CARVALHO & FARIA, 2014).



Foto 1 - El coletivo Teatro do Nada se presenta en la última noche del Festival Universitário de Teatro de Improviso.

Foto: Zeca Carvalho

En segunda instancia, la instalaci3n de un festival artístico en un polo de conocimiento relacionado con las ciencias sociales aplicadas puede explicarse por el hecho de que el contacto con el teatro es potencialmente beneficioso para los profesionales en el campo y, principalmente para futuros administradores, ya que la práctica teatral, según Chasserio y Gosse (2007, p. 166), es "incomparable" para llevar a un nuevo nivel el aprendizaje de los estudiantes con formaci3n científica, que generalmente no son estimulados para desarrollar habilidades sociales o relacionales, que serían habilidades "tan importantes como la capacidad de leer un balance anual o calcular los costos de producci3n".

Finalmente, las actividades relacionadas con las funciones de planificaci3n, organizaci3n, direcci3n y control de un evento cultural son funciones aplicables a un profesional de la administraci3n. En apoyo a este argumento, utilizamos el trabajo de Pinho (2007, p. 163), que busc3 verificar la existencia de "similitudes entre los modelos de organizaci3n y administraci3n de empresas y las estructuras de los festivales de teatro", señalando que "ambos reco-

nocen como funciones organizativas: funciones administrativas, financieras, comerciales o de marketing, producción y recursos humanos" y que, además, distingue la gestión estratégica, táctica y operativa, que incluye etapas de pre programación, planificación, implementación y evaluación.

También se debe tener en cuenta que la organización de un festival de teatro por parte de las escuelas de administración también crea una doble relevancia para el público interesado en la acción de extensión universitaria. Además de las personas atraídas por los espectáculos artísticos y otras actividades desde una perspectiva sociocultural, existe una utilidad para estudiantes y profesionales que pueden sacar provecho de las actividades ofrecidas desde una perspectiva pedagógica, más específicamente, bajo la mirada de la educación para el trabajo y el desarrollo personal. En el Festival Universitario de Impro, estos temas se abordaron durante los debates que tuvieron lugar después de las presentaciones de los grupos de teatro, como se muestra en las fotos 2 y 3.



Fotos 2 e 3 - Debates con profesores, alumnos e improvisadores.

Fotos: Zeca Carvalho

MARCO TEÓRICO DE REFERENCIA

El teatro de improvisación de Keith Johnstone desde la perspectiva de la competencia

En las artes escénicas, las improvisaciones tradicionales a menudo se ven como un medio para un fin relacionado con un trabajo más grande. Antes de escenificar un espectáculo teatral escrito por un dramaturgo, por ejemplo, el director invita a los actores a probar sus roles en ejercicios improvisados basados en el texto. Por otro lado, en la perspectiva de Keith Johnstone (1990; 1993) – profesor emérito de la Universidad de Calgary, reconocido internacionalmente por su trabajo que, desde la década de 1950, ha influido en actores y grupos

¹ Profesor emérito de la Universidad de Calgary, reconocido internacionalmente por su trabajo que, desde la década de 1950, ha influido en actores y colectivos creativos de todo el mundo (FARLEY, 2017; ACHATKIN, 2010).

de creaciones teatrales por todo el mundo. (FARLEY, 2017; ACHATKIN, 2010) – cada escena improvisada puede verse como un proceso y resultado. La escena no necesita ser perfeccionada con los ensayos hasta el espectáculo, ya que es, simultáneamente, ensayo y espectáculo (HINES, 2016). Esta es la propuesta del teatro de improvisación de Keith Johnstone, un concepto también conocido simplemente como impro o improv, en los países anglosajones.

En una improvisación tradicional, se permite un tiempo mínimo para la combinación de la escena entre los actores, quienes pueden discutir los personajes, cómo comenzará la historia, cuál será el curso de los eventos, qué conflictos se estallarán y cómo terminará la historia (SPOLIN 1982). Cuando la improvisación involucra una obra dramática ya existente, la estructura está dada por la obra misma: pocos minutos son suficientes para establecer combinaciones entre los participantes, de modo que la improvisación en sí misma se restringe a cómo escenificar una historia cuyos elementos dramáticos son conocidos. En la concepción de impro, por el contrario, no se puede hacer un plan para desarrollar la escena porque, por lo tanto, toda la frescura de la creación, lo imprevisto y el juego establecido con los socios y la audiencia se destruye de inmediato (HÉRCULES, 2011). Así, el tiempo de combinación anterior entre los actores es suprimido: cuando comienza el juego, los participantes no se comunican, pero deben ingresar a la escena y empezar a actuar.

A partir de esta modificación en relación con la improvisación tradicional, Keith Johnstone desarrolló estrategias de entrenamiento para permitir, durante el proceso de creación teatral, el actor puede trabajar con sus primeras ideas, y con las primeras ideas de sus compañeros de escena, para la creación de escenas y narraciones originadas por una acción espontánea (ACHATKIN, 2010). Para Johnstone (1990), la importancia de rescatar la espontaneidad está relacionada con el hecho de que los sistemas educativos empujan la creatividad porque alienta a los estudiantes a no ser imaginativos. Por lo tanto, el improvisador entrenado en el método Johnstone tiene que empezar una escena al instante y necesita resolverla sin combinar nada con sus compañeros de escena, sea cual sea la duración de la historia. Las dificultades inherentes al proceso creativo se elevan a un nuevo nivel con la impro, lo que permite al participante ejercer habilidades en situaciones de extrema dificultad, en las que, paradójicamente, su éxito depende de que su creatividad sea libre de fluir espontáneamente.

Sin ninguna combinación entre los actores que construirán la escena, es habitual que las improvisaciones empiecen sin que nadie haya establecido un personaje o tenga una idea de lo que hará en el escenario, lo cual es un gran desafío, ya que todos los actores asumen los roles de dramaturgos, directores, escenógrafos y coreógrafos, para que la historia surja a medida que la acción se desarrolla en un esfuerzo colectivo (ACHATKIN, 2010). En el método de Johnstone (1990), la habilidad más importante de un improvisador es trabajar en la aceptación y la cooperación para liberar la imaginación de su compañero de escena. Dos grupos de impro reconocidos por trabajar duro con la colaboración de sus participantes están en la Foto 4, sacada en el primer día del festival.



Foto 4 - Los Pollos Makumba compiten con Armacena por un juego de teatro deportivo en la primera noche del Festival Universitario de Impro.

Foto: Isadora Lima

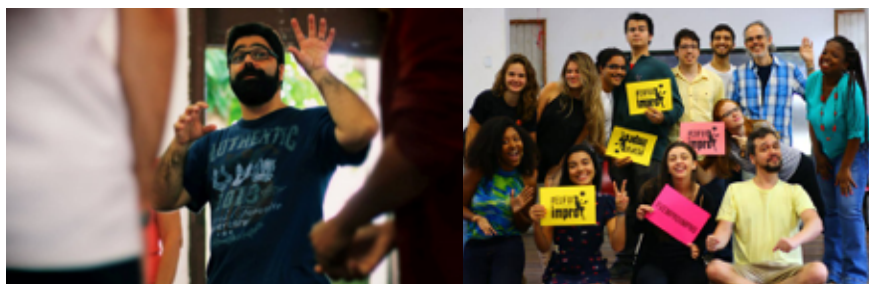
Keith Johnstone propone un cambio de actitud ante los desafíos, en particular, la adquisición de una competencia utilizable en diversos contextos sociales y profesionales. No por casualidad, los beneficios obtenidos por una persona que es actor o no actor de la práctica del teatro de improvisación, que idealmente culmina en la liberación gradual de sus lazos en la relación con el mundo y en la interacción con el otro, son esenciales para mejorar sus habilidades relacionales, sociales, conductuales o interpersonales, en el escenario o fuera de él.

Con respecto a los no actores, Lesavre (2012) cree que se pueden esperar dos beneficios al usar juegos teatrales para crear y / o aumentar las habilidades profesionales: (1) desarrollar habilidades relacionadas con la comunicación verbal y no verbal, a las actividades de interacción y la necesidad de hablar en público; y (2) Desarrollar actitudes relacionadas con el uso de la imaginación y de la creatividad. Bajo dicho marco, las competencias se ven como "combinaciones sinérgicas de conocimiento, habilidades y actitudes, expresadas por el desempeño profesional dentro de un contexto dado" (BRANDÃO & BORGES-ANDRADE, 2007, p. 36). La competencia conductual vista por Godoy y Forte (2007) – correspondiente a las competencias relacionales de Zarifian (2003) – involucra la capacidad de interactuar con el otro de acuerdo con nuevas situaciones o presiones en el trabajo.

Para Jackson (1995), desde la perspectiva del desarrollo de habilidades profesionales, los juegos de improvisación teatral son efectivos para estimular la creatividad a través del ejercicio de la imaginación, para proporcionar nuevas

interpretaciones del entorno y las circunstancias del desempeño del individuo, para aumentar la confianza en sí mismo en las interacciones, para promover la adaptabilidad a situaciones cambiantes y para aumentar la cohesión grupal y el sentido de equipo. En este contexto, Daly et al. (2009) evalúan que las nuevas habilidades nacidas de la improvisación mejoran la confianza de los estudiantes, su capacidad de adaptación, su espontaneidad y su comodidad frente a lo inusual.

Finalmente, debe tenerse en cuenta que la gran mayoría de los juegos teatrales utilizados en entornos de enseñanza y aprendizaje se basan en técnicas fundamentadas en la improvisación para lograr los resultados deseados. En este contexto, Koudela (2004) presenta cinco beneficios del desarrollo personal y profesional proporcionado por la improvisación teatral: (1) experiencia en pensar de forma creativa e independiente; (2) práctica de cooperación; (3) desarrollo de la sensibilidad a las relaciones personales; (4) liberación emocional controlada; y (5) flexibilidad para expresar ideas. Algunas de estas cuestiones fueron ejercitadas durante las etapas de improvisación ofrecidas durante el Festival Universitario de Teatro de Improviso, como se muestra en las fotos 5 y 6.



Fotos 5 e 6 - Talleres de improvisación impartidos por Pedro Figueiredo (izquierda) y Bruno Ribeiro (sentado a la derecha).

Fotos: Zeca Carvalho.

Acciones de extensión y apoyo normativo institucional para festivales de teatro

La Política de Extensión de la Universidad Nacional consideró "las actividades dirigidas al desarrollo, la producción y la preservación cultural y artística como relevantes para la afirmación del carácter nacional y sus manifestaciones regionales". (FORPROEX, 2012, p. 6), fomentando la "difusión del conocimiento y la cultura a través de diversos eventos y la divulgación de productos artísticos" (Ibid., p. 9). La caracterización de una acción de extensión como festival de teatro se configura a partir de una interfaz entre producción artística y desarrollo profesional, con apoyo pedagógico y científico.

Según el Párrafo III del Artículo 53 de la Ley 9.394 (BRASIL, 1996), se garantiza a las universidades la asignación de establecer proyectos de "producción artística y actividades de extensión". Se agrega a esta atribución las "pautas

que deberían guiar la formulación e implementación de acciones de extensión universitaria, acordadas en FORPROEX (2012, p. 16), de manera amplia y abierta "; todo lo cual se incluye en la acción discutida aquí: interacción dialógica con la sociedad; interdisciplinariedad e interprofesionalidad; inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión; impacto en la educación del estudiante; impacto y transformación social.

La propuesta de una extensión universitaria que presupone la producción de un festival de teatro por parte de estudiantes de ciencias sociales aplicadas está en acuerdo con la directriz interdisciplinaria, debido a la alta intensidad de integración de las disciplinas dentro del mismo proyecto, además de guiarse por la recuperación de la unidad humana a través del

paso de una subjetividad a la intersubjetividad, rescatando la primera idea de cultura, asociada con la formación del hombre total (JAPIASSU, 1976). La acción de extensión se refiere a la teoría pedagógica de la complejidad y la transdisciplinariedad (SANTOS, 2008), basándose en los temas transversales recomendados en los Parámetros Curriculares Nacionales (PCN).

No es coincidencia que la improvisación teatral se mencione con frecuencia en los PCN (BRASIL, 1997, p. 59). Primero, cuando el documento menciona el teatro como expresión y comunicación, se hace referencia a "participación y desarrollo en juegos de atención, observación, improvisación" y luego menciona "experimentación en improvisación basada en el establecimiento de reglas para juegos", así como "experimentación en improvisación basada en varios estímulos (temas, textos dramáticos, poéticos, periodísticos, etc., objetos, máscaras, situaciones físicas, imágenes y sonidos)". Segundo, cuando se considera el teatro como una producción colectiva, el documento agrega "reconocimiento e integración con colegas en la elaboración de escenas y en la improvisación teatral". (Ibid., p. 59).

Aquí también se enfatiza la interprofesionalidad, dado que la acción de extensión bajo examen surge de una inquietud de los autores con respecto al desarrollo de habilidades personales y profesionales en estudiantes de ciencias sociales aplicadas, así como en los profesionales involucrados en actividades laborales relacionadas con el universo de la administración por medio de instrumentos específicos de las artes escénicas. Se cree, específicamente, que el ejercicio de la improvisación teatral constituye un recurso eficaz para promover el surgimiento y la mejora de dichas habilidades sociales, conductuales o relacionales (ZARIFIAN, 2003) en estudiantes y profesionales (CARVALHO & FARIA, 2014). Esta conjunción entre el teatro y las ciencias sociales también satisface la demanda de FORPROEX (2012, p. 16) de inversiones en acciones de extensión que privilegien la "interacción de modelos, conceptos y metodologías de diversas disciplinas y áreas de conocimiento".

Finalmente, la inserción de un festival de teatro como una acción de extensión dirigida por una escuela de administración, y no por una escuela de artes escénicas, se justifica, sobre todo, por el hecho de que acciones de esta naturaleza deben llevarse a cabo a través de actividades relacionadas con la planificación, organización, dirección y control. (CESCA, 2008; GIACAGLIA,

2003), las cuales constituyen, precisamente, las funciones de un administrador (JUCIUS & SCHLENDER, 1972). Además, la participación en la acción logra un doble beneficio para los extensionistas: tanto por contacto con el contenido de la acción. – que incluye el teatro de improvisación y sus posibilidades artísticas, pedagógicas y profesionales –

En consonancia con las reglas FORPROEX (2007, p. 38), la extensión que se analiza aquí puede clasificarse como un "evento", definido como una "acción que implica la presentación y / o exhibición pública, gratuita o con clientela específica, del conocimiento o producto cultural, artístico, deportivo, científico y tecnológico desarrollado, preservado o reconocido por la Universidad". Entre los tipos de eventos evaluados por FORPROEX (id., P. 39), dicha acción podría caracterizarse como un "festival", definido como una "serie de acciones/eventos o espectáculos artísticos, culturales o deportivos, llevados a cabo simultáneamente". De acuerdo con la tipología propuesta por Getz (1997), un evento así categorizado puede caracterizarse como un festival artístico, que corresponde a un momento de celebración que incluye tanto intervenciones interpretativas, en las cuales los artistas actúan ante una audiencia, como acciones participativas, en las cuales el participante se convierte en un elemento activo, participando en clases, talleres y presentaciones.

METODOLOGÍA DE ACCIÓN

Panorama metodológico y pasos de trabajo

Los protocolos metodológicos seguidos para la acción de extensión que se informa aquí se basan en el trabajo de Pinho (2007) sobre la gestión de festivales de teatro, investigación basada principalmente en los trabajos de Byrnes (2003) y Shone and Parry (2004). Sin embargo, algunas adaptaciones fueron necesarias debido a que Pinho (op. cit.) confiaba demasiado en la función financiera como apoyo para un evento artístico, una opción que no se adoptó en este proyecto. El festival presentado aquí no requirió contribuciones financieras para su viabilidad, como corresponde a un evento de esta naturaleza para ser implementado en instituciones públicas de educación superior. Por lo tanto, fueron utilizados Cesca (2008) y Giacaglia (2003) para complementar los métodos recomendados en los textos referenciados anteriormente.

De forma amplia, la gestión de los festivales de teatro comprende cuatro períodos secuenciales, durante los cuales se distinguen las funciones administrativas de un nivel estratégico, táctico y operativo. El alcance estratégico es el más amplio de los tres, dirigido a largo plazo y abarca toda la estructura socio-técnica necesaria para el festival, y abarca también el diseño de los objetivos y metas relacionadas con el evento. A través del nivel táctico, la intermediación se realiza entre los niveles estratégico y operativo, a través de la interpretación de las decisiones estratégicas y su transformación en planes y, posteriormen-

te, en acciones concretas dentro de cada unidad operativa relacionada con el evento. El alcance operativo tiene un alcance más discreto, relacionado con el área técnica de ejecución de un plan de acción, que involucra cada actividad de manera aislada, relacionada con el logro de objetivos específicos.

Con respecto a los cuatro períodos distintos considerados para un festival de teatro, los autores enumeran: (1) período de planificación previa; (2) período de planificación, también denominado programación; (3) período de implementación; y (4) período de control, también llamado período de evaluación.

El período de preprogramación es una fase que precede a la planificación y organización del evento, que comienza al menos seis meses a un año antes de la implementación del festival. En esta fase, el equipo del evento debe reunirse regularmente para establecer algunos aspectos a tener en cuenta para el evento. El Festival Universitario Impro tuvo su fase de preprogramación inaugurada en enero de 2017, once meses antes del evento, que se presentó al público en noviembre del mismo año.

Al final de la fase de preprogramación del festival, y después de definir las pautas generales del evento que se implementará, entra en la fase de programación del evento. El período de programación se puede identificar con el proceso de planificación del festival, es decir, con la fase en la que el equipo de gestión a cargo de organizar el evento lo analiza para

identificar posibles caminos de acción, para seleccionar las alternativas más apropiadas que implica su implementación, determinando grupos de trabajo, tareas a realizar y los plazos para su cumplimiento. En esta etapa, una de las actividades más importantes consiste en planificar las estrategias para publicar el festival al público.

La fase de programación del Festival Universitario de Improvisación Teatral se estableció en marzo de 2017 y duró hasta julio, un período durante el cual se tomaron decisiones y se establecieron algunas de las acciones más importantes para el evento. Primero, hubo una lista de actividades a desarrollar y presentar durante la semana del festival: cinco días de evento, con 12 talleres de improvisación abiertos al público (al menos dos al día, en horarios diferentes), siete espectáculos con grupos de impro (los martes y jueves se realizaron dos espectáculos por noche) y cinco debates (uno por día). Segundo, se decidió confiar en la red social Facebook y el canal de Internet YouTube como los principales medios de difusión. Tercero, comenzó la producción de docenas de videos y materiales gráficos para ser publicados en dichos vehículos. Cuarto, se llevó a cabo una de las tareas más problemáticas – encontrar espacios físicos para acomodar un programa tan extenso – obteniendo, al final, un escenario dentro del entorno universitario para espectáculos y debates, así como aulas, y un escenario universitario para los talleres.

Luego vino el período de implementación del evento, que comprende el tiempo que se extiende desde la fecha en que se abre o lanza el festival de teatro – momento que generalmente ocurre semanas o meses antes de su fecha inicial de realización – y la fase en la que tiene lugar el evento. Dos responsabilidades principales deben ser consideradas en esta etapa: por un

lado, la organización y preparación del evento, a través de la sistematización y el desarrollo de las acciones previamente previstas, y uno u otro aspecto que necesita ser redefinido puede ser revisado; por otro lado, es necesario poner en práctica los planes previamente definidos, así como verificar si se cumplen las operaciones planificadas o si, por el contrario, se producen desviaciones que son objeto de medidas correctivas. En la fase de implementación de un festival teatral, en el ámbito del marketing, entran las acciones de difusión del evento y, en el ámbito de los recursos humanos, se atiende a la integración de las personas que componen el equipo, enfatizando las prácticas que generan un buen clima organizacional y la delegación de tareas, con el fin de contribuir a una mejor motivación de los involucrados.

En el Festival Universitario de Teatro de Improviso, la fase de implementación comenzó en agosto de 2017 y se extendió hasta la semana del evento, que tuvo lugar entre el 6 y el 10 de noviembre. Durante este período, el equipo se enfrentó a los problemas más complejos – entre los cuales, un ataque a la página de Facebook del festival por parte de estudiantes que no estaban de acuerdo con algunas posiciones tomadas por la administración del evento – pero llegó al final del proceso con resultados exitosos, como se muestra a continuación.

Finalmente, los autores a los que se hace referencia discuten la etapa de cierre y control del evento, también llamado período de evaluación, que se caracteriza por la recopilación de datos capaces de alimentar los indicadores que permiten evaluar si se han logrado los resultados esperados. Con respecto al control de un festival de teatro, los autores consultados recomiendan que la evaluación final incluya las respuestas y opiniones de los diversos interesados en todo el proceso: público, equipos de trabajo, voluntarios, financieros, proveedores y la prensa. Con respecto al Festival Universitario de Teatro de Improviso, que tenía una estructura más modesta, consistente con una acción de extensión, no un festival teatral profesional con fines de lucro, el control del evento se midió a través de evaluaciones realizadas en la página de Facebook de evento y cuestionarios aplicados al público durante las actividades realizadas.

Aún con respecto a la metodología, los autores mencionados discuten la necesidad de establecer una estructura organizativa descentralizada en divisiones que abarquen algunas funciones elementales y esenciales para la realización de un festival de teatro. Pinho (2007) enumera los siguientes organismos como divisiones básicas: (1) gestión financiera y presupuestaria; (2) gestión de logística y espacio; (3) gestión comercial y de marketing; (4) gestión de recursos humanos; y (5) gestión de la producción cultural. Shone y Parry (2004), a su vez, defienden que la estructura organizativa debe integrar cinco funciones fundamentales: (1) apoyo y recepción para los visitantes; (2) servicios para apoyar la implementación del festival; (3) marketing; (4) finanzas; y (5) la función administrativa, que debe posicionarse en la parte superior, configurándose como el área administrativa responsable no solo de la coordinación de los demás, sino también de los asuntos relacionados con la contratación y asignación de actividades a recursos humanos, relaciones públicas evento y recaudación de

fuentes de financiación. Para los autores, todas las funciones organizativas se pueden dividir en otras, dependiendo de la naturaleza y el tamaño del evento.

Es importante señalar que las estructuras administrativas proclamadas aquí tienen "un sistema de organización ad hoc, donde todos los participantes tienen la oportunidad de participar en la definición de objetivos", y en el que "se permite que la comunicación circule en las direcciones vertical ascendente y descendente, horizontal y diagonal", valorando la agilidad y la eficacia de los procesos de toma de decisiones (PINHO, 2007, p. 27). En el Festival Universitario de Teatro de Improvisación, fueron necesarias algunas adaptaciones a esta estructura, como se muestra en la siguiente subsección de este informe.

Equipo de ejecución: la inclusión de estudiantes de extensión en acción

Según Shone y Parry (2004), a nivel estratégico o institucional, el equipo directivo de un festival de teatro debe estructurarse a partir de cinco puestos ejecutivos principales, correspondientes al nivel del director, siendo el director artístico – quien también puede ser considerado director administrativo – jerárquicamente superior a los demás. Los otros cuatro directorios son similares a las funciones de finanzas, recursos humanos, marketing y producción/logística, siendo este último responsable de las tareas inherentes a las funciones de soporte y recepción para visitantes, y servicios para apoyar la implementación del festival.

Para el evento presentado en este proyecto, algunas modificaciones fueron necesarias en la estructura recomendada por la literatura. En primer lugar, al cargo de director artístico del festival – que aquí fue ejercido por uno de los coordinadores de la acción de extensión, mientras que el otro profesor coordinador asumió el cargo de director administrativo – siguieron cinco gestiones, en lugar de cuatro directorios, cada una ejercida por un estudiante de negocios. Además, algunas gestiones previamente indicadas se adaptaron en función de las peculiaridades del festival. Así fue con la función financiera, que aquí perdió parte de su alcance, para ser superpuesta por una gestión de recursos no financieros, a cargo de obtener y gestionar los recursos materiales esenciales para el evento. Esta gestión se diferenciaba de la

función de recursos humanos en que involucraba solo recursos no humanos, aunque se constituyó una gestión de personas para la administración de los individuos incluidos en la estructura del festival, de acuerdo con la idea de que las personas no son meros recursos disponibles para la organización (RIBEIRO, 2005). La gestión de marketing también funcionaba como gestión de la tecnología de la información (TI), de conformidad con las consideraciones de Martín (2015), para quien los eventos de bajo costo no pueden renunciar a una fuerte presencia en Internet, particularmente con respecto al uso intensivo de redes sociales.



Imagem 2 - Fotograma del video promocional del Festival Universitario de Improviso con Mateus Solano.

Imagem: Zeca Carvalho

En este contexto, dos gestiones se destacaron en términos de relevancia para el desarrollo del festival: gestión de marketing y gestión de producción. A cargo de promover el festival desde el período de programación, la gerencia de marketing fue responsable de las tareas de publicidad, atracción de participantes y comunicación con el público, entre otras actividades dirigidas a los clientes del evento. El marketing digital fue fundamental para el evento en todas sus fases. Los videos realizados por el equipo – teniendo como ejemplo una película en la que el actor Mateus Solano se dirigió al espectador, invitando directamente al público al evento, como se muestra en la Imagen 2 – obtuvieron un alto grado de participación. La gestión de marketing – compuesta por cinco estudiantes, además del estudiante nombrado gerente – también dependía de las tareas relacionadas con la programación visual del festival, la generación de contenido para varios medios y las relaciones públicas.

En integración con la gestión de marketing, la gestión de producción debe gobernar la etapa de implementación de un festival de teatro, según Pinho (2007). La función de producción/operaciones comprende todas las tareas de supervisión y ejecución reunidas en el programa del festival. Para el autor, los responsables de esta función tienen las tareas principales: ayudar al director artístico a definir el programa e invitar a artistas, oradores, panelistas, maestros y otros participantes; gestionar la logística de los espacios (escenarios, backstage, salas de debate, salas de talleres); cuidar instalaciones técnicas, como luz, sonido, espacios de actuación y alojamiento para el público; implementar y controlar las regulaciones del evento; y organizar el proceso de registro y certificación para los participantes. En el Festival Universitario de Teatro de Improviso, la gestión de producción se dividió entre dos estudiantes, cada estudiante de

una de las dos universidades federales que coprodujeron el evento. Juntos, los dos equipos de producción tenían cinco estudiantes.

Volviendo a la literatura, corresponde a la gerencia de personas organizar, implementar y ejecutar todas las condiciones que permitan la agregación, integración, desarrollo y monitoreo de todas las personas que conforman los equipos necesarios para el festival. Los responsables de esta función, que debe proporcionar apoyo táctico a todas las demás administraciones, son responsables de analizar y describir posiciones, calificar a sus ocupantes, reunir equipos de trabajo, integrar personas, evaluar potenciales individuales, así como evaluar el desempeño de las personas y grupos, siempre en integración con los gerentes de las otras áreas. En el festival discutido aquí, la gerencia de personas tenía cuatro estudiantes, contando al estudiante seleccionado como gerente, quien, a pesar de su corta edad, había acumulado buenas experiencias de profesionales en el área.

Finalmente, desde la perspectiva de Pinho (2007, p. 29), la persona responsable de la función financiera en un festival de teatro "ocupa la segunda posición más importante en la estructura organizativa", ya que esta gerencia debe centrar su atención "en cuestiones relacionadas con pagos y recibos (...), desarrollando estrategias de inversión y financiación". Sin embargo, como se discutió anteriormente, el festival examinado aquí correspondía a una acción de extensión universitaria que no dependía de ninguna fuente de recursos financieros. Por lo tanto, aunque no tenía sentido establecer una gestión financiera para el evento, se decidió estructurar una gestión de recursos (no humanos y no financieros), de modo que pudiera incorporar algunos recursos materiales que el festival necesitaría, a través de su negociación con los agentes institucionales y/u organizacionales involucrados, por ejemplo.

De acuerdo con la literatura, en caso de atraer algún tipo de apoyo (no financiero) para el festival, la gestión de recursos debe ser responsable de la tarea. Junto con la gestión de marketing, la gestión de recursos también es responsable de definir las contrapartes que se proporcionarán a cambio de dicho apoyo, como patrocinios. Formado por tres estudiantes, la administración de recursos – dirigida por una estudiante que le dio un ritmo vigoroso a su equipo – obtuvo varios patrocinios para el festival: camisetas con el logotipo del festival para todos los extensionistas; material de programación visual (carteles, banners, volantes); 500 botellas de agua mineral; 200 cajas de jugo de naranja; coffee break en uno de los días del evento; 80 latas de bebida energética; pastel de confitería para la fiesta de inauguración del festival, que tuvo lugar el viernes anterior al evento; botellas de cerveza que fueron sorteadas para la audiencia; 300 galletas de chocolate; y varios obsequios para distribuir a los participantes, miembros de grupos improvisados y espectadores.

RESULTADOS

Al final de dos semestres académicos de intenso trabajo, el Festival Universitario de Teatro de Improvisación se presentó durante toda la semana del 6 al 10 de noviembre de 2017. Durante las tardes, ocurrieron 12 talleres, realizados por artistas, directores de escena y maestros de improvisación para un promedio de 15 estudiantes por clase. Entre los talleres impartidos en el evento, se ofrecieron los títulos "Improvisación para principiantes",

"Improvisación para no actores", "La voz en impro", "Impro para jóvenes y adolescentes", "Improvisación para ancianos", "El cuerpo", "Improvisado", "Viaje al mundo en 180 minutos" e "Improvisación por el método de Keith Johnstone", entre otras posibilidades gratuitas y abiertas al público, en los niveles básico, intermedio y avanzado.

Durante las noches, los espectáculos y las mesas redondas estaban abiertas al público. Cada día, uno o dos espectáculos diferentes fueron presentados por grupos de improvisación de Río de Janeiro. Los títulos de los espectáculos fueron los siguientes: "Um espetáculo de teatro-esporte" (grupos Armacena e Frangos de Makumba); "O Monstro" (Coletivo Improvisadores Anônimos); "Casa e Jardim" (Coletivo Ordinário); "Noite Cachorra" (Cachorrada Impro Clube); "Puppet Fiction" (Baby Pedra e o Alicate); "Impropose" (grupo Imprudentes); e "Rio de Histórias" (Teatro do Nada). La audiencia para los espectáculos creció durante la semana del evento. Aún así, el promedio fue de alrededor de 60 espectadores por sesión, por debajo del objetivo establecido por el equipo. La foto 7 muestra la presentación del espectáculo "O Monstro", del Coletivo Improvisadores Anônimos, en la segunda noche del evento.



Foto 7- El Coletivo Improvisadores Anônimos en "O Monstro".

Imagem: Zeca Carvalho

Mediados por profesores e improvisadores, y presentados al final de cada noche de actuaciones, los debates tenían como objetivo debatir la aplicabilidad de la improvisación en contextos profesionales, los desafíos del género y sus propuestas pedagógicas. Los títulos de los debates ofrecidos al público fueron: "El administrador improvisador"; "Enseñanza e investigación en impro"; "Profesionalización y producción del género impro"; "Trabajo, carrera e improvisación"; y "Impro en la formación y el desarrollo".

Al final del último día del evento, el equipo de extensión concluyó que los espectadores de Río de Janeiro expresaron interés en el género, a pesar de la asistencia menor a la esperada. También fue posible medir el gran entusiasmo de los estudiantes en el campo de las ciencias sociales aplicadas por los métodos de enseñanza y trabajo que enfatizan las habilidades sociales, conductuales o relacionales (ZARIFIAN, 2003).

La página de Facebook del Festival Universitário de Teatro de Improviso tenía más de 1700 personas registradas, con una alta participación en Internet. Las publicaciones fueron comentadas y compartidas con gran frecuencia. Curiosamente, sin embargo, los seguidores del Festival Universitario de Impro en Facebook parecían satisfechos en "dar like" las publicaciones en Internet, participar en las discusiones virtuales y consumir el contenido digital del evento, sin que esto se haya traducido en una presencia masiva en las actividades ofrecidas, que probablemente puede atribuirse a un fenómeno generacional.

Otra dificultad encontrada por los organizadores del festival – principalmente los dos maestros que coordinaron la acción y los estudiantes que actuaron como gerentes de área – fue el desequilibrio en el nivel de dedicación de los estudiantes de extensión al proyecto. Mientras que algunos estudiantes se entregaron profundamente al evento – el gerente de marketing fue liberado de su pasantía profesional debido a ausencias del trabajo debido a compromisos con el festival – otros aparentemente pasaron un año simulando su compromiso con la acción, sin presentar un rendimiento mínimamente satisfactorio.

En general, además de aumentar la participación de los estudiantes en sus cursos, debido a la formación de un verdadero espíritu de equipo y la verificación, en la práctica, de muchos conocimientos adquiridos por ellos en clase, el Festival Universitario de Impro llevó a los extensionistas un gran lección. Inicialmente, se planeó crear un evento artístico-cultural centrado en la improvisación en el escenario, pero que carecía de aspectos improvisados detrás de escena, a través de un cuidado extremo con las funciones administrativas de planificación y control. La improvisación debería estar presente en la escena, pero fuera de ella habría un trabajo minucioso para garantizar la ausencia de eventos imprevistos. Esta utopía lógicamente no era posible de ser lograda, y los estudiantes y coordinadores fueron llevados a improvisar en varias ocasiones, creando un vínculo notable entre el escenario y el pasillo.

PARA CONCLUIR

El principio de inseparabilidad entre la enseñanza, la investigación y la extensión – registrado en la Constitución de 1988, como marcador de una universidad socialmente referenciada – parece no haberse contemplado satisfactoriamente. La extensión, en particular, parece ser un pilar particularmente frágil de este trípode (COELHO, 2017). Numerosos factores pueden enumerarse como justificaciones para esta brecha en el desarrollo de la universidad brasileña, desde problemas presupuestarios hasta ineficiencias en la aplicación de recursos destinados a instituciones de educación superior, pasando por un vaciado evidente de la importancia del sistema de educación pública – lo que obviamente se convierte en una paradoja en un país marcado por dificultades tan agudas en términos de desarrollo socioeconómico. En este contexto, el informe de experiencia analizado aquí fue motivado por la necesidad de presentarse como una acción de extensión universitaria desarrollada en el ámbito cultural que puede servir para complementar la formación de estudiantes en cursos de ciencias sociales aplicadas.

Como se discutió anteriormente, el objetivo de este informe se definió como presentar la producción de un festival de teatro como una acción de extensión universitaria en el proceso de capacitación de estudiantes de ciencias sociales aplicadas. Clasificado como

investigación metodológica en cuanto a los fines, de acuerdo con los criterios taxonómicos ofrecidos por Vergara (2009), el texto analizó una acción de extensión llevada a cabo a lo largo de 2017 en coproducción entre dos instituciones federales de educación superior en Río de Janeiro, para demostrar en la práctica cómo los conceptos teóricos discutidos aquí pueden operacionalizarse, enfatizando los aspectos del aprendizaje y la participación de los estudiantes de ciencias sociales aplicados en las actividades de planificación, organización y control relacionadas con la producción del evento.

Como sugerencias para futuros esfuerzos de investigación, se recomienda que se realicen nuevas acciones de extensión universitaria basadas en el modelo sugerido aquí, y que los informes de investigación correspondientes traigan críticas y mejoras a las pautas heredadas en este informe. Sobre la base de estas contribuciones, se estimulan nuevos festivales de teatro, realizados bajo otros enfoques que el teatro de improvisación de Keith Johnstone, así como eventos de música, danza y relacionados con las otras artes escénicas, tan esenciales para el desarrollo humano.

Fecha de envío: 05/07/2018

Data de aprobación: 20/11/2019

REFERENCIAS

ACHATKIN, V. (2010). O teatro-esporte de Keith Johnstone: o ator, a criação e o público. Tese de Doutorado em Artes apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil. Orientação: Prof. Dr. José Eduardo Vendramini.

BRANDÃO, H.; BORGES-ANDRADE, J. (2007). "Causas e efeitos da expressão de competências no trabalho: para entender melhor a noção de competência". Revista de Administração Mackenzie, 8 (3), pp. 32-49.

BRASIL. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. (1997). Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BYRNES, W. (2003). Management and the arts. Amsterdam: Focal Press.

CARVALHO, J.; FARIA, M. (2014). "O teatro de improviso como proposta pedagógica na formação em ciências sociais aplicadas". Revista Interdisciplinar de Gestão Social, 3 (3), pp. 79-104.

CESCA, C. (2008). Organização de eventos: manual para planejamento e execução. 9. ed. São Paulo: Summus.

CHASSERIO, C.; GOSSE, S. (2007). "O uso de técnicas teatrais para desenvolver o saber relacional nos gestores". In: DAVEL, E.; VERGARA, S.; GHADIRI, D. (Orgs.) Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem. São Paulo: Atlas, pp. 163-171.

COELHO, G. (2017). "A extensão universitária e sua inserção curricular". InterFaces – Revista de Extensão da UFMG, 5 (2), pp. 5-20.

DALY, A.; GROVE, S.; DORSCH, M.; FISK, R. (2009). "The impact of improvisation training on service employees in an European airline: a case study". European Journal of Marketing, 43 (3), pp. 459-472.

FABIANI, J.; ETHIS, E. (2003). O festival e a cidade: o exemplo de Avignon. Revista Crítica de Ciências Sociais, 67, pp. 7-30.

FARLEY, N. (2017). "Improvisation as a meta-counseling skill". Journal of Creativi-

ty in Mental Health, 12 (1), pp. 115-128.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. (2011). "Improvisação e aprendizagem nas organizações: um estudo no Brasil e na Alemanha". In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Anais... Rio de Janeiro: Anpad.

FORPROEX. (2012). Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FORPROEX. (2007). Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Extensão Universitária: Organização e Sistematização. Coleção Extensão Universitária. 6 v. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/06-Organizacao-e-Sistematizacao/Organizacao-e-Sistematizacao.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2018.

GETZ, D. (1997). Event management and event tourism. New York: Cognizant.

GIACAGLIA, M. (2003). Organização de eventos: teoria e prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

GODOY, A.; FORTE, D. "Competências adquiridas durante os anos de graduação: um estudo de caso a partir das opiniões de formandos". Gestão & Regionalidade, 23 (68), pp. 56-69.

HÉRCULES, T. (2011). Jogando no quintal: a (re)invenção na relação entre palhaço e impro. Dissertação de Mestrado em Artes apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Orientação: Prof. Dr. Mário Fernando Bolognesi.

HINES, W. (2016). How to be the greatest improviser on earth. New York: Pretty Great Publishing.

JACKSON, P. (1995). "Improvisation in training: freedom within corporate structures". Journal of European Industrial Training, 19 (4), pp. 25-28.

JAPIASSU, H. (1976). Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago.

JOHNSTONE, K. (1993). Don't be prepared. Calgary: Loose Moose Theatre.

JOHNSTONE, K. (1990). Impro – la improvisación y el teatro. Santiago: Cuatro Vientos.

JUCIUS, M.; SCHLENDER, W. (1972). *Introdução à administração*. São Paulo: Atlas.

KOUDELA, I. (2004). *Jogos teatrais*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva.

LESAVRE, L. (2012). "Are theatre and business links relevant? A conceptual paper and a case study". *Journal of Management Development*, 31 (3), pp. 243-252.

LITTIKE, D.; SODRÉ, F. (2015). "A arte do improviso: o processo de trabalho dos gestores de um Hospital Universitário Federal". *Ciência & Saúde Coletiva*, 20 (10), pp. 3051-3062.

MARTIN, V. (2015). *Manual prático de gestão de eventos: gestão estratégica, patrocínio e sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Elsevier.

MUNIZ, M. (2015). *Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

PACE, E.; BASSO, L.; SILVA, M. (2003). "Indicadores de desempenho como direcionadores de valor". *Revista de Administração Contemporânea*, 7 (1), pp. 37-65.

PINHO, M. (2007). *Festivais de teatro: sua gestão, impactos e financiamento*. Dissertação de Mestrado em Finanças apresentada ao Departamento de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Portugal. Orientação: Prof. Dr. Joaquim José Peres Escaleira.

RIBEIRO, A. (2005). *Gestão de pessoas*. São Paulo: Saraiva.

SANTOS, A. (2008). "Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido". *Revista Brasileira de Educação*, 13 (37), pp. 71-83.

SHONE, A.; PARRY, B. (2004). *Successful event management: a practical handbook*. 2. ed. London: Thomson.

SPOLIN, V. (2015). *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva.

SWIBODA, M. (2018). "Improvisation in disruptive times". *Liminalities: A Journal of Performance Studies*, 14 (1), pp. 41-71.

VERGARA, S. (2009). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 10. ed. São Paulo: Atlas.

ZARIFIAN, P. (2003). *O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.



Brasil, ame-o ou vá para o final da fila: relato de experiência

Rodrigo Badaró de Carvalho
Coordenador do Projeto Ideias em Prática
Doutorando em Ciência Política (UFMG)
rodrigobadaro@yahoo.com.br

Bruna Camilo de Souza Lima Silva
Mestranda em Ciência Política (UFMG)
brunalimaa25@gmail.com

Julia Martins Freitas
Graduanda em Ciências do Estado (UFMG)
juliamarfrei21@hotmail.com

Letícia Ferraz Agra Garcia
Graduando em Ciências do Estado (UFMG)
leticiafag7@gmail.com

Letícia Maria Badaró de Carvalho
Mestranda em Geografia (UFF)
leticiambadaro@gmail.com

Lislíe Carolina Diana
Mestre em Literaturas em Língua Inglesa (UFMG)
lislieforinni@gmail.com

Luciano Goulart de Carvalho Filho
Graduando em Ciências do Estado (UFMG)
glrtluciano@gmail.com

Luis Gonzaga Martins Mota de Oliveira
Graduando em Ciências do Estado (UFMG)
luis.gonzaga.mmo@uol.com.br

Marcos Túlio Ferreira de Figueiredo
Graduando em Ciências do Estado (UFMG)
marcostulioferreirafigueiredo@gmail.com

Pâmela Cirino C. Fernandes
Graduando em Ciências do Estado (UFMG)
pamelacirino@gmail.com

Rafael Zanoti da Silva Nicolau
Graduando em Ciências do Estado (UFMG)
glrtluciano@gmail.com

Raphael Juliano de Araújo Silva
Cientista Social (UNIMONTES)
neoguiliano@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência do projeto de extensão "Ideias em Prática", o qual faz parte do Programa de Extensão Observatório do Estado, e tem suas atividades na Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais. As atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2018 tiveram como objetivo central compreender e problematizar importantes narrativas construídas pelos chamados intérpretes do Brasil. Também foram estudadas as críticas mais recentes feitas a essa tradição. Neste relato são descritos desde os primeiros passos para a construção do grupo de estudo, os principais autores e textos estudados no decorrer do ano, até a preparação para a realização da atividade de extensão. Ao final, encontra-se anexo o texto dramático utilizado para a apresentação no Instituto de Educação, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Palavras-chave: Pensamento Político e Social Brasileiro. Jeitinho Brasileiro. Corrupção. Dramaturgia.

ABSTRACT

A report on the experience of the extension project "Ideias em Prática", part of the "Programa de Extensão - Observatório do Estado", which has its activities in the Faculty of Law and Sciences of the State of the Federal University of Minas Gerais, is presented. The activities developed during the year 2018 had as main objective to understand and to problematize the constructions made by important interpreters of Brazil. The most recent criticisms of this tradition were also studied. In this report, the main authors and texts studied during the year up to the preparation for the extension activity are described from the first steps for the construction of the study group. At the end, the dramaturgical text used for presentation at the "Instituto de Educação", in Belo Horizonte, Minas Gerais, is attached.

Keywords: Brazilian Political and Social Thinking; Brazilian Way; Corruption; Dramaturgy.

APRESENTAÇÃO

Em Abril de 2018 teve início, junto à Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG, o projeto "Ideias em Prática", inscrito no programa de extensão "Observatório do Estado". Trata-se de projeto de extensão voltado à compreensão do modo como as ideias construídas no âmbito acadêmico tiveram impactos concretos na configuração do Estado Brasileiro ao longo da história, e, conseqüentemente, como a constituição de um espaço público para que essa relação entre ideias acadêmicas e práticas político-institucionais pôde ser discutida pela sociedade como um todo.

Tal projeto se caracteriza como extensão universitária à medida que busca colocar em destaque a relação entre a Universidade e a sociedade em que se insere. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é também pressuposto fundamental para compreender a construção de todo o projeto, bem como a necessidade de se desenvolver os trabalhos de forma interdisciplinar.

O projeto teve como objetivo a construção de um espaço público de discussão sobre o chamado "Pensamento Social Brasileiro", isto é, o conjunto de autoras e autores que, ao longo dos últimos dois séculos, dirigiram seus esforços para pensar o que é o Brasil e, em geral, para pensar também em como transformar esse Brasil.

Para alcançar os objetivos traçados, ocorreram pelo menos 3 grandes etapas:

1) Formação do grupo de estudo sobre Pensadores do Brasil

Nessa etapa, fez-se o recrutamento de estudantes dispostos a realizarem o estudo de pensadores do Brasil e também a pensarem conjuntamente a realização da extensão. Inicialmente, optou-se por introduzir aos alunos alguns dos cânones do pensamento político e social brasileiro, dentre os quais merecem menção: Sérgio Buarque de Holanda¹, Raymundo Faoro², Schawartzman³ e, posteriormente, a leitura crítica dessa mesma tradição feita por Jessé Souza⁴.

No segundo semestre de 2018, aprofundou-se no estudo de um teórico específico: Fernando Henrique Cardoso⁵, buscando identificar não só sua relação com aquela tradição estudada no semestre anterior como também

1 HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1995). Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

2 FAORO, Raymundo. (1975). Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 2. ed. / rev. e aum. Porto Alegre: São Paulo.

3 SCHWARZ, Roberto (2012). As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, R. Ao vencedor as batatas. Editora 34, 6ª ed.

4 SOUZA, Jessé (Org.). (2012). Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. Ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG; SOUZA, Jessé. (2009). A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG; SOUZA, Jessé (2000). A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

identificar as conexões entre as suas construções teóricas e o seu período à frente da Presidência da República⁶.

2) Planejamento da Extensão

A etapa seguinte consistiu na definição de como se daria a extensão. Uma série de debates estritamente teóricos – os quais envolvem a construção de identidades e autoimagens do Brasil – deveriam ser, em alguma medida, levados ao público externo para que o grupo de estuantes pudesse não só compartilhar as conclusões obtidas ao longo dos estudos mas também receber contribuições desse público.

Após conjecturar várias possibilidades, optou-se por utilizar a linguagem dramatúrgica para produzir reflexões e fomentar o debate sobre o tema estudado. Acreditou-se que por meio dessa linguagem seria possível, a um só tempo, apresentar interpretações recorrentes no senso comum brasileiro – que encontram, ao menos em parte, fundamentação nessa tradição de pensamento – e também questionar essas construções e as contradições que a acompanham.

3) Recrutamento, preparação e apresentação

No segundo semestre de 2018, definido o caminho da Dramaturgia como prática de extensão, recrutou-se roteiristas e atores para ajudar na montagem da apresentação. De imediato, devido aos recursos escassos, optou-se pela "Leitura Dramatúrgica". Em um esforço coletivo de construção, chegou-se finalmente ao texto final, "Brasil, ame-o ou vá para o final da fila", que encontra-se como Anexo I ao final deste texto. A peça foi apresentada na Escola Estadual Instituto de Educação, em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 30 de Novembro de 2018 para um público de estudantes secundaristas. Ao final da apresentação promoveu-se um debate com os estudantes visando refletir sobre diversos aspectos do texto apresentado (a corrupção e o "jeitinho brasileiro", a questão de gênero, a situação de idosos e grupos vulneráveis no Brasil, dentre outros).

5 CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo (2011). Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica. 10. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; CARDOSO, Fernando Henrique. (1975). Autoritarismo e democratização. Rio de Janeiro: Paz e Terra; CARDOSO, Fernando Henrique. (1972). Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil. 2ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

6 Para auxiliar nesse esforço de interpretação da obra e da gestão de Fernando Henrique Cardoso, utilizou-se a seguinte obra: CARVALHO, Rodrigo Badaró de. O sociólogo Fernando Henrique nunca esquecido pelo Presidente FHC: do discurso contra Vargas à reforma neoliberal do Estado no Brasil. 2015. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito, UFMG.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo (2011). Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica. 10. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira;

CARDOSO, Fernando Henrique. (1975). Autoritarismo e democratização. Rio de Janeiro: Paz e Terra; CARDOSO, Fernando Henrique. (1972). Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil. 2ª ed. São Paulo, Difusão Europeia do Livro.

CARVALHO, Rodrigo Badaró de. O sociólogo Fernando Henrique nunca esquecido pelo Presidente FHC: do discurso contra Vargas à reforma neoliberal do Estado no Brasil. 2015. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito, UFMG.

FAORO, Raymundo. (1975). Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 2. ed./rev. e aum. Porto Alegre: São Paulo.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1995). Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto. (2012). As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. Editora 34, 6ª ed.

SOUZA, Jessé (2000). A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

SOUZA, Jessé. (2009). A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG;

SOUZA, Jessé (Org.). (2012). Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. Ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG;

Data de submissão: 21/02/2019

Data de aceite: 20/11/2019

ANEXO 1 – TEXTO DRAMATÚRGICO

BRASIL: AME-O OU VÁ PARA O FINAL DA FILA

SINOPSE

Uma fila de supermercado com limite de compras de 15 volumes abre espaço para o desenrolar de situações conflitantes entre os clientes. A atitude de cada personagem, enquanto aguarda o atendimento, reflete o comportamento típico do brasileiro na convivência social. Ética, regras sociais, normas de consumo e aparato legal são colocados frente a frente, criando situações constrangedoras e conflituosas. Quando o direito de um confronta com o direito de outros, como o brasileiro reage?

CENA

Pedro Paulo olha fixamente para o carrinho da pessoa a sua frente. Às vezes, desvia dos obstáculos que atravessam sua visão. Ele registra mentalmente cada produto contando quantos produtos o vizinho leva.

A pessoa que está logo atrás, Rogéria, interrompe sua contagem com aquele tipo de papo que sempre surge em filas de supermercado.

Rogéria: Tá cheio, né?

Pedro Paulo: Como sempre.

Rogéria: Pois é, vim para comprar pouca coisa, mas é sempre essa fila. Eu porque me acostumei a fazer compras aqui. Sabe como é né, comodidade, perto de casa, preço razoável...

Pedro Paulo: Tem razão. E essas filas, ditas rápidas, não têm nada disso.

Rogéria: Se esses caixas não fossem tão moles... Vou te falar, desde que cheguei, precisou chamar a gerente duas vezes. Aqueles produtos sem código sabe?

Pedro Paulo: Eu vi. Despreparo. Ou muita incompetência! Coisas do Brasil...

Rogéria: E enquanto isso, a fila não anda nem meio metro.

Pedro Paulo: [enfático] Haja paciência! [Funga. Olha para os pacotes de balas em uma das gôndolas que está atrás. Olha pensativo para o carrinho com volume extra. Olha novamente para o pacote de balas. Decide ir até lá pegar um. Antes de voltar para seu lugar na fila, conversa com a plateia, enquanto come algumas balas]

Pedro Paulo: Veja só você [coloca uma das mãos no ombro de uma pessoa

da plateial chegue mais pra cá. Tá vendo aquele garoto ali na frente? [pausa] Aquele de camisa listrada. [pausa] A cesta dele está cheia. Com certeza tem mais do que 15 itens. Mesmo a placa dizendo, ele se finge de desentendido. Tá vendo? Dá pra contar daqui. Se faz de espertinho. Mas eu tô de olho! Deixa ele... Vai se ver comigo! Sabe de uma coisa? Eu preferia mesmo que tudo fosse diferente. Não seria mais fácil se as pessoas fizessem tudo certinho, como deve ser? Se todos respeitassem as regras? Regras! [voltando para seu lugar na fila] Regras? Que regras, Pedro Paulo?

Pedro Paulo: Aqui só tem uma regra: pagou, levou!

Rogéria: É... Mas até que tem umas promoções aí de levar 3 e pagar 2 né? É bom aproveitar.

Enquanto o rapaz de camisa listrada passa seus itens, Pedro Paulo observa, raivoso, da fila. Ele acompanha o processo atentamente, esperando que ultrapasse o limite de itens para denunciar a situação. Ele continua sua contagem quase silenciosa enquanto come mais balas.

Pedro Paulo: Suco: 7. Tapioca: 8. Enlatados: 9, 10. Leite: 11...

Rogéria: Início de mês né? Pessoal vem fazer as compras maiores do mês. Deve ser isso...

Pedro Paulo: Compras de mês? Esse povo não tá dando conta de comprar nem pra semana.

Rogéria: Pior que é verdade.

Pedro Paulo: Isso se não tiver greves de caminhoneiros. Nesse caso, compram pro ano todo.

Rogéria: [ignorando a crítica] Você sabe que eu tenho uns 6 pacotes de arroz fechados até hoje lá em casa?! Bateu um medo de faltar comida. Quando vi as notícias no jornal, mandei logo minhas irmãs correrem pro supermercado. Cada uma comprou um mantimento básico em quantidade. Aí, passado o susto, por exemplo, quando precisamos de leite pegamos com Terezinha. Feijão tem de sobra na Rose. O estoque de ovos ficou por conta da Bete. E açúcar, a Cida ainda tem aos montes.

Pedro Paulo: Eu só comprei um pacote extra de papel higiênico.

Rogéria: Importante também. [um pouco constrangida] Mas agora que o preço da batata baixou, cê tem que ver, os almoços de família tem é batata de tudo quanto é jeito. [ela solta uma gargalhada]

Pausa. Pedro Paulo se vira fingindo prestar atenção em outra coisa.

Rogéria: Mas é assim, meu rapaz, a gente vai se virando conforme o sapato aperta né?

Pedro Paulo: Mas esta não é uma fila pra compras de mês. Aqui são compras de 15 volumes. [apontando para a placa]

Rogéria: A lá, tá mesmo escrito na placa: "máximo de 15 volumes".

Pedro Paulo: [Ainda fixado na tarefa de contar os itens do carrinho alheio,

agora Pedro Paulo conta em tom baixo, deixando entrever seu comportamento ligeiramente maniaco] Achocolatado: 12. Pão de forma: 13. Requeijão: 14. Fatiados: 15. *(falando alto)* 16, 17, 18... 20! Tô vendo, as pessoas não respeitam as regras. O limite são 15 volumes! Como querem que esse país dê certo, se corrompem até uma norma simples como esta: 15 itens, ou vá para outra fila.

Com o comentário, **Rogéria** e outras pessoas na fila se sentem constrangidas e começam a verificar discretamente os itens em seus carrinhos de compras.

Rogéria: 1,2,3,4,5,6,7,8,9.

Carolina: 1,2,3,4,5.

Wagner: 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12.

Pedro Paulo: *lagitado, sai da fila e volta a pensar, isto é, falar com plateial* Como é, ninguém vai fazer nada? O homem passa vários itens na fila de 15 volumes e ninguém vai falar nada? Ninguém faz absolutamente nada! Olha só para essas pessoas. Já se acostumaram a ser enganadas. Eu não sou como elas. Preciso falar com o caixa que eu, como cliente desse supermercado, não aceito essa situação. *[começa a caminhar em direção ao caixa, mas volta]* Mas porque só eu deveria me manifestar? Todos estão paralisados, como se nada estivesse acontecendo. Olha lá! Agem normalmente enquanto uma norma é descumpridas logo aqui na nossa frente? Isso não é um direito nosso? Estamos abrindo mão desse direito? É isso? Não consigo aceitar. Não seria um favor a mim nem a ninguém. Somente fazer o que é certo. *[ele volta a observar o garoto no caixa e agora uma mulher chega]* Espera aí! Quem é essa mulher? Está furando a fila? Não. Parece que o conhece. Ah, agora ela vai passar uma parte dos produtos. Assim cada um deles não atinge o limite de itens. Era o que me faltava. Então agora ele não está mais errado, porque uma pessoa apareceu do nada na fila... Na fila não, no caixa. E está dividindo as compras com ele. Cada um com menos de 15 volumes. Dentro das regras. Entendi. Entendi. *[voltando para o seu lugar na fila, um pouco cabisbaixo, mas ainda com ar de revolta de quem balança a cabeça]*

Pedro Paulo: *[frustrado]* Parece que há sempre um jeitinho, uma forma meio escorregadia de se resolver as coisas...

Rogéria: *[balança a cabeça afirmativamente já sem disposição para continuar aquele papo]*

Rogéria: *[se voltando para a pessoa que está atrás dela na fila]* Cada um fazendo sua parte, fica melhor pra todo mundo né?

Carolina: *[Carolina sorri em silêncio. Após um pausa, ela comenta]* Estou vendo aqui que esqueci de pegar o molho de tomate. Como é que faz nhoque sem molho?! Hahaha Vou lá...

Rogéria: Verdade. Não dá! Você já experimentou usar o molho pomodoro?

Carolina: Não, nunca...

Rogéria: Você precisa provar, menina, é uma maravilha!

Carolina: Ah, é? *[pouco entusiasmada, mas sem querer faltar com a educação]*

Rogéria: Você vai precisar de 6 tomates maduros, azeite, manjericão e ou-

tros temperos do seu gosto. Eu gosto de usar alho, pimenta do reino, as vezes coloco um pouco de páprica também porque dá um gostinho especial. Lá em casa todo mundo adora!

Carolina: Interessante. Mas eu preciso...

Rogéria: Aí você tira as cascas dos tomates - pode aquecer no próprio fogo do fogão, aí a casca sai rapidinho - e retira as sementes também. Eu gosto de bater um pouco no liquidificador para ser mais rápido, mas também pode deixar os tomates cozinharem até sumir.

Carolina: Olha...

Rogéria: Depois refoga os temperos e os tomates no azeite e deixa no fogo por uns 30 minutos e já tá bom. Pode acrescentar outros ingredientes também: uma carne para molho à bolonhesa, presunto, mussarela, o que for do seu gosto. Cozinha a massa né? Até ficar no ponto al dente. Aí é só jogar o molho na massa e está pronto. Hummm, você vai adorar!

Carolina: Muito bom [*ri tentando ser simpática*], vou experimentar.

Rogéria: Você não vai querer outro! Quem deu essa receita foi aquela filha do Gil, sabe? Ela passou pelo computador mesmo. Esqueci o nome dela... Filha do Gilberto Gil que ensina umas receitas...

Carolina: Sei sim. Vou procurar, pode deixar.

Rogéria: É só você procurar ela lá no "Utube". Esqueci o nome, meu Deus...

Carolina: Mas aqui, você pode guardar o lugar para mim?

Rogéria: O lugar aqui na fila? Ah, sim, claro. Vai lá, minha filha.

Carolina: Vou buscar o que ficou faltando. É rapidinho!

Rogéria: Ahh!! Não esquece o manjerição!

Michael, o caixa: [*ao longe se escuta o caixa exclamando*] Próximo!

[*Pedro Paulo se aproxima do caixa. Começa a colocar seus produtos na esteira*]

Pedro Paulo: Demorou, mas chegou. Mesmo com gente querendo tirar vantagem, chegou a nossa - quer dizer, a minha vez.

Michael, o caixa: boa noite!

Pedro Paulo: boa noite meu jovem!

Michael, o Caixa foi passando os produtos até chegar no limite de quinze.

Michael, o caixa: Senhor, não é possível passar mais de 15 volumes.

Pedro Paulo: [*com voz tranquila e agradável, demonstrando certa ternura na fala*] meu filho! Me desculpe! Não prestei atenção! Nessa correria, acabei por não contar direito. Mas é só um item extra. Eu posso passar mesmo assim?

Michael, o caixa: infelizmente senhor, não posso ajudar.

Pedro Paulo: Eu já estou aqui mesmo, não é? É rapidinho, não vai demorar.

Michael, o caixa: Senhor, só posso passar até aqui.

Pedro Paulo: Veja bem, já estou aqui há bem mais de meia hora. Meia hora! E convenhamos, para uma fila de caixa rápido, já demorou tempo demais!

Michael, o caixa: Vou ter que encerrar sua compra. O senhor paga esses itens e o resto eu vou ter que passar depois. Vai ter que esperar mais um pouco.

Pedro Paulo: [*olha para trás e diz para Rogéria*] É brincadeira! Você viu?

Viu o que acabou de me acontecer?

Rogéria fez só um sinal com a cabeça para Pedro Paulo.

Michael, o caixa: Próximo!

Carolina retorna com muitos itens a mais no carrinho e agradece Rogéria por ter guardado o lugar. Enquanto a cena se desenrola, Margareth vai terminando de retirar seus produtos do carrinho e passando no caixa.

Carolina: Obrigada, moça! Acabei precisando pegar mais umas coisinhas para fazer jus a receita que você me passou. [dando um sorriso e uma piscadela de olhos]

Rogéria: Ah, estou vendo um vinho tinto seco, guardanapos especiais, azeite e parmesão ralado. Estou prevendo que vai sair um jantar romântico! [risada maliciosa]

Carolina: Ahhh, só se for entre eu e o Fred, meu gato!

Rogéria: Sei! Uma moça bonita dessas, basta um telefonema para ter uma boa companhia para esse jantar, fala a verdade?!

Instigados pelo elogio da mulher, um senhor que está mais atrás, Pedro Paulo e um terceiro homem da fila olham imediatamente para Carolina. Eles parecem analisar as formas do seu corpo e o traçado de seu rosto.

Carolina: [constrangida, *sai da fila* e fala com a plateia seus pensamentos] Vocês viram esses olhares maliciosos sobre mim? Arghh, que nojo!! Odeio sentir homens me olhando dessa forma. Parece que fantasiam situações comigo, como se eu fosse um objeto de prazer! Minha vontade é cuspir na cara de cada um! Será que pensam que tenho seus números na minha agenda? Que hoje eu vou abrir meu WhatsApp e pensar: "uhm, qual desses crushs eu vou convidar para o jantar de hoje à noite?!" Não se enxergam! Vão se ferrar pra lá, seus tardados!

Carolina: [Carolina retorna para a fila] Que nada! Prefiro mesmo jantar com o Fred. Com ele eu não preciso negociar no tempero nem na trilha sonora.

Michael, o Caixa: Próximo.

Rogéria já está finalizando suas compras e Carolina começa a colocar seus itens na esteira. É quando Pedro Paulo, o homem que estava ali próximo, lhe aborda para explicar sua situação.

Pedro Paulo: Com licença, minha jovem. Eu estava aguardando essa senhora terminar. Preciso passar este produto e você passa os seus logo depois de mim. Se não se importar...

Carolina: É que eu já tava na fila desde antes. Aqui, nesse lugar, atrás dessa senhora.

Pedro Paulo: Entendo. Mas eu estava na frente dela! Só faltou esse produto mesmo que o caixa pediu que eu passasse em uma nova compra. Engra-

çado, eu não te vi aqui na fila...

Carolina: Só precisei buscar umas coisinhas que faltaram. Voltei agora. Você pode passar depois de mim. Melhor do que enfrentar toda essa fila de novo.

Pedro Paulo: Não, não, você não está entendendo. Eu já estou há mais de 40 minutos nessa fila, moça. Só preciso passar este produto! Não tenho que ir para o final da fila.

Carolina: Eu estou entendendo sim. Você entrou na fila errada. O certo seria ter entrado em uma fila sem limite de volumes. Agora ou desiste de levar esse produto ou volta pro final da fila.

Pedro Paulo: Eu não percebi que tinha mais de 15 itens no carrinho! Já estou tendo que fazer 2 compras por causa dessa distração. Você que deveria ter entrado no final da fila, já que ainda estava fazendo suas compras. Mas eu sei, mulher é assim mesmo, esquece alguma coisa, vai dar uma voltinha pelo supermercado e volta quando chega sua vez.

Carolina: Ah, que absurdo! Eu pedi à ela para guardar meu lugar. [*voltando-se para Rogéria*] Não foi moça?

Rogéria acena que sim com a cabeça enquanto terminar de embalar suas compras.

Pedro Paulo: Acontece que por coisa de 2 minutos, eu já teria passado meu produto e estaria indo para minha casa tranquilamente.

Michael, o Caixa: Próximo!

Pedro Paulo: É o seguinte, meu rapaz, eu preciso passar esse item que ficou de fora da minha compra, lembra?

Carolina: Depois de mim!

Pedro Paulo: Tá vendo? Eu estava na frente dessa senhora. É só passar esse desinfetante que ficou de fora.

Carolina: E aquele pacote de balas que você comeu enquanto esperava? Não vai pagar é?

Pedro Paulo: Pa..pacccote de balas?

Carolina: Ah, já esqueceu? Deixa eu te lembrar!

Carolina: [*Carolina vai até a gôndola logo atrás e retira a embalagem vazia, escondida debaixo de outros produtos*] Esse aqui!

Pedro Paulo: Ahhh! Que bom que você achou. O pacotinho escorregou da minha mão e eu não vi onde foi parar. Obrigado. [*tomando a embalagem da mão dela subitamente*]

Michael, o Caixa: E então? Quem é o próximo?

Carolina e Pedro Paulo falam alto juntos, e acusando-se mutuamente sem que se possa entender nada do que se diz.

Michael, o Caixa: Senhores! SENHORES! Por favor. Num vamu poder mais tâ prejudicando os cliente dessa fila. Eu vô precisá chamar a gerência. Aí, até se

resolver esse desentendimento que aqui se deu, eu vou estar atendendo este senhor que tá aí atrás docês.

Wagner: *(cliente que se encontra à frente do "senhor comprador de pilha")* Eu acho, inclusive, bem justo! Além dele ser idoso e ter direito à preferência, esses dois aí estão errados: esse aí burla a regra de 15 volumes da fila e a outra sai da fila e volta pro mesmo lugar com vários itens, onde já se viu?! Eu mesmo escolhi essa fila considerando o volume dos carrinhos. É caixa rápido ou não é?

Outras pessoas que estão na fila comentam coisas ao mesmo tempo. Enquanto isso, notando a desordem, o caixa aciona a luz acima dele e aguarda a chegada da gerência.

Januário: Reservar lugar na fila? Não pode isso não!

Marcela: Que absurdo!

Januário: Ô caixa! Resolve isso logo! Não tenho o dia inteiro para ficar nesse supermercado!

Lara: Ai, que exagero! Quem não faz isso?! Bando de hipócritas.

Marcela: Para idoso tem o caixa preferencial. Vai pra fila de lá! Idoso, gestante, deficiente, toda essa gente do mimimi.

Berenice: Acontece de esquecer uma coisa ou outra né?

Lara: Não é? 15 ou 16 itens, que diferença faz?

Berenice: Se as filas ainda fossem realmente rápidas... Mas veja só, com tantos clientes, tão poucos caixas funcionando. Disso ninguém fala!

Marcela: Brasileiro é tolerante demais. Haja paciência, viu?! Por isso que o país tá desse jeito!

Gerente: *[perguntando ao caixa]* O que tá acontecendo, Michael?

Michael, o caixa: Esse rapaz tinha 16 produto no carrinho. Como é a regra, eu passei 15 e falei pra ele que precisava passá de novo. A senhora que tava atrás dele passou as compra dela. Quando terminô, essa moça chegô na fila falano que tava atrás da dona. Foi isso que aconteceu.

Gerente: Entendi. Mas você pediu para ele iniciar nova compra por conta de 1 item a mais?

Michael, o caixa: Um desinfetante. Ora, não são as regra da empresa?

Um burburinho começa a ser ouvido. São os clientes da fila que voltam a comentar a situação.

Gerente: Sim, mas... tudo bem. Mas, perai, toda essa confusão por causa de 1 desinfetante?

Pausa.

Michael: *[perplexo e sem entender]* Na verdade teve um pacote de bala também. Mas esse apareceu depois.

Gerente: Ahn? Peraí. *[voltando-se para os clientes da fila]* Pessoal, bom dia! Eu estou aqui para ajudar a solucionar essa questão da melhor forma. Para isso eu peço a colaboração de vocês. Vamos fazer silêncio, por gentileza.

O burburinho diminui até silenciar.

Gerente: Michael, eu não entendi uma coisa: você disse que essa moça chegou bem na hora de passar as compras? Onde ela estava?

Michael: Saiu pra buscá alguma coisa que esqueceu. Essa dona.. Uai, cadê a dona gente? Ah, então, a dona que tava na frente guardou o lugar pra ela.

Gerente: Mas nós não nos responsabilizamos por reserva de lugar, Michael. Se chegou a sua vez e ela não estava, ela perdeu o direito e deve ir para o final da fila.

Pedro Paulo: Isso que eu disse à ela.

Carolina: *[alterando levemente o tom de voz]* Mas péra lá! Eu não cheguei na hora de passar as minhas compras. Eu cheguei antes, quando aquela senhora *[procurando pela senhora que não está mais]* ... a senhora que estava na minha frente estava sendo atendida.

Gerente: Ah, então é diferente.

Pedro Paulo: Diferente? O que tem de diferente?

Gerente: Ela tava presente na fila quando chegou a vez de ser atendida.

Pedro Paulo: Ela não deixou que eu passasse 1 item restante, esse desinfetante aqui ó! E passou foi um bom tempo fora da fila, tá? Terminando as compras dela, enquanto tinha seu lugar aqui *[com tom de ironia]* "reservado". Não vejo nada de presença nisso.

Wagner: Com licença, gerente, mas nós precisamos andar com essa fila! Estamos há quase uma hora aqui. Se me permite uma sugestão... Esse senhor já é idoso. Ele está aqui em pé todo esse tempo. Por que não libera a fila, com o atendimento dele, enquanto resolve a questão dos outros dois?

Gerente: *[voltando se para o senhor comprador de pilhas]* Mas o senhor poderia ter ido para a fila preferencial. Tem direito à preferência, não tem?

Marcela: *[grita lá de trás]* Isso! Manda o velho pra fila de idoso!

Senhor comprador da pilha olha para a gerente, mas não diz nada.

Gerente: O senhor tem mais de 60 anos?

Senhor comprador da pilha acena timidamente que sim.

Gerente: Então, vamos resolver essa história. Vá lá passar suas compras, por favor, senhor?

Enquanto o senhor comprador da pilha se direciona para o caixa e inicia o atendimento, Wagner e Marcelo/a discutem na fila do supermercado.

Marcela: *[alterada]* Agora a preferência vai valer em todas as filas, é? Era só o que me faltava!

Wagner: Ô nervosinho, se a gentileza e cordialidade não passaram por aí, é bom ao menos você saber que a lei é irrestrita! Quer dizer que ela é válida para qualquer fila, qualquer estabelecimento. Não tem um local determinado para a lei funcionar não.

Marcela: *[totalmente alterada]* Cala boca, imbecil! Quer que eu dê na sua cara?

Gerente: Vocês dois, por favor, encerrem essa discussão aqui ou será a polícia a resolver o caso.

Marcelo/a: Por mim, pode chamar até o exército!

Wagner prefere não responder e seguir aguardando sua vez na fila.

O senhor comprador da pilha, dirige-se ao caixa para ser atendido. Ele esbarra em Januário que empunhava seu pacote de macarrão em uma indignação panfletária.

Januário: *[pensando]* Como berra esse penúltimo idiota da fila logo atrás de mim!

Michael, o caixa: Bom dia, senhor.

Michael, o caixa *[pegando a pilha e passou pelo leitor ótico]:* biiiiip.

Senhor comprador da pilha: Quanto é?

[Pergunta o pretense dono da pilha]

Michael, o caixa: Setenta e cinco centavos.

O Senhor comprador da pilha apresenta o cartão para efetuar o pagamento do produto.

Michael, o caixa: Ah não moço, não passamos cartão pra compras abaixo de dez reais.

Senhor comprador da pilha: Nossa, mas eu não tenho dinheiro.

Michael, o caixa: *[Michael, o caixa coloca um aviso de "fechado" na esteira e aciona um botão, fazendo a luz do caixa se acender]* Vou verificar com a gerente a possibilidade de uma exceção.

Januário: *[saindo da fila, pensa]* Am? exceção? Como assim? E as pessoas na fila parecem inertes. Não! O correto seria esse cidadão sair da fila, ir em casa pegar dinheiro. Ele devia ir para casa sem a pilha! Agora por causa de setenta e cinco centavos e uma pilha estou perdendo meu domingo! Já sei, vou emprestar dinheiro para ele. Não, melhor, vou dar o dinheiro para ele.

Januário: Moço, olhe aqui, tenho um real. Depois o senhor me paga.

Senhor comprador da pilha: Depois? Depois quando? Como sabemos que vamos nos rever? De jeito nenhum, meu filho.

Januário: *[saindo da fila, pensa]* Ai como detesto que me chamem de "meu filho". Só porque ele tem cabelos grisalhos não pode fazer isso!

Januário: Senhor, é mais prático. Aceite a moeda, por favor.

Senhor comprador da pilha: De jeito nenhum. Não vou te incomodar. A gerente já está vindo.

Januário: Mas veja bem, não é incômodo, é só praticidade.

Januário: *[saindo da fila, pensa]* Ele não me olha mais! Está abanando a mão como que dizendo "não". Olha que filho da puta! Está conversando com a caixa como se tivesse o resto das galáxias pela frente. Hoje é domingo! Só quero fumar um e comer meu macarrão, cacete! As pessoas na fila nem ligam. O idiota que mandou o senhor passar na frente está flertando com a moça ao lado! Uma moça com roupa de ginástica! Flertando com uma moça com roupa de ginástica em pleno domingo? Nossa! Lá vem ela: a moça de gravatinha borboleta e terninho de tecido barato. Nossa isso deve esquentar. É sim, é a gerente. Maravilha.

Gerente: *[dirige-se ao Michael, o caixa]* O que é dessa vez?

Michael, o caixa: É o valor: setenta e cinco centavos. Não passamos no cartão e o senhor não tem dinheiro. Aquele outro cliente ali *[apontou para Januário]* até ofereceu de pagar. Ele tem um real trocado.

A gerente olha para Januário e sorri. Conversa brevemente com o senhor comprador da pilha. Mexe em uma pochete preta que fica em sua cintura. Caminha para o lado de Januário.

Gerente: Bom dia, como vai?

Januário: Vou bem, com um pouco de pressa para dizer a verdade.

Gerente: O senhor ofereceu-se para pagar a conta daquele cliente que está no caixa?

Januário: Sim, sim. Para agilizar.

Gerente: *[A gerente tirou uma moeda de vinte e cinco centavos da pochete e estendeu diante de Januário]* Obrigada, senhor, pela sua gentileza. Está aqui o seu troco.

Os olhares das pessoas da fila o assediam. Todos ficam atentos ao movimento. Januário tira a moeda de um real do bolso.

A gerente faz um sinal de "ok" para Michael, o caixa. Ela retorna para seu posto, num balcão mais à frente. A luz do caixa se apaga e a placa "fechado" é retirada da esteira. Enquanto percorre lentamente o saguão em direção a saída, o senhor comprador da pilha olha para Januário pensando se um dia terá oportunidade de retribuir aquela atitude generosa. Januário só pensa em sair logo daquele supermercado e preparar seu spaguetti. Enquanto isso, volta e meia, Carolina e Pedro Paulo se entreolham. Cada qual mantendo a firme convicção de que é o primeiro da fila.

Michael, o Caixa: Próximo!

Carolina e Pedro Paulo voltam a falar juntos, debatendo quem será o próximo a ser atendido.

Michael, o Caixa: Peraí! Ei! Por favor! Alguém aí da porta! Chamem esse senhor que acabou de sair! Ele já foi? Preciso falar com ele! Aquele que comprou a pilha!

Gerente: Quem??

Michael, o Caixa: Aquele grisalho que comprou a pilha! Comprou não, esse moço que comprou pra ele.

Gerente: Sei. Peraí. Ai, ai, ai... Esse Michael você só me arruma problema! [gritando] Oh Jorjão, chama o senhor aí de volta!

O senhor comprador da pilha retorna, caminhando lentamente até o caixa de Michael.

Senhor comprador da pilha: Eu esqueci alguma coisa? O que é que eu esqueci? Essa minha cabeça não tá nada boa.

Michael, o Caixa: [sorrindo animado, como se tivesse uma grande oportunidade a oferecer para o senhor] Esqueci de perguntar: o senhor tem Dotz??

Todos os personagens congelam e a luz se apaga.

FIM.

ANEXO 2 - IMAGENS DA ATIVIDADE DE EXTENSÃO





Brasil, ámallo o ve al final de la cola: informe de experiencia

Rodrigo Badaró de Carvalho
Coordinador del Proyecto Ideas en Práctica
Estudiante de doctorado en Ciencias Políticas (UFMG)
rodrigobadaro@yahoo.com.br

Bruna Camilo de Souza Lima Silva
Estudiante de maestría en Ciencias Políticas (UFMG)
brunalimaa25@gmail.com

Julia Martins Freitas
Licenciatura en Ciencias del Estado (UFMG)
juliamarfrei21@hotmail.com

Letícia Ferraz Agra Garcia
Licenciatura en Ciencias del Estado (UFMG)
leticiafag7@gmail.com

Letícia Maria Badaró de Carvalho
Estudiante de maestría en Geografía (UFF)
leticiambadaro@gmail.com

Lislie Carolina Diana
Máster en Literaturas en Lengua Inglesa (UFMG)
lislieforinni@gmail.com

Luciano Goulart de Carvalho Filho
Licenciatura en Ciencias del Estado (UFMG)
glrtluciano@gmail.com

Luis Gonzaga Martins Mota de Oliveira
Licenciatura en Ciencias del Estado (UFMG)
luis.gonzaga.mmo@uol.com.br

Marcos Túlio Ferreira de Figueiredo
Licenciatura en Ciencias del Estado (UFMG)
marcostulioferreirafigueiredo@gmail.com

Pâmela Cirino C. Fernandes
Licenciatura en Ciencias del Estado (UFMG)
pamelacirino@gmail.com

Rafael Zanoti da Silva Nicolau
Licenciatura en Ciencias del Estado (UFMG)
glrtluciano@gmail.com

Raphael Juliano de Araújo Silva
Científico Social (UNIMONTES)
neogiluliano@yahoo.com.br

RESUMEN

Se presenta relato de experiencia del proyecto de extensión "Ideias em Prática", parte del "Programa de Extensão – Observatório do Estado", que tiene sus actividades en la Facultad de Derecho y Ciencias del Estado de la Universidad Federal de Minas Gerais. Las actividades desarrolladas a lo largo del año 2018 tenían como objetivo central comprender y problematizar las construcciones hechas por importantes intérpretes de Brasil. También se han estudiado las críticas más recientes a esta tradición. En este relato se describe desde los primeros pasos para la construcción del grupo de estudio, los principales autores y textos estudiados a lo largo del año hasta la preparación para la realización de la actividad de extensión. Al final, se adjunta el texto dramático utilizado para la presentación en el Instituto de Educación, en Belo Horizonte, Minas Gerais.

Palabras-clave: Pensamiento Político y Social de Brasil; Comportamiento Brasileño; Corrupción; Dramaturgia.

ABSTRACT

A report on the experience of the extension project "Ideias em Prática", part of the "Programa de Extensão - Observatório do Estado", which has its activities in the Faculty of Law and Sciences of the State of the Federal University of Minas Gerais, is presented. The activities developed during the year 2018 had as main objective to understand and to problematize the constructions made by important interpreters of Brazil. The most recent criticisms of this tradition were also studied. In this report, the main authors and texts studied during the year up to the preparation for the extension activity are described from the first steps for the construction of the study group. At the end, the dramaturgical text used for presentation at the "Instituto de Educação", in Belo Horizonte, Minas Gerais, is attached.

Keywords: Brazilian Political and Social Thinking; Brazilian Way; Corruption; Dramaturgy.

PRESENTACIÓN

En Abril de 2018 comenzó, con a la Facultad de Derecho y Ciencias del Estado de UFMG, el proyecto "Ideas en Práctica", inscrito en el programa de extensión "Observatorio del Estado". Este es un proyecto de extensión destinado a comprender cómo las ideas construidas en el ámbito académico tuvieron impactos concretos en la configuración del Estado Brasileño a lo largo de la historia, y, en consecuencia, como la constitución de un espacio público para que esta relación entre ideas académicas y prácticas político-institucionales pueda ser discutida por la sociedad en su conjunto.

Dicho proyecto se caracteriza como una extensión universitaria, ya que busca resaltar la relación entre la Universidad y la sociedad en la que opera. La inseparabilidad de la enseñanza, la investigación y la extensión también es un supuesto fundamental para comprender la construcción de todo el proyecto, así como la necesidad de desarrollar el trabajo de manera interdisciplinaria.

El proyecto tenía como objetivo construir un espacio público para el debate sobre el llamado "Pensamiento social Brasileño", es decir, el grupo de autores y autoras que, durante los últimos dos siglos, dirigieron sus esfuerzos para pensar en lo que es Brasil y, en general, en cómo transformar este Brasil.

Para lograr los objetivos establecidos, hubo al menos 3 etapas principales:

1) Formación del grupo de estudio sobre Pensadores Brasileños

En esta etapa, se reclutaron estudiantes que estaban dispuestos a llevar a cabo el estudio de pensadores en Brasil y también a pensar juntos para llevar a cabo la extensión. Inicialmente, se decidió presentar a los estudiantes algunos de los cánones del pensamiento político y social brasileño, entre los cuales merecen mención: Sérgio Buarque de Holanda¹, Raymundo Faoro², Schawartzman³ y, luego, la lectura crítica de esta misma tradición hecha por Jessé Souza⁴.

En el segundo semestre de 2018, se profundizó en el estudio de un teórico específico: Fernando Henrique Cardoso⁵, buscando identificar no solo su re-

1 HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1995). Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

2 FAORO, Raymundo. (1975). Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 2. ed. / rev. e aum. Porto Alegre: São Paulo.

3 SCHWARZ, Roberto (2012). As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, R. Ao vencedor as batatas. Editora 34, 6ª ed.

4 SOUZA, Jessé (Org.). (2012). Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. Ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG; SOUZA, Jessé. (2009). A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG; SOUZA, Jessé (2000). A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

5 CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo (2011). Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica. 10. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; CARDOSO, Fernando Henrique. (1975). Autoritarismo e democratização. Rio de Janeiro: Paz e Terra; CARDOSO, Fernando Henrique. (1972). Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil. 2ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

lación con esa tradición estudiada en el semestre anterior, sino también identificar las conexiones entre sus construcciones teóricas y su período frente a la Presidencia de la República⁶.

2) Planificación de Extensión

El siguiente paso fue definir cómo se llevaría a cabo la extensión. Una serie de debates estrictamente teóricos – que implican la construcción de identidades y autoimágenes brasileñas – deben, en cierta medida, ser llevados al público externo para que el grupo de estudiantes no solo pueda compartir las conclusiones obtenidas durante los estudios, sino también recibir contribuciones de este público.

Después de conjeturar varias posibilidades, se decidió utilizar un lenguaje dramático para producir reflexiones y fomentar el debate sobre el tema estudiado. Se creía que a través de este lenguaje sería posible, al mismo tiempo, presentar interpretaciones recurrentes en el sentido común brasileño. – que encuentran, al menos en parte, una base en esta tradición de pensamiento – y también para cuestionar estas construcciones y las contradicciones que las acompañan.

3) Reclutamiento, preparación y presentación

Habiendo definido el camino de la dramaturgia como una práctica de extensión, los guionistas y actores fueron invitados a ayudar a organizar la presentación. Inmediatamente, debido a la escasez de recursos, optamos por la “Lectura Dramática”. En un esfuerzo de construcción colectiva, finalmente se llegó al texto final: “Brasil, ámalo o ve al final de la cola”. Este texto está en el Anexo I. La obra fue presentada en la *Escola Estadual Instituto de Educação*, en Belo Horizonte, Minas Gerais, el 30 de noviembre de 2018, a una audiencia de estudiantes de secundaria. Al final de la presentación, se promovió un debate con los estudiantes, con el objetivo de reflexionar sobre varios aspectos del texto presentado: corrupción y la “jeitinho brasileiro”, el tema de género, la situación de los grupos de ancianos y vulnerables en Brasil, entre otros.

6 Para ayudar en este esfuerzo de interpretar el trabajo y la gestión de Fernando Henrique Cardoso, se utilizó el siguiente trabajo: CARVALHO, Rodrigo Badaró de. O sociólogo Fernando Henrique nunca esquecido pelo Presidente FHC: do discurso contra Vargas à reforma neoliberal do Estado no Brasil. 2015. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito, UFMG.

REFERENCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo (2011). Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica. 10. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira;

CARDOSO, Fernando Henrique. (1975). Autoritarismo e democratização. Rio de Janeiro: Paz e Terra; CARDOSO, Fernando Henrique. (1972). Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil. 2ª ed. São Paulo, Difusão Europeia do Livro.

CARVALHO, Rodrigo Badaró de. O sociólogo Fernando Henrique nunca esquecido pelo Presidente FHC: do discurso contra Vargas à reforma neoliberal do Estado no Brasil. 2015. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito, UFMG.

FAORO, Raymundo. (1975). Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 2. ed./rev. e aum. Porto Alegre: São Paulo.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1995). Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto. (2012). As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. Editora 34, 6ª ed.

SOUZA, Jessé (2000). A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

SOUZA, Jessé. (2009). A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG;

SOUZA, Jessé (Org.). (2012). Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. Ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG;

Fecha de envío: 21/02/2019

Fecha de aprobación: 20/11/2019

ANEXO 1 – TEXTO DRAMATÚRGICO

BRASIL, ÁMALO O VE AL FINAL DE LA COLA

SINOPSIS

Una cola de supermercado con un límite de compra de 15 volúmenes deja espacio para el desarrollo de situaciones conflictivas entre los clientes. La actitud de cada personaje, mientras espera asistencia, refleja el comportamiento típico brasileño en la vida social. La ética, las normas sociales, las normas de consumo y el aparato legal se enfrentan cara a cara, creando situaciones embarazosas y conflictivas. Cuando el derecho de uno se enfrenta al derecho de los demás, ¿cómo reacciona el brasileño?

ESCENA

Pedro Paulo mira el carrito de supermercado de la persona frente a él. A veces se desvía de los obstáculos que cruzan su visión. Registra mentalmente cada producto contando cuántos productos lleva el vecino.

Pedro Paulo: Champú: 1. Jabones: 2, 3, 4. Maquinilla de afeitar: 5. Servilletas: 6...

La persona detrás, Rogéria, interrumpe su cuenta con ese tipo de charla que siempre aparece en las filas del supermercado.

Rogéria: Está lleno, ¿verdad?

Pedro Paulo: Como siempre.

Rogéria: Así es, vine a comprar algo, pero siempre es esta enorme cola. Siempre vengo porque me acostumbré a comprar aquí. Ya lo sabes, comodidad, cerca de casa, precio razonable...

Pedro Paulo: Es correcto. Y estas colas, que se dice que son rápidas, no tienen nada de eso.

Rogéria: Si estas cajas no fueran tan lentos... Te diré que, desde que llegué, tuvieron que llamar al gerente dos veces. ¿Esos productos sin código, sabes?

Pedro Paulo: Lo he visto. Falta de preparación. O demasiada incompetencia! Cosas de Brasil...

Rogéria: Y mientras tanto, la cola ni siquiera va un pie.

Pedro Paulo: [enfático] ¡Vaya! [Inhala. Mira los paquetes de dulces en una

de las góndolas detrás de él. Él mira pensativamente el carro con volumen extra. Mira el paquete de balas de nuevo. Decide ir allí y tomar uno. Antes de volver a su lugar en la fila, habla con el público mientras come dulces]

Pedro Paulo: Miren bien [pone una mano sobre el hombro de una persona en el público] acércate. ¿Ves a ese chico de allá? [pausa] El de la camisa a rayas. [pausa] Su canasta está llena. Seguro que tiene más de 15 artículos. Aunque el letrero dice que no es permitido, él finge ser mal entendido. ¿Ves? Puedo decirlo desde aquí. Se hace el listo. ¡Pero yo puedo ver todo! Este mocoso... Le daré su merecido. ¿Y sabes qué? Preferiría que todo fuera diferente. ¿No sería más fácil si la gente hiciera todo correcto, como debería ser? ¿Si todos respetaran las reglas? ¡Reglas! [volviendo a su lugar en la cola] ¿Reglas? ¿Qué reglas, Pedro Paulo?

Pedro Paulo: Aquí solo hay una regla: ¡págalo y tómallo!

Rogéria: Sí ... Pero hay algunas promociones para tomar 3 y pagar 2 ¿verdad? Hay que sacar provecho.

Mientras el chico de la camisa a rayas pasa sus artículos, Pedro Paulo mira enojado desde la cola. Continúa su recuento casi silencioso mientras come más balas.

Pedro Paulo: Jugo: 7. Tapioca: 8. Enlatados: 9, 10. Leche: 11...

Rogéria: Comienzo de mes ¿verdad? La gente viene a hacer las compras más grandes del mes. Debe ser eso...

Pedro Paulo: ¿Compras para todo el mes? Estas personas no pueden comprar ni siquiera para la semana.

Rogéria: Lo peor es que es verdad.

Pedro Paulo: Eso si no hay huelgas de camioneros. En este caso, compran durante todo el año.

Rogéria: [ignorando las críticas] ¿Sabes qué? Tengo unos 6 paquetes de arroz cerrados en casa. Había miedo de quedarse sin comida. Cuando vi las noticias en el periódico, inmediatamente envié a mis hermanas al supermercado. Cada una compró comida básica en cantidad. Luego, después del susto, por ejemplo, cuando necesitamos leche, la tomamos con Terezinha. Hay muchos frijoles en Rose. El stock de huevos fue a cargo de Bete. Y azúcar, Cida todavía tiene muchísimo.

Pedro Paulo: Solo me compré un paquete extra de papel higiénico.

Rogéria: Igual de importante. [un poco avergonzada] Pero ahora que el precio de las papas ha bajado, los almuerzos familiares son papas de todo tipo. [ella se ríe]

Pausa. Pedro Paulo se da la vuelta fingiendo prestar atención a otra cosa.

Rogéria: Pero así es, muchacho, nos damos la vuelta cuando el zapato se tensa, ¿verdad?

Pedro Paulo: Pero esta no es una cola de compras de un mes. Aquí es solamente compras por lo máximo de 15 artículos. [señalando a la placa]

Rogéria: Verdad, incluso está escrito en la placa: "máximo 15 volúmenes".

Pedro Paulo: *[Aún concentrado en la tarea de contar los artículos en el carrito de otra persona, Pedro Paulo ahora cuenta en un tono bajo, mostrando su comportamiento ligeramente maniaco.]* Chocolatada: 12. Pan de molde: 13. Cuajada: 14. Mordadela: 15. *(hablando en voz alta)* 16, 17, 18... 20! ¿Yes? La gente no respeta las reglas. ¡El límite es de 15 volúmenes! Como quieren que este país funcione, si incluso corrompen una regla simple como esta: 15 artículos, o ir a otra cola.

Con el comentario, Rogéria y otros en la fila se sienten avergonzados y comienzan a revisar discretamente los artículos en sus carritos de compras.

Rogéria: 1,2,3,4,5,6,7,8,9.

Carolina: 1,2,3,4,5.

Wagner: 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12.

Pedro Paulo: *[agitado, sale de la línea y piensa de nuevo, es decir, habla con el público]* ¿Y ahora qué? ¿Nadie va a hacer nada? ¿El hombre pasa varios artículos en la cola de 15 volúmenes y nadie dirá nada? ¡Nadie hace nada en absoluto! Mira a estas personas. Están acostumbrados a ser engañados. No soy como ellos. Necesito hablar con el cajero que, como cliente de este supermercado, no acepto esta situación. *[empeza a caminar hacia el cajero, pero regresa]* Pero, ¿por qué solamente yo tengo que hablar? Todos están paralizados, como si nada sucediera. ¡Mira allí! ¿Actúan normalmente mientras se viola una regla justo aquí frente a nosotros? ¿No es ese nuestro derecho? ¿Estamos renunciando a ese derecho? No puedo aceptarlo. No sería un favor para mí ni para nadie. Solo haz lo que es correcto. *[vuelve a mirar al chico en la caja registradora y ahora llega una mujer]* ¡Espera un minuto! ¿Quién es esa mujer? ¿Estás saltando la línea? No. Parece que lo conoce. Ah, ahora ella pasará una parte de los productos. Entonces cada uno de ellos no alcanza el límite del artículo. Era lo que me faltaba. Así que ahora ya no está equivocado, porque una persona apareció de la nada en la cola... No en la cola, en la cajera. Y esta compartiendo compras con él. Cada uno con menos de 15 volúmenes. Dentro de las reglas. Lo tengo. Lo tengo *[volviendo a su lugar en la cola, un poco abatido, pero aún con un aire de revuelta]*

Pedro Paulo: *[frustrado]* Parece que siempre hay una manera, una forma tortuosa de resolver las cosas...

Rogéria: *[Isacude su cabeza afirmativamente ya no más dispuesta a continuar la conversación]*

Rogéria: *[volviéndose hacia la persona detrás de ella en la fila]* Cada uno haciendo su parte, es mejor para todos, ¿verdad?

Carolina: *[Carolina sonríe en silencio. Después de una pausa, ella comenta]* Veo que se me olvidó comprar la salsa de tomate. ¿Cómo se hacen los ñoquis sin salsa? Jajaja, me voy a buscarlo...

Rogéria: Verdad, ¡sin salsa es imposible! ¿Has probado con la salsa pomodoro?

Carolina: No, nunca...

Rogéria: Hay que probarlo, ¡es maravilloso!

Carolina: ¿Ah, sí? *[No entusiasta, pero no queriendo perder la educación]*

Rogéria: Necesitarás 6 tomates maduros, aceite de oliva, albahaca y otras especias de tu gusto. Me gusta usar ajo, pimienta negra, a veces también agrego un poco de pimentón porque le da un sabor especial. ¡En casa a todos les encanta!

Carolina: Interesante. Pero necesito...

Rogéria: Luego retira las cáscaras de los tomates: puedes calentarlos en el fuego de la estufa, luego la cáscara se desprende rápidamente... y quita las semillas también. Me gusta batir un poco la licuadora para que sea más rápida, pero también puedes dejar que los tomates se cocinen hasta que se acaben.

Carolina: Bien...

Rogéria: Luego salteas las especias y los tomates en el aceite y déjelo al fuego durante unos 30 minutos y estará bien. También puedes agregar otros ingredientes: carne para una salsa boloñesa, jamón, mozzarella, lo que quiera. Cocinas la pasta hasta que llegues al punto al dente. Luego solo echa la salsa en la masa y estará lista. Hummm, ¡te encantará!

Carolina: Muy bien *[se ríe tratando de ser amable]*. Lo intentaré.

Rogéria: ¡No querrás otro! Quien me dio esta receta fue la hija de Gil ¿sabes? La vi por la computadora. Olvidé su nombre... Hija de Gilberto Gil que enseña algunas recetas...

Carolina: Sí, lo sé. Voy a echar un vistazo, no te preocupes.

Rogéria: Solo tienes que buscarla allí en "utube"... Se me olvidó el nombre, Dios mío...

Carolina: Sí, pero... ¿puedes guardar el lugar para mí?

Rogéria: ¿El lugar aquí en la cola? Oh sí, por supuesto. Puedes irse.

Carolina: Conseguiré lo que falta. ¡Es rápido!

Rogéria: ¡Ahh! ¡No olvides la albahaca!

Michael, el cajero *[a lo lejos puedes escuchar al cajero exclamar]* ¡Siguiente!

[Pedro Paulo se acerca al cajero. Comience a poner sus productos en la cinta transportadora]

Pedro Paulo: Tomó, pero llegó. Incluso con personas que sacando provecho, llegó la nuestra- Quiero decir, mi turno.

Michael, el cajero: ¡Buenas noches!

Pedro Paulo: ¡Buenas noches jovencito!

Michael, el cajero, pasó los productos hasta que alcanzó el límite de quince.

Michael, el cajero: Señor, no es posible pasar más de 15 volúmenes.

Pedro Paulo: *[con una voz tranquila y agradable, mostrando cierta ternura en su tono]* ¡Muchacho! ¡Me disculpa! ¡No le presté atención! En este apuro, terminé sin contar adecuadamente. Pero es solo un artículo extra. ¿Puedo pasar de todos modos?

Michael, el cajero: Desafortunadamente señor, no puedo ayudar.

Pedro Paulo: Ya estoy aquí, ¿verdad? Es rápido, no tardará mucho.

Michael, el cajero: Señor, solo puedo llegar hasta aquí.

Pedro Paulo: Oye, he estado aquí por más de media hora. ¡Media hora! Y seamos sinceros, para una línea de pago rápido, ¡ya ha tomado demasiado tiempo!

Michael, el cajero: Tendré que terminar tu compra. Usted paga por estos artículos y el resto tendré que pasarlos más tarde. Tendrás que esperar un poco más.

Pedro Paulo: *[mira hacia atrás y le dice a Rogéria]* ¡Es broma! ¿Has visto? ¿Viste lo que me acaba de pasar?

Rogéria solo asintió con la cabeza a Pedro Paulo.

Michael, el cajero: ¡Siguiente!

Carolina regresa con muchos más artículos en el carrito y agradece a Rogéria por salvar el lugar. A medida que se desarrolla la escena, Margareth termina de retirar sus productos del carrito e iba hacia a él cajero.

Carolina: ¡Gracias! Terminé necesitando recoger algunas cosas más para hacer la receta que me diste. *[dando una sonrisa y un guiño]*

Rogéria: Ah, veo un vino tinto seco, servilletas especiales, aceite y parmesano rallado. ¡Predigo que saldrá una cena romántica! *[risa pícaro]*

Carolina: Ahhh, ¡solo si es entre Fred y yo, mi gato!

Rogéria: ¡Yá veo! Una chica bonita como esa, solo una llamada telefónica para tener una buena compañía para esta cena, ¿verdad?

Instigados por los elogios de la mujer, un caballero que está más atrás, Pedro Paulo y un tercer hombre en la fila miran inmediatamente a Carolina. Parecían analizar la forma de su cuerpo y el contorno de su rostro.

Carolina: *[avergonzada, sale de la cola y habla con la audiencia sobre sus pensamientos]* ¿Vieron estas miradas maliciosas en mí? ¡Arghh, asqueroso! Odio sentir que los hombres me miran de esa manera. ¡Parece que fantasean sobre situaciones conmigo, como si fuera un objeto de placer! ¡Mi deseo es escupir en la cara de todos! ¿Creen que tengo sus números en mi lista de contactos? Que hoy voy a abrir mi WhatsApp y pensar: "uhm, ¿a cuál de estos crushes voy a invitar a cenar esta noche?" ¡No se dan cuenta! ¡Váyanse al diablo, acosadores!

Carolina: *[Carolina vuelve a la cola]* Aaah, ¡realmente prefiero cenar con Fred. No necesito negociar con él sobre el condimento o la música.

Michael, el cajero: Siguiente.

Rogéria ya está finalizando sus compras y Carolina comienza a poner sus artículos en la cinta transportadora. Es entonces cuando Pedro Paulo, el hombre que estaba cerca, se le acerca para explicarle su situación.

Pedro Paulo: Disculpe señorita. Estaba esperando que esta dama terminara. Necesito pasar este producto y tú pasas el tuyo justo después de mí. Si

no te importa...

Carolina: Es solo que he estado en la cola desde antes. Aquí, en este lugar, detrás de esta dama.

Pedro Paulo: Ya veo ¡Pero estaba delante de ella! Solo faltaba este producto a pesar de que el cajero me pidió que le pasara una nueva compra. Es curioso, no te vi aquí en la cola...

Carolina: Solo necesitaba encontrar algunas cosas faltantes. Regresé ahora. Puedes pasar después de mí. Mejor que enfrentar toda esta cola nuevamente.

Pedro Paulo: No, no, no lo entiendes. He estado en esa cola por más de 40 minutos, niña. ¡Solo necesito pasar este producto! No tengo que ir al final de la cola.

Carolina: Lo entiendo perfectamente. Te metiste en la cola equivocada. Lo correcto hubiera sido ingresar a una cola sin límite de volumen. Ahora deja de tomar ese producto o regresa al final de la cola.

Pedro Paulo: ¡No me di cuenta de que tenía más de 15 artículos en el carrito! Ya estoy teniendo que hacer 2 compras debido a esta distracción. Usted es quien debería haber ingresado al final de la cola, ya que todavía estaba comprando. Pero sé que las mujeres son así, olvídate de algo, sal a caminar por el supermercado y vuelve cuando llegua tu turno.

Carolina: ¡Ah, qué absurdo! Le pedí que salvara mi lugar. [volviéndose hacia Rogéria] ¿No es verdad?

Rogéria asiente mientras termina de empacar sus compras.

Pedro Paulo: Resulta que durante unos 2 minutos, ya habría pasado mi producto y me iría a mi casa en tranquilidad.

Michael, el cajero: ¡Siguiente!

Pedro Paulo: Así que, muchacho, necesito pasar este artículo que quedó fuera de mi compra, ¿recuerdas?

Carolina: Después de mí.

Pedro Paulo: ¿Estas viendo? Estaba delante de esta señora. Simplemente pase este desinfectante que quedó fuera.

Carolina: ¿Y el paquete de balas que comiste mientras esperabas? No pagarás, ¿verdad?

Pedro Paulo: ¿Pa...paqqqueete de balas?

Carolina: Ah, ¿te has olvidado? ¡Déjame recordarte!

Carolina: [Carolina va a la góndola detrás y saca el empaque vacío, escondido debajo de otros productos] ¡Este!

Pedro Paulo: ¡Ahhh! Me alegro de que lo hayas encontrado. El paquete se deslizó de mi mano y no vi dónde terminó. Gracias [tomando el paquete de ella de repente]

Michael, el cajero: ¿Y entonces? ¿Quién es el próximo?

Carolina y Pedro Paulo hablan en voz alta juntos, y se acusan mutuamente

sin que se pueda entender lo que se dice.

Michael, el cajero: ¡Señores! ¡SEÑORES! Por favor. Ustedes están perjudicando a los clientes en esa cola. Necesitaré llamar a la gerencia. Entonces, hasta que este desacuerdo se resuelva aquí, asistiré a este caballero que está detrás de ustedes.

Wagner: *(cliente que se encuentra frente al "Sr. Comprador de baterías")* ¡Creo que es lo suficientemente justo! Además de ser anciano y tener derecho a preferencia, estos dos están equivocados: este elude la regla de 15 volúmenes en la cola y el otro sale de la cola y regresa al mismo lugar con varios artículos... Elegí esta línea yo mismo teniendo en cuenta el volumen de los carritos. ¿Es rápido o no?

Otras personas en la cola comentan cosas al mismo tiempo. Mientras tanto, notando el desorden, el cajero enciende la luz sobre él y espera la llegada de la gerencia.

Januário: ¿Reservar un asiento en la cola? No, ino se puede!

Marcela: ¡Que absurdo!

Januário: ¡Cajero! ¡Resuélvelo ya! ¡No tengo todo el día para quedarme en ese supermercado!

Lara: ¡Oh, qué exageración! ¿Y quien nunca lo ha hecho? Hipócritas.

Marcela: Para las personas mayores, existe el cajero preferencial. ¡Ve a la cola allí! Ancianos, embarazadas, discapacitados, todas estas personas mimimi.

Berenice: Sucede que olvida una cosa u otra, ¿verdad?

Lara: ¿No es? 15 o 16 artículos, ¿qué diferencia hay?

Berenice: Si las colas fueran realmente rápidas ... Pero mira eso, con tantos clientes, tan pocas cajeras funcionando. ¡Nadie habla de eso!

Marcela: El brasileño es demasiado tolerante. ¡Hay que tener toda la santa paciencia! ¡Por eso el país es así!

Gerente: *[preguntando al cajero]* ¿Qué está pasando, Michael?

Michael, el cajero: Este hombre tenía 16 productos en el carrito. Como es la regla, pasé 15 y le dije que necesitaba pasar de nuevo. La señora que estaba detrás de él pasó sus compras. Cuando terminó, esta chica llegó a la fila diciendo que estaba detrás de la señora. Esto es lo que pasó.

Gerente: Lo tengo ¿Pero le pidió que comenzara una nueva compra a cuenta de 1 artículo más?

Michael, el cajero: Un desinfectante. Bueno, ¿no son las reglas de la compañía?

Un murmullo comienza a escucharse. Son los clientes en la cola quienes vuelven a comentar sobre la situación.

Gerente: Sí, pero... Está bien. Pero, oye, ¿toda esta confusión debido a un

desinfectante?

Pausa.

Michael: [*desconcertado y sin entender*] En realidad también tenía un paquete de balas. Pero este vino después.

Gerente: ¿Eh? Espera [*recurriendo a clientes en cola*] ¡Buenos días! Estoy aquí para ayudar a resolver este problema de la mejor manera. Por eso, les pido su cooperación. Vamos a callarnos, por favor.

El murmullo disminuye hasta que se detiene.

Gerente: Michael, no entendí nada: ¿dijiste que esta chica llegó justo a tiempo para pasar las compras? ¿Dónde estaba ella?

Michael: Salió a buscar algo que olvidó. La señora... ¿Dónde está la señora? Ah, entonces, la señora que estaba delante le guardó el lugar.

Gerente: Pero no somos responsables de las reservas de lugares, Michael. Si era su turno y no lo era, perdió el derecho y debe irse al final de la cola.

Pedro Paulo: Eso es lo que le dije.

Carolina: [*cambiando ligeramente el tono de voz*] Pero espera! No llegué justo para pasar mis compras. Llegué antes, cuando esa señora [*buscando a la señora que ya no está*] ...la señora frente a mí que estaba siendo atendida.

Gerente: Ah, entonces es diferente.

Pedro Paulo: Diferente? ¿Que hay de diferente?

Gerente: Ella estaba presente en la cola cuando llegó el momento de ser atendida.

Pedro Paulo: ¡No me dejó pasar 1 artículo, este desinfectante aquí! Y pasó mucho tiempo fuera de la cola, ¿de acuerdo? Terminando sus compras, mientras tenía su lugar aquí [*en tono de ironía*] "reservado". No veo nada de presencia en eso.

Wagner: Disculpe, gerente, ¡pero tenemos que apresurar la cola! Hemos estado aquí por casi una hora. Si puedo sugerir... Este hombre ya es un hombre anciano. Ha estado parado aquí todo este tiempo. ¿Por qué no despejas la línea, con su ayuda, mientras resuelves los otros dos?

Gerente: [*recurriendo al comprador de baterías*] Pero podría haber ido a la cola preferencial. Tienes derecho a preferencia, ¿no?

Marcela: [*grita desde atrás*] ¡Eso! ¡Envía al viejo a la cola de ancianos!

El señor comprador de la batería mira al gerente, pero no dice nada.

Gerente: ¿Señor, tienes más de 60 años?

El señor comprador de baterías asiente tímidamente.

Gerente: Entonces, resolvamos esta historia. Vaya y haga sus compras en

la otra cola, señor.

Mientras el hombre que compra la batería va al cajero y para que él empeeze a hacer su servicio, Wagner y Marcelo / a discuten en la línea del supermercado.

Marcela: [nerviosa] Ahora la preferencia será válida en todas las colas, ¿verdad? ¡Era justo lo que necesitaba!

Wagner: Oye, si la gentileza y la cordialidad no pasaron por allí, ¡es bueno que al menos sepas que la ley no tiene restricciones! Significa que es válido para cualquier cola, cualquier establecimiento. No hay un lugar específico para que la ley funcione.

Marcela: [totalmente nerviosa] ¡Cállate, gilipollas! ¿Quieres que te pegue en la cara?

Gerente: Ustedes dos, por favor finalicen esta discusión aquí o la policía resolverá el caso.

Marcelo/a: ¡Para mí, incluso puedes llamar al ejército!

Wagner prefiere no responder y continuar esperando su turno en la fila.

El comprador de la batería va al cajero para ser atendido. Se choca con Januário, que empuñaba su paquete de pasta, indignado.

Januário: [pensando] ¡Cómo grita este penúltimo idiota en la cola justo detrás de mí!

Michael, el cajero: Buenos días, señor. [levantando la batería y pasando el lector óptico]: biiiiip.

Señor que compra baterías: ¿Cuanto es?

[Pregunta al supuesto señor con la batería]

Michael, el cajero: Setenta y cinco centavos.

El comprador de la batería presenta la tarjeta para pagar el producto.

Michael, el cajero: Oh no, señor, no pasamos tarjetas para compras de menos de diez reales.

Señor que compra baterías: Vaya, pero no tengo dinero.

Michael, el cajero: [Michael, el cajero, coloca un letrero "cerrado" en la cinta transportadora y presiona un botón, haciendo que se encienda la luz del cajero.] Consultaré con el gerente para ver si hay alguna excepción.

Januário: [saliendo de la línea, pensando] ¿Eh? excepción? ¿Como así? Y las personas en la cola parecen inertes. ¡No! Lo correcto sería que este ciudadano se salga de la línea, se vaya a casa y obtenga dinero. ¡Debería irse a casa sin la batería! Ahora por setenta y cinco centavos y una pila, ¡me estoy perdiendo mi domingo! Lo sé, le prestaré dinero. No, mejor, le daré el dinero.

Januário: Señor, mira, tengo uno real. Después me pagas.

Señor que compra baterías: ¿Después? Después cuando? ¿Cómo sabe-

mos que nos volveremos a ver? De ninguna manera, mí hijo.

Januário: [*dejando la cola, piensa*] Oh, cómo odio que me llamen "mi hijo". ¡Solo porque tiene el cabello gris, no puede hacer eso!

Januário: Señor, es más práctico. Acepta la moneda, por favor.

Señor que compra baterías: De ninguna manera. No te molestaré. El gerente ya viene.

Januário: Pero ya ves, no es incómodo, es simplemente práctico.

Januário: [*saliendo de la cola, piensa*] ¡Ya no me mira! Él está agitando su mano como si dijera "no". ¡Mira qué hijo de puta! Está hablando con el cajero como si tuviera el resto de las galaxias por delante. ¡Hoy es domingo! Solo quiero fumar uno y comer mis fideos, imaldición! A las personas en la cola ni siquiera les importa. ¡El idiota que le envió el señor por delante está coqueteando con la chica de al lado! Una chica en ropa de gimnasia! ¿Coquetear con una chica en ropa de gimnasia un domingo? ¡Vaya! Aquí viene: la mujer de la corbata de moño y el traje de tela barato. Ah, eso debería calentarse. Sí, es la gerente. Maravilloso

Gerente: [*va a Michael, el cajero*] ¿Qué es esta vez?

Michael, el cajero: Es el valor: setenta y cinco centavos. No pasamos la tarjeta y el señor no tiene dinero. Ese otro cliente allí [*señaló a Januário*] incluso se ofreció a pagar.

El gerente mira a Januário y sonríe. Habla brevemente con el comprador de la batería. Mueve una bolsa negra alrededor de tu cintura. Camina al lado de Januário.

Gerente: ¿Buenos días, cómo estás?

Januário: Estoy bien, con un poco de prisa para decir la verdad.

Gerente: ¿Ofreció pagar la factura de ese cliente en el cajero?

Januário: Sí, sí. Para racionalizar.

Gerente: [*El gerente sacó una moneda de veinticinco centavos de la bolsa y se la tendió a Januário*] Gracias, señor, por su amabilidad. Aquí está tu cambio.

Los ojos de las personas en la cola lo acosan. Todos están atentos al movimiento. Januário saca una moneda real de su bolsillo.

El gerente le hace una señal de "ok" a Michael, el cajero. Ella regresa a su puesto, en un mostrador más adelante. La luz de caja se apaga y la placa "cerrada" se retira del cinturón. Mientras camina lentamente por el vestíbulo hacia la salida, el comprador de baterías mira a Januário preguntándose si alguna vez tendrá la oportunidad de devolver esa actitud generosa. Januário solo piensa en abandonar ese supermercado de inmediato y preparar sus spaguetti. Mientras tanto, de vez en cuando, Carolina y Pedro Paulo se miran. Cada uno mantiene una firme creencia de que él es el primero en la fila.

Michael, el cajero: ¡Siguiente!

Carolina y Pedro Paulo vuelven a hablar juntos, debatiendo quién será el próximo en ser atendido.

Michael, el cajero: ¡Espera! ¡Por favor! Alguien en la puerta! ¡Llama a este hombre que acaba de irse! ¿Se ha ido? ¡Necesito hablar con él! ¡El que compró la batería!

Gerente: ¿Quién?

Michael, el cajero: ¡Ese hombre canoso que compró la batería! No lo compró, ese tipo que lo compró para él.

Gerente: Lo se. Espera. Ay, ay, ay ... ¡Este Michael me acaba de meter en problemas! [gritos] ¡Oh Jorjão, te llamo allí!

El comprador de la batería regresa, caminando lentamente hacia el cajero de Michael.

Senhor que compra baterías: ¿Olvidé algo? ¿Qué olvidé? Esta cabeza no es buena en absoluto.

Michael, el cajero: [sonriendo emocionado, como si tuviera una gran oportunidad para ofrecerte] Olvidé preguntar: ¿tienes Dotz?

Todos los personajes se congelan y la luz se apaga.

FIN.

ANEXO 2 - IMÁGENES DE ACTIVIDAD DE EXTENSIÓN





A experiência de uma liga acadêmica: contribuição da visita técnica como atividade de extensão para os discentes do curso tecnólogo em radiologia

Ingrid Carolina Nascimento

Graduanda em Tecnologia em Radiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
ingridcarolina17@outlook.com

Jehnnycy Silva Souza

Graduanda em Tecnologia em Radiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
jehnnycysouza@gmail.com

Gabriel Victor dos Santos

Graduando em Tecnologia em Radiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
gabriel_santos_victor@hotmail.com

Jessica Gomes Ferreira da Silva

Graduanda em Tecnologia em Radiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas.
jessica_gomes_ferreira@gotmail.com

Marta Laiany Martins Machado

Graduanda em Tecnologia em Radiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas.
marta_laiany_14@hotmail.com

Jerfon Tavares Marcos

Graduando em Tecnologia em Radiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas.
jerfontavares@hotmail.com

Josefina da Silva Santos

Dra. em Ciências – Tecnologia Nuclear. Profa. Adjunta da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
jolissasp@gamil.com

RESUMO

As atividades de extensão realizadas nas universidades caracterizam-se como um instrumento de produção de conhecimento. Este instrumento permite ao estudante entrar em conexão com o mundo ao seu redor podendo vislumbrar possíveis áreas de atuação. O presente artigo se caracteriza como um relato de experiência sobre uma visita ao Departamento de Energia Nuclear – DEN da UFPE. Essa ação teve a duração de um dia e contou com a participação de alunos do Curso Superior em Radiologia da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, foi planejada pela LIGA Acadêmica de Tecnologia Aplicada a Saúde – LATAS, onde foram apresentados ao grupo participante o Museu de Ciências Nucleares, o Laboratório de Proteção Radiológica (LPR) e o Laboratório de Metrologia das Radiações Ionizantes. A experiência dos participantes foi avaliada através de questionário de satisfação inferindo os pontos positivos e negativos da ação.

Palavras-chave: Visita Técnica, Extensão Universitária, Liga Acadêmica; Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

The extension activities implemented at the universities are characterized as an instrument of knowledge production. This instrument allows the students to connect with the world around them and to catch a glimpse of possible areas of activity. This article is characterized as an experience report about a visit to UFPE's Department of Nuclear Energy – DEN. This action lasted one day and it was attended by some students of the Bachelor in Radiology at the University of Health Sciences of Alagoas – UNCISAL. This action was planned by the Academic League of Technology Applied to Health – LATAS, where were presented to the participating group the Museum of Nuclear Sciences, the Radiological Protection Laboratory (LPR) and the Ionizing Radiation Metrology Laboratory. The participants' experience was rated through a satisfaction questionnaire inferring the positive and the negative points of the action.

Keywords: Technical Visit, University Extension, Academic League; Teaching-Learning

INTRODUÇÃO

No Brasil as Ligas Acadêmicas (LA) surgiram durante o período da ditadura militar, com o propósito de expandir os horizontes estudantis para além da universidade, buscando maior aplicação prática dos conteúdos ministrados, sendo que a primeira LA foi criada na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em 1920. (HAMAMOTO FILHO et al., 2011).

As LA são amplamente difundidas dentro das escolas médicas brasileiras, fazendo parte do "currículo paralelo", onde espera-se que constituam-se "espaços" onde o Estudante possa atuar junto à comunidade como agente de promoção de saúde e transformação social, ampliando o objeto da prática médica, reconhecendo as pessoas como atores do processo saúde-doença, o qual envolve aspectos psicossociais, culturais e ambientais, e não apenas biológicos. (TORRES et al. 2008; HAMAMOTO FILHO et al., 2010).

Atualmente, o escopo das LA tem expandido para outras áreas além da medicina, atendendo um público mais diversificado como os cursos tecnológicos. As LA sejam elas da área da saúde ou não, são formadas por estudantes de diferentes períodos/anos podendo abranger diferentes cursos, com o objetivo de aprofundar o aprendizado em determinado tema, visando o aperfeiçoamento do conhecimento pessoal em prol da sociedade, onde desenvolve diferentes ações de extensão. Vale ressaltar que, apesar de estarem sob a supervisão de um ou mais docentes, o caminho de percurso escolhido pela liga é definido pelos estudantes. (HAMAMOTO FILHO et al., 2011).

Atualmente, as LA apresentam um papel importante dentro das instituições de ensino superior, sendo citadas inclusive como um caminho para o combate à evasão no Ensino Superior Público. As LA constituem-se em espaços facilitadores de produção tanto de pesquisa como de extensão onde permitem potencializar as habilidades e o conhecimento científico dos acadêmicos. (CARNEIRO-MARINHO et al., 2018).

A Extensão Universitária, é fortemente caracterizada pela diversidade de conteúdos que envolvem as diferentes áreas do conhecimento e têm como eixo norteador o tripé da universidade: – ensino, pesquisa e extensão universitária. (DEL-MASSO et al., 2017). O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) conceitua Extensão Universitária como:

"um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade." (FORPROEX, 2012, p. 42).

Entre as atividades mais comuns de extensão universitária está a visita técnica, este tipo de ação busca mostrar a rotina do universo profissional, favorecendo um alinhamento entre expectativa e realidade, sendo de extrema relevância para os alunos da graduação. Conforme conduzidas as visitas podem

apresentar diversos objetivos (MONEZI, 2005), tais como:

- Estabelecer relações entre o conteúdo teórico e a prática;
- Exercitar as habilidades de análise, observação e crítica;
- Interagir criativamente em face dos diferentes contextos técnicos e produtivos;
- Aliar o conhecimento sistematizado com a ação profissional;
- Buscar o desenvolvimento da visão sistêmica;
- Interagir com os diferentes profissionais da área, com vistas a ampliar e aprofundar o conhecimento profissional;
- Estimular o aluno à pesquisa científica e a pesquisa de campo.

As Ligas Acadêmicas têm se tornado um caminho para os alunos participarem de projetos de extensão, vivenciando elo ensino-pesquisa-extensão, o que contribui para compreender sua vida profissional, visto que o envolvimento colabora para o exercício futuro da profissão. (DANIEL et al, 2018).

Dessa maneira, a Liga Acadêmica de Tecnologia Aplicada a Saúde - LATAS apresenta papel importante e diferencial para os estudantes participantes, como atividade extracurricular, dado seu potencial de contribuir para a concepção do futuro profissional. Sua linha de atuação é o da divulgação científica das tecnologias aplicadas à saúde em diferentes ações de extensão.

Este trabalho objetiva avaliar a importância da visita técnica ao museu e laboratórios na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), realizada numa ação extensionista, na formação de estudantes do Curso de Tecnologia em Radiologia da UNCISAL, através da pesquisa de satisfação de uma ação da Liga Acadêmica de Tecnologia Aplicada a Saúde - LATAS.

A atividade proposta visou proporcionar conhecimentos de diferentes realidades tecnológicas, propiciando aos participantes uma vivência prazerosa com o objetivo de mostrar uma das possíveis rotinas práticas da Proteção Radiológica, aprofundar o conteúdo referente a área e como complemento dos saberes obtidos dentro da universidade.

METODOLOGIA

O planejamento da visita técnica se iniciou em março de 2019, onde a equipe da LATAS foi dividida entre comissão organizadora e financeira. O planejamento abrangeu as seguintes ações: agendamento prévio dos espaços a serem visitados, divulgação da ação, aluguel do ônibus, venda dos assentos, seguro e arrecadação do dinheiro e elaboração da ferramenta para pesquisa de satisfação.

O agendamento foi realizado via e-mail para o dia 24 de maio de 2019 nos seguintes espaços: Museu de Ciências Nucleares, Laboratório de Proteção Radiológica, Laboratório de Metrologia das Radiações Ionizantes (quadro 1). A

entrada nos espaços é realizada de forma gratuita, entretanto, como houve a necessidade do deslocamento, foi necessário cobrar uma taxa para a viagem (que cobriu as despesas com o ônibus e o seguro). A distância entre o ponto de partida, Maceió, e os espaços a serem visitados na cidade de Recife (260,6 km), gerou expectativas tornando a fase de planejamento crucial para o sucesso da visita.

Museu de Ciências Nucleares da Universidade Federal de Pernambuco
Espaço interativo, didático e lúdico, inaugurado em 2010, destinado a difundir o uso e as aplicações pacíficas das radiações bem como desmistificar paradigmas e preconceitos relativos à área.
Laboratório de Proteção Radiológica (LPR-DEN/UFPE)
Atua desde 1970, sendo o primeiro Laboratório do Nordeste credenciado pelo INMETRO na área das radiações ionizantes. Prestam serviços de monitoração individual, levantamento radiométrico, elaboração de projetos de blindagens, consultorias e treinamento em proteção radiológica.
Laboratório de Metrologia das Radiações Ionizantes (LMRI-DEN/UFPE)
Atuam desde 1997, prestam serviços de calibração de dosímetros e aparelhos de medida da radiação ionizante pertencentes a clínicas, hospitais e indústrias da região e do país.

Quadro 1 – Espaços visitados.
Elaborado pelo autor (Fonte: www3.ufpe.br).

Durante a visita: Analisando setores e conteúdos na exposição

Na primeira etapa, os estudantes foram acompanhados pelos monitores do Museu de Ciências Nucleares, que fizeram uma revisão sobre o conhecimento histórico das físicas das radiações, os principais acidentes nucleares, Radiologia Industrial, Irradiação de Alimentos, Medicina Nuclear e Proteção Radiológica. Todos esses conteúdos foram abordados de uma forma dinâmica e interativa com os visitantes.

Na segunda etapa, os estudantes foram divididos em dois grupos e direcionados aos laboratórios já citados. No LPR-DEN/UFPE, os participantes foram acompanhados por uma doutoranda do DEN, onde foi apresentado a rotina de leitura dos dosímetros individuais de trabalhadores ocupacionalmente expostos à radiação ionizante (radiação gama, por exemplo), através do Método de Luminescência Ópticamente Estimulada (OSL). No LMRI-DEN/UFPE, foi apresentada a infraestrutura do laboratório e detalhado o processo de calibração, em diferentes feixes de radiação, de detectores a gás do tipo Geiger Muller e Câmera de Ionização usados tanto na área da saúde como na indústria.

Apesar desta ação ter sido planejada para a visita ao Museu de Ciências Nucleares e ao LPR e LMRI, o grupo teve a oportunidade de conhecer também o Laboratório de Avaliação da Contaminação do Solo, onde foi apenas observado a tecnologia do equipamento microtomógrafo na investigação de pequenas estruturas.

Depois da visita: Confraternizando e avaliando o grau de satisfação com aplicação do questionário

Durante o retorno para Maceió, ocorreu a aplicação do questionário com o intuito de avaliar a satisfação dos participantes quanto a ação desenvolvida e levantar sugestões para as próximas ações a serem desenvolvidas pela Liga.

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizada a ferramenta do Microsoft® Office Excel, versão 2018, havendo a conferência quanto a digitação das questões fechadas de todos os questionários. Quanto às questões abertas, foram analisadas sob caráter comparativo realizando agrupamento das respostas em categorias a partir das recorrências encontradas na amostra total.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta ação contou com 23 participantes, porém, apenas dez estudantes (43,48%) fazem parte da LIGA LATAS. Do total, a maioria eram estudantes do sexo feminino (86,96%). Com relação a distribuição dos participantes por faixa etária, foi possível verificar uma distribuição semelhante (34,78%) entre 21 - 30 anos e 31 - 40 anos, seguidos daqueles com idade até 20 anos. Esta ação foi desenvolvida voltada para os estudantes e/ou profissionais das técnicas radiológicas. Nesta primeira edição, os participantes foram compostos por 22 alunos do Curso de Tecnologia em Radiologia e um tecnólogo em radiologia (professora da universidade que não conhecia os espaços visitados).

A ferramenta para coleta de dados foi estruturada com 10 questões, sendo 8 utilizando uma escala tipo Likert de 5 pontos, cuja gradação variava entre os extremos: "concordo totalmente" a "discordo totalmente" e 2 questões abertas onde foi estimulado os participantes a registrarem seus comentários, sugestões e/ou reclamações. A escala Likert baseia-se em uma série de afirmações para as quais são emitidos graus de concordância, podendo ser utilizada nas mais diversas áreas do conhecimento. Este tipo de ferramenta apresenta como vantagem o seu fácil manuseio e compreensão.

O grau de satisfação relaciona-se com a sensação de prazer ou desapontamento percebido de um produto ou um serviço em relação às expectativas (KOTLER,1998 apud ALCANTARA 2012). Quando a realização da ação supera as expectativas gera uma percepção positiva na qualidade do serviço prestado. Em nosso trabalho a satisfação foi avaliada por meio da concordância do participante da ação com a questão 1 "Me sinto satisfeito em ter participado desta ação" e questão 2 "Esta ação atingiu minhas expectativas". Uma variável que é fortemente ligada a relação desempenho/expectativa é a word-of-mouth, que desempenha um papel muito importante na formação de opiniões através da partilha de experiências e recomendação em qualquer área de interesse,

podendo ser positivo ou negativo conforme a experiência do comunicador. Através da concordância com a questão 3 "vou falar de aspectos positivos desta ação" e questão 4 "acredito que esta ação deve ser realizada outra vez" avaliamos se a comunicação *word-of-mouth* sobre a ação seria positiva. Como se pode observar no Gráfico 1 a satisfação dos usuários foi elevada, sendo que 100% acreditam que a LIGA deve proporcionar novamente esta ação e o *word-of-mouth* foi positivo.

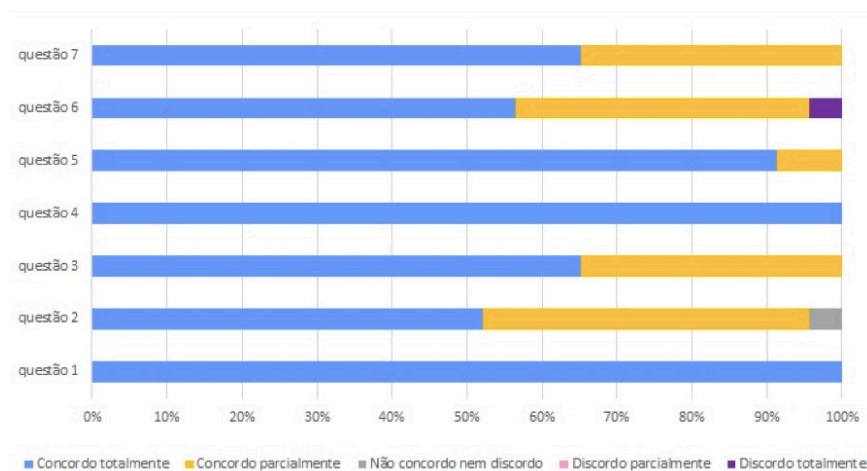


Gráfico 1 – Satisfação com a participação na ação - Frequência relativa percentual

Dos participantes da ação 91,3% concordam totalmente e 8,7% concordam parcialmente que "As atividades desenvolvidas nesta ação estão correlacionadas as disciplinas do meu curso de graduação" (questão 5). O que mostra que os espaços escolhidos para a visita durante o planejamento estão diretamente ligados a estrutura do curso. Com relação ao planejamento da ação ainda foram apresentadas as afirmações: "O tempo de duração da ação foi adequado a atividade" (questão 6) e "O planejamento da ação foi adequado" (questão 7). Apesar de ser uma ação que envolveu o deslocamento entre Maceió-Recife (258,3 km) com ida e volta no mesmo dia, pode-se observar que os participantes da ação consideraram que o planejamento da ação foi adequado (Gráfico 1).

Foi inferido também, na questão 8, a afirmativa "Costumo visitar museus/exposições culturais regularmente", onde foi possível perceber que a maioria dos respondentes não concordaram nem discordaram ou discordaram parcialmente. Este dado pode estar relacionado a pouca oferta de museus/exposições culturais no estado de Alagoas principalmente voltados para a divulgação científica, quando olhamos especificamente para a área da radiologia não encontramos absolutamente nada.

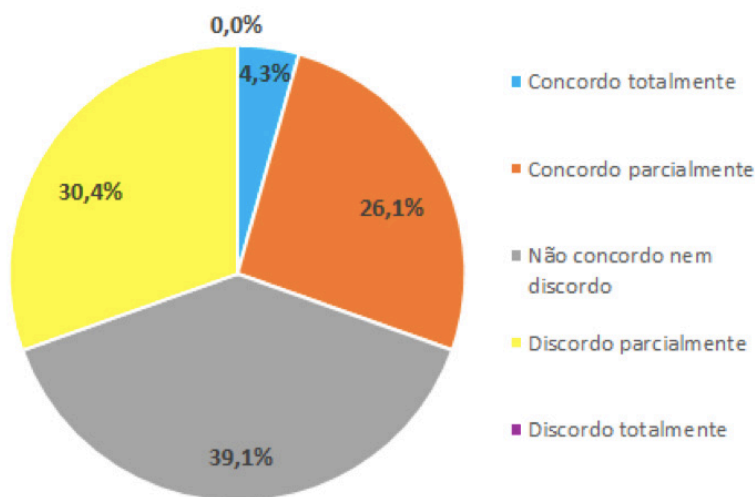


Gráfico 2 - Frequência relativa percentual do costume dos participantes

O questionário finaliza com duas questões abertas, onde se podia descrever o espaço visitado que o participante mais gostou (questão 9), e em linhas gerais, dar sugestão para as próximas ações (questão 10). A questão 9 obteve 21 respostas, sendo que 6 participantes preferiram o museu, 11 participantes elencaram alguns dos laboratórios e 4 participantes responderam que gostaram de todos os locais.

No percurso de volta para Maceió, durante a interação do grupo, foi possível perceber a satisfação dos participantes principalmente quando eles falavam dos laboratórios de metrologia e Proteção Radiológica, pois nesta ação, os participantes vislumbraram áreas de atuação profissional até então desconhecidas, sem contar o privilégio de visitar uma instituição que no cenário nacional desenvolve pesquisas de ponta, os participantes ficaram estimulados a participar de pesquisas científicas e voltaram com ideias para desenvolverem seus Trabalhos de Conclusão de Curso. Estes pontos positivos podem ser revelados em alguns dos relatos dos participantes.

Relato 1:

"A viagem me fez decidir em qual área quero atuar".

Relato 2:

"A viagem me proporcionou um leque de conhecimento, nos fez abrir os olhos para diversas áreas de atuação na Radiologia e nos impulsionou a continuar se aperfeiçoando cada dia mais, para ser um profissional de sucesso".

Relato 3:

"A viagem me proporcionou um momento ímpar, pude perceber o quanto posso explorar na nossa área e me tornar uma profissional de referência".

Apenas 43,48 % dos participantes responderam a questão 10 referente a sugestão para próximas ações, onde a maioria (7 respondentes) sugerem a organização de visita a outras instituições. Mas também foi sugerido que durante a ação ocorresse a realização de atividades de integração dos participantes e de fixação do conhecimento apresentado (3 respondentes), além de que fosse organizado idas coletivas a congressos (um respondente) e que o número de participantes fosse ampliado (um respondente). A procura para participar desta ação foi superior ao número de vagas, que foi fechado com base na capacidade dos laboratórios em receber visitantes e no transporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne ao desenvolvimento deste trabalho, observa-se a significância de visitas técnicas no Curso de Tecnologia em Radiologia para a qualidade dos futuros profissionais das técnicas radiológicas, pois leva o acadêmico a estabelecer relações entre o conteúdo teórico e a prática profissional, interagir criativamente em face dos diferentes contextos técnicos e produtivos, interagir com os diferentes profissionais da área, e estimula a pesquisa científica e a pesquisa de campo, sem contar que proporciona uma revisão geral sobre os principais assuntos abordados em sala de aula de Física das Radiações e Proteção Radiológica, além de uma revisão geral da parte histórica da física das radiações.

AGRADECIMENTOS

Aos Monitores do Museu de Ciências Nucleares, aos profissionais do Laboratório de Metrologia das Radiações Ionizantes, aos pós-graduandos do Laboratório de Proteção Radiológica, ao Professor Wellington Carvalho e a Prof^a. Dra. Helen Khoury.

Data de submissão: 07/11/2019

Data de aceite: 16/03/2020

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Valderi de Castro et al. DIMENSÕES E DETERMINANTES DA SATISFAÇÃO DE ALUNOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR. *Revista Brasileira de Marketing*, [s.l.], v. 11, n. 3, p.193-220, 26 dez. 2012. <http://dx.doi.org/10.5585/remark.v11i3.2444>.

CARNEIRO-MARINHO, Pedro et al. Liga Acadêmica Paraense de Pediatria Clínica e Cirúrgica (Lappecc): estímulo ao estudo e à permanência dos alunos do curso de Medicina. In: MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor et al (Org.). *INTE-RIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: PROTAGONISMO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS E MUNICIPAIS NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL*. Cascavél: Edunioeste, 2018. p. 79-97. Disponível em: <<https://www5.unioeste.br/portalu-nioeste/images/Editora/abruem-2018.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

DANIEL, Edvar et al. Liga Acadêmica de Medicina do Trabalho: a experiência da Universidade Federal do Paraná. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v.16, n. 2, p.199-203, 2018. <http://dx.doi.org/10.5327/z1679443520180087>.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares et al. Interdisciplinaridade em Extensão Universitária. *Revista Ciência em Extensão*, v.13, n.3, p.2-12, 2017.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 29 junho 2019.

HAMAMOTO FILHO, P. T. et al. Ligas Acadêmicas: Motivações e Críticas a Propósito de um Repensar Necessário. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 35, n. 4, p. 535-543, out./dez. 2011.

HAMAMOTO FILHO, P. T. et al. Normatização da abertura de ligas acadêmicas: a experiência da Faculdade de Medicina de Botucatu. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 160-167, jan./mar. 2010.

MONEZI, Carlos A.; ALMEIDA FILHO, Carlos O. Corrêa de. A VISITA TÉCNICA COMO RECURSO METODOLÓGICO APLICADO AO CURSO DE ENGENHARIA. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 2005, Campina Grande. *Annais*. Abenge, 2005. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/14/artigos/SP-5-04209359831-1118661953275.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

TORRES, A.R. et al. Academic Leagues and medical education: contributions and challenges. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.12, n.27, p.713-20, out./dez. 2008.



La experiencia de una liga académica: contribución de la visita técnica como actividad de extensión para discentes del Curso de Tecnología en Radiología

Jehnnycy Silva Souza

Estudiante de grado en Tecnología de Radiología
Universidad Estatal de Ciencias de la Salud de Alagoas
jehnnycysouza@gmail.com

Gabriel Victor dos Santos

Estudiante de grado en Tecnología de Radiología
Universidad Estatal de Ciencias de la Salud de Alagoas
gabriel_santos_victor@hotmail.com

Jessica Gomes Ferreira da Silva

Estudiante de grado en Tecnología de Radiología
Universidad Estatal de Ciencias de la Salud de Alagoas
jessica_gomes_ferreira@hotmail.com

Marta Laiany Martins Machado

Estudiante de grado en Tecnología de Radiología
Universidad Estatal de Ciencias de la Salud de Alagoas
marta_laiany_14@hotmail.com

Jerfson Tavares Marcos

Estudiante de grado en Tecnología de Radiología
Universidad Estatal de Ciencias de la Salud de Alagoas
jerfontavares@hotmail.com

Josefina da Silva Santos

Doctora en Ciencias - Tecnología Nuclear
Profesora adjunta de Universidad Estatal de Ciencias de la Salud de Alagoas
jolissasp@gamil.com

RESUMEN

Las actividades de extensión llevadas a cabo en las universidades se caracterizan como un instrumento de producción de conocimiento. Este instrumento permite al estudiante conectarse con el mundo que lo rodea y, a través de esta realidad, puede complementar su aprendizaje y vislumbrar posibles áreas de acción. Este artículo se caracteriza como un informe de experiencia sobre una visita al Departamento de Energía Nuclear de UFPE (DEN). Esta acción duró un día y asistieron estudiantes del Curso Superior de Radiología de la Universidad de Ciencias de la Salud de Alagoas - UNCISAL, fue planeada por el LIGA Académico de Tecnología de Salud Aplicada - LATAS, donde se presentaron al grupo participante el Museo de Ciencias Nucleares, el Laboratorio de Protección Radiológica (LPR) y el Laboratorio de Metrología de Radiación Ionizante. La experiencia de los participantes se evaluó mediante cuestionario de satisfacción inferir los puntos positivos y negativos de la acción.

Palabras-clave: Visita técnica, Extensión universitaria, Liga académica; Enseñanza-Aprendizaje.

ABSTRACT

The extension activities implemented at the universities are characterized as an instrument of knowledge production. This instrument allows the students to connect with the world around them and to catch a glimpse of possible areas of activity. This article is characterized as an experience report about a visit to UFPE's Department of Nuclear Energy - DEN. This action lasted one day and it was attended by some students of the Bachelor in Radiology at the University of Health Sciences of Alagoas - UNCISAL. This action was planned by the Academic League of Technology Applied to Health - LATAS, where were presented to the participating group the Museum of Nuclear Sciences, the Radiological Protection Laboratory (LPR) and the Ionizing Radiation Metrology Laboratory. The participants' experience was rated through a satisfaction questionnaire inferring the positive and the negative points of the action.

Keywords: Technical Visit, University Extension, Academic League; Teaching-Learning.

INTRODUCCIÓN

En Brasil, las Ligas Académicas (LA) surgieron durante la dictadura militar, con el propósito de expandir los horizontes estudiantiles más allá de la universidad, buscando una mayor aplicación práctica de los contenidos enseñados, y la primera LA fue creada en la Facultad de Medicina de la Universidad de São Paulo (USP) en 1920. (HAMAMOTO FILHO et al., 2011).

Las LA están ampliamente difundidas dentro de las escuelas de medicina brasileñas, formando parte del "currículo paralelo", donde se espera que se constituyan "espacios" en que el estudiante pueda actuar junto con la comunidad como agente de promoción de la salud y transformación social, expandiendo el objeto de la práctica médica, reconociendo a las personas como actores en el proceso de salud-enfermedad, que involucra aspectos psicosociales, culturales y ambientales, y no solo biológicos. (TORRES et al, 2008; HAMAMOTO FILHO et al., 2010).

Actualmente, el alcance de las LA se expande a otras áreas además de la medicina, atendiendo a una audiencia más diversa, como los cursos tecnológicos. Las LA, ya sea en el campo de la salud o no, son formadas por estudiantes de diferentes períodos/años y pueden cubrir diferentes cursos, para profundizar el aprendizaje en un tema determinado, con el objetivo de mejorar el conocimiento personal en beneficio de la sociedad, donde desarrolla diferentes acciones de extensión. Vale la pena mencionar que, a pesar de estar bajo la supervisión de uno o más maestros, el camino elegido por la liga está definido por los estudiantes. (HAMAMOTO FILHO et al., 2011).

Actualmente, las La desempeñan un papel importante dentro de las instituciones de enseñanza superior, siendo mencionadas incluso como una forma de combatir la evasión en la Enseñanza Superior Pública. Las La son constituidas de espacios que facilitan la producción de investigación y extensión donde permiten mejorar las habilidades y el conocimiento científico de los académicos. (CARNEIRO-MARINHO et al., 2018).

La Extensión Universitaria se caracteriza fuertemente por la diversidad de contenidos que involucran diferentes áreas de conocimiento y tienen como principio el trípode universitario: – docencia, investigación y extensión universitaria. (DEL-MASSO et al., 2017). El Foro de Pro-Rectores de Extensión de las Universidades Públicas Brasileñas (FORPROEX) conceptualiza la Extensión Universitaria como:

"un proceso interdisciplinario, educativo, cultural, científico y político que promueve la interacción transformadora entre las universidades y otros sectores de la sociedad". (FORPROEX, 2012, p. 42).

Entre las actividades de extensión universitaria más comunes se encuentra la visita técnica, Este tipo de acción busca mostrar la rutina del universo profesional, favoreciendo una alineación entre la expectativa y la realidad, sien-

do extremadamente relevante para los alumnos de graduación. Según sean conducidas, las visitas pueden tener diferentes objetivos (MONEZI, 2005), tales como:

- Establecer relaciones entre contenido teórico y práctica;
- Ejercer las habilidades de análisis, observación y crítica;
- Interactuar creativamente frente a diferentes contextos técnicos y productivos;
- Combinar conocimiento sistematizado con acción profesional;
- Buscar el desarrollo de la visión sistémica;
- Interactuar con diferentes profesionales en el campo, a fin de ampliar y profundizar el conocimiento profesional;
- Animar al alumno a la investigación científica y la investigación de campo.

Las Ligas Académicas se han convertido en un camino para que los estudiantes participen en proyectos de extensión, experimentando el vínculo enseñanza-investigación-extensión, que contribuye a comprender su vida profesional, ya que esta participación colabora para el futuro ejercicio de la profesión. (DANIEL et al, 2018).

Por lo tanto, la Liga Académica de Tecnología Aplicada a la Salud - LATAS presenta un papel importante y diferencial para los estudiantes participantes, como actividad extracurricular, considerando su potencial para contribuir a la concepción del futuro profesional. Su línea de acción es la difusión científica de tecnologías aplicadas a la salud en diferentes acciones de extensión.

Este trabajo tiene como objetivo evaluar la importancia de la visita técnica al museo y laboratorios de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE), realizada en una acción de extensión, en la capacitación de estudiantes del Curso de Tecnología de Radiología en la UNCISAL, a través de la encuesta de satisfacción de una acción de la Liga Académica de Tecnología Aplicada a la Salud - LATAS.

La actividad propuesta tenía como objetivo proporcionar conocimiento de diferentes realidades tecnológicas, propiciando a los participantes una experiencia agradable para mostrar una de las posibles rutinas prácticas de Protección Radiológica, profundizar el contenido relacionado con el área y también como complemento del conocimiento obtenido dentro de la universidad.

METODOLOGÍA

La planificación de la visita técnica comenzó en marzo de 2019, donde el equipo de LATAS se dividió entre el comité organizador y el comité financiero. La planificación incluyó las siguientes acciones: programación previa de espacios para ser visitados, publicidad de la acción, alquiler del autobús, venta de

asientos, seguro y recolección de dinero y desarrollo de la herramienta para la encuesta de satisfacción.

La planificación se realizó por correo electrónico para el 24 de mayo de 2019 en los siguientes espacios: Museo de Ciencias Nucleares, Laboratorio de Protección Radiológica, Laboratorio de Metrología de Radiaciones Ionizantes (tabla 1). La entrada a los espacios es gratuita, sin embargo, como era necesario viajar, era necesario cobrar una tarifa por el viaje (que cubría los gastos con el autobús y el seguro). La distancia entre el punto de partida, Maceió, y los espacios de la visira en la ciudad de Recife (260,6 km), generó expectativas que hicieron que la fase de planificación fuese crucial para el éxito de la visita.

Museo de Ciencias Nucleares de la Universidad Federal de Pernambuco
Espacio interactivo, didáctico y lúdico, inaugurado en 2010, destinado a difundir el uso y las aplicaciones pacíficas de la radiación, así como a desmitificar paradigmas y prejuicios relacionados con el área.
Laboratório de Proteção Radiológica (LPR-DEN/UFPE)
Actúan desde 1970, siendo el primero Laboratório do Nordeste acreditado por el INMETRO en el área de radiaciones ionizantes. Proporcionan servicios de monitoreo individual, estudios radiométricos, diseño de proyectos y blindaje, consultoría y capacitación en protección radiológica.
Laboratorio de Metrología de Radiación Ionizante (LMRI-DEN/UFPE)
Operando desde 1997, brindan servicios de calibración de dosímetros y dispositivos de medición de radiación ionizante pertenecientes a clínicas, hospitales e industrias en la Región y el País).

Tabla 1 - Espacios visitados.
Preparado por el autor (Fonte: www3.ufpe.br).

Durante la visita: Análisis de sectores y contenidos en la exposición

En la primera etapa, los estudiantes fueron acompañados por los monitores del Museo de Ciencias Nucleares, quienes revisaron el conocimiento histórico de la física de radiación, los principales Accidentes Nucleares, Radiología Industrial, Irradiación de Alimentos, Medicina Nuclear y Protección Radiológica. Todos estos contenidos fueron abordados de forma dinámica e interactiva con los visitantes.

En la segunda etapa, los estudiantes fueron divididos en dos grupos y dirigidos a los laboratorios ya mencionados. En LPR-DEN / UFPE, los participantes fueron acompañados por un estudiante de doctorado de DEN, donde se presentó la rutina de leer dosímetros individuales de trabajadores expuestos ocupacionalmente a la radiación ionizante. (radiación gamma, por ejemplo), a través del método de Luminiscencia Ópticamente Estimulada (OSL). En LMRI-DEN/UFPE, Se presentó la infraestructura del laboratorio y se detalló el proceso de calibración, en diferentes haces de radiación, de los detectores de gas Geiger Muller y las Cámaras de Ionización utilizadas tanto en el área de la salud como en la industria.

Aunque esta acción fue planeada para la visita al Museo de Ciencias Nucleares y al LPR y LMRI, el grupo también tuvo la oportunidad de visitar el Laboratorio de Evaluación de Contaminación del Suelo, donde solo se observó la tecnología del equipo de microtomografía en la investigación de estructuras pequeñas.

Después de la visita: Confraternización y evaluación del grado de satisfacción con la aplicación del cuestionario

Durante el regreso a Maceió, se aplicó el cuestionario para evaluar la satisfacción de los participantes con la acción desarrollada y plantear sugerencias para las próximas acciones que serán desarrolladas en el futuro por la Liga.

Para la tabulación y análisis de los datos, se utilizó la herramienta del Microsoft® Office Excel, versión 2018, para la conferencia sobre mecanografía de preguntas cerradas en todos los cuestionarios. En cuanto a las preguntas abiertas, se analizaron bajo un carácter comparativo, agrupando las respuestas en categorías basadas en las recurrencias encontradas en la muestra total.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Esta acción tuvo 23 participantes, sin embargo, solo diez estudiantes (43,48%) forman parte de LIGA LATAS. Del total, la mayoría eran estudiantes eran mujeres (86,96%). En cuanto a la distribución de los participantes por grupo de edad, fue posible verificar una distribución similar (34,78%) entre 21 - 30 años y entre 31 - 40 años, seguidos por los de hasta 20 años. Esta acción fue desarrollada dirigida a estudiantes y / o profesionales de técnicas radiológicas. En esta primera edición, los participantes estuvieron compuestos por 22 estudiantes del Curso de Tecnología de Radiología y un tecnólogo en radiología (profesor de la universidad que no conocía los espacios visitados).

La herramienta de recolección de datos fue estructurada con 10 preguntas, 8 de las cuales usaron una escala Likert de 5 puntos, cuya gradación varió entre los extremos: "totalmente de acuerdo" a "totalmente en desacuerdo" y 2 preguntas abiertas donde se animó a los participantes a registrar sus comentarios, sugerencias y/o quejas. La escala Likert se basa en una serie de declaraciones para las cuales se emiten grados de acuerdo, que se pueden utilizar en las más diversas áreas del conocimiento. Este tipo de herramienta tiene la ventaja de ser fácil de manejar y comprender.

El grado de satisfacción está relacionado con el placer o la decepción de un producto o servicio en relación con las expectativas. (KOTLER,1998 apud ALCANTARA 2012). Cuando la acción supera las expectativas, genera una percepción positiva de la calidad del servicio prestado. En nuestro trabajo, la

satisfacción se evaluó mediante el acuerdo del participante de la acción con la pregunta 1 "Estoy satisfecho de haber participado en esta acción" y la pregunta 2 "Esta acción alcanzó mis expectativas". Una variable que está fuertemente vinculada a la relación rendimiento/expectativa es la *word-of-mouth*, que juega un papel muy importante en la formación de opiniones mediante el intercambio de experiencias y recomendaciones en cualquier área de interés, y puede ser positivo o negativo de acuerdo con la experiencia del comunicador. A través del acuerdo con la cuestión 3 "Hablaré sobre los aspectos positivos de esta acción" y la cuestión 4 "Creo que esta acción debería llevarse a cabo nuevamente", evaluamos si la comunicación *word-of-mouth* sobre la acción sería positiva. Como se puede ver en el Gráfico 1, la satisfacción del usuario fue alta, con un 100% creyendo que LIGA debería proporcionar esta acción nuevamente y que el *word-of-mouth* fue positivo.

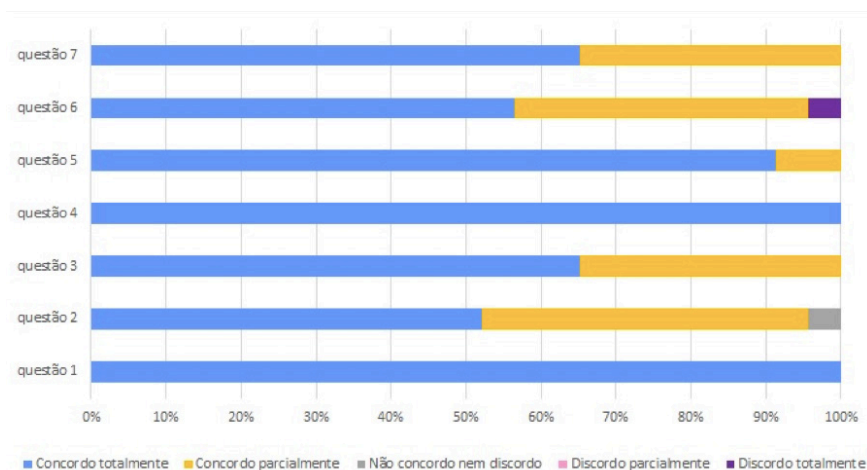


Gráfico 1 - Satisfacción con la participación en la acción
Porcentaje de frecuencia relativa

De los participantes en la acción, el 91,3% está totalmente de acuerdo y el 8,7% está parcialmente de acuerdo en que "Las actividades desarrolladas en esta acción están correlacionadas con las disciplinas de mi curso de graduación" (Cuestión 5). Lo que muestra que los espacios elegidos para las visitas durante la planificación están directamente vinculados a la estructura del curso. Con respecto a la planificación de la acción, se presentaron las siguientes declaraciones: "La duración de la acción fue apropiada para la actividad" (Cuestión 6) y "La planificación de la acción fue adecuada" (Cuestión 7). A pesar de ser una acción que involucraba desplazamientos entre Maceió-Recife (258,3 km) el mismo día, se puede ver que los participantes de la acción consideraron que la planificación de la acción fue adecuada (Gráfico 1).

En la pregunta 8, también se infirió la afirmación "Normalmente visito museos/exposiciones culturales regularmente", donde fue posible notar que la mayoría de los encuestados no estaban ni de acuerdo ni en desacuerdo, o par-

cialmente en desacuerdo. Estos datos pueden estar relacionados con la escasa oferta de museos/exposiciones culturales en el estado de Alagoas, principalmente dirigidos a la divulgación científica, cuando miramos específicamente el área de radiología no encontramos absolutamente nada.

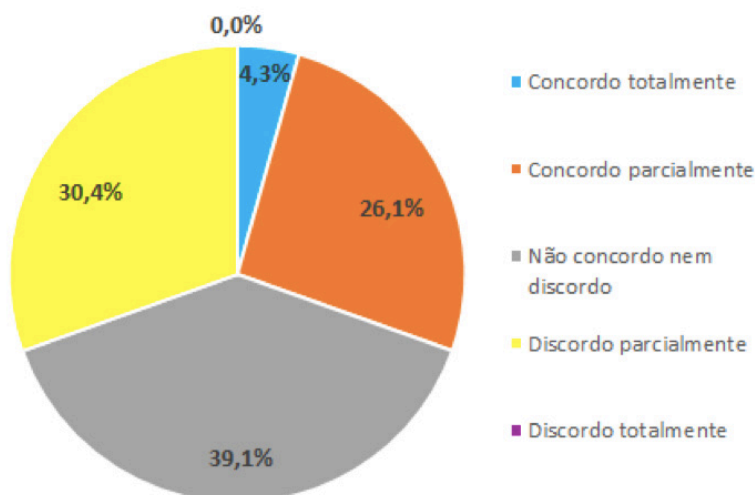


Gráfico 2 - Porcentaje de frecuencia relativa de la costumbre de los participantes

El cuestionario finaliza con dos preguntas abiertas, donde se podría describir el espacio visitado que más le gustó al participante (Cuestión 9) y, en general, dar una sugerencia para las próximas acciones (Cuestión 10). La cuestión 9 obtuvo 21 respuestas, de las cuales 6 participantes prefirieron el museo, 11 participantes enumeraron algunos de los laboratorios y 4 participantes respondieron que les gustaban todos los lugares.

En el camino de regreso a Maceió, durante la interacción grupal, fue posible notar la satisfacción de los participantes, especialmente cuando hablaron de los laboratorios de metrología y Protección Radiológica, pues en esta acción, los participantes vislumbraron áreas de actividad profesional hasta ahora desconocidas, sin mencionar el privilegio de visitar una institución que desarrolla investigaciones de vanguardia en la escena nacional, se alentó a los participantes a participar en la investigación científica y volvieron con ideas para desarrollar sus Documentos de Conclusión del Curso. Estos puntos positivos podem ser revelados en alguns dos relatos dos participantes.

Informe 1:

"El viaje me hizo decidir en qué área quiero trabajar".

Informe 2:

"El viaje me proporcionó una variedad de conocimientos, nos hizo abrir los ojos a varias áreas de experiencia en Radiología y nos impulsó a seguir mejorando cada día más, para ser un profesional exitoso".

Informe 3:

"El viaje me proporcionó un momento único, pude ver cuánto puedo explorar en nuestra área y convertirme en un profesional de referencia".

Solamente 43,48 % de los participantes respondieron la cuestión 10 con respecto a la sugerencia para las próximas acciones, donde la mayoría (7 encuestados) sugirió la organización de visitas a otras instituciones. Pero también se sugirió que durante la acción, actividades para integrar a los participantes y arreglar el conocimiento presentado (3 encuestados), además de organizar viajes colectivos a congresos (1 encuestado) y que se incremente el número de participantes (1 encuestado). La demanda de participar en esta acción fue mayor que el número de vacantes, que se cerró en función de la capacidad de los laboratorios para recibir visitantes y transporte.

CONSIDERACIONES FINALES

En cuanto al desarrollo de este trabajo, se observa la importancia de las visitas técnicas en el Curso de Tecnología de Radiología para la calidad de los futuros profesionales en técnicas radiológicas, ya que lleva al académico a establecer relaciones entre el contenido teórico y la práctica profesional, interactuar creativamente frente a diferentes contextos técnicos y productivos, interactuar con diferentes profesionales en el campo y estimular la investigación científica y la investigación de campo, sin mencionar que proporciona una revisión general sobre los principales temas cubiertos en el aula de Física de Radiación y Protección Radiológica, además de una revisión general de la parte histórica de la física de radiación.

AGRADECIMIENTOS

A los Monitores del Museo de Ciencias Nucleares, a los profesionales del Laboratorio de Metrología de Radiación Ionizante, a estudiantes graduados del Laboratorio de Protección Radiológica, al Profesor Wellington Carvalho y al Profa. Dra. Helen Khoury.

Fecha de envío: 07/11/2019; Fecha de aprobación: 16/03/2020

REFERENCIAS

ALCÂNTARA, Valderi de Castro et al. DIMENSÕES E DETERMINANTES DA SATISFAÇÃO DE ALUNOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR. *Revista Brasileira de Marketing*, [s.l.], v. 11, n. 3, p.193-220, 26 dez. 2012. <http://dx.doi.org/10.5585/remark.v11i3.2444>.

CARNEIRO-MARINHO, Pedro et al. Liga Acadêmica Paraense de Pediatria Clínica e Cirúrgica (Lappecc): estímulo ao estudo e à permanência dos alunos do curso de Medicina. In: MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor et al (Org.). *INTE-RIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: PROTAGONISMO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS E MUNICIPAIS NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL*. Cascavél: Edunioeste, 2018. p. 79-97. Disponível em: <<https://www5.unioeste.br/portalu-nioeste/images/Editora/abruem-2018.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

DANIEL, Edvar et al. Liga Acadêmica de Medicina do Trabalho: a experiência da Universidade Federal do Paraná. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v.16, n. 2, p.199-203, 2018. <http://dx.doi.org/10.5327/z1679443520180087>.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares et al. Interdisciplinaridade em Extensão Universitária. *Revista Ciência em Extensão*, v.13, n.3, p.2-12, 2017.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 29 junho 2019.

HAMAMOTO FILHO, P. T. et al. Ligas Acadêmicas: Motivações e Críticas a Propósito de um Repensar Necessário. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 35, n. 4, p. 535-543, out./dez. 2011.

HAMAMOTO FILHO, P. T. et al. Normatização da abertura de ligas acadêmicas: a experiência da Faculdade de Medicina de Botucatu. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 160-167, jan./mar. 2010.

MONEZI, Carlos A.; ALMEIDA FILHO, Carlos O. Corrêa de. A VISITA TÉCNICA COMO RECURSO METODOLÓGICO APLICADO AO CURSO DE ENGENHARIA. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 2005, Campina Grande. Anais. Abenge, 2005. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/14/artigos/SP-5-04209359831-1118661953275.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

TORRES, A.R. et al. Academic Leagues and medical education: contributions and challenges. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.12, n.27, p.713-20, out./dez. 2008.



“Família Coruja”: Relato de experiência de grupo psicoeducacional sobre depressão pós-parto

Owl Family: Report of psychoeducation group experience about postpartum depression

Mariana Alves Porto

Psicóloga Hospitalar - Fundação Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FUNFARME
mariana_aporto@hotmail.com

Jéssica Aires da Silva Oliveira

Psicóloga Hospitalar - Fundação Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FUNFARME
jessica.aires17@hotmail.com

Maria Jaqueline Coelho Pinto

Professora Doutora – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
psijaqueline@famerp.br

Danielle Rodrigues Bertolini

Graduanda em Psicologia – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
daniellebertolini99@gmail.com

Isabela Missiatio Gavioli

Graduanda em Psicologia – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
isabelamissiatio@gmail.com

Barbara Cristina Mesquita

Graduanda em Psicologia – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
barbaramesqt@gmail.com

Carolina Kiyomi Shiraisi Higuchi

Graduanda em Enfermagem – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
Kiyoz1@hotmail.com

Nayá Saad Custódio

Graduanda em Medicina – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
nayasaad@gmail.com

Ana Carolina Bolsoni Andrade

Graduanda em Psicologia – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
anaa.bolsoni@gmail.com

Izabella Barufaldi Prette

Graduanda em Psicologia – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
izabprette@gmail.com

Ana Caroline Sartori

Graduanda em Enfermagem – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
anacsartori26@gmail.com

Alexandre de Mello Ferreira Machareth

Graduando em Medicina – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP
alexmello.medicina@gmail.com

RESUMO

Diante da gravidade da depressão puerperal, de expressivos números de casos, e de prejuízos causados ao desenvolvimento psíquico do bebê e saúde mental da mãe, faz-se válida promoção de ações de saúde que visam à prevenção e disseminação de informações sobre o assunto. Assim, o presente relato de experiência tem por objetivo descrever uma prática psicoeducativa sobre a prevenção da depressão pós-parto; desenvolvida por alunos de graduação, destinada a gestantes, puérperas e seus acompanhantes, hospitalizadas em enfermaria obstétrica. O grupo caracterizou-se como espaço de reflexões acerca da saúde mental da mulher dentro do contexto hospitalar, onde os participantes puderam aprender sobre os sinais e sintomas da depressão pós-parto, bem como estratégias a serem desenvolvidas para prevenção do transtorno.

Palavras-chave: Maternidades. Depressão pós-parto. Comunicação interdisciplinar.

ABSTRACT

Given the severity of puerperal depression, the significant number of cases, and damage caused to the psychic development of the baby and mental health of the mother, it is valid to promote health actions aimed at preventing and disseminating information on the subject. Thus, this experience report objective to describe a psychoeducational practice on the prevention of postpartum depression; developed by undergraduate students, intended for pregnant women, mothers and their companions, hospitalized in an obstetric Ward. The group was characterized as a space for reflection on women's mental health within the hospital context, where participants could learn about the signs and symptoms of postpartum depression, as well as strategies to be developed to prevent the disorder.

Keywords: Hospitals. Maternity. Depression postpartum. Interdisciplinary communication.

INTRODUÇÃO

O puerpério é um período marcado pela saída da placenta no momento do parto, prolongando-se até a retomada do organismo materno às condições anteriores à gestação, o que envolve processos anatômicos, fisiológicos e bioquímicos. É caracterizado, portanto, por um ritmo acelerado de mudanças fisiológicas e hormonais (Baptista & Furquim, 2009).

Nesse período, surgem exigências culturais, sociais, familiares e pessoais quanto ao desempenho adequado das funções maternas. Apesar de a mulher se encontrar em um momento de vulnerabilidade física, ela precisa saber reconhecer e atender as necessidades demandadas pelo filho. Essa realidade acaba por acarretar em alterações psicológicas na puérpera, muitas vezes não percebida, visto que a atenção nesse momento se concentra quase que integralmente ao novo membro da família (Gomes, Torquato, Feitoza, Souza, Silva & Pontes, 2016).

Diante desse contexto, é possível que mulheres desenvolvam transtornos psíquicos durante o puerpério e, dentre eles, o mais comum é a depressão pós-parto (DPP). Tal quadro é caracterizado por um episódio depressivo que ocorre nos meses que se seguem ao nascimento do bebê. Os sintomas mais comuns são humor deprimido, perda do prazer e interesse nas atividades, alteração de peso e de sono, agitação ou retardo psicomotor, sensação de fadiga, sentimento de culpa e inutilidade, dificuldade para tomar decisões e ideação suicida (Cantilino, Zambaldi, Sougey, & Renno Jr, 2010).

A DPP pode dificultar o estabelecimento do vínculo afetivo seguro entre mãe-bebê, podendo interferir nas futuras relações interpessoais estabelecidas pela criança, quando não adequadamente diagnosticada e tratada (Arrais, 2012; Bortoletti, 2007; Klein, & Guedes, 2008).

Estima-se que no Brasil, 26% das mulheres vivenciam a depressão pós-parto, e alguns fatores podem apresentar maior risco de mães desenvolverem o quadro, como a cor parda, baixa condição socioeconômica, antecedentes de transtorno mental, hábitos não saudáveis, uso excessivo de álcool, paridade alta e que não planejaram a gravidez (Theme Filha, Ayers, Gama & Leal, 2016).

Diante da gravidade desse transtorno psíquico, os expressivos números de casos, e os prejuízos causados ao desenvolvimento psíquico do bebê e saúde mental da mãe, fazem-se válida promoção de ações de saúde que visa à prevenção e disseminação de informações sobre o assunto (Almeida & Arrais, 2016).

Importante ferramenta utilizada no contexto de saúde é a psicoeducação, que se caracteriza por uma técnica, cujo objetivo é educar tanto pacientes quanto seus cuidadores, a identificar sinais e sintomas que possam apontar para uma alteração da saúde física e/ou psíquica. Portanto, é uma técnica que visa maior consciência e autonomia do paciente (Lemes & Ondere Neto, 2017).

O uso dessa técnica no âmbito da saúde engloba não somente a Psicologia, mas também outros enfoques disciplinares, uma vez que a saúde permeia

aspectos emocionais, comportamentais e sociais. Desse modo, a psicoeducação é um modelo cuja interdisciplinaridade se faz necessária para intervenção, cumprindo o princípio da integralidade preconizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (Lemes & Ondere Neto, 2017).

Assim, o presente relato de experiência tem por objetivo descrever uma prática psicoeducativa sobre a prevenção da depressão pós-parto; desenvolvida por alunos de graduação, destinadas a gestantes, puérperas e seus acompanhantes, hospitalizadas em enfermaria obstétrica.

MÉTODO

O grupo denominado "Família Coruja", foi composto por nove alunos de graduação, cinco da Psicologia, dois da Medicina e dois da Enfermagem. Inicialmente, os alunos foram submetidos a um processo de capacitação relacionado aos temas de depressão pós-parto, técnicas de grupo e psicoeducação.

Capacitados, os alunos desenvolveram e estruturaram dinâmicas e ações psicoeducativas que buscaram atingir o objetivo inicial. Para aplicar as atividades se subdividiram em dois grupos, procurando diversificar as diferentes graduações em cada subgrupo. Todas as atividades foram supervisionadas pela psicóloga da enfermaria obstétrica e coordenadora do projeto.

As atividades aconteceram de maio a novembro de 2018, com grupos quinzenais, realizados na enfermaria obstétrica de um hospital materno-infantil no interior de São Paulo. A enfermaria é composta por 30 leitos e se caracteriza por ser referência em atendimento a gestante de alto risco e alojamento conjunto, isto é, mães e bebês saudáveis permanecem no mesmo quarto durante o período de hospitalização. Nesse mesmo setor, existe uma sala de espera, a qual dispõe de espaço e acomodações propícios para a realização do grupo de psicoeducação.

Por envolver intervenções com seres humanos, este trabalho pautou-se nos procedimentos éticos indicados pela Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde. A experiência também contou com a aprovação da Diretoria Adjunta de Extensão de Serviços à Comunidade da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - SP, sob o número de processo F-0010001622/2019.

O GRUPO

Inicialmente, os alunos visitaram os leitos da enfermaria, convidando os pacientes e seus acompanhantes a participarem do grupo. Os encontros aconteceram na sala de espera da enfermaria obstétrica, quinzenalmente, com duração de uma hora. Os participantes, juntamente aos alunos e a psicóloga coordenadora do projeto, reuniam-se em uma roda de conversa para realiza-

rem a troca de experiências e orientações.

Para iniciar a atividade, os alunos apresentaram-se aos participantes e pediram para que fizessem o mesmo. Com o intuito de socialização e interação entre os participantes, foram feitas perguntas às gestantes/puérperas como "Qual seu nome?", "Com quantos meses de gravidez você está?", "Com quantos dias seu bebê está?", "Possui outros filhos?", "Mora em qual cidade?". Após uma primeira apresentação, foi exposto o tema a ser trabalhado: depressão pós-parto.

Em um segundo momento realizou-se a primeira dinâmica, proposta da seguinte maneira: em uma bola de plástico foram colocadas várias palavras que estavam ou não relacionadas à depressão pós-parto, como: insegurança, preguiça, medo de falhar, tristeza, incapacidade, falta de fé, cansaço, ansiedade, insônia, sentimento de culpa, dentre outras. Solicitava-se que cada participante escolhesse uma palavra da bola e identificasse se aquela representava um sintoma ou não da depressão. Nesse momento, os alunos incentivaram os demais participantes refletirem sobre a palavra escolhida, bem como compartilhar suas opiniões e experiências.

Após todos os participantes escolherem suas palavras e discutirem sobre elas, os alunos realizaram uma breve apresentação sobre as pressões sociais frente à maternidade, os aspectos emocionais do puerpério, os sintomas da depressão pós-parto e as estratégias que poderiam utilizar para prevenir o transtorno emocional, fundamental na assistência. Para a apresentação, foram usados cartões com ilustrações e frases referentes ao tema abordado.

Para concluir, foram distribuídos panfletos com a síntese dos temas trabalhados e orientações práticas bastante efetivas, sobre lugares que disponibilizam atendimento especializado gratuito, caso a puérpera venha a apresentar sintomas de depressão.

Durante os encontros, os alunos foram acompanhados pela psicóloga coordenadora do projeto, para auxiliá-los e fornecer suporte, caso ocorressem situações em que as participantes necessitassem de intervenção psicológica.

E, a cada mês, após os encontros, foram realizadas supervisões para exposição de ideias, sugestões de aprimoramentos, reflexões pertinentes para os futuros encontros. Também, um espaço para troca de vivências de cada aluno, onde expressaram emoções e sentimentos despertados frente ao trabalho desenvolvido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total, foram realizados oito encontros e participaram no total, 45 pessoas, dentre elas, gestantes, puérperas e seus acompanhantes. Ao longo dos grupos realizados o número de participantes foi variado, com um mínimo de quatro e o máximo de nove participantes a cada encontro, o que demonstra uma baixa adesão ao grupo, visto que a enfermaria possui 30 leitos com pa-

cientes e mais os seus acompanhantes. Algumas questões podem ter influenciado a adesão, como o horário do grupo (logo após o almoço - algumas mães costumam descansar), pelas altas hospitalares de alguns pacientes e também, pela indisposição dos convidados ou pelo desinteresse ao assunto.

Assim como a adesão, a participação ao grupo foi variada. Mesmo com a realização de dinâmicas que permitiram o envolvimento de todos os integrantes, houve gestantes/puérperas/acompanhantes que participaram de forma mais ativa e também os que apenas se mantiveram atentos ao que foi discutido com o grupo.

Com as discussões realizadas na primeira dinâmica (bola com os sintomas), foi possível observar como a depressão pós-parto é um assunto pouco discutido entre a população, visto que muitos participantes desconheciam o transtorno e, portanto, utilizavam juízos de valor para defini-lo.

Mesmo com o advento da mulher em diversos espaços sociais, como universidades, mercado de trabalho e esfera política, ainda permanece em nossa sociedade uma rede de significados que estabelece a assimetria de direitos e funções entre os sexos. A representação da mulher ideal está fortemente associada ao seu instinto materno, o qual é considerado natural, biológico e obrigatório (Novelino, 2013).

Com isso, compreende-se que mulheres que se tornam mães, obrigatoriamente estarão felizes, realizadas e vivenciando um momento de plenitude. Desconsidera-se o fato de que as mulheres podem sentir-se angustiadas e amedrontadas, visto que a chegada de um filho provoca significativas mudanças no âmbito familiar, pessoal, social e profissional (Bortoletti, 2007).

É possível compreender que a idealização da maternidade, negligencia o sofrimento materno e abre espaço para conclusões generalizadas, como observado durante o grupo quando a depressão foi associada à "falta de fé" ou "preguiça" da mulher.

Diante disso, os alunos se propuseram a oferecer ao grupo discussões acerca da desconstrução do mito da maternidade perfeita, oferecendo um espaço acolhedor para que mulheres pudessem expressar suas principais dificuldades relacionadas à maternidade. Além disso, os participantes foram orientados quanto aos fatores que protegem a mulher da depressão, como o suporte social, a divisão de tarefas, participação ativa do marido, pais e avós; pessoas que possam transmitir segurança, proteção, e suporte aos cuidados do bebê, uma vez que a puérpera necessita de companhia, pois o momento de solidão/regressão pode desencadear o quadro (Arrais et al., 2015; Bortoletti, 2007).

Após as discussões e demais orientações práticas oferecidas, pode-se observar que participantes comumente se apresentavam curiosos e dispostos a compreenderem de fato o que significa ter a depressão pós-parto.

Alguns participantes reconheceram já ter vivenciado situação semelhante ou conheceram alguém com o quadro, sentindo-se confortáveis em expor suas experiências e dúvidas sobre o tema. O que ressalta a importância de grupos para troca de vivências, pois se configura em um espaço acolhedor e interativo

entre os participantes.

Grupos de sala de espera são caracterizados por um espaço de compartilhamento não somente de experiências, mas também de socialização entre os saberes técnico-científico e popular. Configura-se uma importante estratégia de educação em saúde, pois seu objetivo principal é tornar o paciente protagonista do seu processo de saúde e doença. Além disso, proporciona um atendimento profissional mais humanizado e acolhedor, contribuindo para minimização de experiências negativas vividas pelos usuários do sistema de saúde (Santos, Andrade, Lima & Silva, 2012).

Os benefícios dos grupos vão além do bem-estar individual dos pacientes, pois espera-se que os participantes – agora orientados e educados sobre determinado assunto – possam ser multiplicadores do conhecimento, isto é, tornam-se agentes de disseminação das informações em seu convívio social (Becker & Rocha, 2017). Esse aspecto foi ressaltado no grupo "Família Coruja", uma vez que ao final dos encontros, os participantes eram estimulados e empoderados a replicarem as informações obtidas.

Por outro lado, a atividade de extensão acadêmica também resulta em importantes benefícios para os alunos, pois os colocam em contato direto com o sistema de saúde, bem como suas possibilidades de ações.

Como elucida o estudo de Santos, Rocha e Passaglio (2016), os projetos de extensão permitem uma reflexão sobre prática e teoria, desenvolvimento de uma postura ética, conhecimento do campo profissional e troca de experiências com a comunidade. Além disso, coloca os alunos em contato com demandas externas à universidade, propiciando a tomada de consciência quanto às demandas sociais.

Towle (2016) destaca que o contato direto com pacientes pode enriquecer a educação dos alunos, pois a troca de experiências com pessoas que vivenciam a doença proporciona um conhecimento que transcende livros e teorias, dando espaço para uma aprendizagem memorável e inspiradora. Os alunos acabam desenvolvendo um raciocínio clínico, habilidade comunicativa, atitude profissional e compreensão empática, enquanto os pacientes, ao saberem que estão envolvidos na educação de alunos, sentem-se emponderados, beneficiando sua autoestima.

Assim, ao entrar em contato com a prática profissional, os alunos participantes da presente extensão tiveram a oportunidade desenvolver e aprimorar habilidades que contribuem com seu desenvolvimento profissional, destacando a habilidade de comunicação, imprescindível em uma relação exitosa entre profissionais de saúde e pacientes.

O projeto também promoveu trabalho em grupo com participantes de diferentes graduações, o que é profícuo para os alunos, haja vista a relevância da atividade em equipe no âmbito da assistência à saúde que, cada vez mais, valoriza a atuação de equipes multidisciplinares e interdisciplinares. Considerando que o conceito de saúde vai além da ausência de doença, diferentes saberes são essenciais para compreender os sujeitos a partir dos determinantes e condicionantes do processo saúde-doença. A interdisciplinaridade busca, portanto,

a superação da fragmentação e linearidade do saber disciplinar (Carpes et al., 2016).

Por fim destaca-se as supervisões desenvolvidas no final de cada mês, com o intuito de reunir os grupos e discutirem sobre os aspectos positivos e negativos vivenciado em cada atividade. Nesse momento, os alunos puderam trocar não só as experiências, mas também suas angústias e expectativas pessoais. Com o auxílio dos próprios alunos e coordenadoras da extensão, foi possível construir novos saberes, discussões e aprimorar a aplicação das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relato, constatou-se que a extensão foi significativa e produtiva para o público em questão, visto que despertou o interesse dos participantes e dos alunos membros do grupo. Foi sugerido pelos participantes, até mesmo, a ampliação da psicoeducação abordando outras temáticas em salas de espera como a de consultas de pré-natal.

Considerando o grupo "Família Coruja" como um espaço de reflexão acerca da saúde mental da mulher, no contexto hospitalar, local onde ainda o que predomina é a valorização do aspecto biológico, destaca-se o caráter preventivo do grupo, fundamental na assistência a depressão pós-parto que preconiza acolher o sofrimento da mulher frente as dificuldades da maternidade.

Com a realização deste projeto foi possível uma interface da teoria com a prática, temática pouca abordada ao longo dos cursos de graduação. A extensão se faz, sobretudo, importante, pois propicia aos estudantes a oportunidade de vivenciar uma atividade profissional real, que pôde ser aprimorada a cada encontro.

Data de submissão: 23/08/2019

Data de aceite: 20/11/2019

REFERÊNCIAS

Arrais, A. D. R., Mourão, M. A., & Fragalle, B. (2014). O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. *Saúde e Sociedade*, 23, 251-264. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902014000100251&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 21 mar. 2019.

Arrais, A. R., Cabral, D. S. R., & Martins, M. H. F. (2012). Grupo de pré-natal psicológico: avaliação de programa de intervenção junto a gestantes. *Encontro: Revista de Psicologia*, 15(22), 53-76. Disponível em: <<http://revista.pgskroton.com.br/index.php/renc/article/view/2480/2376>> Acesso em: 21 mar. 2019.

Baltazar, D. V. S., Gomes, R. F. S., & Cardoso, T. B. D. (2010). Atuação do psicólogo em unidade neonatal: rotinas e protocolos para uma prática humanizada. *Revista da SBPH*, 13(1), 02-18. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-08582010000100002&script=sci_abstract&tlng=en> Acesso em: 14 mar. 2019.

Baptista, A. S. D., & Furquim, P. M. (2009). Enfermaria de obstetrícia. In: M. N. Baptista, & R. R. Dias, *Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos* (pp. 12-31) Grupo Gen-Guanabara Koogan.

Becker, A. P. S., & Rocha, N. L. D. (2017). Ações de promoção de saúde em sala de espera: contribuições da Psicologia. *Mental*, 11(21), 339-355. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200004> Acesso em: 02 abr. 2019.

Bortoletti, F. F. (2007). Psicodinâmica do ciclo gravídico puerperal. In: A. F. Moron, F. F. Bortoletti, J. Bortoletti Filho, M. U. Nakamura, R. M. Santana, & R. Mattar. *Psicologia na prática obstétrica: abordagem Interdisciplinar* (pp. 21-31). Barueri, SP: Manole.

Cantilino, A., Zambaldi, C. F., Sougey, E. B., & Renno Jr, J. (2010). Transtornos psiquiátricos no pós-parto. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(6), 288-294. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a06v37n6>> Acesso em: 10 abr. 2019

Carpes, A. D., Santos, B. Z., Morais, C. B., Backes, D. S., Martins, J. S., & Krause, L. M. F. (2016). A construção do conhecimento interdisciplinar em saúde. *DisciplinarumSciential Saúde*, 13(2), 145-151. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/999>> Acesso em: 20 mai. 2019.

Gomes, L. A., da Silva Torquato, V., Feitoza, A. R., de Souza, A. R., da Silva, M. A. M., & Pontes, R. J. S. (2016). Identificação dos fatores de risco para depressão pós-parto: importância do diagnóstico precoce. *Northeast Network Nursing Jour-*

nal, 11. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/3240/324027973013/>> Acesso em 15 abr. 2019.

Klein, M. M. S., & Guedes, C. R. (2008). Intervenção psicológica a gestantes: contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(4), 862-871. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6154177>> Acesso em 02 jun. 2019.

Lemes, C. B., & Ondere Neto, J. (2017). Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. *Temas em Psicologia*, 25(1), 17-28. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/Resumenes/Resumen_513754916002_1.pdf> Acesso em 02 mar. 2019.

Novelino, A. M. (2013). Maternidade: um perfil idealizado. *Cadernos de Pesquisa*, (65), 21-29. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1193>> Acesso em 13 abr. 2019.

Palhoni, A. R. G., Souza, M. C. M. R., Lima, M. A. O., & Soares, N. P. (2017). Adesão de gestantes a atividade educativa em uma Unidade Básica de Saúde de Belo Horizonte MG. *Enfermagem Revista*, 20(1), 55-60.

Santos, D. S., Andrade, A. L. A. D., Lima, B. S. D. S., & Silva, Y. N. D. (2012). Sala de espera para gestantes: uma estratégia de educação em saúde. *Rev Bras Educ-Med*, 36(1 Supl 2), 62-7. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Debora_Santos15/publication/262476723_The_prenatal_care_waiting_room_as_a_setting_for_health_education/links/55f33f0408ae63926cf23c22/The-prenatal-care-waiting-room-as-a-setting-for-health-education.pdf> Acesso em: 25 mai. 2019.

Santos, J. H. S., Rocha, B. F., & Passaglio, K. T. (2016). Extensão universitária e formação no ensino superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 7(1), 23-28. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>> Acesso em: 02 mai. 2019.

Theme Filha, M. M., Ayers, S., Gama, S. G. N., & Leal, M. C. (2016). Factors associated with postpartum depressive symptomatology in Brazil: the Birth in Brazil National Research Study, 2011/2012. *Journal of affective disorders*, 194, 159-167. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032715306789>> Acesso em 09 abr. 2019.

Towle, A. (2016). Onde está a voz do paciente na educação profissional em saúde?. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 20(57), 285. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/bd834a5a9f036c49ac656ff22c3c8e09/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2039859>> Acesso em 29 mar. 2019.



“Familia del búho”: la experiencia del grupo de informes psicoeducativa sobre la depresión posparto

Owl Family: Report of psychoeducation group experience about postpartum depression

Mariana Alves Porto

Psicóloga de Hospital - Fundação Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FUNFARME
mariana_aporto@hotmail.com

Jéssica Aires da Silva Oliveira

Psicóloga de Hospital - Fundação Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FUNFARME
jessica.aires17@hotmail.com

Maria Jaqueline Coelho Pinto

Profesora Doctora - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
psijaqueline@famerp.br

Danielle Rodrigues Bertolini

Estudiante de Psicología - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
daniellebertolini99@gmail.com

Isabela Missiato Gavioli

Estudiante de Psicología - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
isabelamissiatto@gmail.com

Barbara Cristina Mesquita

Estudiante de Psicología - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
barbaramesqt@gmail.com

Carolina Kiyomi Shiraisi Higuchi

Estudiante de Enfermería - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
Kiyoz21@hotmail.com

Nayá Saad Custódio

Estudiante de Medicina - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
nayasaad@gmail.com

Ana Carolina Bolsoni Andrade

Estudiante de Psicología - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
anaa.bolsoni@gmail.com

Izabella Barufaldi Prette

Estudiante de Psicología - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
izabprette@gmail.com

Ana Caroline Sartori

Estudiante de Enfermería - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
anacsartori26@gmail.com

Alexandre de Mello Ferreira Machareth

Estudiante de Medicina - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP
alexmello.medicina@gmail.com

RESUMEN

Dada la gravedad de la depresión posparto, un número significativo de casos, y daños en el desarrollo mental del bebé y la salud mental de la madre, se hace válida las acciones de promoción de la salud dirigidas a la prevención y la difusión de información sobre el tema. Por lo tanto, este informe tiene como objetivo describir una práctica psicológica y educativa en la prevención de la depresión posparto; desarrollado por estudiantes graduados dirigidas a las mujeres embarazadas, las madres y sus compañeros, hospitalizados en sala de obstetricia. El grupo se caracteriza por ser un espacio de reflexión sobre la salud mental de la mujer en el ámbito hospitalario, donde los participantes pudieron aprender acerca de los signos y síntomas de la depresión posparto, así como las estrategias que se desarrollarán para la prevención de la enfermedad.

Palabras-chave: Maternidades. Depresión posparto. Comunicación interdisciplinaria.

ABSTRACT

Given the severity of puerperal depression, the significant number of cases, and damage caused to the psychic development of the baby and mental health of the mother, it is valid to promote health actions aimed at preventing and disseminating information on the subject. Thus, this experience report objective to describe a psychoeducational practice on the prevention of postpartum depression; developed by undergraduate students, intended for pregnant women, mothers and their companions, hospitalized in an obstetric Ward. The group was characterized as a space for reflection on women's mental health within the hospital context, where participants could learn about the signs and symptoms of postpartum depression, as well as strategies to be developed to prevent the disorder.

Keywords: Hospitals. Maternity. Depression postpartum. Interdisciplinary communication.

INTRODUCCION

El puerperio es un período marcado por la salida de la placenta en el momento del parto, que se prolonga hasta que el organismo materno vuelve a las condiciones previas al embarazo, lo que involucra a procesos anatómicos, fisiológicos y bioquímicos. Se caracteriza, por lo tanto, por una tasa acelerada de cambios fisiológicos y hormonales (Baptista y Furquim, 2009).

Durante este período, surgen demandas culturales, sociales, familiares y personales con respecto al desempeño adecuado de las funciones maternas. Aunque la mujer se encuentra en un momento de vulnerabilidad física, necesita saber cómo reconocer y satisfacer las necesidades que exige el niño. Esta realidad termina provocando cambios psicológicos en la mujer puerperal, muchas veces desapercibida, ya que la atención en ese momento se concentra casi por completo en el nuevo miembro de la familia (Gomes, Torquato, Feitoza, Souza, Silva & Pontes, 2016).

Dado este contexto, es posible que las mujeres desarrollen trastornos psíquicos durante el puerperio y, entre ellas, la más común es la depresión posparto. Tal condición se caracteriza por un episodio depresivo que ocurre en los meses posteriores al nacimiento del bebé. Los síntomas más comunes son estado de ánimo deprimido, pérdida de placer e interés en actividades, cambio de peso y sueño, agitación o retraso psicomotor, sensación de fatiga, sentimiento de culpa e inutilidad, dificultad para tomar decisiones e ideas suicidas (Cantilino, Zambaldi, Sougey, & Renno Jr, 2010).

La depresión posparto puede dificultar el establecimiento de un vínculo afectivo seguro entre la madre y el bebé, lo que puede interferir con las futuras relaciones interpersonales establecidas por el niño, cuando no se diagnostica y trata adecuadamente (Arrais, 2012; Bortoletti, 2007; Klein, & Guedes, 2008).

Se estima que en Brasil, el 26% de las mujeres experimentan depresión posparto, y algunos factores pueden presentar un mayor riesgo de que las madres desarrollen la afección, como el racismo en los casos de las mujeres negras, el bajo nivel socioeconómico, antecedentes de trastornos mentales, hábitos poco saludables, uso alcohol excesivo, alta paridad y quien no planeó el embarazo (Theme Filha, Ayers, Gama & Leal, 2016).

Dada la gravedad de este trastorno psicológico, el número significativo de casos y el daño causado al desarrollo psíquico del bebé y a la salud mental de la madre, se considera importante promover acciones de salud dirigidas a la prevención y difusión de información sobre el tema (Almeida & Arrais, 2016).

Una herramienta importante utilizada en el contexto de la salud es la psicoeducación, que se caracteriza por una técnica, cuyo objetivo es educar tanto a los pacientes como a sus cuidadores, para identificar señales y síntomas que puedan indicar un cambio en la salud física y/o psíquica. Por lo tanto, es una técnica que apunta a una mayor conciencia y autonomía del paciente (Lemes & Ondere Neto, 2017).

El uso de esta técnica en el campo de la salud abarca no solo la psicología, sino también otros enfoques disciplinarios, ya que la salud incluye los aspectos emocionales, conductuales y sociales. De esta forma, la psicoeducación es un modelo cuya interdisciplinariedad es necesaria para la intervención, cumpliendo el principio de integralidad recomendado por el Sistema Único de Salud (SUS) (Lemes & Ondere Neto, 2017).

Así, el presente informe de experiencia tiene como objetivo describir una práctica psicoeducativa sobre la prevención de la depresión posparto; desarrollada por estudiantes universitarios, dirigido a mujeres embarazadas, mujeres puerperales y sus acompañantes, hospitalizadas en una sala de obstetricia.

MÉTODO

El grupo llamado "Familia del búho", estaba compuesto por nueve estudiantes de graduación, cinco de Psicología, dos de Medicina y dos de Enfermería. Inicialmente, los estudiantes se sometieron a un proceso de capacitación relacionado con los temas de depresión posparto, técnicas grupales y psicoeducación.

Capacitados, los estudiantes desarrollaron y estructuraron dinámicas y acciones psicoeducativas que buscaban lograr el objetivo inicial. Para aplicar las actividades, se subdividieron en dos grupos, buscando diversificar los diferentes grados en cada subgrupo. Todas las actividades fueron supervisadas por la psicóloga de la enfermería obstétrica y la coordinadora del proyecto.

Las actividades tuvieron lugar de mayo a noviembre de 2018, con grupos quincenales, realizados en la sala obstétrica de un hospital materno infantil en el interior de São Paulo. La enfermería consta de 30 lechos y se caracteriza por ser una referencia en el cuidado de las mujeres con embarazos de alto riesgo y el alojamiento, es decir, las madres y los bebés sanos permanecen en la misma habitación durante el período de hospitalización. En este mismo sector, hay una sala de espera, que cuenta con espacio y alojamiento adecuados para el grupo de psicoeducación.

Como se trata de intervenciones con seres humanos, este trabajo se guió por los procedimientos éticos indicados por la Resolución N°. 466/12, del Consejo Nacional de Salud. La experiencia también contó con la aprobación de la Dirección Adjunta de Extensión del Servicio Comunitario de la XX Facultad de Medicina de São José do Rio Preto - SP, bajo el número de proceso F-0010001622/2019.

EL GRUPO

Inicialmente, los estudiantes visitaron las camas de enfermería, invitando

a los pacientes y sus acompañantes a participar en el grupo. Las reuniones tuvieron lugar en la sala de espera de la sala obstétrica, quincenalmente, que duraban una hora. Los participantes, junto con los estudiantes y la psicóloga que coordinó el proyecto, se reunieron en un círculo de conversación para intercambiar experiencias y orientaciones.

Para dar inicio a la actividad, los estudiantes se presentaron a los participantes y les pidieron que hicieran lo mismo. Con el fin de socializar e interactuar entre los participantes, se hicieron preguntas a las mujeres embarazadas/puerperales como "¿Cuál es su nombre?", "¿Cuántos meses de embarazo tiene?", "¿Cuántos días tiene su bebé?", "¿Tiene otros hijos?", "¿En qué ciudad vives?". Después de una primera presentación, se expuso el tema a trabajar: la depresión posparto.

En un segundo momento, se llevó a cabo la primera dinámica, propuesta de la siguiente manera: en una bola de plástico se colocaron varias palabras que estaban o no relacionadas con la depresión posparto, tales como: inseguridad, pereza, miedo al fracaso, tristeza, incapacidad, falta de fe, cansancio, ansiedad, insomnio, sentimiento de culpa, entre otros. Se pidió a cada participante que eligiera una palabra de la bola e identificara si representaba un síntoma de depresión o no. En ese momento, los estudiantes alentaron a los demás participantes a reflexionar sobre la palabra elegida, así como a compartir sus opiniones y experiencias.

Después de que todos los participantes eligieron sus palabras y las discutieron, los estudiantes hicieron una breve presentación sobre las presiones sociales que hay en la maternidad, los aspectos emocionales del puerperio, los síntomas de la depresión posparto y las estrategias que podrían usar para prevenir el trastorno emocional, fundamental en asistencia. Para la presentación, se utilizaron tarjetas con ilustraciones y frases relacionadas con el tema abordado.

Para concluir, se distribuyeron folletos con la síntesis de los temas trabajados y pautas prácticas muy efectivas, sobre lugares que ofrecen atención especializada gratuita, en caso de que la mujer puerperal tenga síntomas de depresión.

Durante las reuniones, los estudiantes fueron acompañados por la psicóloga que coordinó el proyecto, para ayudarlos y ofrecerles apoyo, en el caso de situaciones en las que las participantes necesitaran intervención psicológica.

Y, cada mes, después de las reuniones, se realizaron supervisiones para presentar ideas, sugerencias de mejoras, reflexiones relevantes para futuras reuniones. Así se quedó un espacio para el intercambio de experiencias de cada alumno, donde expresaron emociones y sentimientos suscitados por el trabajo desarrollado.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

En total, se realizaron ocho reuniones y participaron 45 personas en total, entre ellas, mujeres embarazadas, puerperales y sus acompañantes. A lo largo de los grupos hechos, el número de participantes fue variado, con un mínimo de cuatro y un máximo de nueve participantes en cada reunión, lo que demuestra una baja adherencia al grupo, ya que la sala tiene 30 camas con pacientes y más que sus acompañantes. Algunos problemas pueden haber influido en la adherencia, como el tiempo grupal (justo después del almuerzo, algunas madres suelen descansar), el alta hospitalaria de algunos pacientes y también, debido a la indisposición de los invitados o la falta de interés en el tema.

Al igual que con la adhesión, la participación en el grupo fue variada. Incluso con la realización de dinámicas que permitieron la participación de todos los miembros, hubo mujeres embarazadas/ puerperales/ acompañantes que participaron más activamente y también aquellas que solo vigilaron lo que se discutió con el grupo.

Con las discusiones realizadas en la primera dinámica (bola con síntomas), fue posible observar cómo la depresión posparto es un tema poco discutido entre la población, ya que muchos participantes desconocían el trastorno y, por lo tanto, utilizaron juicios de valor para definir eso.

Incluso con el advenimiento de las mujeres en diversos espacios sociales, como las universidades, el mercado laboral y la esfera política, aún permanece en nuestra sociedad una red de significados que establece la asimetría de derechos y funciones entre los sexos. La representación de la mujer ideal está fuertemente asociada con su instinto maternal, que se considera natural, biológico y obligatorio (Novelino, 2013).

Con esto, se entiende que las mujeres que se convierten en madres necesariamente estarán felices, satisfechas y experimentarán un momento de plenitud. Normalmente se desconsidera el hecho de que las mujeres pueden sentirse angustiadas y asustadas, ya que la llegada de un hijo provoca cambios significativos en las esferas familiar, personal, social y profesional (Bortoletti, 2007).

Es posible comprender que la idealización de la maternidad, descuida el sufrimiento materno y abre el espacio para conclusiones generalizadas, como se observó durante el grupo cuando la depresión se asoció con la "falta de fe" o "pereza" de la mujer.

En vista de esto, los estudiantes propusieron ofrecer al grupo discusiones sobre la deconstrucción del mito de la maternidad perfecta, ofreciendo un espacio acogedor para que las mujeres expresen sus principales dificultades relacionadas con la maternidad. Además, los participantes recibieron instrucciones sobre los factores que protegen a las mujeres de la depresión, como el apoyo social, la división de tareas, la participación activa del esposo, los padres y los abuelos; personas que pueden transmitir seguridad, protección y apoyo al cuidado del bebé, ya que la mujer puerperal necesita compañía, porque el

momento de soledad/ regresión puede desencadenar complicaciones (Arrais et al., 2015; Bortoletti, 2007).

Después de las discusiones y otras orientaciones prácticas ofrecidas, se puede ver que los participantes generalmente tenían curiosidad y estaban dispuestos a comprender realmente lo que significa tener depresión posparto.

Algunos participantes reconocieron haber experimentado una situación similar o haber conocido a alguien con estas complicaciones, sintiéndose cómodos al exponer sus experiencias y dudas sobre el tema. Esto resalta la importancia de los grupos para intercambiar experiencias, ya que está configurado en un espacio acogedor e interactivo entre los participantes.

Los grupos de salas de espera se caracterizan por un espacio para compartir no solo experiencias, sino también socialización entre conocimiento técnico-científico y popular. Se configura una estrategia de educación sanitaria importante, ya que su objetivo principal es hacer del paciente el protagonista de su proceso de salud y enfermedad. Además, proporciona un servicio profesional más humanizado y acogedor, contribuyendo a minimizar las experiencias negativas vividas por los usuarios del sistema de salud (Santos, Andrade, Lima & Silva, 2012).

Los beneficios de los grupos van más allá del bienestar individual de los pacientes, ya que se espera que los participantes – ahora orientados y educados sobre un determinado tema – puedan ser multiplicadores de conocimiento, es decir, se conviertan en agentes de difusión de información en su convivencia social (Becker & Rocha, 2017). Este aspecto se destacó en el grupo “Familia búho”, ya que al final de las reuniones, los participantes fueron alentados y capacitados para replicar la información obtenida.

Por otro lado, la actividad de extensión académica también genera importantes beneficios para los estudiantes, ya que los ponen en contacto directo con el sistema de salud, así como sus posibilidades de acción.

Como aclara el estudio de Santos, Rocha y Passaglio (2016), los proyectos de extensión permiten la reflexión sobre la práctica y la teoría, el desarrollo de una postura ética, el conocimiento del campo profesional y el intercambio de experiencias con la comunidad. Además, pone a los estudiantes en contacto con demandas externas a la universidad, promoviendo el conocimiento de las demandas sociales.

Towle (2016) señala que el contacto directo con los pacientes puede enriquecer la educación de los estudiantes, ya que el intercambio de experiencias con personas que experimentan la enfermedad proporciona un conocimiento que trasciende los libros y las teorías, dando espacio para un aprendizaje memorable e inspirador. Así, los alumnos desarrollan el razonamiento clínico, la capacidad comunicativa, la actitud profesional y la comprensión empática, mientras que los pacientes, al enterarse de que están involucrados en la educación de los estudiantes, se sienten empoderados y benefician su autoestima.

Por lo tanto, al entrar en contacto con la práctica profesional, los estudiantes que participaron en esta extensión tuvieron la oportunidad de desarrollar y mejorar las habilidades que contribuyen a su desarrollo profesional, destacan-

do las habilidades de comunicación, esenciales en una relación exitosa entre los profesionales de la salud y los pacientes.

El proyecto también promovió el trabajo grupal con participantes de diferentes grados, lo cual es útil para los estudiantes, dada la relevancia de la actividad del equipo en el contexto de la cuidados de la salud, que valora cada vez más las acciones de los equipos multidisciplinarios e interdisciplinarios. Teniendo en cuenta que el concepto de salud va más allá de la ausencia de enfermedad, un conocimiento diferente es esencial para comprender a los sujetos a partir de los determinantes y las condiciones del proceso salud-enfermedad. La interdisciplinariedad busca, por lo tanto, superar la fragmentación y la linealidad del conocimiento disciplinario (Carpes et al., 2016).

Finalmente, se destaca la supervisión realizada al final de cada mes, con el objetivo de reunir a los grupos y discutir los aspectos positivos y negativos experimentados en cada actividad. En ese momento, los estudiantes pudieron intercambiar no solo sus experiencias, sino también sus ansiedades y expectativas personales. Con la ayuda de los alumnos y los coordinadores de extensión, fue posible desarrollar nuevos conocimientos, debates y mejorar la aplicación de las actividades.

CONSIDERACIONES FINALES

A partir del informe, se descubrió que la extensión era significativa y productiva para el público en cuestión, ya que despertó el interés de los participantes y estudiantes que son miembros del grupo. Los participantes sugirieron, incluso, la expansión de la psicoeducación que aborda otros temas en las salas de espera, como las consultas prenatales.

Considerando el grupo "Familia Búho" como un espacio de reflexión acerca de la salud mental de las mujeres, en el contexto hospitalario, donde sigue siendo predominante los aspectos biológicos de la salud, se destaca el carácter preventivo del grupo, que es fundamental para ayudar a la depresión posparto que acoge el sufrimiento de la mujer frente a las dificultades de maternidad.

Con la realización de este proyecto, fue posible relacionar la teoría con la práctica, un tema que se aborda pocas veces en los cursos de graduación. La extensión es, sobre todo, importante, ya que ofrece a los estudiantes la oportunidad de experimentar una actividad profesional real, que podría mejorarse en cada reunión.

Fecha de envío: 23/08/2019

Fecha de aprobación: 20/11/2019

REFERENCIAS

Arrais, A. D. R., Mourão, M. A., & Fragalle, B. (2014). O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. *Saúde e Sociedade*, 23, 251-264. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902014000100251&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 21 mar. 2019.

Arrais, A. R., Cabral, D. S. R., & Martins, M. H. F. (2012). Grupo de pré-natal psicológico: avaliação de programa de intervenção junto a gestantes. *Encontro: Revista de Psicologia*, 15(22), 53-76. Disponível em: <<http://revista.pgsskroton.com.br/index.php/renc/article/view/2480/2376>> Acesso em: 21 mar. 2019.

Baltazar, D. V. S., Gomes, R. F. S., & Cardoso, T. B. D. (2010). Atuação do psicólogo em unidade neonatal: rotinas e protocolos para uma prática humanizada. *Revista da SBPH*, 13(1), 02-18. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-08582010000100002&script=sci_abstract&tlng=en> Acesso em: 14 mar. 2019.

Baptista, A. S. D., & Furquim, P. M. (2009). Enfermaria de obstetrícia. In: M. N. Baptista, & R. R. Dias, *Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos* (pp. 12-31) Grupo Gen-Guanabara Koogan.

Becker, A. P. S., & Rocha, N. L. D. (2017). Ações de promoção de saúde em sala de espera: contribuições da Psicologia. *Mental*, 11(21), 339-355. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200004> Acesso em: 02 abr. 2019.

Bortoletti, F. F. (2007). Psicodinâmica do ciclo gravídico puerperal. In: A. F. Moron, F. F. Bortoletti, J. Bortoletti Filho, M. U. Nakamura, R. M. Santana, & R. Mattar. *Psicologia na prática obstétrica: abordagem Interdisciplinar* (pp. 21-31). Barueri, SP: Manole.

Cantilino, A., Zambaldi, C. F., Sougey, E. B., & Renno Jr, J. (2010). Transtornos psiquiátricos no pós-parto. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(6), 288-294. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a06v37n6>> Acesso em: 10 abr. 2019

Carpes, A. D., Santos, B. Z., Morais, C. B., Backes, D. S., Martins, J. S., & Krause, L. M. F. (2016). A construção do conhecimento interdisciplinar em saúde. *DisciplinarumScientia| Saúde*, 13(2), 145-151. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.br/index.php/disciplinarumS/article/view/g99>> Acesso em: 20 mai. 2019.

Gomes, L. A., da Silva Torquato, V., Feitoza, A. R., de Souza, A. R., da Silva, M. A. M., & Pontes, R. J. S. (2016). Identificação dos fatores de risco para depressão pós-parto: importância do diagnóstico precoce. *Northeast Network Nursing Jour-*

nal, 11. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/3240/324027973013/>> Acesso em 15 abr. 2019.

Klein, M. M. S., & Guedes, C. R. (2008). Intervenção psicológica a gestantes: contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(4), 862-871. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6154177>> Acesso em 02 jun. 2019.

Lemes, C. B., & Ondere Neto, J. (2017). Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. *Temas em Psicologia*, 25(1), 17-28. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/Resumenes/Resumen_513754916002_1.pdf> Acesso em 02 mar. 2019.

Novelino, A. M. (2013). Maternidade: um perfil idealizado. *Cadernos de Pesquisa*, (65), 21-29. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1193>> Acesso em 13 abr. 2019.

Palhoni, A. R. G., Souza, M. C. M. R., Lima, M. A. O., & Soares, N. P. (2017). Adesão de gestantes a atividade educativa em uma Unidade Básica de Saúde de Belo Horizonte MG. *Enfermagem Revista*, 20(1), 55-60.

Santos, D. S., Andrade, A. L. A. D., Lima, B. S. D. S., & Silva, Y. N. D. (2012). Sala de espera para gestantes: uma estratégia de educação em saúde. *Rev Bras Educ-Med*, 36(1 Supl 2), 62-7. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Debora_Santos15/publication/262476723_The_prenatal_care_waiting_room_as_a_setting_for_health_education/links/55f33f0408ae63926cf23c22/The-prenatal-care-waiting-room-as-a-setting-for-health-education.pdf> Acesso em: 25 mai. 2019.

Santos, J. H. S., Rocha, B. F., & Passaglio, K. T. (2016). Extensão universitária e formação no ensino superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 7(1), 23-28. Disponível em: <<https://periodicos.uuffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>> Acesso em: 02 mai. 2019.

Theme Filha, M. M., Ayers, S., Gama, S. G. N., & Leal, M. C. (2016). Factors associated with postpartum depressive symptomatology in Brazil: the Birth in Brazil National Research Study, 2011/2012. *Journal of affective disorders*, 194, 159-167. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032715306789>> Acesso em 09 abr. 2019.

Towle, A. (2016). Onde está a voz do paciente na educação profissional em saúde?. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 20(57), 285. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/bd834a5a9f036c49ac656ff22c3c8e09/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2039859>> Acesso em 29 mar. 2019.



Educação em saúde com adolescentes em situação de vulnerabilidade: relatos sobre saúde, saúde mental e uso de drogas

Health Education with vulnerability teenagers: Reporting on health, mental health and drug use

Isabela Galvão Fernandes Alves

Graduanda do curso de Enfermagem - Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais
isabelagf.alves@gmail.com

Izabella Barcelos Rios Ferreira

Graduanda do curso de Medicina - Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais
izabellabrferreira@gmail.com

Marina Sad Navarro

Graduanda do curso de Medicina - Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais
marinasadn92@gmail.com

Luciana Ramos de Moura

Docente do curso de Enfermagem - Universidade Federal de Viçosa
lulyramos29@yahoo.com.br

Isabela Mie Takeshita

Docente do curso de Enfermagem - Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais
isa_jx@yahoo.com.br

RESUMO

O Projeto Adolescer Positivo vinculado à Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais promoveu rodas de conversas quinzenais, durante o segundo semestre de 2018, com adolescentes de uma escola estadual de Belo Horizonte, MG. Nessas intervenções, foram abordados temas como "Conceito de Saúde", "Saúde Mental" e "Drogas". Percebeu-se que, para os jovens, o conceito de saúde era restrito e, após a atividade, ficou evidente a importância de um olhar ampliado desse conceito, principalmente que envolva a saúde mental, relacionada à "autoestima" dos jovens. Por fim, a discussão sobre "drogas" esclareceu dúvidas acerca de seus efeitos no organismo. Na atividade, os adolescentes se apresentaram extremamente participativos. O Projeto contribuiu positivamente para a formação das acadêmicas participantes, além de estimular e ressaltar a importância de se aprimorar a promoção à saúde voltada para esse público.

Palavras-chave: Promoção em Saúde. Adolescência. Saúde do Adolescente

ABSTRACT

The Project is binded to the College Medical Sciences of Minas Gerais promoted fortnightly meetings during the second half of 2018 with teenagers from a State school in Belo Horizonte-MG. In these interventions were addressed topics such as "The Concept of health", "Mental Health" and "Drugs". It was noticed that, for adolescents, the concept of health was restricted and, after the activity, it was clear the importance of a comprehensive look at this concept, mostly involving mental health, related to "self-esteem" by younger people. Finally, the discussion on "drugs" clarified doubts about its effects in the body, being an activity in which the teenagers were extremely hands-on. The project has contributed positively to the academic students, as well as stimulate and emphasize the importance of improving the health promotion aimed at this audience.

Keywords: Health promotion. Adolescence. Adolescent Health.

INTRODUÇÃO

A adolescência, muitas vezes definida por estereótipos negativos pela sociedade, não é apenas uma fase com características predefinidas, mas sim um processo ligado diretamente aos determinantes socioculturais (BERNI e ROSO, 2014). É uma etapa crítica na qual o jovem vivencia descobertas significativas e afirma sua personalidade e individualidade. Desta forma, caracterizar a adolescência somente por meio da faixa etária se caracteriza como um método muito simplista. Deve-se considerar que essa etapa compreende a transformação do jovem até a idade adulta, não apenas sob o ponto de vista biológico, mas também social e principalmente psicológico (CAVALCANTE, ALVES e BARROSO, 2008).

O comportamento de risco dos jovens é uma reprodução de seu conhecimento pois suas dúvidas, muitas vezes, são sanadas em páginas da internet não confiáveis com conteúdo equivocado. O entendimento de adolescentes em relação à educação em saúde é ambíguo, sendo útil e importante para alguns, mas pouco relevante para outros (URIO, HAAG e ZANETTINI, 2017). Ações de promoção da saúde e educação em saúde ajudam a compreender as demandas e necessidades dos adolescentes e pode servir de subsídio para a criação de novas estratégias para melhoria do cuidado, as quais envolvam o jovem como protagonista. É de grande interesse que eles se tornem agentes de sua própria mudança, que suportem o desenvolvimento integral e garantam a efetividade do autocuidado para a promoção de sua saúde (BETANCURTH e VÉLEZ, 2012; CAVALCANTE, ALVES e BARROSO, 2008).

A adolescência também é considerada um período de relevante preocupação quanto ao uso de substâncias. Os riscos do uso abusivo dessas e o desenvolvimento de dependências nos adolescentes estão presentes nas políticas públicas de saúde e sociais, as quais buscam intervenções que considerem os fatores associados a esse consumo (BENINCASA et al., 2019).

O conceito de vulnerabilidade foi incorporado aos debates bioéticos nos últimos anos, mais especificamente na década de 90. Na perspectiva bioética, reconhece-se como vulnerável toda pessoa que se encontra menos apta a garantir sua própria proteção (DINIZ e CORRÊA, 2001). A noção de vulnerabilidade sistematiza alguns fatores sociais considerados nocivos ao adolescente, sendo eles: fragilidade dos laços familiares, afastamento da escola e do trabalho, condições estruturais do bairro onde reside, envolvimento com drogas e com grupos sociais, os quais são considerados "má influência" (MALVASI e ADORNO, 2014).

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência das acadêmicas que participaram do Projeto de Extensão Adolescer Positivo e desenvolveram ação de educação em saúde, saúde mental e uso de drogas com adolescentes em situação de vulnerabilidade.

DESCRIÇÃO

O Projeto de Extensão Acadêmico teve início por meio de um edital de inscrição e critérios para seleção divulgados pelo setor de Pesquisa e Extensão de uma faculdade privada de Belo Horizonte. Foram aprovadas acadêmicas dos cursos de Enfermagem, Psicologia e Medicina, sendo cinco alunas bolsistas, duas voluntárias e duas professoras orientadoras. A roda de conversa foi a principal metodologia utilizada, sendo associada à dinâmicas e jogos.

A roda de conversa favorece o encontro do profissional/cuidador com o jovem, gera espaços de negociação e não de normatização, o qual proporciona um acolhimento capaz de promover e estimular a consciência crítica e autônoma, utilizando das próprias situações vivenciadas (SAMPAIO, SANTOS, AGOSTINI e SALVADOR, 2014).

Esta metodologia favorece que o conhecimento seja compartilhado, valorizando o saber de cada participante, de forma individual. Permite ainda que o indivíduo expresse suas impressões, conceitos e opiniões, a fim de trabalhar de forma reflexiva cada manifestação apresentada pelo grupo (DIAS, RODRIGUES, MIRANDA e CORRÊA 2018).

Este Projeto de Extensão foi realizado em uma escola estadual de Belo Horizonte- MG, localizada na regional centro sul da cidade, composta, em sua maioria, por estudantes que vivem em situação de vulnerabilidade social. O projeto, em sua quinta edição, teve um local designado para todas as atividades, a denominada "Telesala". Nesta sala, além das extensionistas, reuniam-se 25 alunos de 9º ano, todos repetentes, e com idade entre 14 a 16 anos, sendo esse o nosso público-alvo do projeto. Os encontros ocorreram sempre na parte da manhã, e tiveram duração aproximada de uma hora. Nesse período, contou-se com a presença e participação da professora da classe.

O Projeto promoveu intervenções quinzenais. Os temas foram selecionados junto à direção da escola e abordaram: "Conceito de Saúde", "Saúde Mental", "Drogas", "Planejamento Familiar", IST's, "Projeto de Vida" e "Gravidez na adolescência".

Na etapa que antecedeu as intervenções, as acadêmicas foram subdivididas em grupos menores para o planejamento e desenvolvimento dos materiais e dinâmicas, bem como condução das intervenções. Dessa forma, o presente artigo abordará apenas os tópicos "Conceito de Saúde", "Saúde Mental" e "Drogas" os quais foram vivenciados de maneira mais intensa pelas autoras.

Encontro: Conceito de Saúde

Discutir o conceito de saúde se fez necessário antes de falar sobre saúde mental ou drogas, pois esse é a base para os novos conhecimentos em saúde dos jovens. Parte-se de uma noção de saúde que se constitui pelo social, assim como pelas diferentes necessidades e por processos individuais que estão organizados e valorizados nessa experiência. E, do mesmo modo, o adoecimento

também é demarcado pelo social e não apenas pelo individual (MORI e REY, 2012). Considerando os diferentes fatores envolvidos no cotidiano dos indivíduos e famílias, pode-se inferir que o entendimento de viver saudável não é um processo simples de ser decifrado e entendido, sobretudo quando somado à vulnerabilidade social (BACKERS, BACKERS, ERDMANN e BÜSCHER, 2012).

Tendo em vista a necessidade de considerar o sujeito como protagonista no contexto da saúde, o primeiro tema proposto aos adolescentes indagava sobre o conceito de Saúde. Buscou-se compreender como é a visão dos jovens a respeito do assunto abordado. Foi solicitado que cada adolescente escrevesse em um papel palavras que, na concepção dele, definiam "Saúde". Após o recolhimento da atividade, as palavras foram transcritas no quadro para uma discussão com o grupo. Dentre as palavras, destacam-se as que foram mais repetidas: exercitar-se, dormir, comer bem, cuidar do corpo, não adoecer. Poucos alunos respondiam com entusiasmo ou explicavam o porquê de suas respostas.

Dessa forma, percebeu-se que os adolescentes ainda têm um conceito de saúde restrito, no qual foi destacada a ausência de doenças, ou seja, o conceito ampliado do tema ainda não era conhecido. Para trabalhar nesta perspectiva, os alunos foram instigados, por meio de perguntas sobre seu cotidiano, a refletirem sobre outros fatores que poderiam afetar a saúde de um indivíduo, além do bem-estar físico, emergindo aspectos do mental e do social.

A estratégia utilizada foi incorporar na discussão questionamentos mais práticos: Como são suas refeições? Como vocês dormem? O que vocês fazem para distrair? Quais eram as atividades de lazer? Você tem muitos amigos? Assim, foi possível exemplificar e explorar o Conceito Ampliado de Saúde, fazendo com que os adolescentes pensassem como a saúde está envolvida em diversos aspectos da vida, sendo necessário uma atenção integral.

Após a proposta de reflexão, alguns jovens começaram a discutir sobre a importância de cuidar da saúde física e da saúde mental. Ao longo da roda de conversa, identificou-se que algumas adolescentes remetiam às práticas de saúde voltadas para o aspecto psicológico, revelando que gostavam de cantar e desenhar. Por outro lado, os meninos pontuavam questões relacionadas ao físico, como jogar futebol e praticar lutas.

Um estudo realizado com adolescentes do sexo feminino revelou que ao referirem cuidados com a alimentação, sono e atividades físicas, entre outras, as adolescentes expressam, ao mesmo tempo, sua compreensão sobre saúde imbricada na noção de qualidade de vida (RESSEL, SEHNEM, JUNGES, HOFMANN e LANDERDAHL, 2009).

À vista disso, revela-se uma significativa diferença na visão ampliada de saúde entre os sexos. Nota-se que as relações de gênero são expressas nos diversos âmbitos individuais, coletivos e sociais, e, para torná-las equitativas, é necessário que as barreiras, em todas as relações sociais, sejam rompidas, a fim de promover um pensamento ampliado a respeito da saúde, o qual não seja influenciado socialmente pelo gênero do adolescente (TORRES, BESERRA e BARROSO, 2007).

Além dos pontos citados, foi possível abordar um conceito fundamental ao falar sobre saúde: o equilíbrio. Ao final da discussão, os jovens demonstraram unanimidade no entendimento da importância de um olhar ampliado sobre a saúde e de como o equilíbrio entre os aspectos da vida podem colaborar para uma saúde melhor. Na perspectiva do jovem, o significado de viver saudável é marcado pela busca de equilíbrio e harmonia entre o viver em uma situação de vulnerabilidade social e as oportunidades e, principalmente, do acesso que lhes é proporcionado (BACKES, et al. 2009).

Encontro: Saúde Mental

A família, a escola e as políticas públicas são fundamentais na constituição da identidade social dos jovens. É marcante, no entanto, a defasagem entre a necessidade de atenção em saúde mental para adolescentes e a oferta de uma rede de serviços, uma vez que, historicamente, o desenvolvimento de uma Política de Saúde Mental para Crianças e Adolescentes no Brasil, só foram propostos no início do século XXI (COUTO e DELGADO 2015).

No entanto, essa defasagem na saúde pública não é a única responsável pela manutenção do problema. O ambiente educacional é fundamental na adolescência. Sendo assim, além da sala de aula, projetos educacionais após a rotina da escola, tais como oficinas de música – por mais que não visem atuar em um fator de risco específico –, possuem o potencial de beneficiar positivamente e de forma indireta o desenvolvimento do adolescente, de diminuir o risco de violência e de prevenir questões ligadas à saúde mental (GUERRA e DURYE, 2017).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, situações como depressão, suicídio e psicoses são prioridades na adolescência, além de transtornos de ansiedade, alimentares e abuso de substâncias, que também devem ser considerados (BENETTI, RAMIRES, SCHNEIDER, RODRIGUES e TREMARIN, 2007).

Ao abordar o tema "saúde mental" com o grupo de adolescentes, pensou-se na autoestima, nas qualidades e nos defeitos de cada indivíduo. A dinâmica foi elaborada com a utilização de um envelope, contendo em seu interior papéis com desafios, os quais foram sendo passados de aluno para aluno. Os jovens deveriam escolher entre o desafio ou o desejo de passar a vez. Se passassem a vez, deveriam elogiar algum colega, a si mesmo ou a professora. Ao escolher o desafio, o jovem deveria dar um conselho para outro colega, como se ele estivesse vivenciando sentimentos como ansiedade, nervosismo ou tristeza. Na dinâmica, muitos surpreenderam e optaram pelo desafio.

Em um segundo momento, foram apresentadas sugestões sobre como elevar a autoestima de cada um. Abordou-se ainda sobre a importância de procurar a orientação de familiares, de amigos e de profissionais na escola ou nos postos de saúde em períodos de crise.

Ao final, foi entregue aos alunos um papel que continha o telefone e o endereço com o serviço de psicologia da faculdade e do ambulatório da igreja,

ao lado da escola, como forma de mostrar que existe apoio profissional e que ele pode ser utilizado.

Durante essa intervenção, observou-se que os adolescentes sentiam dificuldade em relatar qualidades pessoais e também dos colegas, tanto pela timidez quanto pela dificuldade demonstrada de reconhecer sua autoestima.

Em contrapartida, quando solicitados para aconselhar um colega que estava em sofrimento, os adolescentes se mostraram empáticos e compreensivos, o que evidencia a prática da "educação entre pares", uma estratégia utilizada para promoção da saúde, que parte do pressuposto que a troca de saberes entre pessoas que têm o mesmo perfil e compartilham das mesmas experiências facilita a construção e o estabelecimento de novos conhecimentos (SANTOS, FARRE, BISPO, SOUSA e MARINHO, 2017).

Como quadro clínico, a depressão na adolescência ocorre três vezes mais do que entre adultos e se associa a diferentes complicações. No entanto, suas manifestações clínicas são confundidas com características comportamentais dessa fase, como agressividade e alterações do humor, dificultando sua identificação e seu diagnóstico. Fato este que evidencia um grave problema no atendimento de saúde dos jovens e a necessidade de uma abordagem multiprofissional e multidisciplinar. Além da depressão, também deve ser considerado o transtorno de ansiedade, bem como condições médicas associadas, como transtorno da falta de atenção e hiperatividade (TDAH). Destaca-se a importância da identificação e do diagnóstico adequado ao quadro clínico, considerando os prejuízos na aprendizagem e no convívio social dos adolescentes que tais doenças trazem. Sendo assim, é fundamental o desenvolvimento de ações que foquem na saúde mental do adolescente e na elaboração de diretrizes nas áreas de educação e saúde para a resolução desse problema (BENETTI, RAMIRES, SCHNEIDER, RODRIGUES e TREMARIN, 2007).

Encontro: Drogas

Na adolescência, o conceito de interação grupal é perceptível, e o jovem busca pertencer a um grupo com o qual se identifica. Este terá a capacidade de influenciar suas ações e fará com que o adolescente adote atitudes as quais serão a prova de sua aceitação na "tribo". Nesse período, os amigos assumem importância social principal, e os conflitos familiares atingem o pico, fazendo com que os pais percam um pouco do seu poder de controle sobre os filhos. Estes buscam a imagem do adulto independente no grupo de amigos, o qual estão inseridos. Isso é uma tendência natural dos adolescentes. É principalmente neste período de crise que as drogas entram em suas vidas (CAVALCANTE, ALVES e BARROSO, 2008).

Por ser esse um tema delicado, foi necessário que as extensionistas pensassem a forma mais dinâmica e interativa de discutir o tema. Portanto, o encontro foi dividido em dois momentos: a) os alunos se dividiram em grupos que iriam ler uma situação problema, envolvendo um jovem e o abuso de dro-

gas. Na ocasião, preferiu-se enfatizar as drogas que os jovens têm mais contato, como crack, álcool, maconha e cigarro. Após discutirem entre si, eles deveriam formular conselhos e atitudes corretas para conscientizar aquele indivíduo; b) no segundo momento, mostrou-se aos adolescentes o prejuízo que as drogas causam nas diversas partes do corpo humano. Para ilustrar, foi desenhado em cartolina um corpo humano e seus principais órgãos, a cada substância discutida, era explicado, em roda de conversa, qual é o seu efeito e malefício para o corpo, partindo do conhecimento dos adolescentes.

Nesta atividade, percebeu-se o aumento do interesse pelo assunto. Na primeira dinâmica, muitos alunos conseguiam pensar em soluções para as problemáticas trabalhadas, sendo capazes de interagir e até mesmo compartilhar histórias já vivenciadas com amigos e familiares que são dependentes químicos. À medida que eles aprendiam algo novo, especialmente sobre os aspectos fisiológicos, mais participavam com questionamentos a respeito do funcionamento do organismo. Nessa perspectiva, foi evidente a relevância de ampliar a explicação do tema, e assim despertar a curiosidade e interesse dos alunos a partir da utilização de metodologias ativas, reconhecidas como processos capazes de alcançar a reflexão e integração cognitiva. Além disso, o aprendizado é apoiado em situações e problemas reais vivenciados pelos adolescentes (MORÁN, SOUZA e MORALES, 2015). Desse modo, um aluno extensionista que vivencia essa experiência junto à comunidade é alguém possível de se abrir para conhecimentos plurais, de ser criativo, de se perceber parte de uma totalidade que só faz sentido quando tecida por/em redes de conhecimento na relação fora da faculdade (RIBEIRO, PONTES e SILVA 2017).

A mudança de comportamento devido as transformações biológicas do adolescente, pode alterar a comunicação dele com seu núcleo familiar. Atrelado a esse processo natural, o vício em drogas leva à perda de respeito no lar, violência doméstica e desorganização familiar, gerando atritos constantes. Esse contexto dificulta a forma como o adolescente pede ajuda em face de conflitos e de dúvidas que possam surgir, como os relacionados às drogas (BESERRA, DE SOUSA ALVES e GUBERT, 2015).

Esta atividade permitiu que se levasse uma reflexão acerca do tema, além de promover uma potencial intervenção por meio da divulgação de endereços e telefones de unidades que oferecem grupos de apoio para os dependentes químicos usuários de drogas e também para seus familiares e amigos.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a promoção da saúde do adolescente requer adequação a sua realidade social, física e emocional. Garantir oportunidades de ensino e aprendizagem em saúde é fundamental para tornar o jovem protagonista do seu processo de cuidado, além de possibilitar a desconstrução da visão negativa da adolescência.

A utilização de metodologias ativas para a realização do projeto contribuiu de forma essencial para alcançar o objetivo de promoção à saúde, uma vez que os jovens se sentiram pertencentes ao projeto.

Participar de um Projeto de Extensão envolvendo adolescentes foi uma experiência grandiosa para a formação profissional e pessoal das extensionistas, tendo em vista a importância da saúde do adolescente no campo da saúde pública e coletiva.

O projeto proporcionou vivências únicas durante a graduação, por incentivar a criação de intervenções ativas e estimular as acadêmicas a promoverem saúde e qualidade de vida para um público em situação de vulnerabilidade social.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais pela oportunidade, às docentes que coordenaram o Projeto de Extensão pela orientação e à Escola Estadual por nos receber para as atividades.

CONFLITOS DE INTERESSE

Não há conflitos de interesse.

COLABORAÇÕES

Isabela Galvão Fernandes Alves, Izabella Barcelos Rios Ferreira, Marina Sad Navarro e Isabela Mie Takeshita contribuíram com a elaboração do projeto, com o delineamento do estudo, com a busca na literatura recente, na interpretação dos dados, na escrita e na revisão do artigo. Luciana Ramos de Moura contribuiu na escrita e revisão do artigo.

REFERÊNCIAS

Backes, DS, et al. Significado de viver saudável para jovens que integram um projeto de inclusão social. Rev Eletrônica Enferm, 2009. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v11/n4/pdf/v11n4a13.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Backes MTS, et al. Significado de viver saudável em uma comunidade socialmente vulnerável no Sul do Brasil. Acta Paul Enferm, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n2/a06v25n2.pdf>>. Acesso em: 11 fevereiro de 2019.

Benetti S, et al. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. Cad. Saúde Pública, v. 6, n. 23, p. 1273-1282, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102311X2007000600003&script=sci_arttext> Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Benincasa, M., Tavares, A., Barbosa, V., Lajara, M., Rezende, M., Heleno, M., & Custódio, E. (2018). A influência das relações e o uso de álcool por adolescentes. SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas (Edição Em Português), 14(1), 5-11. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000357>.

Berni VL, Roso A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. Psicol soc [Internet], v. 1, n. 26, p. 126-136. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/14.pdf>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

Beserra EP, de Sousa LB, Alves MDS, Gubert FA. Comunicação e mobilidade: modelo de vida como mediador de diálogo com adolescentes, S A N A R E, Sobral, v.14, n.1, p.15-21, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/602>> Acesso em: 14 de Fevereiro de 2019.

Betancurth DP, Vélez C. La adolescencia: un reto para los profesionales de la salud. Cult Cuid Enferm, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6003025>> Acesso em: 11 fevereiro de 2019.

Cavalcante MBPT, Alves MDS, Barroso MGT. Adolescência, álcool e drogas: promoção da Saúde, Esc Anna Nery Rev Enferm, v. 3, n. 12, p. 555-59, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a24>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Ventura Couto, Maria Cristina, Godinho Delgado, Pedro Gabriel, Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. Psicologia Clínica [Internet]. 2015;27(1):17-40. Recuperado de: <http://>

portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/291042226002.

Dias ESM; Rodrigues ILA; Miranda HR; Corrêa JA. Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem. *Rev Fund Care Online*. 2018 abr/jun; 10(2):379-384. DOI: <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i2.379-384>>.

Diniz D, Corrêa M. Declaração de Helsinki: relativismo e vulnerabilidade. *Cad Saude Publica*. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v17n3/4650.pdf>>. Acesso em: 13 fevereiro de 2019].

Guerra, N. & Duryea, S. Prevention of Aggression, Violence, and Mental Health Problems in Childhood and Adolescence: Innovative and Sustainable Approaches from Around the World: Introduction and Overview. *Prev Sci* (2017) 18:749–753. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs11121-017-0814-0.pdf>>. Acesso em: 16 de Fevereiro de 2019.

Malvasi PA, Adorno RCF. A vulnerabilidade e a mente: conflitos simbólicos entre o diagnóstico institucional e a perspectiva de jovens em cumprimento de medida socioeducativa. *Saúde e Sociedade*, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n1/0104-1290-sausoc-23-01-00030.pdf>>. Acesso em 10 fevereiro de 2019.

Morán J; Souza CA; Morales OET. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. v. II, 2015. Disponível em: <<http://rh.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf>>. Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Mori VD; Rey FG. A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. *Psicol. teor. prat.* [online], v. 14, n. 3, p. 140-152, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Ressel LB, Sehnem GD, Junges CF, Hoffmann IC, Landerdahl, MC. Saúde, doença e vulnerabilidade para mulheres adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, v. 3, n. 13, p. 552-557, jul-set, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a14>>. Acesso em: 15 fevereiro de 2019.

Ribeiro MRF; Pontes VMA; Silva EA. A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. *Revista Conexão UEPG*, v. 1, n. 13, p. 52-65, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/9097>>. Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Sampaio J, Santos GC, Agostini M, Salvador AS. Limits and Potentialities of the Circles of Conversation: Analysis of an Experience with Young People in the Backcountry of Pernambuco, Brazil. *Interface, Botucatu*, v. 2, n. 18, p. 1299-1312, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1299.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Santos MP; Farre AGMC; Bispo MS; Sousa LB; Marinho DDT. Promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: educação por pares. *Rev Baiana de Enfermagem*, v. 3, n. 31, p. 1-9, 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/21505/15031>>. Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Torres CA, Beserra EP, Barroso MGT. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, jun., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n2/v11n2a17.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Urio Â, Haag FB, Zanettini A de et al. Desafios na utilização de estratégias para aprendizagem ativa com estudantes em uma escola pública. *Rev. Enferm UFPE [online]*, Recife, v. 12, n. 11, p. 4866-4874, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/230181/25295>>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2019.

Data de submissão: 07/09/2019

Data de aceite: 21/11/2019



Educación en salud con adolescentes en una situación de vulnerabilidad: informes sobre salud, salud mental y uso de drogas

Health Education with vulnerability teenagers: Reporting on health, mental health and drug use

Isabela Galvão Fernandes Alves

Estudiante de grado del curso de Enfermería - Facultad de Ciências Médicas de Minas Gerais
isabelagf.alves@gmail.com

Izabella Barcelos Rios Ferreira

Estudiante de grado del curso de Medicina - Facultad de Ciências Médicas de Minas Gerais
izabellabrferreira@gmail.com

Marina Sad Navarro

Estudiante de grado del curso de Medicina - Facultad de Ciências Médicas de Minas Gerais
marinasadn92@gmail.com

Luciana Ramos de Moura

Profesora del curso de Enfermería - Universidad Federal de Viçosa
lulyramos29@yahoo.com.br

Isabela Mie Takeshita

Profesora del curso de Enfermería - Facultad Ciências Médicas de Minas Gerais
isa_jx@yahoo.com.br

RESUMEN

El Proyecto Adolescente Positivo vinculado al Colegio de Ciências Médicas de Minas Gerais promovió rondas de conversación quincenales durante el segundo semestre de 2018 con adolescentes de una escuela estatal em Belo Horizonte- MG. Estas intervenciones abordaron temas como "Concepto de salud", "Salud mental" y "Drogas". Se observó que, para los jóvenes, el concepto de salud estaba restringido y, después de la actividad estaba claro la importancia de una visión más amplia de este concepto, especialmente en lo que respecta a la salud mental, muy relacionada con la "autoestima" de los jóvenes. Finalmente, la discusión sobre "drogas" aclaró las dudas sobre sus efectos en el organismo, siendo una actividad en la que los adolescentes eran extremadamente participativos. El Proyecto contribuyó positivamente a la formación de los académicos participantes, además de estimular y enfatizar la importancia de mejorar la promoción de la salud dirigida a este público.

Palabras-clave: Promoción de la Salud, Adolescencia y Salud del Adolescente

ABSTRACT

The Project is binded to the College Medical Sciences of Minas Gerais promoted fortnightly meetings during the second half of 2018 with teenagers from a State school in Belo Horizonte-MG. In these interventions were addressed topics such as "The Concept of health", "Mental Health" and "Drugs". It was noticed that, for adolescents, the concept of health was restricted and, after the activity, it was clear the importance of a comprehensive look at this concept, mostly involving mental health, related to "self-esteem" by younger people. Finally, the discussion on "drugs" clarified doubts about its effects in the body, being an activity in which the teenagers were extremely hands-on. The project has contributed positively to the academic students, as well as stimulate and emphasize the importance of improving the health promotion aimed at this audience.

Keywords: Health promotion. Adolescence. Adolescent Health.

INTRODUCCIÓN

La adolescencia, a menudo definida por estereotipos negativos por parte de la sociedad, no es solo una fase con características predefinidas, sino un proceso directamente vinculado a determinantes socioculturales (BERNI y ROSO, 2014). Es una etapa crítica en la que el joven experimenta descubrimientos significativos y afirma su personalidad e individualidad. Por lo tanto, caracterizar la adolescencia solo a través del grupo de edad se considera un método muy simplista. Debe considerarse que esta etapa comprende la transformación del joven a la edad adulta, no solo desde un punto de vista biológico, sino también social y principalmente psicológico. (CAVALCANTE, ALVES e BARROSO, 2008).

El comportamiento de riesgo de los jóvenes es una reproducción de su conocimiento porque sus dudas a menudo se resuelven en sitios web poco confiables con contenido incorrecto. La comprensión de los adolescentes en relación con la educación acerca de la salud es ambigua, útil e importante para algunos, pero no relevante para otros. (URIO, HAAG e ZANETTINI, 2017). Las acciones para promover la salud y la educación en salud ayudan a comprender las demandas y necesidades de los adolescentes y pueden servir como un subsidio para la creación de nuevas estrategias para mejorar la asistencia, que involucran a los jóvenes como protagonistas. Es de gran interés que se conviertan en agentes de su propio cambio, que asuman el desarrollo integral y garanticen la efectividad del autocuidado para la promoción de su salud (BE-TANCURTH e VÉLEZ, 2012; CAVALCANTE, ALVES e BARROSO, 2008).

La adolescencia también se considera un período de gran preocupación con respecto al uso de sustancias. Los riesgos del uso abusivo y el desarrollo de dependencias en los adolescentes están presentes en las políticas públicas sociales y de salud, que buscan intervenciones que consideren los factores asociados con este consumo (BENINCASA et al., 2019).

El concepto de vulnerabilidad se ha incorporado a los debates bioéticos en los últimos años, más específicamente en la década de 1990. Desde la perspectiva bioética, se reconoce como vulnerable cualquier persona que sea menos capaz de garantizar su propia protección (DINIZ e CORRÊA, 2001). La noción de vulnerabilidad sistematiza algunos factores sociales considerados perjudiciales para los adolescentes, a saber: fragilidad de los lazos familiares, distanciamiento de la escuela y el trabajo, condiciones estructurales en el vecindario donde viven, participación con drogas y grupos sociales, que se consideran "mala influencia" (MALVASI e ADORNO, 2014).

Este artículo tiene como objetivo informar la experiencia de las académicas que participaron en el Proyecto de Extensión Positivo Adolescer y desarrollaron acciones de educación en salud, salud mental y uso de drogas con adolescentes en condición de vulnerabilidad.

DESCRIPCIÓN

El Proyecto de Extensión Académica comenzó por medio de un edicto de inscripción y criterios de selección publicados por el sector de Investigación y Extensión de una universidad privada en Belo Horizonte. Se aprobaron cursos académicos de Enfermería, Psicología y Medicina, con cinco estudiantes becados, dos voluntarios y dos maestros responsables. La ronda de conversación fue la principal metodología utilizada, estando asociada con la dinámica y los juegos.

La ronda de conversación favorece la reunión del profesional/cuidador con el joven, genera espacios de negociación y no de estandarización, lo que proporciona una acogida capaz de promover y estimular la conciencia crítica y autónoma, utilizando las situaciones experimentadas (SAMPALIO, SANTOS, AGOSTINI y SALVADOR, 2014).

Esta metodología favorece que el conocimiento sea compartido, valorando el conocimiento de cada participante, individualmente. También le permite al individuo expresar sus impresiones, conceptos y opiniones, con fines de trabajar reflexivamente en cada manifestación presentada por el grupo (DIAS, RODRIGUES, MIRANDA e CORRÊA 2018).

Este proyecto de extensión se llevó a cabo en una escuela estatal en Belo Horizonte- MG, ubicada en el centro sur de la ciudad, compuesta, principalmente, por estudiantes que viven en una situación de vulnerabilidad social. El proyecto, en su quinta edición, tenía un lugar designado para todas las actividades, el llamado "Telesala". En esta sala, además de los extensionistas, se reunieron 25 estudiantes de 9º año escolar, todos alumnos repetidores, y con edades comprendidas entre 14 y 16 años, siendo este nuestro público objetivo para el proyecto. Las reuniones siempre tenían lugar por la mañana y duraban aproximadamente una hora. Durante este período, hubo la presencia y participación del maestro de clase.

El proyecto promovió intervenciones quincenales. Los temas fueron seleccionados por la junta escolar y se abordaron: "Concepto de salud", "Salud mental", "Drogas", "Planificación familiar", "ITS's", "Proyecto de vida" y "Embarazo adolescente".

En la etapa que precedió a las intervenciones, los académicos se subdividieron en grupos más pequeños para planificar y desarrollar materiales y dinámicas, así como para llevar a cabo las intervenciones. De este modo, este artículo abordará solo los temas "Concepto de salud", "Salud mental" y "Drogas" que los autores experimentaron con mayor intensidad.

Encuentro: Concepto de Salud

Discutir el concepto de salud era necesario antes de hablar sobre la salud mental o las drogas, ya que esta es la base del nuevo conocimiento de la salud de los jóvenes. Comienza con una noción de salud que está constituida por

lo social, así como por las diferentes necesidades y procesos individuales que se organizan y valoran en esta experiencia. Y, del mismo modo, la enfermedad también está demarcada por lo social y no solo por el individuo (MORI y REY, 2012). Teniendo en cuenta los diferentes factores que intervienen en la vida diaria de las personas y las familias, se puede inferir que la comprensión de una vida saludable no es un proceso simple para descifrar y comprender, especialmente cuando se agrega a la vulnerabilidad social (BACKERS, BACKERS, ERDMANN y BÜSCHER, 2012).

En vista de la necesidad de considerar al sujeto como protagonista en el contexto de la salud, el primer tema propuesto a los adolescentes preguntó sobre el concepto de Salud. El intento de comprender cómo ven los jóvenes el tema abordado inició las interacciones. Se le pidió a cada adolescente que escribiera en papel palabras que, en su concepción, definirían "Salud". Después de recopilar la actividad, las palabras se transcribieron en la pizarra para discutir las con el grupo. Entre las palabras, las más repetidas fueron: hacer ejercicio, dormir, comer bien, cuidar el cuerpo, no enfermarse. Pocos estudiantes respondieron con entusiasmo o explicaron la razón de sus respuestas.

Por lo tanto, se observó que los adolescentes todavía tienen un concepto restringido de salud, en el que se destacó la ausencia de enfermedad, es decir, el concepto ampliado del tema aún no era conocido. Para trabajar en esta perspectiva, se alentó a los estudiantes, a través de preguntas sobre su vida cotidiana, a reflexionar sobre otros factores que podrían afectar la salud de un individuo, además del bienestar físico, con aspectos de plantear el tema de la salud mental y social.

La estrategia utilizada fue incorporar preguntas más prácticas en la discusión: ¿Cómo están sus comidas? ¿Como duermen? ¿Qué hacen para distraer? ¿Cuáles fueron las actividades de ocio? ¿Ustedes tienen muchos amigos? Por lo tanto, fue posible ejemplificar y explorar el Concepto de Salud Extendida, haciendo que los adolescentes piensen cómo la salud está involucrada en diferentes aspectos de la vida, lo que requiere atención integral.

Después de la propuesta de reflexión, algunos jóvenes comenzaron a discutir la importancia de cuidar la salud física y mental. A lo largo de la conversación, se identificó que algunos adolescentes se refirieron a prácticas de salud centradas en el aspecto psicológico, revelando que les gustaba cantar y dibujar. Por otro lado, los niños señalaron asuntos relacionados con el físico, como jugar al fútbol y lucha.

Un estudio realizado con mujeres adolescentes reveló que cuando mencionan el cuidado con la alimentación, el sueño y las actividades físicas, entre otros, las adolescentes expresan, al mismo tiempo, su comprensión de la salud incrustada en la noción de calidad de vida. (RESSEL, SEHNEM, JUNGES, HOFFMANN y LANDERDAHL, 2009).

En vista de esto, se revela una diferencia significativa en la visión ampliada de la salud entre los sexos. Se observa que las relaciones de género se expresan en diferentes esferas individuales, colectivas y sociales, y, para que sean equitativas, es necesario que se rompan las barreras en todas las relaciones

sociales, a fin de promover un pensamiento más amplio para el respeto a la salud, que no está influenciada socialmente por el género del adolescente (TORRES, BESERRA y BARROSO, 2007).

Además de los puntos mencionados, fue posible abordar un concepto fundamental al hablar de salud: el equilibrio. Al final de la discusión, los jóvenes demostraron unanimidad en la comprensión de la importancia de una visión más amplia de la salud y cómo el equilibrio entre los aspectos de la vida puede colaborar para mejorar la salud. Desde la perspectiva de los jóvenes, el significado de una vida saludable está marcado por la búsqueda del equilibrio y la armonía entre vivir en una situación de vulnerabilidad social y oportunidades y, principalmente, el acceso que se les ocurre (BACKES, et al. 2009).

Encuentro: Salud Mental

La familia, la escuela y las políticas públicas son fundamentales en la constitución de la identidad social de los jóvenes. Sin embargo, es sorprendente percibir la brecha entre la necesidad de atención de salud mental para adolescentes y la provisión de una red de servicios, ya que, históricamente, el desarrollo de una Política de Salud Mental para Niños y Adolescentes en Brasil, solo ha sido propuesto a principios de siglo XXI (COUTO e DELGADO 2015).

Sin embargo, esta brecha en la salud pública no es la única responsable de mantener el problema. El ambiente educativo es fundamental en la adolescencia. Por lo tanto, además del aula, proyectos educativos después de la rutina escolar, como talleres de música – aunque no pretendan actuar sobre un factor de riesgo específico –, tienen el potencial de beneficiar positiva e indirectamente el desarrollo de los adolescentes, reduciendo el riesgo de violencia y previniendo problemas de salud mental (GUERRA y DURYEY, 2017).

Según la Organización Mundial de la Salud, situaciones como la depresión, el suicidio y la psicosis son prioridades en la adolescencia, además de la ansiedad, los trastornos alimentarios y el abuso de sustancias, que también deben considerarse (BENETTI, RAMIRES, SCHNEIDER, RODRIGUES y TREMARIN, 2007).

Al abordar el tema "salud mental" con el grupo de adolescentes, se pensó en la autoestima, las cualidades y los defectos de cada individuo. La dinámica se elaboró utilizando un sobre, que contiene papeles con desafíos, que se pasaron de estudiante a estudiante. Los jóvenes deberían elegir entre el desafío o el deseo de pasar el turno. Si pasaban, deberían alabar a un colega, a sí mismo o al maestro. Al elegir el desafío, el joven debe aconsejar a otro colega, como si estuviera experimentando sentimientos como ansiedad, nerviosismo o tristeza. En la dinámica, muchos sorprendieron y optaron por el desafío.

En un segundo momento, se hicieron sugerencias sobre cómo elevar la autoestima de cada persona. Fue abordada también la importancia de buscar orientación de familiares, amigos y profesionales en la escuela o en los centros de salud en tiempos de crisis.

Al final, los estudiantes recibieron un papel que contenía el teléfono y la dirección con el servicio de psicología de la universidad y la clínica de la iglesia, al lado de la escuela, como una forma de demostrar que hay apoyo profesional y que se puede usar.

Durante esta intervención, se observó que a los adolescentes les resultaba difícil informar sobre las cualidades personales y también sobre las de sus colegas, tanto por su timidez como por la dificultad demostrada para reconocer su autoestima.

Por otro lado, cuando se les pidió que asesoraran a un colega que estaba sufriendo, los adolescentes mostraron empatía y comprensión, lo que demuestra la práctica de la "educación de pares", una estrategia utilizada para la promoción de la salud, que supone que el intercambio de información y conocimiento entre personas que tienen el mismo perfil y comparten las mismas experiencias facilita la construcción y el establecimiento de nuevos conocimientos (SANTOS, FARRE, BISPO, SOUSA y MARINHO, 2017).

Como cuadro clínico, la depresión en la adolescencia ocurre tres veces más que entre los adultos y se asocia con diferentes complicaciones. Sin embargo, sus manifestaciones clínicas se confunden con las características de comportamiento de esta fase, como la agresividad y los cambios de humor, lo que dificulta su identificación y diagnóstico. Este hecho muestra un grave problema en la atención de la salud de los jóvenes y la necesidad de un enfoque multiprofesional y multidisciplinario. Además de la depresión, también se debe considerar el trastorno de ansiedad, así como las afecciones médicas asociadas, como la falta de atención y el trastorno de hiperactividad (ADHD). Se destaca la importancia de identificar y diagnosticar la condición clínica, considerando las pérdidas en el aprendizaje y la interacción social de los adolescentes que traen estas enfermedades. Por lo tanto, es esencial desarrollar acciones que se centren en la salud mental del adolescente y el desarrollo de pautas en las áreas de educación y salud para resolver este problema (BENETTI, RAMIRES, SCHNEIDER, RODRIGUES y TREMARIN, 2007).

Encuentro: Drogas

En la adolescencia, el concepto de interacción grupal es notable, y el joven busca pertenecer a un grupo con el que se identifica. Así tendrá la capacidad de influir en sus acciones y hará que el adolescente adopte actitudes que demuestren su aceptación con la "tribu". Durante este periodo, los amigos adquieren una importancia social importante y los conflictos familiares alcanzan su punto máximo, lo que hace que los padres pierdan parte de su poder de control sobre sus hijos. Los jóvenes buscan la imagen del adulto independiente en el grupo de amigos, que se insertan. Esta es una tendencia natural para los adolescentes. Es principalmente en este periodo de crisis que las drogas entran en sus vidas (CAVALCANTE, ALVES y BARROSO, 2008).

Como este es un tema delicado, era necesario que los extensionistas

pensaran en la forma más dinámica e interactiva de discutir el tema. Por lo tanto, la reunión se dividió en dos momentos: a) los estudiantes se dividieron en grupos que leerían una situación problemática, involucrando a un joven y el abuso de drogas. En ese momento, se prefería enfatizar las drogas con las que los jóvenes tienen más contacto, como el crack, el alcohol, la marihuana y los cigarrillos. Después de discutir entre ellos, deberían formular consejos y corregir actitudes para que esa persona tome conciencia; b) En el segundo momento, a los adolescentes se les mostró el daño que las drogas causan en diferentes partes del cuerpo humano. Para ilustrar, un cuerpo humano y sus órganos principales fueron diseñados en cartón, para cada sustancia discutida, se explicó, en conversación, cuál es su efecto y daño al cuerpo, a partir del conocimiento de los adolescentes.

En esta actividad, hubo un aumento en el interés en el tema. En la primera dinámica, muchos estudiantes pudieron pensar en soluciones a los problemas en los que trabajaron, pudiendo interactuar e incluso compartir historias ya experimentadas con amigos y familiares que son drogadictos. A medida que aprendieron algo nuevo, especialmente sobre los aspectos fisiológicos, participaron más con preguntas sobre el funcionamiento del organismo. Desde esta perspectiva, era evidente la relevancia de expandir la explicación del tema, y así despertar la curiosidad e interés de los estudiantes mediante el uso de metodologías activas, reconocidas como procesos capaces de lograr la reflexión y la integración cognitiva. Además, el aprendizaje se apoya en situaciones y problemas reales que experimentan los adolescentes (MORÁN, SOUZA y MORALES, 2015). Por lo tanto, un estudiante de extensión que experimenta esta experiencia con la comunidad es alguien que puede abrirse al conocimiento plural, ser creativo, percibir parte de una totalidad que solo tiene sentido cuando está entrelazado por/en redes de conocimiento en la relación fuera de la universidad (RIBEIRO, PONTES y SILVA 2017).

El cambio de comportamiento debido a las transformaciones biológicas del adolescente puede alterar su comunicación con su familia. Junto con este proceso natural, la adicción a las drogas conduce a la pérdida de respeto en el hogar, la violencia doméstica y la desorganización familiar, lo que genera conflictos constantes. Este contexto dificulta que el adolescente pida ayuda ante los conflictos y las dudas que puedan surgir, como los relacionados con las drogas (BESERRA, DE SOUSA ALVES y GUBERT, 2015).

Esta actividad permitió reflexionar sobre el tema, además de promover una posible intervención mediante la divulgación de direcciones y números de teléfono de unidades que ofrecen grupos de apoyo para drogadictos y sus familias y amigos.

CONCLUSION

Se concluye que la promoción de la salud de los adolescentes requiere

adaptación a su realidad social, física y emocional. Asegurar oportunidades de enseñanza y aprendizaje en salud es esencial para que los jóvenes sean protagonistas en su proceso de cuidados, además de permitir la deconstrucción de la visión negativa de la adolescencia.

El uso de metodologías activas para la realización del proyecto contribuyó de manera esencial para lograr el objetivo de la promoción de la salud, ya que los jóvenes sentían que pertenecían al proyecto.

Participar en un proyecto de extensión que involucra a adolescentes fue una gran experiencia para la capacitación profesional y personal de los extensionistas, dada la importancia de la salud de los adolescentes en el campo de la salud pública y colectiva.

El proyecto proporcionó experiencias únicas durante la graduación, para alentar la creación de intervenciones activas y alentar a los estudiantes a promover la salud y la calidad de vida de un público en una situación de vulnerabilidad social.

AGRADECIMIENTOS

Gracias a la Facultad de Ciencias Médicas de Minas Gerais por la oportunidad, a los profesores que coordinaron el Proyecto de Extensión para la orientación y a la Escuela Estatal por recibirnos para las actividades.

CONFLICTOS DE INTERESES

No hay conflictos de intereses.

COLABORACIONES

Isabela Galvão Fernandes Alves, Izabella Barcelos Rios Ferreira, Marina Sad Navarro e Isabela Mie Takeshita contribuyeron a la elaboración del proyecto, al diseño del estudio, a la búsqueda en literatura reciente, a la interpretación de datos, a la redacción y revisión del artículo. Luciana Ramos de Moura contribuyó a la redacción y revisión del artículo.

REFERENCIAS

Backes, DS, et al. Significado de viver saudável para jovens que integram um projeto de inclusão social. Rev Eletrônica Enferm, 2009. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v11/n4/pdf/v11n4a13.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Backes MTS, et al. Significado de viver saudável em uma comunidade socialmente vulnerável no Sul do Brasil. Acta Paul Enferm, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n2/a06v25n2.pdf>>. Acesso em: 11 fevereiro de 2019.

Benetti S, et al. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. Cad. Saúde Pública, v. 6, n. 23, p. 1273-1282, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102311X2007000600003&script=sci_arttext> Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Benincasa, M., Tavares, A., Barbosa, V., Lajara, M., Rezende, M., Heleno, M., & Custódio, E. (2018). A influência das relações e o uso de álcool por adolescentes. SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas (Edição Em Português), 14(1), 5-11. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000357>.

Berni VL, Roso A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. Psicol soc [Internet], v. 1, n. 26, p. 126-136. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/14.pdf>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

Beserra EP, de Sousa LB, Alves MDS, Gubert FA. Comunicação e mobilidade: modelo de vida como mediador de diálogo com adolescentes, S A N A R E, Sobral, v.14, n.1, p.15-21, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/602>> Acesso em: 14 de Fevereiro de 2019.

Betancurth DP, Vélez C. La adolescencia: un reto para los profesionales de la salud. Cult Cuid Enferm, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6003025>> Acesso em: 11 fevereiro de 2019.

Cavalcante MBPT, Alves MDS, Barroso MGT. Adolescência, álcool e drogas: promoção da Saúde, Esc Anna Nery Rev Enferm, v. 3, n. 12, p. 555-59, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a24>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Ventura Couto, Maria Cristina, Godinho Delgado, Pedro Gabriel, Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. Psicologia Clínica [Internet]. 2015;27(1):17-40. Recuperado de: <http://>

portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/291042226002.

Dias ESM; Rodrigues ILA; Miranda HR; Corrêa JA. Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem. *Rev Fund Care Online*. 2018 abr/jun; 10(2):379-384. DOI: <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i2.379-384>>.

Diniz D, Corrêa M. Declaração de Helsinki: relativismo e vulnerabilidade. *Cad Saude Publica*. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v17n3/4650.pdf>>. Acesso em: 13 fevereiro de 2019].

Guerra, N. & Duryea, S. Prevention of Aggression, Violence, and Mental Health Problems in Childhood and Adolescence: Innovative and Sustainable Approaches from Around the World: Introduction and Overview. *Prev Sci* (2017) 18:749–753. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs11121-017-0814-0.pdf>>. Acesso em: 16 de Fevereiro de 2019.

Malvasi PA, Adorno RCF. A vulnerabilidade e a mente: conflitos simbólicos entre o diagnóstico institucional e a perspectiva de jovens em cumprimento de medida socioeducativa. *Saúde e Sociedade*, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n1/0104-1290-sausoc-23-01-00030.pdf>>. Acesso em 10 fevereiro de 2019.

Morán J; Souza CA; Morales OET. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. v. II, 2015. Disponível em: <<http://rh.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf>>. Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Mori VD; Rey FG. A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. *Psicol. teor. prat.* [online], v. 14, n. 3, p. 140-152, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Ressel LB, Sehnem GD, Junges CF, Hoffmann IC, Landerdahl, MC. Saúde, doença e vulnerabilidade para mulheres adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, v. 3, n. 13, p. 552-557, jul-set, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a14>>. Acesso em: 15 fevereiro de 2019.

Ribeiro MRF; Pontes VMA; Silva EA. A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. *Revista Conexão UEPG*, v. 1, n. 13, p. 52-65, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/9097>>. Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Sampaio J, Santos GC, Agostini M, Salvador AS. Limits and Potentialities of the Circles of Conversation: Analysis of an Experience with Young People in the Backcountry of Pernambuco, Brazil. *Interface, Botucatu*, v. 2, n. 18, p. 1299-1312, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1299.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Santos MP; Farre AGMC; Bispo MS; Sousa LB; Marinho DDT. Promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: educação por pares. *Rev Baiana de Enfermagem*, v. 3, n. 31, p. 1-9, 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/21505/15031>>. Acesso em: 17 fevereiro de 2019.

Torres CA, Beserra EP, Barroso MGT. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, jun., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n2/v11n2a17.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro de 2019.

Urio Â, Haag FB, Zanettini A de et al. Desafios na utilização de estratégias para aprendizagem ativa com estudantes em uma escola pública. *Rev. Enferm UFPE [online]*, Recife, v. 12, n. 11, p. 4866-4874, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/230181/25295>>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2019.

Fecha de envío: 07/09/2019

Fecha de aprobación: 21/11/2019



Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano

Joviano Gabriel Maia Mayer
Graduado em Direito, mestre e doutorando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Minas Gerais
mayerjoviano@gmail.com

RESUMO

Este texto resgata brevemente o pensamento de Anísio Teixeira em torno da "escola comum" para, em seguida, a partir de uma experiência concreta, refletir sobre como fazer da sala de aula um espaço de aprendizado colaborativo, contaminado pelas diretrizes que orientam principalmente a extensão universitária. Noutros termos, como fazer da sala de aula um espaço de construção pedagógica colaborativa, voltado à comunidade, por meio do método ativista cartográfico, à medida que favoreça o ensino e a pesquisa, dando materialidade ao preceito constitucional da "indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão". A reflexão parte da minha experiência no âmbito da disciplina "Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano" que foi, de certo modo, uma tentativa de ocupar a sala de aula com as lutas e as resistências territoriais da cidade, dando concretude ao lema da revolta secundarista "ocupa tudo".

Palavras-chave: Ensino. Escola comum. Ativismo. Cartografia.

ABSTRACT

The text brings briefly Anísio Teixeira's thought about the "common school" and then, based on a concrete experience, it makes a reflexion on how to make the classroom a space for collaborative pedagogical construction aimed at the community, using the cartographic activist method, to the same extent that it favors teaching and researching, giving materiality to the constitutional precept of "inseparability between teaching, research and practice (extension)". This reflection starts from my experience in the discipline "Cartographic activism, self-management and the urban common", which was, in a way, an attempt to occupy the classroom with the territorial struggles and resistances of the city giving concreteness to the motto of the high school student's revolt "occupy everything".

Keywords: Teaching. Common school. Activism. Cartography.



Figura 1 - Defesa da minha dissertação de mestrado, agosto de 2013
Foto: Shima.

A foto acima foi tirada no Espaço Comum Luiz Estrela¹, em agosto de 2015, durante minha defesa de Mestrado no âmbito do Programa em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU UFMG). A banca final, além de familiares e amigas(os), foi acompanhada por ativistas e lideranças populares ligadas aos territórios em que eu atuava na época, especialmen-

¹ Centro cultural autogestionado, localizado à rua Manaus, 348, bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte – MG. O Espaço Comum Luiz Estrela nasceu no dia 26 de outubro de 2013 a partir da ocupação – por artistas e ativistas – de um casarão público tombado que estava abandonado há duas décadas. O Espaço Comum Luiz Estrela promove e acolhe inúmeras atividades políticas, culturais e educativas, além de ser uma referência nacional em autogestão no campo do patrimônio histórico, tendo recebido, em 2017, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido por ocasião dos 80 anos do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional - IPHAN.

te da comunidade Dandara – ocupação urbana situada na periferia de Belo Horizonte que teve grande importância na minha trajetória. Naquela ocasião, lembro-me bem do seu Orlando, liderança negra da comunidade, reivindicar à banca de professoras(es) o direito de fala. Este direito foi acolhido e ampliado para outras pessoas queridas que também se manifestaram e trouxeram enorme contribuição para o debate.

Não é usual uma banca final de pós-graduação se abrir para manifestações do público. Com certeza, a espacialidade inusitada daquela defesa, com presenças igualmente inusitadas e plurais, favoreceu esse acontecimento que tornou mais porosas as fronteiras que infelizmente ainda separam universidade/comunidade. Uma ocupação cultural cedeu espaço a um ato formal acadêmico que transmutou o distanciamento e o formalismo padrão em espaço de aprendizado e trocas afetivas. Foi lindo!

Relembro esse fato para propor aqui uma reflexão no sentido inverso, ou seja, como transmutar a própria sala de aula, baluarte tradicional do ensino, em espaço de aprendizado e trocas afetivas, contaminado pelas diretrizes que orientam principalmente a extensão universitária? Como fazer da sala de aula, no âmbito das disciplinas, espaço de construção pedagógica colaborativa voltada à comunidade e às demandas sociais na mesma medida em que favoreça ensino e pesquisa? Como dar materialidade ao preceito constitucional da "indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão" (Artigo 207) partindo do próprio ambiente universitário no seio das disciplinas ofertadas em sala?

Muito se diz sobre o transbordamento da sala de aula para outros territórios. Mas como podemos também transbordar os conflitos territoriais e os modos de resistência dos movimentos sociais para dentro da sala de aula? É possível desbordar a sala de aula como espaço do ensino por excelência? Ensino aqui tomado em sentido estrito, numa perspectiva teórica por assim dizer. Como ocupar as salas de aula com as lutas e resistências territoriais dando concretude ao lema da revolta secundarista "ocupa tudo"?

Ocupar há tempos não é mais uma pauta para se debater, é uma demanda. Demanda de ação. Ação que acontece em rede, em diálogo sem jogos por poder. Ocupar é uma demanda de ação coletiva, que desenha outras possibilidades de futuro, de existir, de reexistir. Ocupar é uma demanda de ação para reescrever uma nova vida. Para reconstruir outras possibilidades de futuro. É uma guerrilha. Ocupar é um ato estético macro e micro político. A saída está escrita ao longo da nossa história: ocupar as escolas, as instituições, as galerias de arte, os cinemas, as ruas, as rádios, os hospitais, os centros culturais, os quartéis, as praças, as folhas do caderno, nossos corpos, os desejos, nosso pensamento, nossas vidas, nossas subjetividades, nosso tempo, nossa dedicação, nosso amor, nossas famílias, as paredes, as mesas, os móveis. Ocupar tudo! Ocupa tudo! Ocupa tudo! (Trecho da dramaturgia do espetáculo "Babylon Cabaret", Trupe Estrela, 2017).

Obviamente, não ousou formular uma resposta acabada a esses questiona-

mentos iniciais, mas refletir a partir dos acúmulos obtidos na minha experiência docente, em especial na disciplina de Formação em Extensão: "Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano" (código UNI 087), ofertada no segundo semestre de 2019, na Escola de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFMG, dentro do Laboratório da Formação Transversal em Culturas em Movimento e Processos Criativos. Antes, porém, vale resgatar alguns ensinamentos do pensador baiano Anísio Teixeira em torno do que chamou de "escola comum", afinal, a disciplina em questão também tinha o conceito do comum como parte integrante do conteúdo programático.

ANÍSIO TEIXEIRA E A "ESCOLA COMUM"

Falar de comum no seio de uma instituição dura como a universidade implica necessariamente uma subversão da conduta científica esperada, inclusive quanto aos métodos pedagógicos adotados em sala e fora dela. A disciplina "Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano" não buscava somente expor as premissas e as possibilidades da atitude cartográfica na relação com as lutas territoriais, mas também ser um espaço de experimentação do método, no que diz respeito à conduta pedagógica adotada.

O método aqui denominado "ativismo cartográfico" também busca promover encontros produtivos entre comunidades e universidades, numa postura claramente política de subversão do fechamento institucional, com vistas ao levantamento de dados e informações que, no exercício da cartografia, possam ser úteis às resistências que almejam transformações na ordem política, econômica e social, dando concretude à universidade necessária e à Nova Escola que mobilizou pensadores (as) da educação, como Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Lúcia Monteiro Casasanta, Anísio Teixeira² etc.

Aprende-se melhor a pesquisar quando se sente a necessidade da pesquisa para agir em determinada realidade – quando a pesquisa se confunde com a experiência de vida, uma escola ativa, em suma. Nesse sentido, "todo ensino deve ser completado, ou melhor, integrado em uma atividade inteira, em que a operação de saber se confunda com a de agir" (TEIXEIRA, 1977). Daí a opção em levar para sala de aula as resistências que compõem o mapa da cartografia ativista do professor – no caso eu – mas também acolher as lutas em que estão envolvidas as pessoas participantes da disciplina, estudantes e ativistas sem vínculo com a universidade.

Nessa linha de pensamento, as teses sustentadas por Anísio Teixeira, ainda na primeira metade do século XX, estão mais atuais do que nunca. Teixeira

2 RIBEIRO, 1986; FREIRE, 2013; CASASANTA, 1961; TEIXEIRA, 1977.

defendeu até a morte a concepção de “nova escola pública”, também chamada “escola comum”. Para ele, escola e universidade deveriam romper com sua vocação elitista histórica para construir uma teoria educacional indissociável de um saber prático, a serviço das (os) trabalhadoras (es) comuns (PÔRTO Jr., 2012). Anísio Teixeira sempre associou o papel da escola e da universidade à construção de uma sociedade democrática e igualitária, partindo do entendimento de que o conhecimento se alcança junto, de modo interdependente e colaborativo, tendo como finalidade última a “transformação e reconstrução sociais”. Também, a partir dessas premissas, nutre-se o método ativista cartográfico.

Como a escola visa formar o homem para o modo de vida democrático, toda ela deve procurar, desde o início mostrar que indivíduo, em si e por si, é somente necessidades e impotências; que só existe em função dos outros e por causa dos outros; que a sua ação é sempre uma trans-ação com as coisas e pessoas e que o saber é um conjunto de conceitos e operações destinados a atender àquelas necessidades, pela manipulação acertada e adequada das coisas e pela cooperação com os outros no trabalho que, hoje, é sempre de grupos, cada um dependendo de todos e todos dependendo de cada um. A escola deve ser agente da contínua transformação e reconstruções sociais, colaboradoras da constante reflexão e revisão social frente à dinâmica e mobilidade de uma sociedade democrática (TEIXEIRA, 1956).

Os textos de Anísio Teixeira refletem a experiência de vida de um brasileiro visionário – duramente assassinado pela ditadura militar em 1971 – para quem a produção do saber deveria partir da inserção da escola/universidade nas comunidades, organizada em redes colaborativas, com uso sistemático dos novos recursos tecnológicos e dos meios audiovisuais, com vistas à promoção da cidadania e construção de uma sociedade democrática. A este respeito, vejamos o seguinte trecho escrito por Héglio Trindade, o qual cita o educador Anísio Teixeira que:

Após a analisar “o ‘arcaísmo’ da escola brasileira”, a “escola como formação do ‘privilegiado’” e a crise do “dualismo escolar”, sintetiza sua posição: “essa ‘educação comum’ não é só um postulado democrático mas um postulado do novo conceito de conhecimento científico, que se tornou comum às atividades intelectuais e de trabalho”. E salienta que, “entre nós, a despeito dessa evolução do conhecimento e das sociedades, as resistências aristocráticas da nossa história não permitiram que a escola pública, de educação comum, jamais se caracterize integralmente. Toda nossa educação se conservou seletiva e de elite” (TRINDADE, 2007).

Sobre os novos métodos para lidar com um novo mundo, o uso das tecnologias da informação e da comunicação, no curso do ativismo cartográfico,

por meio de instrumentos tecnopolíticos de registros, mapeamento, comunicação e diagramação, é possível simplificar dados e informações para esclarecer espacialmente os que vivem e produzem o território. Assim, esses podem compreender as relações de poder, os interesses antagônicos sobre o território, produzir mutuamente novas subjetividades (insurgentes), bem como conceber (em comum) novas formas de vida (RENA e BRUZZI, 2014).

(...)O uso tático e estratégico das ferramentas digitais para a organização e a comunicação, tendo a ação coletiva como conceito chave. Desde a perspectiva do sistema-rede, a tecnopolítica pode se redescrever como a capacidade das multidões conectadas, dos cérebros e dos corpos conectados em rede, para criar e automodular a ação conjunta. A tecnopolítica pode abarcar o ciberativismo à medida que se limita à esfera digital. Sem dúvida, em seu sentido pleno, tecnopolítica é a capacidade coletiva de utilização da rede para inventar formas de agir que podem partir do universo digital, sem, contudo, esgotar-se nele. (TORET; @DATANALYSIS 15M, 2013, apud LOPES; RENA; SÁ, 2020).

Como prognosticou Félix Guattari, "as mentalidades coletivas mudam e mudarão amanhã cada vez mais rápido", de tal modo que é preciso transformar a qualidade da produção dessa nova subjetividade na "finalidade primeira das atividades humanas" sem abrir mão de que "tecnologias apropriadas sejam postas a seu serviço" (GUATTARI, 1992).

Destaca-se aqui um ponto crucial do método que diz respeito à produção de subjetividade. Esta dimensão é central para o ativismo cartográfico que se abre para as forças e linhas que operam na realidade e afetam a subjetividade. Como veremos, as práticas corporais e o uso de jogos teatrais em sala de aula – no âmbito da disciplina a qual comento – se alinha à imperiosidade da produção de novas subjetividades na construção e partilha dos saberes.

O ativismo cartográfico se interessa pelo que escapa ao modo capitalista de subjetivação e de produção espacial, tendo em vista a importância que a dimensão da subjetividade tomou nos marcos do capitalismo pós-fordista. Também nesse aspecto, quanto à importância da dimensão subjetiva para além do plano material perseguido pela investigação científica padrão, Teixeira foi um visionário:

Somente será possível "espiritualizar" e "humanizar" a vida moderna, humanizando e espiritualizando a ciência, o trabalho e a organização social de nossos dias, senão para agora, para o mais ou menos próximo futuro. O divórcio entre o material e o espiritual é inconcebível, salvo como aspectos da mesma atividade geral, que é, simultaneamente, material e espiritual ou espiritual e material (TEIXEIRA, 1977).

O verbo "espiritualizar" é tomado aqui como produção de subjetividade inerente à produção do saber científico, dimensão assumida pelo ativismo car-

tográfico como pressuposto e motor da produção coletiva do conhecimento. Como consta na introdução da obra "Pistas do método da cartografia": "destituída de fundamentos invariantes, a prática cognitiva engendra concretamente subjetividades e mundos" (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009).

Nesse sentido, o exercício do ativismo cartográfico tem em vista a produção de novas subjetividades como imperativo imediato, derivado da nova configuração do capitalismo contemporâneo, o que também inspirou a disciplina em questão, acerca da qual vamos expor mais detidamente a seguir.

DISCIPLINA UNI 087 - ATIVISMO CARTOGRÁFICO, AUTOGESTÃO E O COMUM URBANO

Por que "Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano"?

Ativismo denota o compromisso com a luta pela transformação social, o vínculo com as resistências positivas contra o avanço do capital sobre nossas vidas e territórios, a defesa intransigente dos direitos humanos, em especial o direito à cidade. Aqui, vale considerar que o ativismo na contemporaneidade não se confunde mais com a atuação clássica dos movimentos sociais:

Desde a segunda metade do Século XX, os ciclos de luta vêm alterando suas geografias de resistência e contrapoder, transmutando, aos poucos (e com maior intensidade a partir dos anos 1990), de sistemas duros, militantes, arborescentes, centralizados e verticais, para sistemas fluidos, ativistas, rizomáticos, dispersos e horizontais, ou seja, das lutas em tempos de capitalismo fordista e industrial localizado nos ambientes de trabalho produtivo, para as lutas em tempos de capitalismo pós-fordista e pós-industrial localizados nas metrópoles: do chão de fábrica para as ruas; dos sindicatos que lutavam contra os patrões proprietários das fábricas para os movimentos ativistas urbanos que ocupam as praças; das lutas de classes envolvendo classe proletariada e burguesia para as lutas por direitos e reconhecimento identitário e cultural (NEVES, 2018).

Cartografia porque, para mim, a luta fundamental é contra colonialista. O colonizador branco ocidental moderno jamais teria aportado nessas terras não fossem os mapas. E o domínio biopolítico contemporâneo, com sua feição "neopolítica" (MBEMBE, 2018), cada vez mais explícita, segue a lógica do controle via mapeamento (físico-territorial, afetivo, subjetivo etc.). De igual modo, cabe-nos também resistir pela re-apropriação dos mapas, não para fins de representação estática mas sim para criar novos agenciamentos, fugas, conexões, redes insurgentes etc. Em resumo, como cartografar de modo contra colonialista? Eis a questão central que permeia a disciplina em comento.

A Cartografia, enquanto corpo disciplinar acadêmico e científico, tem seu desenvolvimento atrelado ao processo de eurocentramento do mundo, num período histórico conhecido como Modernidade. Seu desenvolvimento foi também, portanto, associado ao estabelecimento de uma ordem e à afirmação de hegemônias em relações de poder, o que a tornou historicamente um instrumento de dominação e controle. (...). No período recente, entretanto, um conjunto cada vez maior de experiências vem indicando transformações (ou, ao menos, tendências) no campo da cartografia. Diversas experiências de cartografias vinculadas a movimentos sociais vêm mostrando que parece haver algo novo no campo. O "novo" parece ser o uso da cartografia como instrumento de lutas de grupos socialmente desfavorecidos e não apenas um instrumento de dominação, como historicamente foi desenvolvida a Cartografia Moderna (SANTOS, 2011).

Autogestão porque resistir é construir autonomia, produzir dentro-fora da lógica imperial colonialista dominante, forjar relações não mediadas pelo capital. Autogovernar-se e fortalecer experiências que traduzem outros modos de vida no seio do capitalismo, produzindo novas subjetividades e alimentando a utopia de outros mundos possíveis. Nesse sentido, nas cidades, a luta pelo comum urbano ganha centralidade e se abre como possibilidade de confluência das resistências positivas frente ao Estado-capital e seu domínio biopolítico.

A pesquisa cartográfica em torno do comum já me acompanhava desde o mestrado, quando defendi a dissertação "O comum no horizonte da metrópole biopolítica":

Desde a minha perspectiva, além da atuação nas resistências contra grandes projetos urbanos como foi o caso da operação urbana Nova BH, por exemplo, a participação como ativista-advogado nos protestos, nas ocupações de sem-teto, na Praia da Estação, nos blocos de carnaval de rua, no Espaço Comum Luiz Estrela e outros territórios insurgentes da cidade, trouxe uma reflexão viva e imanente quanto à pertinência do comum como horizonte de luta contra o domínio do privado (mercado), para além do público (Estado). O comum, por sua vez, para além da dimensão substantiva dos bens comuns materiais e imateriais, o comum enquanto verbo, a forma de uma atividade, o fazer-comum, traz consigo, indissociadamente, os princípios que perpassam as lutas travadas pela multidão metropolitana e que também orientam a copesquisa cartográfica, tais como a autonomia, a cooperação, a horizontalidade, a abertura, a criatividade, a produção de afetos e subjetividades, o profundo desejo de democracia real (MAYER, 2015).

A disciplina "Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano" reflete, assim, a continuidade de uma pesquisa iniciada nos idos de 2013. Essa tinha como ementa o seguinte texto:

Disciplina sobre o método da cartografia ativista, aberta a estudantes universitários e ativistas (vagas isoladas), com o objetivo de conectar e produzir saberes no encontro entre academia e experiências territoriais de autogestão em Belo Horizonte. A disciplina adota uma perspectiva contra colonizadora inspirada no pensamento quilombista de Antônio Bispo dos Santos, com uso de ferramentas cartográficas e tecnopolíticas, em um espaço horizontal e colaborativo de produção e troca de conhecimento. Almeja-se, ainda, colaborar com as resistências positivas que irão fazer parte dos estudos da disciplina, a saber: 1) Espaço Comum Luiz Estrela; 2) Parque Jardim América; 3) Mofuce / Associação Casa do Estudante; 4) Kasa Invisível; 5) Tina Martins; e 6) Ocupação Dandara. Serão realizados exercícios cartográficos, visitas in loco, rodas de conversa, produção de mapas afetivos, linhas do tempo, registro áudio visual etc., além do estudo e debates em torno do marco teórico proposto, especialmente do método da cartografia ativista no contexto do urbanismo neoliberal. Por fim, na primeira meia hora de todas as aulas serão realizados jogos teatrais (teatro do oprimido) e práticas de consciência corporal, afinal, o primeiro território é o corpo.

Os objetivos da disciplina eram assim descritos:

- Realizar o estudo prático e teórico acerca do método da Cartografia Ativista a partir de resistências positivas e experiências de autogestão no espaço urbano;
- Contribuir com a produção gráfica, audiovisual, mapas, linhas do tempo, compilação de dados e documentos afetos às resistências positivas trabalhadas em sala de aula;
- Demonstrar como o capital atua na produção do espaço nas cidades brasileiras (parcerias público-privadas, grandes projetos urbanos etc.) e como coletivos e movimentos atuam resistindo a estes processos de neoliberalização do espaço na contemporaneidade;
- Realizar estudo, debates e produção teórica em torno do tema da autogestão e do comum urbano a partir de experiências concretas;
- Realizar exercícios corporais e jogos teatrais preparatórios todo início de aula como forma de experimentar outras metodologias para produção do saber, de modo colaborativo e horizontal, com o corpo em estado de presença.

Como se vê na descrição do primeiro objetivo, até o início das aulas o método tinha o nome "Cartografia Ativista". Tal nome foi posteriormente invertido para "Ativismo Cartográfico", em comum acordo com as(os) estudantes em sala, de modo a colocar em primeiro lugar e dar maior ênfase à conduta ativista, isto é, ao compromisso com a luta, tomando a cartografia como ferramenta colocada à disposição do engajamento pela transformação social.

Tendo como premissa que as formas de apropriação do espaço também determinam as relações e hierarquias sociais, decidimos fazer as aulas semanais em círculo, muitas vezes sentadas(os) no chão mesmo – configuração em

roda na qual todas as pessoas presentes podiam se olhar nos olhos. A opção pela circularidade da disposição espacial em sala, em oposição às fileiras tradicionais de estudantes com professor posicionado de pé à frente, também se inspira na crítica que Nego Bispo faz à linearidade e à verticalidade do pensamento sintético colonialista monoteísta cristão, contra o qual se opõe a circularidade da vida, do pensamento e da cultura dos povos politeístas da diáspora negra. Bispo, que foi uma das principais referências ao longo da disciplina, toma como exemplo a Capoeira e as giras nos terreiros de Candomblé para ilustrar a circularidade encontrada nas culturas afro-brasileiras (SANTOS, 2015).

Outro acordo comum em sala foi a realização de exercícios corporais e jogos teatrais em todas as aulas, sempre na primeira hora dos nossos encontros. Como descrito na ementa da disciplina, o corpo é o nosso primeiro território, então sempre dedicamos um tempo da aula ao trabalho corporal, o que foi muito bem avaliado pelas(os) estudantes ao final da disciplina.



Figura 2 - Exercício em sala de aula. Foto da estudante Raquel Rodrigues.

Fazíamos primeiro exercícios de respiração e alongamento. Na sequência, jogos teatrais de aquecimento, contato, improvisação e jogos de Teatro do Oprimido³ adaptados às temáticas da disciplina, jogos de desmecanização do corpo, também jogos que proporcionam reflexões críticas e leituras compartilhadas a partir das referências bibliográficas propostas. Ao final desses momentos, enquanto desaqueciamos os corpos, alguns minutos eram dedicados a refletir sobre os exercícios e jogos praticados.

O tempo dedicado ao trabalho de corpo refletia em maior produtividade reflexiva e participativa ao longo da aula, consciência corporal, atenção e es-

³ O Teatro do Oprimido é um método mundialmente conhecido, cujo objetivo é analisar e representar a opressão para buscar compreender seus mecanismos de funcionamento e para lutar por sua superação (SANTOS, 2018).

tado de presença. Isso também resultava em mais motivação para os debates em sala e fortalecia os laços de confiança e amizade entre as(os) estudantes. Foram muitos os encontros em que não houve intervalo para o café, tamanho o envolvimento nos debates e rapidez com que o tempo de aula passava, das 19 às 22 horas.

No primeiro encontro da disciplina, logo após a prática corporal com exercícios e jogos de apresentação das pessoas, fizemos uma cartografia das(os) estudantes, situando-os no quadro-mapa a partir do local de moradia, formação acadêmica, áreas de pesquisa, engajamentos e interesses. Foi fundamental para o direcionamento da disciplina situar cada estudante cartograficamente, gerar linhas de aproximação e afinidade, levantar as lutas e movimentos sociais em que cada pessoa estava envolvida, ampliando a interação dialógica entre todos.

Além das resistências que faziam parte da minha cartografia e que iriam ser trabalhadas ao longo da disciplina, conforme ementa do programa prévio transcrito acima, outras lutas em que havia estudantes envolvidos foram inseridas no programa, tais como a ocupação Pátria Livre, organizada pelo Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos, e as lutas ligadas ao movimento agroecológico na cidade.

Importante destacar também o uso do método de "Programa em processo", a partir do qual as(os) estudantes participavam da construção do programa ao longo da própria disciplina, construindo de forma coletiva o conteúdo das aulas por meio de um documento aberto no drive de e-mail. Houve, assim, uma tessitura colaborativa dos conteúdos e das discussões realizadas em sala, de modo que muitas referências teóricas e artísticas foram compartilhadas pelas(os) próprias(os) estudantes. Após as aulas, em algumas situações, estudantes se dispunham a elaborar um relato do encontro para compartilhar por e-mail para todas as pessoas, inclusive as que não puderam comparecer presencialmente, mas que acompanhavam dessa forma o andamento dos trabalhos e as referências artísticas e teóricas indicadas para leitura.

Dentre as principais referências utilizadas em sala de aula, cumpre destacar as(os) seguintes pensadoras(es), eleitos a partir de um critério contra colonialista: Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Antônio Bispo dos Santos, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Bell hooks, Suely Rolnik, Paulo Freire, Peter Pál Pelbart, Djamila Ribeiro, Mameu Muiandê, Makota Kidoiale, Luiz Henrique Eloy Terena, Ailton Krenak, Noa Cykman, Paola Berenstein, Vladimir Safatle e muitas outras referências no campo das artes.

Todas essas pessoas podem ser situadas, cada uma a seu modo, dentro de um campo de produção de saberes "contra colonialista" (SANTOS, 2015), formando um "ebó epistemológico", como nos ensina Luiz Rufino em seu livro "Pedagogia das Encruzilhadas" (2019), que só não entrou no programa da disciplina por ter sido lançado posteriormente.

Essa estratégia de luta [tática de guerrilha do conhecimento] tem como principal meta atacar a supremacia das razões brancas e denunciar seus privilégios, fragilidades e apresentar outros caminhos a partir de referenciais subalternos e do cruzo desses com os historicamente dominantes. A estratégia da Pedagogia das Encruzilhadas, como guerrilha epistêmica, é seduzi-los para que eles adentrem o mato. Lá, ofereço a todos uma casa de caboclo" (RUFINO, 2019).

Alinhado a esse autor, entendo que "os efeitos do colonialismo afetam os modos de educação praticados na sociedade brasileira" de maneira hegemônica, o que nos cobra enquanto educadoras(es) praticar uma "uma educação que precisa se deseducar do cânone" (RUFINO, 2019), dando prevalência para outros saberes tradicionalmente rejeitados pela lógica colonialista (epistemicídio).

Nesse sentido, recordo-me de um dos debates realizado em sala de aula em torno das entrevistas dadas pela Mãe Efigênia, Mametu Muiandê, e sua filha Cássia Cristina, Makota Kidoiale, do quilombo urbano Manzo, entrevistas que foram publicadas juntas pela revista *Piseagrama* (2018). Ambas nos revelam muito mais elementos estruturais e sutis da lógica perversa de segregação e de produção do espaço na metrópole do que qualquer artigo consagrado pelos cânones do urbanismo crítico brasileiro. Houve consenso sobre a riqueza dessas entrevistas, isso em uma turma com muitas pessoas do curso de Arquitetura e Urbanismo. O mesmo vale para a obra "Becos da memória" (2017), da escritora mineira Conceição Evaristo, escrevivência poética e cortante que nos revela a violência do processo de "desfavelização" empreendido pelo poder estatal, articulado com o capital, em desfavor dos pobres urbanos.

Os encontros semanais da disciplina eram organizados assim: primeiro o trabalho corporal, no máximo uma hora de duração. Depois, debate em roda sobre os textos selecionados na aula anterior. Nesta parte, uma ou duas pessoas ficavam responsáveis por conduzir a discussão. Na sequência, trabalhávamos na cartografia das resistências, compartilhando suas memórias, contradições, conquistas, desafios, conjuntura atual e como poderíamos contribuir, extrapolando o espaço da sala de aula.

Dessas cartografias encaminhamos a realização de rodas de conversas nos territórios⁴. Fizemos duas dessas rodas que foram gravadas em áudio: uma no Espaço Comum Luiz Estrela, no fim de outubro, por ocasião do Festival de Primavera o qual comemorou 6 anos dessa ocupação cultural; e outra no Quilombo Souza, em Santa Tereza, aproveitando o Dia da Consciência Negra – 20 de novembro.

4 A Roda de Conversa vem sendo desenvolvida, no âmbito do grupo de pesquisa Indisciplinar, como dispositivo oral de investigação, com a finalidade de estabelecer diálogos entre pesquisadores e movimentos de naturezas diversas: culturais, ativistas, militantes e de ocupação, ou seja, insurgências populares que eventualmente possuem filiações ou bases estéticas e políticas distintas, ou divergentes. Ao contrário dos questionários semiestruturados e entrevistas, a ideia tem sido experimentar uma forma de produção coletiva mais polifônica, horizontal e colaborativa, que evidencie as vozes dos respectivos atores participantes (RENA et al. 2016).



Figura 3 - Atividade Kilombo Souza. Foto: Raquel Rodrigues.



Figura 4 - Dia da Consciência Negra no Kilombo Souza. Foto: Raquel Rodrigues.



Figura 5 - Atividade no Espaço Comum Luiz Estrela. Foto: Raquel Rodrigues.

Foram dois momentos marcantes da disciplina, com muitas trocas e aprendizados implicados nos respectivos territórios.

As educações em curso na sociedade brasileira são plurais, assim, existem modos conservadores, mantenedores de desigualdades, redutores da complexidade do mundo, violentos, irresponsáveis, modos os calçados no pilar da política colonial. Ao mesmo tempo outras possibilidades, outros modos, emergentes, transgressivos, inconformados, rebeldes e comprometidos com a libertação (RUFINO, 2019).

Também organizamos rolezinhos de bicicleta pelas ocupações e uma roda de conversa em sala de aula com as presenças de Maria Merighella (BA) e Nego Bispo (PI). Houve ainda um encontro bastante proveitoso no Espaço Comum Luiz Estrela com o filósofo Peter Pál Pelbart⁵ (SP) – por mim organizado. Em todas essas atividades, os debates iam do micro ao macropolítico, buscando superar a falsa separação entre tais dimensões.

⁵ A palestra e o debate com Peter Pál Pelbart pode ser visto no canal do Espaço Comum Luiz Estrela, no Youtube, pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=uvn6UrFhm14>. Acesso em 26 de julho de 2020.



Figura 6 – Rolezinho pelas ocupações. Foto: Raquel Rodrigues.

Minha pesquisa e meu vínculo com as ocupações no âmbito do ativismo cartográfico me conduziram à necessidade de refletir sobre a superação dessa falsa dicotomia na minha opinião entre micro e macro. Como se essas resistências – as ocupações de moradia, culturais, o Parque Jardim América, o Kilombo Souza, e tantas outras –, como se essas lutas estivessem em um campo estritamente micro. Ora, o que eu percebo é que essas lutas podem sim transbordar a escala local, a chamada dimensão micropolítica e afetar outros níveis, outras escalas que, a princípio, estariam na dimensão macropolítica. Destaco esse tema por ter sido bastante debatido em sala de aula.

Tudo se perde quando se reivindica o local contra o global. O local não é a alternativa tranquilizante à globalização, mas seu produto universal: antes de o mundo ter sido globalizado, o lugar onde moro era apenas o território familiar, ninguém o reconhecia como "local". O local não é mais do que o reverso do global, seu resíduo, sua secreção, e não aquilo que pode fazê-lo explodir. Nada

era local antes de poder ser arrancado daí a qualquer momento, seja por razões profissionais, médicas ou de férias. O local é o nome da possibilidade de uma partilha, combinada à partilha de uma despossessão. É uma contradição do global, à qual podemos ou não dar consistência. Cada mundo singular surge agora pelo que é: uma dobra no mundo, e não seu exterior substanciado. Encaminhar lutas como as do Vale de Susa, de Calcídica ou dos Mapuche, que recriaram um território e um povo com uma aura planetária, para a categoria enfim insignificante de "luta local" – do mesmo modo que há uma "dinâmica local" simpaticamente folclórica – é uma clássica operação de neutralização. Para o Estado, com o pretexto de que esses territórios estão situados em suas margens, trata-se de marginalizá-los politicamente. Quem, fora o Estado mexicano, ousaria qualificar a insurreição zapatista e a aventura que se seguiu como "luta local"? E no entanto haverá algo mais localizado do que essa insurreição armada contra os avanços do neoliberalismo, que inspirou até um movimento de revolta planetária contra a "globalização"? (COMITÉ INVISÍVEL, 2016).

É evidente que a articulação, a conexão e as reverberações desses processos não se reduzem estritamente ao local. Elas não só podem inspirar outros processos, outras lutas – como exemplo concreto, tínhamos na disciplina a Kasa Invisível⁵, ocupação cultural que tem o Espaço Comum Luiz Estrela como fonte de inspiração e precedente muito importante no processo de negociação e luta – mas também alcançar outras dimensões para além da articulação no nível das resistências.

Debatemos muitos outros exemplos e reverberações, e também a entrevista transformada no texto "A hora da micropolítica" (2015), da Suely Rolnik, que traz boas pistas para esse tema. Na verdade estou cada vez mais convicto de que essa separação micro e macro precisa ser superada em favor da ação direta prioritariamente na escala dos corpos e subjetividades em resistência.

O imaginário das esquerdas não abarca a dimensão micropolítica, e, sendo assim, não tem como decifrar a estratégia de poder do capitalismo financeirizado globalitário, e muito menos combatê-lo (ROLNIK, 2015).

Ademais, como foi na Primavera Árabe, um evento, um episódio, um estopim, ou um aumento de vinte centavos pode ter repercussões e reverberações macropolíticas que nossa imaginação não alcança. Isso fortalece a aposta em torno dessas resistências, porque, afinal, como sempre sustentaram os zapatistas no México, a transformação será "desde abajo", desde aqueles e aquelas que constroem outras formas de viver e produzir, se relacionar e enfrentar, como diriam os zapatistas, "os maus governos".

5 Curiosamente, sem ligação direta, há um centro sócio cultural com o nome Casa Invisible, em Málaga, na Espanha, também fruto de uma ocupação organizada por ativistas anarquistas e autonomistas onde, dentre outros espaços, também foi gestado o 15M espanhol.

Durante a disciplina, os debates em torno das resistências territoriais conduziam inevitavelmente a discussões sobre questões mais amplas, especialmente quanto ao urbanismo neoliberal e seus modos de produção do espaço e desterritorialização dos pobres urbanos. O planejamento estratégico próprio da "cidade-empresa" também foi objeto de muita discussão, bem como as táticas de enfrentamento dos movimentos de resistência e ocupação do espaço público na cidade. Foram muitas trocas, aprendizados e envolvimento da turma com as lutas que perpassaram nossos encontros em sala de aula.

Ao longo da disciplina, também fizemos dois importantes momentos de avaliação coletiva do processo – um no meio do curso, e outro na última aula. A avaliação coletiva é sempre indispensável aos processos educativos, na minha opinião, não apenas ao final mas também no decorrer dos trabalhos para, assim, possibilitar ajustes e calibrações dos encontros. Além disso, o caráter colaborativo e horizontal da disciplina tornou as(os) estudantes corresponsáveis pelo bom andamento dos trabalhos. No geral, as metodologias e atividades propostas foram positivamente avaliadas, com destaque para o trabalho corporal sempre no início das aulas e as rodas de conversas realizadas nos territórios, fora do espaço acadêmico.



Figura 7 - Atividade na ocupação Kasa Invisível. Foto: Raquel Rodrigues.



Figura 8 - Atividade Kilombo Souza. Foto: Raquel Rodrigues.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto das últimas eleições presidenciais, fui a uma Casa de Fraternidade buscar amparo espiritual e acalmar o coração angustiado com a política nacional. Estava "chorando as pitangas" com uma Senhora Preta Velha, falando das minhas preocupações com o futuro do país, quando ela delicadamente apoiou as mãos sobre meus ombros e disse bem calma, com toda sua sabedoria ancestral: "Preocupa não meu filho, vai ficar tudo tranquilo. Bom que agora tá tudo aí na cara do povo". Saí do Terreiro bem leve.

Desde então, frequentemente me recorro aquelas palavras de conforto e tranquilidade. Porém, outras perguntas surgem do consolo oferecido pela Preta Velha: se está tudo na cara do povo, porque ainda não vemos reação? Se as máscaras do colonialismo caíram, como incendiar a Casa Grande? Como rebelar-se contra as estruturas do poder colonialista cuja crueldade bossal jamais foi tão explícita? Por que persiste esse fosso abissal entre explicitar a perversidade colonialista e reagir contra ela? É possível que as reações estejam sendo forçadas no nível micropolítico. Creio nisso, mas não vislumbrar alternativas coletivas mais amplas no horizonte nos coloca essa responsabilidade histórica: ousar, lutar, criar "inéditos viáveis", para resgatar Paulo Freire e sua pedagogia das(os) oprimidas(os).

É que a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isso alienante, a radicalização é crítica, por isso libertadora. Libertadora porque, implicando o enraizamento que os homens [e as mulheres] fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva.

A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada.

Parta de quem parta, a sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens [e das mulheres]. Dai que seja doloroso observar que nem sempre o sectarismo de direita provoca o seu contrário, isto é, a radicalização do revolucionário (FREIRE, 2013).

E é doloroso mesmo, sobretudo na conjuntura atual de pandemia COVID-19 em que a sectarização mítica e irracional de direita se faz tão explícita. Como fazer? Faz-se urgente e necessário resgatar a radicalidade criativa em oposição à sectarização tão bem representada no presente pelo poder central colonialista patriarcal dirigido pelo "mito".

Faço minhas melhores apostas na educação popular (dentro e fora da sala de aula), no engajamento comunitário, nos processos de conscientização proporcionados nas lutas cotidianas, nos mutirões, nas resistências positivas em defesa dos territórios, mas também nas salas de aula, como espaços de produção e trocas de saberes implicados com a realidade social dada, nas demandas da comunidade, rumo à "escola comum" preconizada por Anísio Teixeira. A realidade atual tem sido extremamente desafiadora, o que nos cobra cada vez mais atitude e responsabilidade para com a emancipação do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

CASASANTA, Lúcia Monteiro. As Mais Belas Histórias: Prê-Livro, Parte do Mestre. Editora do Brasil, 1961.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

KIDOIALE, Makota; MUIANDÊ, Mametu N'Kise. Senzala, terreiro, quilombo. PI-SEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 52 - 61, 2018.

LOPES, M. S. B.; RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma. VIRUS, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=6&lang=pt>>. Acesso em: 28 Abr. 2020.

MAYER, Joviano Gabriel Maia. O comum no horizonte da metrópole biopolítica. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n. 1 edições, 2018.

NEVES, Bernardo et al. Lutas territoriais: resistências ao avanço do urbanismo neoliberal. In Raquel Rolnik (org.), et al. Cidade Estado Capital: reestruturação urbana e resistências em Belo Horizonte, Fortaleza e São Paulo, São Paulo: FAUUSP, 2018

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Darcy. O livro dos Cieps. Rio de Janeiro. Bloch. 1986.

RENA, N.; BRUZZI, P. As ocupações em Belo Horizonte: biopotência e estética da multidão. In CAVA, Bruno e COCCO, Giuseppe (Org.). Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.

RENA, Natacha; MAYER, Joviano; NEVES, Bernardo; ALVES, Josiane. Cartografando os movimentos multitudinários em Belo Horizonte: as jornadas de junho

e depois. In Revista Indisciplinar. n. 3, v. 2, dezembro, 2016.

ROLNIK, Suely. A hora da micropolítica. Série Pandemia. São Paulo: n. 1 edições, 2015.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas, Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Bárbara. Percursos estéticos: imagem, som, ritmo, palavra - abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido. São Paulo: Padê editorial, 2018.

SANTOS, Renato Emerson dos. Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, 2011, Costa Rica II Semestre, 2011.

TEIXEIRA, Anísio Spinola. Os processos democráticos da educação nos diversos graus do ensino e na vida extraescolar, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 25, n. 62, abr./jun. 1956.

TEIXEIRA, Anísio Spinola. Educação e o Mundo Moderno. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

TRINDADE, H. Anísio Teixeira e os desafios atuais da educação superior. Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Red de investigadores sobre educación superior, 2007.

Data de submissão: 29/04/2020

Data de aceite: 10/06/2020



Activismo cartográfico, autogestión y el común urbano

Joviano Gabriel Maia Mayer

Graduado en Derecho por la UFMG. Maestría y Doctorado en Arquitectura y Urbanismo por la UFMG
mayerjoviano@gmail.com

RESUMEN

El texto rescata brevemente el pensamiento de Anísio Teixeira sobre la "escuela común" y luego, a partir de una experiencia concreta, reflexiona sobre cómo hacer del aula un espacio de aprendizaje colaborativo contaminado por las pautas que guían principalmente la extensión universitaria. En otras palabras, cómo hacer del aula un espacio para la construcción pedagógica colaborativa dirigida a la comunidad, basada en el método activista cartográfico, en la misma medida que favorezca la enseñanza y la investigación, dando materialidad al precepto constitucional de "inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión". La reflexión parte de mi experiencia en la disciplina "Activismo cartográfico, autogestión y lo común urbano", que fue, en cierto modo, un intento de ocupar el aula con las luchas y resistencias territoriales de la ciudad dándole concreción al lema de la revuelta secundaria "ocupa todo".

Palavras-chave: Docencia, escuela común, activismo, cartografía.

ABSTRACT

The text brings briefly Anísio Teixeira's thought about the "common school" and then, based on a concrete experience, it makes a reflexion on how to make the classroom a space for collaborative pedagogical construction aimed at the community, using the cartographic activist method, to the same extent that it favors teaching and researching, giving materiality to the constitutional precept of "inseparability between teaching, research and practice (extension)". This reflection starts from my experience in the discipline "Cartographic activism, self-management and the urban common", which was, in a way, an attempt to occupy the classroom with the territorial struggles and resistances of the city giving concreteness to the motto of the high school student's revolt "occupy everything".

Keywords: Teaching, Common school, Activism, Cartography.



Figura 1 - Defesa de mi disertación de maestría, agosto de 2013.
Foto: Shima.

La foto de arriba fue tomada en el Espaço Comum Luiz Estrela, en agosto de 2015, durante mi defensa de maestría en el Programa de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Minas Gerais (NPGAU UFMG). La junta final, además de familiares y amigos, estuvo acompañada por activistas y líderes populares vinculados a los territorios en que trabajaba en ese momento, especialmente a la comunidad Dandara, una toma urbana ubicada en las afueras de Belo Horizonte que tuvo gran importancia en mi trayectoria. En ese momento, recuerdo bien a Orlando, un líder negro de la comunidad, reclamando a los maestros el derecho de hablar, lo cual fue bien recibido y se extendió a otras personas queridas que también hablaron y contribuyeron enormemente al debate.

No es habitual que una banca final de posgrado se abra para manifestaciones públicas. Ciertamente, la espacialidad inusual de esa defensa, con presencias igualmente inusuales y plurales, favoreció este evento que hizo que las fronteras que desafortunadamente aún separan universidad y comunidad sean más porosas. Una ocupación cultural dio paso a un acto académico formal que transmutó la distancia y el formalismo estándar en un espacio para el aprendizaje y los intercambios afectivos. ¡Fue lindo!

Recuerdo este hecho para proponer una reflexión en la dirección opuesta, es decir, ¿cómo transmutar el aula en sí, un baluarte tradicional de la enseñanza, en un espacio para el aprendizaje y los intercambios afectivos contaminados por las pautas que guían principalmente la extensión universitaria? ¿Cómo hacer del aula, dentro del alcance de las asignaturas, un espacio para la construcción pedagógica colaborativa dirigida a la comunidad y las demandas sociales en la misma medida que favorezca la enseñanza y la investigación? ¿Cómo dar materialidad al precepto constitucional de "inseparabilidad entre la enseñanza, la investigación y la extensión" (Artículo 207) a partir del entorno universitario dentro de las materias ofrecidas en clase?

Mucho se dice sobre el desbordamiento del aula a otros territorios, pero ¿cómo podemos también desbordar los conflictos territoriales y las formas de resistencia de los movimientos sociales en el aula? ¿Es posible desbordar el aula como un espacio de enseñanza por excelencia? Enseñanza aquí tomada estrictamente, en una perspectiva teórica por así decirlo. ¿Cómo ocupar las aulas con las luchas y resistencias territoriales dando expresión concreta al lema de la revuelta secundaria "ocupa todo"?

Ocupar hace tiempo ya no es un tema de debate, es una demanda. Demanda de acción. Acción que ocurre en una red, en un diálogo sin juegos por poder. Ocupar es una demanda de acción colectiva, que dibuja otras posibilidades para el futuro, para existir, para volver a existir. Ocupar es una demanda de acción para reescribir una nueva vida. Reconstruir otras posibilidades para el futuro. Es una guerrilla. La ocupación es un acto estético macro y micro político. La salida está escrita a lo largo de nuestra historia: ocupando escuelas, instituciones, galerías de arte, cines, calles, radios, hospitales, centros culturales, cuarteles, plazas, hojas de cuaderno, nuestros cuerpos, deseos, nuestros pensamientos, nuestras vidas, nuestras subjetividades, nuestro tiempo, nuestra dedicación, nuestro amor, nuestras familias, las paredes, las mesas, los muebles. ¡Ocupa todo! ¡Ocupa todo! ¡Ocupa todo! (Extracto de la dramaturgia del espectáculo "Cabaret Babylon", Trupe Estrela, 2017).

Obviamente, no me atrevo a formular una respuesta completa a estas preguntas iniciales, sino reflejar sobre las acumulaciones obtenidas en mi experiencia docente, especialmente en la disciplina de Formación en Extensión: "Activismo cartográfico, autogestión y el común urbano" (Código UNI 087), ofrecido en el segundo semestre de 2019 en la Escuela de Arquitectura, Urbanis-

mo y Design de la UFMG, dentro del Laboratorio de Formación Transversal en Culturas en Movimiento y Procesos Creativos. Antes, sin embargo, vale la pena rescatar algunas enseñanzas del pensador bahiano Anísio Teixeira sobre lo que llamó "escuela común", después de todo, la disciplina en cuestión también tenía el concepto de lo común como parte integral del contenido programático.

ANÍSIO TEIXEIRA Y LA "ESCUELA COMÚN"

Hablar de lo común dentro de una institución difícil como la universidad implica necesariamente una subversión de la conducta científica esperada, incluso con respecto a los métodos pedagógicos adoptados en el aula y fuera de ella. La disciplina "Activismo cartográfico, autogestión y el común urbano" buscó no solo exponer las premisas y posibilidades de la actitud cartográfica en relación con las luchas territoriales, sino también ser un espacio para experimentar con el método, con respecto a la conducta pedagógica adoptada.

El método aquí llamado activismo cartográfico también busca promover encuentros productivos entre comunidades y universidades, en una posición claramente política de subversión del cierre institucional, con miras a recolectar datos e información que, en el ejercicio de la cartografía, pueden ser útiles para resistencias que apuntan a transformaciones en el orden política, económica y social, dando concreción a la "universidad necesaria" y a la Nueva Escuela que movilizó a pensadores educativos como Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Lúcia Monteiro Casasanta, Anísio Teixeira, etc.

Uno aprende mejor a investigar cuando siente la necesidad de que la investigación actúe en una realidad dada, cuando la investigación se confunde con la experiencia de la vida, una escuela activa, en resumen. En este sentido, "toda la enseñanza debe completarse, o mejor, integrarse en una actividad única, en la que la operación de conocer se confunda con la de actuar" (TEIXEIRA, 1977). De ahí la opción de llevar al aula las resistencias que componen el mapa de la cartografía activista del profesor, en este caso yo, pero también acogiendo con beneplácito las luchas en las que están involucradas las personas que participan en la disciplina, los estudiantes y activistas sin conexión con la universidad.

En esta línea de pensamiento, más actual que nunca son las tesis apoyadas en la primera mitad del siglo XX por Anísio Teixeira, quien defendió hasta la muerte el concepto de "nueva escuela pública", también llamada "escuela común", para quien escuela y universidad deberían romper con su histórica vocación elitista de construir una teoría educativa que sea inseparable del conocimiento práctico, al servicio de los trabajadores comunes (PÓRTO Jr., 2012).

Anísio Teixeira siempre ha asociado el papel de la escuela y la universidad con la construcción de una sociedad democrática e igualitaria, basada en la

comprensión de que el conocimiento se logra en conjunto, de manera interdependiente y colaborativa, con el objetivo final de "transformación y reconstrucción social". El método activista cartográfico también se basa en estas premisas.

Como el objetivo de la escuela es entrenar al hombre para el estilo de vida democrático, toda la escuela debe buscar, desde el principio, mostrar que el individuo, en sí mismo, es solo necesidades e impotencias; que existe solo por los demás y por el bien de los demás; que su acción es siempre una transacción con cosas y personas y que el conocimiento es un conjunto de conceptos y operaciones diseñados para satisfacer esas necesidades, para el manejo correcto y apropiado de las cosas y para la cooperación con otros en el trabajo que, hoy en día, siempre son grupos, cada uno dependiendo de todos y todos dependiendo de cada uno. La escuela debe ser un agente de continua transformación y reconstrucción social, colaborando con la constante reflexión y revisión social frente a la dinámica y la movilidad de una sociedad democrática. (TEIXEIRA, 1956).

Los textos de Anísio Teixeira reflejan la experiencia de vida de un visionario brasileño, severamente asesinado por la dictadura militar en 1971, para quien la producción de conocimiento debe comenzar desde la inserción de la escuela/universidad en las comunidades, organizadas en redes de colaboración, con el uso sistemático de los nuevos recursos tecnológicos y medios audiovisuales, con el objetivo de promover la ciudadanía y construir una sociedad democrática. A este respecto, veamos un extracto escrito por Hélgio Trindade en el que el educador Anísio Teixeira cita que:

Después de analizar el 'arcaísmo' de la escuela brasileña, la escuela como la formación de los privilegiados y la crisis del dualismo escolar, resume su posición: esta educación común no es solo un postulado democrático sino un postulado del nuevo concepto de conocimiento científico, que se ha vuelto común a las actividades intelectuales y laborales. Y subraya que, entre nosotros, a pesar de esta evolución del conocimiento y las sociedades, la resistencia aristocrática de nuestra historia no ha permitido que la escuela pública, la educación común, se caracterice por completo. Toda nuestra educación se ha mantenido selectiva y de élite (TRINDADE, 2007).

Con respecto a los nuevos métodos para enfrentarse con un mundo nuevo, el uso de tecnologías de información y comunicación, en el curso del activismo cartográfico, utilizando instrumentos tecnopolíticos de registros, mapeo, comunicación y diagramación, es posible simplificar datos e información para aclarar espacialmente para aquellos que viven y producen el territorio para que puedan comprender las relaciones de poder, los intereses antagónicos sobre el territorio, así como para producir mutuamente nuevas subjetividades (insurgentes) y concebir (en común) nuevas formas de vida (RENA y BRUZZI, 2014).

[...] El uso táctico y estratégico de herramientas digitales para la organización y la comunicación, con la acción colectiva como concepto clave. Desde la perspectiva del sistema de red, la tecnopolítica puede reescribirse como la capacidad de las multitudes conectadas, los cerebros y los cuerpos conectados en una red, para crear y auto-modular la acción conjunta. La tecnopolítica puede adoptar el ciberactivismo, ya que se limita a la esfera digital. Sin duda, en su sentido pleno, la tecnopolítica es la capacidad colectiva de utilizar la red para inventar formas de actuar que pueden comenzar desde el universo digital, sin, sin embargo, agotarse en él. (TORET; @DATANALYSIS 15M, 2013, apud LOPES; RENA; SÁ, 2020).

Como predijo Félix Guattari, "la mentalidad colectiva cambia y cambiará mañana más y más rápido", de tal manera que sea necesario transformar la calidad de producción de esta nueva subjetividad en el "propósito principal de las actividades humanas", sin renunciar a "tecnologías apropiadas se ponen a su servicio" (GUATTARI, 1992).

Aquí se destaca un punto crucial del método, que se refiere a la producción de subjetividad, una dimensión central para el activismo cartográfico que se abre a las fuerzas y líneas que operan en la realidad y afectan la subjetividad. Como veremos, las prácticas corporales y el uso de juegos teatrales en el aula están alineados con la imperiosidad de la producción de nuevas subjetividades en la construcción y el intercambio de conocimientos.

El activismo cartográfico está interesado en lo que escapa al modo capitalista de subjetivación y producción espacial, en vista de la importancia que la dimensión de la subjetividad ha tomado en el marco del capitalismo post-fordista. A este respecto, también, con respecto a la importancia de la dimensión subjetiva más allá del plano material perseguido por la investigación científica estándar, Teixeira fue un visionario:

Solo será posible "espiritualizar" y "humanizar" la vida moderna, humanizando y espiritualizando la ciencia, el trabajo y la organización social de nuestros días, si no por ahora, para el futuro más o menos cercano. El divorcio entre lo material y lo espiritual es inconcebible, excepto como aspectos de la misma actividad general, que es simultáneamente material y espiritual o espiritual y material. (TEIXEIRA, 1977)..

El verbo "espiritualizar" se toma aquí como la producción de subjetividad inherente a la producción de conocimiento científico, una dimensión asumida por el activismo cartográfico como una suposición y motor de la producción colectiva de conocimiento. Como se indicó en la introducción al trabajo "Pistas del método de cartografía": "carente de fundamentos invariables, la práctica cognitiva engendra concretamente subjetividades y mundos" (PASSOS, KAS-TRUP y ESCÓSSIA, 2009).

En este sentido, el ejercicio del activismo cartográfico apunta a la pro-

ducción de nuevas subjetividades como un imperativo inmediato derivado de la nueva configuración del capitalismo contemporáneo, que también inspiró la disciplina en cuestión, que discutiremos con más detalle a continuación.

DISCIPLINA UNI 087 - ACTIVISMO CARTOGRÁFICO, AUTOGESTIÓN Y LO COMÚN URBANO

¿Por qué "activismo cartográfico, autogestión y el común urbano"?

El activismo denota el compromiso con la lucha por la transformación social, el vínculo con la resistencia positiva contra el avance del capital sobre nuestras vidas y territorios, la defensa intransigente de los derechos humanos, especialmente el derecho a la ciudad. Aquí, vale la pena señalar que el activismo contemporáneo ya no se confunde con el desempeño clásico de los movimientos sociales:

Desde la segunda mitad del siglo XX, los ciclos de lucha han ido cambiando sus geografías de resistencia y contrapoder, transmutando, poco a poco (y con mayor intensidad desde la década de 1990), de sistemas duros, militantes, arborescentes, centralizados y verticales, a sistemas fluidos, activistas, rizomáticos, dispersos y horizontales, es decir, desde luchas en tiempos de capitalismo fordista e industrial ubicados en entornos de trabajo productivos, hasta luchas en tiempos de capitalismo post-fordista y post-industrial ubicados en las metrópolis: desde la fábrica a las calles; desde los sindicatos que lucharon contra los patrones que poseían las fábricas hasta los movimientos activistas urbanos que ocupan las plazas; desde luchas de clases que involucran al proletariado y la burguesía hasta luchas por los derechos, la identidad y el reconocimiento cultural. (NEVES, 2018).

Cartografía porque, para mí, la lucha fundamental es contra el colonialismo y el colonizador blanco occidental nunca habría aterrizado en estas tierras si no hubiera sido por los mapas. Y el dominio biopolítico contemporáneo, con su característica "necropolítica" (MBEMBE, 2018) cada vez más explícito, sigue la lógica del control a través del mapeo (físico-territorial, afectivo, subjetivo, etc.). Del mismo modo, también depende de nosotros resistir la reapropiación de mapas, no con el propósito de representación estática, sino para crear nuevos ensamblajes, escapes, conexiones, redes insurgentes, etc. En resumen, ¿cómo mapear de una manera anticolonialista? Esta es la pregunta central que impregna el tema en cuestión.

La cartografía, como órgano disciplinario académico y científico, tiene su de-

sarrollo vinculado al proceso de Eurocentramiento del mundo, en un período histórico conocido como Modernidad. Por lo tanto, su desarrollo también se asoció con el establecimiento de un orden y la afirmación de hegemonías en las relaciones de poder, lo que históricamente lo ha convertido en un instrumento de dominación y control. (...) Sin embargo, en el período reciente, un conjunto creciente de experiencias ha indicado transformaciones (o, al menos, tendencias) en el campo de la cartografía. Varias experiencias de cartografía vinculadas a movimientos sociales han demostrado que parece haber algo nuevo en el campo. Lo "nuevo" parece ser el uso de la cartografía como un instrumento de lucha para los grupos socialmente desfavorecidos y no solo un instrumento de dominación, ya que la cartografía moderna se ha desarrollado históricamente. (SANTOS, 2011).

Autogestión porque resistir es construir autonomía, producir dentro-fuera de la lógica imperialista colonialista dominante, forjar relaciones no mediadas por el capital, autogobernarse y fortalecer experiencias que traducen otras formas de vida dentro del capitalismo, produciendo nuevas subjetividades y alimentando la utopía de los demás mundos posibles. En este sentido, en el contexto de las ciudades, la lucha por lo común urbano ocupa un lugar central y abre la posibilidad de una confluencia de resistencia positiva al estado capital y su dominio biopolítico.

La investigación cartográfica en torno a lo común me ha seguido desde mi maestría, cuando defendí la disertación "Lo común en el horizonte de la metrópoli biopolítica" (2015):

Desde mi punto de vista, además de actuar en resistencias contra grandes proyectos urbanos, como fue el caso de la operación urbana Nova BH, por ejemplo, participar como activista-abogado en protestas, ocupaciones de personas sin techo, en la "Praia da Estação", en los bloques del carnaval callejero, en el "Espaço Comum Luiz Estrela" y otros territorios insurgentes de la ciudad, trajo una reflexión viva e inmanente sobre la relevancia de lo común como horizonte de lucha contra la dominación de lo privado (mercado), más allá del público (estado). Lo común, a su vez, además de la dimensión sustantiva de los bienes comunes materiales e inmateriales, lo común como verbo, la forma de una actividad, hacer común, trae consigo, inseparablemente, los principios que impregnan las luchas libradas por la multitud metropolitana y que también guían la co-investigación cartográfica, como la autonomía, la cooperación, la horizontalidad, la apertura, la creatividad, la producción de afectos y subjetividades, el profundo deseo de una democracia real. (MAYER, 2015).

La disciplina "Activismo cartográfico, autogestión y lo común urbano" refleja la continuidad de una investigación iniciada en 2013 y tenía como menú del curso el siguiente texto que apareció en su programa:

Curso sobre el método de cartografía activista, abierto a estudiantes universitarios y activistas, con el objetivo de conectar y producir conocimiento en el encuentro entre la academia y las experiencias territoriales de autogestión en Belo Horizonte. La disciplina adopta una perspectiva anticolonialista inspirada en el pensamiento quilombista de Antônio Bispo dos Santos, utilizando herramientas cartográficas y tecnopolíticas, en un espacio horizontal y colaborativo para la producción y el intercambio de conocimiento. También se pretende colaborar con las resistencias positivas que formarán parte de los estudios de la disciplina, a saber: 1) Espaço Comum Luiz Estrela; 2) Parque Jardim América; 3) Mofuce/Associação Casa do Estudante; 4) Kasa Invisível; 5) Tina Martins; y 6) Ocupación Dandara. Se realizarán ejercicios cartográficos, visitas in situ, círculos de conversación, producción de mapas afectivos, cronogramas, registros audiovisuales, etc., además del estudio y debates sobre el marco teórico propuesto, especialmente el método de cartografía activista en el contexto del urbanismo neoliberal. Finalmente, en la primera media hora de todas las clases habrá juegos teatrales (teatro do oprimido – Augusto Boal) y prácticas de conciencia corporal, después de todo, el primer territorio es el cuerpo.

Los objetivos de la disciplina se describieron de la siguiente manera:

- Realizar un estudio práctico y teórico sobre el método de Cartografía Activista basado en resistencias positivas y experiencias de autogestión en el espacio urbano;
- Contribuir a la producción gráfica, audiovisual, mapas, cronogramas, compilación de datos y documentos relacionados con las resistencias positivas trabajadas en el aula;
- Demostrar cómo funciona el capital en la producción de espacio en las ciudades brasileñas (asociaciones público-privadas, grandes proyectos urbanos, etc.) y cómo los colectivos y movimientos actúan para resistir estos procesos de neoliberalización del espacio en los tiempos contemporáneos;
- Realización de estudios, debates y producción teórica en torno al tema de la autogestión y lo común urbano a partir de experiencias concretas;

Como se puede ver en la descripción del primer objetivo, hasta el comienzo de las clases, el método tenía el nombre de "Cartografía Activista". Este nombre se invirtió más tarde en "activismo cartográfico", en común acuerdo con los estudiantes en el aula, con el fin de colocar primero y poner mayor énfasis en la conducta activista, es decir, el compromiso de luchar, tomar la cartografía como una herramienta disponible para la participación en la transformación social basados en la premisa de que las formas de apropiación del espacio también determinan las relaciones sociales y las jerarquías, decidimos tomar las clases semanales en un círculo, a menudo sentados en el suelo, una configuración en la que todas las personas presentes podían mirarse a los ojos.

La opción por la circularidad de la disposición espacial en el aula, a diferencia de las filas tradicionales de estudiantes con un maestro de pie al frente, también se inspira en la crítica de Nego Bispo a la linealidad y verticalidad del pensamiento sintético colonialista monoteísta cristiano, contra el cual se opone a la circularidad de la vida, el pensamiento y la cultura de los pueblos politeístas de la diáspora negra. Bispo, quien fue una de las principales referencias en toda la disciplina, toma la Capoeira y los recorridos en terreiros de Candomblé como un ejemplo para ilustrar la circularidad encontrada en las culturas afrobrasileñas (SANTOS, 2015).

Otro acuerdo común en el aula fue realizar ejercicios corporales y juegos teatrales en todas las clases, siempre en la primera hora de nuestros encuentros. Como se describe en el menú de la disciplina, el cuerpo es nuestro primer territorio, por lo que siempre dedicamos tiempo de la clase al trabajo corporal, que los estudiantes evaluaron muy bien al final de la disciplina.



Figura 2 - Ejercicio en el aula. Foto de la estudiante Raquel Rodrigues.

Primero hicimos ejercicios de respiración y estiramiento. Luego, los juegos teatrales de calentamiento, contacto, improvisación y juegos del Teatro del Oprimido se adaptaron a los temas de la disciplina, tanto juegos de desmecanización del cuerpo, como juegos que proporcionan reflexiones críticas y lecturas compartidas de las referencias bibliográficas propuestas. Al final de estos momentos, mientras enfriamos los cuerpos, dedicamos unos minutos a reflexionar sobre los ejercicios y juegos practicados.

El Teatro de los Oprimidos es un método mundialmente conocido, cuyo objetivo es analizar y representar la opresión para tratar de comprender sus mecanismos de operación y luchar por su superación. (SANTOS, 2018).

El tiempo dedicado al trabajo corporal se reflejó en una mayor productividad reflexiva y participativa en toda la clase, conciencia corporal, atención y estado de presencia. Esto también resultó en una mayor motivación para las discusiones en el aula y fortaleció los lazos de confianza y amistad entre los (las) estudiantes. Hubo muchas reuniones en las que no hubo pausa para la merienda, pues los debates se extendían y el tiempo de clase se pasaba muy rápido, de 7 p.m. a 10 p.m.

En el primer encuentro de la disciplina, justo después de la práctica corporal con ejercicios y juegos de presentación de las personas, hicimos una cartografía de los (las) estudiantes, colocándolos (las) en el mapa desde el lugar de residencia, formación académica, áreas de investigación, compromisos e intereses. Fue fundamental para la dirección de la disciplina ubicar a cada estudiante cartográficamente, generar líneas de aproximación y afinidad, elevar las luchas y los movimientos sociales en los que cada persona estaba involucrada, expandiendo la interacción dialógica entre todos.

Además de las resistencias que formaban parte de mi cartografía y en las que se trabajaría durante el curso, como se expuso en el programa copiado anteriormente, se incluyeron otras luchas en las que participaron los estudiantes, como la ocupación Pátria Livre, organizada por el Movimiento de Trabajadores y Trabajadoras por Derechos (MTD), y las luchas vinculadas al movimiento agroecológico en la ciudad. También es importante resaltar el uso de la herramienta "Programa en proceso", desde la creación de un documento abierto en el "drive" de correo electrónico, para que los estudiantes participen en la construcción del programa en toda la disciplina, construyendo en colaboración el contenido de la clase.

Por lo tanto, hubo un tejido colaborativo de los contenidos y las discusiones celebradas en el aula, de modo que los propios estudiantes compartieron muchas referencias teóricas y artísticas. Después de las clases, en algunas situaciones, los estudiantes estaban dispuestos a preparar un informe del encuentro para compartir por correo electrónico a todas las personas, incluidas aquellas que no pudieron asistir en persona, pero que siguieron el progreso de las obras, referencias artísticas y teóricas para la lectura.

Entre las principales referencias utilizadas en el aula, deben destacarse los (las) siguientes pensadores (as), elegidos (as) según un criterio anticolonialista: Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Antônio Bispo dos Santos, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, bell hooks, Suely Rolnik, Paulo Freire, Peter Pál Pelbart, Djamila Ribeiro, Mameu Muiandê, Makota Kidoiale, Luiz Henrique Eloy Terena, Ailton Krenak, Noa Cykman, Paola Berenstein, Vladimir Safatle y muchas otras referencias en el campo de las artes.

Todas estas personas pueden ubicarse, cada una a su manera, dentro de un campo de producción de conocimiento "contra-colonialista" (SANTOS, 2015), formando un "ebó epistemológico", como Luiz Rufino enseña en su libro "Pedagogia das Encruzilhadas" (2019), que solo no ingresó al programa de la disciplina porque se lanzó más tarde.

(...) conocimiento de tácticas guerrilleras. Esta estrategia de lucha tiene como objetivo principal atacar la supremacía de las razones blancas y denunciar sus privilegios, debilidades y presentar otros caminos basados en referencias subordinadas y su cruce con las históricamente dominantes. La estrategia de Pedagogia das Encruzilhadas, como guerrillero epistémico, es seducirlos para que puedan ingresar al bosque. Allí les ofrezco a todos una casa caboclo" (RUFINO, 2019).

Alineado con este autor, entiendo que "los efectos del colonialismo afectan los modos de educación practicados en la sociedad brasileña", de manera hegemónica, lo que nos exige, como educadores, practicar "una educación que necesita se deseducar de los cánones" (RUFINO, 2019), dando prevalencia a otros conocimientos tradicionalmente rechazados por la lógica colonialista (epistemicidio).

En este sentido, recuerdo uno de los debates celebrados en el aula en torno a las entrevistas realizadas por Madre Efigênia, Mаметu Muiandê, y su hija Cássia Cristina, Makota Kidoiale, del quilombo urbano Manzo, entrevistas que fueron publicadas juntas por la revista *Piseagrama* (2018). Ambos revelan elementos mucho más estructurales y sutiles de la lógica perversa de segregación y producción del espacio en la metrópoli que cualquier artículo consagrado en los cánones del urbanismo crítico brasileño. Hubo consenso sobre la riqueza de estas entrevistas, esto en una clase con muchas personas del curso de Arquitectura y Urbanismo. Lo mismo ocurre con la obra "Becos da Memória" (2017), de la escritora de Minas Gerais Conceição Evaristo, un registro poético y cortante que nos revela la violencia del proceso de "desfavelização" emprendido por el poder estatal, articulado con el capital, en desventaja para los pobres urbanos.

Las reuniones semanales de la disciplina se organizaron así: primero, trabajo corporal, con máximo una hora de duración. Después, una mesa redonda de debate sobre los textos seleccionados en la clase anterior, en esta parte una o dos personas eran responsables de dirigir la discusión. Luego trabajamos en el mapeo de las resistencias, compartiendo sus recuerdos, contradicciones, logros, desafíos, la situación actual y cómo podríamos contribuir, extrapolando el espacio del aula.

A partir de estas cartografías, llevamos a cabo conversaciones en los territorios. Hicimos dos que se grabaron en audio: uno en el Espaço Comum Luiz Estrela, a fines de octubre en el Festival de Primavera que celebró los 6 años de esta ocupación cultural; y otra ronda de conversación en Kilombo Souza, en barrio Santa Tereza, aprovechando el Día de la Conciencia Negra (20 de noviembre).



Figura 3 - Actividad en el Kilombo Souza. Foto Raquel Rodrigues.



Figura 4 - Día de la Consciência Negra no Kilombo Souza. Foto Raquel Rodrigues.



Figura 5 Actividad en el Espaço Comum Luiz Estrela. Foto Raquel Rodrigues.

Fueron dos momentos notables de la disciplina, con muchos intercambios y aprendizajes involucrados en los respectivos territorios.

Las educaciones en curso en la sociedad brasileña son plurales, por lo tanto, hay formas conservadoras, mantenedoras de las desigualdades, reduciendo la complejidad del mundo, violentas, irresponsables, formas de calzado en el pilar de la política colonial. Al mismo tiempo, otras posibilidades, otras formas, emergentes, transgresivas, inconformistas, rebeldes y comprometidas con la liberación. (RUFINO, 2019).

También organizamos paseos en bicicleta a través de las ocupaciones y un círculo de conversación en el aula con la presencia de Maria Merighella (BA) y Nego Bispo (PI). También hubo una reunión muy rentable en el Espaço Comum Luiz Estrela con el filósofo Peter Pál Pelbart¹ (SP) organizado por mí. En todas estas actividades, los debates pasaron de lo micro a lo macro político, buscando superar la falsa separación entre tales dimensiones.

¹ La conferencia y el debate con Peter Pál Pelbart se pueden ver en el canal Luiz Estrela Common Space, en Youtube, a través del enlace: <https://www.youtube.com/watch?v=uvn6UrFhm14>. Consultado el 26 de julio de 2020.



Figura 6 Paseo por las ocupas. Foto Raquel Rodrigues.

Mi investigación y mi vínculo con las ocupaciones en el campo del activismo cartográfico me llevaron a la necesidad de reflexionar sobre la superación de esta falsa dicotomía en mi opinión entre micro y macro. Como si estas resistencias, las tomas de los sin techo, ocupaciones culturales, Parque Jardim América, Kilombo Souza y tantas otras luchas, como si estuvieran en un campo estrictamente micro. Ahora, me doy cuenta de que estas luchas pueden desbordar la escala local, la llamada dimensión micropolítica y afectar a otros niveles, otras escalas que, al principio, estarían en la dimensión macropolítica. Destaco este tema porque fue ampliamente discutido en el aula.

Todo se pierde cuando lo local se reclama contra lo global. La ubicación no es la alternativa tranquilizadora a la globalización, sino su producto universal: antes de que el mundo se globalizara, el lugar donde vivo era solo territorio familiar, nadie lo reconoció como "local". El lugar no es más que el reverso de lo global, su residuo, su secreción, y no lo que puede hacer que explote. Nada era local

antes de poder sacarlo de allí en cualquier momento, ya sea por razones profesionales, médicas o de vacaciones. El lugar es el nombre de la posibilidad de compartir, combinado con el intercambio de desposesión. Es una contradicción de lo global, a lo que podemos o no darle consistencia. Cada mundo singular ahora aparece como lo que es: un pliegue en el mundo, y no su exterior comprobado. Luchas hacia adelante como las del valle de Susa, Chalkidiki o los mapuche, que recrearon un territorio y un pueblo con aura planetaria, a la categoría finalmente insignificante de "lucha local", al igual que existe una simpatizante "dinámica local" popular. - es una operación clásica de neutralización. Para el Estado, con el pretexto de que estos territorios se encuentran en sus bancos, se trata de marginarlos políticamente. ¿Quién, aparte del Estado mexicano, se atrevería a describir la insurrección zapatista y la aventura que siguió como una "lucha local"? Y, sin embargo, ¿hay algo más localizado que esta insurrección armada contra los avances del neoliberalismo, que incluso inspiró un movimiento de revuelta planetaria contra la "globalización"? (COMITÉ INVISIBLE, 2016).

Es evidente que la articulación, la conexión y las reverberaciones de estos procesos no se reducen estrictamente a la ubicación. Ambos pueden inspirar otros procesos, otras luchas (como ejemplo concreto en la disciplina tuvimos a Kasa Invisível, una ocupación cultural que tiene el Espaço Comum Luiz Estrela como fuente de inspiración y un precedente muy importante en el proceso de negociación y lucha), pero también alcanzan otras dimensiones más allá de la articulación en el nivel de resistencia.

Discutimos muchos otros ejemplos y reverberaciones, así como la entrevista transformada en el texto "La hora de la micropolítica" (2015), de Suely Rolnik, que aporta buenas pistas sobre este tema. De hecho, estoy cada vez más convencido de que esta separación micro y macro debe superarse, a favor de la acción directa, principalmente en la escala de cuerpos y subjetividades en resistencia. "El imaginario de la izquierda no abarca la dimensión micropolítica y, por lo tanto, no hay forma de descifrar la estrategia de poder del capitalismo globalizado financierizado, y mucho menos combatirlo." (ROLNIK, 2015).

Además, como sucedió en la Primavera Árabe, un evento, un episodio, un fusible o un aumento de veinte centavos pueden tener repercusiones y reverberaciones macropolíticas que nuestra imaginación no puede alcanzar. Esto fortalece la apuesta en torno a estas resistencias porque, después de todo, como los zapatistas siempre mantuvieron en México, la transformación será "desde abajo", de aquellos y quienes construyen otras formas de vivir y producir, relacionarse y enfrentar, como dirían los zapatistas, "Los malos gobiernos".

Durante el curso, los debates sobre la resistencia territorial condujeron inevitablemente a debates sobre cuestiones más amplias, especialmente en relación con el urbanismo neoliberal y sus formas de producir espacio y desterritorializar a los pobres urbanos. La planificación estratégica propia de la "ciudad-empresa" también fue objeto de mucha discusión, así como las estrategias utilizadas en contra los movimientos de resistencia y la ocupación del espacio público en la ciudad. Muchos intercambios, aprendizaje e implicación de la cla-

se con las luchas que pasaron por nuestros encuentros en el aula.

También hicimos dos momentos importantes de evaluación colectiva del proceso. Uno en la mitad del curso y otro en la última clase. La evaluación colectiva es siempre indispensable para los procesos educativos en mi opinión, no solo al final, sino también en el curso del trabajo para hacer posibles ajustes y calibraciones durante las reuniones. Además, la naturaleza colaborativa y horizontal de la disciplina hizo que los estudiantes fueran corresponsables del buen funcionamiento del trabajo. En general, las metodologías y actividades propuestas fueron evaluadas positivamente, con énfasis en el trabajo corporal siempre al comienzo de las clases y círculos de conversación en los territorios, fuera del espacio académico.



Figura 7 - Atividade na ocupação Kasa Invisível. Foto: Raquel Rodrigues.



Figura 8 - Actividad en el Kilombo Souza. Foto: Raquel Rodrigues.

CONSIDERACIONES FINALES

En el contexto de las últimas elecciones presidenciales, fui a una Casa de Fraternidad para buscar apoyo espiritual y calmar mi angustiado corazón con la política nacional. Estaba "llorando las pitangas" con una entidad "Preta Velha", hablando de mis preocupaciones por el futuro del país, cuando suavemente puso sus manos sobre mis hombros y dijo con mucha calma, con toda su sabiduría ancestral: "No te preocupes, hijo mio, estarás todo tranquilo. Bien que ahora todo está ahí frente a la gente". Dejé el "Terreiro" muy calmado.

Desde entonces, a menudo recuerdo esas palabras de consuelo y tranquilidad. Sin embargo, surgen otras preguntas del consuelo ofrecido por la Preta Velha: si todo está en la cara de la gente, ¿por qué todavía no vemos una reacción? Si las máscaras del colonialismo han caído, ¿cómo puede incendiarse la Casa Grande? ¿Cómo rebelarse contra las estructuras del poder colonialista cuya crueldad ignorante nunca ha sido tan explícita? ¿Por qué persiste esta brecha abisal entre explicar la perversidad colonialista y reaccionar contra ella? Es verdad que las reacciones se forjen a nivel micropolítico, creo en esto, pero no ver alternativas colectivas más amplias en el horizonte nos impone esta responsabilidad histórica: atrevernos, luchar, crear "viáveis sin precedentes" (inéditos viáveis, en portugués), rescatar a Paulo Freire y su pedagogía de los (las) oprimidos (as).

Es que la sectarización siempre está castrando, debido al fanatismo del que se alimenta. La radicalización, por el contrario, siempre es creativa, debido a la criticidad que la alimenta. Mientras que la sectarización es mítica, por lo tanto alienante, la radicalización es crítica, por lo tanto liberadora. Liberador porque, lo que implica el enraizamiento que los hombres [y las mujeres] hacen en la opción que hicieron, los compromete cada vez más en el esfuerzo por transformar la realidad concreta y objetiva.

La sectarización, por ser mítica e irracional, convierte la realidad en una falsa realidad que, por lo tanto, no se puede cambiar.

De quien se va, la sectarización es un obstáculo para la emancipación de hombres [y mujeres]. Por eso es doloroso observar que el sectarismo de derecha no siempre provoca su opuesto, es decir, la radicalización de lo revolucionario. (FREIRE, 2013)

Y es doloroso, especialmente en la actual situación de pandemia COVID-19, en la que la sectarización mítica e irracional de la derecha es tan explícita. ¿Como hacer? Es urgente y necesario rescatar el radicalismo creativo en oposición a la sectarización tan bien representada actualmente por el poder patriarcal colonialista central liderado por el "mito".

Apuesto lo mejor a la educación popular (dentro y fuera del aula), participación de la comunidad, procesos de concienciación en las luchas diarias, esfuerzos conjuntos, resistencia positiva en defensa de los territorios, pero también en las aulas, como espacios de producción e intercambios de conocimientos involucrados con la realidad social dada, en las demandas de la comunidad, hacia la "escuela común" recomendada por Anísio Teixeira. La realidad actual ha sido extremadamente desafiante, lo que exige cada vez más actitud y responsabilidad hacia la emancipación del pueblo brasileño.

REFERENCIAS

CASASANTA, Lúcia Monteiro. As Mais Belas Histórias: Prê-Livro, Parte do Mestre. Editora do Brasil, 1961.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

KIDOIALE, Makota; MUIANDÊ, Mametu N'Kise. Senzala, terreiro, quilombo. PI-SEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 52 - 61, 2018.

LOPES, M. S. B.; RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma. VIRUS, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=6&lang=pt>>. Acesso em: 28 Abr. 2020.

MAYER, Joviano Gabriel Maia. O comum no horizonte da metrópole biopolítica. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n. 1 edições, 2018.

NEVES, Bernardo et al. Lutas territoriais: resistências ao avanço do urbanismo neoliberal. In Raquel Rolnik (org.), et al. Cidade Estado Capital: reestruturação urbana e resistências em Belo Horizonte, Fortaleza e São Paulo, São Paulo: FAUUSP, 2018

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Darcy. O livro dos Cieps. Rio de Janeiro. Bloch. 1986.

RENA, N.; BRUZZI, P. As ocupações em Belo Horizonte: biopotência e estética da multidão. In CAVA, Bruno e COCCO, Giuseppe (Org.). Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.

RENA, Natacha; MAYER, Joviano; NEVES, Bernardo; ALVES, Josiane. Cartografando os movimentos multitudinários em Belo Horizonte: as jornadas de junho

e depois. In Revista Indisciplinar. n. 3, v. 2, dezembro, 2016.

ROLNIK, Suely. A hora da micropolítica. Série Pandemia. São Paulo: n. 1 edições, 2015.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas, Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Bárbara. Percursos estéticos: imagem, som, ritmo, palavra - abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido. São Paulo: Padê editorial, 2018.

SANTOS, Renato Emerson dos. Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, 2011, Costa Rica II Semestre, 2011.

TEIXEIRA, Anísio Spinola. Os processos democráticos da educação nos diversos graus do ensino e na vida extraescolar, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 25, n. 62, abr./jun. 1956.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. Educação e o Mundo Moderno. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

TRINDADE, H. Anísio Teixeira e os desafios atuais da educação superior. Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Red de investigadores sobre educación superior, 2007.

Fecha de envío: 29/04/2020

Fecha de aprobación: 10/06/2020



Gestão ambiental: a contribuição do projeto CALELI no município de Erechim - RS

Environmental management: the contribution of the CALELI project in the municipality of Erechim - RS

Andréia Carla Cichet
Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS
Programa de Pós Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental
andreiaacc.17@hotmail.com

RESUMO

O quadro de degradação e escasseamento impingido à Bacia Hidrografia de Captação de água do Município de Erechim-RS necessitou de um plano de ação com enfoque na Recuperação, Conservação e Manejo da Biodiversidade dos rios que abastecem a população erexinense. Com isso, o município de Erechim aderiu a um projeto ambiental denominado CALELI, que, além de contemplar a realidade da agricultura familiar local, propõe uma nova lógica de preservação do meio ambiente na medida em que usou recursos oriundos de infrações, doações e plebiscito e reinvestiu na recuperação dos rios que abastecem o próprio local de captação. O presente estudo de caso, é uma análise documental e aprofundamento bibliográfico, com predominância do comparativo entre antes e depois da execução do projeto e abordará 3 (três) linhas de ação: Diagnóstico; Sensibilização e Ações de Recuperação e Preservação Ambiental.

Palavras-chave: Impacto Ambiental. Bacia Hidrográfica. Restauração.

ABSTRACT

The situation of degradation and scarcity imposed on the Hydrographic Basin of Water Catchment in the Municipality of Erechim-RS, required an action plan, with a focus on the Recovery, Conservation and Management of Biodiversity of the rivers that supply the population of Erechim. As a result, the municipality of Erechim joined an environmental project called CALELI, in which, in addition to contemplating the reality of local family farming, a new logic for preserving the environment is proposed, insofar as resources from infractions, donations and plebiscite are reinvested in the recovery of the rivers that supply the catchment site itself. The present case study, aims at documentary analysis and bibliographic deepening, with predominance of the comparison between before and after the execution of the project. The project will address 3 (three) lines of action: Diagnosis, Awareness and Environmental Recovery and Preservation Actions.

Keywords: Environmental Impact. Hydrographic basin. Restoration.

INTRODUÇÃO

Os recursos hídricos têm fundamental importância para a manutenção da vida, na conservação e do equilíbrio da biodiversidade e das relações de dependência entre seres vivos e ambientes naturais (BASSI, 2008). A utilização da água pela sociedade humana visa atender suas necessidades pessoais, atividades econômicas (agrícolas e industriais) e sociais. No entanto, essa diversificação no uso da água, quando realizada de forma inadequada, provoca alterações na qualidade da mesma, comprometendo os recursos hídricos e por consequência seus usos para os diversos fins (SOUZA, 2014).

Dentre essas alterações, os corpos hídricos em sua extensão podem apresentar a redução da vegetação ciliar, pontos de assoreamento nos leitos dos rios, locais de despejos de dejetos, efluentes residenciais e agropecuários além de servir de depósito para resíduos domésticos e agrícolas (DECIAN, 2012). Esse conjunto de problemas, gera interferências na saúde humana e saúde pública. A posição central dos recursos hídricos quanto à geração de energia, produção de alimentos, sustentabilidade da biodiversidade é extremamente elevada pois afeta diretamente a qualidade, a quantidade de água, a biota aquática e a população humana (HEPP, 2013).

Com a escassez hídrica vivenciada pelos habitantes nos últimos anos, o município de Erechim necessitou de um plano de ação para melhorar a qualidade e quantidade da água fornecida pelos Rios Campo, Leãozinho e Ligeirinho.

Frente a isso, o Município de Erechim, localizado no Norte do Estado do Rio Grande do Sul, aderiu a um Projeto Ambiental de nível Municipal, com a finalidade de desenvolver ações socioambientais na Bacia Hidrográfica, com enfoque na Recuperação, Conservação e Manejo da Biodiversidade, considerando a vital importância dessa área para a existência de água passível de ser tratada e fornecida à população (CICHET et al, 2018)

Com isso, o presente artigo visa relatar a contribuição do Projeto CALELI para o município, buscando a restauração, manutenção da qualidade e regularidade da oferta de água para o consumo humano diário de mais de 100 mil habitantes. Os recursos para a execução do projeto deram-se através do Fundo Municipal de Gestão Compartilhada –FMGC, que receber 0,02 centavos de cada conta de água, destinados a projetos ambientais e sanitários daquele município.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, a história agrícola está ligada à história do processo de colonização no qual a dominação social, a política e a economia da grande propriedade foram privilegiadas. Assim, a grande propriedade impôs-se, como modelo socialmente reconhecido e recebeu estímulos expressos na política agrícola

que procurou modernizar e assegurar sua reprodução. A agricultura precisou reestruturar-se para elevar sua produtividade, não se importando com os recursos naturais fazendo com que a meta fosse produzir de uma forma em que o retorno fosse o maior e o mais rápido possível (BALSAN, 2006).

Segundo Marques (2016), a ocupação humana aliada à falta de planejamento trouxeram consigo significativos impactos ambientais que podem ser classificados em benéficos ou adversos, diretos ou indiretos, reversíveis ou irreversíveis, imediatos ou em longo prazo, temporários ou permanentes. Nos meios rurais os impactos estão relacionados à inadequação da ocupação e uso das terras frente as suas características naturais (relevo, clima, solo).

De acordo com Almeida (2011), é fundamental preservar o meio ambiente através da educação e sensibilização, unindo o poder público com a comunidade, pois a preservação leva para um sistema ecologicamente equilibrado, onde todo o patrimônio coletivo se beneficiará. Essa união é fundamental para a mudança de hábitos de cada pessoa, estimulando a sociedade a adotar ações em prol de uma comunidade sustentável e comprometida com o ambiente.

A poluição e o uso desordenado dos recursos hídricos, aos poucos, estão tornando a água imprópria para o consumo humano. Além disso, tanto o crescimento demográfico quanto o econômico multiplicam os usos das águas e fazem crescer sua demanda, diante de uma oferta inelástica, a ponto de tornar-se incompatível com a capacidade de suportar parte da população, e a regra é clara, quanto maior a população, maior a demanda de água em suas diversas atividades (BARROS, 2007).

A gestão ambiental tem se configurado como uma das mais importantes atividades relacionadas a qualquer empreendimento, já que a implantação de um Sistema de Gestão Ambiental (SGA) estruturado e integrado à organização possibilita que os procedimentos relacionados às questões ambientais tornem-se eficazes (SIGA-RS /SEMA-RS, 2009).

Segundo Oliveira e Gomes (2012), a gestão ambiental deve visar o uso de práticas que garantam a conservação e preservação da biodiversidade, a reciclagem das matérias primas e a redução do impacto ambiental das atividades humanas sobre os recursos naturais, também envolve técnicas como recuperação de áreas degradadas, reflorestamento, métodos para a exploração sustentável de recursos naturais e estudo de riscos de impactos ambiental.

O poder público tem um papel muito importante, no incentivo de projetos que visam a conscientização e educação ambiental da sociedade, para manter um ambiente saudável. A Lei Nº 6.938/81, contém em suas atribuições que os municípios poderão elaborar normas ambientais, desde que não entrem em conflito com as de âmbito federal e estadual, poderão também, exercer na sua jurisdição o controle e fiscalização das atividades capazes de provocar a degradação ambiental, como por exemplo a Política Municipal de Meio Ambiente (PMMA).

Segundo Souza e colaboradores (2003), os municípios, para viabilizar sua PMMA poderão criar um Fundo Municipal de Meio Ambiente (FMMA) onde serão canalizados os recursos arrecadados decorrentes de multas, penalidades,

doações ou por dotação orçamentária.

O FMMA tem como objetivo financiar programas, projetos e ações de iniciativas públicas e privadas, uso racional e sustentado dos recursos naturais, controle, fiscalização, defesa e recuperação do meio ambiente e a educação ambiental, a serviço da comunidade. Esses instrumentos de gestão ambiental objetivam melhorar a qualidade ambiental, podendo ser aplicados nas fases de prevenção, recuperação e remediação.

No município de Erechim, o Fundo Municipal de Gestão Compartilhada (FMGC), conta com arrecadação dos usuários da água disponibilizada pela CORSAN, valor aproximado de dois centavos (0,02) incluso já na conta da água mensal, valor que é revertido em recuperação e preservação ambiental, bem como em obras e ações de saneamento da cidade.

A Bacia dos Rios Campo, Leãozinho e Ligeirinho, sob concessão de captação da CORSAN de Erechim-RS, incluindo a área do seu reservatório, situa-se ao norte do estado do RS, no município de Erechim, que faz parte da Bacia hidrográfica Apuaê Inhandava. Essa bacia é caracterizada pela ocupação agrícola em quase 50% das terras em um total de 71% por práticas agropecuárias, em grandes lavouras e criação de gado e as áreas de preservação das nascentes e encostas dos rios, em geral não estavam sendo respeitadas, somente 21% do local de estudo possui vegetação ciliar (PLANO DE MANEJO APA, 2011).

Com isso em 2014, iniciou-se o projeto CALELI, nome originado pelas iniciais dos três rios (CAMPO, LEÃOZINHO E LIGEIRINHO) que abastece a Barragem da CORSAN (Companhia Riograndense de Saneamento) tendo como objetivo preservar os recursos naturais existentes e restaurar as áreas degradadas, melhorando assim, a qualidade do ambiente e da água fornecida para a população erchinense.

Além de contemplar a realidade da agricultura familiar local, o projeto CALELI, propõe uma nova lógica de preservação do meio ambiente na medida em que o Município de Erechim usou recursos financeiros do pagamento da água feito pela população urbana e reinvestiu na recuperação dos rios que abastecem o próprio local de captação, responsabilizando assim a todos que usufruem dela.

METODOLOGIA

O projeto executado pelo Sindicato Unificado dos Trabalhadores da Agricultura Familiar do Alto Uruguai (SUTRAF-AU), com parceria da Prefeitura Municipal de Erechim e Fundo Municipal de Gestão Compartilhada (FMGC) contou com apoio das entidades como: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Universidade Regional Integrada (URI), Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), COMITE DE BACIA APUAÊ- INHANDAVA, comunidade externa, EMATER e SECRETARIAS DE AGRICULTURA E MEIO AMBIENTE.

A fundamentação teórica foi realizada através da pesquisa em livros, ar-

tigos, periódicos e sites da internet, com base na legislação ambiental vigente. A análise documental constituiu-se por meio da avaliação do relatório de execução do Projeto CALELI, e das imagens comprobatórias de antes e depois da execução ao longo dos 21 meses.

As ações envolveram uma série de atividades com a comunidade diretamente beneficiária através da aquisição de bens físicos e serviços envolvendo 85 propriedades e 64 famílias, na qual sua execução se deu por três linhas de ações: Diagnóstico, Sensibilização e Ações de Recuperação e Preservação da Bacia Hidrográfica (CALELI, 2014).

Diagnóstico

No primeiro momento a equipe envolvida na execução realizou visitas com o objetivo de explicar o projeto, conhecer a realidade das famílias que moram no entorno da Bacia, bem como buscar conhecimento a respeito das legislações ambientais. Após a explicação, os agricultores se posicionaram em relação a sua participação do projeto, os que aceitaram aderir ao CALELI foram encaminhados para a realização do Cadastro Ambiental Rural (CAR), como primeiro passo para a adequação de todas as propriedades envolvidas no projeto.

Após a realização dos cadastros ambientais aplicaram-se diagnósticos ambientais in loco, individual e nas propriedades dos participantes, a fim de explicar todas as dúvidas que viriam a surgir na conversa com o agricultor. Buscando analisar os passivos ambientais, realizou-se uma lista de cada um deles e posteriormente elaborado projetos individuais, seguindo as regras do Novo Código Florestal Brasileiro e propondo adequação da propriedade através das ações do projeto.

Com os diagnósticos, foi possível identificar áreas preservadas, com água limpa e mata ciliar. Outras áreas encontraram-se degradadas, sem vegetação nas margens dos rios, esgoto a céu aberto e assoreamento devido ao pisoteamento de animais, necessitando da urgente restauração para minimizar os impactos negativos que interferem na qualidade da água.

Nas visitas a campo, identificou-se a necessidade de instalação de sistemas saneamento básico (fossa, filtro, sumidouro e caixa de gordura). A contaminação da água subterrânea com nitrato proveniente de dejetos pode criar graves riscos para a saúde pública, pois as substâncias presentes nos efluentes animais estão, também, presentes nas dietas, porém quando encontramos uma substância presente em média ou grande concentração, afeta diretamente a qualidade do ambiente e da água.

Identificou-se também, a urgente necessidade da instalação de passagens de animais e/ou máquinas, minimizando o assoreamento e a contaminação ambiental causada pelos dejetos e pelo contato de máquinas em meio ao recurso hídrico. Além disso, áreas sem mata ciliar, necessitará de isolamento através de cercas (arame farpado e mourão de concreto) para auxiliar no desenvolvimento da regeneração natural, ou se for realizado plantio de mudas, o

isolamento da área impedirá o acesso dos animais, agilizando o processo de restauração ecológica do local.

Sensibilização

Com os diagnósticos realizados o próximo passo se deu através da sensibilização, onde as famílias pertencentes ao Projeto CALELI e a comunidade em geral foram orientadas sobre a importância das ações prevista na execução para a obtenção de uma melhor qualidade de água para todos que habitam este Município. Buscando alternativas para a melhoria qualitativa da água. Ao todo foram oferecidas cinco (5) oficinas com temas relacionados a temática ambiental como:

- Despertamento da população do município para o uso racional da água, tomando iniciativas para reduzir o consumo;
- Sensibilização sobre a importância da mata ciliar para qualidade e quantidade dos recursos hídricos;
- Sensibilização sobre os riscos para o ambiente do uso inadequado dos recursos naturais;
- Despertamento para a utilização de frutas silvestres e seus subprodutos como alternativa complementar de renda para a agricultura familiar;
- Sensibilização para a necessidade de implantação de saneamento básico no espaço rural e sua contribuição na melhoria da qualidade da água.

Além dessas oficinas, com o intuito de contribuir na Educação Ambiental das crianças do Município de Erechim, o projeto se envolveu na Semana Municipal do Meio Ambiente, com uma apresentação especial com o tema – “De onde vem a água que você bebe?”. O objetivo dessa atividade foi de mostrar o percurso que a água faz até chegar em nossas torneiras, mostrando alguns contaminantes que ela encontra durante seu trajeto antes de ser tratada. Com isso, várias ações foram relatadas nas quais devemos aderir diariamente, para contribuir em uma qualidade de vida melhor, cada um fazendo sua parte.

Ações de recuperação e preservação ambiental

Por fim, a última etapa se deu através da realização de ações concretas para auxiliar na recuperação das áreas degradadas, buscando a adequação das mesmas impedindo ou minimizando os impactos ambientais negativos decorrentes de dejetos animais, esgoto doméstico, assoreamento causado pelo pisoteamento de animais e pela passagem de máquinas agrícolas em meio ao

percurso hídrico.

As áreas que se encontravam degradadas devido ao pisoteamento de animais e ao assoreamento, foram isoladas através de cercas disponibilizadas pelo projeto, evitando a circulação de animais em meio à água e também auxiliando na recuperação das matas ciliares.

Muitas das propriedades que se encontram próximo aos rios, não possuíam sistemas básicos de saneamento (fossa, filtro e sumidouro). Nesse projeto, 18 famílias foram contempladas com a instalação de sistemas básicos, para tratar os efluentes antes de lançar para a natureza, evitando assim, a contaminação do solo e dos corpos hídricos. Além disso, o projeto disponibilizou de 14 passagens para animais e máquinas, sendo construídas em pontos estratégicos dos cursos hídricos minimizando os impactos negativos, causados pelo trajeto dos animais e máquinas agrícolas em meio a água.

Todos esses equipamentos estavam previstas no plano de execução e os critérios estabelecidos para implementação deles, se deram através da necessidade de cada uma das 64 famílias visitadas.

Visando a participação da coletividade nas ações do CALELI, a comunidade erexinense foi convidada a participar de dois mutirões de plantio de 3.900 mudas de espécies nativas nas APPS degradadas, visando recuperar a biodiversidade do local e sensibilizar a população sobre a importância da mata ciliar entorno dos corpos hídricos.

Além disso, a população se envolveu nos dois mutirões de recolhimento de resíduos sólidos no leito dos Rios Ligeirinho e Leãozinho, com objetivo de recolher materiais descartados incorretamente na natureza, facilitando a compreensão das consequências que esse ato traz para a saúde do meio ambiente e dos seres humanos. A ação contou com a presença de universitários das instituições como; UERGS, IFRS, URI, UFFS e entidades como EMATER, SUTRAF-AU e Comitê de Bacia Hidrográfica

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Com a execução desse projeto, sendo um piloto e o único projeto executor na região do Alto Uruguai, o resultado é gratificante.

Através dele, foi possível avaliar o avanço na recuperação e preservação das áreas degradadas, a sensibilização e interesse dos beneficiários no cuidado com os recursos naturais e o despertar da população ao consumo consciente e responsável. Os resultados ambientais da implantação das medidas de adequação ambiental durante o período de 21 meses são visualmente perceptíveis.

Ainda há muita coisa a se fazer, porém este foi um projeto piloto com iniciativa do órgão mais próximo do agricultor, sendo o SUTRAF-AU, juntamente com os órgãos públicos municipais, onde a parceria foi executada com muito sucesso atendendo todas as metas.

O processo de recuperação ambiental, trará benefícios a sociedade a médio e longo prazo, uma iniciativa muito boa pensada para o futuro de Erechim. É notório os resultados positivos que essas ações trouxeram para a comunidade, abaixo podemos avaliar e comparar as imagens de antes e do depois da execução do CALELI;



Foto 1: Rios sem vegetação ciliar e seu resultado após 12 meses do abandono.
Fonte: SUTRAF-AU, 2016.



Foto 2: Antes e depois da instalação de ponte para passagem de animais e máquinas
Fonte: SUTRAF-AU, 2016.



Foto 3: Propriedade sem sistema de saneamento básico e após a instalação
Fonte: SUTRAF-AU, 2016.

Tendo em vista as ações desenvolvidas neste projeto, podemos destacar a contribuição significativa para o município de Erechim, sendo fundamental para a recuperação de áreas degradadas, adequação das propriedades rurais e principalmente na sensibilização da população, para uma melhoria na qualidade da água e do ambiente.

O CALELI foi o primeiro projeto executivo, que de fato não utilizou somente a educação ambiental, mas uniu com a prática, construindo infraestruturas para a adequação de áreas necessitadas contemplando a preservação desde a nascente do rio até a barragem e, ainda atua na conscientização das pessoas, na viabilização de alternativas de renda, bem como, no esclarecimento da legislação ambiental, que era pouco conhecida.

De acordo com a legislação ambiental vigente, todos os proprietários de imóveis rurais deverão adequar suas áreas, levando em conta o tamanho do rio, área do imóvel e a comprovação da consolidação ou não do uso das áreas de preservação permanente até a data prevista na normativa, nesse sentido, o projeto foi um facilitador do processo, sem sua execução, é possível que os agricultores encontrassem dificuldades em realizar tais adequações.

Todas essas ações foram movidas por um único propósito: Melhorar a qualidade da água que é fornecida para mais de 100 mil pessoas todos os dias, no município de Erechim. Neste projeto 64 famílias se envolveram, porém o quadro de degradação é forte em algumas áreas, e necessitam da continuidade das ações. O objetivo do município é recuperar toda a extensão dos Rios Campo, Leãozinho e Ligeirinho, para garantir que a água estará preservada desde a nascente até a chegada a Barragem de Captação de água de Erechim, e com isso sua continuidade está sendo discutida com os órgãos públicos e a comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as instituições que ajudaram na realização das ações deste projeto de forma voluntária, bem como as informações prestadas. Agradeço a comunidade erexinense pelo apoio ao projeto e a todos os participantes desta ação tão importante para a melhoria da água que abastece mais de 100 mil pessoas diariamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. Preservação Ambiental, o Homem e o Planeta Ameaçado. Universidade Norte do Paraná, UNOPAR-PR, 2011.26 f. (Monografia).

BALSAN, R. Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira. Revista de Geografia Agrária. Rio Grande/RS, v.1, n.2, p. 123-151. Ago, 2006.

BARROS, N. G. F. Água: um bem econômico de valor para o Brasil e o mundo. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. Taubaté/SP. v. 4, n. 1, p. 75-108, jan-abr/2008.

BASSI, C.L.D; et. al. Educação para a Água. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142008000200014 > Acesso em 21 de março de 2019.

BRASIL. LEI Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. República Federativa do Brasil. Brasília, DF 1981.

CADERNO TÉCNICO ADESÃO AO SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO AMBIENTAL. SIGA-RS /SEMA-RS, 2009.

CALELI. Projeto Ambiental. Prefeitura Municipal de Erechim, Fundo Municipal de Gestão Compartilhada, SUTRAF-AU, 2014

CICHET, A. C.; CENCI, D.; SIOSTEK, C. D.; A importância das ações para a preservação da Bacia Hidrográfica de Erechim. In: IV Fórum Regional de Conservação e Biodiversidade: Desafios e perspectivas da sustentabilidade, 2018, Passo Fundo. Desafios e perspectivas da sustentabilidade- ANAIS... Passo Fundo: UPF, 2018. v. I. p. 12-14.

DECIAN, S. V. Análise e Zoneamento Ambiental da área de Proteção Ambiental dos Rios Ligeirinho e Leãozinho (Erechim-RS). Universidade Federal de São Carlos-SP, 2012. UFSCar/CCBS/PPGG. (Tese de Doutorado)

HEPP, L. Caracterização limnológica de um rio urbano (Erechim-RS): uma abordagem multivariada do gradiente longitudinal ao longo do tempo. Erechim. v.37, Edição Especial, p.21-30. 2013.

MARQUES, V. B. Avaliação dos Ambientes de Proteção da Bacia Hidrográfica do Rio Jundiá-Mirin/SP. UNESP, São Paulo, 2016. (Dissertação de mestrado).

OLIVEIRA, P. A; GOMES, S. Gestão Ambiental e Práticas Sustentáveis na Empre-

sa. Revista CEPPG - CESUC - Centro de Ensino Superior de Catalão, Ano XV, Nº 26, jan/junho de 2012.

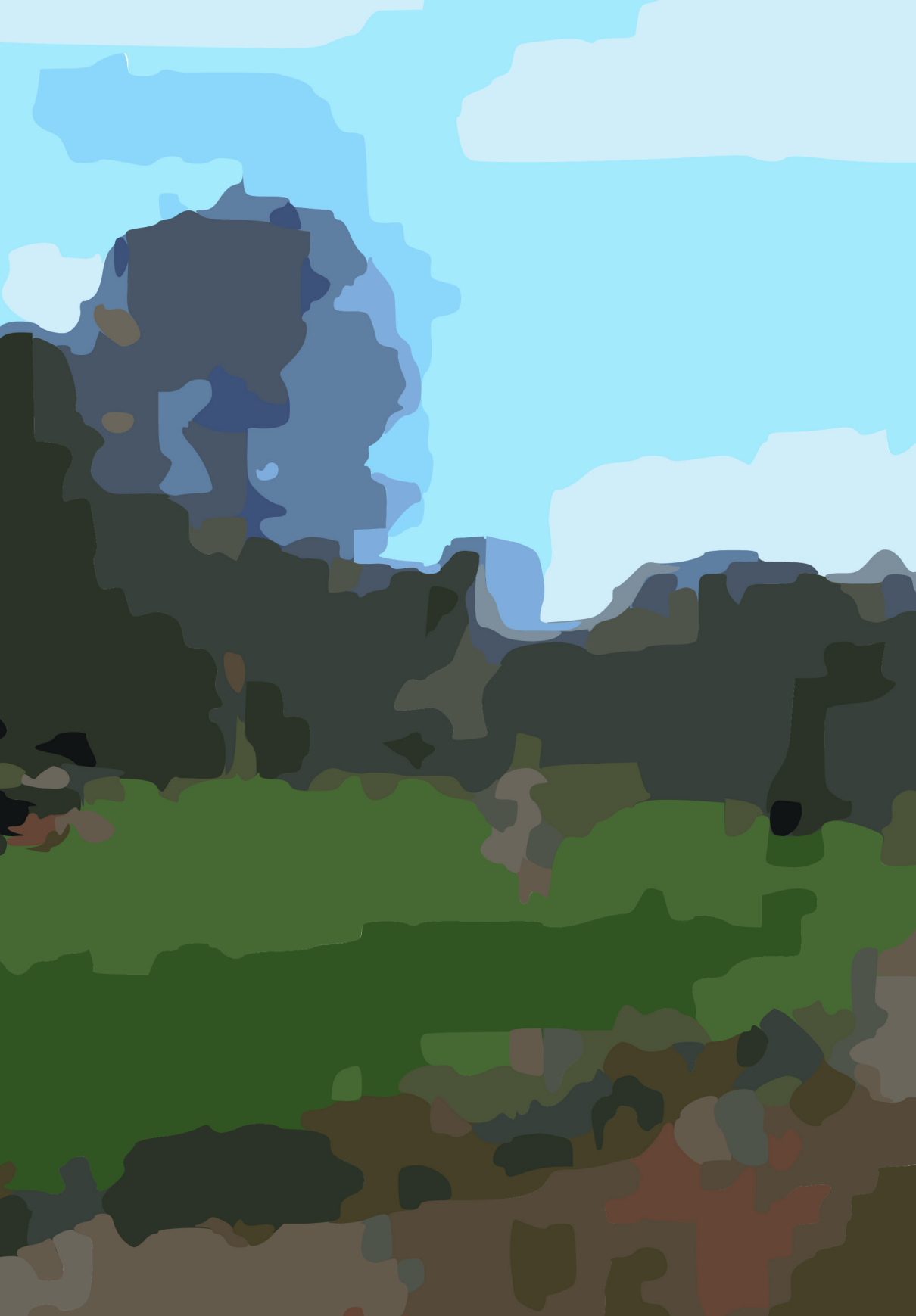
PLANO DE MANEJO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS RIOS LIGEIRINHO E LEÃOZINHO, Erechim, RS, dezembro de 2011.

SOUZA, E. et al. Desafios da gestão ambiental nos municípios. In: LITTLE, Paul (org). Políticas ambientais no Brasil: instrumentos e experiências. São Paulo: Peirópolis, 2003.

SOUZA, R. J.; et.al. A Importância da Qualidade da Água e os seus Múltiplos Usos: Caso Rio Almada, Sul da Bahia, Brasil. Disponível em: < www.revistarede.ufc.br >. Acesso em: 21 de março de 2016.

Data de submissão: 13/04/2020

Data de aceite: 10/06/2020



Gestión ambiental: la contribución del proyecto CALELI en el municipio de Erechim - RS

Environmental management: the contribution of the CALELI project in the municipality of Erechim - RS

Andréia Carla Cichet
Universidad Federal de la Frontera Sur - UFFS
Programa de Posgrado en Ciencia y Tecnología Ambiental
andreiaacc.17@hotmail.com

RESUMEN

El cuadro de degradación y escasez impuesto a la Cuenca Hidrográfica de Captación de agua del Municipio de Erechim-RS, necesitó un plan de acción, con enfoque en la Recuperación, Conservación y Manejo de la Biodiversidad de los ríos que abastecen a la población erexinense(?). Con eso, el municipio de Erechim se adhirió a un proyecto ambiental denominado CALELI, en el que, además de contemplar la realidad de la agricultura familiar local, el proyecto propone una nueva lógica de preservación del medio ambiente en la medida en que usó recursos provenientes de infracciones, donaciones y plebiscito y reinvertió en la recuperación de los ríos que abastecen el propio lugar de captación. El presente estudio de caso, pretende análisis documental y profundización bibliográfico, predominando el comparativo del antes y después de la ejecución del proyecto y abordará 3 (tres) líneas de acción: Diagnóstico, Sensibilización y Acciones de Recuperación y Preservación Ambiental.

Palabras-clave: Impacto Ambiental. Cuenca Hidrográfica. Restauración.

ABSTRACT

The situation of degradation and scarcity imposed on the Hydrographic Basin of Water Catchment in the Municipality of Erechim-RS, required an action plan, with a focus on the Recovery, Conservation and Management of Biodiversity of the rivers that supply the population of Erechim. As a result, the municipality of Erechim joined an environmental project called CALELI, in which, in addition to contemplating the reality of local family farming, a new logic for preserving the environment is proposed, insofar as resources from infractions, donations and plebiscite are reinvested in the recovery of the rivers that supply the catchment site itself. The present case study, aims at documentary analysis and bibliographic deepening, with predominance of the comparison between before and after the execution of the project. The project will address 3 (three) lines of action: Diagnosis, Awareness and Environmental Recovery and Preservation Actions.

Keywords: Environmental Impact. Hydrographic basin. Restoration.

INTRODUCCIÓN

Los recursos hídricos tienen una importancia fundamental para el mantenimiento de la vida, la conservación y el equilibrio de la biodiversidad y las relaciones de dependencia entre seres vivos y entornos naturales (BASSI, 2008). La utilización del agua por parte de la sociedad humana tiene por objeto atender sus necesidades personales, actividades económicas (agrícolas e industriales) y sociales. Sin embargo, esa diversificación en el uso del agua, cuando realizada de forma inadecuada, provoca cambios en su calidad, comprometiendo los recursos hídricos y por consiguiente sus usos para los diversos fines (SOUZA, 2014).

Entre estas alteraciones, los cuerpos hídricos en su extensión pueden presentar la reducción de la vegetación ciliar, puntos de sedimentación en los cauces de los ríos, lugares de vertidos, efluentes residenciales y agropecuarios además de servir de depósito para residuos domésticos y agrícolas (DECIAN, 2012). Este conjunto de problemas provoca interferencias en la salud humana y pública. La posición central de los recursos hídricos en cuanto a la generación de energía, producción de alimentos, sostenibilidad de la biodiversidad es extremadamente alta, pues afecta directamente a la calidad, la cantidad de agua, la biota acuática y la población humana (HEPP, 2013).

Con la escasez hídrica vivida por los habitantes en los últimos años, el municipio de Erechim necesitó un plan de acción para mejorar la calidad y cantidad del agua suministrada por los Ríos Campo, Leinho y Ligeirinho.

Frente a esto, el Municipio de Erechim, ubicado en el Norte del Estado de Rio Grande do Sul, se adhirió a un Proyecto Ambiental a nivel Municipal, con la finalidad de desarrollar acciones socioambientales en la Cuenca Hidrográfica, con enfoque en la Recuperación, Conservación y Manejo tratada y suministrada a la población de la Biodiversidad, considerando la vital importancia de esa área para la existencia de agua susceptible de ser tratada (?) (CICHET et al, 2018).

Con esto, el presente artículo pretende relatar la contribución del Proyecto CALELI al municipio, con el objetivo de la restauración, mantenimiento de la calidad y regularidad de la oferta de agua para el consumo humano diario de más de 100 mil habitantes. Los recursos para la ejecución de este proyecto se dieron a través del Fondo Municipal de Gestión Compartida -FMGC, donde 0,02 centavos de cada cuenta de agua va para este fondo, siendo destinado a proyectos ambientales y sanitarios del municipio.

REFERENCIA TEÓRICA

En Brasil, la historia agrícola está ligada a la historia del proceso de colonización en el que la dominación social, la política y la economía de la gran propiedad fueron privilegiadas. Así, la gran propiedad se impuso como modelo

socialmente reconocido y recibió estímulos expresados en la política agrícola que buscó modernizar y asegurar su reproducción. La agricultura tuvo que reestructurarse para elevar su productividad, sin importarle los recursos naturales haciendo que la meta fuera producir de una forma en que el retorno fuera lo más grande y lo más rápido posible (BALSAN, 2006).

Según Marques (2016), la ocupación humana combinada con la falta de planificación han traído consigo significativos impactos ambientales que pueden ser clasificados en beneficiosos o adversos, directos o indirectos, reversibles o irreversibles, inmediatos o a largo plazo, temporales o permanentes. En el medio rural los impactos están relacionados con la inadecuación de la ocupación y uso de las tierras frente a sus características naturales (relieve, clima, suelo).

Según Almeida (2011), es fundamental preservar el medio ambiente a través de la educación y sensibilización uniendo el poder público con la comunidad, pues la preservación lleva a un sistema ecológicamente equilibrado, donde todo el patrimonio colectivo se beneficiará. Esta unión es fundamental para el cambio de hábitos de cada persona, estimulando a la sociedad a adoptar acciones en favor de una comunidad sostenible y comprometida con el ambiente.

La contaminación y el uso desordenado de los recursos hídricos, poco a poco, están haciendo que el agua no sea apta para el consumo humano. Además, tanto el crecimiento demográfico como el económico multiplican los usos de las aguas y hacen crecer su demanda, ante una oferta inelástica, hasta el punto de volverse incompatible con la capacidad de soportar parte de la población, y la regla es clara, cuanto mayor es la población, mayor demanda de agua en sus diversas actividades (BARROS, 2007).

La gestión ambiental se ha configurado como una de las más importantes actividades relacionadas a cualquier emprendimiento, ya que la implantación de un Sistema de Gestión Ambiental (SGA) estructurado e integrado a la organización permite que los procedimientos relacionados con las cuestiones ambientales sean eficaces (SIGA-RS /SEMA-RS, 2009).

Según Oliveira y Gomes (2012), la gestión ambiental debe tener como objetivo el uso de prácticas que garanticen la conservación de la biodiversidad, el reciclaje de las materias primas y la reducción del impacto ambiental de las actividades humanas en los recursos naturales, también incluye técnicas como la recuperación de áreas degradadas, la reforestación, los métodos para la explotación sostenible de los recursos naturales y el estudio de los riesgos de impacto ambiental.

El poder público tiene un papel muy importante en el incentivo de proyectos que buscan la concientización y educación ambiental de la sociedad, para mantener un ambiente saludable. La Ley N° 6.938/81, contiene en sus atribuciones que los municipios podrán elaborar normas ambientales, siempre que no entren en conflicto con las de ámbito federal y estatal, también podrán ejercer en su jurisdicción el control y fiscalización de las actividades capaces de provocar la degradación ambiental, como por ejemplo la Política Municipal de

Medio Ambiente (PMMA).

Según Souza y colaboradores (2003), los municipios, para viabilizar su PMMA podrán crear un Fondo Municipal de Medio Ambiente (FMMA) donde serán canalizados los recursos recaudados resultantes de multas, sanciones, donaciones o por dotación presupuestaria.

El FMMA tiene como objetivo financiar programas, proyectos y acciones de iniciativas públicas y privadas, uso racional y sustentable de los recursos naturales, control, fiscalización, defensa y recuperación del medio ambiente y la educación ambiental, al servicio de la comunidad. Estos instrumentos de gestión ambiental tienen por objeto mejorar la calidad ambiental, pudiendo aplicarse en las fases de prevención, recuperación y remediación.

El municipio de Erechim, el Fondo Municipal de Gestión Compartida (FMGC), cuenta con recaudación de los usuarios del agua puesta a disposición por CORSAN, valor aproximado de dos centavos (0,02) incluido ya en la cuenta del agua mensual, donde el valor se invierte en la recuperación y conservación del medio ambiente, así como en las obras y acciones de saneamiento de la ciudad.

La Cuenca de los Ríos Campo, Leãozinho e Ligeirinho, bajo concesión de captación de la CORSAN de Erechim-RS, incluyendo la zona de su embalse, se sitúa al norte del estado de RS, en el municipio de Erechim, que forma parte de la Cuenca hidrográfica Apuaê Inhandava, es caracterizada por la ocupación agrícola en casi el 50% de las tierras y un total del 71% por prácticas agropecuarias, en grandes cultivos y ganadería y las áreas de preservación de los nacimientos y laderas de los ríos, en general no estaban siendo respetadas. Sólo el 21% del estudio tiene vegetación ciliar (PLAN DE MANEJO APA, 2011).

Con eso, en 2014, se inició el proyecto CALELI, nombre originado por las iniciales de los tres ríos (CAMPO, LEÃOZINHO E LIGEIRINHO) que abastece la Represa de CORSAN (Compañía Riograndense de Saneamiento) con el objetivo de preservar los recursos naturales existentes y restaurar las zonas degradadas, mejorando así la calidad del medio ambiente y del agua suministrada a la población erechinense.

Además de contemplar la realidad de la agricultura familiar local, el proyecto CALELI, propone una nueva lógica de preservación del medio ambiente en la medida en que el Ayuntamiento de Erechim ha utilizado recursos financieros del pago del agua efectuado por la población urbana y ha reinvertido en la recuperación de los ríos que abastecen el propio lugar de captación, responsabilizando así a todos los que se aprovechan de ella.

METODOLOGIA

El proyecto ejecutado por el Sindicato Unificado de Trabajadores de la Agricultura Familiar del Alto Uruguay (SUTRAF-AU), con colaboración de la Municipalidad de Erechim y Fondo Municipal de Gestión Compartida (FMGC)

contó con apoyo de entidades como: Universidad Estatal de Rio Grande do Sul (UERGS), Universidad Regional Integrada (URI), Instituto Federal de Rio Grande do Sul (NIIF), COMITÉ DE BACIA APUAÊ- INHANDAVA, comunidad externa, EMATER Y SECRETARÍAS DE AGRICULTURA Y MEDIO AMBIENTE.

La fundamentación teórica fue realizada a través de la investigación en libros, artículos, revistas y sitios de Internet, con base en la legislación ambiental vigente. El análisis documental se constituyó por medio de la evaluación del informe de ejecución del Proyecto CALELI, y de las imágenes comprobatorias de antes y después de la ejecución a lo largo de los 21 meses.

Las acciones involucraron una serie de actividades con la comunidad directamente beneficiaria a través de la adquisición de bienes físicos y servicios involucrando 85 propiedades y 64 familias, en la que su ejecución se dio por tres líneas de acciones: Diagnóstico, Sensibilización y Acciones de Recuperación y Preservación de la Cuenca Hidrográfica (CALELI, 2014).

Diagnóstico

En el primer momento el equipo involucrado en la ejecución, realizó visitas con el objetivo de explicar el proyecto, conocer la realidad de las familias que viven alrededor de esta Cuenca, así como el conocimiento respecto a las legislaciones ambientales. Después de la explicación, los agricultores se posicionaron en relación a su participación en el proyecto, los que aceptaron unirse a CALELI fueron encaminados a la realización del Catastro Ambiental Rural (CAR), como primer paso para la adecuación de todas las propiedades involucradas en el proyecto.

Tras la realización de los registros ambientales, se aplicaron diagnósticos ambientales in situ, individual y en las propiedades de los participantes, para explicar todas las dudas que surgirían en la conversación con el agricultor. Buscando analizar los pasivos ambientales, se realizó una lista de cada uno de ellos y posteriormente elaborado proyectos individuales, siguiendo las reglas del Nuevo Código Forestal Brasileño y proponiendo adecuación de la propiedad a través de las acciones del proyecto.

Con los diagnósticos, fue posible identificar áreas preservadas, con agua limpia y mata ciliar. Otras áreas se encontraron degradadas, sin vegetación en las orillas de los ríos, alcantarillado a cielo abierto y sedimentación debido al pisoteo de animales que viven en estas áreas, necesitando de la urgente restauración para minimizar los impactos negativos que interfieren en la calidad del agua.

En las visitas al campo, se identificó la necesidad de instalación de sistemas sanitarios básicos (fosa, filtro, sumidero y caja de grasa). La contaminación del agua subterránea con nitrato procedente de desechos puede crear graves riesgos para la salud pública, ya que las sustancias presentes en los efluentes animales están, también, presentes en las dietas, pero cuando encontramos

una sustancia presente en media o gran concentración, afecta directamente a la calidad del ambiente y del agua.

Se identificó también, la urgente necesidad de la instalación de pasadizos de animales y/o máquinas, minimizando la sedimentación y la contaminación ambiental causada por los desechos y por el contacto de máquinas en medio del recurso hídrico. Además, áreas sin mata ciliar, necesitará aislamiento a través de cercas (alambre de púas y vallas de concreto) para ayudar en el desarrollo de la regeneración natural, o si se realiza plantación de plantas, el aislamiento de la zona impedirá el acceso de los animales, agilizando el proceso de restauración ecológica del local.

Sensibilización

Con los diagnósticos realizados, el siguiente paso se dio a través de la sensibilización, donde las familias pertenecientes al Proyecto CALELI y la comunidad en general fueron orientadas sobre la importancia de las acciones previstas en la ejecución para la obtención de una mejor calidad de agua para todos los que habitan este Municipio buscando alternativas para la mejora cuantitativa del agua. En total se ofrecieron cinco (5) talleres con temas relacionados a temática ambiental como:

- Despertar de la población del municipio para el uso racional del agua, tomando iniciativas para reducir el consumo;
- Sensibilización sobre la importancia de la mata ciliar para la calidad y la cantidad de los recursos hídricos;
- Sensibilización sobre los riesgos para el medio ambiente del uso inadecuado de los recursos naturales
- Preocupación por la utilización de frutas silvestres y sus subproductos como alternativa complementaria de renta para la agricultura familiar;
- Sensibilización sobre la necesidad de implantación de saneamiento básico en el espacio rural y su contribución en la mejora de la calidad del agua.

Además de estos talleres, con el fin de contribuir en la Educación Ambiental de los niños del Municipio de Erechim, el proyecto se involucró en la Semana Municipal del Medio Ambiente, con una presentación especial con el tema - "¿De dónde viene el agua que usted bebe?". El objetivo de esta actividad fue mostrar el recorrido que el agua hace hasta llegar a nuestros grifos, mostrando algunos contaminantes que encuentra durante su recorrido antes de ser tratada. Con esto, se han reportado varias acciones en las que debemos adherirnos diariamente, para contribuir en una calidad de vida mejor, cada uno haciendo su parte.

Acciones de recuperación y conservación del medio ambiente

Por último, la última etapa se dio a través de la realización de acciones concretas para ayudar en la recuperación de las áreas degradadas, buscando la adecuación de las mismas impidiendo o minimizando los impactos ambientales negativos derivados de desechos animales, alcantarillado doméstico, excremento causado por el pisoteo de animales y el paso de maquinaria agrícola en el medio del camino hídrico.

Las áreas que se encontraban degradadas debido al pisoteo de animales y a la sedimentación, fueron aisladas a través de cercas puestas a disposición por el proyecto, evitando la circulación de animales en medio del agua y también ayudando en la recuperación de las matas ciliares.

Muchas de las propiedades que se encuentran cerca de los ríos, no poseían sistemas básicos de saneamiento (fosa, filtro y sumidero). En este proyecto, 18 familias fueron contempladas con la instalación de sistemas básicos, para tratar los efluentes antes de lanzar hacia la naturaleza, evitando así la contaminación del suelo y de los cuerpos hídricos. Además, el proyecto dispuso de 14 pasadizos para animales y máquinas, siendo construidas en puntos estratégicos de los cursos hídricos minimizando los impactos negativos causados por el trayecto de los animales y máquinas agrícolas en medio del agua.

Todos estos equipos estaban previstos en el plan de ejecución y los criterios establecidos para su implementación se dieron a través de la necesidad de cada una de las 64 familias visitadas. Buscando la participación de la colectividad en las acciones de CALELI, la comunidad erexinense fue invitada a participar de los trabajos colectivos de plantación de 3.900 plantas de especies nativas en las APPS degradadas, con el fin de recuperar la biodiversidad del lugar y sensibilizar a la población sobre la importancia de la mata ciliar entorno a los cuerpos hídricos.

Además, la población se involucró en las dos manadas de recogida de residuos sólidos en el lecho de los Ríos Zippy y Leoncito, con el objetivo de recoger materiales descartados incorrectamente en la naturaleza, facilitando la comprensión de las consecuencias que este acto trae para la salud del medio ambiente y de los seres humanos. Esta acción participaron estudiantes universitarios de instituciones como UERGS, IFRS, URI, UFFS y entidades como EMATER, SUTRAF-AU y Comitê de Bacia Hidrográfica.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Con la ejecución de este proyecto, siendo un piloto y el único proyecto ejecutor en la región del Alto Uruguay, el resultado es gratificante. A través de él, fue posible evaluar el avance en la recuperación y preservación de las áreas

degradadas, la sensibilización y el interés de los beneficiarios en el cuidado de los recursos naturales y el despertar de la población al consumo consciente y responsable.

Los resultados medioambientales de la implantación de las medidas de adecuación medioambiental durante el período de 21 meses son visualmente perceptibles. Aún queda mucho por hacer, pero este fue un proyecto piloto con iniciativa del órgano más cercano al agricultor, (SUTRAF-AU), junto con organismos públicos municipales, donde la asociación se realizó con mucho éxito cumpliendo todos los objetivos.

El proceso de recuperación ambiental, traerá beneficios a la sociedad a medio y largo plazo, una iniciativa muy buena pensada para el futuro de Erechim. Es notorio los resultados positivos que estas acciones trajeron a la comunidad, abajo podemos evaluar y comparar las imágenes de antes y de después de la ejecución de CALELI;



Foto 1: Ríos sin vegetación ciliar y su resultado después de 12 meses de abandono

Fonte: SUTRAF-AU, 2016.



Foto 2: Antes de la instalación de puente para el paso de animales y máquinas

Fonte: SUTRAF-AU, 2016.



Foto 3: Propiedad sin sistema de saneamiento básico y después de la instalación
Fuente: SUTRAF-AU, 2016.

Teniendo en cuenta las acciones desarrolladas en este proyecto, podemos destacar la contribución significativa para el municipio de Erechim, siendo fundamental para la recuperación de áreas degradadas, adecuación de las propiedades rurales y principalmente en la sensibilización de la población, para mejorar la calidad del agua y el medio ambiente.

El CALELI fue el primer proyecto ejecutivo, que de hecho no utilizó solamente la educación ambiental, sino que unió con la práctica, construyendo infraestructuras para la adecuación de áreas necesitadas contemplando la preservación desde el nacimiento del río hasta la represa y, aún actúa en la concientización de las personas, en la viabilización de alternativas de renta, así como, en el esclarecimiento de la legislación ambiental, que era poco conocida.

De acuerdo con la legislación ambiental vigente, todos los propietarios de inmuebles rurales deberán adecuar sus áreas, teniendo en cuenta el tamaño del río, área del inmueble y la comprobación de la consolidación o no del uso de las áreas de preservación permanente hasta la fecha prevista en la normativa. En este sentido, el proyecto ha sido un facilitador de este proceso, sin su ejecución, es posible que los agricultores encontrarán dificultades para realizar dichas adaptaciones.

Todas estas acciones fueron movidas por un solo propósito: Mejorar la calidad del agua que es suministrada a más de 100 mil personas todos los días, en el municipio de Erechim. En este proyecto 64 familias se involucraron, pero el cuadro de degradación es fuerte en algunas áreas, y necesitan la continuidad de estas acciones. El objetivo del municipio es recuperar toda la extensión de los Ríos Campo, Leinho y Ligeirinho, para garantizar que el agua estará preservada desde el nacimiento hasta la llegada a la Represa de Captación de Agua de Erechim, y con eso su continuidad está siendo discutida con los organismos públicos y la comunidad.

AGRADECIMIENTOS

Agradezco a las instituciones que han ayudado a llevar a cabo las acciones de este proyecto de forma voluntaria, así como la información proporci-

nada. Agradezco a la comunidad erexinense por el apoyo a este proyecto y a todos los participantes en esta acción tan importante para la mejora del agua que abastece a más de 100 mil personas diariamente.

REFERENCIAS

ALMEIDA. F. A. Preservação Ambiental, o Homem e o Planeta Ameaçado. Universidade Norte do Paraná, UNOPAR-PR, 2011.26 f. (Monografia).

BALSAN. R. Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira. Revista de Geografia Agrária. Rio Grande/RS, v.1, n.2, p. 123-151. Ago, 2006.

BARROS. N. G. F. Água: um bem econômico de valor para o Brasil e o mundo. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. Taubaté/SP.v. 4, n. 1, p. 75-108, jan-abr/2008.

BASSI. C.L. D; et. al. Educação para a Água. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142008000200014 > Acesso em 21 de março de 2019.

BRASIL. LEI Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. República Federativa do Brasil. Brasília, DF 1981.

CADERNO TÉCNICO ADESÃO AO SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO AMBIENTAL. SIGA-RS /SEMA-RS, 2009.

CALELI. Projeto Ambiental. Prefeitura Municipal de Erechim, Fundo Municipal de Gestão Compartilhada, SUTRAF-AU, 2014

CICHET, A. C.; CENCI. D.; SIOSTEK, C. D.; A importância das ações para a preservação da Bacia Hidrográfica de Erechim. In: IV Fórum Regional de Conservação e Biodiversidade: Desafios e perspectivas da sustentabilidade, 2018, Passo Fundo. Desafios e perspectivas da sustentabilidade- ANAIS... Passo Fundo: UPF, 2018. v. I. p. 12-14.

DECIAN. S. V. Análise e Zoneamento Ambiental da área de Proteção Ambiental dos Rios Ligeirinho e Leãozinho (Erechim-RS). Universidade Federal de São Carlos-SP, 2012. UFSCar/CCBS/PPGG. (Tese de Doutorado)

HEPP. L. Caracterização limnológica de um rio urbano (Erechim-RS): uma abordagem multivariada do gradiente longitudinal ao longo do tempo. Erechim. v.37, Edição Especial, p.21-30. 2013.

MARQUES. V. B. Avaliação dos Ambientes de Proteção da Bacia Hidrográfica do Rio Jundiá-Mirin/SP. UNESP, São Paulo, 2016. (Dissertação de mestrado).

OLIVEIRA. P. A; GOMES. S. Gestão Ambiental e Práticas Sustentáveis na Empre-

sa. Revista CEPPG - CESUC - Centro de Ensino Superior de Catalão, Ano XV, Nº 26, jan/junho de 2012.

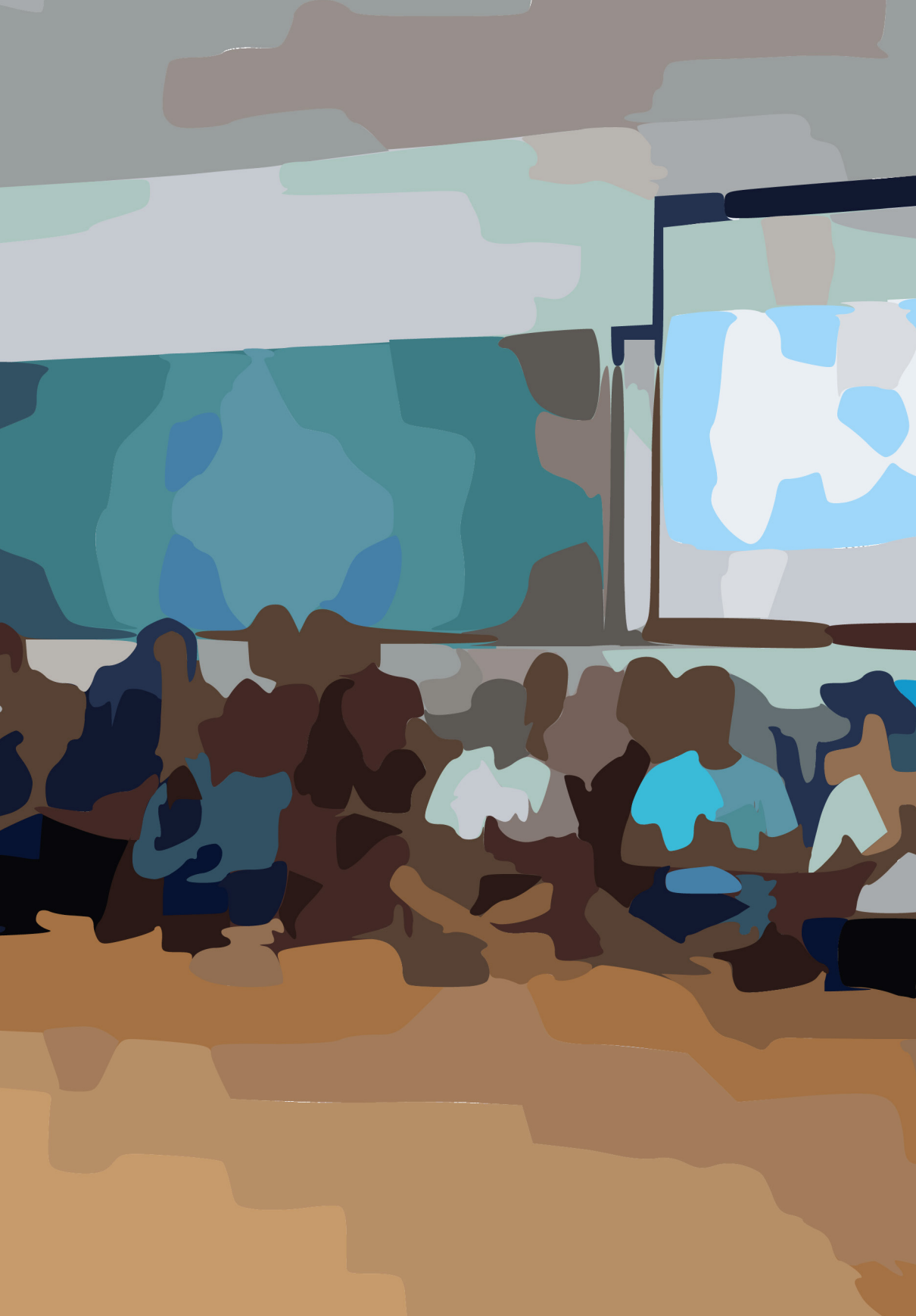
PLANO DE MANEJO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS RIOS LIGEIRINHO E LEÃOZINHO, Erechim, RS, dezembro de 2011.

SOUZA, E. et al. Desafios da gestão ambiental nos municípios. In: LITTLE, Paul (org). Políticas ambientais no Brasil: instrumentos e experiências. São Paulo: Peirópolis, 2003.

SOUZA. R. J.; et.al. A Importância da Qualidade da Água e os seus Múltiplos Usos: Caso Rio Almada, Sul da Bahia, Brasil. Disponível em:< www.revistarede.ufc.br>. Acesso em: 21 de março de 2016.

Fecha de envío: 13/04/2020

Fecha de aprobación: 10/06/2020



SAHAJA YOGA: capacitação de profissionais de saúde no SUS, Ituiutaba/MG

SAHAJA YOGA: training of health professionals in SUS, Ituiutaba / MG

Andreza Cristina Stuchi

Graduada em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal
andrezacstuchi@gmail.com

Victor Antonio Ferreira Freire

Graduado em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal
Mestrando em Ciências da Saúde, Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Centro Oeste Dona Lindu
vffreire@hotmail.com

Luciana Karen Calábria

Graduada em Ciências Biológicas, mestre e doutora em Genética e Bioquímica
Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal
lcalabria@ufu.br

RESUMO

A meditação assume papel protagonista dentre as 29 Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) implementadas no Brasil pelo Sistema Único de Saúde, sendo indicada para o tratamento de distúrbios físicos, psiquiátricos e psicológicos. Diante disso, este relato trata de um projeto de extensão realizado com profissionais do sistema público de saúde de Ituiutaba-MG, o qual teve como objetivo a instrumentalização desses profissionais na técnica de *Sahaja Yoga* para a implementação da meditação no local de trabalho e na comunidade. Para tanto, um curso foi elaborado e aplicado durante um ano, tratando das abordagens teóricas e práticas no campo da meditação por meio de material expositivo e sessões de meditação. A ação buscou difundir a técnica da *Sahaja Yoga*, capacitando os profissionais de saúde para sua atuação, promovendo assim mais qualidade de vida e bem-estar a todos os envolvidos direto e indiretamente.

Palavras-chave: Meditação. Práticas Integrativas e Complementares. Qualidade de vida.

ABSTRACT

Among 29 Integrative and Complementary Practices implemented in Brazil by the Unified Health System, meditation has a leading role and is indicated for the treatment of physical, psychiatric and psychological disorders. This report describes an extension project carried out with professionals from the public health system in Ituiutaba-MG that aimed instrumentalize them in the Sahaja Yoga technique for the implementation of meditation in the workplace and community. For this, a course was elaborated and applied for a year, dealing with theoretical and practical approaches in the field of meditation using expository material and meditation sessions. The action disseminated the Sahaja Yoga technique and enabled health professionals to perform their work, thus promoting more quality of life and well-being to all those directly and indirectly involved.

Keywords: Meditation. Integrative and Complementary Practices. Quality of life.

INTRODUÇÃO

Agitação, sentimentos autodestrutivos e insegurança são alguns dos muitos impasses vivenciados no mundo. A hiperatividade, a ansiedade e a depressão crescem constantemente, favorecendo o aparecimento de vários distúrbios psicossomáticos que afetam diversos grupos e faixas etárias (ROCHA et al., 2010; VIANA & ANDRADE, 2012; LUCCHESI et al., 2014; LOPES et al., 2016). Com isso, para além da medicina tradicional, novas medidas terapêuticas têm sido procuradas para promoção da saúde física e mental. Recentemente, o Sistema Único de Saúde (SUS) incluiu 29 Práticas Integrativas e Complementares na Saúde (PICS), como o yoga, a meditação, a acupuntura, a aromaterapia, a terapia de florais, a homeopatia e fitoterápicos, dentre outras (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

A meditação possibilita reduzir os níveis de estresse e ansiedade e eleva a capacidade de adaptação às situações estressantes, além de auxiliar na concentração e atenção, levando assim o indivíduo a um profundo estado de paz interior, possibilitando a este alcançar o equilíbrio entre o corpo, a mente e o espírito (ver MENEZES & DELL'AGLIO, 2009). Além disso, a meditação pode ser utilizada no tratamento de uma série de distúrbios físicos, psiquiátricos e psicológicos (CHIESA & MALINOWSKI, 2011; HENDRIKS, 2018), contribuindo para o tratamento das doenças não transmissíveis, problemas de humor e autoestima, melhorando a qualidade de vida em geral (CASTRO et al., 2009; MENEZES & DELL'AGLIO, 2009; CARDOSO, 2011; CHUNG et al., 2012).

Na busca por tratamentos não convencionais para os problemas supramencionados, a meditação ganha destaque uma vez que trata de uma prática auxiliar de relaxamento que, juntamente com outras PICS, é regulamentada pelo Ministério da Saúde para uso no SUS por meio das Portarias nº 971/2006 e 849/2017 (BRASIL, 2006; 2017).

A meditação evoca uma resposta de relaxamento que é exatamente contrária à resposta desencadeada pelo estresse. Dessa forma, auxilia o indivíduo, protegendo-o e reequilibrando-o tanto no aspecto físico quanto mental (BENSON, 1995). A meditação, além dos benefícios para a saúde em geral e prevenção de doenças decorrentes do estresse, pode treinar a capacidade de focar a atenção e diminuir as distrações, trazendo, ao mesmo tempo, foco e relaxamento (ACARYA, 1995). Desse modo, alguns estudos têm apresentado a meditação com grande fim terapêutico e preventivo, não sendo uma prática indicada apenas para a satisfação mística de seus adeptos mais espiritualizados (CASTRO et al., 2009; MENEZES & DELL'AGLIO, 2009; DENARDO, 2013).

Vale ressaltar que a meditação é uma prática sem restrições de idade, de gênero, de crença ou de etnia. Tendo isso em vista, o público-alvo desse projeto foram profissionais de saúde que assistem a população idosa; uma vez que a velhice é um período da vida com uma alta prevalência de doenças crônicas, limitações físicas, perdas cognitivas, sintomas depressivos, declínio sensorial, acidentes e isolamento social (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005; FREIRE

& CALÁBRIA, 2019; SILVA; DE REZENDE & CALÁBRIA, 2019).

O método de meditação que foi aplicado nesta atividade é denominado Sahaja Yoga. Trata-se de uma técnica de fácil aprendizagem que permite ao participante experimentar o estado de 'consciência sem pensamentos', mantendo a mente totalmente alerta e no presente, o qual é decorrente do despertar de uma energia sutil interior, denominada Kundalini, em sânscrito (SAHAJA YOGA, 2018). A Sahaja Yoga foi desenvolvida em 1970 pela Mestra Espiritual ShriMatajiNirmala Devi, a primeira na história a promover a 'Realização do Si' em massa. Foi observado que a presença física de ShriMataji, por si só, é o catalisador necessário para o despertar da Kundalini em massa. A 'Realização do Si' permite ao participante ir além dos pensamentos turbulentos do dia a dia, trazendo, assim, uma tranquilidade interior, a qual quanto maior o tempo desse silêncio interno, maior serão os benefícios obtidos (SAHAJA YOGA, 2018).

Segundo os estudos realizados por Mishra; Barlas; Barone (1993), Morgan (1999) e Hernández et al. (2016), a meditação Sahaja Yoga reduz o estresse e promove alterações das respostas neurais responsáveis pela atenção, autocontrole, compaixão, percepção interoceptiva, descanso e relaxamento, levando à diminuição nas taxas cardíaca e respiratória quando comparada com outra prática meditativa, além de ter um efeito terapêutico benéfico sobre os sintomas de depressão e ansiedade.

Isto posto, este relato de experiência aborda as práticas e estratégias utilizadas pelo Projeto de Extensão "SAHAJA YOGA: meditação como prática integrativa e complementar no SUS, Ituiutaba/MG", bem como aponta os resultados obtidos, ressaltando as perspectivas e contribuições para o público envolvido no projeto. Este proporcionou a instrumentalização e divulgação da prática meditativa Sahaja Yoga entre os profissionais de saúde das Unidades Básicas de Saúde da Família de Ituiutaba/MG.

A meta deste projeto foi a implementação da meditação no sistema público de saúde do município com o intuito de promover a saúde e a melhoria da qualidade de vida da população idosa que recebesse a intervenção. A difusão da meditação de forma gratuita e a capacitação de profissionais da saúde atendem as recomendação das PICS no SUS, uma vez que torna apto o profissional para implementá-la.

DESENVOLVIMENTO

O Projeto de Extensão "SAHAJA YOGA: meditação como prática integrativa e complementar no SUS, Ituiutaba/MG" foi cadastrado no Sistema de Informação de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) sob o número SIEX 17742, sendo desenvolvido no período de agosto de 2018 a agosto de 2019 por meio de parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do município de Ituiutaba/MG, a qual permitiu que cinco profissionais de saúde da rede pública participassem do curso de formação em meditação oferecido na ação.

O curso foi realizado no Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia e dividido em cinco módulos. Como método, utilizou-se apresentação slides e datashow, rodas de conversa e práticas aplicadas de meditação Sahaja Yoga para o seu cumprimento (Figura 1A). O conteúdo dos módulos foram organizados da seguinte maneira: Módulo 1 – conteúdos teórico introdutórios sobre os chacras, canais e Kundalini; Módulo 2 – apresentação de artigos científicos sobre os benefícios da técnica e visita de um grupo praticante de meditação para a exposição das suas experiências com a meditação Sahaja Yoga, com relatos e vídeos sobre as suas vivências; Módulo 3 – musicalização, mantras e divindades; Módulo 4 – atividades práticas para integração do conteúdo teórico; e Módulo 5 – atividade monitorada para cumprimento da sessão de meditação e avaliação do curso. A cada módulo teórico também foram realizadas práticas de meditação guiada e, ao final, um espaço foi aberto para resposta às dúvidas e debate. Uma apostila foi elaborada com os conceitos teóricos e com a sequência dos módulos para direcionamento dos profissionais de saúde durante a ação.



Figura 1- Imagens da ação extensionista. (A) Apresentação de um dos módulos do curso; (B) Modelo do cartaz de divulgação da aplicação da meditação pelos profissionais de saúde; (C) Apresentação dos conceitos básicos da meditação Sahaja Yoga pelo profissional de saúde; (D) Oficina de meditação ministrada pelo profissional de saúde, como atividade avaliativa. Fonte: arquivo pessoal.

Para além dos módulos presenciais, houve a criação de um canal de comunicação online no qual os profissionais de saúde tiveram a oportunidade de treinar a meditação.

Ao final do curso, os profissionais de saúde receberam um certificado de participação constando a carga horária total de 50 (cinquenta) horas, sendo 30 (trinta) horas teóricas e 20 (vinte) horas práticas.

Os profissionais de saúde envolvidos na ação foram avaliados por meio da aplicação da meditação para a comunidade externa (Figuras 1B e 1C). Para isso, a sessão de meditação foi divulgada nas Unidades de Saúde e na Universidade Federal de Uberlândia. A inscrição para a sessão foi realizada por e-mail ou telefone (Figura 1D).

A principal limitação da ação foi o dia estabelecido para a realização dos módulos. Uma vez que os encontros aconteciam aos sábados de manhã, alguns profissionais de saúde assistiam a comunidade neste mesmo dia e horário, dificultando a sua permanência no curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão "SAHAJA YOGA: meditação como prática integrativa e complementar no SUS, Ituiutaba/MG" possibilitou um canal direto de comunicação entre a Universidade e os órgãos públicos, principalmente as Unidades de Saúde do município de Ituiutaba/MG, auxiliando os profissionais de saúde a implantarem a meditação de forma gratuita para a população geral, em especial para a comunidade idosa.

A extensão universitária exerce papel fundamental na formação dos estudantes por possibilitar a vivência de experiências novas fora do campo escolar formal, com a aquisição de conhecimentos em que não se encontram na literatura, mas na práxis da profissão. Além disso, a extensão universitária reforça e permite a integração do tripé ensino-pesquisa-extensão, bem como a troca de experiências com a comunidade promovendo enriquecimento informacional e cultural, garantindo o bem-estar social.

A existência do canal de comunicação online possibilitou não só as práticas diárias de meditação durante a ação, mas também após o seu término. Os integrantes são mantidos no grupo, de forma que possam acompanhar as meditações diárias e novos materiais são compartilhados, bem como a manutenção de contato para debaterem dúvidas, compartilharem conhecimento e realizarem qualquer consideração a respeito do tema.

Por fim, considera-se que o conhecimento da meditação Sahaja Yoga empodera a comunidade no seu autocuidado, auxiliando na prevenção de vários desequilíbrios físicos e emocionais.

Data de submissão: 21/02/2020

Data de aceite: 10/06/2020

REFERÊNCIAS

ÁCÁRYÁ, A. A. Yoga para a saúde. Publicações Ananda Marga, 1995.

BENSON, H. A resposta do relaxamento. Rio de Janeiro: Record, 1995. 184p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prto849_28_03_2017.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, 03 de maio de 2006. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prto971_03_05_2006.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

CARDOSO, R. Medicina e meditação: um médico ensina a meditar. 3ª ed. São Paulo: MG Editores, 2011. 152p.

CASTRO, J. C. et al. Níveis de qualidade de vida em idosas ativas praticantes de dança, musculação e meditação. Rev Bras Geriatr Gerontol, v. 12, n. 2, p. 255-265, 2009.

CHIESA, A.; MALINOWISKI, P. Mindfulness-based approaches: Are they all the same? J Clin Psychol, v. 67, n. 4, p. 404-424, 2011.

CHUNG, S. S. et al. Effect of Sahaja Yoga meditation on quality of life, anxiety, and blood pressure control. J Altern Complement Med, v.18, n. 6, p. 589-596, 2012.

DENARDO, T. A. G. B. Análise da prática de meditação em duas escolas do município de Rio Claro - SP. 2013. 81 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118865/000777255.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

FREIRE, V.A.F.; CALÁBRIA, L.K. Perfis socioeconômico, demográfico, de saúde e alimentar de idosos de Ituiutaba/MG. POBS, v. 9, n. 30, p. 24-37, 2019.

HENDRIKS, T. The effects of Sahaja Yoga meditation on mental health: a systematic review. J Altern Complement Med, v.15, n.3, 2018.

HERNÁNDEZ, S. E. Increased Grey Matter Associated with LongTerm Sahaja Yoga Meditation: A Voxel-Based Morphometry Study. PLoS ONE, v. 11, n. 3, e0150757, 2016.

LOPES, C. S. et al. ERICA: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. *Rev Saude Publica*, v. 50, supl. 1, p. 1-14s, 2016.

LUCCHESI, R. et al. Prevalência de transtorno mental comum na atenção primária. *Acta Paul Enferm*, v. 27, n. 3, p. 200-207, 2014.

MENEZES, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Os Efeitos da meditação à luz da investigação científica em psicologia: revisão de literatura. *Psicol Ciênc Prof*, v. 29, n. 2, p. 276-289, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Práticas Integrativas e Complementares (PICS): quais são e para que servem. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

MISHRA, R.; BARLAS, C.; BARONE, D. Plasma beta-endorphin levels in humans: effect os Sahaja Yoga, 1993. Trabalho apresentado em "Medical Aspects of Sahaja Yoga", New Delhi India, 1993. Não publicado.

MORGAN, A. Sahaja Yoga: An ancient path to modern mental health? 1999. 126 f. Tese (Doutorado – Psicologia Clínica) – Universidade de Plymouth, Faculdade de Ciências Humanas, 1999. Disponível em: <<https://pearl.plymouth.ac.uk/bitstream/handle/10026.1/1969/ADAM%20MORGAN.PDF?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessado em: 20 fev. 2020.

ROCHA, S. V. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns entre residentes em áreas urbanas de Feira de Santana, Bahia. *Rev Bras Epidemiol*, v. 13, n. 4, p. 630-640, 2010.

SAHAJA YOGA. Shri Mataji Nirmala Devi. 2018. Disponível em: <<http://www.sahajayoga.org.br>>. Acesso em: 25 abril 2019.

SILVA, E. O.; REZENDE, A. A. A.; Calábria, L. K. Aspectos socioeconômicos e eventos de queda entre idosos atendidos no sistema público de saúde. *Rev Bras Prom Saúde*, v. 32, 2019.

VIANA, M. C.; ANDRADE, L. H. Lifetime prevalence, age and gender distribution and age-ofonset of psychiatric disorders in the São Paulo Metropolitan Area, Brazil: Results from the São Paulo megacity mental health survey. *Rev Bras Psiquiatr*, v. 34, n. 3, p. 249-260, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.



SAHAJA YOGA: formación de profesionales de la salud en el SUS, Ituiutaba/MG

SAHAJA YOGA: training of health professionals in SUS, Ituiutaba / MG

Andreza Cristina Stuchi

Graduada en Ciencias Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal
andrezacstuchi@gmail.com

Victor Antonio Ferreira Freire

Graduado em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal
Estudiante de maestría en Ciencias de la Salud, Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Centro Oeste
Dona Lindu vffreire@hotmail.com

Luciana Karen Calábria

Graduada em Ciências Biológicas, master y doctora en Genética y Bioquímica
Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal
lcalabria@ufu.br

RESUMEN

La meditación desempeña un papel principal entre las 29 Prácticas Integrativa y Complementaria de Salud (PICS) implementadas en Brasil por el Sistema Único de Salud, que están indicadas para el tratamiento de trastornos físicos, psiquiátricos y psicológicos. Ante esto, este informe trata de un proyecto de extensión realizado con profesionales del sistema de salud pública de Ituiutaba-MG, cuyo objetivo fue instrumentalizar a estos profesionales en la técnica de Sahaja Yoga para la implementación de la meditación en el lugar de trabajo y en la comunidad. Con este fin, se diseñó y aplicó un curso durante un año, tratando de enfoques teóricos y prácticos en el campo de la meditación a través de material expositivo y sesiones de meditación. La acción buscó difundir la técnica de Sahaja Yoga, capacitando a profesionales de la salud para su desempeño, promoviendo así una mayor calidad de vida y bienestar para todos los involucrados directa e indirectamente.

Palabras-clave: Meditación. Prácticas Integradoras y Complementarias. Calidad de vida.

ABSTRACT

Among 29 Integrative and Complementary Practices implemented in Brazil by the Unified Health System, meditation has a leading role and is indicated for the treatment of physical, psychiatric and psychological disorders. This report describes an extension project carried out with professionals from the public health system in Ituiutaba-MG that aimed instrumentalize them in the Sahaja Yoga technique for the implementation of meditation in the workplace and community. For this, a course was elaborated and applied for a year, dealing with theoretical and practical approaches in the field of meditation using expository material and meditation sessions. The action disseminated the Sahaja Yoga technique and enabled health professionals to perform their work, thus promoting more quality of life and well-being to all those directly and indirectly involved.

Keywords: Meditation. Integrative and Complementary Practices. Quality of life.

INTRODUCCIÓN

La agitación, los sentimientos autodestructivos y la inseguridad son algunos de los muchos impases experimentados en el mundo. La hiperactividad, la ansiedad y la depresión están en constante crecimiento, favoreciendo la aparición de diversos trastornos psicosomáticos que afectan a diferentes grupos y edades. (ROCHA et al., 2010; VIANA & ANDRADE, 2012; LUCCHESI et al., 2014; LOPES et al., 2016). Por lo tanto, además de la medicina tradicional, se han buscado nuevas medidas terapéuticas para promover la salud física y mental. Recientemente, el Sistema Único de Salud (SUS) incluyó 29 Prácticas de Salud Integradoras y Complementarias (PICS), como yoga, meditación, acupuntura, aromaterapia, terapia de flores, homeopatía y medicamentos a base de hierbas, entre otros. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

La meditación permite reducir los niveles de estrés y ansiedad y aumenta la capacidad de adaptarse a situaciones estresantes, además de ayudar en la concentración y la atención, llevando al individuo a un profundo estado de paz interior, lo que le permite lograr el equilibrio entre el cuerpo, la mente y el espíritu (ver MENEZES & DELL'AGLIO, 2009). Además, la meditación puede ser utilizada en el tratamiento de una variedad de trastornos físicos, psiquiátricos y psicológicos (CHIESA & MALINOWSKI, 2011; HENDRIKS, 2018), contribuyendo al tratamiento de enfermedades no transmisibles, problemas de humor y autoestima, mejorando la calidad de vida en general (CASTRO et al., 2009; MENEZES & DELL'AGLIO, 2009; CARDOSO, 2011; CHUNG et al., 2012).

En la búsqueda de tratamientos no convencionales para los problemas antes mencionados, la meditación gana protagonismo ya que se trata de una práctica de relajación auxiliar que, junto con otros PICS, está regulada por el Ministerio de Salud para su uso en el SUS a través de las Ordenanzas n° 971/2006 y 849/2017 (BRASIL, 2006; 2017).

La meditación evoca una respuesta de relajación que es exactamente lo contrario de la respuesta provocada por el estrés. De esta manera, ayuda al individuo, protegiéndolo y reequilibrándolo tanto en el aspecto físico como mental (BENSON, 1995). La meditación, además de los beneficios para la salud en general y la prevención de enfermedades causadas por el estrés, puede entrenar la capacidad de enfocar la atención y reducir las distracciones, al tiempo que contribuye con la concentración y relajación (ACARYA, 1995). Por lo tanto, algunos estudios han presentado la meditación con un gran propósito terapéutico y preventivo, que no es una práctica indicada solo para la satisfacción mística de sus seguidores más espirituales (CASTRO et al., 2009; MENEZES & DELL'AGLIO, 2009; DENARDO, 2013).

Vale la pena mencionar que la meditación es una práctica sin restricciones de edad, género, creencia o etnia. Con esto en mente, el público objetivo de este proyecto fueron los profesionales de la salud que ayudan a la población de edad avanzada; Dado que la vejez es un período de vida con una alta prevalencia de enfermedades crónicas, limitaciones físicas, pérdidas cognitivas, sin-

tomas depresivos, deterioro sensorial, accidentes y aislamiento social (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005; FREIRE & CALÁBRIA, 2019; SILVA; DE REZENDE & CALÁBRIA, 2019).

El método de meditación que se ha aplicado en esta actividad se llama Sahaja Yoga. Es una técnica fácil de aprender que permite al participante experimentar el estado de 'conciencia sin pensamientos', manteniendo la mente totalmente alerta y en el presente, lo que se debe al despertar de una sutil energía interna, llamada Kundalini, en sánscrito. (SAHAJA YOGA, 2018). Sahaja Yoga fue desarrollado en 1970 por el Maestro Espiritual ShriMatajiNirmala Devi, el primero en la historia en promover la "Realización del Ser" en masa. Se ha observado que la presencia física de ShriMataji, por sí misma, es el catalizador necesario para el despertar del Kundalini. La "Realización del Ser" le permite al participante ir más allá de los pensamientos turbulentos de la vida cotidiana, trayendo así una tranquilidad interior, que cuanto mayor es el tiempo de este silencio interior, mayores son los beneficios obtenidos (SAHAJA YOGA, 2018).

Según estudios realizados por Mishra; Barras; Barone (1993), Morgan (1999) y Hernández et al. (2016), la meditación Sahaja Yoga reduce el estrés y promueve cambios en las respuestas neuronales responsables de la atención, el autocontrol, la compasión, la percepción interoceptiva, el descanso y la relajación, lo que conduce a una disminución de las frecuencias cardíacas y respiratorias en comparación con otra práctica meditativa, además de tener un efecto terapéutico beneficioso sobre los síntomas de depresión y ansiedad.

Dicho esto, este informe de experiencia aborda las prácticas y estrategias utilizadas por el Proyecto de Extensión "SAHAJA YOGA: la meditación como práctica integradora y complementaria en SUS, Ituiutaba/MG", así como también señala los resultados obtenidos, destacando las perspectivas y contribuciones al público involucrado en el proyecto. Esto proporcionó la instrumentalización y difusión de la práctica meditativa Sahaja Yoga entre los profesionales de la salud de las Unidades Básicas de Salud Familiar de Ituiutaba/MG.

El objetivo de este proyecto fue la implementación de la meditación en el sistema de salud pública del municipio para promover la salud y mejorar la calidad de vida de la población de edad avanzada que recibe la intervención. La difusión gratuita de la meditación y la capacitación de profesionales de la salud cumplen con las recomendaciones de PICS en SUS, ya que hacen que el profesional pueda implementarla.

DESAROLLO

El Proyecto de Extensión "SAHAJA YOGA: la meditación como práctica integradora y complementaria en SUS, Ituiutaba / MG" fue registrado en el Sistema de Información de Extensión de la Universidad Federal de Uberlândia (UFU) con el número SIEX 17742, que se desarrolló en el periodo de agosto de 2018 a agosto de 2019 a través de una asociación con la Secretaría Municipal

de Salud del municipio de Ituiutaba/MG, que permitió a cinco profesionales de la salud pública participar en el curso de capacitación en meditación ofrecido en la acción.

El curso se realizó en el Campus Pontal de la Universidad Federal de Uberlândia y se dividió en cinco módulos. Como método, se usaron slides y datashow, círculos de conversación y prácticas de meditación Sahaja Yoga aplicadas para el cumplimiento (Figura 1A). El contenido de los módulos se organizó de la siguiente manera: Módulo 1: contenido teórico introductorio sobre los chakras, canales y Kundalini; Módulo 2: presentación de artículos científicos sobre los beneficios de la técnica y visita de un grupo que practica meditación para exponer sus experiencias con la meditación Sahaja Yoga, con informes y videos sobre sus experiencias; Módulo 3 - musicalización, mantras y deidades; Módulo 4 - actividades prácticas para integrar contenido teórico; y Módulo 5: actividad monitoreada para cumplir con la sesión de meditación y la evaluación del curso. en cada módulo teórico también foram se realizó prácticas de meditación guiada y, al final, se abrió un espacio para responder preguntas y debatir. Se elaboró un folleto con los conceptos teóricos y con la secuencia de módulos para guiar a los profesionales de la salud durante la acción.



Figura 1- Imágenes de la acción de extensión. (A) Presentación de uno de los módulos del curso; (B) Modelo del póster para la difusión de la aplicación de la meditación por profesionales de la salud; (C) Presentación de los conceptos básicos de la meditación Sahaja Yoga por parte del profesional de la salud; (D) Taller de meditación impartido por el profesional de la salud, como actividad evaluativa. Fuente: archivo personal.

Además de los módulos cara a cara, se creó un canal de comunicación en línea en el que los profesionales de la salud tuvieron la oportunidad de entrenar

la meditación.

Al final del curso, los profesionales de la salud recibieron un certificado de participación que indica la carga de trabajo total de 50 (cincuenta) horas, que son 30 (treinta) horas teóricas y 20 (veinte) horas prácticas.

Los profesionales de la salud involucrados en la acción fueron evaluados aplicando meditación a la comunidad externa (Figuras 1B y 1C). Para esto, la sesión de meditación se publicó en las Unidades de Salud y en la Universidad Federal de Uberlândia. El registro para la sesión se realizó por correo electrónico o por teléfono (Figura 1D).

La principal limitación de la acción fue el día establecido para la realización de los módulos. Dado que las reuniones sucedieron los sábados por la mañana, algunos profesionales de la salud ayudaban a la comunidad el mismo día y hora, lo que dificulta la permanencia en el curso.

CONSIDERACIONES FINALES

El proyecto de extensión "SAHAJA YOGA: la meditación como práctica integradora y complementaria en SUS, Ituiutaba/MG" permitió un canal directo de comunicación entre la Universidad y las agencias públicas, principalmente las Unidades de Salud en el municipio de Ituiutaba/MG, ayudando a profesionales de la salud para implementar la meditación de forma gratuita para la población en general, especialmente para la comunidad de ancianos.

A extensão universitária exerce papel fundamental na formação dos estudantes por possibilitar a vivência de experiências novas fora do campo escolar formal, com a aquisição de conhecimentos em que não se encontram na literatura, mas na práxis da profissão. Além disso, a extensão universitária reforça e permite a integração do tripé ensino-pesquisa-extensão, bem como a troca de experiências com a comunidade promovendo enriquecimento informacional e cultural, garantindo o bem-estar social.

La existencia del canal de comunicación en línea hizo posible no solo las prácticas diarias de meditación durante la acción, sino también después de su finalización. Los miembros se mantienen en el grupo, para que puedan seguir las meditaciones diarias y se comparten nuevos materiales, así como el mantenimiento del contacto para discutir dudas, compartir conocimientos y hacer cualquier consideración con respecto al tema.

Finalmente, se considera que el conocimiento de la meditación Sahaja Yoga empodera a la comunidad en su autocuidado, ayudando a prevenir varios desequilibrios físicos y emocionales.

Fecha de envío: 21/02/2020

Fecha de aprobación: 10/06/2020

REFERENCIAS

ÁCÁRYÁ, A. A. Yoga para a saúde. Publicações Ananda Marga, 1995.

BENSON, H. A resposta do relaxamento. Rio de Janeiro: Record, 1995. 184p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prto849_28_03_2017.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, 03 de maio de 2006. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prto971_03_05_2006.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

CARDOSO, R. Medicina e meditação: um médico ensina a meditar. 3ª ed. São Paulo: MG Editores, 2011. 152p.

CASTRO, J. C. et al. Níveis de qualidade de vida em idosas ativas praticantes de dança, musculação e meditação. Rev Bras Geriatr Gerontol, v. 12, n. 2, p. 255-265, 2009.

CHIESA, A.; MALINOWISKI, P. Mindfulness-based approaches: Are they all the same? J Clin Psychol, v. 67, n. 4, p. 404-424, 2011.

CHUNG, S. S. et al. Effect of Sahaja Yoga meditation on quality of life, anxiety, and blood pressure control. J Altern Complement Med, v.18, n. 6, p. 589-596, 2012.

DENARDO, T. A. G. B. Análise da prática de meditação em duas escolas do município de Rio Claro - SP. 2013. 81 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118865/000777255.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

FREIRE, V.A.F.; CALÁBRIA, L.K. Perfis socioeconômico, demográfico, de saúde e alimentar de idosos de Ituiutaba/MG. POBS, v. 9, n. 30, p. 24-37, 2019.

HENDRIKS, T. The effects of Sahaja Yoga meditation on mental health: a systematic review. J Altern Complement Med, v.15, n.3, 2018.

HERNÁNDEZ, S. E. Increased Grey Matter Associated with LongTerm Sahaja Yoga Meditation: A Voxel-Based Morphometry Study. PLoS ONE, v. 11, n. 3, e0150757, 2016.

LOPES, C. S. et al. ERICA: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. *Rev Saude Publica*, v. 50, supl. 1, p. 1-14s, 2016.

LUCCHESI, R. et al. Prevalência de transtorno mental comum na atenção primária. *Acta Paul Enferm*, v. 27, n. 3, p. 200-207, 2014.

MENEZES, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Os Efeitos da meditação à luz da investigação científica em psicologia: revisão de literatura. *Psicol Ciênc Prof*, v. 29, n. 2, p. 276-289, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Práticas Integrativas e Complementares (PICS): quais são e para que servem. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

MISHRA, R.; BARLAS, C.; BARONE, D. Plasma beta-endorphin levels in humans: effect os Sahaja Yoga, 1993. Trabalho apresentado em "Medical Aspects of Sahaja Yoga", New Delhi India, 1993. Não publicado.

MORGAN, A. Sahaja Yoga: An ancient path to modern mental health? 1999. 126 f. Tese (Doutorado – Psicologia Clínica) – Universidade de Plymouth, Faculdade de Ciências Humanas, 1999. Disponível em: <<https://pearl.plymouth.ac.uk/bitstream/handle/10026.1/1969/ADAM%20MORGAN.PDF?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessado em: 20 fev. 2020.

ROCHA, S. V. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns entre residentes em áreas urbanas de Feira de Santana, Bahia. *Rev Bras Epidemiol*, v. 13, n. 4, p. 630-640, 2010.

SAHAJA YOGA. Shri Mataji Nirmala Devi. 2018. Disponível em: <<http://www.sahajayoga.org.br>>. Acesso em: 25 abril 2019.

SILVA, E. O.; REZENDE, A. A. A.; Calábria, L. K. Aspectos socioeconômicos e eventos de queda entre idosos atendidos no sistema público de saúde. *Rev Bras Prom Saúde*, v. 32, 2019.

VIANA, M. C.; ANDRADE, L. H. Lifetime prevalence, age and gender distribution and age-ofonset of psychiatric disorders in the São Paulo Metropolitan Area, Brazil: Results from the São Paulo megacity mental health survey. *Rev Bras Psiquiatr*, v. 34, n. 3, p. 249-260, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.



Vozes da história: reflexões interdisciplinares sobre a criação de programas para a rádio universitária

Voices of history: interdisciplinary reflections on creation of programs for university radio

Elaine Leonara de Vargas Sodré

Doutora em História

Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
elainevsodre@gmail.com

Fernanda Valim

Doutora em Letras

Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
fernanda.v.c.mig@gmail.com

Rogério Pereira de Arruda

Doutor em História

Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
rogerio.arruda@ufvjm.edu.br

RESUMO

O texto apresenta um relato de experiência sobre a realização do projeto de extensão "Vozes da história: contar, ouvir, refletir – lembranças e esquecimentos da história em diferentes tempos e espaços", realizado em 2019 na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Diamantina (MG). O projeto foi construído e desenvolvido por professores e estudantes dos cursos de Licenciaturas em História e Letras com o objetivo de fomentar discussões interdisciplinares entre a história da cidade e da região, a música, a prosa, a poesia e a importância do rádio como veículo de formação, educação e entretenimento. Os resultados discutem os aprendizados e desafios encontrados pelo grupo na construção de programas para veiculação pela Rádio Universitária 99,7 FM e sua final readequação para divulgação no formato da web rádio ou outro meio da internet, através da criação de *podcasts*.

Palavras-chave: Rádio. Diamantina. Comunidade Universitária. Viajantes. Podcast.

ABSTRACT

This article discuss the results of a community project called "Voices of history: telling, listening, reflecting – memories and forgetfulness of history in different times and spaces", developed over the year 2019 at the Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), in the city of Diamantina, state of Minas Gerais, Brazil. Conceived and developed alongside undergraduate students in History and Letters, the project aims at fostering interdisciplinary discussions between local and regional histories, music, prose and poetry. It also sheds light on the importance of radio as a vehicle for vocational training, education and entertainment. Our results reveal the acquaintances and challenges encountered by the group in the production process of radio spots to be broadcasted by Rádio Universitária 99,7 FM, and later adjustments for the web format such as podcasts.

Keywords: Radio. city of Diamantina. University Community. Travelers. Podcasts.

INTRODUÇÃO

O projeto "Vozes da História: contar, ouvir, refletir – lembranças e esquecimentos da história em diferentes tempos e espaços" tem sua origem vinculada às atividades da disciplina "História do Brasil" da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Um projeto de Prática como Componente Curricular (PCC) foi implantado a partir de um diálogo interdisciplinar com o campo da Comunicação Social, especificamente com a mídia rádio. A opção fundamentou-se pela existência da Rádio Universitária 99,7 FM¹ no Campus de Diamantina e em sua ampla circulação na cidade e região, mas, especialmente, na sua potencialidade educativa. A possibilidade de poder explorar o rádio como tecnologia na educação abria-se como um caminho para dar significado ao fazer por ele proporcionado, e viabilizar-se como prática associada ao processo de ensino aprendizagem (FREIRE, 2012). A parceria com a Rádio resultou na criação de um programa radiofônico produzido pela turma a partir dos conteúdos trabalhados em aula, o qual foi ao ar em três temporadas: ao longo do segundo semestre de 2018 e durante o ano de 2019. Na ocasião, optou-se pelo uso da pilula ou programete, que é um formato jornalístico reduzido, caracterizado por ser de curta emissão (PASSINI LUCHT, 2009).

A experiência acumulada com essa iniciativa motivou sua apresentação, em uma versão ampliada, como projeto de extensão². Assim, o "Vozes da História" foi mantido como PCC no interior das disciplinas de História do Brasil, mas redimensionado como uma espécie de projeto guarda-chuva para abrigar outras possíveis iniciativas. A ampliação do projeto criou uma oportunidade para reunir professores e estudantes das áreas de História e Letras, que tinham em sua trajetória alguma formação ou interesse pela área de Comunicação Social, para colocar em prática um trabalho interdisciplinar de pesquisa, produção e divulgação científica através da criação de dois programas para a Rádio Universitária.

O primeiro deles, intitulado *Por ser de lá...*, foi idealizado para conhecermos melhor e qualitativamente a comunidade universitária, ou seja, um modo de conversar e entrevistar as pessoas – servidores e estudantes – que trabalham, vivenciam e constroem o dia-a-dia da instituição. O programa buscou dar visibilidade a este público interno, proporcionar seu autoconhecimento e contribuir para a construção de uma memória histórica. Lembramos que a UFVJM surgiu em 2005, a partir da ação do Ministério de Educação e Cultura por meio do REUNI³, que "representou a interiorização do ensino público superior no es-

1 Para evitar repetições, ao longo do texto, sempre que aparecer apenas "Rádio Universitária" ou "Rádio", refere-se a Rádio Universitária 99,7 FM.

2 Apresentado no edital PIBEX-Nº/2018 da PROEXC/UFVJM, aprovado e cadastrado no sistema SIGProj sob o número: 317028.1753.175450.19112018.

3 Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

tado de Minas Gerais"⁴. Este fato de relevância particular, embora condicione a expectativa de formação e qualificação dos habitantes desta região específica, não determina que a comunidade acadêmica seja, exclusivamente, dos vales. O segundo programa, intitulado Diamantina em histórias, versos e prosas, trazia como objetivo inicial fomentar entre o grupo e entre os ouvintes a discussão sobre a história de Diamantina e região, dando voz não apenas à comunidade acadêmica mas aos moradores locais por meio da divulgação de seus próprios saberes e conhecimentos de vida, na rememoração passada ou presente de histórias, causos, lendas, anedotas, poesias.

A ideia de explorar a comunicação radiofônica a partir de um projeto extensionista interdisciplinar surgiu por conta da existência da Rádio Universitária na instituição, que nos disponibilizava espaço de acesso e criação de programas experimentais de natureza informativa, cultural e de divulgação científica. Passamos então a estudar propostas viáveis, não apenas de se pensar a exequibilidade de colocarmos no ar esses programas, como de criarmos um grupo de estudos colaborativo para estudarmos sobre a origem do rádio e os principais desafios que se colocavam a partir daí. Tendo em vista, especialmente, que não éramos especialistas da área e que teríamos que, juntos, aprender a construir esses programas com todas suas complexidades.

A proposta do projeto parecia simples de ser posta em prática, mas apresentava muitos desafios que foram sendo compreendidos ao longo do processo efetivo de construção dos programas. A oportunidade de relatar essa experiência de formação contribui para fomentarmos a consciência crítica – entre a equipe do projeto, entre os ouvintes e leitores – sobre o poder do rádio como um importante instrumento educativo, o qual pode ser pensado com sensibilidade na busca por mudanças sociais e na divulgação do conhecimento popular em larga escala.

De maneira geral, nosso objetivo principal era o de produzir uma primeira temporada para esses dois programas de rádio, partindo sempre de um viés histórico-cultural, além de fomentar a colaboração interdisciplinar entre professores e estudantes sobre os temas explorados. Entre os desdobramentos desses objetivos de partida, destacamos outros mais, como os seguintes: a qualificação do grupo para os processos de produção, gravação, edição e circulação radiofônica; a popularização e a democratização da divulgação da ciência e da pesquisa acadêmica ao público externo à Academia; a valorização e divulgação da história de Diamantina e região, sua cultura oral, canções e saberes tradicionais da população; o estímulo à circulação de produções culturais; o estudo e a reflexão crítica sobre a história local e suas memórias; e a contribuição para a construção da identidade da comunidade universitária através do conhecimento do seu perfil.

4 Em 8 de setembro de 2005 foi publicada a Lei 11.173 no Diário Oficial da União, que transformou as Faculdades Federais Integradas de Diamantina em Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, cf. <http://portal.ufvjm.edu.br/a-universidade>. Acesso em 23 de abril 2017.

Conforme o calendário da Pró-reitora de Extensão e Cultura (PROEXC), as atividades do projeto tiveram início em março de 2019. O Edital Pibex disponibilizou ao projeto um aporte financeiro para aquisição de material de consumo e serviços, e o pagamento de bolsa a um discente⁵. Além disso, foi aberto processo seletivo para discentes voluntários que foram alternando-se ao longo do ano. Dessa forma, o projeto contou com uma equipe permanente, composta por três professores e o discente bolsista, sendo auxiliada por outros quatro, cinco ou seis voluntários. Ao longo do percurso, onze estudantes trabalharam como voluntários em rotatividade⁶.

Após esta breve apresentação do projeto e seus objetivos, estruturamos este nosso relato de experiência em duas partes: na primeira, discutimos brevemente a importância da comunicação radiofônica, apontando para o histórico de seu surgimento e finalizando com aspectos da linguagem do rádio e suas principais características técnicas; na segunda parte, focalizamos a execução do projeto, abordando a construção de cada um dos nossos programas de rádio, destacando as metodologias de trabalho empregadas, a participação do público pretendida, os episódios idealizados e elaborados pelo grupo, além do detalhamento sobre as gravações finais que foram ao ar pela Rádio Universitária.

Aspectos técnicos, linguagem e a comunicação radiofônica: breve histórico

A origem do rádio está fundamentalmente relacionada com as transformações nos meios de comunicação proporcionadas pelos desdobramentos da denominada segunda revolução industrial, entre 1850 e 1945. A descoberta das ondas do rádio ocorreu em 1883, e, juntamente com a utilização da energia elétrica proporcionou mudanças significativas no modo como as sociedades se comunicavam. Um dos fenômenos associados a esta segunda revolução industrial, conforme Dathein (2003, p.5), foi o surgimento de "uma produção em massa de bens padronizados" e a formação de um mercado de massas, principalmente nos Estados Unidos. Essa possibilidade de massificação da cultura – bastante explorada pelos estudiosos e pelas pesquisas interdisciplinares da Escola de Frankfurt através do termo indústria cultural – evidenciou o modo como os sistemas políticos e econômicos produziam bens culturais e mercadorias como estratégia de controle social, tendo em vista que grande parte desses veículos de comunicação de massa pertencia a determinadas empre-

5 O Edital financiou o valor de R\$ 717,00 para uso com material de consumo e serviço de terceiros, além de conceder uma bolsa no valor de R\$ 400,00 ao longo dos 12 meses de trabalho do bolsista selecionado.

6 Atuou como bolsista do discente Luis Carlos Lopes e na condição de voluntários Advaldo da Assunção Cardoso Filho, Ana Flávia Honório, Ana Júlia Fonseca, Arthur Benício de Oliveira Mello, Isabele Lima Vieira, Marcilio Carlos Ferreira Júnior, Rananda da Silva Farias, Tainah Emanuelle Santos Araújo, Victória Brenda Pereira, Vítor Hugo Araújo, Yasmim Moreira Martins.

sas, interessadas nos lucros e na manutenção do sistema econômico vigente. Os intelectuais deste grupo investigavam como a cultura pode ser utilizada na legitimação de determinados interesses da classe dominante. Os bens artísticos, na era da reprodutibilidade técnica, se tornaram produtos de fácil consumo não necessariamente comprometidos com a formação crítica dos cidadãos e do público consumidor em relação a manutenção do sistema de opressão capitalista, especialmente a partir do século XX. Como afirmam Theodor Adorno e Max Horkheimer no texto clássico *Dialética do Iluminismo*:

Filmes e rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que de propósito produzem. Filme e rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, s/p).

Adorno propõe que o público das mensagens e conteúdos divulgados pelos meios de comunicação seriam vítimas dessa indústria, responsável também pela padronização do gosto estético da população, induzindo o consumo de produtos de baixa qualidade. A cultura popular não estaria representada pela indústria cultural que, ao contrário, imporá às pessoas sua própria ideologia de controle do gosto e do valor. Por outro lado, como propôs Walter Benjamin, poderíamos gerar uma compreensão ambivalente desta mesma indústria ao reconhecermos a força de sua ação capitalista alienante, mas, ao mesmo tempo, seu potencial de democratização da arte. Entre os anos de 1927 e 1932, Benjamin (2015) produziu narrativas radiofônicas para crianças em um programa transmitido pelas emissoras de Berlim e Frankfurt, antecipando a compreensão de que os veículos de comunicação eram capazes de ampliar também o conhecimento para um número maior de pessoas, permitindo possibilidades não comerciais de acesso a essas mesmas ferramentas de produção cultural.

Benjamin, assim como os colegas da Escola, era um crítico da modernidade e dos valores de progresso, civilização e consumo, responsável, segundo ele, por roubar dos homens suas próprias experiências e sua própria história. O que é questionado aqui é também uma compreensão cientificista da história, na passagem do século XIX para o século XX, contada a partir do registro de documentos oficiais, criando a ideia de um passado julgado real por estar institucionalmente chancelado. Essa noção de imparcialidade, linearidade e de isenção no modo de lidar com os documentos e descrever os eventos históricos é questionada a partir da perspectiva da narrativa e da produção de memória. Importaria menos a história dos grandes feitos, aquela contada pela ótica dos vencedores e mais os "cacos" da história, o compartilhamento perdido das narrativas da experiência do cotidiano, que guardaria uma potência de reconexão do homem com a coletividade. Nesse sentido é que poderíamos, nos termos do autor, "escovar a história a contrapelo", trazendo os oprimidos e silen-

ciados para um lugar de protagonismo e as contradições ao debate. Relembrar essas narrativas sobre a vida cotidiana nos programas de rádio para as crianças (BENJAMIN, 2015) nos inspirou também, de alguma maneira, a pensar formas críticas e educativas de construção de nossos próprios programas, no potencial educativo e profundamente formativo que o rádio pode assumir.

O Brasil conheceu o rádio na década de 1920, notadamente em 07 de setembro de 1922, quando ocorreu a primeira transmissão no país, no contexto de celebração dos cem anos da independência. Como primeira programação, o público ouviu o discurso do presidente Epitácio Pessoa e a ópera *O Guarany*, de Carlos Gomes, encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (AZEVEDO, 2002, p. 48). Segundo Lia Calabre (2005, p. 2), nos anos 1930 houve um processo de profissionalização das emissoras, com a busca da obtenção de lucros. Já nos anos 1940, as emissoras já tinham se transformado em empresas lucrativas, com o rádio desempenhando papel importante no cotidiano da sociedade brasileira.

O rádio desempenhou um papel significativo no dia a dia do país, pois ele se transformou em um meio de interação social na medida em que transmitia informações internas e de diversas partes do mundo, promovia a comunicação entre o campo e a cidade e possibilitava a criação de elos com realidades e sujeitos situados em diferentes espaços. Para Lia Calabre (2005, p.8), "as transmissões em ondas curtas aliadas à retransmissão de programas dos grandes centros para as cidades do interior criavam referências culturais comuns a todo o país". Os anos de ouro do rádio marcaram profundamente a sociedade brasileira. Nas décadas de 1930, 1940 e 1950 o rádio foi o principal veículo de comunicação, exercendo forte influência na vida das pessoas. De acordo com Meneguel e Oliveira (s/d, p.2), sua força pode ser vislumbrada na capacidade de "criar modas, inovar estilos e inventar práticas cotidianas." Essa potência se manifestou nas radionovelas e nos programas de auditório, fossem eles humorísticos, de variedades ou de calouros. Assim, o rádio, "além da divulgação de manifestações artísticas, mantinha as pessoas informadas e integradas, superando os limites físicos. O rádio trazia o mundo para dentro de casa." (ME-NEGUEL E OLIVEIRA, s/d, p. 2)

Nos anos 1950, o rádio foi impactado com o surgimento da televisão. Muitos apostaram no seu fim, mas ao contrário disso, o rádio permaneceu presente no cotidiano do país. No entanto, passou por significativas transformações. Os meados da década de 1950 indicam o fim de uma era na história do rádio, mas não significam sua extinção. A mudança tecnológica levou a uma reordenação do mercado tanto no que tange à questão empresarial como a que se refere ao público consumidor.

O surgimento da internet nos anos 1990 também foi outra mudança tecnológica que impactou o rádio. Todavia, se por um lado outras ferramentas surgiram proporcionando novas formas de interação social, hipoteticamente diminuindo a importância do rádio, por outro lado, ele ampliou sua abrangência ao romper com as fronteiras até então impostas pela questão tecnológica. Além da questão cultural e comportamental, é necessário destacar a utilização

do rádio como instrumento político, questão essa que fica evidenciada com alguns exemplos referentes a sua instrumentalização pelo Estado Novo (1937-1945) ou na sua utilização, em 1961, com a criação da rede da legalidade para defender a posse do vice-presidente João Goulart na presidência do país. Tais exemplos demonstram a capacidade do rádio para “formar opiniões e mobilizar a sociedade em prol de determinados interesses” (MENEGUEL & OLIVEIRA, s/d, p. 1). Se hoje em dia o rádio não desempenha mais o papel que cumpriu nas décadas anteriores, ainda assim ele permanece com um importante veículo de informação e comunicação de massa. Como destaca Lia Calabre (2005, p. 4), o rádio tanto constrói quanto explicita práticas culturais. Desse modo, pode-se afirmar que ele continua a exercer um papel na interação social, na construção das identidades em pleno século XXI.

Junto a este histórico do rádio como meio de comunicação de massa, discutimos alguns aspectos referentes à linguagem radiofônica e suas características técnicas a partir da abordagem de Luiz Ferraretto (2001), quem nos fornece uma visão ampla do assunto. Nosso propósito foi o de pontuar algumas características definidoras da mídia com a qual trabalharíamos. Dentre os principais pontos discutidos pela equipe do projeto, a partir da leitura referenciada, destacamos os seguintes: 1. A caracterização do rádio como um meio de comunicação de massa, com audiência ampla, anônima e heterogênea; 2. O amparo da linguagem radiofônica no uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio; 3. A natureza mensagem emitida, que se caracteriza pela média de gosto e pela instantaneidade; 4. A necessidade da clareza, da concisão e precisão do discurso radiofônico, levando-se em conta o repertório do seu público alvo; 5. A atenção ao ato de escuta, ou seja, a compreensão sobre a existência de ouvintes ativos do outro lado da escuta, o que indicaria atenção, intencionalidade de escuta, compreensão e atitude responsiva na assimilação da mensagem; 6. Ainda em relação à recepção da mensagem, a percepção sobre a simultaneidade da mensagem radiofônica e de seu baixo retorno, já que o receptor não pode responder de forma imediata, em sentido contrário; 7. A compreensão sobre a existência do recolhimento de recursos financeiros a partir da venda de espaço comercial para que uma rádio comercial sobreviva, embora a Rádio Universitária se afaste desta proposta.

Dessas características, concluímos que poderíamos apenas ser responsáveis pela elaboração de um conteúdo e colocá-lo, não sem um considerável esforço, em linguagem radiofônica. Contudo, fogia a nosso domínio a forma que o programa tomaria após atravessar as ondas do rádio ou da internet, especialmente tendo em vista que a recepção, neste caso, estaria fora do controle do produtor. Assim, munidos de muitas incertezas, passamos à construção dos programas.

2. Execução do projeto: a parceria com a rádio e a criação dos programas

Na execução do projeto, as atividades correram de forma concomitante, o que envolveu a discussão teórico-metodológica, descrita acima. O primeiro mês de trabalho constituiu-se basicamente de reuniões entre nós e a equipe técnica da Rádio. Em um primeiro momento, as discussões giravam em torno da formatação de cada um dos programas. Uma vez que estavam previstos dois diferentes, a coordenação da Rádio sugeriu que ouvíssemos outros em vigência naquele momento, já que poderiam servir de referência inicial. Quanto aos de maior duração, veiculados por eles e que poderiam inspirar o *Diamantina em histórias, versos e prosas*, foram citados o *Boca a boca*, o *Pé na Estrada* e o *Buena Onda*, todos eles semanais, com cerca de uma hora de duração. A partir daí, nos foi sugerido que adotássemos a média de 30 minutos para os programas, organizando-os em blocos ou quadros. Posteriormente, acabamos por optar pela divisão em quatro blocos diversificados, interligados por músicas.

Para balizar o *Por ser de lá...*, foram citados outros programas institucionais, como o *Se liga no Campo*, o *Minuto do Agricultor* e o *Rádio Clima*. Como o *Por ser de lá...* seria o primeiro a ir ao ar e se basearia em entrevistas, foi destacada a necessidade da elaboração de um roteiro, com a inclusão de perguntas que motivassem o entrevistado a mencionar seu vínculo com a universidade e a cidade de Diamantina. Inicialmente, o formato de pilula pareceu o mais adequado, principalmente devido à experiência prévia de parte dos integrantes do projeto. Após as primeiras entrevistas, essa ideia inicial foi modificada em função da avaliação feita pela coordenação da Rádio. Diante do material encaminhado, o parecer técnico sugeriu a criação de um programa de aproximadamente 15 minutos, com veiculação de duas vezes por semana e edição mínima para manter, na medida do possível, a sequência de fala dos entrevistados. Idealmente, cada um teria a inclusão de duas entrevistas.

Ainda nas reuniões iniciais, a coordenação da Rádio chamou atenção para a necessidade de algumas definições importantes: pensar a existência de uma identidade sonora; definir qual seria a forma mais adequada de fazer as entrevistas, se dentro ou fora do estúdio; decidir sobre o parâmetro e tipo de edição; definir se as entrevistas seriam exibidas na íntegra ou com cortes; resolver a maneira de inserção das músicas, poemas e anedotas; e decidir a inclusão do número de entrevistados em cada caso. Alertou-se para o fato de que quando o material estivesse pronto para ser gravado haveria a necessidade de fazer a "cama" do programa, ou seja, gravar a abertura, com título e *slogan*, e a assinatura, que seria o encerramento, com a menção ao projeto e respectivos parceiros. Essa abertura se repetiria sempre em todos os programas, sustentando sua identidade.

Ao mesmo tempo, a equipe reunia-se para discussões bibliográficas e para, entre diversos objetivos, criar uma identidade visual. A finalidade era a de ter uma marca para divulgar o projeto e os programas nas mídias sociais

que também foram criadas, a saber, páginas em *Facebook e Instagram*. Desse trabalho, surgiram três logomarcas confeccionadas pelos alunos:



Figura 1 – Logomarcas do projeto e dos programas.
Fonte: acervo do projeto.

2.1 O programa *Por ser de lá...*

O trabalho foi desenvolvido em quatro etapas. Inicialmente, definiu-se o público do programa: todo e qualquer indivíduo que tivesse vínculo com a UFVJM. Tendo ciência da amplitude em relação ao número possível de entrevistas, objetivou-se elaborar um roteiro igualmente amplo. Assim surgiu o roteiro prévio de entrevistas, que não se tratava de perguntas fechadas, mas de questionamentos mais amplos que buscavam saber sobre as origens do entrevistado, quem era e de onde vinha, e qual sua relação com a UFVJM. Em termos jornalísticos, podemos dizer que esta etapa consistiu na produção de uma pauta que seria completada na fase seguinte.

O objetivo das entrevistas era que elas fossem o mais próximo possível de uma conversa informal, mas tendo em vista os três tópicos principais do roteiro. O primeiro era a identificação com perguntas tais como: Você poderia se identificar, por gentileza? De qual cidade você vem? Onde fica localizada? Fale um pouco sobre essa cidade. Após a apresentação, o objetivo era saber qual a relação do entrevistado com a UFVM. Para isso, lançamos mão de algumas perguntas norteadoras, como: Qual o vínculo com a Universidade? Está aqui há quanto tempo? Qual curso você faz? Qual é a sua área de formação? Desde quando você está aqui na universidade? Por que escolheu a UFVJM para trabalhar ou estudar? Conte-nos uma experiência marcante que teve aqui na Universidade? Em poucas palavras, o que a UFVJM representa para você? dentre outras. Finalmente, o terceiro objetivo era trazer as origens do entrevistado para a conversa, por isso o encerramento era a solicitação de que contasse

algo sobre seu lugar de origem. Para isso havia também um conjunto de questões: Conte uma anedota da sua cidade pra gente; Conte uma história singular da sua cidade pra gente; Conte uma situação curiosa que você passou aqui em Diamantina; Cante ou conte pra gente a música que você mais gosta; Peça uma música que você gosta; Declame para nossos ouvintes uma poesia de sua preferência. Desse conjunto, davam-se duas ou três opções para o entrevistado.



Figuras 2, 3, 4, 5 – Discentes Rananda Farias e Vítor Hugo, voluntários do projeto, realizando entrevistas. Fonte: acervo do projeto.

A segunda etapa consistiu na realização das entrevistas. Mas antes de partir para prática do trabalho, foram feitos testes para as gravações, tanto com minigravadores, quanto com telefone celular. Os resultados de som foram semelhantes. Sendo assim optou-se por usar os dois tipos de aparelhos. Nenhum deles era perfeito, pois ruídos secundários sempre eram capturados. Aspecto este que dificultou, à frente, a seleção das entrevistas viáveis tecnicamente para serem utilizadas nos programas. Com o roteiro em mãos, a fase seguinte seria entrevistar a comunidade acadêmica.

A realização das entrevistas (Figuras 2 a 5) proporcionou encontros fundamentais, configurando-se a última etapa da produção ou apuração de materiais para o programa. Elas foram realizadas no campus JK da UFVJM, em sua maioria, durante a realização da VII Semana de Integração: Ensino, Pesquisa e Extensão (Sintegra), entre os dias 5 e 8 de junho de 2019. Previamente, todos os convidados e abordados foram informados de que as entrevistas eram realizadas pelo projeto de extensão e que o seu conteúdo, parcial ou totalmente, faria parte de um programa, futuramente veiculado pela Rádio Universitária. Assim,

antes de iniciar a entrevista propriamente dita, ou ao seu final, o entrevistado recebia um termo de cessão e devolvia, preferencialmente, no mesmo momento, preenchido e assinado.

A terceira etapa, de redação dos programas, foi precedida pela escuta de todos os áudios, o que nos colocou em contato com diversas histórias, nos cabendo escolher e aproximar relatos com pontos em comum. Em termos jornalísticos, este foi o momento de elaboração de roteiros para os programas. Dessa etapa também participaram professores e discentes. Para tal, a escolha metodológica foi a elaboração de roteiros prévios que, no geral, tinham a seguinte estrutura: a) locução 1, apresentação do episódio; b) entrevista 1; c) locução 2, apresentação da entrevista 2; d) entrevista 2; e) locução de encerramento do episódio. Ao final de cada entrevista havia a inserção de um poema declamado pelo entrevistado, ou música pedida por ele ou escolhida pelos redatores do episódio. A sonoplastia criada para cada programa elegia elementos sonoros a partir dos temas pedidos por eles. A regra geral para construção dos roteiros foi a realização de trabalhos em dupla, normalmente proposto pelos discentes e supervisionado por um dos professores do grupo. Após o episódio estar concluído, com entrevistas definidas, roteirizado e revisado, passava-se à etapa seguinte.

Antes de abordar a quarta etapa, cabe ressaltar que foram elaboradas e gravadas as vinhetas de apresentação e fechamento do programa as quais deveriam transmitir a sua identidade. Apesar de resultar em poucos minutos de gravação, não foi um processo simples; várias frases escritas e reescritas, lidas e relidas, gravadas e regravadas com diferentes entonações até que tivéssemos o produto final. O locutor foi o discente voluntário Vítor Hugo e optou-se por usar, como melodia, a canção "Lamento Sertanejo", de autoria de Dominginhos e Gilberto Gil, cuja primeira estrofe foi usada como inspiração para o programa. Foi utilizada a parte instrumental inicial e o trecho que diz "por ser de lá do sertão, lá do cerrado..." para acompanhar a fala do narrador que na abertura apresenta: "Por ser de lá... identidades e pertencimentos. Histórias compartilhadas da comunidade universitária UFVJM". No encerramento, novamente o trecho da música e a seguinte fala final: "Você ouviu Por Ser de Lá... um programa do projeto de extensão Vozes da História. Realização dos cursos de História, Letras e mestrado em Ciências Humanas da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Produção e veiculação Rádio Universitária 99,7FM". A "cama", de fato, conseguiu incorporar a identidade do programa, tanto na voz do locutor, quando dizia "Por ser de lá...", quanto na música "por ser de lá do...", o objetivo foi realmente enfatizar o título do programa.

Na quarta etapa, a gravação em estúdio, os roteiros foram lidos por seus respectivos locutores, se revelando um momento especial da troca colaborativa, na medida em que pessoas com formações distintas se reuniram para construir um produto que expressava suas habilidades e conhecimentos. Essa etapa, em linhas gerais, pode ser descrita da seguinte forma: as locuções dos roteiros foram gravadas nos estúdios da Rádio e editadas pelos técnicos da emissora. Na edição, juntavam-se à locução as entrevistas e as melodias se-

leccionadas em cada caso. Os episódios, como esperado, tiveram cada um sua própria forma: a identidade era adquirida conforme elementos comuns. Vamos citar alguns exemplos a título de ilustração: o programa número 5, para o qual selecionamos as entrevistas de duas discentes residentes em Diamantina, fazendo com que a identidade do episódio fosse o "por ser daqui". A locução introdutória destacava que, naquele momento, estávamos refletindo um "por ser de lá, próximo", culminava o tom de cores locais, em função de uma das entrevistadas ter solicitado a música "Beco do Mota", de Milton Nascimento, com menção direta à cidade. Assim, ao longo do episódio, foram inseridos trechos dessa melodia. Esse episódio é um bom exemplo de como foi possível manter dois elementos de identidade, visto que a primeira entrevistada declamou uma poesia. Os episódios 6 e 9 enfocaram um "por ser de lá mais distante", no segundo, enfatizamos a presença de um discente vindo do campus de Teófilo Otoni, ressaltando que a UFVJM é mais que o campus de Diamantina. Enquanto no episódio número 6 o destaque foram os discentes que fizeram intercâmbio. Nesse caso, nossa fala foi apenas frisar o que os discentes já diziam: a importância de, através da UFVJM, terem alcançado um "por ser de lá" internacional. O episódio número 9 tinha ainda um segundo elemento em comum (situação rara): ambos os entrevistados haviam indicado a música "Tempo perdido", da Legião Urbana. Assim, parte da melodia esteve presente ao longo do episódio e também no seu fechamento.

Após essas quatro etapas, o trabalho coube à equipe técnica da Rádio e consistiu na edição dos programas gravados, quando houve a necessidade de eliminação de ruídos indesejáveis nas entrevistas, nos cortes de trechos desnecessários aos propósitos do programa e na adequação ao tempo de veiculação, bem como na realização do trabalho de sonoplastia. Após todas estas etapas, os programas estavam disponíveis para veiculação. Dessa forma, foram redigidos, gravados, editados e produzidos os dez primeiros episódios. Foram ao ar semanalmente, sempre às quartas-feiras pela manhã, com reprise no mesmo dia à tarde. Enquanto os primeiros programas eram veiculados, começamos a elaboração de mais sete episódios os quais contabilizariam o total da primeira temporada. A metodologia empregada foi a mesma. Contudo, quando o conjunto dos novos episódios estava com seus roteiros finalizados, prontos para gravação e edição, recebemos a notícia inesperada sobre o fechamento da Rádio Universitária.

2.2 O programa *Diamantina em histórias, versos e prosas*

No início do segundo semestre de 2019, concomitantemente à elaboração do *Por se de lá...*, trabalhamos também na criação do *Diamantina em histórias, versos e prosas*. Este programa foi pensado para apresentar reflexões sobre a história de Diamantina e região através das vozes de moradores da cidade, pesquisadores, servidores e estudantes da UFVJM. Com ele, pretendia-se que

todos pudessem compartilhar seus conhecimentos sobre a história da cidade, fosse uma lenda, uma anedota, uma poesia, um resultado de pesquisa. Os conteúdos poderiam se referir ao tempo presente ou ao passado da cidade e foi esse o nosso ponto de partida.

Para viabilizar a criação do programa, após muitas discussões, criamos uma estrutura prévia que serviria de base para a redação do primeiro roteiro. Nesse sentido, foram propostos quatro blocos. Houve certo consenso somente em relação ao primeiro, que ficou intitulado "Folhetim do Tejuco". Este trataria de temas do presente ou do passado da cidade, a partir de uma fonte histórica. O segundo, sem título definido, seria um espaço para tratar de cultura e saberes populares por meio de estratégias comunicativas diferenciadas. O terceiro traria entrevistas para abordar temas referentes à história, à literatura e à arte. O quarto seria nossa "Caixinha de música", no qual haveria o comentário de uma música, abordando questões estéticas, de autoria, de contexto de surgimento etc. Entre os blocos, haveria uma canção para fazer a interligação entre esses. Entre o primeiro e o segundo, e entre o segundo e o terceiro, haveria uma música de curta duração ou apenas um trecho dessa; entre o terceiro e o quarto bloco, uma música de maior duração, que seria o tema do "Caixinha de Música".

Como forma de dar início à elaboração dos roteiros houve a proposta de definir como temática a presença dos viajantes estrangeiros no Brasil do século XIX. A partir desse tema, construiríamos os primeiros quatro programas da primeira temporada, que contemplaria um mês de veiculação. Diante disso, foram definidas algumas leituras para subsidiar o trabalho da equipe do projeto. Os estudos compreenderam a obras de Saint-Hilaire (2000, 2004), Richard Burton (1977), George Gardner (1942), J. Mawe (1978), Augusto de Lima Júnior (1978), Mata Machado Filho (1980), Joaquim Felício dos Santos (1976) e Spix & Martius (1938). Após alguns debates, a ideia inicial de fazer um mês dedicado aos viajantes foi reestruturada para se trabalhar temáticas presentes nos relatos as quais pudessem dar elementos para a criação dos programas. Além disso, verificou-se a necessidade de ampliar a pesquisa bibliográfica e de fontes para subsidiar a redação de cada programa. Diante das leituras realizadas e das discussões sobre os conteúdos a serem tratados, elaboramos uma lista de temas que seriam abordados em cada programa: na área econômica, assuntos sobre a exploração do trabalho escravo, as características da atividade de mineração, o contrabando de diamantes, a produção de alimentos; no campo cultural, tópicos referentes à música, às festas cívicas, à fotografia, entre outros; na área social, as formas de uso da água, as concepções de saúde e doença e práticas de cura.

Tão logo os temas foram definidos, fomos surpreendidos, no final outubro de 2019, com o encerramento das atividades da Rádio Universitária. A partir de então, consideramos a possibilidade de encerrar o projeto, já que não haveria uma estrutura para realizar o trabalho técnico de criação dos programas. No entanto, como foi aventada a possibilidade de criação de uma *web rádio* na instituição, resolvemos continuar os trabalhos. Todavia, como esse propósito nos pareceu distante de ser realizado, decidimos reestruturar os programas para o

formato *podcast*.

Diante da necessidade de readequação, a equipe se dedicou a conhecer o novo formato, principalmente a partir de um estudo empírico dos *podcasts* existentes e que poderiam nos servir de inspiração⁷. Além disso, tivemos uma breve consultoria com o pesquisador Estevon Nagumo (UnB), quem nos ajudou a pensar melhor o formato e avaliar a viabilidade e adequação ao nosso projeto.

Diante dessa mudança, faz-se necessária uma breve distinção entre *podcast* e programas de rádio. Segundo definição de Eugênio Paccelli Freire (2012, p.5), o *podcast* é "um modo de produção/disseminação livre de programas focado na reprodução de oralidade e/ou de músicas/sons, distribuídos sob demanda". O mesmo autor define o rádio como "modo de produção/disseminação de conteúdos focado na reprodução de oralidade e/ou de músicas/sons, distribuídos para acesso instantâneo ao longo do dia em horários pré-definidos." Nesse sentido, uma das principais diferenças estaria na forma de acesso aos conteúdos. Pois no caso do *podcast* o ouvinte tem certa margem de liberdade ao poder escolher o tempo e lugar para ouvir os programas. O que não acontece com o rádio, já que a programação é fixa e independe da decisão do ouvinte. Além disso, o *podcast* possui maior facilidade de produção e distribuição e é distribuído ao ouvinte sem intermediários, sob a forma de episódios de veiculação espaçada (FREIRE, 2012). Outra característica do *podcast* é que ele possui menor regulação legal, ao contrário do rádio, o que acaba por proporcionar a produção de conteúdos mais originais. Se comparada ao rádio, a produção de um *podcast* é mais simples porque demanda apenas um computador, fone de ouvido, caixa de som, microfone e um programa de gravação e edição de som, ao contrário do rádio que necessita de estúdios mais complexos do ponto de vista técnico. Outra necessidade é o acesso à internet, tanto para acessar quanto para postar. Uma das questões centrais na disponibilização dos *podcasts* é a necessidade de hospedá-lo em um *site*, e, posteriormente, em um agregador de *podcast* (SEBRAE, 2020). Uma alternativa é a sua disponibilização no *Youtube*, convertendo o arquivo de áudio em arquivo de vídeo, associando-o a uma imagem fixa. Vimos também que há uma pluralidade de vozes no *podcast* brasileiro, o que significa grande variedade de formatos e, além disso, diferentes tipos de classificação. Uma delas aponta que, atualmente, existem no Brasil dois formatos de *podcast*: o *mesacast* e o *roteirizado* (Boa Noite internet, 2019). Este último requer mais tempo de pré-produção, pois é antecedido pela definição de pauta, pesquisa e pela redação de roteiro antes de ser gravado. Já o *mesacast* requer definição de pauta e pesquisa, mas não tem um roteiro fechado, depende da fala dos convidados para debater com o mediador, por isso demanda maior tempo de pós-produção. Já outra classificação propõe a existência de cinco formatos: *podcast* solo, com

7 Alguns exemplos pesquisados e analisados foram os seguintes: 37 graus; Café da manhã, da *Folha de São Paulo*; Escriba Café; Guilhotina, do *Le Monde Diplomatique*; NerdCast; Projeto Humanos.

um apresentador; entrevista com especialistas, com apresentador e convidado; *storytelling*, centrado na “contação de histórias”; *múltiplos apresentadores*, com a condução do programa por várias pessoas; bate-papo, que propõe, em geral, um diálogo mais descontraído (INOVAÇÃO, s/d). Temos ainda classificações pautadas nas apropriações educacionais (FREIRE, 2015, 2017). Ou seja, na *podosfera* brasileira, cenário nacional de exercício do *podcast* (FREIRE, 2017), há uma multiplicidade de formatos que ensejam variadas formas de classificação.

Pelo exposto acima, ainda que as produções dos *podcasts* exijam, de fato, menores recursos quando comparada às produções radiofônicas, é importante destacarmos que, ainda assim, é necessário o conhecimento de técnicas e de programas de edição de áudio, o que requer um preparo específico e trâmites para a disponibilização e manutenção dos áudios na internet. Essa constatação deixou claro para a equipe que deveríamos nos dedicar à redação dos roteiros, repensando a edição dos programas para outro momento, já que o levantamento dos *podcasts* indicou um alto padrão de qualidade e criatividade, que seria difícil conquistar em tão pouco tempo.

Após nossos estudos e debates em relação à produção dos programas, chegamos enfim às seguintes diretrizes: 1. adoção do formato roteirizado de *podcast*; 2. criação e organização dos programas em temporadas, com seus respectivos episódios – a primeira seria *Diamantina em histórias, versos e prosas*; 3. definição da estrutura básica do roteiro: abertura, introdução ao tema, desenvolvimento, encerramento – opcionalmente poderia haver a inserção de entrevistas com especialistas sobre o assunto; 4. criação de um canal no *YouTube* intitulado *Vozes da história: contar, ouvir, refletir*. A seleção musical seria de responsabilidade do redator de cada episódio e deveria estabelecer alguma relação com o conteúdo tratado. Uma identidade sônica do projeto ficou para ser construída futuramente, ou seja, a abertura, o encerramento do programa e a trilha sonora para marcar a passagem dos blocos. Os temas para o “*piloto podcast*” escolhidos foram: O surgimento do arraial do Tejuco: a visão dos viajantes; O escravo em Diamantina, séculos XVIII e XIX; A música em Diamantina, o canto vissungos; Como e o que se come em Diamantina nos séculos XVIII e XIX; A fotografia em Diamantina: século XIX e início do século XX. Estes episódios foram redigidos a partir do diálogo entre os membros do projeto. Fizemos algumas experiências de gravação amadora de cada um deles, mas a continuidade do trabalho ficou condicionada a uma possível renovação do projeto ao longo de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio como meio de comunicação de massa, apesar das transformações tecnológicas dos últimos tempos, não perdeu sua importância social, principalmente quando consideramos a realidade das cidades do interior do Brasil. Esse é o caso de Diamantina e das cidades do seu entorno que, devido

ao seu relativo isolamento geográfico e carência de jornais e de veículos de comunicação qualificados, aumenta a importância da comunicação radiofônica. Nesse sentido, a existência das emissoras nas pequenas cidades deve ser valorizada, principalmente quando se conta com a presença das rádios universitárias que podem colaborar no processo de entretenimento e informação da população através de seus conteúdos educativos.

Foi acreditando na importância social e cultural do rádio que o projeto de extensão *Vozes da História: contar, ouvir, refletir – lembranças e esquecimentos da história em diferentes tempos e espaços* lançou sua proposta interdisciplinar. A indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão é um princípio que norteia a política universitária no Brasil, tornando-se um meio para a realização de um projeto de universidade pública. Com o projeto, almejávamos contribuir com a produção de conhecimento na relação entre pesquisa e extensão, acreditando na possibilidade de transformação social, diante da perspectiva de viabilizar, por meio dos programas radiofônicos, uma relação entre a teoria e a prática.

A equipe do projeto constituiu um viés interdisciplinar no perfil profissional de seus integrantes: Comunicação, Jornalismo, Letras, Linguística, Estudos Literários e História. Assim, por meio do trabalho interno à equipe do projeto, da interação com a equipe da Rádio Universitária 99,7 FM e com os diversos entrevistados viabilizou-se a criação dos programas radiofônicos que expressam um aprendizado interdisciplinar.

Por um lado, nossa meta foi alcançada, pois conseguimos criar, produzir e garantir a veiculação de alguns episódios de um dos programas propostos, o *Por ser de lá...* Com este programa pudemos ouvir mais de 70 pessoas, entre docentes, discentes e técnicos da universidade. Com ele, veiculamos algumas histórias pessoais da comunidade universitária e tivemos um retorno positivo por parte de uma parcela de ouvintes. Por outro lado, nossa meta não foi plenamente alcançada, porque, com o encerramento das atividades da Rádio, os episódios já prontos não puderam ir ao ar. Além disso, o outro programa, *Diamantina em histórias, versos e prosas* não pôde ser viabilizado como proposto inicialmente no projeto. Empreendemos esforço para readequá-lo e, nesse sentido, conquistamos um grande aprendizado em torno da discussão sobre a importância atual do *podcast* como produto sonoro, com grande potencial educativo. No entanto, as dificuldades técnicas, notadamente o fato de não termos uma equipe qualificada para a edição de arquivos sonoros, inviabilizou a finalização dos programas criados. Esperamos outra oportunidade para dar continuidade a este processo.

A participação do público no projeto foi pensada, em princípio, de duas maneiras: na primeira delas, a colaboração interativa de pessoas da comunidade universitária foi plenamente alcançada. A segunda delas, no entanto, com o *Diamantina em histórias, versos e prosas* não alcançamos, pois almejávamos estabelecer um contato maior com a população da cidade por meio da realização de entrevistas, coleta de informações e de depoimentos relativos aos temas do programa, o que não pode ser viabilizado, por enquanto. Mas ressaltamos que

os episódios veiculados do *Por ser de lá...* estiveram ao alcance da audiência da comunidade universitária, dos moradores de Diamantina e do seu entorno ao serem veiculados pela Rádio Universitária 99,7 FM.

Todo o processo aqui descrito – através de erros, acertos, previsibilidades e imprevisibilidades – fundamentou a compreensão da equipe em relação às dificuldades de se viabilizar um trabalho verdadeiramente interdisciplinar, no qual as trocas de conhecimentos exigem paciência, colaboração intensiva, sensibilidade para permitir o conhecimento de outros lugares enunciativos, além da busca constante por estudos práticos e teóricos capazes de fundamentar o trabalho realizado. Além disso, o diálogo colaborativo entre professores de diferentes áreas ampliou entre os alunos possibilidades positivas de reconhecimento em sua trajetória de formação acadêmica. O resultado foi bastante positivo quando percorremos todo o caminho de nossos aprendizados, quando nos propomos a escutar novamente os episódios gravados pelo grupo, lembrando dos desafios, mas também dos momentos de troca, confraternização e amizade conquistados em função da coragem inovadora do percurso.

REFERENCIAS

AZEVEDO, Lia Calabre. No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil, 1923-1960. 2002. 277 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2011.

ADORNO, Theodor, e MAX Horkheimer. Dialética do esclarecimento. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. Tradução de Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: NAU Ed., 2015.

BOA Noite Internet: Como fazer um podcast: o podcast – ao vivo no Youpix Summit. [Locução de:] Cris Dias et al. s. l. Ampere, 16 set. 2019. Podcast. Disponível em: <<https://www.boanoiteinternet.com.br/2019/09/16/como-fazer-um-podcast-o-podcast-ao-vivo-no-youpix-summit/>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

BURTON, R. Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

CALABRE, Lia. O historiador e o rádio: relações em questão. In: V ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. Rio de Janeiro, 5 a 9 de setembro de 2005, UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_OHistoriador_eo_Radio.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2012.

DATHEIN, Ricardo. Inovação e revoluções industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX. Publicações DECON, textos Didáticos. Porto Alegre, v. 2, p. 1-8, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/decon/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história, e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Distinções educativas entre rádio e podcast. Prisma.Com, Revista de Ciências e Tecnologia de Informação e Comunicação. Porto, n. 18, 2012. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/1957>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Aprofundamento de uma estratégia de clas-

sificação para podcasts na educação. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 391-411, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015391>>. Acesso em: 28 mar. 2020

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. Educação em Revista. Marília, v. 18, n. 2, jul-dez 2017, p. 55-70. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

GARDNER, G. Viagens ao interior Brasil principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1840. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942. (Coleção Brasileira, v. 223).

INOVAÇÃO Sebrae. Como fazer um podcast: estratégia, passo a passo e divulgação. Ebook. Disponível em: <<https://inovacaosebraeaminas.com.br/materiais-educativos/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

JÚNIOR, Augusto de Lima. A capitania das Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Arraial do Tijuco, cidade Diamantina. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MAWE, J. Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, Zélio Valverde, 1978.

MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

PASSINI LUCHT, Janine Marques. Os gêneros jornalísticos no rádio. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Curitiba, PR, 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3205-1.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo Distrito dos Diamantes e o litoral do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SANTOS, Joaquim Felício dos. Memórias do Distrito Diamantino. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

QUAIS são e como escolher um agregador de podcast. Inovação Sebrae Minas, 2020. Disponível em: <<https://inovacaosebraeminas.com.br/quais-sao-e-como-escolher-um-agregador-de-podcast/>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 2, 1938.

Data de submissão: 07/05/2020

Data de aceite: 10/06/2020



Voces de la Historia: reflexiones interdisciplinarias sobre la creación de programas para Radio Universitaria

Voices of history: interdisciplinary reflections on creation of programs for university radio

Elaine Leonara de Vargas Sodré

Doctorado en História
Profesora en la Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
elainevsodre@gmail.com

Fernanda Valim

Doctorado en Letras
Profesora en la Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
fernanda.v.c.mig@gmail.com

Rogério Pereira de Arruda

Doctorado en História
Profesor en la Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
rogerio.arruda@ufvjm.edu.br

RESUMEN

El artículo presenta un relato de experiencia sobre el proyecto de extensión "Voces de la historia: contar, escuchar, reflexionar – recuerdos y olvido de la historia en diferentes tiempos y espacios", desarrollado en 2019 en la Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), en Diamantina/MG. El proyecto fue pensado y desarrollado por profesores y estudiantes de los Cursos de Graduación en Historia y Letras con el objetivo de fomentar discusiones interdisciplinarias entre la historia de la ciudad y la región, música, prosa, poesía y la importancia de la radio como vehículo para la formación, la educación y el entretenimiento. De este modo, aquí se discuten los retos y éxitos del proyecto - en términos de aprendizaje - en la construcción de programas transmitidos por la Rádio Universitária 99.7 FM y su arreglo final para la difusión en formato de Web Radio o Internet, a través de la creación de *podcasts*.

Palavras-clave: Radio, Diamantina, Comunidad Universitaria, Viajeros, Podcast.

ABSTRACT

This article discuss the results of a community project called "Voices of history: telling, listening, reflecting – memories and forgetfulness of history in different times and spaces", developed over the year 2019 at the Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), in the city of Diamantina, state of Minas Gerais, Brazil. Conceived and developed alongside undergraduate students in History and Letters, the project aims at fostering interdisciplinary discussions between local and regional histories, music, prose and poetry. It also sheds light on the importance of radio as a vehicle for vocational training, education and entertainment. Our results reveal the acquaintances and challenges encountered by the group in the production process of radio spots to be broadcasted by Rádio Universitária 99.7 FM, and later adjustments for the web format such as podcasts.

Keywords: Radio, city of Diamantina, University Community, Travelers, Podcasts.

INTRODUCCIÓN

El proyecto "Voces de la Historia - contando, escuchando, reflexionando - recuerdos y olvidos de la historia en diferentes tiempos y espacios" tiene su origen vinculado a las actividades de la disciplina Historia de Brasil en la Universidad Federal de los Valles de Jequitinhonha y Mucuri (UFVJM). Un proyecto de práctica como componente curricular (PCC) se implementó a partir de un diálogo interdisciplinario con el campo de la Comunicación Social, específicamente con los medios de radio. La opción se basó en la existencia de Rádio Universitária 99.7 FM en el campus de Diamantina y su amplia circulación en la ciudad y la región, pero, especialmente, en su potencial educativo. La posibilidad de poder explorar la radio como tecnología en la educación se abrió como una forma de dar sentido al hacerlo viable como una práctica asociada con el proceso de enseñanza y aprendizaje (FREIRE, 2012). La asociación con la Rádio resultó en la creación de un programa de radio producido por los alumnos a partir de los contenidos trabajados en clase, que se transmitió en tres temporadas: durante el segundo semestre de 2018 y durante el año 2019. En esa ocasión, optó mediante el uso de la pildora o programete, que es un formato periodístico reducido, caracterizado por ser de emisión corta (PASSINI LUCHT, 2009).

La experiencia acumulada con esta iniciativa motivó su presentación, en una versión ampliada, como un proyecto de extensión¹. Por lo tanto, "Voces de la Historia ..." se mantuvo como un PCC dentro de las disciplinas de la Historia Brasileña, pero cambió de tamaño como una especie de proyecto paraguas para albergar otras posibles iniciativas. La expansión del proyecto creó una oportunidad para reunir a profesores y estudiantes de las áreas de Historia y Letras, que tenían en su trayectoria alguna capacitación o interés en el área de Comunicación Social, para poner en práctica un trabajo interdisciplinario de investigación, producción y divulgación científica a través de Creación de dos programas para la Rádio Universitária.

El primero de ellos, titulado Por ser de lá..., fue idealizado para conocer mejor y cualitativamente a la comunidad universitaria, es decir, una forma de hablar y entrevistar a las personas - empleados y estudiantes - que trabajan, experimentan y construyen el día a día de la institución. El programa buscaba dar visibilidad a este público interno, proporcionar su autoconocimiento y contribuir a la construcción de una memoria histórica. Recordamos que UFVJM surgió en 2005, a partir de la acción del Ministerio de Educación y Cultura a través de REUNI², que "representó la interiorización de la educación superior pública en el estado de Minas Gerais"³. Este hecho de particular relevancia, aunque condiciona la expectativa de capacitación y calificación de los habitantes de

1 Presentado en el edicto PIBEX-Nº/2018 de PROEXC/UFVJM, aprobado y registrado en el sistema SIGProj bajo el número: 317028.1753.175450.19112018.

2 Reestructuración y Expansión de Universidades Federales.

3 El 8 de septiembre de 2005 fue publicada la Ley 11.173 en el Diário Oficial da União, que transformó los Colegios

esta región específica, no determina que la comunidad académica sea, exclusivamente, de los valles. El segundo programa, titulado Diamantina en historias, versos e prosas, tenía como objetivo inicial fomentar una discusión entre el grupo y los oyentes sobre la historia de Diamantina y región, dando voz no solo a la comunidad académica, sino a los residentes locales a través de la difusión de su propio conocimiento de la vida, en el pasado o el presente recuerdo de historias, cuentos, leyendas, anécdotas, poesía.

La idea de explorar la comunicación por radio desde un proyecto de extensión interdisciplinaria surgió porque había una Radio Universitaria en la institución, que nos proporcionó espacio para acceder y crear programas experimentales de naturaleza informativa, cultural y de difusión científica. Luego comenzamos a estudiar propuestas viables, no solo para pensar en la viabilidad de poner estos programas en el aire, sino también para crear un grupo de estudio colaborativo para estudiar acerca del origen de la radio y los principales desafíos que surgieron a partir de ahí, especialmente considerando que no éramos especialistas en el área y que tendríamos que, juntos, aprender a construir estos programas con todas sus complejidades.

La propuesta de proyecto parecía simple de poner en práctica, pero presentaba muchos desafíos que se han sido comprendidos durante el proceso efectivo de construcción de los programas. La oportunidad de informar esta experiencia de formación contribuye a fomentar la conciencia crítica – entre el equipo del proyecto, entre oyentes y lectores – sobre el poder de la radio como una herramienta educativa importante, que se puede pensar con sensibilidad en la búsqueda de cambios sociales y en la difusión del conocimiento popular a gran escala.

En general, nuestro objetivo principal era producir una primera temporada para estos dos programas de radio, siempre comenzando desde una perspectiva histórico-cultural, además de fomentar la colaboración interdisciplinaria entre maestros y estudiantes sobre los temas explorados. Entre las consecuencias de estos objetivos iniciales, destacamos otros, como los siguientes: la calificación del grupo para los procesos de producción, grabación, edición y circulación de radio; la popularización y democratización de la difusión de la ciencia y la investigación académica al público fuera de la Academia; valorando y difundiendo la historia de Diamantina y la región, su cultura oral, canciones y conocimiento tradicional de la población; el estímulo de la circulación de producciones culturales; El estudio y la reflexión crítica sobre la historia local y sus recuerdos y la contribución a la construcción de la identidad de la comunidad universitaria a través del conocimiento de su perfil.

De acuerdo con el calendario del Pro Rectoría de Extensión y Cultura (PROEXC), las actividades del proyecto comenzaron en marzo de 2019. El Edicto Pibex proporcionó al proyecto una contribución financiera para la compra de

Federales Integrados de Diamantina en la Universidad Federal de los Valles de Jequitinhonha y Mucuri- UFVJM, cf. <http://portal.ufvjm.edu.br/a-universidade>. Acceso el 23 de abril de 2017.

materiales y servicios, y el pago de una beca a un estudiante⁴. Además, se abrió un proceso de selección para estudiantes voluntarios que se alternaron durante todo el año. De esta forma, el proyecto contó con un equipo permanente, compuesto por tres maestros y un estudiante becado, asistido por otros cuatro, cinco o seis voluntarios. A lo largo de la ruta, once estudiantes trabajaron como voluntarios en rotación⁵.

Después de esta breve presentación del proyecto y sus objetivos, estructuramos nuestro informe de experiencia en dos partes: en la primera, discutimos brevemente la importancia de la comunicación por radio, señalando la historia de su surgimiento y terminando con aspectos del lenguaje de la radio y sus principales características técnicas; en la segunda parte nos centramos en la ejecución del proyecto, abordando la construcción de cada uno de nuestros programas de radio, destacando las metodologías de trabajo empleadas, la participación de la audiencia pretendida, los episodios idealizados y elaborados por el grupo, además de detallar las grabaciones finales transmitidas por Rádio Universitária.

Aspectos técnicos, lenguaje y comunicación por radio: una breve historia

El origen de la radio está fundamentalmente relacionado con los cambios en los medios de comunicación provocados por los desarrollos de la llamada segunda revolución industrial, entre 1850 y 1945. El descubrimiento de las ondas de radio ocurrió en 1883 y, junto con el uso de energía eléctrica, proporcionó cambios significativos en la forma en que las sociedades se comunicaban. Uno de los fenómenos asociados con esta segunda revolución industrial, como dijo Ricardo Datheïn, fue la aparición de "una producción en masa de bienes estandarizados" (DATHEIN, 2003, p.5) y la formación de un mercado masivo, principalmente en los Estados Unidos. Esta posibilidad de masificación de la cultura, ampliamente explorada por académicos e investigación interdisciplinaria en la Escuela de Frankfurt, a través del término industria cultural, destacó la forma en que los sistemas políticos y económicos producían bienes y mercancías culturales como una estrategia de control social, en vista de que gran parte de estos vehículos de medios de comunicación pertenecían a ciertas compañías, interesadas en las ganancias y el mantenimiento del sistema económico actual. Los intelectuales de este grupo investigaron cómo se puede usar la cultura para legitimar ciertos intereses de la clase dominante. Los bienes artísticos, en la era de la reproducibilidad técnica, se convirtieron en productos

4 El Aviso Público financió el monto de R \$ 717,00 para su uso con materiales y servicios de terceros, además de otorgar una beca por un monto de R \$ 400,00 durante los 12 meses de trabajo del becario seleccionado.

5 Actuó como un becado estudiantil Luis Carlos Lopes y como voluntarios Advaldo da Assunção Cardoso Filho, Ana Flávia Honório, Ana Júlia Fonseca, Arthur Benício de Oliveira Mello, Isabele Lima Vieira, Marcílio Carlos Ferreira Júnior, Rananda da Silva Farias, Tainah Emanuelle Santos Araújo, Victória Brenda Pereira, Vítor Hugo Araújo, Yasmim Moreira Martins.

de fácil consumo, no necesariamente comprometidos con la formación crítica de los ciudadanos y el público consumidor en relación con el mantenimiento del sistema de opresión capitalista, especialmente a partir del siglo XX. Como afirman Theodor Adorno y Max Horkheimer en el clásico texto de *Dialéctica de la Ilustración*:

Las películas y la radio ya no necesitan empaquetarse como arte. La verdad, cuyo verdadero nombre es negocio, sirve como su ideología. Esto debería legitimar la basura que producen deliberadamente. El cine y la radio se definen a sí mismos como industrias, y las cifras publicadas sobre las ganancias de sus directores generales eliminan cualquier duda sobre la necesidad social de sus productos. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, s/p).

Adorno propone que el público de los mensajes y contenidos difundidos por los medios sean víctimas de esta industria, que también es responsable de estandarizar el gusto estético de la población, induciendo el consumo de productos de baja calidad. La cultura popular no estaría representada por la industria cultural que, por el contrario, impondría a las personas su propia ideología de controlar el gusto y el valor. Por otro lado, como propuso Walter Benjamin, podríamos generar una comprensión ambivalente de esta misma industria, al reconocer la fuerza de su acción capitalista alienante, pero, al mismo tiempo, su potencial para la democratización del arte. Entre 1927 y 1932, Benjamin (2015) produjo narrativas de radio para niños en un programa transmitido por emisoras en Berlín y Frankfurt, anticipando el entendimiento de que los medios también pudieron expandir el conocimiento a un mayor número de personas, permitiendo posibilidades no comerciales de acceso a estas mismas herramientas de producción cultural.

Benjamin, como sus colegas en la Escuela, fue un crítico de la modernidad y los valores del progreso, la civilización y el consumo, responsable, según él, de robar a los hombres sus propias experiencias y su propia historia. Lo que se cuestiona aquí es también una comprensión científica de la historia, en la transición del siglo XIX al siglo XX, contada a partir del registro de documentos oficiales, creando la idea de un pasado que se juzga real porque está institucionalmente firmado. Esta noción de imparcialidad, linealidad y exención en la forma de tratar documentos y describir eventos históricos se cuestiona desde la perspectiva de la producción narrativa y de memoria. Importaría menos la historia de los grandes hechos, que contactaban a través de la perspectiva de los ganadores y más los "fragmentos" de la historia, el intercambio perdido de las narrativas de la experiencia cotidiana, lo que mantendría el poder de reconectar al hombre con la colectividad. En este sentido, podríamos, según el autor, "llevar la historia contra la corriente", llevando a los oprimidos y silenciados a un lugar de protagonismo y contradicciones en el debate. Recordar estas narrativas sobre la vida cotidiana en los programas de radio para niños (BENJAMIN, 2015) también nos ha inspirado, de alguna manera, a pensar en formas críticas y

educativas de construir nuestros propios programas, en el potencial educativo y profundamente formativo que la radio puede tomar el control.

Brasil se familiarizó con la radio en la década de 1920, especialmente el 7 de septiembre de 1922, cuando sucedió la primera transmisión del país, en el contexto de la celebración de los cien años de independencia. Como primer programa, el público escuchó el discurso del presidente Epitácio Pessoa y la ópera *O Guarany*, de Carlos Gomes, representada en el Teatro Municipal de Río de Janeiro (AZEVEDO, 2002, p. 48). Según Lia Calabre (2005, p. 2), en la década de 1930 hubo un proceso de profesionalización de las emisoras de radio, con el objetivo de obtener ganancias. En la década de 1940, las emisoras ya se habían convertido en empresas rentables, y la radio desempeñaba un papel importante en la vida cotidiana de la sociedad brasileña.

La radio desempeñó un papel importante en la vida cotidiana del país, ya que se convirtió en un medio de interacción social que transmitía información desde dentro y desde diferentes partes del mundo, promovía la comunicación entre el campo y la ciudad, permitía la creación de vínculos con realidades y temas ubicados en diferentes espacios. Para Lia Calabre, "las transmisiones de onda corta combinadas con la retransmisión de programas desde grandes centros a ciudades del interior crearon referencias culturales comunes a todo el país" (2005, p.8). Los años dorados de la radio marcaron profundamente a la sociedad brasileña. En la década de 1930, 1940 y 1950, la radio era el principal vehículo de comunicación, ejerciendo una fuerte influencia en la vida de las personas. Según Meneguel y Oliveira (s/d, p.2) su fuerza se puede ver en la capacidad de "crear modas, innovar estilos e inventar prácticas cotidianas". Este poder se manifestó en las telenovelas de radio y en los programas de auditorio, ya sean humorísticos, variados o de primer año. Así, la radio, "además de la difusión de manifestaciones artísticas, mantuvo a las personas informadas e integradas, superando los límites físicos. La radio trajo el mundo a la casa". (MENEGUEL Y OLIVEIRA, s/d, p. 2)

En la década de 1950, la radio se vio afectada por la aparición de la televisión, muchos apostando por su fin, pero en cambio, la radio permaneció presente en la vida cotidiana del país. Sin embargo, sufrió cambios significativos. A mediados de la década de 1950 indica el final de una era en la historia de la radio, pero no significó su desaparición. El cambio tecnológico ha llevado a una reorganización del mercado tanto en términos de la cuestión empresarial como en términos del público consumidor.

La aparición de la *internet* en la década de 1990 también fue otro cambio tecnológico que impactó en la radio. Sin embargo, sí, por un lado, han surgido otras herramientas que proporcionan nuevas formas de interacción social, hipotéticamente reduciendo la importancia de la radio, por otro lado, ha ampliado su alcance al romper con los límites impuestos previamente por el tema tecnológico. Además de la cuestión cultural y de comportamiento, es necesario destacar el uso de la radio como instrumento político, un tema que se evidencia con algunos ejemplos que se refieren a su instrumentalización por parte del Estado Novo (1937-1945) o su uso, en 1961, con la creación de la

red de legalidad para defender la toma de posesión del vicepresidente João Goulart en la presidencia del país. Tales ejemplos demuestran la capacidad de la radio de "formar opiniones y movilizar a la sociedad para ciertos intereses" (MENEQUEL & OLIVEIRA, s/d, p. 1). Si hoy la radio no desempeña el papel que jugó en décadas anteriores, sigue siendo un vehículo importante para la información y la comunicación de masas. Como destacó Lia Calabre (2005, p. 4), la radio construye y explica las prácticas culturales. Por lo tanto, se puede decir que sigue desempeñando un papel en la interacción social, en la construcción de identidades a mediados del siglo XXI.

Junto con esta historia de la radio como medio de comunicación de masas, discutimos algunos aspectos del lenguaje de radio y sus características técnicas basadas en el enfoque de Luiz Ferraretto (2001), que nos proporciona una visión amplia del tema. Nuestro propósito era resaltar algunas características definitorias de los medios con los que trabajaríamos. Entre los puntos principales discutidos por el equipo del proyecto, de la lectura referenciada, destacamos los siguientes: 1. La caracterización de la radio como un medio de comunicación de masas, con una audiencia amplia, anónima y heterogénea; 2. El apoyo del lenguaje de radio en el uso de la voz humana, música, efectos de sonido y silencio; 3. La naturaleza del mensaje emitido, que se caracteriza por el sabor promedio y la instantaneidad; 4. La necesidad de claridad, concisión y precisión del discurso de radio, teniendo en cuenta el repertorio de su público objetivo; 5. Atención al acto de escuchar, es decir, la comprensión de la existencia de oyentes activos al otro lado de la escucha, lo que indicaría atención, intencionalidad de la escucha; comprensión y actitud receptiva al asimilar el mensaje; 6. Aún con respecto a la recepción del mensaje, la percepción de la simultaneidad del mensaje de radio y su bajo retorno, ya que el receptor no puede responder de inmediato, en la dirección opuesta; 7. La comprensión de la existencia de la colección de recursos financieros de la venta de espacio comercial para que una radio comercial sobreviva, aunque Rádio Universitária se aparta de esta propuesta.

A partir de estas características, concluimos que solo podíamos ser responsables de la elaboración de un contenido y ponerlo, no sin un esfuerzo considerable, en lenguaje de radio. Sin embargo, estaba fuera de nuestro dominio la forma que tomaría el programa después de cruzar las ondas de radio o internet, especialmente en vista del hecho de que la recepción, en este caso, estaría fuera del control del productor. Así, armados con muchas incertidumbres, procedemos a la construcción de los programas.

Ejecución del proyecto: asociación con la radio y creación de programas

En la ejecución del proyecto, las actividades se desarrollaron simultáneamente, lo que implicó la discusión teórico-metodológica, descrita anteriormente. El primer mes de trabajo consistió, básicamente, en reuniones entre

nosotros y el equipo técnico de la Radio. Al principio, las discusiones giraron en torno al formato de cada programa. Como se previeron dos diferentes, la coordinación de la Radio sugirió que escucháramos a otros en vigor en ese momento, ya que podrían servir como referencia inicial. En cuanto a los más largos, transmitidos por ellos y que podrían inspirar a *Diamantina en historias, versos y prosa*, se citaron *Boca a boca*, *Pé na Estrada* y *Buena Onda*, todos ellos transmitidos semanalmente, con una duración de aproximadamente una hora. A partir de entonces, se sugirió que adoptemos el promedio de 30 minutos para los programas, organizándolos en bloques. Posteriormente, terminamos optando por la división en cuatro bloques diversificados, interconectados por canciones.

Para balizar el *Por ser de lá...*, se citaron otros programas institucionales, como el *Se liga no Campo*; *Minuto do Agricultor e Rádio Clima*. Como o *Por ser de lá...* sería el primero en emitirse y se basaría en entrevistas, se destacó la necesidad de elaborar un guión, con la inclusión de preguntas que motivaron al entrevistado a mencionar su vínculo con la universidad y la ciudad de Diamantina. Inicialmente, el formato de píldora parecía el más apropiado, principalmente debido a la experiencia previa de parte de los miembros del proyecto. Después de las primeras entrevistas, esta idea inicial se modificó debido a la evaluación realizada por la coordinación de la Radio. En vista del material enviado, la opinión técnica sugirió la creación de un programa de aproximadamente 15 minutos, con emisión al aire dos veces por semana y una edición mínima para mantener, en la medida de lo posible, la secuencia de discursos de los entrevistados. Idealmente, cada uno incluiría dos entrevistas.

Aún en las reuniones iniciales, la coordinación de la Radio llamó la atención sobre la necesidad de algunas definiciones importantes: pensar en la existencia de una identidad sólida; definir cuál sería la forma más apropiada de hacer las entrevistas, ya sea dentro o fuera del estudio; decidir sobre el parámetro y el tipo de edición; definir si las entrevistas se mostrarían completas o con cortes; resolver la forma de insertar las canciones, poemas y anécdotas; y decida incluir el número de entrevistados en cada caso. Se advirtió que cuando el material estuviera listo para ser grabado, sería necesario hacer la "cama" del programa, es decir, registrar la apertura, con título y eslogan, y la marca registrada, que sería el cierre, con la mención del proyecto y sus socios. Esta apertura siempre se repetiría en todos los programas, apoyando su identidad.

Al mismo tiempo, el equipo se reunió para discusiones bibliográficas y, entre varios objetivos, para crear una identidad visual. El objetivo era tener una marca para publicitar el proyecto y los programas en las redes sociales que también se crearon, a saber, las páginas de *Facebook* e *Instagram*. A partir de este trabajo, los estudiantes crearon tres logotipos:



Figura 1 - Logotipos de proyectos y programas.
Fuente: acervo del proyecto.

El programa *Por ser de allí...*

El trabajo se desarrolló en cuatro etapas. Inicialmente, se definió el público del programa: todas y cada una de las personas que tenían una conexión con UFVJM. Conociendo la amplitud en relación con el número de entrevistas posibles, el objetivo era desarrollar un guión igualmente amplio. Así surgió el guión anterior de entrevistas que no eran preguntas cerradas, sino preguntas más amplias que buscaban saber sobre los orígenes del entrevistado, quién era y de dónde venía, y su relación con UFVJM. En términos periodísticos, podemos decir que esta etapa consistió en producir una agenda que se completaría en la siguiente fase.

El propósito de las entrevistas era que estuvieran lo más cerca posible de una conversación informal, pero en vista de los tres temas principales del guión. El primero fue la identificación con preguntas como: ¿Podría identificarse por favor? ¿De qué ciudad vienes? ¿Dónde está localizado? Habla un poco sobre esta ciudad. Después de la presentación, el objetivo era averiguar cuál era la relación del entrevistado con UFVJM, para eso, algunas de las preguntas orientadoras fueron las siguientes: ¿Cuál es el vínculo con la Universidad? ¿Cuánto tiempo llevas aquí? ¿Qué curso tomas? ¿Cuál es tu área de formación? ¿Desde cuándo estás en la universidad? ¿Por qué elegiste UFVJM para trabajar o estudiar? - Cuéntanos sobre una experiencia notable que tuviste aquí en la Universidad. En pocas palabras, ¿qué representa UFVJM para usted? entre otros. Finalmente, el tercer objetivo era traer los orígenes del entrevistado a la conversación, por lo que el cierre fue la solicitud de contar algo sobre su lugar de origen. Para esto también hubo una serie de preguntas: cuéntanos una anécdota de tu ciudad; Cuéntanos una historia única sobre tu ciudad; Cuéntanos sobre una situación curiosa por la que pasaste aquí en Diamantina; Canta o cuéntanos la música

que más te gusta; Pide una canción que te guste; Declare una poesía de su elección a nuestros oyentes. De este conjunto, se dieron dos o tres opciones al entrevistado.



Figuras 2, 3, 4, 5 – Estudiantes de Rananda Farias y Vítor Hugo, voluntarios del proyecto, realizando entrevistas. Fuente: acervo del proyecto.

La segunda etapa consistió en realizar las entrevistas, pero antes de partir para practicar el trabajo, se realizaron pruebas para las grabaciones, tanto con mini grabadoras como con un teléfono celular. Los resultados sonoros fueron similares, por lo que optamos por usar ambos tipos de dispositivos, ninguno de los cuales era perfecto, ya que los ruidos secundarios siempre se capturaban, un aspecto que dificultaba, en el futuro, seleccionar entrevistas técnicamente viables para usar en los programas. Con el guión en la mano, la siguiente fase sería entrevistar a la comunidad académica.

La realización de las entrevistas (Figuras 2 a 5) proporcionó reuniones fundamentales, configurando la última etapa de la producción o investigación de materiales para el programa. Fueron realizadas en el campus de UFVJM JK, la mayoría durante la VII Semana de Integración: Enseñanza, Investigación y Extensión (Sintegra), entre el 5 y el 8 de junio de 2019. Anteriormente, todos los invitados y los contactados fueron informados de que las entrevistas fueron realizadas por el proyecto de extensión y que su contenido, parcial o totalmente, sería parte de un programa, en el futuro transmitido por Rádio Universitária. Así, antes de empezar la entrevista, o al final, el entrevistado recibió un formulario de cesión y lo regresaba, preferiblemente, al mismo tiempo, completada y firmada.

La tercera etapa, de escribir los programas, fue precedida por escuchar todos los audios, que nos pusieron en contacto con diferentes historias, dejándonos elegir y reunir informes con puntos en común. En términos periodísticos, este fue el momento para el desarrollo de guiones para los programas, a los que también asistieron profesores y estudiantes. En esto, la elección metodológica fue la elaboración de guiones previos que, en general, tenían la siguiente estructura: a) locución 1, presentación del episodio; b) entrevista 1; c) locución 2, presentación de la entrevista 2; d) entrevista 2; e) locución de fin del episodio. Al final de cada entrevista, hubo la inserción de un poema recitado por el entrevistado, o música solicitada por él o elegida por los editores del episodio. El diseño de sonido creado para cada programa eligió elementos de sonido basados en los temas solicitados por ellos. La regla general para construir los guiones era realizar el trabajo en parejas, generalmente propuesto por los estudiantes y supervisado por uno de los maestros del grupo. Una vez concluido el episodio, con entrevistas definidas, escritas y revisadas, procedíamos al siguiente paso.

Antes de abordar la cuarta etapa, debe tenerse en cuenta que la presentación y las viñetas de cierre del programa fueron elaboradas y grabadas, lo que debería transmitir su identidad. Aunque resultó en unos pocos minutos de grabación, no fue un proceso simple, varias oraciones fueron escritas y reescritas, leídas y releídas, grabadas y regrabadas con diferentes entonaciones hasta que obtuvimos el producto final. El locutor fue el estudiante voluntario Vítor Hugo y la canción elegida como melodía fue "Lamento Sertanejo" por Dominginhos y Gilberto Gil, cuyo primer verso fue utilizado como inspiración para el programa. Fue utilizada la parte instrumental inicial y el extracto que dice "por ser de lá do sertão, lá do cerrado..." para acompañar el discurso del narrador: "Por ser de lá... identidades y pertenencias. Historias compartidas de la comunidad universitaria UFVJM". En el cierre, nuevamente el extracto de la canción y la siguiente línea final: "Escuchaste *Por Ser de Lá...* un programa del proyecto de extensión *Vozes da História*. Realización de cursos de Historia, Literatura y Máster en Ciencias Humanas en la Facultad Interdisciplinaria de Humanidades. Producción y radiodifusión Radio Universitária 99.7FM ". La "cama", de hecho, logró incorporar la identidad del programa, tanto en la voz del locutor, cuando dijo "Por ser de allí ...", como en la música "por ser de allí desde ...", el objetivo era realmente enfatizar el título del programa.

En la cuarta etapa, la grabación en el estudio, los guiones fueron leídos por sus respectivos anunciadores, revelando un momento especial de intercambio colaborativo, ya que personas con diferentes antecedentes se unieron para crear un producto que expresara sus habilidades y conocimientos. En esta etapa, en términos generales, se puede describir de la siguiente manera: las locuciones de los guiones fueron grabadas en los estudios de la Radio y editadas por los técnicos de la estación. En la edición, las entrevistas y las melodías seleccionadas en cada caso se agregaron a la locución. Los episodios, como se esperaba, tenían su propia forma: la identidad se adquiría de acuerdo con

elementos comunes. Mencionemos algunos ejemplos, a modo de ilustración, como el programa número 5, para el cual seleccionamos las entrevistas de dos estudiantes que residen en Diamantina, haciendo que la identidad del episodio sea "por ser de allí". La locución introductoria destacó que, en ese momento, estábamos reflejando un "por ser de allí, cerca", culminando el tono de los colores locales, debido a que uno de los entrevistados había solicitado la canción "Beco do Mota", de Milton Nascimento, canción con mención directa a la ciudad. Por lo tanto, a lo largo del episodio, se insertaron extractos de esta melodía. Este episodio es un buen ejemplo de cómo fue posible mantener dos elementos de identidad, ya que el primer entrevistado recitó una poesía. Los episodios 6 y 9, enfocados en "estar más distantes de allí", en el segundo, cuenta con la presencia de un estudiante que viene del campus de Teófilo Ottoni, enfatiza que UFVJM es más que el campus de Diamantina. Mientras que en el episodio número 6, lo más destacado fueron los estudiantes que hicieron un intercambio. En este caso, nuestro discurso fue solo para enfatizar lo que los estudiantes ya dijeron: la importancia de que, a través de UFVJM, hayan alcanzado un "por estar allí" internacional. El episodio número 9 también tenía un segundo elemento en común, una situación rara: ambos entrevistados habían indicado la canción "Tempo perdido", de Legião Urbana, por lo tanto, parte de la melodía estuvo presente durante todo el episodio y al cierre.

Después de estas cuatro etapas, el trabajo fue realizado por el equipo técnico de la Radio y consistió en editar los programas grabados, cuando era necesario eliminar el ruido no deseado en las entrevistas, cortar tramos innecesarios para los propósitos del programa y adaptar el tiempo de transmisión, así como se realizó un trabajo de diseño de sonido. Después de todos estos pasos, los programas estaban disponibles para publicación. Así, los primeros diez episodios fueron escritos, grabados, editados y producidos semanalmente, siempre los miércoles por la mañana, con una repetición el mismo día en la tarde. Mientras se transmitían los primeros programas, comenzamos a elaborar siete episodios más que contarían el total de la primera temporada. La metodología utilizada fue la misma. Sin embargo, cuando el conjunto de nuevos episodios tuvo sus guiones terminados, listos para grabar y editar, recibimos la inesperada noticia sobre el cierre de la Radio Universitaria.

El programa *Diamantina en cuentos, versos y prosa*

Al comienzo de la segunda mitad de 2019, simultáneamente con la preparación del *Por se de lá...* también trabajamos para crear *Diamantina en historia, versos y prosa*. Este programa fue diseñado para presentar reflexiones sobre la historia de Diamantina y la región a través de las voces de los habitantes de la ciudad, investigadores, funcionarios y estudiantes de la UFVJM. Se pretendía que todos pudieran compartir sus conocimientos sobre la historia de la ciudad, ya sea una leyenda, una anécdota, poesía, un resultado de investigación. El

contenido podría referirse a la actualidad o al pasado de la ciudad y ese fue nuestro punto de partida.

Para que la creación del programa se ocurriera, después de muchas discusiones, creamos una estructura previa que serviría como base para la redacción del primer guión. En este sentido, se propusieron cuatro bloques. Hubo cierto consenso solo en relación con el primero, que se tituló "Boletín de Tejuco" y trataría temas del presente o el pasado de la ciudad, de una fuente histórica. El segundo, sin un título definido, sería un espacio para tratar con la cultura popular y el conocimiento, a través de estrategias comunicativas diferenciadas. El tercero traería entrevistas para abordar temas relacionados con la historia, la literatura y el arte. El cuarto sería nuestro "Cajita de música", en el que habría un comentario sobre una canción, abordando cuestiones estéticas, autoría, contexto de surgimiento, etc. Entre los bloques, habría una canción para hacer la interconexión entre ellos. Entre el primero y el segundo, y entre el segundo y el tercero, habría una canción corta o un extracto de la canción. Entre el tercer y el cuarto bloque, una canción de mayor duración, que sería el tema de la "Cajita de Música".

Como una forma de comenzar la preparación de los guiones, hubo una propuesta de establecer como temática la presencia de viajeros extranjeros en el Brasil del siglo XIX. Basado en este tema, construiríamos los primeros cuatro programas de la primera temporada, que incluirían un mes de transmisión. Por lo tanto, se definieron algunas lecturas para apoyar el trabajo del equipo del proyecto. Los estudios incluyeron los trabajos de Saint-Hilaire (2000, 2004), Richard Burton (1977), George Gardner (1942), J. Mawe (1978), Augusto de Lima Júnior (1978), Mata Machado Filho (1980), Joaquim Felício dos Santos (1976) y Spix y Martius (1938). Después de algunos debates, la idea inicial de hacer un mes dedicado a los viajeros se reestructuró para trabajar en los temas presentes en los informes, lo que podría proporcionar elementos para la creación de los programas. Además, era necesario expandir la investigación bibliográfica y de fuentes para apoyar la redacción de cada programa. En vista de las lecturas realizadas y las discusiones sobre los contenidos a tratar, preparamos una lista de temas que se abordarían en cada programa. En el área económica, cuestiones sobre la explotación del trabajo esclavo, las características de las actividades mineras, el contrabando de diamantes, la producción de alimentos. En el ámbito cultural, temas relacionados con la música, fiestas cívicas, fotografía, entre otros. En el área social, las formas de uso del agua, los conceptos de salud y enfermedad y las prácticas curativas.

Tan pronto como se definieron los temas, nos sorprendió, a finales de octubre de 2019, el final de las actividades de la Radio Universitaria. A partir de entonces, consideramos la posibilidad de cerrar el proyecto, ya que no habría una estructura para llevar a cabo el trabajo técnico de creación de los programas. Sin embargo, como se planteó la posibilidad de crear una *radio web* en la institución, decidimos continuar el trabajo. Sin embargo, como este propósito parecía estar lejos de realizarse, decidimos reestructurar los programas al formato de *podcast*.

Ante la necesidad de reajuste, el equipo se dedicó a conocer el nuevo formato, principalmente a partir de un estudio empírico de *podcasts* existentes que podrían servir de inspiración⁶. Además, tuvimos una breve consulta con el investigador Estevon Nagumo (UnB), quien nos ayudó a pensar mejor sobre el formato y evaluar la viabilidad e adecuación de nuestro proyecto.

Este cambio hace necesaria una breve distinción entre *podcast* y programas de radio. Según la definición de Eugênio Paccelli Freire (2012, p.5), el *podcast* es "un modo de producción/difusión gratuito de programas centrados en la reproducción de la oralidad y/o música/sonidos, distribuidos bajo demanda". El mismo autor define la radio como un "modo de producción/difusión de contenido centrado en la reproducción de la oralidad y/o música/sonidos, distribuidos para acceso instantáneo durante todo el día en momentos predefinidos". En este sentido, una de las principales diferencias sería en la forma de acceso a los contenidos, porque en el caso del *podcast*, el oyente tiene un cierto margen de libertad para poder elegir el momento y el lugar para escuchar los programas. Lo que no sucede con la radio, ya que la programación es fija y no depende de la decisión del oyente. Además, el *podcast* es más fácil de producir y distribuir y se distribuye al oyente sin intermediarios, en forma de episodios separados (FREIRE, 2012). Otra característica del *podcast* es que tiene menos regulación legal, a diferencia de la radio, que termina proporcionando la producción de más contenido original. En comparación con la radio, la producción de un *podcast* es más simple porque solo requiere una computadora, auriculares, altavoz, micrófono y un programa de grabación y edición de sonido, a diferencia de la radio que necesita estudios más complejos bajo a un punto de vista técnico. Otra necesidad es el acceso a internet, tanto para acceder como para publicar. Una de las cuestiones centrales para hacer que los *podcasts* estén disponibles es la necesidad de alojarlos en un sitio web y, posteriormente, en un agregador de *podcasts*. (SEBRAE, 2020). Una alternativa es hacer que esté disponible en youtube, convirtiendo el archivo de audio en un archivo de video, asociándolo con una imagen fija. También vimos que hay una pluralidad de voces en el *podcast* brasileño, lo que significa una amplia variedad de formatos y, además, diferentes tipos de clasificación. Uno de ellos señala que, actualmente, hay en Brasil dos formatos de *podcast*: el *mesacast* y el *guionizado* (Boa Noite internet, 2019). Este último requiere más tiempo de preproducción, ya que está precedido por la definición de la agenda, la investigación y la escritura de un guión antes de ser grabado. Mesacast, por otro lado, requiere definición de agenda, investigación, pero no tiene un guión cerrado, depende del discurso de los invitados para debatir con el mediador, por lo que exige más tiempo de postproducción. Otra clasificación propone la existencia de cinco formatos: *podcast* en solitario, con un presentador; entrevista con especialistas, con presentador e invitado; *storytelling*, centrada en la "narración de

6 Algunos ejemplos investigados y analizados fueron los siguientes: 37 graus; Café da manhã, de Folha de São Paulo; Escriba Café; Guilhotina, de Le Monde Diplomatique; NerdCast; Projeto Humanos.

cuentos"; presentadores múltiples, con el programa dirigido por varias personas; *chat*, que propone, en general, un diálogo más relajado (INOVAÇÃO, s/d). También tenemos clasificaciones basadas en asignaciones educativas (FREIRE, 2015, 2017). En otras palabras, en la podosfera brasileña, el escenario nacional para ejercer el *podcast* (FREIRE, 2017), hay una multiplicidad de formatos que ofrecen diferentes formas de clasificación.

De lo anterior, a pesar de que las producciones de *podcast* requieren, de hecho, menos recursos en comparación con las producciones de radio, es importante resaltar que, aun así, el conocimiento de las técnicas y programas de edición de audio es necesario, lo que requiere preparación y procedimientos para hacer que el mantenimiento de audio esté disponible en línea. Esta observación dejó en claro al equipo que deberíamos dedicarnos a escribir los guiones, repensar la edición de programas para otro momento, ya que la encuesta de *podcasts* indicó un alto nivel de calidad y creatividad, que sería difícil de lograr en tan poco tiempo.

Después de nuestros estudios y debates sobre la producción de los programas, finalmente llegamos a las siguientes pautas: 1. adopción del formato guionado de *podcast*; 2. creación y organización de los programas en temporadas, con sus respectivos episodios, el primero sería *Diamantina en cuentos, versos y prosa*; 3. Se definió la estructura básica del guión: apertura, introducción al tema, desarrollo, cierre. Opcionalmente, podría haber a inserção de entrevistas con especialistas sobre o assunto; 4. creación de un canal de *Youtube* titulado "Voces de la historia – contar, escuchar, reflexionar". La selección musical sería responsabilidad del escritor de cada episodio y debería establecer alguna relación con el contenido tratado. Una unidad sonora del proyecto se iba a construir una identidad sonora en el futuro, o sea, la apertura, el cierre del programa y la banda sonora para marcar el paso de los bloques. Los temas elegidos para el "*podcast* piloto" fueron: La aparición del Arraial do Tejuco: la visión de los viajeros; El esclavo en Diamantina, siglos XVIII y XIX; La música en Diamantina, el canto de los *vissungos*; Cómo y qué se come en Diamantina en los siglos XVIII y XIX; Fotografía en Diamantina: siglo XIX y principios del siglo XX. Estos episodios fueron escritos en base al diálogo entre los miembros del proyecto. Hicimos algunas experiencias de grabación principiantes para cada uno de ellos, pero la continuidad del trabajo estuvo condicionada a una posible renovación del proyecto a lo largo de 2020.

CONSIDERACIONES FINALES

La radio como medio de comunicación masiva, a pesar de los cambios tecnológicos de los últimos tiempos, no ha perdido su importancia social, especialmente cuando consideramos la realidad de las ciudades del interior de Brasil. Este es el caso de Diamantina y las ciudades circundantes, que debido a su relativo aislamiento geográfico y la falta de periódicos calificados y vehicu-

los de comunicación aumenta la importancia de la comunicación por radio. En este sentido, se debe valorar la existencia de emisoras en ciudades pequeñas, especialmente al contar la presencia de estaciones de radio universitarias que pueden colaborar en el proceso de entretenimiento e información para la población a través de sus contenidos educativos.

Crear en la importancia social y cultural de la radio que el proyecto de extensión "Voces de la Historia: contar, escuchar, reflexionar – recuerdos y olvidos de la historia en diferentes tiempos y espacios lanzó su propuesta interdisciplinaria. La inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión es un principio que guía la política universitaria en Brasil, convirtiéndose en un medio para llevar a cabo un proyecto universitario público. Con el proyecto, buscamos contribuir a la producción de conocimiento en la relación entre investigación y extensión, creyendo en la posibilidad de transformación social, dada la perspectiva de hacer posible, a través de programas de radio, una relación entre teoría y práctica.

El equipo del proyecto constituyó un sesgo interdisciplinario en el perfil profesional de sus miembros, que incluye formación en Comunicación, Periodismo, Literatura, Lingüística, Estudios Literarios e Historia. Así, a través del trabajo interno del equipo del proyecto, se hizo posible la interacción con el equipo de Rádio Universitária 99.7 FM y con los diversos entrevistados, la creación de programas de radio que expresan un aprendizaje interdisciplinario.

Por un lado, nuestro objetivo fue alcanzado, porque logramos crear, producir y garantizar la transmisión de algunos episodios de uno de los programas propuestos, el *Por ser de lá...*. Con este programa pudimos escuchar a más de 70 personas, incluidos profesores, estudiantes y técnicos de la universidad. Con él, transmitimos algunas historias personales de la comunidad universitaria y recibimos comentarios positivos de varios oyentes. Por otro lado, nuestro objetivo no se logró por completo porque con el final de las actividades de la Radio, los episodios ya listos no pudieron emitirse. Además, el otro programa, *Diamantina en cuentos, versos y prosa*, no pudo ser posible como se propuso inicialmente en el proyecto. Nos esforzamos por reajustarlo y, en este sentido, logramos un gran aprendizaje en torno a la discusión sobre la importancia actual del *podcast* como un producto sólido, con un gran potencial educativo. Sin embargo, las dificultades técnicas, en particular el hecho de que no tenemos un equipo calificado para editar archivos de sonido, hicieron imposible finalizar los programas creados. Esperamos otra oportunidad para continuar este proceso.

La participación pública en el proyecto se concibió, en principio, de dos maneras. En el primero, se logró la colaboración interactiva de personas de la comunidad universitaria. El segundo de ellos, sin embargo, con *Diamantina en cuentos, versos y prosa* no lo alcanzamos, ya que queríamos establecer un mayor contacto con la población de la ciudad a través de entrevistas, recopilación de información y testimonios relacionados con los temas del programa, que por ahora no es posible. Sin embargo, enfatizamos que los episodios transmitidos del *Por ser de lá...* estaban disponibles para la audiencia de la comunidad universitaria, los residentes de Diamantina y sus alrededores cuando

fueron transmitidos por Rádio Universitária 99.7 FM.

Todo el proceso descrito aquí – a través de errores, arreglos, previsibilidad e imprevisibilidad – fundamentó la comprensión del equipo de las dificultades de hacer posible un trabajo verdaderamente interdisciplinario, en el cual el intercambio de conocimiento requiere paciencia, colaboración intensiva, sensibilidad para permitir el conocimiento de otros lugares enunciativos, además de la búsqueda constante de estudios prácticos y teóricos capaces de corroborar el trabajo realizado. Además, el diálogo colaborativo entre docentes de diferentes áreas ha ampliado entre los estudiantes las posibilidades positivas de reconocimiento en su trayectoria de educación académica. El resultado fue bastante positivo cuando pasamos por todo nuestro aprendizaje, cuando nos propusimos escuchar nuevamente los episodios grabados por el grupo, recordando los desafíos, pero también los momentos de intercambio, fraternización y amistad logrados debido al valor innovador del camino.

REFERENCIAS

AZEVEDO, Lia Calabre. No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil, 1923-1960. 2002. 277 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2011.

ADORNO, Theodor, e MAX Horkheimer. Dialética do esclarecimento. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. Tradução de Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: NAU Ed., 2015.

BOA Noite Internet: Como fazer um podcast: o podcast – ao vivo no Youpix Summit. [Locução de:] Cris Dias et al. s. l. Ampere, 16 set. 2019. Podcast. Disponível em: <<https://www.boanoiteinternet.com.br/2019/09/16/como-fazer-um-podcast-o-podcast-ao-vivo-no-youpix-summit/>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

BURTON, R. Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

CALABRE, Lia. O historiador e o rádio: relações em questão. In: V ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. Rio de Janeiro, 5 a 9 de setembro de 2005, UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_OHistoriador_eo_Radio.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2012.

DATHEIN, Ricardo. Inovação e revoluções industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX. Publicações DECON, textos Didáticos. Porto Alegre, v. 2, p. 1-8, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/decon/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história, e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Distinções educativas entre rádio e podcast. Prisma.Com, Revista de Ciências e Tecnologia de Informação e Comunicação. Porto, n. 18, 2012. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/1957>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Aprofundamento de uma estratégia de clas-

sificação para podcasts na educação. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 391-411, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015391>>. Acesso em: 28 mar. 2020

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. Educação em Revista. Marília, v. 18, n. 2, jul-dez 2017, p. 55-70. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

GARDNER, G. Viagens ao interior Brasil principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1840. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942. (Coleção Brasileira, v. 223).

INOVAÇÃO Sebrae. Como fazer um podcast: estratégia, passo a passo e divulgação. Ebook. Disponível em: <<https://inovacaoosebraeminas.com.br/materiais-educativos/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

JÚNIOR, Augusto de Lima. A capitania das Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Arraial do Tijuco, cidade Diamantina. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MAWE, J. Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, Zélio Valverde, 1978.

MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

PASSINI LUCHT, Janine Marques. Os gêneros jornalísticos no rádio. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Curitiba, PR, 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3205-1.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo Distrito dos Diamantes e o litoral do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SANTOS, Joaquim Felício dos. Memórias do Distrito Diamantino. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

QUAIS são e como escolher um agregador de podcast. Inovação Sebrae Minas, 2020. Disponível em: <<https://inovacaosebraeminas.com.br/quais-sao-e-como-escolher-um-agregador-de-podcast/>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 2, 1938.

Fecha de envío: 07/05/2020

Fecha de aprobación: 10/06/2020



Ações de proteção e defesa de mulheres em situação de violência familiar doméstica

Angela Maria Moura Costa Prates

Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
Professora efetiva do Curso de Serviço Social da Unicentro
pratesammc@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência objetiva apresentar o Núcleo Maria da Penha (NUMAPE) como uma ação de proteção, defesa e prevenção da violência familiar doméstica contra mulheres no Município de Guarapuava – PR. Trata-se de um relato da vivência profissional no núcleo que é um projeto de extensão da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Como metodologia, utiliza-se de uma abordagem qualitativa e quantitativa, de pesquisa documental e de observação participante. Durante o relato, discutimos a violência familiar doméstica contra mulheres, o processo de implantação do núcleo, a proposta de intervenção e prevenção e os principais resultados das ações. Conclui-se que o projeto de extensão tem papel fundamental na capacitação dos profissionais e na oferta de serviços à comunidade.

Palavras-chave: ações; proteção; prevenção; violência contra a mulher; NUMAPE.

ABSTRACT

This experience report aims to present the Núcleo Maria da Penha (NUMAPE) as an action of protection, defense and prevention of domestic and family violence against women in the city of Guarapuava - PR. It is a report of the professional experience in the nucleus that is an extension project of the Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). As a methodology, it uses a qualitative and quantitative approach, documentary research and participant observation. During the report, we discussed domestic and family violence against women, the process of implantation of the nucleus, the proposal of intervention and prevention and the main results of the actions. It is concluded that the extension project has a fundamental role in the training of professionals and the provision of services to the community.

Keywords: actions; protection; prevention; violence against women; NUMAPE.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar o Núcleo Maria da Penha (NUMAPE) como uma ação para a proteção, a defesa e a prevenção da violência familiar e doméstica contra mulheres no Município de Guarapuava – PR. O NUMAPE é um projeto de extensão inserido no âmbito do programa de extensão "Universidade Sem Fronteira (USF)", da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) do Governo do Estado do Paraná. O Estado conta com dez núcleos dispostos nas sete universidades. A Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), conta com dois núcleos, um em Guarapuava e outro em Irati. O núcleo de Guarapuava está vinculado à Pro-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Unicentro no campus Santa Cruz e é coordenado pelo Departamento de Serviço Social. Esse projeto de extensão engloba dois eixos de trabalho: a) a intervenção de profissionais especializados (assistente social, advogado e psicólogo) junto às situações de violência familiar e doméstica contra mulheres; e b) a prevenção da violência familiar e doméstica contra mulheres, que tem como público alvo toda a comunidade, tanto do município quanto da região.

Os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento desse relato partiram de uma abordagem qualitativa, que preocupa-se com o sentido que o fenômeno apresenta (MINAYO, 2011). E as técnicas utilizadas foram pesquisa documental, com dados qualitativos e quantitativos, uma vez que ambos complementam-se para a compreensão do fenômeno (MARTINELLI, 1999). E ainda, tivemos também a observação participante durante o processo de implantação, execução e avaliação do primeiro ano de desenvolvimento do projeto que foi 2018. A observação participante trata-se da "[...] participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste" (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 194). Através dessa metodologia problematizamos a violência familiar doméstica contra mulheres como objeto de intervenção e prevenção, mostramos a seguir como se deu o processo de implantação do NUMAPE no referido município, depois caracterizamos a proposta de ação do projeto e por fim, trazemos os primeiros resultados dessas ações desenvolvidas durante um ano de trabalho.

A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA FAMILIAR DOMÉSTICA CONTRA MULHERES

Na história da humanidade nem sempre as mulheres foram submissas aos homens. Houveram períodos históricos em que as mulheres eram consi-

derados seres divinos por terem a capacidade de gerar e vida. Mas, quando os homens descobriram através da ciência que a sua participação para gerar a vida era importante, começaram a construir formas de dominação e subordinação das mulheres, o que acarretou ao longo do tempo na violência contra as mesmas (SAFFIOTI, 1987). Nesse processo de dominação e subordinação das mulheres aos homens, a sociedade machista e sexista foi construindo, ao longo do tempo, a delimitação de papéis sociais para homens e mulheres desde o seu nascimento. Quem ousa contrariar o que prega essa cultura da dominação e da exploração corre o risco de sofrer as consequências, sendo uma delas, a violência de gênero.

As relações de gênero pautam-se em uma herança do sistema patriarcal, baseado em uma cultura machista e sexista que perpassa historicamente a sociedade, afirmando um posicionamento de dominação masculina e submissão feminina. Engels (1984), trabalha o conceito de patriarcado e afirma ser ele uma forma de organização social e econômica associada aos processos de dominação masculina e submissão feminina que são resultantes das transformações econômicas e sociais. Para Cunha (2014, p. 154), "O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação" (CUNHA, 2014, p.154). Saffioti (2015, p. 47) confirma também que o patriarcado "[...] é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens". E quando se trata de mulheres negras que vivem em situação de pobreza, o capitalismo e o racismo juntam-se ao patriarcalismo fortalecendo ainda mais os laços de dominação e exploração. São três sistemas articulados que colocam as mulheres num patamar histórico de subordinação.

Nesse interim, através da cultura, a sociedade vai construindo e determinando os papéis sociais destinados a homens e mulheres de acordo com essa lógica de dominação e subordinação. Essas relações coisificam a mulher, haja vista que estabelecem relações desiguais entre homens e mulheres, fundamentadas nas características biológicas, ou seja, na diferença entre os sexos (SAFFIOTI, 1987). São nessas relações que acontecem a violência familiar doméstica, pois os dominadores tomam posse do corpo e da vontade das dominadas, como se estas tivessem a obrigação de exercer os papéis sociais que lhe foram impostos desde o nascimento, onde não se nasce mulher, mas aos poucos vai se tornando mulher (BEAUVOIR, 2009).

A violência familiar doméstica contra mulheres não é um fenômeno atual, apesar de sua recente visibilidade dada pela mídia em geral. Nunca se falou tanto de violência contra mulheres e nunca se praticou tanta ao mesmo tempo. Apenas em 2018, entre os meses de janeiro e novembro, a imprensa brasileira noticiou 14.796 casos de violência doméstica em todo o Brasil (BRASIL, 2018). A violência familiar doméstica é uma modalidade da violência de gênero, que "[...] consiste em qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado" (MORERA et al, 2014, p. 56). Trata-se de uma forma do homem manifestar o seu poder de dominação e exploração sobre a mulher.

Nesse sentido, a violência de gênero “[...] é uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, em que a subordinação não implica na ausência absoluta de poder” (MORERA et al, 2014, p. 56). É quando o homem exerce o seu poder de domínio na tentativa de submeter a mulher à sua vontade.

A violência familiar doméstica contra mulheres configura “[...] qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial [...]” (BRASIL, 2006, Art. 5º). É considerada doméstica a violência que “[...] ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação” (BRASIL, 2006, Art. 5º). E é considerada familiar a violência que “[...] ocorre dentro da família, ou seja, nas relações entre os membros da comunidade familiar, formada por vínculos de parentesco natural ou civil, por afinidade ou afetividade” (BRASIL, 2006, Art. 5º).

A violência contra mulheres é subdividida em cinco modalidades, como violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A culminação dessas violências é o feminicídio que tem sido um fenômeno de importante repercussão na atualidade. Como forma de punição a esse crime, em 2015 foi sancionada a Lei 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, que trata o fenômeno como crime hediondo (BRASIL, 2015). Para o entendimento da lei é feminicídio “[...] quando a agressão envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino” (WAISELFISZ, 2015, p. 07). Assim, esse crime é a culminação da violência de gênero.

Vivenciadas cotidianamente por muitas mulheres, as violências, em suas variadas faces, passam a ser naturalizadas tanto por elas, quanto por uma parcela significativa da sociedade, reafirmando a cultura da violência (SAFFIOTI, 2015). Para Gavilanes e Aguiar (2012, p. 99), “O tema do poder é um aspecto prioritário para se entender que as relações de gênero podem resultar em um potencial igualitário ou em um poder discriminatório”. E também são essas relações que podem resultar na violência doméstica familiar contra as mulheres. É quando o homem exerce o seu poder sobre a mulher, tornando-a seu objeto de manipulação e dominação.

A realidade da violência familiar doméstica pode ser demonstrada através de dados apresentados no Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil. Nesse documento verifica-se que a taxa de homicídios femininos no Brasil, no ano de 2014, foi de 4,8 para cada 100 mil mulheres, deixando o país na 5ª colocação de homicídios femininos em um grupo de 83 países (WAISELFISZ, 2015).

A realidade brasileira sobre a violência familiar doméstica é apresentada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado (2017), e mostra que entre os anos de 2015 e 2017 houve aumento de 11% no número de mulheres vítimas de alguma forma de violência, passando de 18% para 29% respectivamente (BRASIL, 2017). Entre as formas de violência sofridas, a violência física foi a mais citada (67%), seguida da violência psicológica (47%), da violência moral (36%) e da sexual

(15%), respectivamente. Esse é um resultado que pouco se alterou desde a última edição da pesquisa em 2015.

Segundo Brasil (2017), entre os agentes violadores foram apontados homens, sem laços consanguíneos e escolhida por elas para conviver intimamente: marido, companheiro ou namorado (41%); ex-marido, ex-companheiro ou ex-namorado (33%). Cabe destacar que embora os dados apontem a direção do fenômeno, fato é que a violência doméstica e familiar contra a mulher poucas vezes é denunciada, sejam por motivos emocionais, econômicos, pela preservação da família, entre outros fatores.

A pesquisa do DataSenado apontou que 27% das mulheres não denunciaram a violência sofrida e não pediram ajuda. Os motivos para não realizar a denúncia da violência vivida são: medo do agressor (72%); preocupação com os filhos (33%); dependência financeira (32%); acreditar que não existe punição (30%); vergonha (23%); acreditar que seria a última vez (16%) e não conhecer os direitos (16%) (BRASIL, 2017). Especialmente quando se trata de violência sexual, "[...] os dados e as informações são, muitas vezes, distorcidas ou omitidas em favor do agressor, e, quando se trata de alguma vítima do sexo masculino, a investigação torna-se ainda mais difícil devido ao sigilo gerado pela vergonha duplamente colocada sobre a vítima" (SOUZA, 2017, p. 09). Portanto, isso reflete outro problema relacionado a violência doméstica e familiar contra a mulher, o pacto de silêncio instalado, evidenciando a complexidade do fenômeno e das ações que devem ser desenvolvidas para que ele cesse.

No ano de 2014, o Paraná encontrava-se na 12ª posição do ranking dos Estados. Sua taxa de homicídio feminino era de 5,2 para cada 100 mil mulheres, índice maior do que a média nacional. Segundo Waiselfisz (2015), no ano de 2003 foram registrados 227 feminicídios no Estado do Paraná e esse número subiu para 283 em 2013. No mesmo período, o município de Guarapuava estava na 373ª posição em homicídios femininos no Brasil e sua taxa é de 6,5 para cada 10 mil mulheres (WASELFSZ, 2015).

O município de Guarapuava conta com uma Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, em que um dos eixos de trabalho é o enfrentamento à violência familiar doméstica contra mulheres. No ano de 2016 a secretaria atendeu 329 mulheres em situação de violência. Entre as mulheres atendidas, 34,3% encontrava-se na faixa etária entre 30 a 39 anos, seguida da faixa etária de 19 e 29 anos (26,1% dos casos) e de 40 a 49 anos (24% dos casos). Do total de mulheres atendidas, 300 mulheres sofreram violência no espaço doméstico, como violência física (72,9% dos casos), psicológica (40,4% dos casos), sexual (6,1% dos casos), patrimonial (6,7% dos casos) e moral (4% dos casos). Em se tratando dos autores da violência, 97,3% dos desses eram conhecidos das mulheres. Os maiores percentuais dos agressores são formados por maridos (55%) e ex-maridos (19,8%). Importante ressaltar que "[...] o estupro é, acima de tudo, uma das formas mais difundidas da violência de gênero" (SOUZA, 2017, p. 09), sem desconsiderar a violação de direitos humanos através de todas as dimensões da violência.

Ressalta-se, ainda, que a maioria dessas mulheres estavam desempre-

gadas, que 15,2% delas não possuíam renda e que 55,6% possuíam uma renda inferior a dois salários mínimos. Essas informações podem, mesmo que parcialmente, direcionar a compreensão sobre a existência de recusas de mulheres em realizar o Boletim de Ocorrência, pois do total de mulheres atendidas na secretaria em 2016, 65,3% registraram o Boletim e 34,7% não o fizeram (GUARAPUAVA, 2016). Entre maio de 2018 e maio de 2019 foram registrados 82 feminicídios no Estado, sendo que 02 desses ocorreram em Guarapuava. Diante dessa realidade, e como forma de somar-se as políticas municipais de enfrentamento da violência é que a Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) implantou um projeto de extensão para contribuir com o enfrentamento desse fenômeno.

O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DO NUMAPE

No mês de setembro de 2017 o Departamento de Serviço Social recebeu o edital para a implantação do Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Dadas as condições de prazo já se extinguindo, imediatamente designou uma professora para realizar tal tarefa. De posse da nova incumbência, a professora responsável solicitou uma reunião com a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, pois esta é a referência de política pública no município para a violência contra as mulheres. Nesse encontro, identificaram-se as demandas referentes à questão da violência, tanto de atendimento individual quanto de ações de prevenção. Naquele momento o maior gargalo apresentando pela secretaria foi em relação à prevenção. Não existia nenhum serviço desse tipo. Mediante tal situação, foi elaborada a primeira versão do plano de implantação apenas com a proposta de prevenção, o qual foi aprovado na seleção interna da universidade. Mas, em contato com a SETI, verificou-se que isso não seria possível, pois a característica do núcleo é o atendimento individual de mulheres que estão em situação de violência.

Assim foi articulada nova reunião com a secretaria para reconhecer as demandas para atendimento individual. Foi um processo árduo, pois não se sabia ao certo qual era a identidade do NUMAPE, pois ainda teria que ser construída (como foi nos primeiros meses de 2018). Diante disso, o desafio era inaugurar um serviço sem sobrepor-se aos serviços já existentes. Essa clareza foi tida diante da compreensão da importância da rede de serviços que está organizada no município de Guarapuava e que tem o mesmo objetivo: o enfrentamento da violência familiar doméstica contra as mulheres.

Isso gerou insegurança tanto por parte de quem queria implantar um novo serviço, e principalmente, por parte de quem iria compartilhar o espaço da rede com outro serviço de atendimento as situações de violência. Era nítida a preocupação de ter que dividir as demandas. A preocupação da proponente

era clara: não era possível criar mais um serviço distanciado da rede de políticas públicas para mulheres, que onerasse as mulheres, ou seja, que as fizesse ficar andando de um lado para outro para acessar os serviços. Por conta disso, a solução encontrada junto à secretaria foi a celebração de parceria, onde o núcleo prestaria um serviço que se somaria aos serviços já existentes e a prefeitura cederia o local para funcionamento. Dessa forma, sanou-se o primeiro problema, que era a divisão das demandas do público alvo.

Nesse processo de articulação para a celebração de parceria, foi explicitada pela secretaria que a maior necessidade de profissionais estava na área da psicologia. No entanto, mesmo que o edital prevísse bolsas para três recém-formadas, para orientadoras eram apenas duas bolsas. A coordenação e, portanto, orientação em Serviço Social já estava contemplada e a área do direito era obrigatória. Entretanto, a maior demanda apresentada pela secretaria foi a falta de psicóloga. A proposta da secretaria foi que a psicóloga atendesse a casa abrigo, que é onde ficam as mulheres e seus filhos que estão em situação de risco de morte devido à violência dos seus companheiros. Assim, a única solução encontrada foi convidar uma orientadora de psicologia para atuar voluntariamente. Foram feitas duas tentativas com psicólogas diferentes, sendo que uma delas aceitou atuar voluntariamente porque é militante na defesa de mulheres que estão em situação de violência. Também durante a negociação a secretaria solicitou que a advogada pudesse atender as demandas da delegacia. E assim, foi fixada a parceria.

Importante frisar que durante o processo de negociação a proponente defendeu que a equipe não poderia ser separada, mesmo atendendo em locais diferentes. Assim, ficou acertado que tanto a psicóloga quanto a advogada atenderiam algumas horas do dia na casa abrigo e na delegacia, e as demais estariam junto à sua equipe. De posse dessa negociação, o plano de implantação prevendo tanto atendimento individual quanto ações de prevenção foi elaborado, submetido à SETI e aprovado ao final de 2017. Diante disso, foi feito teste seletivo e selecionadas profissionais recém-formadas na área da psicologia, do direito e do serviço social para formar a equipe do NUMAPE. Assim, a equipe foi composta por uma coordenadora e também orientadora de Serviço Social, uma orientadora de direito e uma advogada, uma orientadora de psicologia (voluntária) e uma psicóloga, uma estagiária de Serviço Social e uma de direito. Portanto, a equipe foi composta por sete pessoas, na ocasião todas mulheres por coincidência na seleção.

Iniciando-se o ano de 2018, logo nos primeiros dias, a coordenadora iniciou sua saga para a estruturação do núcleo. De improviso a equipe foi acolhida dentro da Secretaria da Mulher. Alguns limites estruturais e logísticos identificados de pronto com a abertura do núcleo dificultavam não só a manutenção como a vigência do mesmo, dada ausência tanto dos materiais duráveis quanto os de escritório. Mediante negociação da coordenadora, de improviso a secretaria emprestou alguns móveis e equipamentos, pois a universidade estava fechada e não se podia nem ao menos solicitar qualquer material que fosse. E assim transcorreu o mês de janeiro todo sem conseguir nenhum contato com

a universidade. A coordenadora sentia todo momento as cobranças da parte tanto da secretaria quanto da equipe pela morosidade para aquisição de mobiliário e material permanente. As primeiras negociações com a universidade somente começam a ocorrer depois da primeira semana do mês de fevereiro. A universidade tinha como incumbência a contrapartida para a implantação do núcleo, porém, não é simples comprar móveis, dado o processo licitatório. Assim, a primeira saída foi solicitar móveis que já haviam sido descartados no almoxarifado. Foi com isso que em meados de fevereiro chegaram os primeiros móveis, sendo que alguns praticamente não tinham condições de uso. Foram adaptados e limpados pela própria equipe para poder ter o mínimo de condição de uso.

Quando a equipe estava já adaptada nas salas da secretaria da mulher, a secretária convocou uma reunião com a coordenadora para comunicá-la que o núcleo não poderia mais ficar ali, que teria que mudar-se para a edícula dos fundos. A edícula estava cheia de materiais e equipamentos já sem uso da prefeitura. A equipe atuou com a limpeza do local para adequá-lo ao uso do núcleo, porém, não tinha condições de uso e novamente mediante negociação da coordenadora a secretaria providenciou alguns pequenos ajustes, inclusive com luz, pois não havia no local. Levou um tempo até que a equipe acostumas-se ficar naquele local insalubre, com pouca luz e ventilação. Algumas melhorias foram feitas pela secretaria diante das inúmeras solicitações da coordenadora. Foi um período extremamente difícil, pois tinha que lidar com a pressão que a equipe exercia, e também com a morosidade com que tanto a universidade quanto a prefeitura tratava das demandas.

Como o processo licitatório para a compra de notebooks estava demorando em demasia, a coordenadora pediu reunião com o Reitor da Universidade na qual expôs toda a situação enfrentada para a estruturação do núcleo. Nessa ocasião, solicitou móveis, computadores e pagamento das bolsistas. As bolsistas receberam suas bolsas em meados de abril e os computadores foram entregues quase no final do mês de maio. Portanto, foi somente em junho que a equipe de fato tinha uma estrutura mínima para a atuação, assim como, começou a receber as bolsas regularmente. Diante da morosidade para a aquisição de móveis, equipamentos e materiais de expediente, a coordenadora usou de recursos próprios para subsidiar o trabalho das profissionais no núcleo.

Nesse contexto, a equipe continuou trabalhando. A primeira tarefa da equipe foi a construção da identidade e metodologia de trabalho do núcleo, pois dependia disso para construir a sua identidade, metodologia e especificidade profissional. Depois disso foi a elaboração do Plano de Implantação de sua área. Em seguida, o segundo passo foi a elaboração da metodologia de trabalho de cada área do saber a qual foi sendo construída durante os primeiros meses. Assim, cada profissional passou por um processo de construção de sua finalidade, objetivos e instrumentais de trabalho. E foi assim que o NUMAPE foi implantado.

A CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E PREVENÇÃO DO NUMAPE

O NUMAPE tem por objetivo desenvolver ações que promovam o acolhimento e o atendimento gratuito a mulheres e seus filhos que estejam em situação de violência familiar doméstica. Além disso, promover ações de prevenção por meio de práticas socioeducativas, articulação e mobilização social, visando o combate à violência contra as mulheres, objetivando o efetivo cumprimento da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006). Cada área do saber possui seus objetivos específicos, mas que dialogam entre si, como no quadro a seguir:

ÁREA DO SABER	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
SERVIÇO SOCIAL	<p>Articular-se com a rede de políticas públicas para encaminhamentos das demandas de competência de outras políticas públicas;</p> <p>Acompanhar as mulheres que já foram atendidas pelas Políticas Públicas para fortalecer o empoderamento da mulher no combate à violência;</p> <p>Socializar, por meio de palestras e oficinas, os direitos das mulheres e os conteúdos da Lei Maria da Penha;</p> <p>Proporcionar ações de prevenção à violência doméstica e familiar contra as mulheres e promoção de seus direitos em torno da Lei Maria da Penha;</p> <p>Contribuir com a articulação da rede de atendimento à mulher vítima de violência;</p> <p>Desenvolver pesquisa e estudos sociais a respeito da violência contra a mulher;</p> <p>Supervisionar estágio remunerado e/ou voluntário em Serviço Social.</p>
DIREITO	<p>Garantir atendimento à mulheres em situação de violência doméstica familiar proporcionando ações e efetuando defesas em processos judiciais, envolvendo direitos e interesses do público alvo;</p> <p>Instrumentalizar as mulheres para acessar os direitos jurídicos;</p> <p>Socializar, por meio de palestras e oficinas, os direitos da mulher e os conteúdos da Lei Maria da Penha;</p> <p>Proporcionar ações de prevenção à violência doméstica e familiar contra a mulher e promoção de seus direitos em torno da Lei Maria da Penha;</p> <p>Contribuir com a articulação da rede de atendimento à mulher vítima de violência;</p> <p>Desenvolver pesquisa e estudos jurídicos a respeito da violência contra a mulher;</p> <p>Supervisionar estágio remunerado e/ou voluntário em Direito.</p>
PSICOLOGIA	<p>Garantir atendimento a mulheres em situação de violência doméstica familiar, suas crianças e adolescentes em situação de abrigo;</p> <p>Socializar, por meio de palestras e oficinas, os direitos da mulher e os conteúdos da Lei Maria da Penha;</p> <p>Proporcionar ações de prevenção à violência doméstica e familiar contra a mulher e promoção de seus direitos em torno da Lei Maria da Penha;</p> <p>Contribuir com a articulação da rede de atendimento à mulher vítima de violência;</p> <p>Desenvolver pesquisa e estudos a respeito da violência contra a mulher;</p> <p>Supervisionar estágio voluntário em Psicologia.</p>

Quadro 1 – Objetivos específicos por área do saber
 FONTE: Plano de Ação do NUMAPE (2017).

Os profissionais do núcleo atuam através de dois eixos, sendo a intervenção e a prevenção. A intervenção trata-se do atendimento individualizado de mulheres e seus filhos que estão em situação de violência familiar doméstica. E a prevenção é desenvolvida através de ações socioeducativas visando prevenir a violência familiar doméstica contra as mulheres. O NUMAPE conta com uma equipe de profissionais formada por orientadoras, recém-formadas e estagiárias, nas áreas de Serviço Social, Psicologia e Direito.

O público alvo do eixo de intervenção são mulheres que estão vivenciando situação de violência familiar doméstica, com idade entre 18 e 60 anos e que possuem renda familiar de até três salários mínimos. E indiretamente, os filhos das mulheres que estão em situação de abrigo. Quando é feito o estudo socioeconômico da mulher, tanto a renda do agressor quanto a renda de qualquer membro da família da qual a mulher não usufrua não é considerada. Essa definição de renda foi necessária devido ao fato de que para ter acesso à justiça gratuita é preciso comprovar não ter condições de arcar com os custos do processo. E o público alvo do eixo de prevenção é toda a comunidade. Participam das ações de prevenção pessoas de todas as idades e orientações sexuais, etnias ou classes sociais, independentemente de estar ou não vivenciando situação de violência.

Os serviços prestados pelo Serviço Social são os seguintes: Acolhida; Escuta qualificada; Entrevista; Estudo socioeconômico; Parecer Social; Visita Domiciliar; Encaminhamento da demanda para a psicologia e/ou direito; Mobilização e articulação da rede de políticas públicas para o atendimento das demandas que não são de competência do NUMAPE; Acompanhamento da mulher; e Inserção da mesma e sua família em Grupos de Prevenção. A assistente social também supervisiona estágio não obrigatório e curricular obrigatório. Os serviços prestados pelo Direito são os seguintes: Ajuizar ações criminais cuja iniciativa seja de ação penal privada, ainda, ações de separação de corpos, arrolamento de bens, alimentos provisórios, medidas protetivas de urgência, partilha de bens, divisão de guarda e pensões. A advogada também acompanha as mulheres em audiências e até a delegacia. A advogada também supervisiona estágio não obrigatório. Os serviços prestados pela Psicologia são as seguintes: Estudo e avaliação de casos; Psicoterapia para indivíduos; Grupo terapêutico; Orientação e aconselhamento individual e familiar; Relatório, Laudo, Parecer e Atestado Psicológico.

Cada profissional ao acolher a mulher identifica a especificidade de suas demandas para promover a sua intervenção. E quando descobre demandas que não são de sua área, encaminha para as demais profissionais ou mesmo para a rede de políticas públicas do município. Quando encaminha para a rede faz o monitoramento para acompanhar se o direito almejado foi acessado ou não, sempre no sentido de garantir que a demanda da mulher seja atendida.

E a metodologia do trabalho de prevenção é a seguinte. Logo no início do funcionamento do núcleo a equipe do NUMAPE fez contato com a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres para perceber quais eram as maiores demandas em termos de ações de prevenção. Desse encontro, as profissionais

obtiveram uma série de demandas que se juntaram às demandas que as profissionais já visualizam no município. Dado o montante de demandas, a equipe subdividiu em três frentes de atuação: a) saúde, b) educação e 3) comunidade. Cada uma dessas frentes tem uma profissional como coordenadora, mobilizadora, articuladora e organizadora, sendo: a saúde é de responsabilidade da psicóloga, a educação da advogada e comunidade da assistente social. Entretanto, é importante frisar que somente a coordenação fica a cargo de uma profissional, pois a execução de qualquer ação é feita de forma interdisciplinar. Essa experiência proporciona o "[...] enriquecimento de cada disciplina/profissão/área de saber, pela incorporação de resultados de uma especialidade por outras, partilha de métodos e técnicas; leva também à ampliação da consciência crítica" (MUNHOZ, 2008, p.128).

A articulação das ações de prevenção pode ser feita de duas formas: 1) a coordenadora entrar em contato com instituições e oferecer o serviço, adequando as ações com as necessidades da instituição; 2) receber a demanda das instituições. Em ambos os casos, a coordenadora faz uma visita institucional para conhecer as necessidades da instituição e também decidir coletivamente qual ação é mais adequada ao público alvo e as demandas. Tendo feito isso, passa para a segunda etapa que é a articulação junto à equipe do NUMAPE para planejar a ação de acordo com a agenda de todas as profissionais, uma vez que quando se tratar de trabalho com grupos, as três áreas do saber atuam dando a sua contribuição junto aos participantes. "A interdisciplinaridade se alicerça no entendimento do outro como alguém que comunga ou não da mesma lógica de pensar que a nossa; [...]" (MUNHOZ, 2008, p.128).

Comungando ou não, as três áreas articulam-se porque têm objeto em comum, que é a violência familiar doméstica contra mulheres, e, portanto, objetivo comum, que é a proteção, defesa e prevenção dessa situação. Nesse sentido, a interdisciplinaridade precisa se fazer presente "[...] na definição de objeto, na discussão dos vários conceitos, e nas propostas metodológicas e técnicas. [...] não configura uma teoria ou um método novo: ela é uma estratégia para compreensão, interpretação e explicação de temas complexos" (MINAYO, 2010, p. 436-437). E dessa estratégia o NUMAPE faz questão, pois a violência é um fenômeno complexo que exige o ajuntamento de saberes para o seu enfrentamento.

Como os profissionais que atuam no NUMAPE são recém formados, a formação interdisciplinar é imediatamente acionada pela coordenação e orientadoras, haja vista que nem todas as profissionais possuem em sua formação inicial noções básicas sobre interdisciplinaridade, que se trata de

...] uma relação horizontal entre profissionais de formações diferentes participem conjuntamente de ações de trabalho que possuam objetivos políticos-profissionais convergentes, em que cada um desses sujeitos contribua com seus saberes através das relações democráticas menos rígidas e limitadoras da expressão crítica e criativa entre os profissionais (MOREIRA, 2017, p. 134-135).

E, mais do que proporcionar reflexões sobre o assunto, os profissionais são incentivados e orientados a construir e vivenciar a experiência interdisciplinar dentro do núcleo. Essa vivência tem sido um dos maiores desafios, pois primeiro os profissionais precisam compreender do que se trata, depois precisam construir estratégias para promover a vivência interdisciplinar. Isso não é simples, mas ao mesmo tempo, tem produzido um efeito formativo fundamental para os profissionais que atuam no núcleo.

OS RESULTADOS DAS AÇÕES DO NUMAPE NO ANO DE 2018

O NUMAPE atua com uma equipe composta por três áreas do saber, sendo: Serviço Social, Direito e Psicologia. Cada profissional tem sua metodologia específica de atuação, assim como utiliza-se de instrumentais próprios de sua profissão. Entretanto, existe diálogo constante para articular-se como equipe e atender as mulheres em suas demandas individuais e complexas, pois a “[...] interdisciplinaridade constitui uma articulação de várias disciplinas em que o foco é o objeto, o problema ou o tema complexo, para o qual não basta a resposta de uma área só” (MINAYO, 2010, p. 436).

No quadro abaixo é possível visualizar as principais ações realizadas por cada profissional no ano de 2018.

Nº	EIXO INTERVENÇÃO (atendimentos individuais)	Nº DE PESSOAS ATENDIDAS
AÇÕES	Total de pessoas atendidas pela advogada	171
	- Total de Ações ajuizadas	54
	- Medidas protetivas de urgência	3
	- Medidas cautelares cíveis - separação de corpos	1
	- Medidas cautelares cíveis - alimentos provisórios	11
	- Ações ajuizadas - ação penal privada subsidiária da pública	5
	- Divórcios	7
	- Divisão de guarda	14
	- Partilha de bens	6
	- Dissolução de união estável	4
	- Cumprimento de intimação	3
	- Encaminhamentos	4
	- Orientações em geral	91
	- Audiências	11
- Desistências das ações	11	

Nº	EIXO INTERVENÇÃO (atendimentos individuais)	Nº DE PESSOAS ATENDIDAS
AÇÕES	Total de pessoas atendidas pela psicóloga	273
	- Estudo e avaliação Adulto (acima de 18 anos)	40
	- Estudo e avaliação Adolescentes (entre 12 e 17 anos)	9
	- Estudo e avaliação Crianças (entre 0 e 11 anos)	49
	- Avaliação com a criança para verificar a necessidade do atendimento	10
	- Psicoterapia Adulto (acima de 18 anos)	45
	- Psicoterapia Adolescentes (entre 12 e 17 anos)	27
	- Psicoterapia Crianças (entre 0 e 11 anos)	0
	- Avaliação infantil com a mãe mediante demanda de atendimento	4
	- Entrevista de anamnese com mães	8
	- Atendimento orientação/ aconselhamento domiciliar	3
	- Visita psicossocial	1
	- Grupo terapêutico com mulheres	48
	- Grupo com crianças	2
	- Orientação individual (até 3 encontros)	39
	- Orientação domiciliar	6
- Orientação familiar na instituição	18	
AÇÕES	Total de pessoas atendidas da Assistente Social	164
	- Acolhida	115
	- Escuta qualificada	95
	- Entrevistas	90
	- Encaminhamentos para a rede	49
	- Inserção de pessoas nos grupos socioeducativos	3
	- Visitas domiciliares	5
	- Monitoramento das pessoas encaminhadas para a rede	4
	- Acompanhamento pessoal da mulher para algum atendimento da rede	16
	- Relatórios de atendimento individual	66
	- Parecer social	01
	- Orientação referente Direitos Sociais	45
	- Identificação de Mulheres para o Mercado de Trabalho	33
	- Confecção e impressão de Currículos	5
- Rastreamento de Vagas de Trabalho no Município	9	

Nº	EIXO INTERVENÇÃO (atendimentos individuais)	Nº DE PESSOAS ATENDIDAS
	- Acompanhamento da Mulher para/na Inserção do Trabalho	5
	- Encaminhamento/Aviso da Vaga de Emprego	18
	- Agendamento Documentos Pessoais (RG, CPF, CTPS, Certidão Nasc., Casamento, BPC)	3
	- Pedido de isenção de taxa para concurso	7

Quadro 2 – Ações de intervenção por área do saber
 FONTE: Relatório Anual do NUMAPE (2018).

As ações de prevenção têm por objetivo o enfrentamento da violência familiar doméstica a longo prazo, na perspectiva da construção de uma nova cultura, sem violência de gênero. As ações realizadas até o presente momento foram as seguintes: trabalho com grupos, oficinas, palestras, rodas de conversa, tardes interativas, cinema social, entre outras. Cada uma dessas ações é pensada de acordo com o público alvo e a instituição que solicita o serviço, adequando metodologias próprias para cada público alvo.

A ação mais importante que vem sendo desenvolvida e tem um caráter de maior efetividade na prevenção é o trabalho com grupos que “[...] aparece assim com o intento de deslocar para o âmbito da coletivização questões que são comumente individualizadas” (MOREIRA, 2017, p. 124). Nesse sentido, a violência vivenciada individualmente no silêncio da vida privada de inúmeras mulheres, é colocada à luz da reflexão e da crítica através do e no trabalho com grupos. O objetivo principal é desmistificar o fenômeno que é visualizado no âmbito da normalidade pela grande maioria das participantes. Nos trabalhos com grupos não participam apenas mulheres, mas crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos e homens. Para cada público alvo a equipe prepara uma metodologia adequada para abordar o assunto. Importante dizer também que esse trabalho não é apenas realizado com pessoas da comunidade, mas com profissionais de instituições diversas.

Ele é desenvolvido mediante um ciclo entre três a sete encontros que são realizados com o mesmo grupo de participantes. Nesse sentido, dada a sua característica, o trabalho de prevenção é muito mais profundo porque os participantes desenvolvem um vínculo de confiança maior com as profissionais. Esse trabalho de prevenção é realizado em diversas instituições do município de Guarapuava, começando a expandir-se para outros municípios da região.

No quadro abaixo é possível visualizar em dados as principais ações de prevenção que foram realizadas no ano de 2018.

Nº	EIXO PREVENÇÃO (ações comunitárias)	AÇÃO	Nº PARTICIPANTES
01	Palestras ministradas	17	753
02	Oficinas realizadas	8	147
03	Trabalho com grupos realizados	116	1.785
04	Rodas de conversa	2	16
05	Tardes interativas na comunidade	10	87
06	Cinema social	01	
07	Campanhas educativas	01	
08	Visitas institucionais	2	
09	Reunião realizadas com a instituição	4	14
10	Mapeamento	01	
Total de participantes nas ações de prevenção		162	2.802

Quadro 3 – Ações de prevenção interdisciplinares
 FONTE: Relatório Anual do NUMAPE (2018).

Como enfatizamos acima, o trabalho com grupos é a ação mais importante desenvolvida pelo NUMAPE para a prevenção da violência contra as mulheres. Como essa ação dura mais tempo como o mesmo grupo, a possibilidade de construir novas formas de pensar as relações de gênero são mais precisas. Das 2.802 pessoas que participaram das ações, 1.785 vivenciaram a experiência do grupo, discutindo, discernindo e produzindo reflexões entre 03 até 07 encontros, com temas variados em torno do assunto desigualdade de gênero, papéis sociais e violência familiar doméstica. Foi comum perceber durante essas ações pessoas que não sabiam identificar a violência, e que concebiam como normal a subordinação e submissão feminina aos homens. Aos poucos como uma luz no fim do túnel, foram percebendo que suas vivências em situação de violência não é normal e que uma vida sem violência é direito humano das mulheres. Muitas delas depois da vivência nos grupos procuraram tanto a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, como o NUMAPE para expor sua situação de violência e buscar seus direitos.

Além do trabalho de intervenção e prevenção, o objetivo do NUMAPE enquanto projeto de extensão onde atuam profissionais recém formados, é a formação destes sujeitos. Nesse sentido, a equipe teve oportunidade de participar mensalmente de um grupo de estudos, onde tiveram noções básicas sobre assuntos que estão em torno da violência de gênero, como podemos visualizar na sequência.

Nº	OBRA
01	SAFFIOTI, H. I. B. O poder do macho . São Paulo: Moderna, 1987;
02	SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência . 2ª Ed - São Paulo: Expressão Popular, 2015;
03	SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres . Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, 25(1): 9-29, janeiro-abril/2017
04	SOIHET, Raquel. Violência simbólica saberes masculinos e representações femininas . Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, v.5, n.01. 1996.
05	MONTENEGRO, Marília. Lei Maria da Penha: uma análise criminológico-crítica . Rio de Janeiro: Revan, 2015
06	FLUZINA, Ana Luiza Pinheiro. O feminicídio e os embates das trincheiras feministas . Discursos Sediosos (v.23/24. p. 95-106). Rio de Janeiro, 2016.

Quadro 4 – Obras estudadas no grupo de estudos mensal
 FONTE: Relatório Anual do NUMAPE (2018).

Como a equipe vivenciou a experiência interdisciplinar, todas os textos foram definidos pela equipe, que procurou estudar e debater os textos sugeridos tanto pelo Serviço Social, quanto pelo Direito e Psicologia. Foi uma experiência rica uma vez que cada profissional estava acostumado a ler apenas textos próprios da área, e no grupo, tiveram que se adaptar a leitura e interpretação de textos de outras áreas. O debate em torno do texto sempre foi direcionado para o exercício profissional dentro do NUMAPE no enfrentamento da violência contra as mulheres. O grupo de estudos contribuiu significativamente para a formação dos profissionais recém formados.

E também o núcleo tem como objetivo produzir e disseminar conhecimentos a respeito do objeto de intervenção. Assim, a equipe de profissionais produziu conhecimentos diversos, como podemos observar a seguir.

ÁREAS	TEMAS	MODALIDADES
SERVIÇO SOCIAL	A Metodologia de Trabalho do Serviço Social no Núcleo Maria da Penha (NUMAPE) da Unicentro/ Guarapuava/PR	Resumo
	O processo de Implementação do Núcleo Maria da Penha (NUMAPE) da Unicentro/Guarapuava/PR	Resumo
	Uma reflexão sobre as relações de gênero: causas e consequências	Resumo expandido
	A inserção da mulher no mercado de trabalho e os desafios presentes para a consolidação de sua autonomia	Resumo expandido

ÁREAS	TEMAS	MODALIDADES
SERVIÇO SOCIAL	A Dimensão Político Pedagógica do Exercício Profissional do Assistente Social: Uma abordagem a partir do Núcleo Maria da Penha (NUMAPE)	Artigo
	A construção e a legitimação dos papéis sociais de gênero na sociedade contemporânea.	Artigo
DIREITO	Feminicídio e o enfrentamento à violência de gênero: tutela penal (in)suficiente.	Artigo
	Descriminalização do aborto a partir de uma perspectiva feminista.	Artigo
	Feminicídio e o enfrentamento à violência de gênero.	Artigo
	Sexopolítica: a biopolítica na constituição dos corpos abjetos.	Artigo
PSICOLOGIA	Relato de experiência de um grupo terapêutico em serviço interdisciplinar de atendimento à mulher em situação de violência doméstica.	Resumo
	O homem e sua afirmação através da virilidade.	Resumo expandido
	A posição designada ao Outro do sujeito psíquico na transferência analítica.	Artigo
	Violência doméstica contra as mulheres: uma análise a partir do conceito de masoquismo feminino e sua associação com a repetição	Artigo

Quadro 5 – Produção científica da equipe do NUMAPE
 FONTE: Relatório Anual do NUMAPE (2018).

Assim, a universidade vai cumprindo o seu papel, o de fomentar a produção científica ao mesmo tempo em que vai capacitando os recém formados para o mercado de trabalho. Os recém formados podem atuar no NUMAPE até três anos de formação, depois eles são desligados e nova seleção é promovida para acolher novos recém formados para prepara-los para a atuação profissional. A experiência desse ano de trabalho deu conta de dizer que cada profissional que passou pelo núcleo saiu com um adendo em sua formação: a compreensão das relações de gênero, as desigualdades e a violência. Essa experiência poderá fazer com que esses profissionais, onde quer que vão atuar, terão um diferencial no atendimento as mulheres e suas demandas, especialmente, se for violência familiar doméstica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O NUMAPE é um projeto de extensão que foi implantado no município para contribuir com a rede de proteção e defesa das mulheres, para o enfrentamento e a prevenção da violência familiar doméstica. Ele não é uma política pública, portanto, não tem o papel de assumir todas as demandas. Porém, os dados acima revelaram o quanto o projeto contribuiu com a rede nesse enfrentamento.

No processo de implantação do núcleo percebe-se que o maior desafio foi lidar com a morosidade com que tanto a SETI e a universidade quanto a prefeitura trataram as demandas do NUMAPE. Inúmeras eram as reuniões, os contatos por e-mail e telefone, as cobranças, entre outras. Depois disso, o segundo desafio, problema que gerou imenso desgaste na equipe foi a falta de pagamento das bolsistas, que ocorreu apenas em meados de abril. Nesse período, ficou evidente que parte da equipe passava por necessidade humanas básicas, pois não tinha outra renda para a sobrevivência. Dos inúmeros contatos, mobilizações e articulação que a coordenação fazia, o retorno para a equipe com uma negativa era compreendida por ambas como um descaso e como uma violação de direitos humanos.

O terceiro desafio foi animar a equipe continuar construindo a sua identidade profissional e do NUMAPE em meio a um contexto nem um pouco favorável. O quarto desafio foi construir a identidade e metodologia de trabalho para inserir na rede de políticas públicas. Para compor a rede de políticas públicas era preciso em primeiro lugar construir a própria identidade, processo esse que ocorreu nos primeiros dois meses de atuação. E também construir a metodologia de trabalho do núcleo foi um processo moroso e desafiador, pois era preciso inserir-se na rede de políticas públicas sem sobrepor-se a nenhum serviço prestado, ao mesmo tempo em que era preciso ofertar um serviço claro e objetivo que de fato despertasse o interesse da população.

E diante desse contexto todo, a correlação de forças (FALEIROS, 2010) foi a marca que embalou todo o processo de estruturação do NUMAPE. A equipe tentava inserir-se na rede e a mesma agia de formas diferentes, ora acolhendo, ora rejeitando, pois tinha o núcleo como um projeto provisório que não atenderia o que se almejava e/ou em alguns situações, que o núcleo pudesse ser um concorrente das políticas públicas. E, de fato, diante da infraestrutura que tinha e da falta de pagamento das bolsistas, parecia que o núcleo não duraria o mês seguinte. Foi preciso desmistificar a ideia de provisoriedade para que a rede pudesse abrir as portas e compartilhar as demandas. E foi preciso mostrar muito trabalho e seriedade para inserir politicamente o núcleo na rede de políticas públicas.

Com essa experiência de extensão, a universidade vai cumprindo o seu papel de, além de proporcionar o ensino em seus espaços internos, oferecer aos profissionais recém formados a sua primeira experiência de trabalho. Esses profissionais são acompanhados por seus orientadores durante toda a expe-

riência. E além de exercer a profissão, têm a oportunidade de estudar e produzir conhecimentos. Assim, podemos afirmar que trata-se de uma formação muito mais completa do que apenas os anos de sua graduação.

Projetos como esse são de fundamental importância para somar-se às políticas públicas, pois apesar de tantos anos na história das lutas feministas, a sociedade ainda convive com a desigualdade de gênero que garante a dominação e a exploração das mulheres pelos homens. São anos de luta, mas ainda há tanta luta para empreender para construir uma nova cultura, onde as mulheres sejam vistas como equidade diante dos homens. Equidade salarial, acesso ao conhecimento, divisão das tarefas domésticas, entre tantos outros. Os homens ainda precisam aprender que as mulheres não são seres que lhe devem submissão e obediência, mas que caminham lado a lado na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Percebe-se quão distante ainda estamos do ideal quando observa-se as cifras da violência que vai se disseminando ano a ano em todo o país. Apesar dos diversos mecanismos de proteção das mulheres e enfrentamento das violências, os dados revelam que a sociedade machista e sexista ainda tem muito o que aprender e mudar. É preciso que a igualdade entre os gêneros seja uma construção desde o nascimento do sujeito, onde este aprenda que homens e mulheres possuem suas especificidades, porém, são iguais em direitos humanos. Mulheres e homens podem construir um mundo melhor quando caminharem lado a lado.

Data de submissão: 10/09/2019

Data de aceite: 20/11/2019

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. 2ª Ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Lei nº 11.340 de 7 de agosto – Lei Maria da Penha. Brasília: DF, 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em: 30 jul.2019.

_____. Lei 13.104 – Lei do Feminicídio. Brasília, DF, 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm Acesso em: 30 jul.2019.

_____. Violência doméstica e familiar contra a mulher (Pesquisa DataSenado). Brasília, DF, 2017. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia> Acesso em: 14 de set. 2017.

_____. Mapa da violência contra a mulher 2018. Comissão de defesa dos direitos da mulher. Câmara dos deputados. Brasília, DF, 2018; Disponível em https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf Acesso em: 18 jul. 2018.

CUNHA, B. M. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. Artigo Classificado em 7º lugar na XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf> . Acesso em: 20 set. 2017.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradutor: Leandro Konder. 3ª Ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FALEIROS, V. P. Estratégias em Serviço Social. 9ª Ed – São Paulo: Cortez, 2010.

GAVILANES, H. A.; AGUIAR, N. Patriarcado e gênero na análise sociológica do fenômeno da violência conjugal/gênero. In: SOUZA, Mário Ferreira de (Org.). Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas. (1ª reimpressão). Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

GUARAPUAVA, Município de. Perfil das mulheres em situação de violência atendidas pela Secretaria de Políticas Públicas para mulheres. Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres. Guarapuava, 2016.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científico. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARTINELLI, M. L. (org.) Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Editora Veras, 1999.

MINAYO, M. C. S. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. In: Revista Emancipação (v.10 n° 02, p. 435-442). Ponta Grossa, UEPG, 2010. Disponível em <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1937-6362-2-PB.pdf> Acesso dia 19 de março de 2015.

----- O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 30ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MOREIRA, C. F. N. O trabalho com grupos em Serviço Social: a dinâmica de grupo como estratégia para reflexão crítica. 4ª Ed – São Paulo: Cortez, 2017.

MORERA, J. A. C. et al. Violência de gênero: um olhar histórico. HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 jan/jul; 5(1):54-66. Disponível em <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num1artigo5.pdf> Acesso em: 30 jul.2019.

MUNHOZ, D. E. N. Da multi à interdisciplinaridade: A sabedoria no percurso da construção do conhecimento. In: Revista do Centro de Educação e Letras (Ideação) (v. 10, n° 01 – p. 123-133). Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2008. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4148> . Acesso em: 19 mar. 2015.

NUMAPE, Núcleo Maria da Penha. Plano de Ação do Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Unicentro, Guarapuava, 2017

----- Relatório Anual do Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Unicentro, Guarapuava, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

----- Gênero, patriarcado, violência. 2ª Ed – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SOUZA, R. F. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. In: Revista Estudos Feministas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2017.

WASELFISSZ, J. J. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. 1. Ed. Brasília (DF): ONU Mulheres; OPAS/OMS; Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos; Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Flacso, 2015.



Acciones de protección y defensa para mujeres en la situación de la violencia familiar doméstica

Angela Maria Moura Costa Prates

Doctorado en Trabajo Social por la Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profesora efectiva del Curso de Servicio Social en Unicentro

pratesammc@gmail.com

RESUMEN

Este informe de experiencia tiene como objetivo presentar el Núcleo de Maria da Penha (NUMAPE) como una acción de protección, defensa y prevención de la violencia doméstica familiar contra las mujeres en la ciudad de Guarapuava - PR. Es un informe de la experiencia profesional en el núcleo que es un proyecto de extensión de la Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Como metodología, utiliza un enfoque cualitativo y cuantitativo, investigación documental y observación participante. Durante el informe, discutimos la violencia familiar doméstica contra las mujeres, el proceso de implantación del núcleo, la propuesta de intervención y prevención y los principales resultados de las acciones. Se concluye que el proyecto de extensión tiene un papel fundamental en la capacitación de profesionales y la prestación de servicios a la comunidad.

Palabras-clave: acciones; protección; prevención; violencia contra la mujer; NUMAPE.

ABSTRACT

This experience report aims to present the Núcleo Maria da Penha (NUMAPE) as an action of protection, defense and prevention of domestic family violence against women in the city of Guarapuava - PR. It is a report of the professional experience in the nucleus that is an extension project of the Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). As a methodology, it uses a qualitative and quantitative approach, documentary research and participant observation. During the report, we discussed domestic family violence against women, the process of implantation of the nucleus, the proposal of intervention, prevention and the main results of the actions. We concluded that the extension project has a fundamental role in the training of professionals and the provision of services to the community.

Keywords: actions; protection; prevention; violence against women; NUMAPE.

INTRODUCCIÓN

El presente informe de experiencia tiene como objetivo presentar el núcleo de Maria da Penha (NUMAPE) como una acción para la protección, defensa y prevención de la violencia familiar y doméstica contra las mujeres en el municipio de Guarapuava – PR. NUMAPE es un proyecto de extensión dentro del alcance del programa de extensión "Universidade Sem Fronteira (USF)", de la Secretaría de Estado de Ciencia, Tecnología y Educación Superior (SETI) del Gobierno del Estado de Paraná. El Estado tiene diez centros ubicados en las siete universidades. La Universidad Estatal del Centro-Oeste (UNICENTRO) tiene dos centros, uno en Guarapuava y el otro en Irati. El núcleo de Guarapuava está vinculado al Pro-Rectorio de Extensión y Cultura (PROEC) de Unicentro en el campus de Santa Cruz y está coordinado por el Departamento de Servicio Social. Este proyecto de extensión abarca dos ejes de trabajo: a) la intervención de profesionales especializados (trabajadores sociales, abogados y psicólogos) en situaciones de violencia familiar y doméstica contra las mujeres; y b) la prevención de la violencia familiar y doméstica contra las mujeres, que se dirige a toda la comunidad, tanto en el municipio como en la región.

Los procedimientos metodológicos para el desarrollo de este informe partieron de un enfoque cualitativo, que tiene que ver con el significado que presenta el fenómeno (MINAYO, 2011). Y las técnicas utilizadas fueron la investigación documental, con datos cualitativos y cuantitativos, ya que ambos se complementan para comprender el fenómeno (MARTINELLI, 1999). También tuvimos observación participante durante el proceso de implantación, ejecución y evaluación del primer año de desarrollo del proyecto, que fue 2018. La observación participante es la "[...] participación real del investigador con la comunidad o el grupo. Se une al grupo, se fusiona con él. Mantense tan cerca como un miembro del grupo que está estudiando y participa en las actividades normales de este" (MARCONI y LAKATOS, 2003, p. 194). A través de esta metodología, problematizamos la violencia familiar doméstica contra las mujeres como objeto de intervención y prevención, mostramos a continuación cómo se llevó a cabo el proceso de implementación de NUMAPE en ese municipio, luego caracterizamos la propuesta de acción del proyecto y finalmente, traemos los primeros resultados de estas acciones desarrolladas durante un año de trabajo.

EL PROBLEMA DE LA VIOLENCIA DOMÉSTICA FAMILIAR CONTRA LAS MUJERES

En la historia humana, las mujeres no siempre han sido sumisas a los hom-

bres. Hubo períodos históricos en los que las mujeres eran consideradas seres divinos porque tenían la capacidad de generar vida. Pero cuando los hombres descubrieron, a través de la ciencia, que su participación en la generación de vida era importante, comenzaron a construir formas de dominación y subordinación de las mujeres, lo que llevó, con el tiempo, a la violencia contra las mujeres (SAFFIOTI, 1987). En este proceso de dominación y subordinación de las mujeres a los hombres, la sociedad sexista y machista ha ido construyendo, con el tiempo, la delimitación de los roles sociales, en los que los hombres y las mujeres han definido las atribuciones desde su nacimiento. Cualquiera que se atreva a contradecir lo que esta cultura de dominación y explotación predica, corre el riesgo de sufrir las consecuencias, una de las cuales es la violencia de género.

Las relaciones de género se basan en un legado del sistema patriarcal, basado en una cultura machista y sexista que históricamente impregna a la sociedad, afirmando una posición de dominación masculina y sumisión femenina. Engels (1984), trabaja en el concepto de patriarcado y afirma que es una forma de organización social y económica asociada con los procesos de dominación masculina y sumisión femenina que resultan de las transformaciones económicas y sociales. Para Cunha (2014, p. 154), "El patriarcado es, por lo tanto, una especificidad de las relaciones de género, estableciendo, a partir de ellas, un proceso de dominación-subordinación" (CUNHA, 2014, p.154). Saffioti (2015, p. 47) también confirma que el patriarcado "[...] es el régimen de dominación-explotación de mujeres por hombres". Y cuando se trata de mujeres negras que viven en la pobreza, el capitalismo y el racismo se unen al patriarcado, fortaleciendo aún más los lazos de dominación y explotación. Hay tres sistemas articulados que colocan a las mujeres en un nivel histórico de subordinación.

Mientras tanto, a través de la cultura, la sociedad construye y determina roles sociales para hombres y mujeres, de acuerdo con esta lógica de dominación y subordinación. Estas relaciones hacen que a las mujeres sean tratadas como objetos, ya que establecen relaciones desiguales entre hombres y mujeres, basadas en características biológicas, es decir, la diferencia entre los sexos (SAFFIOTI, 1987). Es en estas relaciones donde tiene lugar la violencia familiar doméstica, ya que los dominadores toman posesión del cuerpo y la voluntad de las dominadas, como si tuvieran la obligación de ejercer los roles sociales que se les impusieron desde el nacimiento, donde no se nace mujer, pero poco a poco se convierte en mujer (BEAUVOIR, 2009).

La violencia doméstica familiar contra las mujeres no es un fenómeno actual, a pesar de su reciente visibilidad dada por los medios en general. Nunca se ha hablado tanto sobre la violencia contra las mujeres y nunca se ha hecho tanto al mismo tiempo. Solo en 2018, entre enero y noviembre, la prensa brasileña reportó 14. 796 casos de violencia doméstica en todo Brasil (BRASIL, 2018). La violencia familiar doméstica es un tipo de violencia de género, que "[...] consiste en cualquier acción o conducta, basada en el género, que causa la muerte, el daño o el sufrimiento físico, sexual o psicológico a las mujeres, tanto en público como en lo privado" (MORERA et al, 2014, p. 56). Es una forma para que los

hombres manifiesten su poder de dominación y explotación sobre las mujeres. En este sentido, la violencia de género "[...] es una manifestación de relaciones de poder históricamente desiguales entre hombres y mujeres, en las cuales la subordinación no implica una ausencia absoluta de poder" (MORERA et al, 2014, p. 56). Es cuando el hombre ejerce su poder de dominación en un intento de someter a la mujer a su voluntad.

La violencia familiar doméstica contra la mujer constituye "[...] cualquier acción u omisión basada en el género que causa muerte, lesiones, sufrimiento físico, sexual o psicológico y daño moral o patrimonial [...]" (BRASIL, 2006, Art. 5º). Se considera doméstica la violencia que "[...] se produce en el hogar, en el entorno doméstico o en una relación de familiaridad, afectividad o convivencia" (BRASIL, 2006, Art. 5). Y es considerada como familiar la violencia que "[...] ocurre dentro de la familia, es decir, en las relaciones entre los miembros de la comunidad familiar, formada por parentesco natural o civil, afinidad o afecto" (BRASIL, 2006, Art. 5º).

La violencia contra la mujer se subdivide en cinco modalidades, como la violencia física, psicológica, sexual, patrimonial y moral. La culminación de esta violencia es el feminicidio, que ha sido un fenómeno de gran repercusión en la actualidad. Como forma de castigo por este delito, fue sancionada en 2015 la Ley 13.104/2015, la Ley de Feminicidios, que trata el fenómeno como un crimen atroz (BRASIL, 2015). Para la comprensión de la ley, es feminicidio "[...] cuando la agresión involucra violencia doméstica y familiar, o cuando muestra desprecio o discriminación a la condición de la mujer, caracterizando el crimen por razones de la condición femenina" (WASELFI SZ, 2015, p. 07) Por lo tanto, este crimen es la culminación de la violencia de género.

Experimentada diariamente por muchas mujeres, la violencia, en sus variados contextos, se naturaliza tanto por ellas como por una porción significativa de la sociedad, reafirmando la cultura de la violencia (SAFFIOTI, 2015). Para Gavilanes y Aguiar (2012, p. 99), "La cuestión del poder es un aspecto prioritario para comprender que las relaciones de género pueden dar como resultado un potencial igualitario o un poder discriminatorio". Y también son estas relaciones las que pueden resultar en violencia doméstica familiar contra las mujeres. Es cuando el hombre ejerce su poder sobre la mujer, convirtiéndola en objeto de manipulación y dominación.

La realidad de la violencia doméstica familiar se puede demostrar a través de los datos presentados en el Mapa de violencia de 2015: homicidio de mujeres en Brasil. En este documento, parece que el índice de homicidios femeninos en Brasil, en 2014, fue de 4, 8 por cada 100 mil mujeres, dejando al país en la quinta posición de homicidios femeninos en un grupo de 83 países (WASELFI SZ, 2015).

La realidad brasileña sobre la violencia doméstica familiar es presentada por el Instituto de Investigación DataSenado (2017), y muestra que entre los años 2015 y 2017 hubo un aumento del 11% en el número de mujeres víctimas de alguna forma de violencia, del 18% a 29% respectivamente (BRASIL, 2017). Entre las formas de violencia sufridas, la violencia física fue la más citada (67%),

seguida de la violencia psicológica (47%), la violencia moral (36%) y la violencia sexual (15%), respectivamente. Este es un resultado que apenas ha cambiado desde la última encuesta en 2015.

Según Brasil (2017), entre los agentes infractores se encontraban hombres sin lazos de sangre y elegidos por ellas para vivir íntimamente: esposo, pareja o novio (41%); ex esposo, ex pareja o ex novio (33%). Cabe señalar que aunque los datos apuntan a la dirección del fenómeno, el hecho es que la violencia doméstica y familiar contra las mujeres rara vez se informa, ya sea por razones emocionales, económicas, para la preservación de la familia, entre otros factores.

La encuesta de DataSenado encontró que el 27% de las mujeres no denunciaron la violencia que sufrieron y no pidieron ayuda. Las razones para no denunciar la violencia experimentada son: miedo al agresor (72%); preocupación por los niños (33%); dependencia financiera (32%); creer que no hay castigo (30%); vergüenza (23%); creer que sería la última vez (16%) y no conocer los derechos (16%) (BRASIL, 2017). Especialmente cuando se trata de violencia sexual, "[...] los datos y la información a menudo se distorsionan u omiten a favor del agresor y, cuando se trata de una víctima masculina, la investigación se vuelve aún más difícil debido al secreto generado por la vergüenza doblemente puesta en la víctima" (SOUZA, 2017, p. 09). Por lo tanto, esto refleja otro problema relacionado con la violencia doméstica y familiar contra las mujeres, el pacto de silencio instalado, que muestra la complejidad del fenómeno y las acciones que deben tomarse para detenerlo.

En 2014, Paraná ocupó el 12° puesto en el ranking de Estados. Su índice de homicidios femeninos fue de 5,2 por 100.000 mujeres, más alta que el promedio nacional. Según Waiselfisz (2015), en 2003 hubo 227 feminicidios en el Estado de Paraná y este número aumentó a 283 en 2013. En el mismo periodo, el municipio de Guarapuava estaba en la posición 373 en homicidios de mujeres en Brasil y su índice es de 6,5 por cada 10 mil mujeres (WAISELFISZ, 2015).

El municipio de Guarapuava tiene una Secretaría de Políticas Públicas para la Mujer, que tiene como uno de sus ejes de trabajo, la confrontación de la violencia doméstica familiar contra la mujer. En 2016, la secretaria ayudó a 329 mujeres en situaciones de violencia. Entre las mujeres atendidas, el 34,3% pertenecía al grupo de edad entre 30 y 39 años, seguido del grupo de edad de 19 a 29 años (26,1% de los casos) y de 40 a 49 años (24% de los casos). Del número total de mujeres atendidas, 300 mujeres sufrieron violencia en el espacio doméstico, como violencia física (72,9% de los casos), violencia psicológica (40,4% de los casos), violencia sexual (6,1% de los casos), violencia de propiedad (6,7% de los casos) y violencia moral (4% de los casos). En el caso de los perpetradores de violencia, el 97,3% de ellos eran conocidos por las mujeres. Los porcentajes más altos de agresores están compuestos por maridos (55%) y ex maridos (19,8%). Es importante enfatizar que "[...] la violación es, sobre todo, una de las formas más extendidas de violencia de género" (SOUZA, 2017, p. 09), sin ignorar la violación de los derechos humanos en todas las dimensiones de violencia.

Cabe señalar también que la mayoría de estas mujeres estaban desem-

pleadas, que el 15,2% de ellas no tenían ingresos y que el 55,6% tenían ingresos inferiores a dos salarios mínimos. Esta información puede, incluso parcialmente, dirigir la comprensión de la existencia de las negativas de las mujeres para llevar a cabo el Informe de la Policía, ya que del número total de mujeres atendidas en la secretaría en 2016, el 65,3% registró el informe y el 34,7% no lo hizo (GUARAPUAVA, 2016). Entre mayo de 2018 y mayo de 2019, se registraron 82 feminicidios en el Estado, de los cuales 02 ocurrieron en Guarapuava. En vista de esta realidad, y como una forma de agregar a las políticas municipales para enfrentar la violencia, la Universidad Estatal del Centro Oeste (UNICENTRO) implementó un proyecto de extensión para contribuir a abordar este fenómeno.

EL PROCESO DE IMPLEMENTACIÓN DE NUMAPE

En septiembre de 2017, el Departamento de Servicio Social recibió el aviso público para la implementación del Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Dado el hecho de que los plazos ya se estaban agotando, se nombró inmediatamente a un maestro para llevar a cabo esta tarea. En posesión de la nueva asignación, el maestro responsable solicitó una reunión con la Secretaría de Políticas Públicas para la Mujer, ya que esta es la referencia de la política pública en el municipio para la violencia contra la mujer. En esta reunión, se identificaron las demandas relacionadas con el tema de la violencia, tanto para la atención individual como para las acciones de prevención. En ese momento, el mayor problema presentado por la secretaría estaba relacionado con la prevención. No había tal servicio. Como resultado, la primera versión del plan de implementación se preparó solo con la propuesta de prevención, que fue aprobada por la selección interna de la universidad. Sin embargo, en contacto con SETI, se descubrió que esto no sería posible, ya que la característica principal de su atendimento es la atención individual de las mujeres que se encuentran en una situación de violencia.

Por lo tanto, se organizó una nueva reunión con la secretaría para reconocer las demandas de asistencia individual. Fue un proceso arduo, ya que no se sabía con certeza cuál era la identidad de NUMAPE, ya que aún tenía que construirse (como lo fue en los primeros meses de 2018). Así, el desafío era inaugurar un servicio sin superponer los servicios existentes. Esta claridad se vio en vista de la comprensión de la importancia de la red de servicios que se organiza en el municipio de Guarapuava y que tiene el mismo objetivo: enfrentar la violencia doméstica contra las mujeres.

Esto generó inseguridad tanto por parte de quienes querían implementar un nuevo servicio, como principalmente por parte de quienes compartirían el espacio de la red con otro servicio para enfrentar situaciones de violencia. Había una clara preocupación por tener que compartir las demandas. La preocupa-

ción de la proponente era clara: no era posible crear otro servicio que estuviera alejado de la red de políticas públicas para las mujeres, que sería una carga para las mujeres, es decir, que las haría caminar para acceder a los servicios. Debido a esto, la solución encontrada con la secretaría fue la celebración de una asociación, donde el núcleo proporcionaría un servicio que se sumaría a los servicios existentes y el ayuntamiento daría el lugar para la operación. De esta manera, se resolvió el primer problema, que era la división de las demandas del público objetivo.

En este proceso de articulación para la celebración de la asociación, la secretaría explicó que la mayor necesidad de profesionales estaba en el área de la psicología. Sin embargo, incluso si el anuncio preveía becas para tres graduados recientes, para los mentores solo había dos becas. La coordinación y, por lo tanto, la orientación en Trabajo Social ya estaban contempladas y el área de derecho era obligatoria. Con todo, la mayor demanda presentada por la secretaría fue la falta de una psicóloga. La propuesta de la secretaría era que la psicóloga asistiera al refugio, que es donde están las mujeres y sus hijos que corren el riesgo de morir debido a la violencia de sus parejas. Por lo tanto, la única solución encontrada fue invitar a un mentor de psicología a actuar voluntariamente. Se hicieron dos intentos con diferentes psicólogas, una de las cuales aceptó actuar voluntariamente porque es un militante en la defensa de las mujeres que se encuentran en una situación de violencia. También, durante la negociación, la secretaría solicitó que la abogada pudiera satisfacer las demandas de la estación de policía. Y así, la asociación fue arreglada.

Es importante tener en cuenta que durante el proceso de negociación, el proponente argumentó que el equipo no podía separarse, incluso cuando prestaba servicios en diferentes ubicaciones. Por lo tanto, se acordó que tanto la psicóloga como la abogada asistirían algunas horas del día en el refugio y en la estación de policía, y los demás estarían con su equipo. Con esta negociación en mano, se preparó el plan de implementación para las acciones de prevención y atención individual, se presentó a SETI y se aprobó a fines de 2017. Delante de estas condiciones, se llevó a cabo una prueba selectiva y se seleccionaron profesionales recién graduados en el área de psicología, derecho y servicio social para formar el equipo de NUMAPE. Así, el equipo estaba compuesto por una coordinadora y también una mentora del Servicio Social, una mentora jurídica y una abogada, una mentora psicológica (voluntaria) y una psicóloga, una pasante del Servicio Social y una del interno. Por lo tanto, el equipo estaba compuesto por siete personas, todas mujeres en la ocasión, por coincidencia en la selección.

A partir del año 2018, en los primeros días, la coordinadora comenzó su saga para estructurar el núcleo. El equipo fue llevado de manera improvisada a la Secretaría de la Mujer. Algunos límites estructurales y logísticos identificados inmediatamente con la apertura del núcleo obstaculizaron no solo su mantenimiento sino también su duración, dada la ausencia de materiales duraderos. Tras la negociación por parte de la coordinadora, el secretario de repente prestó algunos muebles y equipos, ya que la universidad estaba cerrada y ni

siquiera era posible solicitar ningún tipo de material. Y así continuó todo el mes de enero, sin ningún contacto con la universidad. La coordinadora sintió las demandas en todo momento, tanto por parte de la secretaria como del equipo, por la demora en la compra de muebles y material permanente. Las primeras negociaciones con la universidad solo comienzan después de la primera semana de febrero. Por otro lado, la universidad tenía la tarea de implementar el núcleo, sin embargo, no es simple comprar muebles, dado el proceso de licitación. Por consiguiente, la primera opción era solicitar muebles que ya habían sido descartados en el almacén. Fue con esto que, a mediados de febrero, los primeros muebles llegaron, algunos de los cuales prácticamente no se podían usar. Han sido adaptados y limpiados por el propio equipo para tener un mínimo de condiciones de uso.

Cuando el equipo ya estaba adaptado en las habitaciones de la secretaria de la mujer, la secretaria convocó una reunión con la coordinadora para informarle que el núcleo ya no podía quedarse allí, que tendría que mudarse al patio trasero. El edificio estaba lleno de materiales y equipos del ayuntamiento que ya no se usaban. El equipo trabajó con la limpieza del lugar para adaptarlo al uso del núcleo, sin embargo, no pudo usarlo y nuevamente, tras la negociación de la coordinadora, la secretaria proporcionó algunos pequeños ajustes, incluida la luz, ya que no había ninguna en el lugar. El equipo tardó un tiempo en acostumbrarse a permanecer en ese lugar poco saludable, con poca luz y ventilación. La secretaria hizo algunas mejoras ante numerosas solicitudes de la coordinadora. Fue un período extremadamente difícil, ya que era necesario lidiar con la presión que ejercía el equipo y, también, con la lentitud con la que tanto la universidad como el ayuntamiento resolvieron nuestras demandas.

Como el proceso de licitación para la compra de notebooks se estaba demorando demasiado, la coordinadora solicitó una reunión con el Rector de la Universidad en la que expuso toda la situación que enfrentaba la estructuración del núcleo. En esa ocasión, solicitó muebles, computadoras y pagos a los becarios. Los beneficiarios de las becas recibieron sus becas a mediados de abril y las computadoras se entregaron a fines de mayo. Por lo tanto, fue solo en junio que el equipo comenzó a tener una estructura mínima para el rendimiento, así como a recibir becas regularmente. Diante da morosidade para a aquisição de móveis, equipamentos e materiais de expediente, a coordenadora usou de recursos próprios para subsidiar o trabalho das profissionais no núcleo.

En este contexto, el equipo continuó trabajando. La primera tarea fue construir la identidad del núcleo y la metodología de trabajo, ya que dependía de ella para construir su identidad, metodología y especificidad profesional. Después de eso, fue la elaboración del Plan de Implementación para su área. Luego, el segundo paso fue la elaboración de la metodología de trabajo de cada área de conocimiento, que se estaba construyendo durante los primeros meses. Por lo tanto, cada profesional pasó por un proceso de construcción de su propósito, objetivos y herramientas de trabajo. Y así fue como se implementó NUMAPE.

LA CARACTERIZACIÓN DE LA PROPUESTA DE INTERVENCIÓN Y PREVENCIÓN NUMAPE

El objetivo de NUMAPE es desarrollar acciones que promuevan la recepción y el cuidado gratuitos para las mujeres y sus hijos que se encuentran en una situación de violencia familiar doméstica. Además, promover acciones preventivas a través de prácticas socioeducativas, articulación y movilización social, con el objetivo de combatir la violencia contra las mujeres, con el objetivo de cumplir efectivamente con la Ley Maria da Penha (BRASIL, 2006). Cada área de conocimiento tiene sus objetivos específicos, pero que dialogan entre sí, como se muestra en la tabla a continuación:

ÁREA DE CONOCIMIENTO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
SERVICIO SOCIAL	<p>Articular con la red de políticas públicas para abordar las demandas de competencia de otras políticas públicas;</p> <p>Monitorear a las mujeres que ya han sido atendidas por Políticas Públicas para fortalecer el empoderamiento de las mujeres en la lucha contra la violencia;</p> <p>Socializar, a través de conferencias y talleres, los derechos de las mujeres y los contenidos de la Ley Maria da Penha;</p> <p>Proporcionar acciones para prevenir la violencia doméstica y familiar contra las mujeres y promover sus derechos bajo la Ley Maria da Penha;</p> <p>Contribuir a la articulación de la red de servicios para mujeres víctimas de violencia;</p> <p>Desarrollar investigaciones y estudios sociales sobre la violencia contra la mujer;</p> <p>Supervisar prácticas remuneradas y/o voluntarias en Trabajo Social.</p>
DERECHO	<p>Asegurar la atención a las mujeres en situaciones de violencia doméstica familiar mediante acciones y defensa en demandas, que involucran los derechos e intereses del público objetivo;</p> <p>Proporcionar a las mujeres herramientas para acceder a los derechos legales;</p> <p>Socializar, a través de conferencias y talleres, los derechos de las mujeres y los contenidos de la Ley Maria da Penha;</p> <p>Proporcionar acciones para prevenir la violencia doméstica y familiar contra las mujeres y promover sus derechos bajo la Ley Maria da Penha;</p> <p>Contribuir a la articulación de la red de servicios para mujeres víctimas de violencia;</p> <p>Desarrollar investigaciones y estudios jurídicos sobre la violencia contra la mujer;</p> <p>Supervisar prácticas remuneradas y/o voluntarias en derecho.</p>
PSICOLOGIA	<p>Asegurar el cuidado de las mujeres en situaciones de violencia doméstica familiar, sus niños y adolescentes en refugio;</p> <p>Socializar, a través de conferencias y talleres, los derechos de las mujeres y los contenidos de la Ley Maria da Penha;</p> <p>Proporcionar acciones para prevenir la violencia doméstica y familiar contra las mujeres y promover sus derechos bajo la Ley Maria da Penha;</p> <p>Contribuir a la articulación de la red de servicios para mujeres víctimas de violencia;</p> <p>Desarrollar investigaciones y estudios sobre la violencia contra la mujer;</p> <p>Supervisar las prácticas voluntarias en psicología.</p>

Tabla 1 - Objetivos específicos por área de conocimiento

Los profesionales principales trabajan a través de dos ejes, a saber, intervención y prevención. La intervención se ocupa de la atención individualizada de las mujeres y sus hijos que se encuentran en una situación de violencia familiar doméstica. Y la prevención se desarrolla a través de acciones socioeducativas destinadas a prevenir la violencia doméstica familiar contra las mujeres. NUMAPE cuenta con un equipo de profesionales formado por supervisores, recién graduados y pasantes, en las áreas de Trabajo Social, Psicología y Derecho.

El público objetivo del eje de intervención son las mujeres que experimentan situaciones de violencia doméstica familiar, con edades comprendidas entre 18 y 60 años y que tienen un ingreso familiar de hasta tres salarios mínimos e, indirectamente, los hijos de mujeres que se encuentran en una situación de refugio. Cuando se realiza el estudio socioeconómico de una mujer, no se consideran tanto los ingresos del agresor como los ingresos de cualquier miembro de la familia que la mujer no disfruta. Esta definición de ingresos fue necesaria debido al hecho de que para tener acceso a la justicia gratuita, es necesario demostrar que no puede pagar los costos del proceso. Y el público objetivo para el eje de prevención es toda la comunidad. Personas de todas las edades y cualquier orientación sexual, etnia o clase social participan en acciones de prevención, independientemente de si están o no experimentando una situación de violencia.

Los servicios prestados por el Servicio Social son los siguientes: Recepción; Escucha calificada; Entrevista; Estudio socioeconómico; Opinión social; Visita al hogar; Reenviar la demanda a psicología y/o derecho; Movilización y articulación de la red de políticas públicas para satisfacer demandas que no son responsabilidad de NUMAPE; Monitoreo de mujeres; e Inserción de la misma y su familia en Grupos de Prevención. El trabajador social supervisa las prácticas no obligatorias y el plan de estudios obligatorio. Los servicios provistos por la ley son los siguientes: Presentación de acciones penales cuya iniciativa es una acción penal privada; Acciones de separación del cuerpo; Lista de productos; Alimentos provisionales; Medidas de protección de emergencia; Reparto de bienes; División de custodia y pensiones. La abogada también acompaña a las mujeres en las audiencias e incluso a la estación de policía, además de supervisar las prácticas no obligatorias. Los servicios provistos por Psicología son los siguientes: Estudio de caso y evaluación; Psicoterapia para individuos; Grupo terapéutico; Orientación y asesoramiento individual y familiar; Informe; Reporte; Opinión psicológica y certificado.

Cada profesional, al dar la bienvenida a la mujer, identifica la especificidad de sus demandas para promover su intervención y, cuando descubre demandas que no están en su área, las envía a los otros profesionales o incluso a la red de políticas públicas del municipio. Cuando se reenvía a la red, se supervisa para controlar si se accedió al derecho deseado o no, siempre para garantizar que se cumpla la demanda de la mujer.

La metodología del trabajo de prevención es la siguiente. Justo al comienzo de la operación del núcleo, el equipo de NUMAPE contactó a la Secretaría de Políticas Públicas para la Mujer para comprender cuáles eran las

mayores demandas en términos de acciones preventivas. A partir de esta reunión, los profesionales identificaron una serie de demandas que se unieron a las demandas ya vistas en el municipio. Dada la cantidad de demandas, el equipo se subdividió en tres frentes: a) salud, b) educación y c) comunidad. Cada una de estas subdivisiones tienen una profesional como coordinadora, movilizadora, articuladora y organizadora, que es: la salud es responsabilidad de la psicólogo, la educación de la abogada y la comunidad de trabajadores sociales. Sin embargo, es importante enfatizar que solo la coordinación está a cargo de un profesional, ya que la ejecución de cualquier acción se realiza de manera interdisciplinaria. Esta experiencia proporciona el "[...]enriquecimiento de cada disciplina/ profesión/ área de conocimiento, al incorporar resultados de una especialidad por otros, compartiendo métodos y técnicas; conduce también a la expansión de la conciencia crítica" (MUNHOZ, 2008, p.128).

La articulación de las acciones de prevención se puede realizar de dos maneras: 1) la coordinadora contacta a las instituciones y ofrece el servicio de acuerdo con las necesidades de la institución; o 2) recibir demanda de las instituciones. En ambos casos, la coordinadora realiza una visita institucional para satisfacer las necesidades de la institución y también decide colectivamente qué acción es la más adecuada para el público objetivo y las demandas. Una vez hecho esto, se pasa a la segunda etapa, que es la articulación con el equipo de NUMAPE para planificar la acción de acuerdo con la agenda de todos los profesionales, ya que cuando se trata de trabajar con grupos, las tres áreas de conocimiento trabajan dando su contribución a los participantes. "La interdisciplinariedad se basa en la comprensión del otro como alguien que comparte o no comparte la misma lógica de pensamiento que la nuestra; [...]" (MUNHOZ, 2008, p.128).

Comunión o no, las tres áreas se articulan porque tienen un objeto común, que es la violencia doméstica familiar contra la mujer y, por lo tanto, un objetivo común, que es la protección, defensa y prevención de esta situación. En este sentido, la interdisciplinariedad debe estar presente "[...] en la definición del objeto, en la discusión de los diversos los conceptos y las propuestas metodológicas y técnicas [...] no constituyen una teoría o método nuevo: es una estrategia para entender, interpretar y explicar temas complejos" (MINAYO, 2010, p. 436-437). Y NUMAPE insiste en esta estrategia, ya que la violencia es un fenómeno complejo que requiere la recolección de conocimiento para enfrentarlo.

Como los profesionales que trabajan en NUMAPE son recién graduados, la coordinación interdisciplinaria se activa de inmediato por la coordinación y los mentores, dado que no todos los profesionales tienen conocimientos básicos sobre la interdisciplinariedad en su capacitación inicial, que es

[...] Una relación horizontal entre profesionales de diferentes orígenes que participen conjuntamente en acciones laborales que tienen objetivos político-profesionales convergentes, en los que cada uno de estos sujetos contribuye con su conocimiento a través de las relaciones democráticas menos rígidas que limitan

Y, más que proporcionar reflexiones acerca del tema, los profesionales son alentados y orientados a construir y vivenciar la experiencia interdisciplinaria dentro del núcleo. Esta experiencia ha sido uno de los mayores desafíos, ya que los profesionales primero deben comprender de qué se trata, luego deben desarrollar estrategias para promover la experiencia interdisciplinaria. Esto no es simple, pero al mismo tiempo, ha producido un efecto de formación fundamental para los profesionales que trabajan en el núcleo.

LOS RESULTADOS DE LAS ACCIONES DE NUMAPE EN 2018

NUMAPE trabaja con un equipo compuesto por tres áreas de conocimiento, a saber: Trabajo Social, Derecho y Psicología. Cada profesional tiene su metodología específica de acción, así como el uso de instrumentos específicos para su profesión. Sin embargo, existe un diálogo constante para articularse como un equipo y satisfacer a las mujeres en sus demandas individuales y complejas, pues la "[...] interdisciplinariedad constituye una articulación de varias disciplinas en las cuales el foco es el objeto, el problema o el tema complejo, para el cual la respuesta de un área única no es suficiente" (MINAYO, 2010, p. 436).

La siguiente tabla muestra las principales acciones tomadas por cada profesional en 2018.

Nº	EJE DE INTERVENCIÓN (asistencia individual)	Nº DE PERSONAS ATENDIDAS
ACCIONES	- Número total de personas atendidas por la abogada.	171
	- Total de acciones presentadas	54
	- Medidas de protección de emergencia	3
	- Medidas cautelares civiles - separación de cuerpos	1
	- Medidas cautelares civiles - mantenimiento provisional	11
	- Acciones presentadas - acción penal privada filial del público	5
	- Divorcios	7
	- División de la guardia	14
	- Reparto de bienes	6
	- Disolución de unión estable	4
	- Cumplimiento de citación	3
	- Encaminamientos	4
	- Pautas generales	91

Nº	EJE DE INTERVENCIÓN (asistencia individual)	Nº DE PERSONAS ATENDIDAS
	- Audiencias	11
	- Retiros de acciones	11
ACCIO- NES	Total de personas asistidas por la psicóloga.	273
	- Estudio y evaluación de adultos (mayores de 18 años)	40
	- Estudio y evaluación Adolescentes (entre 12 y 17 años)	9
	- Estudio y evaluación Niños (entre 0 y 11 años)	49
	- Evaluación con el niño para verificar la necesidad de cuidado	10
	- Psicoterapia para adultos (mayores de 18 años)	45
	- Psicoterapia para Adolescentes (entre 12 y 17 años)	27
	- Psicoterapia para Niños (entre 0 y 11 años)	0
	- Evaluación del niño con la madre bajo demanda de cuidado	4
	- Entrevista de anamnesis con madres	8
	- Atención orientación/ asesoramiento domiciliaria	3
	- Visita psicosocial	1
	- Grupo terapéutico con mujeres	48
	- Grupo con niños	2
	- Orientación individual (hasta 3 encuentros)	39
	- Orientación domiciliaria	6
	- Orientación familiar en la institución	18
ACCIO- NES	Total de personas asistidas por el trabajador social	164
	- Acogida	115
	- Escucha calificada	95
	- Entrevistas	90
	- Encaminamientos para la red	49
	- Inserción de personas en grupos socioeducativos	3
	- Visitas domiciliarias	5
	- Monitoreo de personas encaminadas a la red	4
	- Acompañamiento personal de la mujer para algún servicio de red	16
	- Reportes de servicio individual	66
	- Opinión social	01
	- Orientación sobre derechos sociales	45
	- Identificación de la mujer para el Mercado Laboral	33
	- Elaboración e impresión de curriculums	5
	- Rastreo de ofertas de trabajo en el municipio	9

Nº	EJE DE INTERVENCIÓN (asistencia individual)	Nº DE PERSONAS ATENDIDAS
ACCIONES	- Monitoreo de mujeres para /en la inserción laboral	5
	- Encaminamiento/Aviso de Oferta de trabajo	18
	- Planificación de documentos personales	3
	- Solicitud de exención de tasa para licitación	7

Tabla 2 - Acciones de intervención por área de conocimiento
FUENTE: Informe Anual de NUMAPE (2018).

Las acciones de prevención tienen como objetivo abordar la violencia doméstica a largo plazo, desde la perspectiva de construir una nueva cultura, sin violencia de género. Las acciones realizadas hasta la fecha son las siguientes: trabajo con grupos, talleres, conferencias, rondas de conversación, tardes interactivas, cine social, entre otros. Cada una de estas acciones está diseñada de acuerdo con el público objetivo y la institución que solicita el servicio, adaptando metodologías específicas para cada público objetivo.

La acción más importante que se ha desarrollado y tiene un carácter de mayor efectividad en la prevención es trabajar con grupos que "[...] aparecen con la intención de cambiar al alcance de la colectivización los temas que comúnmente se individualizan" (MOREIRA, 2017, p. 124). En este sentido, la violencia experimentada individualmente en el silencio de la vida privada de innumerables mujeres, se coloca a la luz de la reflexión y la crítica a través del trabajo en grupo. El objetivo principal es desmitificar el fenómeno que se ve en el ámbito de la normalidad por la gran mayoría de los participantes. El trabajo grupal no involucra solo a mujeres, sino a niños, adolescentes, jóvenes, adultos y ancianos, hombres y mujeres. Para cada público objetivo, el equipo prepara una metodología adecuada para abordar el problema. Es importante decir también que este trabajo no solo se lleva a cabo con personas de la comunidad, sino también con profesionales de variadas instituciones.

Se desarrolla a través de un ciclo entre tres y siete reuniones que son realizadas con el mismo grupo de participantes. En este sentido, dada su característica, el trabajo preventivo es mucho más profundo porque los participantes desarrollan un mayor vínculo de confianza con los profesionales. Este trabajo de prevención se lleva a cabo en varias instituciones del municipio de Guarapuava, comenzando a expandirse a otros municipios de la región.

En la tabla a continuación es posible ver en los datos las principales acciones preventivas que se llevaron a cabo en 2018.

Nº	EJE DE PREVENCIÓN (acciones comunitarias)	ACCION	Nº PARTICIPANTES
01	Conferencias dadas	17	753
02	Talleres realizados	8	147
03	Trabajos con grupos realizados	116	1.785
04	Ruedas de conversación	2	16
05	Tardes interactivas en la comunidad	10	87
06	Cine social	01	
07	Campañas educativas	01	
08	Visitas institucionales	2	
09	Reunión celebrada con la institución	4	14
10	Mapeo	01	
Total de participantes en acciones de prevención		162	2.802

Tabla 3 - Acciones de prevención interdisciplinarias
FUENTE: Informe Anual de NUMAPE (2018).

Como enfatizamos anteriormente, trabajar con grupos es la acción más importante desarrollada por NUMAPE para prevenir la violencia contra las mujeres. Como esta acción dura más tiempo con el mismo grupo, la posibilidad de construir nuevas formas de pensar sobre las relaciones de género es más precisa. De las 2.802 personas que participaron en las acciones, 1.785 experimentaron la experiencia del grupo, discutiendo, discerniendo y produciendo reflexiones entre las 03 y 07 reuniones, con temas variados como la desigualdad de género, los roles sociales y la violencia doméstica familiar. Fue común durante estas acciones percibir a las personas que no sabían cómo identificar la violencia y que concebían la subordinación femenina y la sumisión a los hombres como algo normal. Poco a poco, como una luz al final del túnel, se dieron cuenta de que sus experiencias en situaciones de violencia no son normales y que una vida sin violencia es un derecho humano de las mujeres. Muchas de ellas, después de haber convivido en los grupos, buscaron tanto la Secretaría de Políticas Públicas para la Mujer como NUMAPE para exponer su situación de violencia y buscar sus derechos.

Además del trabajo de intervención y prevención, el objetivo de NUMAPE como proyecto de extensión, donde trabajan profesionales recién graduados, es la capacitación de estas personas. En este sentido, el equipo tuvo la oportunidad de participar mensualmente en un grupo de estudio, donde tenían nociones básicas sobre temas relacionados con la violencia de género, como podemos ver a continuación.

Nº	OBRA
01	SAFFIOTI, H. I. B. O poder do macho . São Paulo: Moderna, 1987;
02	SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência . 2ª Ed - São Paulo: Expressão Popular, 2015;
03	SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres . Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, 25(1): 9-29, janeiro-abril/2017
04	SOIHET, Raquel. Violência simbólica saberes masculinos e representações femininas . Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, v.5, n.01. 1996.
05	MONTENEGRO, Marília. Lei Maria da Penha: uma análise criminológico-crítica . Rio de Janeiro: Revan, 2015
06	FLUZINA, Ana Luiza Pinheiro. O feminicídio e os embates das trincheiras feministas . Discursos Sediosos (v.23/24. p. 95-106). Rio de Janeiro, 2016.

Tabla 4 - Trabajos estudiados en el grupo de estudio mensual
FUENTE: Informe Anual de NUMAPE (2018).

A medida que el equipo experimentó la experiencia interdisciplinaria, todos los textos fueron definidos por el equipo, que buscó estudiar y debatir los textos sugeridos por el Servicio Social y el Derecho y la Psicología. Fue una experiencia rica, ya que cada profesional estaba acostumbrado a leer solo textos específicos del área y, en el grupo, tenían que adaptarse a la lectura e interpretación de textos de otras áreas. El debate sobre el texto siempre se ha dirigido hacia la práctica profesional dentro de NUMAPE para enfrentar la violencia contra las mujeres. El grupo de estudio contribuyó significativamente a la formación de profesionales recién graduados.

El núcleo también tiene como objetivo producir y difundir conocimiento sobre el objeto de intervención, por lo tanto, el equipo de profesionales produjo diversos conocimientos, como podemos ver a continuación.

ÁREAS	TEMAS	MODALIDADES
SERVIÇO SOCIAL	La Metodología de Trabajo del Servicio Social en el Centro Maria da Penha (NUMAPE) de Unicentro/ Guarapuava/ PR	Resumen
	El proceso de implementación del núcleo Maria da Penha (NUMAPE) de Unicentro / Guarapuava / PR	Resumen
	Una reflexión sobre las relaciones de género: causas y consecuencias	Resumen expandido
	La inserción de la mujer en el mercado laboral y los desafíos actuales para la consolidación de su autonomía	Resumen expandido

ÁREAS	TEMAS	MODALIDADES
SERVIÇO SOCIAL	La dimensión política y pedagógica del ejercicio profesional del trabajador social: un enfoque del Centro Maria da Penha (NUMAPE).	Artículo
	La construcción y legitimación de los roles sociales de género en la sociedad contemporánea.	Artículo
DIREITO	Femicidio y lucha contra la violencia de género: protección penal (in)suficiente.	Artículo
	Despenalización del aborto desde una perspectiva feminista.	Artículo
	Feminicidio y lucha contra la violencia de género.	Artículo
	Sexpolítica: biopolítica en la constitución de cuerpos objeto.	Artículo
PSICOLOGIA	Informe de la experiencia de un grupo terapéutico en un servicio interdisciplinarios de atención para mujeres en situaciones de violencia doméstica.	Resumen
	El hombre y su afirmación a través de la virilidad.	Resumen expandido
	La posición asignada al Otro del sujeto psicótico en la transferencia analítica.	Artículo
	Violencia doméstica contra las mujeres: un análisis desde el concepto de masoquismo femenino y su asociación con la repetición.	Artículo

Tabla 5 - Producción científica del equipo NUMAPE.
FUENTE: Informe Anual de NUMAPE (2018).

Por lo tanto, la universidad está cumpliendo su función, la de fomentar la producción científica al mismo tiempo que está capacitando a nuevos graduados para el mercado laboral. Los nuevos graduados pueden trabajar en NUMAPE hasta tres años después de la capacitación, luego se desconectan y se promueve una nueva selección para dar la bienvenida a los nuevos graduados para prepararlos para el desempeño profesional. La experiencia de ese año de trabajo ha demostrado que cada profesional que pasó por el núcleo salió con un aprendizaje más en su capacitación: la comprensión de las relaciones de género, las desigualdades y la violencia. Esta experiencia puede hacer que estos profesionales, donde sea que trabajen, tengan una diferencia en la asistencia a las mujeres y sus demandas, especialmente si se trata de violencia familiar doméstica.

CONSIDERACIONES FINALES

NUMAPE es un proyecto de extensión que se implementó en el municipio para contribuir a la red de protección y defensa de las mujeres, para enfrentar y prevenir la violencia familiar doméstica. No es una política pública, por lo que no tiene el papel de asumir todas las demandas. Sin embargo, los datos anteriores revelaron cuánto contribuyó el proyecto a la red en esta confrontación.

En el proceso de implementación del núcleo, está claro que el mayor desafío fue lidiar con la lentitud que tanto SETI como la universidad y el ayuntamiento abordaron las demandas de NUMAPE. Innumerables eran las reuniones, los contactos por correo electrónico y teléfono, cobros, entre otros. Después de eso, el segundo desafío o problema que generó mucho desgaste en el equipo fue la falta de pago por parte de los compañeros, que ocurrió solo a mediados de abril. Durante este período, era evidente que parte del equipo estaba experimentando necesidades humanas básicas, ya que no tenían otros ingresos para sobrevivir. A partir de los innumerables contactos, movilizaciones y articulaciones que realizó la coordinación, el regreso al equipo con una negativa fue entendido por ambas como un descuido y una violación de los derechos humanos.

El tercer desafío era animar al equipo y continuar construyendo su identidad profesional y la de NUMAPE en medio de este contexto nada favorable. El cuarto desafío fue construir la identidad y la metodología de trabajo para insertar en la red de políticas públicas. Para componer la red de políticas públicas, primero era necesario construir la propia identidad, un proceso que ocurrió en los primeros dos meses de operación. La construcción de la metodología de trabajo central también fue un proceso lento y desafiante, ya que era necesario formar parte de la red de políticas públicas sin superponerse con ningún servicio proporcionado, al mismo tiempo que era necesario ofrecer un servicio claro y objetivo que de hecho despertaría el interés de la población.

Y en vista de este contexto, la correlación de fuerzas (FALEIROS, 2010) fue la marca que colmó todo el proceso de estructuración de NUMAPE. El equipo trató de insertarse en la red y actuó de diferentes maneras, a veces dando la bienvenida, a veces rechazando, porque tenía el núcleo como un proyecto provisional que no satisfaría lo deseado y/o en algunas situaciones, que el núcleo podría ser un competidor de políticas públicas. E, de fato, diante da infraestrutura que tinha e da falta de pagamento das bolsistas, parecia que o núcleo não duraria o mês seguinte. Foi preciso desmistificar a ideia de provisoriidade para que a rede pudesse abrir as portas e compartilhar as demandas. Foi preciso mostrar muito trabalho e seriedade para inserir politicamente o núcleo na rede de políticas públicas.

Con esta experiencia de extensión, la universidad está cumpliendo su función de, además de proporcionar enseñanza en sus espacios internos, ofrece a los profesionales recién graduados su primera experiencia laboral. Estos profesionales están acompañados por sus asesores a lo largo de la experiencia.

Además de ejercer su profesión, tiene la oportunidad de estudiar y producir conocimiento. Así, podemos decir que es un entrenamiento mucho más completo que solo los años de su graduación.

Proyectos como este son de importancia fundamental además de las políticas públicas, porque a pesar de tantos años en la historia de las luchas feministas, la sociedad aún vive con una desigualdad de género que garantiza la dominación y explotación de las mujeres por parte de los hombres. Hay años de lucha, pero todavía hay mucha lucha por emprender para construir una nueva cultura, donde las mujeres sean vistas como equidad delante de los hombres. Igualdad salarial, acceso al conocimiento, división de tareas domésticas, entre muchos otros. Los hombres aún necesitan aprender que las mujeres no son seres que les deben sumisión y obediencia, sino que van de la mano para construir una sociedad más justa e igualitaria.

Está claro cuán lejos estamos del ideal cuando miramos las cifras de violencia que se están extendiendo año tras año en todo el país. A pesar de los diversos mecanismos para proteger a las mujeres y abordar la violencia, los datos revelan que la sociedad machista y sexista todavía tiene mucho que aprender y cambiar. Es necesario que la igualdad entre géneros sea una construcción desde el nacimiento del sujeto, donde se entera de que los hombres y las mujeres tienen sus especificidades, sin embargo, son iguales en derechos humanos. Las mujeres y los hombres pueden construir un mundo mejor cuando caminan lado a lado.

Fecha de envío: 10/09/2019

Fecha de aprobación: 20/11/2019

REFERENCIAS

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. 2ª Ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Lei nº 11.340 de 7 de agosto – Lei Maria da Penha. Brasília: DF, 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em: 30 jul.2019.

_____. Lei 13.104 – Lei do Feminicídio. Brasília, DF, 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm Acesso em: 30 jul.2019.

_____. Violência doméstica e familiar contra a mulher (Pesquisa DataSenado). Brasília, DF, 2017. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia> Acesso em: 14 de set. 2017.

_____. Mapa da violência contra a mulher 2018. Comissão de defesa dos direitos da mulher. Câmara dos deputados. Brasília, DF, 2018; Disponível em https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf Acesso em: 18 jul. 2018.

CUNHA, B. M. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. Artigo Classificado em 7º lugar na XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf> . Acesso em: 20 set. 2017.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradutor: Leandro Konder. 3ª Ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FALEIROS, V. P. Estratégias em Serviço Social. 9ª Ed – São Paulo: Cortez, 2010.

GAVILANES, H. A.; AGUIAR, N. Patriarcado e gênero na análise sociológica do fenômeno da violência conjugal/gênero. In: SOUZA, Mário Ferreira de (Org.). Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas. (1ª reimpressão). Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

GUARAPUAVA, Município de. Perfil das mulheres em situação de violência atendidas pela Secretaria de Políticas Públicas para mulheres. Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres. Guarapuava, 2016.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científico. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARTINELLI, M. L. (org.) Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Editora Veras, 1999.

MINAYO, M. C. S. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. In: Revista Emancipação (v.10 n° 02, p. 435-442). Ponta Grossa, UEPG, 2010. Disponível em file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1937-6362-2-PB.pdf Acesso dia 19 de março de 2015.

----- O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 30ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MOREIRA, C. F. N. O trabalho com grupos em Serviço Social: a dinâmica de grupo como estratégia para reflexão crítica. 4ª Ed – São Paulo: Cortez, 2017.

MORERA, J. A. C. et all. Violência de gênero: um olhar histórico. HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 jan/jul; 5(1):54-66. Disponível em <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num1artigo5.pdf> Acesso em: 30 jul.2019.

MUNHOZ, D. E. N. Da multi à interdisciplinaridade: A sabedoria no percurso da construção do conhecimento. In: Revista do Centro de Educação e Letras (Ideação) (v. 10, n° 01 – p. 123-133). Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2008. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4148> . Acesso em: 19 mar. 2015.

NUMAPE, Núcleo Maria da Penha. Plano de Ação do Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Unicentro, Guarapuava, 2017

----- Relatório Anual do Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Unicentro, Guarapuava, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

----- Gênero, patriarcado, violência. 2ª Ed – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SOUZA, R. F. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. In: Revista Estudos Feministas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2017.

WASELFISS, J. J. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. 1. Ed. Brasília (DF): ONU Mulheres; OPAS/OMS; Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos; Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Flacso, 2015.

A Interfaces - Revista de Extensão da UFMG convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web, **www.ufmg.br/revistainterfaces**. Nesse site, que contém a versão on-line da revista, estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br